UM ROMANCE DO AUTOR BESTSELLER

SIMON SCARROW





NAPOLEÃO BONAPARTE
[LE PETIT CAPORAL]

VS.

SIR ARTHUR WELLESLEY
[DUQUE DE WELLINGTON]

NÃO PERCA O COMBATE ENTRE OS DOIS GIGANTES DA EUROPA

CAMPOS DA MORTE

"UM DOS GRANDES DUELOS DA HISTÓRIA, ENTRE DOIS DOS SEUS PERSONAGENS MAIS FASCINANTES."
PAUL STRATHERN

"BEM ESCRITO E IMPECAVELMENTE PESQUISADO. É UM PRAZER DE LER. RECOMENDO SEM RESERVAS."
HISTORICAL NOVELS REVIEW

Ficha Técnica



Título: *Campos da Morte*
Autoria: *Simon Scarrow*
Editor: *Luís Corte Real*
Esta edição © 2014 Edições Saída de Emergência
Título original The Fields of Death © *2010 Simon Scarrow.*
Publicado originalmente em Inglaterra
por Headline Publishing Group, 2010
Tradução: *Luís Santos*
Revisão: *Idalina Morgado*
Design da capa: *Saída de Emergência*
Ilustração da capa: *Saída de Emergência*
Data de edição E-book: *Novembro, 2014*
ISBN: *978-989-637-728-1*
Edições Saída de Emergência
R. Adelino Mendes n.º 152, Quinta do Choupal, 2765-082
S. Pedro do Estoril, Portugal
Tel e Fax: *214 583 770*
WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM

Para James e Bob, pela sua dedicação sem limites à equipa.

CAPÍTULO 1

Napoleão

Danúbio, abril de 1809

As defesas da vila boémia de Ratisbon pareciam deveras formidáveis, concedeu Napoleão de si para si, enquanto percorria as muralhas envelhecidas e as valas com que se deparava. O exército austríaco em fuga tinha erguido apressadamente mais fortificações para reforçar as defesas já existentes, sendo possível avistar bocas de canhão nas canhoneiras de cada baluarte e ainda mais peças no cimo das torres atarracadas da vetusta povoação. A espaços, o inimigo de farda branca observava as tropas francesas que se aproximavam da localidade. Além das muralhas, os telhados inclinados e os pináculos das igrejas eram formas indistintas nos últimos vestígios da neblina da madrugada que se erguera do Danúbio. Na outra margem do rio, Napoleão distinguiu as ténues volutas de fumo que subiam do acampamento austríaco.

Baixou o telescópio e fechou-o, com uma expressão carregada. O arquiduque Carlos e os seus homens tinham escapado à armadilha que Napoleão lhes preparara. Até há poucos dias, Ratisbon estivera em mãos francesas e o inimigo fora apanhado de costas para o rio. Todavia, o comandante da guarnição capitulara na sequência de uma breve resistência, deixando intacta a ponte sobre o Danúbio. Os austríacos tinham assim podido atravessar para a margem norte, deixando na sua esteira uma força que desafiasse os perseguidores. O arquiduque Carlos surpreendera-o, refletiu Napoleão. Esperara que os austríacos recuassem em direção a Viena, para proteger as linhas de suprimentos e defender a capital. Em vez disso, o general inimigo cruzara o rio até à Boémia, deixando a estrada para Viena desimpedida. Claro que Napoleão tinha perfeita noção de que as coisas não eram assim tão lineares. Se ordenasse que o exército se encaminhasse para Viena, estaria a oferecer as suas próprias linhas de suprimentos aos austríacos. Talvez fosse um risco inevitável.

Napoleão deu meia-volta para encarar os oficiais.

— Cavalheiros, se pretendemos atravessar o Danúbio e obrigar o inimigo a enfrentar-nos no campo de batalha, somos obrigados a tomar Ratisbon.

O general Berthier, chefe do estado-maior de Napoleão, ergueu ao de leve as sobrancelhas ao olhar além do seu imperador para as defesas da vila, a pouco mais de um quilómetro. Engoliu em seco ao devolver a atenção a Napoleão.

— Muito bem, meu senhor. Dou ordens para que o exército prepare um cerco?

Napoleão abanou a cabeça.

— Não há tempo para um cerco. Assim que começarmos a abrir trincheiras e a construir baterias, os austríacos ficam com a iniciativa. Além disso, de certeza que os nossos outros inimigos… — Napoleão fez uma pausa e exibiu um sorriso amargo — …e mesmo alguns

daqueles que se dizem nossos amigos vão gostar bastante do atraso. Não é preciso grande incentivo para emparelharem com a Áustria.

Os oficiais mais argutos entenderam de imediato onde o imperador queria chegar. Vários dos Estados mais pequenos da Confederação Alemã eram próximos da causa austríaca, mas de longe o maior perigo vinha da Rússia. Mesmo estando Napoleão e o czar Alexandre unidos por um tratado, a relação entre ambos esfriara ao longo dos últimos meses e era possível que o exército russo pudesse intervir de qualquer dos lados da atual guerra entre a França e a Áustria.

Napoleão ficara surpreendido com a temeridade dos austríacos quando tinham aberto as hostilidades em abril, sem qualquer declaração formal de guerra. Antes tinha havido inúmeros relatórios de espiões, que diziam que o exército austríaco se reorganizara e expandira, estando equipados com canhões novos e com mosquetes modernos. Não havia como negar os sinais de que o imperador Francisco pretendia dar início a outra guerra e Napoleão ordenara a concentração de um exército poderoso, pronto para enfrentar a ameaça. Com o início da campanha, o habitual avanço lento das colunas inimigas tinha permitido que os franceses os ultrapassassem e obrigassem os austríacos a combater segundo os termos de Napoleão. O imperador considerava que o desempenho do seu exército fora deveras gratificante. Até ao momento, a maior parte dos soldados que tinha confrontado o inimigo fora constituída por recrutas novos, que mesmo assim tinham lutado de forma soberba. Não fosse a impossibilidade de evitar que os austríacos tivessem fugido para o outro lado do Danúbio, a guerra estaria praticamente ganha.

Napoleão dirigiu-se a um dos oficiais.

— Marechal Lannes.

O oficial ficou hirto.

— *Sire*?

— Os seus homens vão tomar a povoação, a qualquer custo. Entendido?

— Sim, *sire*. — Lannes anuiu e ajustou casualmente o bicorne emplumado sobre os caracóis castanhos. — Os rapazes vão expulsar os austríacos num instante.

— Acho bem — retorquiu Napoleão com brevidade. Depois aproximou-se de Lannes e fixou o olhar no marechal. — Estou a contar consigo. Não me desiluda.

Lannes esboçou um sorriso gentil.

— Alguma vez o desapontei, *sire*?

— Não. Não, não desapontou. — Napoleão devolveu-lhe o sorriso. — Que a fortuna o acompanhe, meu caro Jean.

Lannes fez continência e depois virou-se, encaminhando-se rapidamente para o ordenança que lhe segurava o cavalo. Lannes içou-se para a sela, esporou a montada e avançou, descendo o pequeno monte em direção às colunas da divisão de infantaria que se estavam a

formar fora do alcance das peças austríacas. As posições francesas imobilizaram-se brevemente, após o que um clarim deu sinal para o avanço. Com um ribombar de tambores, as colunas de infantaria marcharam a caminho das fortificações inimigas. À frente delas, uma linha de soldados avançou sem ordem fixa, os mosquetes baixos enquanto procuravam alvos individuais entre a linha de defesas austríacas.

Napoleão sentiu um aperto no coração ao ver as colunas de casacas azuis que se aproximavam da povoação inimiga. A qualquer momento, os austríacos abririam fogo e cones de metralha criariam brechas sangrentas nas corajosas fileiras dos seus homens. Contudo, Ratisbon tinha de ser tomada.

— Pelo que estamos prestes a receber — resmungou Berthier enquanto se esforçava por observar os primeiros elementos da divisão que se aproximava das defesas inimigas.

Os austríacos sustiveram o fogo até que os soldados avançados franceses quase tinham chegado à vala larga à frente das muralhas da vila. Depois, centenas de minúsculos pontos de fumo deixaram-se ver ao longo das muralhas, enquanto brilhantes línguas de fogo se projetavam das armas montadas nas torres e nos redutos. Napoleão ergueu o telescópio e viu que dezenas dos soldados avançados tinham sido derrubados e, atrás deles, as primeiras fileiras das colunas de Lannes titubearam à medida que eram sujeitas a uma chuva de bolas de chumbo dos mosquetes e à metralha de ferro das peças de artilharia. Os oficiais empunharam bem alto as espadas, com alguns a colocar o chapéu na ponta, para se tornarem mais visíveis, e incitaram ao avanço dos seus homens. Os soldados correram sobre a berma da vala, desaparecendo por um instante, antes de reaparecerem a trepar a encosta mais distante e de correrem para a muralha. Acima deles, as ameias da vila estavam forradas com as fardas brancas dos austríacos, praticamente invisíveis através das nuvens de fumo que pairavam no ar como uma mortalha em farrapos. Entretanto, os atacantes iam sendo ceifados à medida que tentavam chegar à muralha.

Então, de súbito, o fervor inicial esmoreceu, com os soldados a recuar e a esconder-se atrás de qualquer abrigo que encontrassem, enquanto em desespero iam trocando tiros com o inimigo. Mais homens entraram na vala, juntando-se aos da inclinação oposta, que se recusavam a avançar mais. A densa massa de seres humanos era um alvo irresistível para o inimigo, que varreu o fosso com metralha, enquanto das muralhas eram atiradas granadas que detonavam com clarões brilhantes, lançando estilhaços de ferro aguçado em todas as direções e mutilando os soldados da primeira onda do marechal Lannes.

— Raios. — Napoleão franziu o cenho, irritado. — O diabo que os carregue. Porque é que se deixam ficar ali, a morrer naquela vala? Se querem viver, têm de avançar.

A frustração cresceu com a continuação do massacre. O inevitável acabou por acontecer quando os homens da primeira vaga começaram lentamente a recuar, com o ritmo a aumentar quando a urgência de retirar se espalhou pelos soldados como uma onda invisível a

percorrer as fileiras. No espaço de minutos, o último dos sobreviventes abrigados no fosso corria para longe da vila, deixando os mortos e os feridos espalhados e amontoados à frente da muralha. Enquanto os soldados recuavam, os austríacos continuaram a disparar até que os franceses ficaram fora do alcance dos mosquetes, após o que restaram apenas os canhões, que dispararam mais algumas salvas de metralha, antes de também eles ficarem em silêncio.

De repente, Napoleão esporeou a montada e levou-a encosta suave abaixo, até se aproximar a galope do posto avançado de comando de Lannes, nas ruínas de uma pequena capela. Os guarda-costas e os oficiais de campo correram atrás dele, esforçando-se por o acompanhar. Assim que se apercebera do fracasso do ataque, o marechal Lannes avançara para confrontar os primeiros fugitivos. Quando Napoleão chegou junto a ele, Lannes admoestava um grande grupo de soldados de ar embaraçado.

— Consideram-se homens? — vociferou Lannes a plenos pulmões. — A fugir como coelhos assim que se deparam com uns poucos de austríacos com coragem para vos enfrentar. Que Deus me ajude, vós sois a minha vergonha! São a vergonha da vossa farda e do imperador! — Lannes apontou para Napoleão quando este se aproximou e puxou as rédeas. — E agora, o inimigo ri-se de vós. Troça por serem cobardes. Escutem!

Com efeito, o som distante de insultos e assobios chegava-lhes vindo dos defensores de Ratisbon e alguns dos homens fitaram o chão, sem se atreverem a cruzar os olhos com os do comandante.

Napoleão desmontou e lançou um olhar gelado aos homens reunidos à frente de Lannes. Manteve-se em silêncio por um instante, até que abanou a cabeça, consternado.

— Soldados, não estou zangado convosco. Como poderia estar? Obedeceram às vossas ordens e atacaram. Avançaram contra o fogo e continuaram em frente até que vos faltou a coragem. E depois recuaram. Não fizeram menos do que qualquer outro homem, em qualquer outro exército europeu. — Napoleão fez uma breve pausa para que as palavras seguintes transmitissem o peso desejado. — Mas vós não sois outro exército europeu. Vós sois o exército de França. Marchais segundo critérios que vos foram incutidos pelo vosso imperador. Os mesmos critérios que levaram à vitória em Austerlitz. Em Jena e Auerstadt. Eylau e Friedland. Juntos derrotámos os exércitos do rei da Prússia e do czar. Humilhámos os austríacos, os mesmos que agora troçam de vós a partir das muralhas de Ratisbon. Julgam que os homens de França se tornaram fracos e receosos, que o fogo que os anima esmoreceu. Julgam que o inimigo que já enfrentaram e que tiveram motivo para recear é agora manso como um cordeiro. Envergonham-vos. Riem-se de vós. Expõem-vos ao ridículo… — Napoleão olhou em seu redor e, tal como esperara, viu a expressão de fúria no rosto de alguns dos soldados. — Como pode um homem suportar tal afronta? Como pode um soldado de França não sentir o coração em chamas pelo desprezo mostrado por aqueles que lhe são inferiores? — Napoleão estendeu o braço na direção de Ratisbon. — Soldados! O inimigo

aguarda-vos. Mostrem-lhes o que é ser francês. Não há bala ou granada que vos abale a coragem, ou que vos faça esmorecer a determinação. Recordai quem antes de vós lutou pelo imperador. Recordai a glória eterna que eles conquistaram. Recordai a gratidão e as benesses que o vosso imperador lhes concedeu.

— Viva Napoleão! — O marechal Lannes ergueu o punho no ar. — Viva a França!

O brado foi de imediato ecoado pelos homens que se encontravam mais próximos e varreu as fileiras dos que os rodeavam. Outros soldados, mais afastados, viraram-se e juntaram-se aos vivas, afogando os insultos dos austríacos com a aclamação que tomou conta dos soldados da divisão de Lannes. O marechal prosseguiu com a ovação por mais um instante, até que ergueu os braços e pediu o silêncio dos seus homens. Quando os aplausos esmoreceram, o marechal respirou fundo e apontou para os primeiros soldados que se juntavam aos estandartes do regimento.

— Às vossas cores! Formem e preparem-se para mostrar àqueles cães austríacos como lutam os verdadeiros soldados!

Enquanto os homens se afastavam, Napoleão distinguiu a determinação renovada nas expressões e aquiesceu, satisfeito.

— O sangue ferve-lhes. Só espero que desta vez consigam tomar a muralha. — Voltou a dirigir o olhar para as defesas inimigas. Estavam a menos de um quilómetro das peças mais próximas. — Continuamos ao alcance do fogo, e os homens também.

— Seria preciso muita sorte para acertar em alguém a esta distância, *sire* — retorquiu Lannes, desdenhoso. — Um desperdício de pólvora.

— Espero que tenha razão.

Instantes depois viu-se uma pequena nuvem de fumo numa canhoneira do reduto austríaco mais próximo e os dois homens acompanharam a ténue mancha negra da bola a curvar-se pelo ar da manhã, descrevendo um leve desvio para um dos lados da posição deles. A bola bateu a cem metros deles, fazendo saltar poeira e terra antes de voltar a cair cinquenta passos mais à frente e uma última vez, antes de abrir caminho pela erva alta e de se deter a pouca distância da primeira fileira do batalhão francês mais próximo.

— Boas condições para a artilharia — ponderou Napoleão. — Terreno firme… o alcance real vai aumentar e o ricochete dos tiros inimigos vai sair-nos caro.

Outros canhões austríacos abriram fogo e o tiro de uma das peças mais pesadas bateu a escassa distância de um dos batalhões franceses, antes de abrir caminho pelas fileiras, derrubando homens como pinos de boliche.

Lannes pigarreou.

— *Sire*, ocorreu-me que também nos encontramos ao alcance das armas inimigas.

— É verdade, mas tal como frisou, a probabilidade de nos atingirem é residual.

— Mesmo assim, *sire*, seria prudente que se afastasse da distância de tiro real.

Napoleão relanceou os olhos na direção do reduto, notando que a boca de uma das peças fora escorçada até um ponto negro. De repente, o canhão foi obscurecido por uma voluta de fumo e, momentos depois, uma nuvem de terra ergueu-se à frente dos homens.

— Cuidado! — gritou Lannes, em alerta.

Contudo, antes que Napoleão pudesse reagir, a bola voltou a cair muito mais perto e depois novamente mesmo a seus pés. O solo fustigou-lhes o rosto e Napoleão sentiu uma pancada no tornozelo direito. O choque do impacto atordoou-o mas Napoleão manteve-se hirto, sem se atrever a olhar para baixo, enquanto Lannes sacudia a farda com uma risada.

— Tal como estava a dizer…

Napoleão sentiu o tornozelo a ceder e tombou para o lado, estendendo os braços para amparar a queda.

— *Sire*! — Lannes correu a ajoelhar-se ao lado do imperador. — Foi atingido?

A dor na perna de Napoleão era excruciante e cerrou os dentes ao responder.

— É claro que fui atingido, seu idiota!

— Onde? — Lannes percorreu-o ansiosamente com o olhar. — Não consigo ver o ferimento.

— A minha perna direita. — Napoleão fez um esgar. — O tornozelo.

Lannes baixou o olhar e viu que a bota de Napoleão fora bastante danificada. Procurou ao de leve sinais de lesões. Napoleão arquejou e obrigou-se a endireitar-se. Sobre o ombro de Lannes viu alguns oficiais de dia e ordenanças a correrem na direção dos dois homens. Mais além, os soldados do batalhão mais próximo quebravam as fileiras enquanto fitavam o imperador com expressões chocadas.

— O imperador está ferido! — bradou uma voz.

O grito foi repetido e um coro de gemidos desesperados percorreu as fileiras da divisão que formava para dar início ao segundo ataque. Napoleão apercebeu-se de que teria de agir com celeridade para restaurar o moral dos soldados, antes que se perdesse a oportunidade de tomar Ratisbon.

— Ajude-me a levantar-me — resmungou a Lannes.

O marechal abanou a cabeça.

— Está ferido, *sire*. Vou mandar que o levem para lugar seguro e chamar o seu médico.

— Não vai fazer nada disso — replicou bruscamente Napoleão. — Levante-me. Traga-me o meu cavalo.

— Às suas ordens.

O marechal era um homem de constituição poderosa e agarrou o braço do imperador, levantando-o com facilidade. Napoleão assentou todo o peso no pé esquerdo e procurou ocultar quaisquer sinais da dor lancinante que transformava numa agonia os movimentos da perna direita. Pousou a mão no ombro de Lannes, enquanto este ordenava que trouxessem o

cavalo. Enquanto um dos guarda-costas de Napoleão segurava as rédeas, Lannes içou com todo o cuidado o imperador para a sela e enfiou-lhe o pé direito no estribo. Napoleão segurou as rédeas e respirou fundo.

— As suas ordens, *sire*? — Lannes ergueu o olhar para o imperador.

— Prossigam com o ataque até que Ratisbon seja tomada. — Napoleão estalou a língua e tocou na montada com os calcanhares tão ao de leve quanto possível, franzindo o cenho ao fazê-lo. O cavalo avançou e Napoleão guiou-o até à frente dos regimentos que formavam para um novo ataque às defesas inimigas. Berthier aproximou-se a trote e colocou-se ao lado do imperador.

— Deseja que chame a sua carruagem?

— Não. Vou ficar a cavalo, onde os homens me possam ver. — Napoleão levantou a mão para cumprimentar o batalhão mais próximo e ouviu-se um viva, forte e demorado. Foi repetido pela formação seguinte e continuou pela divisão de Morand. Napoleão prosseguiu ao longo da primeira formação, obrigando-se a sorrir aos homens e a trocar cumprimentos com os comandantes por quem passava.

Chegou ao extremo e deu meia-volta para regressar. O marechal Lannes voltara a montar a cavalo e avançou a trote, para ficar à vista dos soldados. Napoleão parou a seu lado e obrigou-se a manter as feições impassíveis enquanto outra bola de canhão caía a pouca distância da banda da divisão, arrancava a cabeça a um jovem tamborileiro e esmagava o peito do que se encontrava atrás dele.

Lannes tirou o chapéu emplumado e ergueu-o bem alto, após o que encheu os pulmões e bradou:

— Voluntários para o grupo com a escada, avancem!

A voz ressoou brevemente no ar quente e esmoreceu, mas ninguém se moveu. Os soldados na primeira fila mantiveram o olhar fito em frente, recusando-se a cruzá-lo com o do marechal, ou o do imperador. Quem se oferecesse para levar as escadas marcharia logo atrás dos soldados avançados e o inimigo não hesitaria em concentrar o fogo nesses alvos fáceis. O terreno à frente das defesas austríacas já estava coberto de mortos e feridos do ataque anterior e a recordação da tempestade de fogo das muralhas continuava fresca na mente dos sobreviventes.

Lannes fitou as fileiras silenciosas e imóveis com uma expressão surpreendida no rosto, que rapidamente se transformou em desprezo.

— Não há um homem entre vós disposto a ter a honra de ser o primeiro a escalar as muralhas? Então?

Ninguém se mexeu e Napoleão sentiu a terrível tensão que se acumulava entre o marechal e os seus homens. Se não fosse solucionada rapidamente, não haveria segundo ataque. Lannes terá partilhado essa noção, pois olhou com ansiedade para o imperador, após o que

desmontou de repente e se dirigiu à escada mais próxima. Com os soldados sempre a olhar, Lannes agarrou na escada e escolheu a posição para que fosse capaz de a levar sozinho. Dirigiu-se aos soldados e bradou com desprezo:

— Se não há ninguém com coragem para isso, fá-lo-ei sozinho. Era granadeiro antes de ser marechal… e ainda sou!

Com essas palavras deu meia-volta e começou a marchar em direção a Ratisbon, com a escada desajeitada bem firme.

— Deus do Céu — resmungou Berthier. — Mas o que pensa ele que está a fazer?

Napoleão não foi capaz de reprimir um sorriso.

— O que poderia ele fazer? O seu dever.

Por um instante ninguém se mexeu, até que um dos oficiais de Lannes avançou a correr e se foi pôr à frente do comandante.

— Meu marechal! Não pode fazer isso. Quem vai comandar as tropas se for morto?

— Que me interessa isso? — resmungou Lannes. — Saia do meu caminho, maldito seja.

Afastou o oficial e continuou a marchar em direção aos austríacos que esperavam. O outro homem seguiu-o com o olhar, aterrado. Depois recuperou o raciocínio e correu para o alcançar, segurando a extremidade da escada e acertando o passo com Lannes.

— Espere, meu marechal! — gritou outro dos oficiais, que correu com os companheiros a pegar nas escadas mais próximas e a juntar-se a Lannes.

Seguiu-se uma breve pausa até que o coronel do batalhão ali mais perto se dirigiu aos soldados espantados e bradou:

— De que estão à espera? Raios me partam se vou deixar que um marechal de França leve com uma bala que me era destinada! Avançar! — Desembainhou a espada e brandiu-a na direção da vila. — Viva a França!

Os soldados deram continuidade ao grito e começaram a movimentar-se, correndo para agarrar nas escadas e seguindo Lannes e os seus oficiais. Numa onda irregular de soldados a ovacionar, o resto da divisão de Morand avançou e pegou nas restantes escadas enquanto marchavam. Napoleão sentiu o sangue a acelerar-lhe nas veias e fez avançar o cavalo a par dos soldados. Os defensores reagiram de imediato à nova ameaça e todas as armas passíveis de serem usadas abriram fogo sobre a vaga de homens que corria pelo terreno aberto até à vala e à muralha mais além. Um projétil sibilou perto das cabeças e Berthier baixou-se instintivamente.

— *Sire*, isto será sensato? Já foi ferido. Imploro-lhe que deixe que lhe tratem da perna.

— Depois. Neste momento, tudo o que interessa é tomar Ratisbon.

— Com o devido respeito, *sire*, o marechal Lannes pode encarregar-se do ataque.

— A sério? — Napoleão lançou um olhar ao chefe do estado-maior. — Viu a reação dos homens. Viu como o estado de espírito se encontra instável. Se o imperador os acompanhar,

não vão perder a coragem.

Berthier baixou a cabeça a contragosto.

— De certeza que terá toda a razão, *sire*. Mas, e se for morto? Aqui, à frente dos homens? Isso não só levaria ao fracasso do ataque, como seria um rude golpe ao moral de todo o exército.

Napoleão obrigou-se a sorrir.

— Meu caro Berthier, garanto-lhe que ainda está por fundir a bala que me vai matar. Agora basta. Ficamos com os nossos soldados.

— Sim, *sire* — respondeu Berthier obedientemente e fez o possível por parecer impassível enquanto avançavam.

Mais à frente, Napoleão distinguiu as fardas debruadas a dourado de Lannes e dos seus oficiais, que continuavam a liderar o ataque. Chegaram ao fosso numa meia-corrida e deslizaram pela primeira encosta, após o que correram até ao outro lado e escalaram a subida para cruzar o último troço de terreno aberto antes da muralha. Acima deles, as ameias estavam pejadas de soldados austríacos que disparavam e voltavam a carregar os mosquetes tão depressa quanto possível, à medida que a onda de fardas azuis investia na sua direção. Em ambos os flancos da divisão de Morand, os canhões nos redutos inimigos cuspiam metralha para o meio das fileiras francesas, desfazendo de forma sangrenta vários homens de cada vez. Napoleão e Berthier imobilizaram-se a pouca distância da vala e observaram Lannes e os seus homens a chegarem à muralha. Ergueram apressadamente a escada e o marechal saltou para os degraus mais baixos e começou a subir. A cada lado instalavam-se mais escadas e os homens da divisão de Morand começaram a subir, trepando aos parapeitos e caindo sobre os defensores.

A maior parte dos soldados tinha disparado os mosquetes ao aproximar-se da muralha, investindo agora com o aço frio das baionetas, ou usando as armas como maças nos brutais confrontos corpo a corpo com os austríacos. O mesmo destino esperava os defensores dos redutos laterais, com os franceses a abrir caminho pelas canhoneiras e a cair sobre os artilheiros inimigos no interior. Depois da morte espalhada pelos canhões, Napoleão sabia que nenhuma das equipas de artilharia seria poupada à fúria vingativa dos invasores.

Enquanto ainda mais soldados continuavam a escalar as muralhas, ouviu-se um brado de viva no exterior da vila quando os portões começaram a abrir-se. Napoleão ficou tenso por um momento, interrogando-se se o inimigo estaria prestes a lançar um contra-ataque, mas quando os portões ficaram escancarados, uma figura sem chapéu, de farda bordada a ouro, emergiu do interior da povoação.

— É Lannes! — gritou Berthier.

— Sim. — Napoleão sorriu, aliviado, e fez avançar o cavalo em direção ao fosso. Enquanto a montada descia cuidadosamente a inclinação, Napoleão viu pela primeira vez os

cadáveres espalhados pelo fundo da trincheira, alguns bastante desfeitos pelas pesadas bolas de ferro e pela metralha. O animal relinchou até que Napoleão se inclinou para a frente e lhe afagou o flanco, incitando-o a subir a elevação oposta. Lannes acenava aos seus homens pelo portão e bradava palavras de encorajamento. Napoleão e Berthier juntaram-se a ele. Napoleão reparou no rasgão na jaqueta da farda do marechal e na mancha de sangue que o oficial tinha no pescoço.

— Parece que o impetuoso agora não fui eu, meu caro Jean.

Lannes ergueu o olhar e levou a mão enluvada ao pescoço. A luva trouxe uma mancha de sangue fresco.

— É só um arranhão, *sire*, nada mais.

Napoleão olhou sobre o fosso para os terrenos que davam acesso à vila. Imaginou que perto de um milhar de franceses tivesse tombado às portas de Ratisbon. Dirigiu-se a Lannes.

— Parece que tem uma vida bafejada pela fortuna.

— Tal como todos nós, *sire*, até ao dia em que morremos.

Partilharam uma gargalhada e Berthier juntou-se-lhes, sem grande firmeza. Depois Napoleão chegou-se à frente para dar novas ordens ao marechal.

— Dê ordens aos seus homens para passarem a vila a pente fino. Entretanto, quero que vá diretamente à ponte com todos os granadeiros que encontre. Temos de a capturar intacta. Não deixe que nada o detenha e depois de a tomar, mantenha-a a todo o custo, entendido?

— Sim, meu imperador.

— Então vá.

Lannes regressou a correr à povoação e chamou a si os oficiais, enquanto Napoleão e Berthier se deixaram ficar junto ao portão, recebendo o imperador os cumprimentos dos soldados dos regimentos de acompanhamento da divisão que ia entrando em Ratisbon. Muitos, em especial os jovens recrutas, só tinham visto o imperador de longe, se alguma vez o tivessem visto de todo, e agora olhavam-no com uma curiosidade entusiasmada e mesmo com alguma reverência. Alguns dos homens mais velhos, com faixas de campanha nas mangas, gritaram cumprimentos informais a Napoleão, certamente com o objetivo de impressionar os camaradas mais jovens. Napoleão sabia que nessa noite se reuniriam à volta das fogueiras e contariam narrativas do tempo em que tinham combatido ao lado do imperador, quando este ainda não passava de um jovem oficial.

Esperou que os primeiros dois regimentos entrassem na vila antes de os seguir pelo portão. Os sons de combate tinham-se afastado para o rio e o débil crepitar dos tiros de mosquetes era entremeado com o estrondo ocasional de um canhão na margem do Danúbio ocupada pelos austríacos. Havia corpos franceses e austríacos espalhados pela rua que partia dos portões. Os mortos e os feridos tinham sido apressadamente retirados para o lado, para não atrapalharem as tropas que por ali marchavam. Os vivos estavam sentados,

encostados às paredes, à espera que os ajudassem a chegar à retaguarda, onde os ferimentos acabariam por ser tratados. Alguns celebraram quando Napoleão passou, outros mantiveram os olhos fitos em nada, demasiado em choque, ou demasiado em sofrimento para se preocuparem.

Mais à frente, a rua desembocava numa praça que o inimigo usara como parque de veículos. O espaço estava rodeado pelas fachadas ornamentadas que Napoleão se habituara a encontrar nas inúmeras aldeias e vilas das margens do Danúbio. Armões, caixotes de munições e carroças de suprimentos estavam concentrados no centro da praça.

Do outro lado, Napoleão viu a estrada larga que dava acesso à ponte que cruzava o grandioso rio. Um aglomerado de soldados de casacas azuis forçava a passagem na ponte. Napoleão fez o cavalo avançar. Quando se aproximou da extremidade da ponte, viu Lannes e os seus oficiais num embarcadouro, a um lado. Além deles, a água do Danúbio estendia-se mais de cem passos até à primeira das pequenas ilhas entre as duas margens. A ponte, edificada sobre massivos contrafortes de pedra, alongava-se para a direita através do grande rio, passando sobre as ilhas até ao outro lado. Napoleão via que era tão sólida que não poderia ser destruída com facilidade por cargas de pólvora. Formações densas de soldados inimigos e várias baterias de artilharia cobriam visivelmente a extremidade da ponte. Além delas, na encosta que se erguia a partir do rio, estendia-se o acampamento do exército do arquiduque Carlos. Napoleão observou as tropas francesas na ponte começarem a ceder sob a fuzilada terrível de bolas de mosquete e de metralha que varriam toda a extensão da ponte. Os homens recuaram, com os mais decididos a disparar um último tiro antes de regressarem ao abrigo das construções que acompanhavam o rio.

Ao som dos cascos que se aproximavam pela estrada empedrada, Lannes virou-se e ele e os oficiais curvaram a cabeça em boas-vindas.

— O seu relatório — ordenou Napoleão assim que parou. A dor no tornozelo passara a um latejar constante e teve de se obrigar a prestar toda a atenção ao marechal.

— A vila é sua, *sire*. A maior parte dos inimigos conseguiu fugir sobre o rio, mas temos algumas centenas de prisioneiros e apoderámo-nos de vinte peças de artilharia. Alguns austríacos estão ainda a defender edifícios no bairro oriental de Ratisbon, mas em breve trataremos deles. Quanto às nossas perdas…

— Isso agora não é importante. A ponte está segura?

Lannes anuiu.

— O major Dubarry, dos engenheiros, confirmou as cargas. Parece que os austríacos não tinham grande intenção de destruir a ponte.

— Ótimo. Nesse caso, ainda podemos vir a ter a oportunidade de perseguir o arquiduque Carlos.

Lannes ergueu por instantes as sobrancelhas.

— *Sire*, tal como pode ver, o inimigo está na posse da outra margem. Não seremos capazes de forçar a passagem por aqui. Por agora, o inimigo escapou-nos.

Napoleão cerrou os lábios e teve dificuldade em conter o mau humor. Há dez dias que não dormia devidamente e reconheceu os sintomas da exaustão naquela onda súbita de fúria. A culpa não era de Lannes. Quando olhou para o outro lado do rio, Napoleão viu por si só que qualquer tentativa de atravessar a ponte apenas resultaria num massacre sangrento. Contemplou o impasse com um coração subitamente pesado. Os austríacos tinham conseguido intrometer o Danúbio entre eles e os perseguidores. Se acompanhassem em paralelo a deslocação do exército francês, poderiam impedir qualquer tentativa de cruzar o rio e levá-los ao combate.

Soltou um suspiro amargo.

— Parece que o inimigo aprendeu bem a lição com a última guerra. O arquiduque Carlos vai pensar duas vezes antes de aceitar uma batalha segundo os meus termos.

— Podemos encontrar outro ponto de passagem, *sire* — replicou Berthier. — Masséna está a marchar sobre Straubing. Se ele atravessar o rio antes de os austríacos o deterem, pode atacar-lhes o flanco.

— Sozinho? — Napoleão abanou a cabeça. — Mesmo que Masséna conseguisse surpreender os austríacos, eles podem simplesmente retirar para os Estados alemães mais a norte e tentar obter uma aliança enquanto nos atraem e afastam de Viena. — Fez uma pausa e coçou ao de leve a barba que lhe crescia no queixo. — Não. Não vamos seguir o jogo do arquiduque Carlos. Temos, isso sim, de fazer com que ele nos siga.

— Como, *sire*?

— Marchamos sobre Viena. Duvido que os austríacos estejam preparados para nos deixar ocupar a capital pela segunda vez.

Lannes apontou para as forças inimigas reunidas na outra margem.

— E se eles voltarem a atravessar o rio e nos tentarem cortar as comunicações?

Napoleão sorriu.

— Carregamos sobre eles e obrigamo-los a lutar. Acredito que não tenham coragem de o fazer por enquanto. Por isso, meus amigos, levamos a guerra até Viena. Nessa altura teremos a nossa batalha.

CAPÍTULO 2

O exército austríaco retirou durante a noite e Napoleão enviou Davout e os seus soldados para o outro lado do Danúbio para se manter em contacto com o inimigo e para o atormentar. Entretanto, o exército principal marchou para leste, em direção a Viena, empurrando as restantes forças austríacas à sua frente. O tempo primaveril continuava ameno e os soldados do exército francês avançavam pelo território inimigo com um moral elevado.

Entrementes, Napoleão analisava com todo o cuidado os relatórios que lhe eram enviados por Davout. Assim que a ameaça a Viena se tornara óbvia, o arquiduque Carlos ordenara que o exército desse meia-volta e avançasse pela margem norte do Danúbio, numa tentativa de chegar à capital antes dos franceses. Napoleão calculava que isso seria pouco provável, já que o exército austríaco sempre marchara a um ritmo lento. As únicas notícias que lhe interessaram chegaram de Itália, onde o arquiduque João, irmão do arquiduque Carlos, superara o exército francês. Era possível que João regressasse a Viena, numa tentativa de unir os exércitos austríacos contra Napoleão.

No início de maio, os pináculos e os telhados da capital austríaca foram avistados pelo exército francês e Napoleão deu ordens para que a artilharia se preparasse para bombardear Viena. Antes que os canhões pudessem disparar, os portões da cidade abriram-se e de lá saiu um pequeno grupo de civis.

— O que poderão eles querer? — ponderou Berthier, que erguera o telescópio e os observava com cautela a aproximar-se dos piquetes franceses. Dirigiu-se ao imperador: — Talvez queiram já negociar a paz.

— Espero que sim — retorquiu Napoleão. — Mas se pretenderem defender Viena, desta vez não hesitarei em arrasar a cidade. O imperador Francisco não vai ter uma terceira oportunidade para me desafiar. — Napoleão fez sinal para que lhe entregassem o telescópio e semicerrou o olho pelo óculo. Eram cinco homens com roupas civis, acompanhados por uma pequena escolta montada da milícia da cidade.

— Eles que sejam levados até à bateria principal — ordenou Napoleão a Berthier. — Encontro-me aí com eles. Mais vale que saibam o que esperar, caso não cedam às minhas exigências.

— Sim, *sire*. — Berthier aquiesceu e afastou-se a cavalgar para levar a cabo as suas ordens. Napoleão dirigiu a atenção dos cavaleiros que se aproximavam para as defesas da cidade mais além. Um punhado de fortes guardava a chegada a Viena e depois havia as muralhas. Contudo, não havia sinais de vida nos fortes, nem bandeiras, ou estandartes regimentais desfraldados. Baixou o telescópio de cenho franzido ao de leve e resmungou:

— O que estarão eles a tramar?

Meia hora depois, Napoleão, a par de Berthier e de um esquadrão de cavalaria da

Guarda, dirigiu-se à bateria principal para se encontrar com a delegação inimiga. De ambos os lados, a linha de canhões de doze libras estendia-se pelo campo austríaco. Cinquenta metros atrás estavam os carros de munições, carregados de pólvora e bolas, preparados para alimentar as peças de artilharia quando estas abrissem fogo sobre Viena. Os artilheiros tinham acabado os preparativos e estavam junto às peças, observando os austríacos com curiosidade. Quando Napoleão se aproximou, os artilheiros soltaram vivas e o imperador apreciou a receção por um instante, abrandando o ritmo da montada para um passo lento e lançando um olhar duro aos austríacos. Os recém-chegados tiraram os chapéus e baixaram brevemente a cabeça, enquanto o imperador francês erguia a mão para silenciar os seus homens. Assim que as ovações esmoreceram, Napoleão tossicou e dirigiu-se ao homem à frente da delegação austríaca. O oficial era alto e magro, de caracóis escuros salpicados de grisalho. O casaco tinha um bordado fino de renda dourada e um cordão vermelho largo cruzava-lhe o ombro. Napoleão falou com brevidade:

— Qual o objetivo da vossa presença aqui?

— *Sire*, represento o administrador da cidade de Viena. Sua Excelência roga-lhe uma audiência.

— O seu nome?

— Barão Karinsky, *sire*.

— Diga-me o que deseja o seu senhor.

— Com certeza, *sire*. Ele deseja discutir os termos para a capitulação de Viena.

— De Viena? Estou a ver. — Napoleão fez uma pausa. — E o imperador Francisco concordou com a rendição da capital?

— Tanto quanto me é dado saber.

— O que significa isso?

— Sua majestade imperial deixou a cidade acompanhado pela corte, *sire*. O administrador ficou responsável, com ordens de a defender até onde fosse praticável.

— Nesse caso, a oferta diz apenas respeito a Viena? — indagou Berthier.

— Com efeito.

— Não há intenção da parte do imperador Francisco de discutir um armistício?

— Que eu saiba, não.

Berthier trocou um olhar com Napoleão, que soltou um breve suspiro de frustração antes de continuar a dirigir-se a Karinsky.

— Diga-me, porque está o administrador a preparar-se para discutir a capitulação antes de termos disparado um tiro que fosse?

O austríaco fez um gesto na direção da cidade.

— A guarnição já se retirou das muralhas, *sire*. Segundo as ordens do arquiduque Carlos. Só resta a milícia. Assim sendo, o administrador determinou ser incapaz de defender a

cidade. Por compaixão pelos cidadãos de Viena, ele julga preferível render-se do que desperdiçar vidas numa tentativa inglória de vos resistir, *sire*.

— Onde se encontra a guarnição neste momento? — indagou Napoleão num tom brusco.

— Retiraram-se para o outro lado do Danúbio.

Napoleão fitou brevemente o homem.

— E as pontes estão intactas?

O indivíduo baixou o olhar quando respondeu.

— Quando saí da cidade, estavam, *sire*.

Napoleão virou-se para Berthier.

— Envie uma divisão de cavalaria. Diga a Bessières que quero que os homens dele tomem imediatamente essas pontes. Temos de ter acesso à outra margem se queremos…

Napoleão foi interrompido por um estrondo ténue e olhou na direção de Viena. Além da cidade viu uma coluna de fumo que se erguia no céu limpo. Momentos depois ouviu-se uma segunda explosão e viu-se mais fumo, seguindo-se dois outros rebentamentos que ecoaram pela paisagem até aos sobressaltados elementos avançados do exército francês.

— Rebentaram com as pontes — constatou Berthier num tom baixo.

Napoleão aquiesceu e fitou o barão Karinsky.

— Diga ao administrador que Viena deverá render-se incondicionalmente. Se a cidade não for entregue no espaço de uma hora, vou ordenar que os meus canhões pulverizem a sua capital. Fui claro?

Karinsky abanou a cabeça.

— *Sire*, não estou autorizado a negociar. O meu senhor apenas me enviou com um convite para que fosse falar com ele.

— Não há nada a dizer. Não haverá qualquer negociação. Diga-lhe que ordeno que se renda e que se não o fizer, a morte e a destruição que farei cair sobre Viena serão responsabilidade dele.

O austríaco abriu a boca, fazendo menção de protestar, mas Napoleão puxou do relógio e baixou rapidamente o olhar.

— São onze horas. Se ao meio-dia a cidade não se tiver rendido, vou ordenar que os canhões abram fogo. Talvez seja melhor não perder tempo a informar o administrador das minhas condições.

Karinsky franziu o cenho e depois deu abruptamente meia-volta ao cavalo e galopou de regresso a Viena.

Assim que os portões de Viena se abriram ao exército francês, Napoleão e o engenheiro-chefe, o general Bertrand, percorreram a cidade para avaliar o estado das pontes demolidas. Os engenheiros austríacos tinham feito um bom trabalho. O tabuleiro central de cada ponte

tinha sido rebentado, e os pilares pouco mais eram do que montes de alvenaria na corrente rápida do Danúbio. No outro lado do rio, o inimigo atarefava-se a erguer barricadas nos extremos das pontes derrubadas. Nos flancos montavam-se baterias de artilharia que cobrissem o rio, para o caso de os engenheiros franceses tentarem proceder a quaisquer reparações nos tabuleiros desfeitos.

Napoleão fitou as pontes de coração apertado. O inimigo estaria seguro até que os franceses encontrassem outra maneira de atravessar o rio.

O general Bertrand acabara de analisar as pontes e as forças austríacas do outro lado e estalou a língua.

— Seria suicídio tentar proceder a reparações, *sire*.

— Isso já eu percebi — retorquiu Napoleão, mal-humorado. — Se não podemos atravessar aqui, temos de encontrar outro ponto.

— É claro, *sire*. — Bertrand anuiu pensativamente enquanto retirava o chapéu e coçava os fios de cabelo colados ao crânio. — O grande problema é a corrente. Como pode ver, o rio corre com bastante força, em especial nesta altura do ano. Quaisquer tempestades súbitas virão piorar as coisas. Se houver uma inundação repentina, as nossas pontes flutuantes podem ser arrastadas.

— Muito bem, o que me sugere, então?

— Depois de interrogar os locais, já tomei em consideração algumas possibilidades, *sire*. — Bertrand levou a mão ao alforge e desenrolou um mapa. Apontou um dedo enluvado ao mapa, onde estavam indicadas as margens do rio, a jusante de Viena. — Este ponto parece-me prometedor, *sire*. Aqui, do outro lado da ilha de Lobau. São mais de oitocentos metros da nossa margem até à ilha, mas daí até à margem oposta distam apenas mais cem metros. Além disso, a distância entre margens significa que a corrente será mais fraca aqui do que em qualquer outro lado.

Napoleão aquiesceu, satisfeito.

— Ótimo. Partindo do princípio de que esse local é adequado, quero que dê início aos trabalhos assim que o comboio das pontes chegue junto do exército. As carroças com as pontes têm prioridade sobre qualquer outro veículo na estrada. Dê ordens nesse sentido em meu nome.

— Com certeza, *sire*.

— Quero uma ponte sobre o rio assim que possível, entendido? Não há tempo a perder. Se queremos derrotar o arquiduque Carlos, o exército tem de cruzar o Danúbio em menos de uma semana.

Bertrand entumeceu as faces.

— Às suas ordens, *sire*.

Com um sorriso gelado, Napoleão voltou a dirigir a atenção para as tropas inimigas na

outra margem. Os mais recentes relatórios de Davout indicavam que o arquiduque Carlos e o seu exército ainda se encontravam a alguma distância de Viena, na outra margem. Se Bertrand conseguisse fazê-los atravessar o Danúbio rapidamente, os austríacos seriam apanhados entre Napoleão e Davout, e obrigados a entrar em combate. As probabilidades estariam a favor de Napoleão, já que outros reforços, às ordens do marechal Bernadotte, tinham saído de Dresden para se juntar ao imperador. Se o exército francês mantivesse o impulso, em breve o arquiduque Carlos seria derrotado, antes que o irmão chegasse para o ajudar.

As carroças com as pontes chegaram cinco dias depois da queda de Viena e Bertrand deu início ao trabalho para construir a ponte. Napoleão juntou-se ao seu engenheiro-chefe para observar o progresso, à medida que cada barca era baixada até ao rio e levada pela corrente com remos longos, até ficar em posição para largar uma âncora pesada a montante. Os engenheiros mantinham os cabos seguros até que a barca ficava em linha com as que já estavam no respetivo lugar. Depois a barca era fixada com madeira e coberta com tábuas. Uma força de infantaria fora desembarcada na ilha, de onde expulsou rapidamente os poucos defensores austríacos. O general Bertrand obrigou os seus homens a trabalhar duramente e o Danúbio foi cruzado com uma ponte em pouco mais de dia e meio. Assim que a tarefa ficou completa, a primeira unidade de cavalaria começou a atravessar.

— Excelente trabalho! — felicitou Napoleão o general, quando este apresentou em pessoa a novidade ao imperador, pouco depois do meio-dia. O quartel-general avançado fora estabelecido numa pequena aldeia perto do final da ponte e o campo em redor estava apinhado de homens, cavalos, canhões e carroças, enquanto o exército se preparava para atravessar o rio.

— Obrigado, *sire*. — Bertrand baixou a cabeça. Não dormia havia quase três dias, e a exaustão estava bem patente.

— E quanto à última fase? — perguntou Berthier. — Da ilha de Lobau até à outra margem?

— As barcas vão chegar à ilha esta tarde e teremos a ponte concluída esta noite.

— Ótimo. — Napoleão sorriu afavelmente. — Pela madrugada teremos a nossa cabeça de ponte. Os homens de Masséna vão tomar as aldeias de Essling e de Aspern, e depois o resto do exército pode atravessar.

O marechal Lannes chegou-se à frente na cadeira e pigarreou.

— Isso parece-me tudo muito bem, *sire*, mas temos a certeza de que o inimigo não se vai opor à nossa passagem para a outra margem?

— Não se preocupe, meu caro Lannes, o exército austríaco ainda se encontra a muitos dias de marcha. Terão notícia de que atravessámos o Danúbio quando os canhões

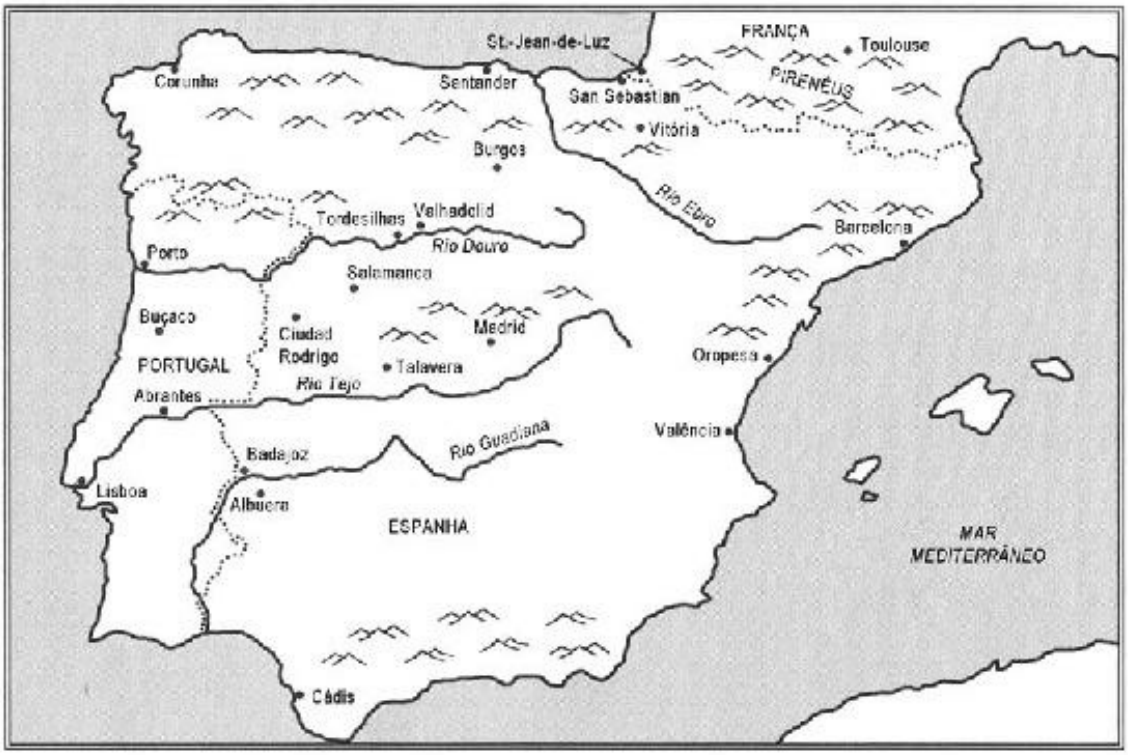
anunciarem a nossa presença. Nessa altura será demasiado tarde para fazer seja o que for, a não ser combater.

— Mas se os austríacos estiverem mais perto do que calculou, podemos estar a avançar para uma armadilha feita pelas nossas próprias mãos. *Sire*, aconselho prudência. Estamos a avançar sobre um rio de corrente forte, com uma única ponte. E se ela se partir, ou for destruída? Nesse caso, o exército ficaria reduzido a metade. A vanguarda ficaria à mercê do inimigo se conseguirem reunir forças suficientes para se nos oporem. É demasiado arriscado, *sire*.

— Garanto-lhe que o inimigo não tem força suficiente para nos atrapalhar quando estivermos a atravessar o rio. A guerra pertence ao reino do risco, da sorte e da oportunidade. Neste caso, acredito que a oportunidade supera o risco. — Napoleão endureceu o tom de voz. — Cavalheiros, as ordens estão dadas e o exército começa esta noite a atravessar o Danúbio.

Mapa

PENÍNSULA IBÉRICA



CAPÍTULO 3

Arthur

Abrantes, Portugal, junho de 1809

Com um suspiro frustrado, o general *Sir* Arthur Wellesley baixou a carta e recostou-se na cadeira. Mesmo à sombra, no exterior da pequena taberna, o calor do meio-dia era sufocante. Não era tão mau como na Índia, se bem se lembrava, mas mesmo assim estava longe de um conforto razoável. Despira o casaco e estava sem chapéu a uma simples mesa de cavaletes e ia tratando dos relatórios e da correspondência da manhã. O exército parara na cidade portuguesa de Abrantes havia vários dias, enquanto se esperava por suprimentos e por dinheiro. As verbas eram a maior preocupação de Arthur. Não só os soldados não eram pagos havia mais de dois meses, como também havia inúmeras contas que tinham de ser saldadas com os comerciantes portugueses de cereais e de cavalos, além da necessidade de vinte mil pares de botas para substituir as que os seus homens tinham gastado. A política de Arthur era que o exército britânico tinha de pagar as movimentações pela Península Ibérica, caso pretendesse continuar a desfrutar do apoio do povo português e espanhol. O seu exército tinha uma desvantagem numérica de cinco para um e os britânicos não se podiam dar ao luxo de provocar a inimizade dos povos através de cujas terras faziam a sua campanha.

Arthur sabia que os franceses viam os suprimentos de uma forma menos esclarecida, vivendo da terra, sem consideração pela atitude consequente dos locais. Em virtude disso, os franceses tinham incorrido na fúria dos agricultores espanhóis e portugueses, que travavam agora uma guerra de resistência, emboscando patrulhas francesas, atormentando-lhes as colunas e chacinando quaisquer retardatários que ficassem para trás.

Arthur olhou encosta abaixo, até ao rio Tejo. A água fluía com serenidade através das colinas plantadas com oliveiras e pomares, e os soldados do exército britânico desfrutavam de um descanso merecido enquanto aguardavam que o comandante decidisse os passos a dar. Centenas de soldados enchiam a margem, aproveitando a oportunidade para lavar a roupa, enquanto os mais afoitos se tinham despido e chapinhavam nos baixios.

Arthur permitiu-se o esboço de um sorriso enquanto os observava. Os homens tinham-se saído bem no Porto, no mês anterior, onde tinham surpreendido o marechal Soult, afugentando-o para Espanha e levando-o a abandonar a artilharia e os carros. Além de terem provado que eram capazes de marchar bastante, os casacas-vermelhas tinham mostrado que conseguiam resistir aos ataques fanáticos dos franceses na anterior batalha do Vimeiro. Mesmo em inferioridade numérica, Arthur acreditava que o seu exército era superior a todos os marechais e soldados das forças de Napoleão na Península, desde que os franceses não

tivessem a oportunidade de reunir os vários exércitos. O truque era esse, refletiu Arthur. Tinha de os derrotar à vez até que a Península fosse libertada. Por outro lado, não se atrevia a que o seu exército sofresse um único revés.

Estava à frente do maior exército britânico em campo e havia muitos na pátria que punham em causa a validade de sustentar tal força na Península, longe dos campos de batalha cruciais da Europa Central, onde os homens de Arthur poderiam ser mais bem empregues. Ele discordava. Era melhor usar os valiosos soldados britânicos conde tivessem a oportunidade de desequilibrar as coisas. Mesmo assim, os líderes políticos de Arthur tinham-se mostrado relutantes em permitir que ele corresse riscos. Pelo menos assim fora até à vitória no Porto. Nessa altura, os políticos, numa das suas atitudes normais, tinham mudado num abrir e fechar de olhos, de uma pose cautelosa para o oportunismo.

Antes do Porto, Arthur estivera proibido de entrar em Espanha sem autorização específica do governo britânico. Agora que a notícia da vitória chegara a Londres, a par do relatório de Arthur quanto à perseguição levada a cabo a Soult até à fronteira espanhola, o primeiro-ministro enviara-lhe um mensageiro para lhe transmitir o mais profundo desapontamento por Arthur não ter levado o êxito até ao fim. O primeiro-ministro incitava agora Arthur a invadir Espanha, tomar Madrid e expulsar os franceses.

Arthur ouviu passos a aproximar-se da mesa e ergueu o olhar, vendo o seu ajudante de campo principal a dirigir-se na sua direção. Lorde Fitzroy Somerset era um jovem bem-apessoado, mas ao contrário de muitos dos outros jovens oficiais no exército, dedicava-se aos seus deveres com um alto nível de organização e de inteligência. Provara ser um membro valioso da pequena equipa de oficiais próximos de Arthur e o general começara a depender dele e, a espaços, a procurar a sua opinião.

— Bom-dia, *sir*. — Somerset sorriu, entregando um pequeno maço de cartas.

— Deixe-as aí, ao canto da mesa. Pode tratar delas daqui a pouco. Por agora leia isto. — Arthur empurrou até Somerset o despacho que estivera a ler, enquanto este puxava de um banco para se sentar.

Somerset agarrou no documento e leu-o rapidamente, com a expressão a assumir um franzir de cenho irritado enquanto o olhar percorria o texto. Olhou para cima ao baixar a carta.

— Ele deve estar a brincar.

— Só se for às minhas custas — resmungou Arthur.

— *Sir*, isto é ridículo. Eles sentem o cheiro da vitória e depois pedem o impossível.

Arthur suspirou.

— Tem razão, é claro. É impossível. Temos praticamente vinte e cinco mil homens armados, e outros quinze, se contarmos com Beresford e os soldados portugueses. José Bonaparte deverá ter cerca de um quarto de milhão de homens contra nós. É verdade que

grande parte do inimigo está fechado em guarnições, mas mesmo assim é preciso marchar até eles para os destruir, e qualquer cerco é sempre dispendioso. — Fez uma breve pausa. — Por falar em custos, parece que o tesouro de sua majestade se recusou a enviar-me as quatrocentas mil libras que pedi para nos financiar as operações. Dizem-me que decidiram que as cento e vinte mil que já foram enviadas são suficientes para o futuro previsível. Isso mal cobre as dívidas atuais.

— Pelo menos essas vão poder ser pagas em breve, *sir* — retorquiu Somerset, enquanto começava a abrir e a ler os despachos da manhã. — Assim que Cradock regresse de Cádis.

Arthur aquiesceu. Cradock era um dos seus oficiais superiores, a quem fora confiado mais de cem mil libras de minério capturado que deveria ser convertido em moeda portuguesa. Era esperado a qualquer momento, e assim que o dinheiro estivesse na arca do exército, Arthur poderia mais uma vez liderar os seus homens contra os franceses e entrar em Espanha. A junta espanhola, o governo que se opunha ao regime de José Bonaparte em Madrid, oferecera-se para colaborar com os britânicos e Arthur deveria aliar-se ao general Cuesta a ocidente da capital. O aliado britânico prometia fornecer grandes quantidades de alimentos e munições ao exército dos casacas-vermelhas que marchariam em seu auxílio. O governo português prometera muito a Arthur e oferecera pouco, e ele receava que o mesmo se viesse a passar com os espanhóis.

Somerset pigarreou enquanto percorria uma longa lista de nomes numa folha de papel.

— Mais más notícias, *sir*. Pelo menos duas dezenas dos nossos oficiais pediram para serem destacados para o exército português.

Arthur sentiu um aperto no coração com a informação.

— Quantos já são?

Somerset fez uma breve pausa para pensar.

— Já devem ser mais de cem.

A escassez de suprimentos não era a única dificuldade enfrentada pelo exército, meditou Arthur, pesaroso. Os homens estavam com o moral elevado, apesar da frustração de ver Soult a fugir quando chegaram à fronteira, mas o estado de espírito entre os oficiais era muito menos encorajador. Num exército em que as comissões eram compradas e vendidas como qualquer outro bem, quem não tinha uma fortuna familiar, ou acesso a empréstimos avultados, estava habitualmente destinado a passar toda a carreira como oficial subalterno. Assim sendo, pouco surpreendia que muitos deles pedissem transferência para o exército português, onde tinham a certeza de uma promoção rápida e de melhor soldo. Beresford, encarregue do treino e da liderança do exército português, já fora promovido para marechal, sendo tecnicamente superior do próprio Arthur. Era frustrante perder bons oficiais dessa forma, mas pelo menos iriam ajudar a melhorar o desempenho dos aliados da Grã-Bretanha. Além disso, Arthur não era capaz de sentir rancor pelos infelizes oficiais sem posses para

comprar uma melhor posição no exército britânico. Se pelo menos alguns dos seus subordinados mais incompetentes pudessem ser levados a assumir as cores de Portugal a par dos outros, meditou brevemente Arthur.

Aquiesceu penosamente.

— Muito bem. Os requerimentos que sejam aprovados em meu nome. Depois envie um memorando ao Ministério da Guerra a informá-los das vagas relevantes nas nossas fileiras.

— Sim, meu general. — Somerset continuou a tratar da papelada daquela manhã até que fez uma pausa ao encontrar um pequeno maço de cartas endereçadas numa letra impecável. Pigarreou e ergueu o maço. — Correspondência de *Lady* Wellesley, *sir*.

Arthur ergueu brevemente os olhos.

— Junte-a ao resto. Trato disso quando tiver tempo.

Somerset ficou em silêncio por um instante, como se pretendesse acrescentar mais algum comentário, e depois pousou o maço no tabuleiro de madeira reservado a papéis de baixa prioridade. Arthur sentiu uma pontada de irritação com a censura implícita do ajudante de campo. Afinal de contas, tinha um exército para comandar, com todos os deveres associados ao cargo. A esposa estava em Londres, numa casa confortável, rodeada de criados. No entanto, Kitty fazia questão de o arrastar para as decisões sobre as questões mais mesquinhas da gestão doméstica. Embora considerasse divertidas as notícias dos amigos, da família e da sociedade, Arthur ficava consternado quando Kitty se dedicava às questões mais abrangentes que lhe consumiam os pensamentos: como acabar com os serviços de uma criada difícil, ou incompetente, ou se deveria decorar uma divisão, ou a mais recente opção quanto às escolas para os filhos, mesmo sendo estes pouco mais do que bebés. Apesar dos esforços delicados para a encorajar a assumir as responsabilidades pelos assuntos familiares enquanto ele se encontrava ausente na campanha, até ao momento ela provara ter pouca fé na sua capacidade de o fazer. No íntimo, isso enfurecia Arthur, tal como acontecia quando um dos oficiais não era capaz de mostrar a iniciativa inerente à patente e às responsabilidades. Ocorreu-lhe que uma esposa e um subordinado talvez não fossem exatamente a mesma coisa, mas ignorou o assunto. Uma esposa tinha deveres, tal como um homem, e devia ser avaliada pela competência que mostrava a cumpri-los.

Aceitava que o casamento com Kitty fora um erro. Contudo, o passo fora dado, embora por um sem-fim de motivos errados, salvo um: antes de partir para a Índia, tinha dado a sua palavra de que se casaria com ela. Kitty esperara por ele e por isso Arthur casara-se, embora a aparência e o encanto da juventude há muito tivessem desaparecido. Agora, sinceramente, estava satisfeito por se encontrar longe dela.

Ao afastar Kitty do pensamento, Arthur avistou movimento na outra margem do rio. Um pequeno comboio de carroças serpenteava por entre as oliveiras em direção à ponte que cruzava o Tejo. Uma fina camada de poeira estava suspensa sobre os carros no seu percurso

ruidoso ao longo da estrada grosseira. Dois esquadrões de cavalaria escoltavam o comboio, um à frente e outro a guardar a retaguarda.

— Somerset.

— *Sir*?

— Está a ver aqueles carros, na outra margem, a aproximarem-se da ponte?

Somerset olhou na direção indicada.

— Sim, meu general.

— Vá lá abaixo e veja se é o Cradock. Se for, ele que venha imediatamente ter comigo.

— Sim, meu general. — Somerset pousou o documento que estava a ler, fez continência e dirigiu-se à zona dos cavalos, onde várias montadas aguardavam à sombra de alguns cedros, a cauda a afugentar as moscas que zumbiam à volta deles numa nuvem constante. Soltou as rédeas e içou-se para a sela do cavalo mais próximo, levando-o depois para o carreiro que descia até à ponte.

Enquanto esperava, Arthur puxou para si uma folha em branco e pegou numa pena. Fez uma pausa momentânea enquanto ordenava os argumentos necessários para tentar obter mais dinheiro e homens do governo. Por mais que se esforçasse, Arthur não conseguia pensar numa forma nova de declarar o óbvio. Se os políticos em Londres pretendessem realmente vencer a guerra, nesse caso teriam de fornecer os meios para o conseguir. Se não pretendessem, então tudo o que Arthur pudesse dizer não serviria de nada para os demover do caminho para a derrota. Restava-lhe apenas expor os factos aos líderes políticos e confiar no bom senso deles. Com um suspiro profundo e fatigado, abriu a tampa do tinteiro, mergulhou a pena e começou a escrever.

— Cradock! — Arthur ergueu o olhar quando Somerset regressou com outro oficial. Baixou a pena e levantou-se da cadeira, deixando a mesa para cumprimentar o recém-chegado. A casaca curta e o bicorne de Cradock estavam cobertos de pó, que também se alojara nas rugas do rosto, fazendo-o parecer muito mais velho do que era. — É um prazer vê-lo.

Cradock fez uma continência breve e sorriu.

— E a si, *sir*.

— Como foi a viagem? — perguntou Arthur, ao que abanou a cabeça, de forma apologética. — Por Deus, mas que falta de educação. Deve estar cheio de calor e de sede. Somerset, vá ter com o estalajadeiro e ele que traga refrescos.

Somerset anuiu e afastou-se rapidamente. Arthur dirigiu a atenção a Cradock e baixou o tom de voz.

— Depois logo lhe pergunto pela viagem. Primeiro diga-me que conseguiu converter o ouro espanhol.

— Sim, meu general. Está guardado nas arcas do soldo nos carros. Embora tenha de

admitir que cem mil em ouro não compram tanta moeda portuguesa como seria de esperar.

Arthur lançou-lhe um olhar duro.

— Explique-se.

— São os cambistas, *sir*. Sabiam o quanto precisávamos de dinheiro e cobraram uma comissão um pouco mais elevada do que estávamos à espera. Fiz o que pude para conseguir o melhor negócio possível.

Arthur franziu o cenho.

— Raios os partam! Os espanhóis estão a tentar sobreviver e nós estamos a arriscar o pescoço para os tentar ajudar, e estes malditos banqueiros continuam a tentar arrebatar cada centavo que lhes passa pelas mãos. Por Deus, às vezes esquecem-se de que lado estão.

Cradock abanou a cabeça.

— Infelizmente, meu general, é bem sabido que os banqueiros são uma nação à parte, e que se danem todos os outros.

— Grande verdade — replicou Arthur. — Seja como for, e não obstante a ganância dos banqueiros, pelo menos o exército pode voltar a avançar. — Acenou com a cabeça na direção do rio, onde vinte ou trinta homens atiravam mancheias de água cintilante uns aos outros. — Vai ser bom para os homens lembrarem-se de que estamos aqui para combater os franceses e não para brincar como crianças.

Cradock olhou com anelo para o rio.

— Tem razão, *sir*, mas também é verdade que eles fizeram por merecer este prazer.

— Talvez. — Arthur franziu os lábios. — Mas temos um longo caminho à nossa frente, Cradock.

Somerset saiu da estalagem, seguido por um adolescente que trazia um tabuleiro com velhos copos lascados e uma garrafa de vinho branco. Pousou-o na mesa, curvou a cabeça e retirou-se.

Arthur fez sinal a Somerset.

— Faça as honras.

— Sim, meu general.

Somerset tirou a rolha e encheu cada copo até meio. Entregou um a Arthur e outro a Cradock. Arthur levantou o dele e sorriu.

— Cavalheiros, brindemos à morte dos franceses e ao fim da tirania!

— Isso! — concordou Cradock e os três oficiais beberam o vinho. Estava mais fresco do que Arthur esperara e imaginou que o proprietário tivesse uma adega profunda por baixo da casa. Pousou o copo com uma pancada seca e dirigiu-se a Somerset.

— Muito bem, passe a palavra a todos os oficiais superiores. O exército deve preparar-se para marchar.

— Sim, meu general. — Somerset sorriu. — Se por acaso me perguntarem, posso saber

em que direção o exército vai avançar?

— Ora, para Espanha, é claro. Em direção a Espanha, e à glória.

CAPÍTULO 4

Os primeiros dias de junho trouxeram consigo um calor renovado que fustigou as colunas do exército britânico enquanto avançavam pela estrada poeirenta em direção a Madrid. O ânimo que mantivera os soldados ao atravessarem a fronteira portuguesa em breve se desvaneceu, quando deram início à rotina exaustiva de acordar antes da alvorada para levantar acampamento e começar a marcha do dia pelas horas mais frescas da manhã. A infantaria ia avançando, vergada sob a carga que cada um transportava nas mochilas com estruturas de madeira. A cavalaria seguia oitocentos metros ao largo em cada flanco, o equipamento pessoal pendurado atrás da sela e redes de forragem compactada atravessadas sobre a maçaneta. A alguma distância à frente do exército seguia dispersa a cavalaria ligeira, atenta a sinais do inimigo e aos batedores do general Cuesta.

À medida que o Sol ia subindo acima da árida paisagem espanhola, o astro lançava um brilho quente avermelhado sobre os soldados britânicos e dotava de um tom flamejante a poeira sufocante agitada pelas botas, pelas rodas e pelos cascos. Afastado da coluna principal juntamente com a sua pequena equipa pessoal, longe o suficiente para não ser incomodado pelo pó, Arthur pensou, com um toque de divertimento, que qualquer inglês na pátria que de repente se visse transportado para Espanha não reconheceria aqueles soldados como sendo compatriotas. A maior parte dos homens deixara crescer barba e as fardas estavam puídas e remendadas, as barretinas esmurradas e profundamente deformadas. O tecido de lã vermelha com que normalmente os soldados britânicos se trajavam era quase desconhecido em Portugal e os homens tinham de se valer do material reles local, que parecia só estar disponível em castanho. Depois dos primeiros meses de campanha, os remendos improvisados das fardas e a acumulação de pó faziam com que o exército britânico parecesse estar vestido, acima de tudo, num castanho pardacento.

Ao final da manhã, o Sol atingia o auge e o brilho ofuscante parecia extirpar a cor da paisagem e criar um tremeluzir prateado no horizonte da planície que se estendia à frente do exército. Era nessa altura que os homens mais sofriam com a sede, à medida que o pó lhes secava a garganta e lhes gretava os lábios. Conscientes da necessidade de conservar a água naquele ermo árido, os sargentos e os oficiais observavam com atenção os seus homens, para garantir que não consumiam em excesso o líquido dos cantis durante a marcha do dia.

Ao meio-dia, as tropas já tinham normalmente avançado mais de vinte quilómetros, estando prontas para fazer alto e montar o acampamento. Depois de os batalhões terem recebido ordens para dispersar, os homens erguiam as tendas e os abrigos improvisados e descansavam à sombra até ao final da tarde, altura em que se aventuravam mais uma vez ao ar livre, em busca de lenha para as fogueiras e para ver se os locais tinham comida ou bebida para vender. Arthur deixara bem claro a cada soldado que não iria tolerar pilhagem.

Se fosse apanhado em flagrante, o mínimo com que poderia contar seria flagelação pública.

Ao pôr-do-sol acendiam-se as primeiras fogueiras e os homens cozinhavam um guisado com as rações comuns e qualquer caça, ou carne fresca que conseguissem comprar, sendo tudo adicionado ao grande caldeirão suspenso sobre as chamas. Depois de comerem, deixavam-se ficar sentados e conversavam. Alguns começavam a cantar, acompanhados com violino, ou flauta, à medida que a escuridão envolvia o acampamento. Depois as fogueiras eram alimentadas e os homens viravam-se para as enxergas e acomodavam-se para dormir. Quem tinha serviço de sentinela era acordado durante a noite, quando chegava a sua vez, enquanto os camaradas dormitavam, descansando até serem despertados para dar mais uma vez início ao processo — a rotina intemporal de um exército em marcha.

Enquanto os britânicos avançavam ao longo das margens do Tejo em direção a Madrid, Arthur começou a preocupar-se com a falta de notícias do general Cuesta. Depois, certo fim de dia, quando as tropas se instalaram para passar a noite a cerca de quinze quilómetros dos contrafortes da Sierra de Gredos, Somerset levou um oficial espanhol à tenda de Arthur. Passando pelas abas da entrada, o ajudante de campo fez continência.

— Com a sua permissão, *sir*, está aqui fora um mensageiro do general Cuesta.

— Ah, finalmente! — Arthur anuiu. — Ele que entre, por favor.

Somerset afastou a aba e fez sinal ao oficial que aguardava. Momentos depois, um homem baixo e trigueiro entrou e ficou sob a luz do candeeiro pendurado no poste central da tenda. Arthur e o espanhol entreolharam-se brevemente em silêncio. Arthur observou os olhos escuros e o bigode fino do indivíduo, e o trancelim elaborado que praticamente lhe cobria o casaco verde e o chapéu com borlas.

— Seja bem-vindo, cavalheiro. — Arthur curvou a cabeça. — Sou o tenente-general *Sir* Arthur Wellesley. Tenho a honra de comandar as tropas de sua majestade na Península Ibérica. — Fez um gesto na direção de Somerset. — Suponho que já conheceu o meu ajudante de campo.

O espanhol acenou brevemente com a cabeça, depois esticou a perna direita e descreveu uma vénia profunda, antes de se voltar a erguer e de falar num inglês fluente.

— Sou o general Juan O'Donoju, do Exército da Andaluzia.

Arthur ergueu uma sobrancelha.

— Por acaso disse O'Donohue?

O homem esboçou um sorriso.

— Era o nome dos meus antepassados, *sir*. Quando a família foi obrigada a deixar a Irlanda, assumimos uma forma espanhola do nome.

— Diabos me levem — resmungou Arthur, antes de se recompor. — Lamento, cavalheiro. Não esperava encontrar um irlandês como general no exército espanhol.

— Não me considero irlandês, *Sir* Arthur. Nasci em Sevilha e nunca pisei solo irlandês. Por isso, poderá ficar descansado, pois não guardo rancor quanto à forma vergonhosa como os britânicos trataram os meus antepassados.

— O quê? — Arthur lançou-lhe um olhar gelado. — Ah, percebo. Ainda bem, uma vez que somos aliados.

— Assim o deseja o fado da guerra, *sir*. — O'Donoju voltou a exibir os dentes. — Por agora.

— Aaa, sim. — Arthur tossicou. — Pois muito bem, general. Imagino que tenha uma mensagem de Cuesta que me é dirigida.

— De sua excelência, o general Gregorio García de la Cuesta, sim — corrigiu O'Donoju com grande ênfase. Fez uma breve pausa, antes de prosseguir. — O general pediu-me que lhe transmitisse o grande prazer que os seus bravos soldados terão ao lutar ao lado dos nossos aliados britânicos. Ele está certo de que juntos eliminaremos os cobardes franceses que se escondem em Madrid. Antes do fim do verão, teremos alcançado uma vitória gloriosa que será um tributo eterno à aliança entre a Espanha e a Grã-Bretanha. — O oficial espanhol fez uma breve pausa antes de concluir. — Sua excelência está deveras grato por saber que o novo aliado de Espanha o enviou e aos seus homens para reforçar o nosso exército nesta campanha.

Arthur trocou um breve olhar com Somerset antes de responder.

— Receio que sua excelência esteja mal informada quanto ao meu objetivo presente. Tenho ordens para colaborar com as forças espanholas, e não propriamente para as reforçar.

O'Donoju encolheu os ombros.

— É uma questão de formulação, *sir*. Sua excelência é o oficial superior e enviou-me para cumprimentar o seu novo subordinado.

Pelo canto do olho, Arthur viu Somerset a ficar hirto, mas conseguiu manter uma expressão neutra ao responder, num tom razoável:

— E eu, claro está, retribuo-lhe o cumprimento e anseio por trabalhar com ele para derrotar o nosso inimigo comum. Antes de alcançarmos esse objetivo, terei de conferenciar com sua excelência, para determinarmos a nossa estratégia comum. Poderei indagar quanto à sua localização atual?

O'Donoju aquiesceu.

— Sua excelência informou-me de que se encontrará consigo no forte de Miravete, perto de Almaraz, no décimo dia de julho. Conhece o forte, *sir*?

Arthur pensou por um instante.

— Não me recordo de o ter visto nos nossos mapas.

— Fica a cerca de noventa quilómetros daqui — explicou O'Donoju. — Envio-lhe um guia depois de reportar a sua excelência.

— No dia dez de julho? — interveio Somerset. — É daqui a três dias. O exército não vai conseguir marchar essa distância nesse tempo.

O'Donoju encolheu os ombros.

— São as ordens de sua excelência.

Arthur pigarreou e lançou um rápido olhar de alerta a Somerset, para que refreasse a língua.

— Diga ao general Cuesta que lá estarei. Vou levar uma escolta pequena e seguir à frente do exército. O seu guia pode encontrar-se comigo na estrada e levar-me até esse seu forte. Entretanto, ficaria grato se informasse o general…

— Sua excelência — atalhou O'Donoju. — É esse o título correto, *sir*.

— Com certeza. Por favor, informe sua excelência de que os meus homens precisam de fornecimentos de comida e munições, algo que nos foi prometido pela junta de Cádis. Imagino que sua excelência terá tomado as providências necessárias a esse respeito.

— Naturalmente. A palavra de um cavalheiro espanhol é sagrada, *sir*.

— É um prazer ouvir tal coisa. Muito bem. — A voz de Arthur adotou um tom afável. — Depreendo que vá passar a noite connosco. Somerset pode acompanhá-lo à messe dos oficiais e providenciar-lhe uma cama.

— Lamento, mas não poderei desfrutar da vossa hospitalidade, *sir*. Devo regressar de imediato.

— Às escuras?

— Conheço bem a estrada, *sir*. Serei capaz de evitar com facilidade quaisquer patrulhas inimigas.

— Como queira. Voltaremos a ver-nos dia dez.

Trocaram uma vénia, após o que O'Donoju deixou a tenda, sendo acompanhado ao cavalo por Somerset. Arthur chegou-se à frente na cadeira, cruzou as mãos como apoio para o queixo e deixou-se fitar a parede de lona da tenda à frente da mesa de campanha. Tinha ordens para colaborar com os espanhóis, mas não foi capaz de reprimir um certo grau de ansiedade ante a perspetiva de depender da promessa feita por eles de suprir o seu exército. Quando Somerset regressou à tenda, Arthur endireitou-se no lugar e suspirou profundamente.

— O que lhe parece, este nosso amigo espanhol?

Somerset alinhavou rapidamente uma resposta ponderada.

— Parece ansioso por levar os combates até ao inimigo, *sir*.

— Talvez assim seja. — Arthur esfregou a testa. — O que é facto é que os nossos aliados espanhóis não conseguiram ainda grandes vitórias contra os franceses. O próprio Cuesta foi bastante fustigado em Medellin, em abril. Bem, se juntarmos as nossas forças, devemos conseguir estar à altura do inimigo. Os últimos relatórios dizem que as tropas do marechal Victor estão a defender os acessos a Madrid. Segundo consta, ele tem pouco mais de vinte

mil homens. A ser verdade, se nos juntarmos a Cuesta, ficaremos com uma superioridade numérica de dois para um. Isso deve chegar para nos garantir uma vitória contra Victor.

Somerset meneou a cabeça.

— Espero bem que sim, *sir*. Desde que o general Cuesta saiba o que está a fazer.

Arthur encolheu os ombros.

— Bem, só estarei em posição de o julgar quando conhecer o indivíduo. — Fez uma pausa. — Lamento. Queria dizer sua excelência.

Somerset riu-se por uns instantes antes de perguntar:

— Pretende aceitar a exigência de Cuesta de comandar as nossas forças combinadas?

Arthur arregalou os olhos.

— Deus do Céu, homem, mas será que perdeu o juízo? É claro que não. Temos um inimigo em comum, nada mais. Sou eu que comando este exército, nunca Cuesta. O facto de nos encontrarmos aqui na Península Ibérica deve-se aos interesses britânicos na guerra. De momento será útil apoiar os espanhóis, mas não lhes passámos um cheque em branco. Quanto a isso, pode ficar descansado.

— Sim, meu general. — Somerset pareceu ficar aliviado.

— Muito bem, a interrupção chegou ao fim. — Arthur apontou para a papelada espalhada em cima da mesa. — Vamos terminar o que temos a fazer e descansar um pouco. Desconfio que nos fará muita falta nos dias que se avizinham.

Arthur permanecia na sela em silêncio. Atrás dele, os trinta cavaleiros da sua escolta fizeram alto, com ordens para não fazerem o mais pequeno som enquanto aguardavam nas trevas pelo regresso do guia espanhol. Juntara-se às tropas nessa manhã. Depois de apresentar as credenciais do general O'Donoju, fora escoltado até à presença de Arthur. O guia era um jovem camponês, vestido com um justilho grosseiro e camisa e calças imundas. Envergava um chapéu largo de palha e montava uma mula cercada por uma nuvem rodopiante de insetos. O rapaz só falava meia dúzia de palavras em inglês e Arthur vira-se obrigado a chamar um dos oficiais com conhecimentos de castelhano para servir de intérprete. Apesar de ter prometido ser capaz de levar Arthur até ao forte, o jovem perdera-se no lusco-fusco e o pequeno grupo fora levado por um carreiro atrás do outro até às colinas, antes de regressar e percorrer novo caminho. O mapa que Arthur levara consigo era inútil, com poucos pormenores fidedignos além do curso do rio e das vilas e aldeias que pontuavam a rota para Madrid.

Ouviu-se um súbito raspar no saibro do carreiro mais à frente e Arthur sentiu os músculos a ficarem tensos. A montada sentiu a alteração e ergueu a cabeça, de orelhas a estremecer. O som fez-se ouvir mais uma vez, parou e depois uma voz baixa chamou das sombras:

— Inglês… Inglês, onde estar?

Arthur sentiu a tensão a deixar-lhe os músculos tão repentinamente como se tinha instalado.

— Aqui!

O guia estalou a língua e bateu com uma cana na anca da mula. Avançou um pouco e parou a curta distância de Arthur.

— Encontrar forte! Vir. Por aqui.

— Tem a certeza?

— Vir, vir.

Arthur levantou a mão para deter o guia e virou-se para a coluna.

— Tenente, ficaria muito agradecido se pudesse traduzir.

Quando o oficial dos dragões se aproximou, Arthur fez sinal com a cabeça na direção do guia.

— Pergunte-lhe se desta vez tem a certeza de ter encontrado o caminho certo.

Seguiu-se uma breve troca antes que o tenente se virasse para Arthur.

— Diz que sim. Também diz que o general Cuesta não está satisfeito por se ter atrasado para o encontro combinado.

— A sério? Se nos tivesse fornecido um guia adequado, em vez deste palerma, talvez já lá estivesse há muito tempo… Não, não traduza isso, seu idiota. Diga-lhe apenas que nos leve ao forte sem mais delongas.

O jovem fez sinal a Arthur e virou a mula para o carreiro. Antes de perder o guia de vista, Arthur fez o cavalo iniciar a marcha. O caminho serpenteava entre duas colinas e depois começava a subir uma inclinação íngreme. Daí a pouco, Arthur pôde ver um brilho no cimo da encosta e depois, quando o carreiro se tornou plano, avistou as muralhas de um antigo forte à sua frente, bastante iluminado pelos archotes que tremeluziam nas ameias. Enquanto o guia os levava em direção ao portão, Arthur viu que uma companhia de soldados se formara de ambos os lados do carreiro, os mosquetes apoiados no ombro enquanto aguardavam. Uma figura a cavalo observava e esperava à frente do portão. O homem bradou uma ordem sobre o ombro e a agitação intensificou-se dentro do forte, com os homens a correr para assumir posições. Arthur reconheceu o oficial como sendo o general O'Donoju e fez continência ao aproximar-se.

A espada de O'Donoju raspou na bainha e os soldados, que Arthur se apercebeu serem uma guarda de honra, avançaram um pé e apresentaram os mosquetes para receber o general inglês.

Arthur fez uma breve vénia com a cabeça para ambos os lados e sorriu a O'Donoju.

— Muito lhe agradeço tal receção.

O espanhol encolheu os ombros.

— Há umas cinco horas que sua excelência deu ordens para o recebermos formalmente.

Arthur respirou fundo.

— Teria chegado há cinco horas se nos tivesse sido providenciado um guia que soubesse o caminho. — Arthur apontou para o rapaz, que exibiu um sorriso inseguro enquanto os dois oficiais conversavam em inglês.

O'Donoju olhou para o jovem.

— Ele disse conhecer bem a zona. Mentiu e vai ser flagelado.

— Não há necessidade. A culpa é do homem que o contratou.

O espanhol ficou hirto com a indignação e depois respondeu:

— Irei castigar todos os que eu considerar responsáveis, *señor*. Agora, se fizer a gentileza de me seguir, vou levá-lo à presença de sua excelência.

Sem esperar por resposta, deu meia-volta à montada magra e atravessou a trote o portão do forte, enquanto Arthur deixou a escolta entre as fileiras de soldados espanhóis. Observou-os com atenção à luz tremeluzente dos archotes na muralha. Pareciam estar bem treinados, mas tinham um ar magro e esfomeado, as fardas estavam puídas e sujas, e os canos e baionetas de muitos mosquetes exibiam manchas de ferrugem.

Os cascos dos cavalos ecoaram nas paredes da entrada em arco e Arthur saiu para o pátio do forte. Em três lados da área pavimentada alinhavam-se soldados, com uma abertura diretamente oposta ao portão, onde degraus subiam para a zona interior. À frente dos degraus reunia-se um grupo de oficiais de fardas garridas e, perante estes, um oficial volumoso, com um grande excesso de peso, aguardava a cavalo. O casaco da farda parecia tão atulhado de decorações com joias, medalhas e cordão dourado que Arthur se viu obrigado a interrogar-se como seria a montada capaz de suportar tal fardo. De cada lado do cavalo estava um homem, agarrando com firmeza as botas do cavaleiro. Arthur percebeu que ali se encontravam para o manter no seu lugar e impedir que caísse da sela.

Alguém bradou uma ordem e os soldados ficaram em sentido e apresentaram os mosquetes. Um olhar rápido mostrou que aqueles homens se encontravam na mesma condição lamentável que os que estavam do lado de fora do portão. Arthur gesticulou ao tenente para que a escolta fizesse alto e cruzou sozinho o pátio, detendo o cavalo a pouca distância à frente do outro homem. O'Donoju dera a volta à montada e estava agora ao lado do comandante, pronto para servir de intérprete.

Arthur pigarreou.

— Sou *Sir* Arthur Wellesley, comandante do exército de sua majestade na Península Ibérica. Imagino que me esteja a dirigir a sua excelência, o general Cuesta?

O homem anuiu a cabeça pesada e falou brevemente:

— Sua excelência deseja saber porque se atrasou, *Sir* Arthur — disse O'Donoju.

— Sabe bem porquê, mas basta que diga a sua excelência que nos perdemos na escuridão.

Os lábios de Cuesta ergueram-se num sorriso escarninho enquanto falou com o intérprete.

— Sua excelência espera que não seja hábito orientar os seus homens na direção errada.

— Garanta-lhe que tal não voltará a acontecer e que espero que a partir de agora possamos levar os nossos homens na direção da vitória.

A resposta pareceu satisfazer o velho oficial, que Arthur imaginou dever estar pelo menos na casa dos sessenta anos de idade. Resmungou na direção de O'Donoju e depois atirou uma ordem aos dois homens que o seguravam. Começaram de imediato a ajudá-lo a descer da sela com muito esforço, enquanto O'Donoju curvou a cabeça na direção de Arthur.

— Sua excelência vai aguardar por si no gabinete dele, enquanto *Sir* Arthur vai ser apresentado ao estado-maior.

Arthur relanceou os olhos para a multidão de oficiais.

— O quê? A todos eles?

O'Donoju sorriu e fez sinal a Arthur para que se dirigisse ao primeiro dos homens à espera. Enquanto o general Cuesta era levado pelos degraus até à torre de menagem, Arthur começou a trocar vénias com uma série de coronéis e generais, cada um dotado de uma longa lista de títulos e honrarias. Arthur aguentou mais um pouco, até que se inclinou para O'Donoju e disse baixinho:

— Escute, uma vez que já é tarde e temos muito a discutir, será que podemos dispensar o título completo de cada homem e limitar-nos ao nome e à patente?

As sobrancelhas do espanhol uniram-se por um instante, antes de finalmente responder:

— Como desejar, *sir*. Vamos abandonar as cortesias habituais a bem da brevidade.

Arthur sorriu.

— Será um gesto bastante apreciado.

Assim que o derradeiro oficial foi apresentado, Arthur seguiu o anfitrião degraus acima, até à torre. Quando foram levados até ao gabinete do general Cuesta, Arthur viu o comandante espanhol sentado num divã. À frente dele, aberto no chão e preso com garrafas de vinho, estava um mapa de Espanha. Um dos ordenanças de Cuesta trouxe uma cadeira para Arthur, que se instalou no lado oposto do mapa. O'Donoju assumiu a sua posição ao lado do divã e traduziu o primeiro comentário de Cuesta.

— Sua excelência espera que tenha ficado impressionado com os soldados em parada no pátio. Representam o melhor batalhão do nosso exército.

— A sério? Deus do Céu… — Arthur obrigou-se rapidamente a sorrir. — Sem dúvida, há muito tempo que não via um pelotão de tamanha qualidade.

O comentário pareceu ser apreciado e Cuesta prosseguiu:

— Sua excelência deseja que una os seus soldados aos dele e que marchem diretamente sobre Madrid.

— Ah, sim, uma ambição louvável, mas por certo teremos de preparar o terreno com antecedência. Sugiro que antes sequer de podermos pensar nisso, será essencial eliminar as

forças inimigas dos acessos a Madrid, para o caso de sermos obrigados a retirar.

Cuesta abanou a cabeça.

— Sua excelência não concorda. Ele diz que temos de ser ousados e atacar o centro do inimigo. Ele diz que o coração dos nossos soldados arde com um fogo patriótico, algo que só pode ser saciado com o sangue dos franceses.

— Entendo. Diga-lhe que admiro bastante o fervor patriótico demonstrado, mas esse fervor terá de ser equilibrado com a realidade da situação. As minhas fontes informam-me de que o caminho para Madrid está protegido pelo marechal Victor e o seu exército. Seria assisado que o atacássemos enquanto estiver em inferioridade numérica em relação às nossas forças combinadas, não acha?

Cuesta pensou um pouco e anuiu.

— Assim sendo, sugiro que nos juntemos em… — Arthur inclinou-se sobre o mapa e viu que carecia profundamente de pormenores. O Tejo estava assinalado, bem como a estrada que o acompanhava, a par de mais algumas características topográficas. — Aqui. Em Oropesa, daqui a dez dias. Sua excelência será capaz de levar o exército até lá pela data marcada?

— É claro. O exército espanhol marcha tão velozmente como qualquer outro.

— É um prazer ouvir isso. — Arthur reclinou-se na cadeira. — Ora bem, a junta em Cádis disse-me que sua excelência recebeu ordens para fornecer provisões aos meus soldados.

Cuesta franziu o cenho à medida que as palavras iam sendo traduzidas.

— Sua excelência não é obrigada a acatar as ordens da junta — transmitiu O'Donoju. — Mesmo assim, ele providenciará tudo o que for necessário aos seus soldados.

— Fico muito grato. Será que ele poderá dizer-me onde e quando receberemos os suprimentos?

Cuesta levantou as mãos e encolheu os ombros ao responder a O'Donoju.

— Sua excelência diz que os elementos do estado-maior vão tratar do assunto. Assim que os fornecimentos estiverem preparados, ser-lhe-á enviada uma mensagem.

Arthur tufou as faces.

— Seria uma grande ajuda para a colaboração entre os nossos exércitos se me fosse transmitida uma data e uma altura concretas.

— Isso não é possível. Mas sua excelência diz que não terá de recear a fome. Ele dá-lhe a sua palavra de que as necessidades serão satisfeitas.

Arthur fitou Cuesta por um instante. O ouro do exército britânico estava quase esgotado. Numa questão de dias ver-se-ia obrigado a cortar as rações. Dali a uma semana não haveria nada para comer. Estava dependente de Cuesta. O homem dera-lhe a sua palavra, e isso teria de bastar. Afinal de contas, o que teriam os espanhóis a ganhar se fizessem os aliados passar fome?

— Muito bem. Vou avançar até Oropesa e encontro-me aí com sua excelência. Entretanto aguardo instruções quanto aos suprimentos prometidos. Se estamos entendidos, receio ter de partir para me juntar aos meus homens. Não vale a pena desperdiçar tempo a chegar a Oropesa e à vitória subsequente.

Cuesta aquiesceu e estalou os dedos.

— Sua excelência vai fornecer-lhe um guia que o oriente e à sua escolta até à estrada principal.

Arthur levantou a mão.

— Diga-lhe que agradeço, mas seremos capazes de encontrar o caminho.

— Como desejar.

Arthur levantou-se da cadeira e fez uma vénia a Cuesta, que respondeu com um breve menear da cabeça, após o que deu meia-volta para deixar o gabinete e regressar à escolta que o aguardava no exterior. Enquanto descia os degraus, Arthur olhou para os oficiais e para os soldados espanhóis à volta do pátio. Sentiu um mau presságio ante a perspetiva de colaborar com aqueles aliados na campanha que se avizinhava, com o objetivo de encontrar e esmagar o marechal Victor.

CAPÍTULO 5

Oropesa, 21 de julho de 1809

— Absolutamente nada! — protestou Arthur furiosamente com Somerset enquanto atirava ao chão o pingalim e se deixava cair na cadeira. — Nem uma carroça de suprimentos, nem sequer um carro de mão. E nada de montadas frescas para a cavalaria, nem mulas de reserva para os nossos veículos.

Fechou os olhos e respirou fundo para acalmar a irritação que sentia. Os dois exércitos tinham-se encontrado na data marcada e Arthur cavalgara de imediato até ao quartel-general espanhol para combinar a distribuição de fornecimentos aos seus soldados. Há dois dias que o exército estava a meia ração e Arthur estava determinado a que marchassem de barriga cheia para a batalha contra o marechal Victor. Quando Arthur chegou, o general Cuesta e o estado-maior estavam a almoçar. Várias mesas compridas tinham sido dispostas à sombra dos ramos de alguns carvalhos mediterrânicos. A mesa estava atulhada de borrego assado, pão acabado de cozer e garrafas de vinho. Arthur foi levado até ao lado de Cuesta, sentado num grande banco almofadado, o queixo a trabalhar furiosamente enquanto se apressava a terminar a boca cheia de carne. O general O'Donoju avistou o recém-chegado e levantou-se do banco, limpando a boca ao dirigir-se para servir de intérprete aos dois comandantes.

Arthur estava coberto de uma fina camada de pó da estrada e Cuesta apontou para a garrafa mais próxima enquanto falava.

— Sua excelência diz que deve estar com sede, depois da marcha deste dia. Convida-o a refrescar-se.

— Diga ao general Cuesta que agradeço a oferta e que tomarei uma bebida assim que ele confirme que os suprimentos que prometeu aos meus homens estão prontos para serem recolhidos.

O'Donoju não traduziu o comentário, limitando-se a encolher os ombros.

— Não há suprimentos, *sir*.

— Não há suprimentos — repetiu Arthur, com um tom pesado. — Como pode isso ser? O general Cuesta deu-me a sua palavra de que as provisões estariam aqui. Onde estão elas?

O'Donoju dirigiu-se ao comandante. Cuesta acenou as mãos num gesto desdenhoso, após o que espetou mais um pedaço de borrego com o garfo, que ergueu até à boca.

— Sua excelência diz que deu ordens aos administradores locais para que se reunissem suprimentos, mas que eles não cumpriram o combinado. Lamenta o facto e sugere que se lhe entregar ouro suficiente, ele ordenará aos melhores oficiais do estado-maior que comprem tudo o que for necessário.

Arthur olhou à volta das mesas. Apesar dos trajes elegantes, os homens que via pareciam-

lhe os últimos a quem confiaria o que restava do cofre do seu exército. Voltou-se mais uma vez para O'Donoju e abanou a cabeça.

— Não. Não vou pagar por aquilo que me foi prometido pelo meu aliado. Se o general Cuesta quiser ter os britânicos como aliados, nesse caso terá de cumprir as obrigações de um aliado. — Arthur prosseguiu, abarcando com um gesto a vastidão do vale do Tejo. — Este território é rico em campos agrícolas. Nos últimos dias marchámos por campos de plantações e por pomares repletos de fruta. Há mais do que suficiente para alimentar o meu exército.

Cuesta mastigou lentamente a nova garfada de carne e depois respondeu.

— Sua excelência diz que se assim é, porque é que os seus soldados não se serviram de suprimentos por onde passaram?

— Porque não somos os franceses — retorquiu Arthur com tanta serenidade quanto conseguiu. — Se permitisse que os meus soldados se alimentassem à vontade nas vossas terras, isso em breve representaria uma tensão profunda na aliança entre as nossas nações.

O'Donoju escutou a resposta do líder e dirigiu-se a Arthur.

— Sua excelência diz que se não se deram ao trabalho de se alimentar sozinhos, ele não vê necessidade de o fazer por vós.

— Não vou permitir que o meu exército seja visto como um bando de saqueadores. Seria melhor que o general Cuesta exigisse aos proprietários locais que entreguem aquilo de que necessito. Pelo menos isso faria com que os locais não se virassem contra nós.

— *Sir* Arthur. — O'Donoju fez um gesto na direção dos oficiais em torno da mesa. — A maior parte destes homens são proprietários locais, ou pelo menos têm laços de parentesco com eles. Não estariam dispostos a ofender os interesses da família.

Arthur sentiu-se a enfurecer perigosamente e fechou os olhos por um instante para se obrigar a permanecer calmo. Quando continuou, falou num tom baixo e duro:

— Diga-lhe que me espanta que estes homens possam agir de forma tão egoísta quando a nação está ameaçada pela tirania. Será que não existe honra entre os nobres de Espanha?

O'Donoju estava prestes a traduzir, quando Arthur lhe segurou o braço.

— Não. Não vale a pena. Não serve de nada pôr em causa a integridade do general e do seu estado-maior. Só preciso de saber as últimas informações sobre o marechal Victor.

— Victor está a menos de cinquenta quilómetros daqui — respondeu O'Donoju. — A pouca distância a leste da vila de Tavera. Assumiu uma posição defensiva atrás de um dos afluentes do Tejo.

Arthur sentiu o coração acelerar.

— Dois dias de marcha. Já recebeu reforços?

— Não. A guarnição de Madrid continua na capital, ou pelo menos assim era, segundo as últimas informações.

— Nesse caso, Victor tem cerca de vinte mil soldados em campo. Eu tenho quase o mesmo. Qual é a vossa força atual?

— Vinte e oito mil soldados de infantaria e seis mil cavaleiros.

— Nesse caso, por Deus, já o temos! — Arthur sorriu. — É provável que os franceses não saibam que o meu exército se encontra aqui. Se conseguirmos atacar Victor antes que ele possa retirar, ou antes de receber reforços, seremos capazes de o derrotar. Diga ao seu general que não há tempo a perder. Temos de partir para leste assim que possível. Podemos atacá-lo em conjunto na manhã de vinte e três.

Cuesta ouviu a tradução e pensou por um instante, antes de anuir e de responder a O'Donoju.

— Está decidido. Atacaremos o marechal Victor daqui a dois dias. Sua excelência diz que se podem servir dos suprimentos franceses depois de a batalha ser ganha.

De regresso ao seu quartel-general, num pequeno celeiro nos arredores de Oropesa, Arthur abriu os olhos e dirigiu a atenção a Somerset. Explicou a intenção de atacar o marechal Victor e pediu quaisquer mapas que apresentassem Talavera e os terrenos a leste da vila. Com o mapa aberto em cima da mesa de campanha, Arthur bateu com o dedo na linha que marcava o curso do rio Alberche.

— Aqui. É aqui que ele está. É aqui que o vamos apanhar com os nossos amigos espanhóis. Quero a informação transmitida a todos os comandantes de brigada. Daremos início ao combate com o inimigo daqui a dois dias. Estaremos em superioridade de quase três para um. Os homens que fiquem a saber que depois de capturarmos os suprimentos do inimigo, vamos deixar de ser obrigados a apertar o cinto. Imagino que isso os deixe satisfeitos.

— Sim, meu general. — Somerset aquiesceu. — Desde que o marechal Victor mantenha a posição e não decida retirar.

— Porque haveria de o fazer? — Arthur sorriu. — Neste momento ele parte do princípio de que a oposição vem do general Cuesta. De certeza que Victor considera que os seus vinte mil homens são mais do que suficientes para enfrentar os trinta de Cuesta. Vai agradecer uma batalha. Com um pouco de sorte, ele não faz ideia de que juntámos as nossas forças às de Cuesta. Creio que o marechal Victor vai ter a maior surpresa da vida dele.

— Espero que tenha razão, *sir* — retorquiu Somerset. — Pois receio que se não ficarmos com os suprimentos de Victor, os nossos soldados podem morrer à fome antes de verem Madrid.

Uma estreita fatia de Lua pairava no céu estrelado e, à luz ténue, Arthur observou as fileiras dos seus homens, visíveis como sendo as características mais uniformes de uma paisagem composta por pouco mais do que sombras escuras. A única centelha de cor vinha do

tremeluzir das fogueiras do acampamento do outro lado do rio Alberche, que marcava os piquetes franceses. Arthur sentiu o coração encher-se de satisfação ao perceber que tinham conseguido aproximar-se do marechal Victor sem que este tivesse noção do perigo. Talvez tivesse subestimado os aliados espanhóis, refletiu Arthur. Na sequência do encontro em Oropesa, os dois exércitos tinham avançado em paralelo e feito um bom tempo na aproximação da posição inimiga. Com o cair da noite, Arthur levara os britânicos pelos últimos quilómetros até assumirem posição no lado oposto ao flanco direito do inimigo. Ao mesmo tempo, o general Cuesta iria avançar em direção ao outro flanco e estabelecer o quartel-general numa pequena estalagem em Salcidas. Os dois exércitos estariam em posição às duas da madrugada e Arthur concedera a Cuesta a honra de dar início ao ataque. Três tiros de canhão seriam o sinal para a abertura das hostilidades.

Ouviu-se o matraquear de cascos quando Somerset chegou com o relatório.

— Os homens estão todos em posição, *sir*. Os canhões foram dispostos a cobrir os vaus. O general Hill manda os cumprimentos e diz que a Segunda Divisão está impaciente.

Arthur sorriu.

— Excelente. — Puxou do relógio, aproximou-o do rosto e semicerrou os olhos para distinguir os ponteiros. — Passa um pouco da meia-noite. Envie uma mensagem a Cuesta e diga-lhe que estamos prontos e à espera do sinal. Ele que confirme que tem o exército em posição. Não quero que os nossos homens enfrentem sozinhos as forças do marechal Victor.

— Sim, meu general.

— Ah, e diga-lhe que toda a Espanha irá regozijar-se com a vitória de hoje e que o nome de Cuesta será para sempre recordado no coração do seu povo.

Somerset deixou-se ficar em silêncio por um instante.

— Isso não será um pouco de vanglória, *sir*?

— É claro, mas valerá a pena se ajudar o velhote a entrar em ação.

— Sim, meu general. Enviarei de imediato a mensagem.

— Obrigado, Somerset.

Quando o ajudante de campo se afastou, Arthur voltou a observar as linhas dos seus soldados e mais uma vez recordou o terreno que vira ao fim da tarde, quando avançara a cavalo com um casaco castanho simples e um chapéu de abas largas, para inspecionar os contornos das redondezas. Deixando a pequena escolta oculta numa pequena plantação de oliveiras, aproximara-se da margem do rio e trotara descontraidamente até ao ponto onde se encontrava com o Tejo. As sentinelas francesas do outro lado tinham-no visto, mas não prestaram grande atenção ao cavaleiro solitário. Assim que identificou a localização de alguns dos vaus, bem como a melhor forma de os abordar sem ser detetado, Arthur regressou ao seu exército e desenvolveu o plano de ataque.

Agora, no ar fresco da noite, tudo estava calmo e silencioso. Era difícil acreditar que

quase vinte mil soldados estavam prontos para lutar. Naquele momento estariam com as suas companhias, os mosquetes descarregados a seu lado. Ninguém falava, pois tinham sido dadas ordens para que esperassem em silêncio absoluto, para não alertar o inimigo da sua presença. Os cabos e os sargentos percorriam calmamente as fileiras, prontos a abordar quem quer que dissesse uma palavra que fosse. Algures, a cavalaria estaria junto às montadas, e exceto o ocasional raspar de cascos e o leve relinchar, também eles aguardavam numa antecipação sossegada. Os artilheiros, ainda cansados e suados do esforço de colocar as peças em posição de forma tão silenciosa quanto possível, empilhavam as munições perto dos canhões e carregavam cuidadosamente a primeira salva. Para a maior parte dos soldados, a espera era intolerável, já que cada som e cada movimento nas sombras pareciam ameaçadores e afetava-lhes os nervos. Apenas um punhado de veteranos fatalistas, e um pequeno número de soldados que tinham conseguido suprimir os nervos graças ao consumo discreto de álcool, esperavam calmamente.

Quando Arthur voltou a confirmar o relógio, tinha passado meia hora. Estalou a língua e orientou o cavalo para o flanco direito, para onde avançou, fazendo uma pausa a espaços para trocar cumprimentos breves com os oficiais e para lhes oferecer algumas palavras de encorajamento. Quando Arthur chegou ao fim da linha de combate, ainda não havia sinal do ordenança que fora enviado em busca do general Cuesta. Deteve o cavalo e esforçou os olhos, na tentativa de avistar algum sinal de movimento na direção de Salcidas, mas não havia luz suficiente para distinguir fosse o que fosse, além de pormenores vagos.

— Raios partam, onde está ele? — resmungou Arthur. — Será que o idiota se perdeu?

— Duvido, *sir* — replicou Somerset. — Escolhi um homem competente para entregar a mensagem. O alferes Davidson tinha a certeza de conhecer bem o terreno. — Fez uma breve pausa. — É possível que o general Cuesta ainda não esteja em posição.

Arthur virou-se para o ajudante de campo.

— Por Deus, acho bem que esteja errado, Somerset. O general Cuesta teria de ser um perfeito idiota para desperdiçar uma oportunidade destas.

Ainda fez menção de continuar quando os dois homens ouviram o ressoar distante de cascos e se viraram para perscrutar a noite. Uma figura a cavalo emergiu das sombras.

— É nosso? — murmurou Somerset.

— Só temos uma maneira de descobrir — retorquiu Arthur. Pigarreou e chamou: — Quem vem lá faz alto. Quem é?

O outro cavaleiro deteve a montada e respondeu apressadamente: — Alferes Davidson, dos Dragões Ligeiros.

— Davidson, venha cá, homem! — respondeu Arthur.

O alferes incitou o cavalo em frente e momentos depois parou diante do comandante, a quem fez continência.

— Encontrou o Cuesta?

— Não, meu general. Procurei-o em Salcidas, mas não estava lá ninguém, nem sequer as patrulhas avançadas. Por isso andei um quilómetro ou dois pelo caminho que deveria ter seguido, mas continuei sem encontrar sinais dele, *sir*. Foi quando decidi que era melhor vir dar a informação.

Arthur cerrou o maxilar com a frustração. Onde estaria o exército espanhol? Naquela altura já deveriam estar a postos para o ataque. Baixou a cabeça por um momento e pensou. Mesmo que Cuesta continuasse a dirigir-se a Salcidas, não estaria pronto senão dali a pelo menos três horas. Isso implicaria atrasar o ataque até às quatro da madrugada. Continuaria a ser escuro e teriam ainda a oportunidade de surpreender os homens do marechal Victor no acampamento. Arthur ergueu a cabeça.

— Davidson, quero que volte e tente encontrar Cuesta. Diga-lhe que decidi atrasar o ataque até às quatro. Ainda tem de dar o sinal combinado. Ele que perceba que se pretendemos ter êxito, terá de agir com alguma urgência.

— Sim, meu general. — Davidson aquiesceu.

— Vá-se lá embora.

Davidson deu meia-volta à montada e seguiu a trote à procura do exército espanhol.

Somerset deixou escapar um suspiro abatido.

— Os nossos amigos espanhóis estão a revelar-se pouco dignos de confiança, *sir*.

— Com efeito. — Arthur estava furioso e precisou de algum esforço para manter o tom neutro quando prosseguiu: — Há alturas em que penso que talvez representem um maior perigo do que os franceses. Seja como for, somos aquilo que somos, Somerset. Temos de regressar aos batalhões e dizer que fiquem à vontade durante algumas horas. Preciso deles alerta e frescos para quando os confrontos tiverem início.

Regressaram ao flanco do exército e os piquetes detiveram-nos antes de poderem passar e chegar ao posto de comando atrás do centro das linhas britânicas. Quando chegaram, um oficial correu a juntar-se a Arthur, a quem fez continência.

— Temos visitas, *sir*. O general O'Donoju e alguns elementos do estado-maior estão à sua espera, na tenda do quartel-general.

Arthur virou-se e olhou para o outeiro na pequena depressão, onde um punhado de candeeiros tremeluzia, longe da vista dos franceses.

— Ele explicou o motivo para a presença?

— Não, meu general. Perguntei-lhe, mas ele respondeu que a mensagem era para o meu general, e não para os subordinados.

— Ele disse tal coisa? — Arthur abanou a cabeça. — Venha, Somerset.

Prosseguiram encosta abaixo até à tenda e desmontaram ao lado dos cavalos espanhóis, a cargo de alguns dos ordenanças de Arthur. O'Donoju aguardava no interior, com quatro

oficiais. Levantou-se quando viu Arthur e curvou a cabeça.

— É um prazer voltar a vê-lo, general Wellesley.

— Onde está Cuesta? — atalhou Arthur. — Há horas que devia estar em Salcidas.

O'Donoju franziu o cenho ante o uso informal do nome do superior.

— Sua excelência enviou-me para que o informasse de que foi atrasado.

— Atrasado? Porquê?

O espanhol encolheu os ombros.

— Os homens demoraram a levantar acampamento. A noite está escura e eles não marcham tão depressa como durante o dia.

— Nesse caso, porque é que o seu general não teve isso em consideração e deu início à caminhada mais cedo?

— Não me atrevo a imaginar o que possa ir na mente do meu comandante, *sir*.

Arthur tufou as faces com irritação.

— Onde está ele neste momento?

— Talvez a uns cinco quilómetros a leste de Salcidas. Sua excelência diz que estará em posição de ataque pelas seis da madrugada.

— Nessa altura já terá raiado a alvorada. Os franceses vão ter noção da nossa presença e teremos perdido qualquer elemento de surpresa.

— Talvez, *sir* — contrapôs O'Donoju. — Mesmo assim, podemos continuar com o ataque. Afinal de contas, as probabilidades estão absolutamente a nosso favor.

Arthur pensou por um instante. O espanhol tinha razão. Desde que Victor não reagisse prontamente e levantasse acampamento antes do início do ataque, seria obrigado a lutar.

— Muito bem. O general Cuesta terá de dar início ao ataque às seis. Nem mais um minuto. Estamos entendidos?

O'Donoju susteve o olhar de Arthur numa espécie de desafio.

— Se for esse o desejo de sua excelência, sim. Agora despeço-me, *sir*. Tenho de regressar ao exército com os meus oficiais.

— Sim, pois tem, o mais depressa possível. Não pode haver mais atrasos.

O resto da noite passou lentamente e quando o Sol se fez ver no horizonte oriental, num brilho de um alaranjado pálido, Arthur deu ordem para que o exército se preparasse. Ao longo das fileiras, os soldados levantaram-se com dificuldade e espreguiçaram os músculos antes de começarem a formar alas. À medida que a luz foi ficando mais forte, as sentinelas francesas do outro lado avistaram as fileiras alinhadas do exército britânico e de imediato dispararam uma salva de canhão para alertar o acampamento principal.

— Lá se vai a nossa surpresa — comentou Somerset com amargura.

— Quanto a isso, não há nada a fazer — replicou Arthur. — Temos de esperar que Cuesta

dê início ao ataque antes que Victor consiga levantar acampamento.

— Meu general, o que nos impede de abrir as hostilidades por nossa conta?

Arthur virou-se para o ajudante de campo.

— Meu caro Somerset, se atacarmos com um rio de entremeio contra posições defensivas sem apoio, vamos sofrer bastante. A ponto de duvidar que pudéssemos continuar com operações ofensivas em Espanha. Seria obrigado a recuar e, se fôssemos perseguidos, atrevo-me a aventar que teríamos de repetir a fuga do general Moore para a Corunha. A Inglaterra só pode aguentar um certo número de derrotas até ser obrigada a vergar-se perante Bonaparte. — Fez uma pausa, para que as palavras surtissem o seu efeito. — Temos de esperar por Cuesta.

Agora, até os minutos pareciam arrastar-se e quando os primeiros raios brilhantes do Sol despontaram no horizonte a leste, os primeiros batalhões franceses marcharam apressadamente para cobrir os vaus, a par de várias peças de artilharia. A oportunidade de atacar estava a desaparecer rapidamente e Arthur obrigou-se a permanecer sossegado na sela, à escuta do primeiro som de canhão que marcaria o ataque de Cuesta. Pelo canto do olho viu Somerset a puxar discretamente do relógio de bolso, a olhar para ele com uma sobrancelha erguida, e depois voltar a guardá-lo no colete.

— Já agora pode dizer-me as horas — resmungou Arthur.

— Passam dez minutos das seis, *sir*.

Ambos os homens permaneceram imóveis por um momento, após o que Arthur pegou nas rédeas e deu lentamente meia-volta ao cavalo.

— O exército não se mexe até eu regressar. Se o inimigo abrir fogo, os nossos homens que recuem para lugar seguro e deixem que os canhões deles continuem com o trabalho. Entendido?

— Sim, meu general. Posso perguntar onde vai?

— À procura do Cuesta. Chegou a altura de falar sinceramente com sua excelência.

Quando Arthur o encontrou, perto de Salcidas, o general Cuesta tomava o pequeno-almoço numa grande carruagem aberta. As unidades avançadas do exército espanhol tinham pousado a equipagem e alguns já se ocupavam a percorrer a província circundante, em busca da refeição do dia. As colunas seguintes continuavam espalhadas pela estrada, envoltas no pó a ser levantado mais à frente. Arthur perdeu mais um instante a observar a cena com uma fúria gelada, antes de se aproximar de Cuesta. O comandante espanhol mirou-o, agastado. Baixou brevemente a cabeça à laia de cumprimento e chamou O'Donoju.

Arthur levou a mão à aba do chapéu.

— Bom-dia, general. Ou pelo menos teria sido, caso o combate se tivesse iniciado. Segundo creio, deveríamos ter atacado às duas da madrugada. Onde estava?

Cuesta encolheu os ombros e depois fez um comentário rápido ao tradutor.

— Sua excelência diz que pediu o impossível aos soldados. A distância era demasiado grande para ser percorrida na escuridão. O seu plano falhou.

— Não obstante, o meu exército está em posição desde a meia-noite. Depois de ter passado a noite a marchar para ocupar a posição combinada. Se os meus homens foram capazes de o fazer, porque é que os vossos soldados não? A culpa não foi do plano.

O general Cuesta lançou-se para a frente quando os comentários de Arthur lhe foram transmitidos. Apontou um dedo carnudo na direção de Arthur e deu início a uma tirada furiosa que O'Donoju teve dificuldade em acompanhar.

— Sua excelência diz que está farto das exigências que lhe faz e ao exército dele… Quem julga que é para lhe ordenar que vos entregue alimento? Para lhe dizer onde e quando deve travar as batalhas? Os ingleses são tão arrogantes quanto imaginava. Não vai suportar isto mais tempo.

— Basta! — Arthur levantou a mão. Endireitou-se totalmente na sela e meneou ao de leve a cabeça para mirar Cuesta à frente do nariz antes de prosseguir. — Agradeço que diga ao general Cuesta que nunca ouvi falar de uma situação em que um aliado tivesse sido tão maltratado. Deu-me a sua palavra de que o meu exército receberia suprimentos e, no entanto, os meus homens são obrigados a marchar a meia ração graças às promessas quebradas. E agora não percebeu a oportunidade que teve de desferir um golpe humilhante contra o inimigo. Ouça-me bem, O'Donoju. Assim que o marechal Victor se aperceba de que está em inferioridade numérica, vai recuar. Digo-lhe já que os meus homens não avançam nem mais um passo em direção a Madrid até que cumpra a sua palavra e me entregue os suprimentos que me foram prometidos. Mais ainda, não irei continuar com a colaboração militar até que o general Cuesta me entregue o comando geral.

A boca de Cuesta foi-se abrindo à medida que O'Donoju traduzia. Depois, as sobrancelhas espessas uniram-se e a expressão ficou carregada. Quando ouviu o derradeiro comentário de Arthur, apresentou a sua resposta num tom de inconfundível fúria.

— Sua excelência diz que pode apodrecer aí com os seus soldados. Porque deveria alimentá-los? São parasitas. O Exército da Extremadura não precisa de vós. Podemos derrotar os franceses sozinhos. Enquanto aqui fica, sua excelência vai perseguir sozinho o marechal Victor. A glória será dele e vós ficareis a chafurdar na lama da vergonha.

Assim que o espanhol acabou, Arthur aquiesceu.

— Parece que nada mais há a dizer. Vou regressar aos meus homens e espero pelo pedido de desculpas do seu general no meu quartel-general.

Arthur estalou a língua e deu meia-volta ao cavalo, antes de avançar a trote, ansioso por deixar a presença do general Cuesta. Seria de uma imprudência profunda se Cuesta agisse sem apoio. Só um louco poderia contemplar tal modo de ação, ponderou Arthur com

amargura. Dissera o que tinha a dizer. Com um pouco de sorte haveria homens ajuizados suficientes entre os oficiais do estado-maior do general que o convencessem da tolice que seria avançar sozinho. Caso contrário, o desastre avizinhava-se e Arthur receava nada poder fazer para o evitar.

CAPÍTULO 6

Talavera, 27 de julho de 1809

Arthur observou a longa coluna de soldados espanhóis a arrastar-se vila adentro. Muitos estavam feridos e o sangue surgia por entre as ligaduras e os pensos aplicados à pressa. Centenas não traziam armas, que tinham sido descartadas ao fugirem pela estrada que vinha de Madrid. Não havia ordem, com os soldados de batalhões diferentes a fundir-se numa única fileira populosa que fugia do exército francês que os perseguia. Um punhado de peças de artilharia tinha sido salvo e acompanhava a coluna, com um esquadrão de hussardos de casacas azuis a abrir caminho à frente. Apenas se via uma mancheia de oficiais superiores a marchar com os seus homens. Os restantes tinham acompanhado o general Cuesta, que na carruagem puxada por mulas liderara a fuga até às margens do Alberche, onde decidira reunir os homens e resistir.

— Não é bonito de se ver, pois não?

Somerset abanou a cabeça.

— Um exército derrotado nunca é bonito, *sir*. O pior de tudo é que se poderia ter evitado a situação.

— É verdade — assentiu Arthur, sinceramente.

Depois de não ter conseguido empreender um ataque coordenado contra o marechal Victor, há seis dias, o general Cuesta esperara três dias antes de continuar a avançar sozinho para tentar cansar os franceses. O resultado já era previsível, meditou Arthur. A guarnição de Madrid avançara para se juntar a Victor e os franceses tinham atacado Cuesta e desbaratado o exército, fazendo-o recuar em confusão. A crise quase se transformara num desastre absoluto quando o comandante espanhol ordenara aos seus homens que dessem meia-volta e combatessem com um rio pelas costas. Ao saber disso, Arthur galopara desde o acampamento britânico nos arredores de Talavera para convencer Cuesta a recuar para uma posição menos arriscada. O velho general, ainda ofendido com a troca anterior, começara por se recusar a ouvir. Receando que a teimosia de Cuesta viesse a permitir que os franceses destruíssem ambos os exércitos à vez, Arthur engolira o orgulho e implorara a Cuesta que reconsiderasse.

Cuesta sorrira com desprezo ao dar a sua resposta através de O'Donoju.

— De joelhos, *Sir* Arthur.

Arthur não conseguiu ocultar o espanto.

— O quê?

— Sua excelência quer que lhe implore de joelhos. Já o humilhou bastante ao recusar-se a aceitar as ordens dele. Agora quer vê-lo a si humilhado.

Ao início, Arthur ficou demasiado surpreendido para reagir. Decerto aquele homem devia ser louco. Com o exército prestes a sofrer a derrota certa se ficasse onde estava, e um poderoso exército francês a escassas horas de distância, Cuesta desperdiçava tempo a ajustar contas por uma questão tão mesquinha. Pela primeira vez, Arthur apercebeu-se da extensão da vaidade, egoísmo e arrogância daquele homem. Se Arthur se recusasse a fazer o que o espanhol lhe exigia, milhares de homens iriam morrer desnecessariamente, e o exército britânico ficaria exposto no centro de Espanha, quase sem suprimentos que os mantivessem na fuga de regresso a Portugal. Engoliu o desprezo pelo general espanhol. O que interessava se sofresse um instante de humilhação, caso isso salvasse os soldados de dois exércitos?

Engoliu em seco com amargura e deixou-se cair sobre um joelho enquanto fitava os olhos zombadores de Cuesta e falava com um tom firme.

— Diga a sua excelência que lhe imploro que recue para defender Talavera com o meu exército.

A recordação daquele momento ficou gravada na alma de Arthur. Apenas era em parte vergonha; o resto era fúria e repulsa pelo aliado. Todavia, pelo menos a humilhação ganhara tempo para os soldados dos exércitos espanhol e britânico, enquanto se preparavam para dar meia-volta e enfrentar os franceses.

Arthur escolhera cuidadosamente o terreno. Entre o Tejo e as colinas íngremes da Sierra de Segurilla estendia-se uma planície acidentada. Perto das colinas havia duas cumeadas largas que criavam um vale estreito na zona mais distante, antes de voltar a subir até aos montes. Um pequeno ribeiro, chamado Portina, descia das colinas pela planície até ao Tejo e formava uma linha natural para o exército conjunto. Com os flancos protegidos pelo Tejo e pelos montes, aos aliados bastava manter a posição.

Consciente do tratamento sofrido recentemente pelos espanhóis, Arthur deixara a zona direita da linha para Cuesta. Aí, os espanhóis estariam protegidos por uma série de valas e muros que se prolongavam vindos da vila. Outras fortificações, na forma de barricadas, ou de árvores derrubadas, tinham sido construídas pelas tropas britânicas. As defesas eram resistentes quanto bastasse para deter o inimigo, podendo, por isso mesmo, ser confiadas aos soldados abalados de Cuesta. Isso deixava a parte mais exposta da linha para os britânicos.

Assim que teve a certeza de que os espanhóis estavam a ocupar as posições que lhes tinham sido destinadas, Arthur fez sinal a Somerset para que o seguisse. Avançaram a trote pela planície até à pequena força que fora enviada em direção ao rio Alberche para cobrir a retirada dos espanhóis. As torres gémeas de um antigo solar fortificado erguiam-se acima das oliveiras e dos pequenos carvalhos que cresciam ao longo da margem mais próxima do Alberche. Arthur seguiu a estrada que percorria as árvores até ao edifício. Passou por uma das brigadas espalhadas pelas árvores e cumprimentou rapidamente o comandante, o general Mackenzie, quando o viu numa clareira. Ao chegarem ao solar, Arthur viu uma série de

homens a descansar encostados às paredes, com os mosquetes empilhados, enquanto conversavam descontraidamente. Espalhados pelas árvores viam-se mais homens. Os que se encontravam mais perto da entrada do solar levantaram-se rapidamente e puseram-se em sentido assim que viram o general e o ajudante de campo a aproximar-se. Arthur desmontou e entrou.

O solar fora construído em torno de um pátio, e sentado na beira de um pequeno tanque, para onde escorria uma fonte, estava o oficial encarregue de vigiar o percurso em torno das oliveiras circundantes.

— Bom-dia, Donkin — cumprimentou Arthur enquanto se aproximava. — Como vai?

O major Donkin endireitou-se e sacudiu as migalhas de uma empada que lhe estava a servir de pequeno-almoço.

— Está tudo bem, *sir*. Ainda não há sinais dos franceses, mas os meus rapazes vão pô-los a mexer assim que aparecerem.

— É bom saber disso. — Arthur apontou para a torre mais próxima. — Venha, vamos ver o que está a acontecer.

Donkin enfiou o último pedaço de empada na boca e seguiu Arthur por uma escadaria estreita que subia no interior da torre, enquanto ia mastigando furiosamente. No cimo saíram por uma abertura estreita para uma divisão quadrada com arcadas de todos os lados, que permitiam um bom panorama sobre as oliveiras. Um quilómetro a oeste, Arthur avistou o percurso estreito do rio Alberche, e na margem mais afastada viam-se algumas nuvens em voluta de fumo, onde várias construções estavam a arder. O fumo dificultava a visão do rio nesse ponto, e Arthur olhou mais para sul, para onde a estrada de Madrid cruzava uma ponte. Nuvens de poeira indicavam o local onde as principais colunas francesas se aproximavam do rio e, com um aperto ansioso no estômago, Arthur calculou que o inimigo deveria ter cerca de cinquenta mil homens.

Apontou para os edifícios em chamas.

— O que aconteceu ali?

— Os homens de Mackenzie incendiaram as casas antes de recuarem pela minha linha.

— Porquê?

— Para evitar que os franceses as usassem como redutos, *sir*.

— E qual o objetivo disso? — censurou Arthur, com severidade. — A nossa linha fica a mais de três quilómetros do Alberche. Tudo o que ele conseguiu foi privar os locais das suas casas, e isso é algo que duvido nos venham a agradecer.

— Pois não, *sir*, imagino que não.

De repente, Arthur teve noção de movimento através do fumo distante. Uma coluna de soldados inimigos descia pela margem até ao rio, onde atravessaram e se perderam nas árvores. Dirigiu-se a Donkin.

— É melhor que os seus homens fiquem a postos. Não tarda muito, os franceses vão chegar aos piquetes.

— Piquetes? — Donkin franziu o cenho e depois pareceu alarmado.

— Deus do Céu, homem, de certeza que os mandou fazer.

— Pois, não, *sir*. Quero dizer, ainda não.

Arthur lançou um olhar gelado ao major e estava prestes a admoestá-lo pela desatenção irrefletida para com as suas obrigações quando se ouviu um grito abaixo da torre, seguido, momentos depois, pelo disparo de um mosquete entre as árvores. Alguns dos homens de Donkin puseram-se de pé de um salto e espreitaram para as oliveiras mais próximas. Ao seguir a direção do olhar dos soldados, Arthur viu figuras de casaca azul a passar rapidamente por entre as árvores. Levou a mão em concha à boca, inclinou-se sobre o parapeito e bradou aos homens de Donkin:

— Às armas! Às armas! O inimigo está aqui!

Ouviram-se mais disparos e Arthur viu línguas de chamas e bolas de fumo em três lados do solar. Um dos soldados britânicos lá em baixo curvou-se sobre si próprio e tombou ao chão com um gemido rouco. Os casacas-vermelhas mais rápidos corriam para os mosquetes empilhados, mas vários foram atingidos antes de conseguirem chegar às armas. Ouviu-se um estampido e logo abaixo do parapeito o estuque saltou da parede da torre.

— Raios partam! — Arthur recuou. — Estamos em maus lençóis, Donkin.

— Sim, meu general.

Sem dizer mais nada, Arthur desceu a escada a correr, com o som das botas a ecoar nas paredes grossas. Chegado ao fundo, correu pelo pátio e saiu à entrada principal. Ao nível do solo, a situação parecia ainda mais desesperada. Soldados avançados franceses surgiam das árvores, abatendo os homens de Donkin que não tinham oportunidade de formar fileiras, nem de procurar os oficiais, em busca de ordens. A maioria deitara-se e quem não tinha armas encolhia-se com expressões receosas, à medida que o inimigo se aproximava.

— Meu general! — Somerset agarrara as rédeas da montada de Arthur e cavalgava em direção ao comandante, mantendo-se curvado sobre a sela.

Arthur olhou em seu redor.

— Donkin, tire daqui os seus homens imediatamente. Regresse à nossa linha o melhor que puder.

— Sim, meu general! — Donkin anuiu, agachou-se e segurou o chapéu contra a cabeça, como se isso evitasse que fosse derrubado com um tiro. Não havia tempo para dizer mais nada e Arthur correu em direção a Somerset. Ao ver um alvo de luxo, os soldados avançados franceses mais próximos apontaram e dispararam. Uma bala sibilou junto à cabeça de Arthur e outra arrancou terra um metro à frente dele. Assim que chegou ao cavalo, enfiou a bota no estribo e içou-se para a sela com um ronco, aceitando as rédeas do ajudante de campo.

— Saia daqui, *sir*! — gritou Somerset, puxando uma das pistolas do coldre da sela. Baixou o olhar para garantir que o percutor estava no seu lugar e puxou o cão.

Arthur bateu com as esporas no cavalo e deu meia-volta, acelerando para um galope pela estrada que atravessava as árvores. Ao olhar para trás, viu Somerset estabilizar o cavalo, erguer a pistola e apontar. Houve um clarão e uma detonação surda, e depois Somerset voltou a guardar a arma no coldre e galopou em perseguição do general. Atrás deles, o major Donkin vociferava ordens aos soldados, para que se juntassem a ele e se dirigissem à estrada.

Mantendo a cabeça baixa, Arthur ergueu-se na sela enquanto o cavalo estrondeava pelo carreiro seco. O som dos tiros foi-se desvanecendo, mas Arthur continuou a cavalgar o mais depressa que a montada conseguia. Depois, a oitocentos metros do solar, deparou-se com o primeiro dos piquetes de Mackenzie à beira da estrada e puxou as rédeas.

— Atenção! O inimigo vem aí. Cuidado para não dispararem sobre os homens de Donkin!

Um sargento aquiesceu e fez continência, voltando-se depois para transmitir a ordem. Arthur acenou a Somerset e os dois prosseguiram a um ritmo menos desesperado até chegarem à clareira onde Mackenzie continuava sentado com alguns dos seus oficiais. Arthur parou e apontou para a estrada.

— Os franceses surpreenderam os homens de Donkin! A sua brigada que forme de imediato. Temos de os deter aqui, caso contrário vão continuar a avançar até à nossa linha principal. Tem de os rechaçar antes de se juntar ao exército.

— Sim, meu general! — Mackenzie levantou-se de imediato, bradando as suas ordens. Enquanto eram repetidas, Arthur viu figuras a sair de trás dos ramos baixos das oliveiras e a assumir as posições em cada companhia. Os sargentos percorreram cada fileira, alinhando soldados e atirando ameaças a quem se demorava a juntar aos camaradas já em formação. Os homens da brigada de Mackenzie ficaram prontos em cinco minutos, observando as árvores à sua frente, em busca de sinais dos franceses.

Arthur dirigiu-se a trote até ao lado de Mackenzie.

— Garanta que os seus homens só disparam quando tiverem a certeza de que estão a ver o inimigo. O Donkin e o que lhe resta dos soldados vão aparecer primeiro.

— Sim, meu general. — Mackenzie informou apressadamente dois oficiais e enviou-os para cada lado da linha para transmitir as ordens. Não foi preciso esperar muito. O estampido irregular dos mosquetes aproximou-se rapidamente e viram-se os primeiros soldados britânicos, alguns a ajudar os camaradas feridos, enquanto outros disparavam os mosquetes, ficando para trás para se abrigarem nas árvores, onde recarregavam e voltavam a disparar contra os perseguidores. Os primeiros soldados avançados franceses surgiram em breve, cruzando o fumo da pólvora iluminado pelos raios de Sol, que pairava no ar sossegado entre as oliveiras. Quando o último dos homens de Donkin passou pelas aberturas

na formação, Mackenzie bradou a ordem:

— Apresentar armas! Preparar para disparar!

Ouviu-se um arrastar abafado quando os homens ergueram os mosquetes e esperaram pela ordem seguinte.

— Engatilhar armas!

Um estrépito percorreu a formação enquanto os homens puxavam atrás os cães dos mosquetes carregados.

— Apontar!

Os canos ergueram-se com os soldados a apontá-los na direção dos inimigos, que tinham parado e agora estremeciam ao se confrontarem com a primeira salva.

— Fogo!

A ordem fundiu-se com os disparos de cada companhia ao longo da linha britânica. Uma nuvem densa de fumo preencheu de imediato o ar por baixo das árvores. Do seu ponto de vista mais elevado, em cima da sela, Arthur viu a saraivada de chumbo a fustigar as fileiras francesas, abatendo uma vintena de soldados e deixando outros a cambalear, enquanto folhas, ramos e casca explodiam nas árvores.

— Recarregar! — bradou Mackenzie. — Disparar por companhias!

Os franceses abalados dispararam alguns tiros apressados antes que a segunda salva britânica encontrasse os seus alvos, dando depois Mackenzie ordem para instalar as baionetas. Ouviu-se um estrépito breve quando os homens enfiaram as baionetas na ponta dos mosquetes e as giraram para as prender.

— Avançar!

A linha britânica seguiu em frente até ao fumo da pólvora que se dissipava lentamente e os soldados transformaram-se em figuras espetrais nas sombras, até que saíram do lado oposto, a meros vinte passos dos franceses mais próximos. O rosto sombrio dos casacas-vermelhas e o brilho mortífero das baionetas foram quanto bastou para que uma onda de terror mortal percorresse as alas inimigas; os primeiros recuaram, depois viraram-se e fugiram, apesar dos encorajamentos e das ameaças vociferadas pelos oficiais e pelos sargentos.

Satisfeito por Mackenzie ter o controlo da situação, Arthur suspirou de alívio e anuiu de satisfação.

— Por agora basta. Vamos, Somerset.

Deram meia-volta e cavalgaram pelo carreiro, por entre os pomares e até campo aberto. À sua frente, os exércitos aliados estavam praticamente formados entre o Tejo e as colinas, e Arthur ficou chocado com a linha britânica alongada, com apenas dois homens de profundidade, que estava pronta a manter-se firme contra os franceses, sem o apoio das defesas da zona do campo que fora entregue aos homens de Cuesta. Arthur não tinha dúvidas do local contra o qual seria lançado o grosso do ataque francês. Deixando uma pequena

força a entreter os espanhóis, o comandante francês enviaria mais de quarenta mil soldados contra os vinte mil de Arthur.

Arthur reduziu o andamento do cavalo para um passo ligeiro e contemplou a batalha que se avizinhava.

— Não é esta a batalha que eu escolheria, Somerset.

— Deveras, *sir*? — O ajudante de campo aproximou o cavalo. — A nossa posição parece forte, e os franceses não nos podem rodear. Vai ser a nossa linha contra a coluna deles, tal como em Vimeiro, e nesse dia vencemos.

— Vimeiro foi diferente. O exército de Junot não era mais forte do que o nosso. Se tivéssemos sido sobrepujados, a costa ficava a poucos quilómetros e a marinha teria coberto a costa enquanto o exército embarcava. — Arthur fez uma breve pausa. — Se os espanhóis cederem, ou se abandonarem a posição, seremos rodeados e desfeitos. Se tentarmos retirar, a cavalaria inimiga vai perseguir-nos. Os homens já estão meio mortos de fome. Se não puderem saquear, qualquer retirada vai transformar-se numa debandada. Por isso, meu caro Somerset, temos de combater e temos de vencer. Neste momento, é o único caminho que nos resta.

CAPÍTULO 7

À luz ténue da primeira hora da alvorada, Arthur fitava o leste, enquanto, coluna após coluna, o exército francês se alinhava para dar início ao ataque. O Portina dividia os dois exércitos com o seu fluxo, quase a direito, através da planície até ao Tejo. Os piquetes de ambos os lados estavam já a retirar-se, com alguns homens a trocar despedidas fatalistas com os adversários. A cena comoveu Arthur por momentos, não conseguindo o comandante deixar de se interrogar quanto à natureza de homens capazes de se mostrar tão civilizados num momento, e de buscar a destruição dos semelhantes passados alguns instantes. Sentia o corpo dorido depois de ter dormido as últimas horas no chão, tapado com a sua capa. Esticou as costas com um breve gemido enquanto analisava a disposição do inimigo com uma satisfação lúgubre.

Tal como Arthur esperara, o grosso do exército francês posicionara-se à frente dos britânicos. Calculou que fossem mais de quarenta mil soldados, com alguns milhares a enfrentar os espanhóis. Ponderou que era uma coisa estranha a desejar, mas a situação era tal que a batalha só poderia ser vencida se os franceses fossem convencidos a concentrar os esforços nos britânicos. A força do exército de Cuesta estava praticamente exaurida e a maior parte dos seus homens não passariam de meros espetadores nos combates daquele dia.

— Meu general?

Virou-se e viu Somerset a aproximar-se com um jarro tapado e um pão.

— Imaginei que pudesse querer tomar o pequeno-almoço, *sir*.

— Sim, muito obrigado.

Enquanto observava os artilheiros franceses a preparar as primeiras rondas de munições, Arthur foi arrancando pequenos pedaços de pão que mastigava rapidamente. Engoliu, tirou a rolha do jarro e bebeu um gole. Franziu de imediato o rosto e cuspiu para o lado.

— Por Deus, o que é isto?

— Vinho, *sir*. Encontrei-o numa taberna nos arredores da vila. Os franceses não o devem ter visto quando por lá passaram.

— Não admira. — Arthur pousou o jarro e acenou com a cabeça na direção do inimigo. — Vai ser uma batalha dura e os homens sabem-no. — Olhou para Somerset. — Vi o rosto deles. Sabem que as probabilidades estão contra nós.

— Nesse caso, vão lutar ainda com mais afinco, *sir*.

Arthur voltou a encará-lo e sorriu.

— Só espero que tenham tanto ânimo como o Somerset. Em breve o saberemos.

Um estampido surdo fez-se ouvir e os dois homens olharam para o campo de batalha, até onde uma pluma de fumo se desvanecia à brisa leve da manhã. Um tiro de aviso dos franceses. Instantes depois, a bateria principal de canhões inimigos no lado oposto da

cumeada abriu fogo, cuspindo chamas e fumo antes que o estrondo fosse levado colina acima como uma trovoada irregular. A cumeada era defendida pela divisão do general Hill, que se tinha disposto pela encosta em duas linhas. Os primeiros disparos começaram a acertar no alvo, desfazendo homens em fragmentos ensanguentados enquanto percorriam as fileiras britânicas. Os canhões britânicos em clara inferioridade ripostaram fogo, extraindo um número mais pequeno de baixas entre a infantaria francesa que se aglomerava no lado oposto do Portina. Arthur observou mais um momento, antes de se virar para Somerset.

— Vá ter com o Hill e diga-lhe que recue os homens para o outro lado do monte. Eles que se baixem, mas que fiquem prontos a levantar-se e a avançar a qualquer momento.

— Sim, meu general.

Enquanto Somerset se afastava com as ordens para Hill, Arthur observou o início do avanço francês. Como já era habitual, as três densas colunas da divisão de ataque eram precedidas por uma onda de soldados avançados que correram de abrigo em abrigo à medida que trocavam tiros com os equivalentes britânicos. Com o avançar das forças inimigas, um toque agudo de clarim chamou os defensores, que começaram a ceder terreno enquanto recuavam cumeada acima. Tornava-se óbvio que a cumeada seria a parte essencial da batalha e Arthur decidiu que seria melhor se estivesse no centro da batalha, onde poderia controlar e inspirar os seus homens. Montou a cavalo e foi juntar-se a Hill junto às cores da Vigésima Nona de Infantaria. Além desse grupo, os únicos homens entre os oficiais e o inimigo que se aproximava eram os soldados avançados, e a artilharia francesa continuava a disparar por cima das colunas que avançavam. Bolas de canhão esmagavam-se no solo, arrancando uma chuva de terra e de pedras. Arthur teve de se obrigar a não estremecer quando uma bola arrancou a cabeça de um sargento na extremidade da divisão. O corpo tombou como um saco de areia molhada, com o espontão a cair dos dedos sem vida e a ressoar com estrépito no chão pedregoso. Um porta-estandarte que estava junto ao sargento fez um esgar ao limpar da face o sangue e os miolos do infeliz.

— Talvez seja melhor recuar para uma distância segura, *sir* — aconselhou Somerset num tom discreto.

— Não. Aqui estarei bem. Além disso, hoje todos teremos de dar o exemplo.

O general Hill aquiesceu.

— É verdade, meu general. Os homens não vão esperar menos do que isso.

Os soldados avançados britânicos tinham chegado ao cimo e começavam a proteger-se. Momentos depois, as peças francesas cessaram fogo. Os soldados avançados gauleses também recuaram, perdendo-se entre as colunas cerradas que subiam a encosta. O grupo que se encontrava, provocador, no topo da elevação parecia servir de farol e a coluna central da divisão francesa que avançava encaminhou-se diretamente para o punhado de casacas-vermelhas.

Arthur pigarreou e dirigiu-se calmamente a Hill.

— Creio que chegou a altura de ordenar aos seus homens que avancem.

— Sim, meu general. — Hill sorriu e deu meia-volta ao cavalo. Levou as mãos em concha à boca e bradou sobre o topo da cumeada: — A brigada que avance, em passo acelerado!

Os três batalhões da brigada que se abrigavam atrás da crista levantaram-se de imediato, como se saíssem debaixo da terra e avançaram numa linha que percorria a cumeada. Assim continuaram, passando por Arthur e Somerset, e detiveram-se pouco à frente do grupo com os estandartes. Menos de cem metros mais adiante, a frente da coluna francesa hesitou e Arthur ouviu um oficial gritar ordens para que formassem uma linha. Contudo, ainda mal os primeiros homens tinham começado a afastar-se, já os soldados da brigada erguiam os mosquetes, apontando-os diretamente para as colunas densas de inimigos.

O general Hill ergueu o chapéu para chamar a atenção dos oficiais, fez uma breve pausa e depois baixou-o, ao mesmo tempo que bradava: — Fogo!

À queima-roupa, mais de mil e quinhentos mosquetes cuspiram as balas contra a frente da coluna francesa. Para Arthur foi como se a primeira fila se limitasse a cair, à medida que os homens tombavam para a frente, ou escorregavam para o lado, deixando uma estreita faixa de corpos fardados de azul e branco esparramados sobre a erva seca. Uma segunda e terceira saraivadas abateram outras dezenas de inimigos, pelo que os mortos e feridos jaziam agora em cima uns dos outros. Nessa altura, os franceses respondiam ao fogo, disparando à vontade, já que era demasiado o caos nas primeiras filas para que os oficiais conseguissem organizar uma linha de fogo adequada. Apesar de superarem os britânicos em número, só conseguiam utilizar uma quantidade limitada de mosquetes de cada vez, e as baixas novas iam-se acumulando sobre os cadáveres já espalhados pela erva.

Arthur viu a coluna começar a ceder, recuando lentamente encosta abaixo. De ambos os lados, as outras colunas francesas eram castigadas de forma semelhante e pouco aguentavam antes de começarem a bater em retirada. Esforçando a vista por entre o fumo da pólvora que envolvia a sua linha, o general Hill viu que o espaço entre os seus homens e o inimigo alargara, pelo que ordenou que cessassem fogo e que avançassem. Quando a brigada deu início à marcha, deixaram os seus mortos e feridos dispersos pela colina, mas não mais de trinta ou quarenta homens, segundo a estimativa de Arthur. Uma perda aceitável, quando comparada com as centenas de franceses que tinham sido abatidos.

Hill e a sua brigada perseguiram o inimigo a um ritmo comedido, parando a espaços para disparar mais uma saraivada contra as fileiras e continuar a empurrá-los em direção à fina linha do Portina. Quando chegaram ao fundo da encosta, Hill deu ordem para que carregassem e, com um brado sentido, os homens baixaram as baionetas e correram em direção à coluna francesa combalida. A maior parte dos inimigos deu meia-volta e fugiu a cruzar o ribeiro, chapinhando na água até à margem oposta e de regresso às peças de

artilharia. Antes que os soldados britânicos perdessem a cabeça, um clarim fez soar a retirada e os homens voltaram apressadamente a formar uma linha, inverteram a marcha e subiram a encosta. O general Hill fez a montada ultrapassar os soldados e subiu até junto de Arthur, cumprimentando-o com um sorriso mal disfarçado e com um afável aceno de cabeça.

— Os rapazes afugentaram-nos, *sir*. Mas foi um belo trabalho! Nunca os tinha visto a disparar e a avançar com tanta fluidez.

— Foi um belo desempenho, Hill — concordou Arthur. — Mas pode ter a certeza de que apenas repeliu o primeiro ataque. — Tirou o relógio do bolso e olhou-o brevemente. — Pouco passa das oito. O dia ainda é jovem, cavalheiros, e o inimigo está longe de ter sido derrotado.

À medida que o Sol foi subindo no céu azul, a brisa ligeira parou e o ar começou a ficar quente e pesado. O campo de batalha acalmara-se e Hill ordenou que os mortos fossem enterrados de imediato, para que o calor não decompusesse os cadáveres. Mais ao fundo da encosta, os soldados avançados britânicos tinham voltado a avançar, mas retiveram o fogo enquanto pequenos grupos de franceses percorriam o Portina para retirar os feridos e os corpos dos oficiais abatidos. Mais uma vez, com alguma prudência inicial, a confraternização foi retomada. Quem pouco sabia da língua contrária fazia sinais e mimava para comunicar, enquanto outros se sentavam e conversavam, partilhando comida e bebida por entre os mortos e os feridos do combate anterior.

— Será que devemos parar com aquilo, *sir*? — Somerset gesticulou na direção do Portina.

— Porquê?

— Imagino que não queiramos que os homens se aproximem demasiado do inimigo. Será que não os deixará predispostos à misericórdia quando tiverem de ser impiedosos?

Arthur tirou por momentos o chapéu e coçou o cabelo curto. O calor fazia com que suasse em bica e o prurido no couro cabeludo incomodava-o. Observou Somerset pensativamente. O ajudante de campo ainda era suficientemente jovem para ter opiniões fixas quanto à natureza da guerra, e a experiência ainda não lhe temperara o julgamento com uma compreensão mais profunda da vida militar.

— Somerset, aqueles homens ali em baixo conhecem bem o ofício deles e podemos ter a certeza de que vão agir corretamente quando tal for necessário. A guerra é um trabalho cruel e brutal. Se não quisermos transformar em brutos quem é obrigado a desempenhá-lo, teremos de incentivar o lado mais ameno da sua natureza sempre que possível.

Somerset ficou imóvel por um momento, depois aquiesceu. Arthur sentiu que o ajudante de campo não aceitara totalmente a ideia. Talvez um dia, se vivesse o suficiente. Arthur voltou a pôr o chapéu e pensou mais uma vez nas intenções do inimigo. O primeiro ataque fora repelido. A questão era, será que tentariam repeti-lo? Caso contrário, onde exerceriam a

pressão seguinte? Por enquanto, as formações inimigas mantinham-se firmes sob o Sol escaldante e aguardavam ordens. Arthur tirou o telescópio do alforge e começou a perscrutar as posições inimigas até que localizou os oficiais superiores.

Encontrou-os com facilidade, um grupo de figuras de casacas azuis, repletas de cordões dourados e dragonas metálicas, com bicornes emplumados. Alguns deles observavam a linha britânica pelos telescópios e Arthur deixou-se sorrir brevemente ao pensar que talvez procurassem igualmente adivinhar as suas intenções. Um grupo de oficiais superiores parecia estar a meio de um debate aceso, com muitos gestos na direção da linha britânica. Arthur observou-os mais um instante, depois baixou o telescópio e disse a Somerset que fosse informar Hill de que os homens poderiam descansar um pouco e que procurassem as sombras possíveis.

A pausa nos combates prosseguiu pelo resto da manhã e ambos os lados aproveitaram para enviar pequenos grupos de homens com cantis a serem abastecidos no Portina. Em outros pontos, homens em tronco nu continuavam a abrir túmulos e a retirar do campo tantos cadáveres quanto possível. Arthur dirigiu-se à sombra de um pequeno aglomerado de oliveiras, perto do cimo da cumeada, onde se sentou para descansar, dando ordens para que o incomodassem, caso necessário. Lá em cima, o Sol chegou ao ponto mais alto e o campo de batalha transformou-se num caldeirão sufocante de ar quente e luz dolorosamente brilhante, carregado com o zumbido irritante das moscas que enxameavam os cadáveres que ainda esperavam por quem estava encarregue de os enterrar.

Arthur despertou quando se apercebeu de uma presença próxima. Abriu os olhos e viu Somerset junto a ele.

— O que foi?

— Meu general, os franceses estão em movimento.

Arthur levantou-se de imediato e girou rapidamente a cabeça para aliviar a rigidez no pescoço. Olhou encosta abaixo. Com efeito, o exército francês espalhava-se para criar uma frente mais ampla e mais canhões eram levados para a frente vindos da reserva, sendo manobrados para as novas posições um pouco além do Portina, prontos a bombardear a linha britânica.

— Pretendem atacar toda a frente — comentou Somerset.

— Tenho olhos e cérebro próprios — retorquiu Arthur lapidarmente. O embaraçado ajudante de campo manteve-se em silêncio enquanto Arthur imaginava rapidamente como seria a fase seguinte da batalha. A anterior tentativa de tomar a cumeada permitira a Arthur redistribuir soldados para enfrentar a ameaça, mas um ataque ao longo de toda a linha do exército implicava que haveria pouca hipótese de movimentar as forças em número inferior para favorecer algum ponto mais fraco. Tal como já acontecera, as defesas ocupadas pelos

espanhóis estavam a ser evitadas, já que o inimigo pretendia desfazer primeiro o exército inglês. O momento de maior perigo aproximava-se com celeridade.

Pouco depois do meio-dia, a artilharia do exército francês abriu fogo em massa. Mais de oitenta canhões tiveram a resposta dos trinta de Arthur num duelo unilateral. Mais uma vez foram abertas brechas sangrentas nas estreitas linhas que esperavam para receber o ataque inimigo. Os generais franceses mostravam-se obviamente impacientes, já que o bombardeamento foi breve. Quando as peças ficaram em silêncio, os tambores da infantaria francesa deram início à marcha, marcando o avanço. Os soldados avançados atravessaram o Portina e enfrentaram os correspondentes britânicos numa breve troca de tiros de mosquete. Além do Portina, Arthur viu, tal como esperado, que as formações inimigas principais avançavam com frentes mais amplas. Desta vez não se iria repetir um ataque frontal estreito. A sobrevivência dos seus homens dependia do treino rigoroso. Teriam de disparar e recarregar mais depressa do que os franceses numa troca esmagadora de salvas em massa.

A brigada de Guardas Reais, no extremo direito da linha, foi a primeira a entrar em ação, esperando que os franceses chegassem a oitenta metros antes de dispararem a primeira salva. Momentos depois, o inimigo fez alto e retribuiu fogo. Após as primeiras trocas, o espaço entre os lados adversários encheu-se de fumo e os combatentes foram obrigados a disparar às cegas. Através do telescópio, Arthur pôde ver que o inimigo sofria as piores baixas, disparando no máximo duas salvas por cada três dos casacas-vermelhas.

Mais perto do topo, a linha francesa aproximou-se da brigada de Cameron e dos homens da Legião Alemã do Rei. Aparentemente sem quererem ser ultrapassados pela Guarda, os soldados de Cameron permitiram que os franceses chegassem a cinquenta metros antes de dispararem a primeira salva. Com uma visão desimpedida e a tão curta distância, quase todas as balas acertaram no alvo e a linha francesa estacou, com as alas da frente a serem aniquiladas pelo fogo esmagador. Sem esperar por uma segunda onda de tiros, os homens de Cameron fixaram as baionetas e avançaram inesperadamente através da fina nuvem de fumo, carregando sobre a linha francesa desorganizada.

— É assim mesmo! — Arthur cerrou o punho.

A escaramuça foi breve, tendo os franceses cedido terreno e começado a recuar pelo Portina. Os homens de Cameron, avassalados pelo entusiasmo de terem quebrado o ataque, correram atrás deles, trespassando-os com as baionetas, ou derrubando-os com as coronhas pesadas dos mosquetes. Alguns indivíduos mais lúcidos fizeram uma pausa para recarregar e disparar sobre o inimigo, contribuindo assim inadvertidamente para a perda de coesão da brigada.

Somerset fungou com irrisão.

— Mas o que é que aqueles idiotas julgam que estão a fazer? Não podem vencer o exército francês sozinhos.

O júbilo recente de Arthur transformou-se em receio enquanto observava as minúsculas figuras de vermelho a fundirem-se num enxame informe, atravessando o ribeiro e perseguindo os franceses no seu próprio campo. Outra linha inimiga estava já a avançar para reprimir a carga britânica e os camaradas desgastados contornaram-nos até à retaguarda, onde os oficiais sobreviventes começaram a acalmá-los e a voltar a formar as unidades. Quando a onda de franceses em fuga se dissipou, os soldados da brigada de Cameron depararam-se com uma nova força inimiga. Enquanto Arthur observava com um aperto no coração, os franceses pararam, prepararam-se e dispararam uma salva letal. Os casacas-vermelhas foram dizimados aos magotes e mesmo tendo alguns homens respondido ao fogo, era óbvio que a maioria ficara atordoada com o reverso abrupto da fortuna. Outra salva selou-lhes o destino e, deixando os camaradas abatidos na outra margem do Portina, os sobreviventes atravessaram o ribeiro a correr, perdendo ainda mais homens quando os soldados avançados franceses foram em perseguição da formação britânica desfeita.

Tornava-se claro que a brigada de Cameron não seria capaz de reagrupar os seus homens e a sua impetuosidade deixara um espaço aberto no centro da linha britânica. Arthur virou-se para Somerset.

— Temos de fechar imediatamente aquele buraco! Vá ter com Mackenzie e ordene-lhe que leve os homens dele e detenha os franceses. Vá!

Enquanto o ajudante de campo cavalgava encosta abaixo em direção à brigada que aguardava como reserva, Arthur galopou pela cumeada e deteve-se ao lado do general Hill. A súbita chuva de terra sobressaltou a montada de Hill.

— Mas que raios? — O general olhou para o lado com uma expressão irritada até que viu o seu comandante.

— Hill, a brigada de Cameron foi rechaçada. Preciso dos seus homens. — Arthur apontou para a Quadragésima Oitava de Infantaria, à direita das forças de Hill. — Aconteça o que acontecer, tem de se manter firme aqui.

— Assim farei, meu general. Nada receie.

— Obrigado. — Arthur tocou na aba do chapéu e virou o cavalo para sul, cavalgando pela retaguarda da brigada de Hill até chegar ao coronel ao comando da Quadragésima Oitava, a quem deu as ordens ofegantes. — Os seus homens para a direita. Quero-os em linha para atacar os franceses pelo flanco. — Apontou para os franceses que impeliam a brigada desordenada de Cameron através do Portina. — Se não forem detidos e repelidos, a batalha está perdida.

— Entendido, *sir*. — O coronel fez continência e virou-se para bradar as ordens necessárias. Arthur acompanhou-o e liderou o regimento pela encosta da cumeada a um trote firme, com as mochilas e as bainhas das baionetas dos soldados a ressaltar e a retinir enquanto as botas com espigões pisavam a erva seca. Observando o ataque francês a avançar

em direção à linha britânica, Arthur incitou os homens em frente. O inimigo tinha de ser detido rapidamente antes que lhes cortassem o exército em dois. À direita viu os dois mil homens da brigada de Mackenzie a avançar pela planície, para deter a coluna francesa.

— Não chega — resmungou entre dentes para consigo.

Os homens de Mackenzie iam enfrentar pelo menos uma divisão inimiga, dez mil soldados, enquanto os franceses, sentindo o cheiro da vitória, faziam avançar mais homens para a brecha. A brigada de Mackenzie fez alto e passou de coluna a linha, preparando-se para enfrentar a carga. Os sobreviventes de Cameron atravessaram os espaços entre as companhias à sua frente e fizeram uma pausa a uma distância segura, ofegantes e abalados enquanto os oficiais os reuniam. A linha britânica ficou em silêncio ante o avanço dos franceses, de tambores a rufar e homens nas alas da retaguarda a cantar a plenos pulmões. Os soldados da frente avançavam de mosquete pronto para os casacas-vermelhas, que estavam imóveis, de armas em descanso, como se estivessem em parada. Quando o inimigo se aproximou, a ordem para preparar ecoou ao longo da linha e, com uma precisão bem treinada, os mosquetes subiram, as armas foram engatilhadas e os homens apontaram. Quando a primeira salva foi disparada, Arthur deteve a Quadragésima Oitava e dispôs a formação em linha, na perpendicular em relação à frente da coluna francesa ao ataque.

— Avançar! — ordenou e os homens, em duas linhas, marcharam em frente para adicionar o seu poder de fogo ao da brigada de Mackenzie.

As primeiras salvas tinham levado os franceses a parar, e agora dispersavam pelos flancos, formando uma linha de fogo. Quanto mais depressa o fizessem, mais rapidamente poderiam esmagar o poder de fogo da derradeira linha de infantaria britânica entre eles e a vitória.

— Continuem a avançar! — bradou Arthur para a sua direita quando uma das companhias começou a ficar um pouco atrasada atrás das outras. Os homens aceleraram obedientemente o passo e voltaram a colocar-se em posição. À frente do regimento, Arthur viu o rosto dos homens à direita da coluna francesa, fitando ansiosamente a nova ameaça que se aproximava do seu flanco. Teve tempo para refletir que se tratava de mais uma prova da inferioridade do sistema francês. Assim que as colunas avançavam, tornavam-se gigantes inflexíveis que seguiam em frente sem conseguir suficiente espaço livre de manobra para lidar com eventuais ameaças dos flancos ou da retaguarda.

Os dois lados aproximaram-se e, entretanto, a brigada de Mackenzie continuou a trocar fogo com a frente da coluna, imobilizando os franceses enquanto Arthur chegava com a Quadragésima Oitava de Infantaria. Um punhado de soldados avançados franceses correra a interpor-se entre a coluna e a linha britânica que se aproximava e abriram fogo. Alguns homens tombaram, um a seguir ao outro, e Arthur ouviu o leve zumbido de uma bala junto a ele. Estavam a cem metros do inimigo. Chegara a altura, decidiu, e encheu os pulmões.

— A Quadragésima Oitava faz alto! Preparar para disparar!

A linha deteve o avanço e a da frente deslocou-se um passo para o lado para criar uma muralha de homens, os quais podiam agora empunhar os mosquetes. Assim que viu que estavam prontos, Arthur bradou:

— Apontar! Fogo!

Os soldados avançados franceses ainda de pé foram abatidos e, depois, os camaradas no flanco da coluna francesa, derrubados pelos impactos. Quando os casacas-vermelhas baixaram rapidamente os mosquetes para preparar a salva seguinte, Arthur ouviu um débil gemido de desalento e receio vindo das alas francesas.

— Continuem, rapazes! — gritou o coronel da Quadragésima Oitava. — Continuem!

As companhias do flanco da coluna francesa começaram a virar-se, com o avanço impedido pelos corpos no chão, mas foram varridas por outra salva que abateu mais homens e criou novo caos, o que deitou por terra a tentativa de criar uma linha de fogo contra Arthur e os seus homens. Os soldados da Quadragésima Oitava carregavam e disparavam metodicamente com uma eficiência impiedosa, derrubando imensos franceses a cada salva, mas a coluna manteve-se firme, retida pelos cadáveres de quem tombara. À frente, as perdas tinham sido terríveis, mas Arthur viu que o mesmo se passava com a brigada de Mackenzie. Perto de um terço dos soldados já teria sido abatido e Arthur sabia que não seriam capazes de aguentar muito mais. Se os franceses mantivessem a coragem mais alguns minutos, não havia dúvida de que a vitória seria deles. Atrás dos homens de Mackenzie, os restos da brigada de Cameron continuavam a formar e não podiam agir naquele momento crítico. Arthur sentiu-se frustrado pela impotência de interferir com o resultado. Estava tudo nas mãos dos soldados que aguentassem mais tempo aquele terrível ordálio.

Foi então que um movimento lhe chamou a atenção. Da sela conseguia ver o terreno além da massa da coluna francesa. Através do fino véu de fumo que emanava dos homens a disparar na frente, houve qualquer coisa que brilhou. E outra vez, e mais outra — apercebeu-se de que era o Sol a refletir-se em aço polido. Sentiu esperança renovada no coração quando viu uma linha de cavalaria a investir contra o outro lado da coluna.

— Por Deus, são os Dragões Leves! — exclamou por entre dentes cerrados. — Avancem. Avancem e esmaguem-nos!

Atacados por três lados, os franceses menos animados começaram a recuar, procurando fugir ao massacre das balas britânicas e às espadas dos dragões que iam abrindo caminho no flanco esquerdo do inimigo. Ainda mais homens recuaram e, apesar do encorajamento frenético e da fúria dos oficiais, o pânico espalhou-se e a coluna perdeu a pouca coesão que lhe restava com a fuga dos homens, que recuavam numa massa assustada, em direção ao Portina e à maior segurança da margem oposta. Os regimentos fustigados da brigada de Mackenzie seguiram-nos, fazendo pausas para disparar salvas sempre que a retirada do

inimigo mostrava sinais de querer abrandar. A visão do inimigo em fuga animou os sobreviventes de Cameron, que se apressaram a juntar-se aos flancos da linha de Mackenzie.

Arthur ordenou que a Quadragésima Oitava se mantivesse na planície e depois, quando teve a certeza de que o risco passara, deu meia-volta e galopou de regresso à sua posição no topo da cumeada. O resto da linha reprimira os franceses, que tinham recuado para voltar a formar as colunas devastadas. Ao olhar para os seus próprios homens, Arthur ficou chocado quando percebeu quantos tinham caído. Quase todos os batalhões tinham cerrado fileiras, deixando grandes lacunas ao longo da linha. Se os franceses lançassem outro ataque, por certo conseguiriam esmagar os casacas-vermelhas, exaustos e ensanguentados.

Quando chegou ao topo, ouviu os sons de novos combates no vale do outro lado da encosta. Receando uma nova ameaça, Arthur avançou com ansiedade até ficar com um panorama desimpedido da batalha mais em baixo. Três grandes quadrados de infantaria francesa recuavam lentamente para o Portina, seguidos pela cavalaria da Legião Alemã do Rei e por um regimento espanhol que Cuesta deveria ter enviado em auxílio dos britânicos. A artilharia mais ao fundo da encosta aproveitava os grandes alvos que o inimigo apresentava e disparava bolas contra as alas enquanto estas recuavam, deixando cadáveres de farda azul na sua esteira.

Quando os franceses saíram do alcance das peças de artilharia britânicas, estas silenciaram-se uma a seguir à outra e a cavalaria retirou-se e voltou a formar mais ao fundo do vale, à espera do ataque francês seguinte. Pouco depois, Somerset juntou-se ao comandante, o rosto pálido e manchado de sujidade do fumo de pólvora dos combates desesperados na planície.

Arthur recebeu-o com o esboço de um sorriso.

— Começava a recear que se tivesse tornado uma baixa. Onde esteve?

— Fiquei com a brigada de Mackenzie durante o ataque, *sir*.

— Ah, sim. Tenho de me lembrar de lhe transmitir o meu agradecimento. Ele e os homens mostraram uma grande resistência.

— O Mackenzie está morto, *sir*.

— Morto? — A expressão de Arthur endureceu. — Lamentável.

Somerset tossicou e prosseguiu com voz rouca:

— Juntamente com setecentos dos homens dele. Cameron também morreu. Foi abatido do outro lado do Portina.

— Entendo. — Arthur aquiesceu com tristeza. — Receio que seja apenas o início de uma longa lista. Mas agora não temos tempo para os lamentarmos. Mais tarde, depois da batalha. Os franceses ainda podem tentar derrubar-nos outra vez.

— Sim, meu general. — Somerset endireitou as costas e sentou-se tão hirto quanto possível na sela. — Compreendo.

Enquanto falava, viu-se uma onda de clarões ao longo da linha francesa quando os canhões voltaram a disparar, bombardeando os homens na cumeada e espalhados na planície em direção a Talavera. A tarde aproximava-se do fim e Arthur estava exausto e com uma dor de cabeça monstruosa devido ao brilho do Sol do dia. Sabia que os soldados partilhariam desse estado e não estariam em grandes condições para continuar a lutar. Quando o Sol baixou no horizonte atrás dos britânicos, a sombra da cumeada estendeu-se sobre a paisagem vasta e alcançou as tropas francesas reunidas na direção oposta. Mesmo com os canhões inimigos ainda a disparar, não se viam sinais de novo ataque. O inimigo limitava-se a esperar à luz que se desvanecia.

— Julga que vão fazer mais uma tentativa esta noite? — indagou Somerset.

— É provável — foi a resposta de Arthur. — A divisão do Hill que mantenha a posição para qualquer eventualidade. Agradecia que fosse ter com ele e lhe dissesse que os homens podem ficar à vontade, mas que terão de estar prontos a lutar de imediato.

— Com certeza, *sir*. — Somerset fez continência e dirigiu o cavalo encosta abaixo, até ao posto de comando de Hill.

A artilharia francesa continuou a disparar enquanto houve luz e depois ficou em silêncio. Uma calmaria instável caiu sobre o campo de batalha e os homens cujos ouvidos tinham passado o dia a retinir com o som dos canhões e dos mosquetes pareceram atordoados com o silêncio da noite. Só os gritos débeis dos feridos e o relinchar ocasional dos cavalos tombados quebravam a modorra. Depois, enquanto os homens do exército britânico se sentavam na posição de cada regimento, um brilho ténue ganhou vida ao fundo da cumeada. As chamas lamberam a erva seca e o fogo espalhou-se rapidamente pela zona mais baixa das encostas. Arthur apercebeu-se de que o incêndio teria sido causado por alguma bucha das peças francesas. Ao início sentiu-se agradecido pelo fogo, pois ele revelaria qualquer tentativa por parte do inimigo de tomar a cumeada ao abrigo da escuridão, e possivelmente iria detê-los. Contudo, em seguida fez-se ouvir um leve gemido de terror. Houve mais gritos por ajuda e depois uivos de agonia ao fundo da encosta.

— São os feridos — indicou calmamente Somerset. — Deve haver centenas de homens ali espalhados, nossos e deles. Temos de enviar ajuda, *sir*.

— Não — contrapôs Arthur com firmeza, engolindo para tentar aliviar a secura que sentia na garganta. — Não nos podemos dar ao luxo de ter homens à procura dos feridos, para o caso de haver outro ataque. Não há nada que possamos fazer por eles.

Os gritos que se iam intensificando rasgaram a noite, pelo que, mesmo exaustos, poucos foram os soldados na cumeada que conseguiram dormir. Satisfeito com a falta de sinais de um novo ataque a ser preparado pelo inimigo, Arthur percorreu rapidamente o comando e ofereceu palavras de encorajamento às figuras desoladas com que se cruzou. A maior parte dos homens parecia demasiado entorpecida para continuar o combate e quando regressou à

cumeada, Arthur deitou-se no chão e tentou descansar. A mente, contudo, não deixou de lhe fervilhar. Quando a manhã chegasse, não tinha dúvidas de que o seu exército teria de enfrentar um novo massacre como o que tinham sofrido durante o dia.

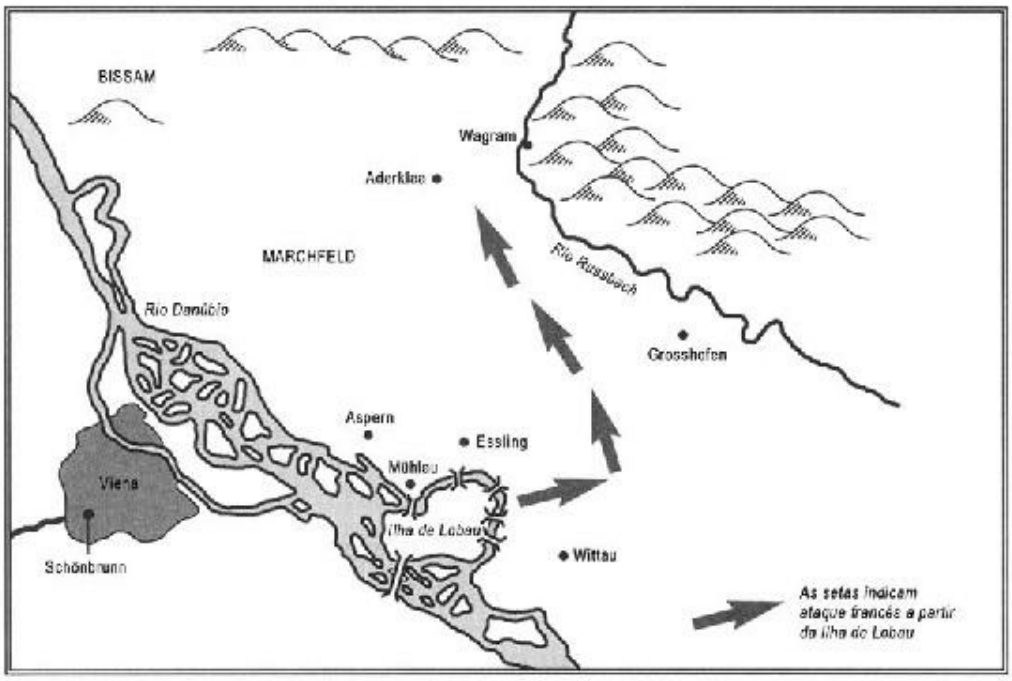
Acordou pouco antes da alvorada e levantou-se, esforçando-se por ver e ouvir qualquer indicação de que os franceses preparavam mais um ataque. Com o horizonte oriental a tornar-se mais distinto, os primeiros clarins fizeram-se ouvir no acampamento francês, seguidos por vagos gritos de ordens e pelo estalar de chicotes, à medida que as equipas de artilharia deslocavam as peças.

A luz continuou a intensificar-se e Arthur tentou concentrar-se no que teria de ser feito para preparar a resistência ao primeiro ataque. Depois franziu o cenho ao fitar as posições francesas. As baterias de artilharia tinham desaparecido. Não havia linhas de infantaria, nem de cavalaria a preparar-se para o ataque. Na outra margem do Portina restava apenas um punhado de cavaleiros inimigos, a vigiar a linha britânica.

— Mas que raios? — Por um instante, Arthur sentiu-se preencher por uma terrível ansiedade, enquanto se interrogava se os franceses estariam a tentar dirigir-se a norte através dos montes, para lhes cortarem o acesso às linhas de comunicação com Portugal. Depois, quando os primeiros raios de Sol se espalharam pela paisagem, viu o exército francês. Colunas cerradas de homens, cavalos, canhões e carroças em marcha para leste, de regresso a Madrid. Precisou de um instante para que a sua mente, entorpecida pela exaustão, conseguisse discernir a verdade.

— Estão a retirar… Por Deus, estão a retirar — resmungou para consigo. Afinal de contas, os britânicos tinham vencido a batalha. Não sentia júbilo no coração. Nenhum. Apenas alívio, e também isso rapidamente se desvaneceu, quando a luz da manhã revelou o terrível custo da vitória, espalhado pelas encostas ainda fumegantes da cumeada e pela planície em direção a Talavera.

Mapa


BATALHA DE WAGRAM
BISSAM
Wagram
Aderklaa
MARCHFELD
Rio Russbach
Rio Danúbio
Grosshofen
Aspern
Essling
Mühlau
Viena
Ilha de Lobau
Wittau
Schönbrunn
As setas indicam ataque francês a partir da ilha de Lobau

CAPÍTULO 8

Napoleão

Ilha de Lobau, julho de 1809

— Aqui serve — aquiesceu Napoleão. — Marque-o, Masséna.

— Com certeza, meu imperador. — Masséna tirou o lápis de trás da orelha e registou cuidadosamente a localização no mapa dobrado que segurava, devolvendo-o depois com celeridade à orelha, antes que pudesse chamar a atenção das sentinelas austríacas na margem oposta, a pouco mais de uma centena de passos. Napoleão e Masséna usavam os casacos e os chapéus de dois sargentos e encontravam-se sem escolta para não levar a uma observação mais aturada do seu trabalho de reconhecimento.

Estavam a selecionar os locais para a série de pontes flutuantes que seriam dispostas sobre a derradeira extensão do Danúbio. A primeira tentativa de atravessar terminara com um revés humilhante que custara milhares de vidas, sendo uma das vítimas o marechal Lannes. Os inimigos de Napoleão espalhados um pouco por toda a Europa tinham ficado bastante encorajados com a notícia chegada da Áustria. A única maneira de reparar a situação seria esmagar o arquiduque Carlos e o seu exército.

A grande complicação era o facto de o Danúbio separar Napoleão da sua presa. Além disso, o exército austríaco edificara uma disposição formidável de fortificações que se estendia, num arco amplo, ao longo de quase toda a margem virada para Lobau. O inimigo não tentara levar o combate até Napoleão e parecia disposto a esperar por ele.

Com toda a Europa a assistir ao conflito, Napoleão estava determinado a levar a cabo mais uma tentativa de atravessar o rio, e desta vez o resultado seria muito diferente.

Todos os soldados que pudessem ser dispensados tinham sido convocados para Viena, onde o exército foi crescendo de tamanho, até se reunirem mais de cento e sessenta mil homens para tomar parte no ataque ao arquiduque Carlos. As tropas deixadas a vigiar as vias de comunicação com França estavam bastante debilitadas, e se mais uma das potências europeias decidisse intervir ao lado da Áustria, pouco haveria a barrar-lhe o caminho.

Entretanto, Lobau foi transformada numa fortaleza. Em finais de junho, mais de cento e trinta canhões tinham sido distribuídos por baterias que cobriam a margem oposta. Tinham sido construídas duas pontes robustas sobre o canal principal do Danúbio, além de três novas pontes flutuantes. Cravaram-se estacas no leito do rio a montante das pontes, para garantir que estariam protegidas de quaisquer brulotes, ou aríetes flutuantes austríacos. Desta vez não ficariam dependentes de uma única ponte vulnerável sobre o rio.

O inimigo não tentara intervir. Os franceses tinham mesmo conseguido desembarcar uma força na outra margem do rio para tomar o saliente onde se erguia o lugarejo de Mühlau. No

espaço de horas, os engenheiros franceses tinham fortificado a aldeia e montado baterias poderosas em redutos para cobrir qualquer aproximação. O inimigo reagira com a habitual deliberação arrastada e quando finalmente chegara uma coluna para recuperar a aldeia, o arquiduque Carlos percebeu que isso lhe iria custar muitos mais homens do que o local valia e optou por encerrar o saliente fortificado atrás das fortificações improvisadas destinadas a conter qualquer tentativa francesa de sair para Marchfeld. Napoleão tivera o cuidado de garantir que os austríacos viam a construção da elaborada série de baterias que cobririam um desembarque entre Aspern e Mühlau. A par disso, a Guarda Imperial de elite fizera uma parada exuberante à frente de Mühlau e duas pontes adicionais tinham sido construídas até ao saliente fortificado. O inimigo não teria qualquer dúvida quanto ao destino do impacto de Napoleão.

E ainda bem que assim era, meditou Napoleão, enquanto percorria com Masséna a margem da ilha de Lobau. Isso porque tudo não passava de uma trama elaborada, calculada para desviar a atenção do inimigo da verdadeira direção que seria tomada pelo ataque dos franceses. Fora da vista dos austríacos já tinham sido montadas dez pontes flutuantes, prontas para serem rebocadas para a posição correta na noite da invasão. Era para essas pontes que Napoleão e Masséna escolhiam as posições enquanto andavam pelo extremo oriental da ilha nos seus casacos emprestados.

Napoleão fez uma pausa para observar mais uma vez a margem oposta. Um grupo de soldados austríacos tomava banho nos baixios, com o som das gargalhadas e do chapinhar a ser levado com toda a clareza sobre a água. Além dos austríacos, a margem subia ligeiramente até um terreno mais elevado.

— O que lhe parece?

Masséna olhou para o outro lado do rio durante um instante antes de aquiescer.

— Parece-me bem, *sire*. O leito do rio deve ser firme e não devemos ter grande dificuldade em levar os nossos canhões até à outra margem.

— Concordo. Assinale a posição.

Continuaram a avançar ao longo da margem, escolhendo os pontos em que o terreno era mais sólido e a margem não apresentava obstáculos à travessia rápida do rio. Quando o último local foi assinalado no mapa, inverteram a marcha para regressar pela ilha, até ao quartel-general avançado do imperador. Atrás da cobertura de florestas que cercava o centro da ilha estendia-se um vasto acampamento. As forças do marechal Oudinot tinham-se juntado aos homens de Masséna e, durante a noite, os trinta e cinco mil soldados de Davout iriam aumentar as fileiras do exército que esperava por ser lançado contra o confiante arquiduque Carlos. Obedecendo às ordens rígidas, os homens não tinham acendido fogueiras e estavam sentados calmamente, a descansar. Alguns dormiam, outros limpavam as armas, com a cavalaria a raspar pedras de amolar nas lâminas dos sabres. Embora não tivessem sido

dadas ordens para qualquer ataque, a concentração de tantos soldados era prova cabal da preparação por parte do imperador de uma batalha iminente.

Enquanto percorriam o acampamento, Napoleão sentiu a antecipação entre os seus soldados. Que diferença de há pouco mais de um mês, quando o exército fora rechaçado para a ilha pelos austríacos. A fronte de Napoleão enrugou-se ao recordar a cena. Os sobreviventes da batalha tinham caído ao solo de exaustão. Milhares de feridos foram obrigados a passar duas noites ao relento, e centenas tinham morrido com os ferimentos e sido enterrados numa vala comum a sul da ilha.

Os feridos tinham acabado por ser removidos para Viena, entre eles o marechal Lannes, cujas pernas tinham sido esmagadas por uma bola de canhão. Com ambas as pernas naquele estado, o cirurgião imperial, o doutor Larrey, não tivera outra escolha que não amputar. Napoleão juntara-se ao amigo depois da operação e encontrou o veterano de muitas campanhas deitado num catre numa pequena capela. Um lençol fino cobria Lannes, que tinha os braços esticados ao lado do corpo. O lençol caía a direito da cama a partir das coxas. Lannes estava num sono agitado, o rosto coberto por uma película de suor, quando Napoleão e o doutor Larrey entraram na capela.

Napoleão dirigiu-se ao doutor Larrey.

— Quais as hipóteses de sobrevivência? — perguntou baixinho.

— Bastante boas. O marechal tem uma constituição forte. Desde que os ferimentos não infetem, os cotos vão sarar com o tempo.

Napoleão aquiesceu.

— Mantenha-me informado do estado.

— Sim, meu imperador.

Napoleão olhou através da porta e sentiu uma grande tristeza por saber que o corajoso e sempre prestável Lannes não voltaria a estar a seu lado durante uma batalha. Napoleão tinha consciência de que, para um homem tão cheio de vitalidade, seria difícil aceitar uma vida de aleijado. Ao fechar a porta, interrogou-se se não teria sido melhor se Lannes tivesse morrido de imediato.

O marechal Jean Lannes morreu oito dias depois de ter sido ferido. A dor da perda ainda era lancinante no coração do imperador. Chorara com a notícia e o exército ficara espantado. Muitos tinham visto Lannes na frente de batalha, sentindo-se encorajados pelo exemplo. Antes das promoções, fora um dos seus, tendo partilhado riscos e ferimentos, e todos o lamentaram abertamente conforme a notícia se foi espalhando.

Jean Lannes seria vingado, jurou Napoleão em silêncio ao aproximar-se de um grupo de sargentos sentados na berma do carreiro que percorria o acampamento. Os homens tinham consigo um pequeno barril de brandy e uma perna de veado curada.

— Ó amigos, querem uma bebida?

Masséna estava prestes a recusar a oferta quando Napoleão lhe tocou discretamente e ofereceu um sorriso de agradecimento.

— E porque não? Obrigado.

Masséna lançou-lhe uma olhadela de surpresa, mas Napoleão limitou-se a baixar um pouco mais o chapéu e sentou-se na erva esmagada. Masséna juntou-se-lhe após um instante de hesitação. O sargento que os convidara estendeu-lhes dois copos esmurrados de cobre e levantou o barril para servir uma pequena dose a cada um. Napoleão ergueu o seu.

— À saúde!

Os outros sargentos, talvez uns dez, levantaram os copos e retribuíram o brinde. Depois de um gole do líquido ardente, Napoleão limpou os lábios e perguntou:

— Que unidade é esta?

— Primeiro batalhão, Octogésimo Segundo regimento da linha. Da divisão de Friant.

Napoleão aquiesceu.

— Então pertencem às tropas de Davout. Acabaram de chegar.

— Não só isso — prosseguiu o sargento, — como também acabámos de formar. O batalhão marchou até aqui vindo do depósito de Lyons.

Outro sargento pigarreou e cuspiu para o chão ao seu lado.

— A maior parte dos recrutas não passa de meninos.

— E vós? — perguntou Masséna. — Qual é a vossa folha de serviços?

— Nós? — O primeiro sargento riu-se. — Até há uns meses éramos agentes alfandegários. Depois chegaram os recrutamentos de Paris. O imperador precisa de um exército novo e os recrutadores andam pela França à procura de veteranos na reserva, de oficiais da Guarda Nacional, de suboficiais e, finalmente, no fundo da escala, de nós. Foi por isso que vos convidei para se juntarem a nós. — Apontou para os casacos deles. — São da Guarda Imperial. Já devem ter visto uma coisa por outra.

Masséna assentiu.

— Nesse caso também já cá deviam estar quando o exército defrontou os austríacos.

— Sim.

— Os jornais do exército dizem que foi uma retirada tática depois de o inimigo ter levado uma bela tareia. Pelo que ouvi dizer, foi um desastre absoluto. É verdade?

Masséna relanceou os olhos para Napoleão, que se deixou ficar imóvel por um momento antes de acenar discretamente com a cabeça. Era uma rara oportunidade de saber o que os soldados realmente pensavam. Acabados de chegar de Lyons, era provável que nunca tivessem visto o imperador. A maioria dos retratos e das gravuras espalhados pelo país mostravam-no trajado com fardas cintilantes. Não adivinhariam a sua identidade, pelo menos por enquanto.

Masséna olhou para o sargento e anuiu.

— Foi um combate difícil e sim, expulsaram-nos do campo. Perdemos bons homens, milhares deles.

— Como aconteceu tal coisa?

Masséna encolheu os ombros.

— Avançámos com demasiada rapidez, o reconhecimento foi descuidado e as patrulhas de cavalaria conseguiram falhar o exército austríaco. Foi assim que aconteceu.

— Exatamente como nos contaram — interveio um dos outros. — O imperador fez asneira.

Napoleão sentiu Masséna ficar hirto a seu lado, pelo que tossiu e chegou-se à frente.

— Cuidado, isso são palavras arriscadas. Se estivesse no vosso lugar, não deixava que os oficiais ouvissem tal opinião. Mas sim, o imperador cometeu um erro. Duvido que o repita.

— A sério? — O sargento ergueu as sobrancelhas. — O que o leva a dizer isso?

Napoleão fez um gesto que abarcou o vasto acampamento que os rodeava.

— Foram feitos todos os preparativos. Duvido que agora exista um exército na Europa que nos possa derrotar.

— Os outros exércitos não me preocupam. Receio aquele que nos espera do outro lado do rio. Já nos derrotaram uma vez. Vão estar a pensar que o podem fazer novamente.

— Nesse caso estão errados — retorquiu Napoleão e apontou com o polegar para Masséna. — Já os enfrentámos. Acreditem, os austríacos podem ser derrotados e vamos fazê-lo.

O sargento parecia continuar na dúvida.

— Bem, espero que tenha razão. Sabe Deus que temos de acabar com eles e dar por terminada esta guerra. Esperemos que desta vez possa haver uma paz verdadeira no fim. Talvez possamos ver o dia em que o imperador se venha a fartar da guerra. Tudo o que eu quero é paz, e poder voltar para casa, para a minha família.

— Paz e poder voltar a casa? — Napoleão encolheu os ombros. — Tenho a certeza de que é isso que o imperador também quer, tal como qualquer outro francês. A questão é, será que as outras nações nos deixam ter paz?

— Nem pensar — retorquiu o sargento num tom amargo. — Os reis, os czares e os imperadores só entendem a guerra. Adoram fardas e empurrar figuras em cima dos mapas, e são sempre as pessoas normais que morrem. Pensei que a Revolução tivesse servido para acabar com isso. Livrámo-nos do rei, e dos aristocratas. Agora, olhem só para nós. Duques, príncipes e barões até onde a vista alcança, e Napoleão sentado no topo de tudo isso com a sua coroa. Afinal de contas, o que é que mudou?

O primeiro sargento riu-se.

— Não lhe liguem. O Pierre é um jacobino à moda antiga. Está sempre a resmungar. Mas

estava a pensar… — Olhou ansiosamente para Masséna e Napoleão. — Já o devem ter visto. Como é ele?

— O imperador? — Masséna soprou as faces ante a situação delicada. — Bem, é só um homem, como qualquer um de nós. Pode ser imperador quando está no palácio de Paris, mas aqui, no campo? Aqui é um soldado. Corre riscos como todos nós.

— E tu? — perguntou o sargento chamado Pierre, que olhava diretamente para Napoleão. — O que achas?

Napoleão retribuiu-lhe o olhar por um instante, tentado a revelar a sua identidade, mas ao mesmo tempo sem vontade de quebrar a ilusão de que eram todos simples camaradas. Pousou o copo e levantou-se, dando um murro ao de leve no ombro de Masséna. — Acho que são horas de voltarmos ao nosso batalhão. Vai ser uma longa noite.

Masséna devolveu o copo e pôs-se de pé.

— Boa sorte para todos vós.

— E para vocês — desejou o primeiro homem.

— O que lhe parece? — indagou Napoleão em voz baixa, quando se afastou com Masséna.

Masséna olhou-o.

— *Sire*?

— Não seja tolo, Masséna. Refiro-me àquilo que os homens estavam a dizer. Será que têm razão? Será que traí a Revolução e me limitei a criar uma nova forma de tirania?

— Está a falar de política, *sire*, e eu não passo de um soldado. Não é a minha área.

— Está a fugir ao assunto. — Napoleão riu-se. — Quando um homem receia dizer a verdade, então é porque vive mesmo numa tirania. Parece que o sargento tinha razão.

— Rei ou imperador, que diferença faz? — replicou Masséna. — O que interessa é que a França está em guerra e é dever de cada soldado lutar pelo seu país. Quando a luta tem início, não há tempo para questionar a causa. — Ficou em silêncio por um instante. — Além disso, de que me serve a paz? Ficaria sem um belo modo de vida.

Napoleão fitou-o e abanou a cabeça.

— Marechal Masséna, tem uma maneira brutalmente prática de encarar a vida. Mesmo assim, admito que esperava um pouco de idealismo no seu coração.

Masséna encolheu os ombros.

— Deixo o idealismo para os filósofos, *sire*. Enquanto houver combates, fornicação e fortuna a conquistar, pode contar comigo.

— E se eu fizer paz? Como ficará a sua lealdade para comigo?

— *Sire*, aquele sargento tinha razão numa das coisas que disse. Enquanto for imperador, não pode haver paz na Europa, quer queira, quer não. E isso por mim está muito bem.

Quando chegaram ao quartel-general, devolveram os casacos e dirigiram-se à sala dos mapas. Berthier estava debruçado sobre a mesa, com um par de réguas de cálculo para avaliar os horários de marcha das restantes colunas que ainda se encontravam a caminho do imperador. Endireitou-se e curvou a cabeça quando o imperador e Masséna entraram.

— Está tudo a decorrer conforme os planos? — perguntou Napoleão.

— Sim, *sire*. O exército deverá ter atravessado todo o rio ao segundo dia. Cento e oitenta mil homens, menos a guarnição que protege as pontes.

— Quais as últimas informações sobre o arquiduque Carlos?

— Segundo os relatórios da cavalaria, os austríacos deverão ter cento e cinquenta mil homens concentrados contra nós. Claro que ainda não temos a certeza da localização exata do exército do arquiduque João. Deu início à retirada de Itália há duas semanas e pode estar perto o suficiente para intervir.

— Qual a força dele?

— Não terá mais de quinze mil homens, *sire.*

— Nesse caso, pouco importa — decidiu Napoleão. Estalou os dedos. — Masséna, o mapa.

Masséna apresentou o diagrama das passagens sobre o rio e desdobrou-o ao lado do mapa de maior escala em que Berthier estivera a trabalhar. Napoleão bateu com o dedo nas marcas a lápis no lado oriental da ilha de Lobau.

— É aqui que atravessamos. Mande copiar o mapa e envie-o ao comandante dos engenheiros. Quero as pontes flutuantes prontas a ser colocadas em posição ao cair da noite.

— Sim, meu imperador.

Napoleão analisou o mapa em silêncio por um momento antes de anuir com satisfação. As peças estavam prontas a encaixar. O arquiduque Carlos concentrara o exército em redor das tropas francesas no saliente fortificado de Mühlau. Parecia ter engolido o isco e esperava receber o ataque francês no mesmo terreno em que tinham tentado forçar a passagem havia pouco mais de um mês. Em vez disso, Napoleão atacaria três quilómetros a oriente, na direção da aldeia de Wittau. Os franceses iriam atravessar o Danúbio com uma força esmagadora e dar de imediato a volta para atacar os austríacos pelo flanco e pela retaguarda e esmagá-los. Napoleão olhou para o marechal Masséna e sorriu.

— Temos o inimigo exatamente onde o queremos. Esta noite terá a honra de liderar o exército sobre o Danúbio até à vitória.

CAPÍTULO 9

A tempestade rebentou logo após o cair da noite sobre o Danúbio. Relâmpagos iluminavam a paisagem com clarões brilhantes de um branco ofuscante que capturavam por um instante milhares de homens, cavalos, canhões e pingos de chuva prateados numa imagem estática, antes de o mundo voltar a mergulhar nas trevas. Depois, enquanto os homens marchavam através da lama em direção às pontes flutuantes, o trovão ribombava como um vasto canhoneio nos céus.

— Não podia ser melhor — comentou Napoleão com Berthier, sentados nos cavalos, a observar as primeiras colunas das forças de Masséna a avançar para a margem do rio, prontas a atravessar assim que as pontes fossem rebocadas para o local correto. Napoleão apontou para o lado ocidental da ilha, a quase três quilómetros dali. — Esta trovoada e o ataque de diversão a partir de Mühlau vão garantir uma cobertura perfeita para o assalto de Masséna.

Berthier aquiesceu e tirou o relógio do bolso. Esperou um momento e depois viu as horas quando o relâmpago rasgou o firmamento.

— São nove horas, *sire*. Falta menos de dez minutos.

Aguardaram na escuridão enquanto a chuva caía com estrépito, ressaltando no topo chato das barretinas dos soldados e ensopando os capotes e os casacos das fardas, mais em baixo. À sua volta, as árvores que acompanhavam a margem do rio abanavam com as rajadas de vento que soavam como o mar ao atravessar os ramos folhosos. Sempre que os relâmpagos iluminavam a paisagem, os soldados pareciam estátuas, meditou Napoleão, que encolhia o pescoço no colarinho, para tentar impedir que a água lhe escorresse para as costas. Depois, à hora marcada, ouviu-se um ronco profundo que ecoou pela ilha vindo de ocidente, quando os canhões reunidos à frente de Mühlau começaram a massacrar as linhas austríacas. Ao mesmo tempo, o general Legrand estaria a lançar o seu ataque de diversão, ocupando os postos avançados inimigos de forma tão agressiva quanto possível para desviar a atenção do arquiduque Carlos do flanco esquerdo.

Assim que o canhoneio teve início, os quinhentos granadeiros da força de assalto de Masséna correram para os pequenos barcos que tinham sido levados margem abaixo para o rio, saltando a bordo e remando contra a corrente tão depressa quanto possível. Não houve disparos das sentinelas austríacas, que estavam abrigadas da trovoada, ou então distraídas com os sons furiosos da batalha travada a ocidente. Na escuridão, Napoleão mal conseguiu discernir os barcos a atravessar o rio, os homens a desembarcar e depois a subir cuidadosamente a outra margem, de mosquetes prontos.

Assim que a força de assalto chegou, a primeira das pontes flutuantes foi rebocada para a sua posição. Atrás dela vieram as outras nove, surgindo do pequeno canal onde esperavam,

ocultas dos olhos austríacos. Os engenheiros colocaram-nas em posição e amarraram-nas aos postes que já tinham sido enterrados na margem da ilha de Lobau. Napoleão fez avançar a montada até à ponte mais próxima e mandou chamar o oficial de serviço.

— De quanto tempo vai precisar para colocar a ponte em posição, tenente?

— Quinze minutos, *sire* — respondeu de imediato o engenheiro.

— Dou-lhe cinco minutos — contrapôs Napoleão, levando a mão ao relógio de bolso. — Vou contar o tempo.

— Sim, meu imperador. — O engenheiro fez continência e correu pela margem até junto dos seus homens, gritando já as ordens, para que enviassem um barco para o outro lado do rio com um cabo e estacas resistentes para espetar na outra margem. Assim que as estacas foram marteladas na posição, os engenheiros puxaram o cabo atado ao extremo da ponte e, com uma graciosidade lenta, a linha de barcas e armações cruzou a corrente até ficar estendida entre as margens. Assim que os derradeiros cabos foram firmemente presos às estacas, o oficial de engenharia correu até ao imperador e fez continência enquanto se punha em sentido, com o peito a arfar do esforço.

— Com a sua licença, meu imperador. A ponte está pronta, *sire*.

Napoleão voltou a guardar o relógio no bolso do casaco.

— Com quase meio minuto de folga. Bom trabalho.

— Obrigado, *sire*.

— Agora, ficaria agradecido se passasse os primeiros homens de Masséna por essa sua ponte.

— Sim, meu imperador. — O engenheiro fez continência com elegância, correu para o início da ponte e fez sinal para que a primeira companhia avançasse. Os soldados interromperam o ritmo ao chegar à primeira plataforma e depois correram o mais depressa possível até à outra margem. Mais a jusante, Napoleão discerniu o contorno das outras pontes a serem puxadas contra a corrente, e mais soldados de Masséna atravessaram rapidamente para a outra margem. Algumas centenas de passos em terra e mosquetes individuais começaram a deflagrar à medida que os soldados inimigos de guarda que tinham conseguido manter a pólvora seca abriam fogo sobre o grupo de assalto. Assim que a primeira divisão chegou ao outro lado, marchou ao longo da margem do rio para norte, encaminhando-se para a aldeia fortificada de Gross-Enzerdorff antes de se dirigirem para Essling.

À direita, Oudinot e Davout lideraram os seus homens sobre o rio e fizeram recuar o inimigo enquanto se espalhavam pela planície e formavam no flanco direito de Masséna. Às primeiras horas da madrugada, metade do Grande Exército já atravessara o Danúbio. Napoleão e o estado-maior passaram a ponte e estabeleceram o quartel-general na aldeia de Uferhaus, onde os guarda-costas do imperador despejaram sem cerimónias o proprietário de

uma pequena herdade e cercaram os muros com piquetes. Lá dentro, Napoleão sentou-se a uma mesa de mapas improvisada à pressa e tomou uma malga de sopa enquanto Berthier lia ansiosamente os relatórios enviados por cada um dos batalhões que já tinham atravessado o rio.

— Não há relatos de grande oposição, *sire*. Os austríacos parecem estar a retirar à nossa frente. — Berthier virou mais algumas folhas de papel antes de voltar a erguer os olhos. — As baixas são mínimas.

— Ótimo. E quanto às pontes? Continuam inteiras?

— Que se saiba, sim. Pelo menos ainda não existem notícias em contrário.

Napoleão fitou o subordinado por um momento, interrogando-se se poderia contar com os oficiais subalternos para o manterem totalmente informado do progresso do exército na travessia do rio. Após a última tentativa frustrada de forçar a travessia do Danúbio, Napoleão estava determinado a garantir que as vias de comunicação do exército não sofriam perturbações. Afastou o prato para o lado.

— Berthier, envie um oficial para a margem do rio. Quero ser informado de imediato assim que acontecer seja o que for que nos possa frustrar os planos. Fiz-me entender?

— Sim, meu imperador.

Napoleão fitou o mapa, numa concentração profunda. Pela alvorada, três batalhões do exército e a Guarda Imperial seriam dispostos numa linha virada para norte ao longo de uma frente de dez quilómetros desde a margem do Danúbio até à planície a leste. Cem mil homens. Como oposição teriam cento e cinquenta mil austríacos. Napoleão estava confiante de que os seus soldados seriam capazes de manter a formação, mesmo em inferioridade numérica, até que as derradeiras formações do Grande Exército atravessassem o Danúbio e aumentassem o total para cento e oitenta mil homens. Se o arquiduque Carlos retirasse, o Grande Exército seria obrigado a persegui-lo, prolongando as linhas de comunicação e vendo-se na obrigação de deixar para trás elementos encarregues de proteger as rotas vitais de fornecimento.

Pois muito bem, decidiu-se Napoleão, o inimigo não teria a oportunidade de se afastar. Ao nascer do dia, os três primeiros batalhões teriam de ser lançados contra os austríacos, obrigando-os a lutar.

Quando o Sol nasceu sobre a planície, tornou-se óbvio que os austríacos tinham sido apanhados de surpresa. Através do óculo, Napoleão viu linhas inimigas espalhadas pela paisagem. A maior concentração de forças austríacas encontrava-se entre as aldeias de Aspern e Essling, contra as quais tinham sido dirigidos os ataques de diversão da véspera. Noutros pontos formavam-se apressadamente unidades individuais, criando linhas para enfrentar a arremetida que se avizinhava. À medida que a luz se intensificava sobre os

campos alagados, viu que algumas das formações inimigas estavam já a recuar, dirigindo-se ao rio Russbach. A margem do outro lado do curso de água era elevada, o que daria aos austríacos uma certa margem de defesa contra um ataque francês.

Não houve qualquer tentativa de contra-ataque durante as primeiras horas da manhã e a maior parte dos soldados franceses teve oportunidade de comer algum pão e beber um pouco de água. Estavam de pé nos campos enlameados, com os mosquetes sobre o ombro, e fios estreitos de vapor escapavam-se das fardas para o ar quente. Enquanto aguardavam, um fluxo constante de infantaria, cavalaria e artilharia atravessava o rio com celeridade. Esperava-se que mais três batalhões cruzassem o Danúbio durante o dia e o último, comandado por Marmont, juntar-se-ia a eles no dia seguinte. Em pouco mais de um dia, quase todo o exército teria chegado à margem oposta. Era um feito de que se orgulhar, meditou Napoleão para consigo enquanto espreguiçava os ombros e observava os homens do príncipe Eugène a descerem das pontes flutuantes.

Sentiu o coração a alegrar-se ao pensar no enteado. Eugène revelara-se um comandante dotado e, acima de tudo, um subordinado leal — ao contrário do comandante do batalhão que esperava para atravessar na esteira dos homens de Eugène. O marechal Bernadotte tornara-se cada vez mais arrogante desde que Napoleão fora coroado imperador. Havia pouco tempo soubera por alguns dos seus oficiais que Bernadotte comentara abertamente a sua superioridade em relação ao imperador quanto a assuntos militares. Embora fosse tentador expulsar o marechal e livrar-se dele, a verdade era que Bernadotte era popular entre os seus homens e tinha bons contactos com os políticos de Paris. Seria mais arriscado deixá-lo por sua conta na capital do que ali no campo, onde Napoleão o poderia vigiar com mais cuidado. Mesmo assim, havia limites até onde o imperador estaria disposto a tolerar um oficial tão problemático.

Afastou Bernadotte dos pensamentos e voltou a ponderar sobre Eugène. Era uma pena que não fosse o pai de um homem tão dotado, refletiu Napoleão com tristeza. O seu casamento com Josefina estivera envolto numa aura de esperança terna e ambição, mas já não era possível para ela conceber outro filho. Era demasiado velha para isso, e mesmo que ainda fosse fértil, não estaria preparada para arriscar outro parto. Todavia, a França precisava de um herdeiro para o trono imperial. Sem um filho que o sucedesse, Napoleão não poderia dar ao império a estabilidade de que tão desesperadamente o país precisava. Como fora pai de um filho da condessa polaca Walewska, sabia que a sua própria fertilidade não estava em causa. Para haver um herdeiro teria de encontrar uma nova esposa. Contudo, receava as consequências dessa noção. Apesar da descoberta dos inúmeros casos de Josefina e do fracasso em dar-lhe um filho, Napoleão amava-a com mais certeza e arrebatamento do que a qualquer mulher que alguma vez conhecera.

Suspirou profundamente. Assim que a campanha chegasse ao fim e a Áustria tivesse sido

humilhada, teria de abordar a questão do sucessor do império, por mais doloroso que isso viesse a ser para ele e para Josefina. Decidiu que o dever e o destino teriam de se sobrepor à emoção.

Foi interrompido pela chegada de um jovem oficial da cavalaria que se pôs em sentido e fez continência ao chegar junto do imperador.

— O que foi? — interrogou Napoleão bruscamente.

— *Sire*, o marechal Masséna envia os cumprimentos e pede para o informar de que os austríacos estão a começar a retirar de Essling.

— Não me diga. — Napoleão franziu o cenho. Ao que tudo indicava, o arquiduque Carlos apercebera-se finalmente da situação em que se encontrava e começava a refugiar o exército. — Diga a Masséna que tem de avançar de imediato. Ele que faça o inimigo recuar e que mantenha um contacto permanente. Não podem fugir, nem descansar. Masséna que leve tudo à frente dele. Agora vá!

— Sim, meu imperador.

Ao longo da tarde, os soldados franceses avançaram, forçando o inimigo a recuar pela planície. As últimas nuvens há muito que se tinham dispersado e agora o Sol brilhava no céu azul limpo. No entanto, enquanto nos céus havia serenidade, Marchfeld estava pontuado por grandes nuvens de fumo de pólvora e por despojos de guerra. Os corpos dos mortos e dos feridos estavam espalhados sobre a erva pisada, a par de equipamento abandonado, carros de artilharia despedaçados e cavalos coxos ou abandonados, que pastavam por entre os cadáveres. O ar estava pesado com o calor e reverberava com os tiros de canhão e os estampidos mais fracos do fogo de mosquete.

Durante a tarde, Napoleão e a sua escolta avançaram para avaliar a situação. Deteve-se junto a uma pequena igreja numa estrada poeirenta que se dirigia a norte desde Aspern e subiu à torre com Berthier. Não havia grande espaço no cimo e tiveram de se esforçar por passar pelo velho sino de bronze antes de poderem abrir as portadas e olhar para o campo de batalha. Os dois homens ergueram os telescópios e percorreram lentamente a linha francesa, avaliando as formações de homens e cavalos que avançavam sob os estandartes tricolores e da águia imperial. Eram figuras escuras contra o dourado tremeluzente dos campos de trigo e o verde viçoso dos prados.

Napoleão viu que o exército formara uma cunha gigantesca, cravada no centro da linha austríaca. Sentiu o familiar formigueiro de entusiasmo no couro cabeludo ao ver o inimigo demasiado estendido.

— Berthier, está a ver aquilo?

— *Sire*? — Berthier baixou o óculo e aguardou pacientemente que o imperador voltasse mais uma vez a analisar o campo de batalha, até que Napoleão também baixou o óculo e se

virou com um sorriso frio.

— Berthier, se atacarmos com celeridade, já os temos. Venha!

Napoleão desceu à frente pelos degraus estreitos da torre e saíram para a nave fresca. Napoleão dirigiu-se ao altar e afastou os ornamentos com o braço.

— Deixe-me ver o mapa.

Berthier soltou a pasta de couro com os documentos que tinha pendurada ao ombro. Tirou o mapa, desdobrou-o e abriu-o sobre o altar. Napoleão chegou-se à frente, fitando-o por um instante, com os olhos a saltar entre as indicações, e por fim anuiu.

— A nossa linha estende-se assim. — Percorreu com o dedo desde o Danúbio para leste, em direção a Wagram, e depois fez um desvio para sul, ao longo do rio Russbach. — A ala direita do inimigo está centrada em Wagram. Masséna pode tratar da direita, Oudinot e Davout podem atacar a esquerda, e depois usamos as nossas reservas para atravessar aqui. — Bateu com o dedo no mapa. — Em Wagram. Se formos bem-sucedidos, podemos virar e encurralar-lhes a ala direita contra o Danúbio, e assim aniquilamos um terço do exército do arquiduque Carlos. — Os olhos cintilaram-lhe.

Berthier observou o mapa por um instante.

— E quanto ao arquiduque João, *sire*? E se ele aparecer pelo nosso flanco? Pode ser perigoso.

Napoleão abanou a cabeça.

— Envie uma divisão de cavalaria para vigiar o nosso flanco. Se ele se aproximar do campo de batalha antes de termos tratado do irmão, eles podem retê-lo enquanto derrotamos o arquiduque Carlos.

— Muito bem, *sire*. A que horas damos início ao ataque?

Napoleão puxou do relógio.

— São cinco horas. Não podemos começar depois das sete. Assim ficamos com perto de três horas de luz do dia para vergarmos os austríacos. As ordens têm de ser dadas no máximo até às seis. — Napoleão despiu o casaco e atirou-o para o lado do altar. — Ao trabalho, Berthier!

As peças de artilharia do Grande Exército abriram fogo sobre o inimigo pouco depois das sete da tarde. Napoleão observou com satisfação as bolas sólidas a ceifarem as densas formações inimigas. Depois foi a vez de os canhões inimigos responderem ao fogo, abrindo espaços nas colunas francesas que aguardavam pela ordem de avanço. Assim que considerou que o centro austríaco estava a começar a vacilar ante o bombardeamento intenso, Napoleão deu ordem para o início do ataque. Quando as peças francesas se silenciaram, os tambores começaram a rufar e a infantaria aproximou-se dos austríacos expectantes. Mais uma vez, longas nuvens de fumo espesso espalhavam-se pela paisagem, envolvendo a batalha, e

Napoleão esperou com a Guarda Imperial, logo atrás do batalhão de Eugène.

À medida que os sons da investida foram aumentando, Napoleão ergueu-se nos estribos e esforçou-se por ver como se estava a sair a primeira divisão. Eugène escolhera o general MacDonald, descendente de um aristocrata escocês exilado, para abrir caminho com a sua divisão de soldados italianos. À luz cada vez mais fraca do final da tarde, Napoleão mal conseguia distinguir as figuras distantes dos seus homens a começarem a entrar nas ruas de Wagram. Aquiesceu, satisfeito.

— Julguei mal os homens de MacDonald. Receava que lhes faltasse o espírito dos franceses, mas olhem só para eles agora. A carregar como leões!

— Sim, *sire* — replicou Berthier, desviando o olhar dos primeiros relatórios que lhe tinham chegado vindos dos outros setores da linha de batalha. Pigarreou nervosamente e dirigiu-se ao imperador. — *Sire*, Oudinot e Davout estão a sofrer baixas pesadas.

— É claro que estão. Isso seria de esperar num ataque frontal.

— Mas o inimigo está a manter-se firme, *sire*. As nossas colunas foram detidas. E estão a perder homens.

A fronte de Napoleão enrugou-se e ele pensou por um momento, antes de responder.

— Não interessa. A batalha vai ser decidida em Wagram. Assim que a tomarmos, o espírito do inimigo vai ceder. Eu sei que sim.

Ao observar os homens de MacDonald a avançar para o interior da vila, Napoleão sentiu o triunfo a aquecer-lhe o peito. O Grande Exército estava à beira de mais uma grandiosa vitória. Assim que a Áustria fosse derrotada, iria garantir que não voltariam a desafiar a França e o seu imperador. Claro que os termos duros de um qualquer tratado não chegariam. Napoleão pretendia encontrar forma de unir o destino de ambas as nações.

O intensificar súbito do fogo dos mosquetes vindo da direção de Wagram interrompeu-lhe o fluxo de pensamentos.

— Parece que MacDonald se deparou com alguma oposição determinada — comentou Berthier.

— O arquiduque Carlos deve ter reforçado Wagram. Nem ele é estúpido a ponto de não ver o perigo que tem à frente. Mesmo assim, pouco importa. Eugène vai reforçar a divisão principal por sua vez. Os austríacos vão ficar sem reservas antes de nós.

— É claro que tem razão, *sire*.

Napoleão levantou o nariz e continuou a fitar Wagram, tentando discernir os acontecimentos na batalha. Depois as primeiras baixas italianas começaram a surgir a coxear, vindas da povoação, regressando ao resto das forças de Eugène, formadas um pouco à frente de Napoleão e do seu estado-maior. A seguir aos feridos capazes de caminhar, apareceram os que estavam a ser ajudados pelos camaradas a chegar à retaguarda, e Napoleão mirou-os friamente, sempre desconfiado de homens ilesos que deixavam a linha de

batalha fosse por que motivo fosse. Havia sempre quem se aproveitasse dos ferimentos de um camarada para fugir aos combates. Em breve, o fluxo de homens que saíam da vila transformou-se numa enxurrada; alguns tinham chegado mesmo a abandonar as armas na pressa de fugir.

— Malditos cobardes! — gritou uma voz da ala da frente do batalhão da Velha Guarda.

— Silêncio! — vociferou um sargento. — Arranco os tomates ao próximo homem que abrir a boca!

Os veteranos deixaram-se observar as centenas de homens da divisão de MacDonald que saíam de Wagram. Os sons de batalha começaram a esbater-se e ao longe ouviram-se vivas débeis.

Berthier olhou ansiosamente para o imperador.

— *Sire*, parece que eles cederam.

— Disparate!

No entanto, os soldados continuaram a aparecer, correndo para junto do resto da divisão. Napoleão sentiu-se ficar irritado perante tamanha indisciplina e cobardia.

— Porque é que não há quem reúna aqueles idiotas? Antes que perturbem o resto das tropas. — Napoleão inclinou o pescoço na direção do grupo de estandartes que assinalava a posição do príncipe Eugène e dos seus subordinados. — Pelo amor de Deus, façam alguma coisa!

O resto da divisão de MacDonald saiu de Wagram, perseguidos de perto pelos austríacos jubilantes, que abatiam os italianos em fuga, ou os trespassavam com as baionetas sem um pingo de misericórdia. Perdidos de medo, os italianos correram para a segurança dos camaradas mais firmes, afastando as primeiras alas e quebrando a formação. Berthier acenou com a cabeça para as figuras dispersas que se espalhavam durante a fuga de Wagram.

— Vêm para aqui, *sire*. Devíamos ordenar à Guarda que abra as fileiras para os deixar passar.

— Não — contrapôs Napoleão, com firmeza. — Não podemos permitir que aquela escumalha nos deixe a Guarda num caos. Ordene aos homens que fixem as baionetas.

— *Sire*?

— Faça-o! — insistiu Napoleão, num tom brusco. — Imediatamente.

— Sim, meu imperador.

À medida que a ordem foi transmitida ao longo dos batalhões da Velha Guarda posicionada na primeira fila, os compridos espigões de aço triangular rasparam nas bainhas e foram instalados com estrépito no cano dos mosquetes. Napoleão e os seus oficiais retiraram-se para trás do batalhão mais avançado e observaram os sargentos a dar ordem para apontar baionetas. Uma muralha de pontas letais foi apresentada aos italianos que fugiam em direção à Guarda. Ao ver a ameaça e a fria expressão de desprezo no rosto dos

veteranos, os homens mudaram de rumo e correram para os espaços entre as unidades francesas. Quando os últimos homens da divisão de MacDonald entraram, os austríacos em perseguição detiveram-se perante as novas unidades inimigas.

Com uma precisão de parada, a Guarda Imperial disparou várias salvas que desfizeram a primeira onda inimiga. Um punhado de oficiais austríacos audazes tentaram reunir os homens e voltar a formar alas para devolver o fogo, mas foram rapidamente abatidos, juntando-se ao resto dos cadáveres, espalhados pelo terreno ensanguentado. Os soldados austríacos começaram a recuar e em breve corriam para o abrigo das casas à entrada de Wagram. À luz que desaparecia, os batalhões franceses que tinham sido quebrados pelos homens da divisão de MacDonald voltaram a formar e ficaram prontos para avançar mais uma vez.

— Ordeno um contra-ataque por parte do príncipe Eugène? — indagou Berthier.

Napoleão abanou a cabeça.

— Já é muito tarde. Vai ficar escuro daqui a meia hora. — Soprou as faces, frustrado. — Interrompa o ataque. Ordene a todas as formações que recuem e montem acampamento para passar a noite.

Assim que os derradeiros combates esmoreceram e um silêncio apreensivo se instalou sobre a planície, Napoleão convocou os marechais ao quartel-general para discutir os planos para o dia seguinte. Contudo, primeiro o imperador fez uma derradeira visita às pontes, para garantir que os comboios de suprimentos tinham começado a atravessar o rio, vindos da ilha de Lobau. As pontes flutuantes baixaram sob o peso das compridas caixas da artilharia e das carroças com munições para os soldados da infantaria e da cavalaria. Os engenheiros tinham disposto candeeiros ao longo de cada ponte e os clarões ondulavam à passagem dos veículos.

Satisfeito por saber que os homens do Grande Exército não teriam falta de suprimentos no dia seguinte, Napoleão regressou ao quartel-general de campanha na igreja. O grupo de oficiais do estado-maior e de escoltas reunidos à entrada revelou que os oficiais superiores já tinham chegado. Napoleão desmontou, entregou as rédeas a um palafreneiro e respondeu apressadamente às saudações dos homens de cada lado das portas da igreja antes de entrar no edifício. Do altar chegava o som de vozes e à luz de um punhado de velas que ardiam nas paredes, Napoleão viu os marechais ali reunidos. A voz do marechal Bernadotte sobrepunha-se claramente às conversas discretas dos restantes.

— É como vos digo, foi uma oportunidade desperdiçada. O imperador atrasou demasiado o ataque e ele não devia ter tentado investir com a linha toda.

— A sério? — retorquiu Davout secamente. — E o que teria o marechal feito no lugar do imperador?

Seguiu-se uma pausa e os outros marechais pararam de falar. Bernadotte pigarreou e

respondeu:

— Se estivesse à frente do exército, neste momento estaríamos a celebrar uma grande vitória. Teria usado uma manobra especial que derrotaria o inimigo. Teria…

Napoleão decidiu que ouvira quanto bastasse e avançou para o altar. Quando os marechais se puseram em sentido, mandou-os ficar à vontade.

— Não há tempo para formalidades, cavalheiros. Temos uma batalha para planear.

Todos se reuniram à volta do altar e Napoleão fitou o mapa à sua frente enquanto ordenava as ideias.

— Temos motivo para ficarmos satisfeitos com os resultados de hoje, meus amigos. A travessia do Danúbio pelo Grande Exército apanhou o nosso inimigo completamente de surpresa. Agora basta-nos desferir o golpe final e esmagar o arquiduque Carlos.

Fez-se um breve silêncio, após o que Davout tossicou e bateu com o dedo na linha do rio Russbach.

— *Sire*, quais são as últimas informações quanto à posição do arquiduque João?

— As nossas patrulhas a cavalo não indicam qualquer sinal dele até trinta quilómetros, quer a sul, quer a leste daqui. Não nos preocupa.

— E se o arquiduque João conseguir chegar ao campo de batalha e nos atacar o flanco?

— Se, se, se. — Napoleão franziu o cenho. — Já lhe disse que o arquiduque João não nos interessa. Não está nem sequer perto de conseguir intervir.

Davout acenou ao de leve com a cabeça.

— Se o diz, *sire*.

Napoleão sentiu-se ligeiramente tonto quando tentou reprimir a fúria que sentia. Havia dias que não dormia devidamente. Estivera acordado quase sempre e sentia os membros pesados. Precisou de algum esforço para pensar claramente. Esfregou os olhos e mirou os oficiais.

— Cavalheiros, podem regressar aos vossos comandos. Berthier irá distribuir as ordens durante a noite.

Quando os marechais deixaram a igreja, Napoleão decidiu mudar o quartel-general para mais perto do setor decisivo da batalha que se avizinhava. Deixando Berthier a tratar dos preparativos para que o estado-maior o acompanhasse, Napoleão montou a cavalo e seguiu para norte, até à aldeia de Raasdorf, parando numa pequena elevação pouco atrás do flanco direito de Masséna. Na escuridão conseguiu distinguir a silhueta vaga das colunas de homens agrupadas à espera do ataque. Quando o primeiro batalhão da Velha Guarda chegou para proteger o novo posto de comando do imperador, Napoleão ordenou que os tamborileiros empilhassem os instrumentos para lhe preparar um abrigo. Depois, com um capote enrolado como almofada, deitou-se para dormir algumas horas.

Berthier abanou-lhe gentilmente o ombro às três da madrugada e Napoleão abriu os olhos,

com a mente ainda perturbada pela exaustão. Um soldado da guarda segurava um candeeiro atrás de Berthier.

— Que horas são?

— Passa das três, *sire*.

Napoleão endireitou-se e depois levantou-se rigidamente, pressionando os punhos contra o fundo das costas enquanto esticava a coluna.

— O exército está em posição?

— Sim, meu imperador. Os quartéis-generais de todos os batalhões relatam que estarão prontos para atacar às quatro.

Napoleão olhou em seu redor. Embora ainda estivesse escuro, conseguia vislumbrar as formas vagas dos homens que formavam lentamente. O ar fresco da noite estava agitado com as conversas abafadas e com o arrastar das botas. Sentia-lhes a tensão com a perspetiva da batalha que se aproximava. Também havia ansiedade e receio: algo que se notava no tom das vozes. Napoleão virou-se para Berthier e obrigou-se a sorrir.

— Tudo corre bem. As primeiras divisões vão cair sobre o inimigo quando este ainda estiver a tomar o pequeno-almoço, certo?

Berthier assentiu, com uma risada nervosa.

— Sim, meu imperador.

— Gostava de ver a cara do arquiduque Carlos quando ele se aperceber de que vamos marchar contra ele uma segunda vez no mesmo número de dias.

Napoleão pediu pão e água e sentou-se numa pilha de lenha, enquanto o exército continuava a formar à sua volta. Mais a oriente, um brilho débil anunciava a chegada da alvorada. A cada momento que passava, Napoleão conseguia ver com mais pormenor o campo que o rodeava, e as dezenas de milhares de soldados prontos. Levantou-se, sacudiu as migalhas do casaco e puxou do relógio.

— Dez para as quatro — resmungou.

Ouviu-se um repentino estrondo de fogo de canhão a sudeste e Napoleão e os oficiais do estado-maior viraram-se para olhar.

— Isto veio da direção das tropas de Davout. — Napoleão franziu o cenho. — Que raios estará ele a tramar? As ordens diziam que o ataque teria início às quatro. Deve ser um qualquer caçador de glória com um dedo do gatilho leve. Bem, seja quem for, antes do fim do dia vai ter de se ver comigo. — Dirigiu-se abruptamente a Berthier. — Bem, já não vale a pena esperar pelas quatro. Ordene a todos os batalhões que comecem de imediato o ataque.

— Sim, *sire*.

O fogo de canhão distante cresceu rapidamente para um ronco contínuo, à medida que a linha avançada começava a correr em direção ao inimigo. Depois, com um estrondo ensurdecedor, as peças das tropas de Masséna abriram fogo sobre o centro austríaco,

fustigando a aldeia de Aderklaa, a pouca distância de Wagram, à luz azulada da pré-alvorada. Com o continuar do bombardeamento, Napoleão observou os oficiais das colunas avançadas de infantaria a percorrerem as alas, gritando o seu encorajamento aos soldados.

Berthier apareceu a seu lado com uma expressão nervosa.

— O que foi?

— *Sire*, uma mensagem de Davout. Ele está a ser atacado.

— Atacado?

— Sim, *sire*. O inimigo caiu-lhe sobre o flanco direito. Ele está a ser empurrado.

— Não. O Davout tem de estar enganado. Deve ser apenas um contra-ataque local. Nada mais do que isso.

— O mensageiro diz que os austríacos estão a atacar em força, *sire*.

— Disparates!

Antes que Napoleão pudesse dar mais vazão à sua fúria, apercebeu-se de um recrudescimento súbito do som dos tiros à sua direita. Virou-se e fitou o flanco, ao início sem conseguir entender o óbvio.

— Ora vejam só. Finalmente, o arquiduque Carlos aprendeu a tomar a iniciativa. — Virou-se para Berthier. — O inimigo atacou antes de nós.

— Ordene a todos os comandantes de batalhão que mantenham as posições até que eu descubra ao certo o que se está a passar. — Napoleão voltou a escutar a canhonada à sua direita e tomou nova decisão. — Temos de nos preparar para reforçar Davout. Envie a reserva de cavalaria e toda a artilharia a cavalo para cobrir o extremo do nosso flanco direito.

— Sim, *sire*. Deseja que ordene a Masséna que detenha o bombardeio?

— Não. Isso pode ajudar a destabilizar o inimigo. Ele que continue. — Napoleão coçou ansiosamente o queixo por um instante. A situação entre os dois exércitos invertera-se. Em vez de lançar um ataque decisivo para quebrar os austríacos, o Grande Exército estava, ele próprio, a ser fustigado. Não se atrevia a prosseguir com o plano original até perceber as intenções do arquiduque Carlos. — Vou ter com Davout e ver com os meus olhos o que está a acontecer. O resto do exército que mantenha a posição e que se prepare para receber novas ordens. Mais uma coisa: a Guarda Imperial que se desloque três quilómetros para a direita, para o caso de os convocar à pressa.

Napoleão viu o breve ar de surpresa de Berthier. A ordem para a mudança de posição da Guarda era um claro assumir de que o imperador estava ansioso quanto ao destino de Davout e das suas forças.

— E se for o arquiduque João? — perguntou Berthier, num tom baixo.

— Não é. — Napoleão dirigiu-se à égua branca a cargo de um dos palafreneiros. — Faça um degrau.

O palafreneiro largou obedientemente as rédeas e juntou as mãos enquanto se baixava. Napoleão segurou nas rédeas assim que foi içado para a sela e dirigiu-se a Berthier.

— Quero que me informe imediatamente se acontecer alguma coisa, se o inimigo fizer novos movimentos!

— Sim, meu imperador.

Napoleão virou o cavalo e partiu a galope pelo centro da planície em direção ao flanco direito do Grande Exército. Seguiu imerso em pensamentos e ignorou os vivas dos homens pelos quais passou. Apesar do que dissera a Berthier, receava que o ataque contra Davout prenunciasse a chegada do arquiduque João. O flanco direito do Grande Exército ficaria vulnerável aos reforços austríacos.

À sua frente, nuvens de fumo de pólvora voluteavam no horizonte oriental, bloqueando os primeiros raios de Sol. Napoleão apressou-se a chegar ao quartel-general do batalhão nos arredores da aldeia de Glinzendorf, onde encontrou o estado-maior do marechal Davout a carregar apressadamente para carroças as arcas de documentos. O estampido dos mosquetes e o ribombar dos canhões estava a menos de um quilómetro a oriente.

— Vós! — Napoleão apontou para o oficial do estado-maior que se encontrava mais próximo. — Onde está Davout?

— O marechal foi até ao flanco, *sire*. Algumas das nossas unidades fragmentaram-se quando o inimigo atacou. Davout foi reunir os homens.

Napoleão deu meia-volta ao cavalo e percorreu as formações de reserva das tropas de Davout, até que passou por uma pequena elevação e viu a batalha no flanco a desenrolar-se na paisagem à sua frente. O Sol começara a nascer sobre o pico das colinas distantes e à sua luz Napoleão pôde ver as colunas escuras do inimigo a avançar. Tinham cruzado o Russbach e atacado os homens de Davout enquanto estes formavam para dar início ao seu próprio ataque. As figuras minúsculas que eram os soldados em fuga continuavam a espalhar-se pela planície, tentando distanciar-se do inimigo. A segunda linha francesa mantivera-se firme e estava agora embrenhada numa troca de salvas com os austríacos. À direita da linha, Napoleão distinguiu um grupo de oficiais e colocou o cavalo em marcha.

Enquanto se dirigia a Davout, este estava ocupado a dar ordens aos subordinados, para que acalmassem os homens e se mantivessem firmes. Alguma distância à retaguarda, Napoleão viu a artilharia a cavalo e a cavalaria que enviara para cobrir o flanco do exército.

— Meu imperador. — Davout saudou-o com uma expressão ansiosa. — Não esperava vê-lo por aqui.

— Não?

— Julguei que estivesse a liderar o ataque.

— O ataque foi suspenso até que este flanco esteja seguro. Qual é a sua situação?

— Apanharam-nos de surpresa, *sire*. Os canhões deles abriram fogo pouco antes da alvorada e desmembraram-me as formações avançadas. Depois mandaram a infantaria atravessar o rio.

— E quanto à cavalaria?

— Até agora não há sinais, *sire*. Imagino que a estejam a guardar para dar início a uma perseguição, caso a infantaria consiga atravessar as minhas linhas. No entanto — Davout apontou para o fumo que aparecia em novelos ao longo da linha de tiro, — por agora conseguimos detê-los.

Napoleão olhou através do fumo e viu mais unidades inimigas a marchar para apoiar o ataque. Davout tinha razão. As suas forças seriam capazes de aguentar sozinhas, mas isso não bastava. Napoleão precisava que elas recuperassem a iniciativa e o ataque.

— Mantenha a posição, Davout. Assim que o inimigo começar a recuar, siga-os e continue a reprimi-los, entendido?

— Sim, meu imperador.

Napoleão acenou ao de leve com a cabeça, virou o cavalo para as baterias distantes de

artilharia móvel e galopou na sua direção. O comandante das peças, o general Nansouty, ficou tão surpreendido como Davout ao ver o imperador tão longe do centro de operações e começou a titubear um cumprimento antes que Napoleão o interrompesse.

— Nansouty, leve as suas peças para a direita da linha de Davout. Está a ver aquele renque de árvores ao longo do carreiro?

Nansouty seguiu a direção indicada pelo imperador. A cerca de um quilómetro e meio viam-se alguns choupos, que ensombravam uma estrada campestre.

— Sim, *sire*.

— Essa será a sua linha de fogo. A distância deverá ser adequada a metralha. Quero que dispare para o flanco inimigo quando este se aproximar de Davout. Continue com o fogo até que quebrem a unidade.

— Sim, *sire*.

— Não há tempo a perder. Vá!

Quando as peças móveis se afastaram, com os tirantes a retinir, Napoleão regressou para junto de Davout e dos seus oficiais. Indicou a coluna de Nansouty que se dirigia ao flanco.

— Em breve vão ter apoio daquela direção. Aproveitem-no.

— Sim, *sire*.

Observaram as baterias de Nansouty a dispor-se logo à frente do renque de árvores. Os artilheiros carregaram rapidamente as armas e momentos depois viu-se um clarão e uma nuvem de fumo, quando a primeira peça disparou, sendo rapidamente seguida pelas outras. Napoleão dirigiu a atenção às colunas austríacas que se aproximavam e viu vários homens a serem repentinamente desfeitos, depois mais alguns, e em breve o flanco do ataque inimigo ficava marcado por um rasto de cadáveres. O progresso dos austríacos abrandou, com os batalhões laterais fustigados a parar e a reorganizar as fileiras, após o que recomeçavam o avanço, até que eram mais uma vez atingidas por outra salva das peças de Nansouty.

À medida que as baixas se iam avolumando, a infantaria de Davout começou a contra-atacar, avançando entre cada salva de disparos de mosquete. Apanhado entre duas frentes, o flanco esquerdo do ataque inimigo começou a ceder quando os homens mais receosos recuaram, ao início, e depois fugiram a correr. O ataque austríaco fraquejou por um instante e depois o medo varreu-o como uma onda. Batalhão após batalhão começou a recuar, sempre com as armas de Nansouty a despejar cones de metralha letal sobre as fileiras que se desmembravam.

Napoleão dirigiu-se a Davout.

— Vou regressar ao quartel-general. Sabe o que tem a fazer.

— Sim, meu imperador.

— Então boa sorte, marechal.

Napoleão puxou as rédeas e virou a montada para regressar para oeste, enquanto os

tamborileiros de Davout marcavam o ritmo do avanço e os soldados gritaram um viva quando deram início à perseguição dos austríacos em retirada.

Assim que regressou ao posto de comando avançado, Napoleão sentiu que algo de errado se passava quando Berthier se aproximou rapidamente com uma expressão de alívio pela chegada do imperador.

— O que aconteceu?

— Aderklaa caiu em mãos inimigas.

— Como pode isso ser? Bernadotte tinha quase uma divisão na aldeia. Transformaram-na numa fortaleza. — Napoleão sentiu um peso no estômago. — O que aconteceu?

— O marechal Bernadotte ordenou aos seus homens que abandonassem a aldeia, *sire*. Ele informou-me de que fora obrigado a encurtar a linha de batalha, recuando os homens entre Masséna e o príncipe Eugène.

Napoleão fechou brevemente os olhos e respirou fundo. A aldeia seria a base do ataque contra o centro da linha austríaca. Agora teria de ser retomada, às custas das vidas de muitos dos seus homens. Tudo por causa do marechal Bernadotte. Expirou por entre os dentes cerrados e abriu os olhos.

— Envie ordens a Bernadotte. Ele tem de retomar Aderklaa. A qualquer preço.

— Sim, meu imperador.

Enquanto Berthier preparava apressadamente as ordens, Napoleão desmontou. Quando chegou ao chão, sentiu-se tão zonzo que se viu obrigado a segurar-se à maçaneta da sela, receando poder cair. Sentiu-se furioso com o próprio corpo por aquele momento de fraqueza. Sabia que estava a sofrer de exaustão. Há dez anos teria suportado tudo aquilo sem pensar duas vezes, e Napoleão apercebeu-se de que a idade o estava a afetar. Deixou-se ficar de pé por um instante até sentir a mente a clarear e depois dirigiu-se cuidadosamente à mesa dos mapas, onde se deixou cair numa cadeira. Estalou os dedos na direção do ordenança mais próximo.

— Quero alguma coisa para comer. Alguma coisa para beber. Já.

— Imediatamente, meu imperador.

O ordenança regressou com um pedaço de queijo duro, algum pão e um frasco de cerveja. Napoleão não gostava da bebida e só foi beberricando enquanto se obrigava a comer.

Pouco depois das seis da manhã, a divisão de Bernadotte de soldados saxões deu início ao ataque a Aderklaa. Napoleão abandonou a refeição e mandou buscar o cavalo. Pôs-se a caminho para observar a ação mais de perto, indicando a Berthier que o acompanhasse com uma pequena escolta de oficiais do estado-maior e lanceiros.

O marechal Bernadotte estava perto da frente, encorajando a infantaria saxónica a avançar, sendo recebida por uma chuva de fogo dos defensores austríacos. O inimigo servia-

se de todas as defesas preparadas pelos homens de Bernadotte havia poucas horas, disparando por trás de muros e a partir de aberturas nas casas no extremo da aldeia. Mesmo assim, os saxões avançavam a bom ritmo, com os primeiros batalhões a cerrar fileiras à medida que os soldados eram abatidos pelas balas inimigas. Enquanto observava, Napoleão viu mais forças inimigas a aproximar-se pela retaguarda da aldeia. Desejou que Bernadotte lançasse os homens em frente, antes que os defensores austríacos pudessem ser reforçados.

Seguiu-se uma derradeira salva de tiros de mosquete à queima-roupa antes de os saxões chegarem ao seu destino e começarem a atacar o inimigo com baionetas. Napoleão ergueu o telescópio e, pelo fumo de pólvora que se dispersava, avistou as sangrentas escaramuças corpo a corpo nos arredores da aldeia. Um jovem oficial intrépido incitava os homens a saltar o muro de um jardim. Vários homens tombaram como pinos de boliche quando avançaram por um portão, diretamente contra os mosquetes dos soldados que os esperavam. Dois homens ajudavam um camarada com a perna esmagada a chegar à retaguarda. Um sargento derrubou um soldado austríaco com a coronha do mosquete, antes de inverter a arma e de lhe trespassar a garganta com a baioneta.

Napoleão baixou o telescópio. O ataque de Bernadotte parecia estar a correr bem. Quando a aldeia regressasse a mãos francesas, o resto do assalto do exército contra a linha austríaca podia ter início. As crises da manhã tinham finalmente sido contidas. Virou-se para Berthier.

— Assim que Bernadotte confirmar que Aderklaa ficou livre de inimigos, dê ordem a todos os comandos para que iniciem os ataques.

— Sim, meu imperador. — Berthier aquiesceu e depois olhou além de Napoleão, com uma expressão curiosa.

— O que se passa agora? — resmungou Napoleão, enquanto se virava.

As colunas saxónicas que entravam na aldeia tinham parado. De ambos os lados, recuando à volta delas, corriam os integrantes dos primeiros batalhões. Alguns dos oficiais e sargentos tentaram detê-los, mas foram rapidamente afastados, ou derrubados ante a fuga dos saxões. Napoleão voltou a erguer o telescópio e viu mais clarões de tiros e fumo entre os edifícios, depois o verde das fardas austríacas e acima deles o estandarte da Áustria, a ser agitado em triunfo. Uma salva acertou nas primeiras filas de uma das colunas saxónicas paradas no exterior da aldeia. Foi quanto bastou para lhes quebrar o espírito vacilante e também eles deram meia-volta e fugiram. Daí a pouco tempo, toda a divisão saxónica estava a correr.

Um cavaleiro ultrapassou a infantaria em fuga, atravessando-se no seu percurso na diagonal e seguindo diretamente na direção de Napoleão e da sua comitiva.

— É o Bernadotte — indicou Berthier, baixando o telescópio. — Deve estar a tentar chegar à frente dos homens para os reunir.

— Ah, sempre a liderar à frente, como é habitual — desdenhou Napoleão. — Até na

retirada.

Berthier relanceou os olhos na direção do imperador e comentou em voz baixa:

— *Sire*, o marechal é um homem corajoso, mesmo tendo uma certa inclinação para a autopromoção.

— Uma certa inclinação? — Napoleão exibiu um sorriso gelado. — Ora, aquele homem é absolutamente dedicado a ele próprio.

Berthier pareceu fazer menção de responder, mas reconsiderou e manteve a boca fechada.

Observaram Bernadotte a estacar a montada à frente de um grupo de soldados e começar a admoestá-los, apontando com o braço na direção da aldeia. Alguns dos mais próximos do marechal pararam e olharam-no brevemente, antes de se voltarem e correrem atrás dos camaradas. Bernadotte chamou-os e depois lançou o cavalo a galope, numa tentativa de voltar a pôr-se à frente dos soldados. Perante ele, a planície estava coberta de milhares de saxões, com os primeiros a aproximar-se de Napoleão e da sua comitiva. Berthier dirigiu-se ao comandante da escolta e ordenou-lhe que mandasse avançar os homens para proteger o imperador. Os lanceiros levaram as montadas e pararam dez passos à frente de Napoleão, numa linha irregular, onde baixaram a ponta das armas. Os saxões em fuga começaram a desviar-se para os lados para evitar o novo perigo. O marechal Bernadotte parou a cem passos dali e desembainhou a espada, virando-se para os saxões.

— Cobardes! — bradou. — Mantenham-se firmes! Juntem-se a mim, malditos sejam!

Esticou-se na direção do mais próximo dos seus homens e bateu-lhe nos ombros com a parte chata da espada.

— Aqui! Aqui comigo!

Napoleão fitou-o com uma fúria gelada. Além de não ter sido capaz de impedir a fuga da divisão destroçada, ainda por cima Bernadotte fora a causa do problema, ao abandonar a aldeia e depois tendo de obrigar os soldados a tentar retomá-la, com resultados desastrosos. Pusera em risco não só os homens às suas ordens, mas também o plano de batalha do exército. Napoleão respirou fundo, estalou a língua e fez avançar o cavalo.

— Berthier, venha comigo. Quero que testemunhe isto.

Passaram por entre os lanceiros e seguiram com as montadas em direção a Bernadotte. Assim que o marechal os viu, embainhou a espada, pegou nas rédeas e trotou até Napoleão. Fez continência ao parar o cavalo.

— *Sire*, lamento informar que o ataque falhou. — Bernadotte abriu o braço para indicar os saxões em fuga. — Tal como vê, os meus homens falharam-me.

— A sério? — Napoleão cruzou as mãos sobre a maçaneta da sela e lançou a Bernadotte um olhar de desprezo. — Diga-me, marechal, era esta a manobra especial que tencionava usar para obrigar o arquiduque Carlos a depor as armas?

A boca de Bernadotte abriu-se, após o que a surpresa deu lugar à ansiedade, quando

recordou de como na véspera se gabara perante os outros marechais, e apercebeu-se de que Napoleão o devia ter ouvido.

— *Sire*, eu…

— Silêncio, Bernadotte! — atalhou Napoleão. — Falhou-me pela última vez. Fica a partir deste momento aliviado do comando das tropas que liderou com tamanha incompetência.

— *Sire*, não — protestou Bernadotte, mas Napoleão continuou.

— Ordeno-lhe que deixe este campo de batalha imediatamente. Vai sair do Grande Exército antes do final do dia e regressar a França. A seu tempo decidirei o seu destino. Agora saia da minha presença.

— Não pode fazer isto! — atirou Bernadotte. — Sou um marechal de França!

— Já não é. Desgraçou-se. Vou repetir. Saia da minha frente, caso contrário mando-o prender e levar acorrentado para a retaguarda.

Bernadotte endireitou-se na sela e abriu a boca, fazendo menção de falar, mas Napoleão virou-lhe as costas e afastou-se por entre a escolta de regresso aos seus oficiais do estado-maior.

— Não permitam que aquele homem se aproxime de mim — ordenou em voz alta, com um aceno de cabeça na direção de Bernadotte. Por um instante, Bernadotte fitou, impotente, Napoleão e depois olhou para Berthier com uma expressão inquiridora. Este abanou a cabeça ao de leve. Com um toque dos calcanhares, Bernadotte deu meia-volta ao cavalo na direção da ponte flutuante mais próxima de Essling e afastou-se, levando a montada a um trote, passado um pouco, e depois a um galope: tão afetado se sentia com o embaraço do tratamento às mãos de Napoleão que se viu obrigado a deixar o campo tão depressa quanto possível.

Napoleão lançou-lhe um breve olhar e resmungou:

— Boa viagem.

Berthier pigarreou.

— Terá sido sensato, *sire*? A meio de uma batalha?

Napoleão assentiu.

— Não podia dar-me ao luxo de permitir que Bernadotte voltasse a estragar tudo num momento crítico, não acha? — Lançou um olhar penetrante ao chefe do estado-maior.

— Não, meu imperador. É claro.

— Ótimo. Nesse caso teremos de nos ver sem o génio tático de Bernadotte para nos ajudar. Muito bem, envie uma ordem a Masséna. Ele que volte a tomar Aderklaa imediatamente. Pelo menos Masséna não me vai falhar.

— Sim, *sire*.

— E esperemos que tenha sido a última surpresa esta manhã.

No espaço de uma hora, pouco depois de o relógio da igreja de Aderklaa ter batido as

nove, a tricolor fora desfraldada na torre da igreja. Napoleão acabara de enviar um ordenança a transmitir as suas felicitações e gratidão a Masséna, quando lhe chegou um mensageiro do general Boudet, comandante da divisão que guardava o flanco esquerdo do exército.

— O que foi agora? — indagou Napoleão, fatigado.

— O general Boudet informa que foi obrigado a recuar até à cabeça de ponte de Mühlau, *sire*.

— Obrigado a recuar? — Napoleão franziu o cenho. — O que aconteceu? Desembuche, homem!

— *Sire*, estamos a ser atacados por dois batalhões. Somos apenas uma divisão. Fomos repelidos.

Napoleão estava prestes a dar vazão à fúria pela nova frustração quando o significado do relatório se tornou subitamente claro. Aquilo fazia parte do plano do arquiduque Carlos. O comandante inimigo devia tencionar rodear ambos os flancos do Grande Exército, mas, por qualquer motivo, o ataque ao flanco esquerdo de Napoleão fora atrasado até algumas horas depois do assalto ao direito. Era uma má altura para os franceses, refletiu Napoleão com azedume. Com a atenção de Masséna dirigida à reconquista de Aderklaa, ficara aberta uma passagem entre o Danúbio e o flanco esquerdo do Grande Exército. Agora, o arquiduque Carlos tentava capturar ou destruir as pontes que ligavam à ilha de Lobau. Se o conseguisse, iria cortar as linhas de abastecimento que serviam o Grande Exército.

— Até onde avançou o inimigo?

— Quando deixei o general Boudet, os austríacos aproximavam-se de Essling, *sire*.

— Essling! — Berthier virou-se para Napoleão com um ar de horror. Ao olhar para os oficiais do estado-maior, Napoleão viu que a informação os sobressaltara. Também havia receio em algumas das expressões. Tinha de acalmar os nervos. Se não desse o exemplo, tudo estaria perdido. Obrigando-se a assumir uma expressão calma, Napoleão dirigiu-se a Berthier.

— Temos duas opções. Ignoramos este ataque e continuamos com o plano, esperando que Davout consiga esmagar o flanco esquerdo do inimigo. Ou então enviamos Masséna para bloquear o avanço, defender as pontes e depois obrigá-los a recuar.

— Mas Masséna já está ocupado, *sire*. Além disso, mesmo que ele conseguisse quebrar o contacto, teria de marchar à frente dos austríacos à nossa esquerda. Se eles conseguirem trazer os canhões, os homens de Masséna vão ser obliterados.

— É possível — concedeu Napoleão. — A minha convicção é de que os austríacos não vão conseguir pôr as armas em ação suficientemente depressa para causar grandes estragos ao Masséna. Tudo vai depender da nossa velocidade. Primeiro temos de libertar Masséna e impedir o inimigo de tentar manter o contacto. A cavalaria de reserva tem de investir contra

o inimigo que se está a reunir a ocidente de Aderklaa. Têm de os reter onde estão até que Masséna chegue a Essling e aí forme a sua linha.

Berthier anuiu.

— Se Bessières falhar, o nosso centro não pode ser mantido. O Grande Exército ficará dividido em dois. Quero que Bessières tenha perfeita noção do risco que corremos.

— Sim, meu imperador.

Napoleão apercebia-se de que a situação era crítica. Tal como acontecera em Eylau, a linha de batalha corria o risco de ceder sob a pressão do inimigo. Se a cavalaria pudesse aliviar o resto do exército, haveria ainda a possibilidade de recriar a linha e bloquear o inimigo. Enquanto observava a cavalaria a avançar e a formar linhas prontas para investir contra o centro inimigo, Napoleão viu movimentos atrás das forças de Masséna, à medida que uma divisão do batalhão de Eugène e algumas baterias de artilharia percorriam a retaguarda da formação e criavam uma linha virada para as colunas inimigas que avançavam ao longo da margem do Danúbio. Com um aceno de aprovação e de alívio, Napoleão apercebeu-se de que o enteado agira de iniciativa própria para atacar o flanco inimigo. Os artilheiros libertaram rapidamente os canhões e carregaram metralha. No espaço de minutos, o primeiro entrava em ação, cuspindo chamas e fumo enquanto a estrutura saltava para trás com o recuo. Outras peças se lhe juntaram e em breve começavam a abrir brechas nas colunas austríacas que passavam à sua frente. Com os soldados inimigos a serem ceifados, cada batalhão viu-se obrigado a abrandar para passar por cima dos cadáveres e a refazer as alas, o que garantia mais algum tempo essencial a Masséna.

As formações de Masséna recuaram, exceto uma divisão deixada para defender Arklaa. Assim que ficaram a uma distância segura do inimigo, os soldados franceses deram a volta e começaram a marchar em passo acelerado pela planície, em direção a Essling. A corrida começara, percebeu Napoleão, com um nó de ansiedade no estômago. Se o inimigo capturasse Essling e se deslocasse suficientemente depressa, tomaria as pontes sobre o Danúbio. Podia ver Masséna a percorrer as colunas de infantaria de casacas-azuis, incitando-os a avançar. Apesar de muito pouco terem dormido desde havia quase três dias, os homens moviam-se com ritmo, fazendo levantar uma fina camada de poeira do terreno seco.

Uma série de notas agudas de clarim cortou o ar da manhã e Napoleão virou-se, para assistir à primeira das cargas de Bessières a avançar em direção ao centro austríaco. Uma linha de couraceiros trotava pela planície, com as couraças peitorais e os elmos a reluzir e os penachos a agitar-se de um lado para o outro. Oitocentos metros à frente deles, as primeiras unidades de infantaria austríaca começavam a formar quadrados, enquanto as equipas de artilharia apontavam os canhões à nova ameaça.

— Uma visão magnífica — comentou Napoleão. Quando os cavaleiros se aproximaram

dos austríacos e aumentaram o ritmo para um galope leve, pareceu haver uma pausa nos combates de ambos os lados do campo de batalha, com os dois exércitos a observar a onda de homens e cavalos que estrondeavam sobre a erva e as plantações niveladas da planície. O breve encanto quebrou-se quando a primeira bateria inimiga abriu fogo, devastando as alas avançadas de um dos regimentos de couraceiros. Dezenas de homens e cavalos tombaram como se houvessem tropeçado e as linhas seguintes foram obrigadas a contorná-los, como refluxos na corrente de um ribeiro. Juntaram-se mais peças que dizimaram as alas da cavalaria pesada francesa. Os clarins voltaram a fazer-se ouvir, soando a carga, e os cavaleiros esporearam as montadas, esticando os braços das espadas e soltando um brado exuberante que foi ouvido com toda a nitidez por Napoleão e os seus oficiais do estado-maior.

Os artilheiros austríacos fugiram das peças e procuraram o abrigo dos quadrados mais próximos, atirando-se aos pés da primeira fila ajoelhada quando os mosquetes foram erguidos, prontos para disparar contra a cavalaria em fúria. A face do quadrado austríaco mais próximo desapareceu subitamente atrás de uma linha de fumo de pólvora e mais couraceiros foram abatidos. Os restantes prosseguiram, cavalgando para o fumo.

Os quadrados da linha avançada inimiga mantiveram-se firmes e os cavaleiros franceses foram obrigados a contorná-los, sendo alvejados enquanto galopavam. Alguns tentaram inclinar-se nas selas e atacar os austríacos com as espadas. Outros, mais lúcidos, embainharam as lâminas e sacaram das pistolas, retribuindo fogo à queima-roupa. Ao mesmo tempo, os franceses iam sendo continuamente derrubados e os feridos regressavam às linhas francesas através dos campos pejados de cadáveres. A segunda onda de cavaleiros abriu alas para os deixar passar e depois avançaram para se juntarem aos sobreviventes da primeira carga.

— Estão a ser desfeitos — constatou Berthier. — Não são capazes de quebrar os quadrados.

— Pois não, mas isso não será necessário — retorquiu Napoleão friamente. — Basta que mantenham os austríacos onde estão tempo suficiente para que reorganizemos as nossas alas. — Olhou para as formações de reserva. — Vamos precisar de todas as peças da Guarda Imperial. Alinhe-as com as baterias de Eugène. Com isso teremos mais de uma centena de canhões com que bombardear o inimigo. Trate disso imediatamente.

Assim que as peças foram dispostas, Bessières mandou retirar as maltratadas divisões de cavalaria e seguiu-se mais um período de acalmia enquanto os quadrados inimigos se voltaram a formar em linhas e depois avançaram, em massa, contra os italianos expectantes do príncipe Eugène e a bateria apressadamente preparada que defendia o centro do Grande Exército. Com um ribombar poderoso, os canhões massacraram as linhas inimigas, abrindo carreiros sangrentos entre as primeiras alas. Napoleão não pôde deixar de se espantar com a

disciplina mostrada pelos austríacos, que fechavam as brechas e continuavam a marchar a um ritmo estável, de mosquetes inclinados.

— Meu Deus, Berthier, aqueles homens são corajosos.

Berthier assentiu, os olhos fitos na terrível carnificina levada a cabo pelas salvas contínuas das peças francesas. Mais de um milhar de homens terão sido abatidos antes de chegarem ao alcance dos mosquetes da linha francesa. A disciplina nunca desapareceu quando os oficiais deram a ordem de apontar aos franceses. A primeira salva perfurou o fumo denso que pairava à frente dos canhões, abatendo dezenas de artilheiros. Uma segunda salva fez os mesmos estragos e seguiu-se uma breve pausa, até que a primeira companhia de Guardas Imperiais recebeu ordem para avançar e operar as peças. Penduraram os mosquetes ao ombro e fizeram o que lhes era dito pelos artilheiros que tinham sobrevivido às salvas iniciais.

As duas linhas mantiveram-se firmes, com os canhões e os mosquetes dos homens de Eugène tendo como resposta as salvas massivas dos austríacos. Napoleão observou o massacre mútuo com uma expressão impassível. Milhares tinham tombado e muitos mais continuavam a ser derrubados, caindo sobre os corpos já amontoados dos camaradas. Foi uma pequena benesse que o fumo se tornasse espesso a ponto de ocultar a verdadeira escala do horror dos homens dedicados ao ritual mecânico de disparar e recarregar tão depressa quanto possível. A chacina entre os artilheiros à frente da posição do imperador entorpecia os oficiais do estado-maior, sentados nas suas selas a observar o espetáculo sangrento num silêncio profundo.

Os tiros continuaram durante quase uma hora. Durante esse tempo, Napoleão recebeu informação de que Masséna conseguira formar os homens à frente de Essling e começava a fazer os austríacos recuar. Os canhões na ilha de Lobau disparavam sobre o rio contra o flanco inimigo e, sendo fustigados por três lados, não resistiram muito até que recuaram. No outro lado do campo de batalha, o marechal Davout também empurrava o inimigo sem mercê. Napoleão olhou para o relógio e viu que era quase meio-dia. Dirigiu-se a Berthier.

— Parece que os ataques do inimigo foram controlados e as derradeiras reservas deles estão empenhadas no combate. Chegou a altura de dar início ao nosso próprio assalto, quebrar a linha austríaca e derrotar o exército do arquiduque Carlos.

O chefe do estado-maior do imperador percorreu o campo de batalha com o olhar.

— *Sire*, nós também já não temos muitas reservas. Será prudente atacar?

— Prudente? — Napoleão abanou a cabeça, com uma expressão de piedade. — Não tem fé em mim, Berthier?

O oficial baixou o olhar.

Napoleão prosseguiu:

— Dê ordens para que o exército ataque em toda a linha. O golpe principal será desferido aqui. — Levantou a mão e apontou para o terreno a oeste de Aderklaa.

— Sim, meu imperador. E quem ficará encarregue?

Napoleão pensou por um instante.

— O general MacDonald. Os homens dele são as tropas mais frescas que temos em ação.

— Contam-se também entre os mais inexperientes — argumentou Berthier.

— Mesmo assim, eles vão vencer a batalha por mim. A que maior glória pode almejar um soldado novo? Diga ao MacDonald para formar os homens para o ataque.

Centenas de canhões ribombavam ao longo de uma linha de batalha que se estendia desde o Danúbio até Wagram, seguindo depois o percurso do rio Russbach, numa distância de mais de dez quilómetros. Do lado oposto ao centro austríaco, o general MacDonald liderou o assalto dos seus homens. Eram oito mil, com os batalhões dispostos numa enorme formação em quadrado. Assim que os tambores marcaram o avanço, a formação deu início à marcha. Os homens suavam em bica nas fardas sufocantes. O terreno à frente deles era uma manta de retalhos de campos pisados cobertos de cadáveres e de equipamento abandonado ao longo de dois dias de lutas. Os mortos estavam já a decompor-se com o calor do verão e o ar estava pesado com o fedor de carne podre, sangue e excrementos. Nuvens de moscas e outros insetos criavam um zumbido constante enquanto se refastelavam.

À frente, as primeiras filas viram os artilheiros inimigos dispor apressadamente as peças quando avistaram a nova ameaça que surgia por entre as nuvens de fumo de pólvora que se iam dissipando.

— Os homens de MacDonald vão fazer um belo alvo, *sire* — comentou Berthier. — É impossível falhar aquele quadrado.

Napoleão não respondeu, limitando-se a observar atentamente a primeira bateria austríaca a abrir fogo. A distância era longa e tinham carregado os canhões com balas. As pesadas bolas de ferro caíram com uma breve nuvem de terra seca um pouco à frente do primeiro batalhão e fizeram ricochete pelas fileiras, derrubando todos os soldados no seu caminho. Outras peças abriram fogo e a divisão de MacDonald começou a perder dezenas de homens a cada minuto que passava. O avanço pela planície ficou marcado por um rasto sangrento de mortos e feridos. Ao chegarem ao alcance da metralha, os canhões mais próximos soltaram uma salva devastadora que provocou ainda mais chacina entre as alas francesas que iam diminuindo.

Berthier abanou a cabeça, espantado.

— Deus do Céu, eles não vão aguentar muito mais.

Napoleão inspirou por entre os dentes.

— Reze para que aguentem.

O quadrado continuou a progredir lentamente, ficando agora ao alcance dos soldados avançados austríacos, que juntaram o seu fogo ao dos canhões. Napoleão calculou que MacDonald já tivesse perdido metade dos homens, e mesmo assim continuavam a avançar para as garras dos canhões e dos mosquetes inimigos. Por fim, os sobreviventes chegaram suficientemente perto da linha inimiga para disparar a primeira salva de resposta. Os primeiros batalhões espalharam-se, carregaram os mosquetes e ergueram-nos, disparando contra as formações de artilharia e de infantaria mais próximas. Napoleão sentiu uma breve pontada de vingança quando as figuras distantes dos artilheiros austríacos foram abatidas ao lado das suas armas.

MacDonald ordenou ao quadrado para voltar a avançar e os soldados assim fizeram, detendo-se para disparar mais uma salva antes de instalarem as baionetas e carregarem contra a linha de infantaria austríaca que esperava mais à frente.

A terrível tensão da espera para que a divisão entrasse em ação deu lugar ao receio de que os homens de MacDonald tivessem sofrido demasiadas baixas para vencer. Napoleão aquiesceu para consigo ao tomar uma decisão.

— Berthier, precisamos que todos os homens disponíveis vão apoiar o MacDonald! Temos de fazer avançar o que resta das reservas de Eugène e também a Guarda Imperial.

Berthier ergueu as sobrancelhas.

— Mas *sire*, assim ficamos sem reservas. Ficamos sem nada para enfrentar o arquiduque João, se por acaso ele chegar ao campo.

Napoleão apontou para os dois batalhões incumbidos da tarefa de guardar o quartel-general.

— Serão estas as nossas reservas. Eles que cubram a nossa direita e o resto que avance para salvar MacDonald antes que seja demasiado tarde.

Enquanto os reforços avançavam rapidamente sobre a planície devastada, Napoleão leu os últimos relatórios dos outros setores do campo de batalha. Davout e Masséna faziam recuar os flancos austríacos e Wagram fora tomada pelo príncipe Eugène e os seus homens. Satisfeito por a batalha estar a pender a seu favor, dirigiu mais uma vez a atenção para o centro. Com a ajuda das novas tropas enviadas por Napoleão, MacDonald avançava com perseverança através do centro austríaco. Os dois lados trocavam salvas à queima-roupa e os corpos amontoavam-se pelo campo de batalha. A chegada da Guarda Imperial revelou-se decisiva. Depois de dispararem uma salva, carregaram sobre a linha austríaca. Seguiu-se uma luta breve e feroz, e depois o inimigo cedeu, com milhares de soldados a fugir para o abrigo das colinas que percorriam o extremo da planície, a norte.

Finalmente, o exército austríaco fora dividido em dois.

Fitando o inimigo em fuga, Napoleão estava demasiado exausto e abalado com o custo da batalha para sentir a mais pequena centelha de triunfo. Os batalhões franceses não

perseguiram o inimigo em fuga. Os homens tinham perdido as forças. O calor dos dois dias e o massacre entorpecedor testemunhado marcava o fim da resistência. Napoleão apercebeu-se de que nada mais poderia ser feito com eles. Qualquer perseguição aos austríacos estava fora de questão, especialmente com o exército do arquiduque João algures a aproximar-se. Deixou-se ficar no cavalo, a observar o inimigo a fugir, o seu íntimo a arder de frustração.

Berthier falou sem qualquer entoação.

— Foi uma vitória. Os meus parabéns, *sire*.

— Vitória? — Napoleão pestanejou os olhos doridos e percorreu com a vista a paisagem de edifícios destruídos, montes de cadáveres e os restos estropiados de quem tinha sido apanhado pela força total do fogo de artilharia. Por entre a carnificina viam-se sobreviventes de pé, ou sentados, atordoados, alguns a beber dos cantis para saciar a sede do dia. — Se isto foi uma vitória, será que a França poderá voltar a dar-se ao luxo de vencer outra vez?

CAPÍTULO 11

Schönbrunn, 23 de outubro de 1809

Um vento frio soprava pelo local da parada, no exterior das paredes amarelas e cremes do palácio, a pouca distância de Viena. O céu estava carregado e a chuva ameaçava cair. Mesmo assim, a exibição atraíra a habitual multidão da cidade que pagara bilhetes para assistir ao espetáculo da Guarda Imperial a marchar em formação, acompanhada pelas melodias dos músicos. Havia quem tivesse ido ver Napoleão, curiosos para observar a grande figura do dia. Para a maior parte, era a única oportunidade de o ver, já que o imperador francês raramente se aventurava em público, e mesmo então só para assistir à ópera, ou ao teatro, onde se sentava ao fundo do camarote privado, não dando à audiência mais do que um breve vislumbre da sua pessoa.

Napoleão estava de pé nos degraus dos terrenos da parada, observando as suas tropas a marchar. Havia dez dias que os austríacos por fim tinham assinado um tratado de paz com a França, tendo-se as negociações arrastado durante meses após a batalha de Wagram. O imperador Francisco debatera cada ponto, numa tentativa de ganhar tempo. Napoleão decidira que a Áustria teria de ser castigada e o acordo que viria a ser assinado obrigava o imperador Francisco a ceder grandes porções das suas terras a França, o grão-ducado de Varsóvia, a Baviera e a Rússia. O imperador Francisco também teria de reconhecer José como rei legítimo de Espanha e limitar a dimensão do exército austríaco a um máximo de cento e cinquenta mil soldados.

Isso, congratulava-se Napoleão, ajudava bastante a diminuir qualquer futura ameaça que a Áustria pudesse representar. Como lembrete final ao imperador Francisco do novo equilíbrio de poder que existia entre a Áustria e a França, Napoleão atrasara a saída de Viena. A parada daquele dia seria uma das derradeiras revistas antes de o Grande Exército dar início à marcha de regresso ao Reno.

A última companhia de guardas fez alto com estrondo no fim da linha, após o que caiu um silêncio sobre a parada, enquanto Napoleão avaliava os homens à sua frente. Quatro regimentos da Velha Guarda, os melhores soldados do exército. Olhou-os com admiração, mesmo mantendo uma expressão severa no rosto. Muitos daqueles homens tinham combatido por ele em Marengo e em Austerlitz. Para se juntar às fileiras, um soldado teria de ter servido um mínimo de cinco anos e combatido em duas campanhas, e isso antes mesmo de ser tido em conta para a seleção. Os homens tinham os olhos fitos em frente, com muitos ostentando bigodes extravagantes e barbas. As fardas estavam limpas, as faixas cruzadas de um branco brilhante e os botões cintilavam, graças a muitas horas de uma cuidadosa aplicação de trípoli. As altas barretinas de pele de urso e o porte orgulhoso faziam com que

os homens parecessem maiores do que os outros soldados, e Napoleão sabia que bastava a sua aparência no campo de batalha para perturbar o inimigo. Quando entravam em ação, eram destemidos e ferozes, e só os melhores inimigos se atreviam a manter-se firmes contra a Guarda Imperial.

Napoleão desceu lentamente os degraus, seguido por Berthier e pelo general Rapp, comandante da brigada em revista. Napoleão aproximou-se dos guardas e deu início à inspeção, percorrendo cada linha e detendo-se ocasionalmente para trocar uma palavra com um dos veteranos, fáceis de identificar graças às divisas nas mangas, que representavam o número de campanhas em que tinham combatido.

Terminada a inspeção, Napoleão regressou às escadas e começou a distribuir as promoções, as condecorações e os prémios aos distinguidos que foram chamados das fileiras. Cada homem dirigia-se com elegância ao imperador, ficava em sentido enquanto a menção era vociferada pelo general Rapp, e depois recebia a respetiva recompensa, a par das profusas felicitações do imperador. Contudo, durante toda a duração da cerimónia, a mente de Napoleão fervilhou com as suas variadas preocupações.

Assumindo lugar de destaque na sua mente, estava o confronto iminente com a imperatriz Josefina. Sentia o coração pesado com o remorso por aquilo que teria de fazer ao regressar a Paris. A França precisava de um herdeiro do trono. Nada serviria além de sangue real, já que assim seria impossível aos governantes rivais negar que o filho de Napoleão tivesse a ascendência necessária para assumir o poder como igual de qualquer outro imperador, rei, ou czar. Mesmo sendo inabalável a lógica da decisão de se divorciar de Josefina, Napoleão não deixava de sentir a profunda mágoa de ser obrigado a agir contra a sua vontade. Apesar de todas as infidelidades de ambos os lados, e do desespero frequente quanto à devassidão dela, Napoleão amava-a como a mais ninguém. Era como se os seus corações e mentes estivessem unidos, e a perspetiva da rejeição forçada desfazia praticamente qualquer noção de prazer que pudesse vir a ter na vida.

Assim que o último guarda recebeu a distinção, o general Rapp ordenou que os soldados levassem os mosquetes aos ombros e depois, com a banda já a tocar, os batalhões afastaram-se, a marchar, do local da parada. Quando a última companhia passou, os mirones civis começaram a espalhar-se pelos terrenos. Napoleão dirigiu-se a Berthier.

— Como vão os preparativos para a partida do exército?

— As últimas duas corporações estão prontas para seguir. O comboio com a bagagem imperial está pronto e pode partir a qualquer momento. Só há uma questão por resolver. — Berthier fez uma pausa. — A venda dos excedentes do exército, munições e equipamento capturados aos austríacos.

— Qual é o problema?

— Os austríacos recusam-se a pagar o preço acordado quando assinámos o tratado.

— O que sugerem eles?

— Estão dispostos a pagar trinta milhões de francos, *sire*.

Napoleão soltou uma gargalhada seca e abanou a cabeça.

— Trinta milhões! Devem ter-me por idiota. Não, o preço é cinquenta milhões, tal como acordado. Se não pagarem, diga àquele idiota do príncipe Metternich que não sairemos de Viena até que ele o faça. — Napoleão foi ficando mais resoluto enquanto falava e bateu com o dedo no peito de Berthier. — Diga-lhe também que se a dívida não for saldada na totalidade até ao fim do ano, vou considerar que o tratado foi violado, e isso significa guerra. Diga-lhe isso!

— Sim, meu imperador. Como desejar.

— Malditos austríacos — sibilou Napoleão por entre os dentes cerrados. — Foram eles que provocaram a guerra. O imperador Francisco não está em posição de alterar os termos da paz. Vou vergá-los, custe o que custar.

Deu meia-volta e desceu os degraus, fazendo menção de regressar aos seus aposentos no palácio. Durante o caminho, um jovem saiu da multidão de mirones em êxtase e dirigiu-se ao imperador. Napoleão só reparou nele no último instante e parou, com uma expressão carregada.

— O que se passa?

— *Sire* — disse o homem, de olhos arregalados. — Trago-vos uma petição em nome de todos os alemães.

Napoleão relanceou os olhos para o jovem. Era louro, de olhos azuis e ombros largos sob o casaco preto simples. O imperador abanou a cabeça.

— Leve-a aos meus secretários. São eles que tratam desses assuntos. Agora, queira sair do caminho.

— Não, *sire*. Vai tratar disto agora!

O jovem chegou-se repentinamente à frente. Viu-se um reflexo e o general Rapp gritou:

— *Sire*! Ele tem uma faca!

Napoleão ficou imobilizado e fitou o jovem. Depois, Berthier agarrou-lhe o braço e puxou-o, interpondo-se entre o seu imperador e o jovem. Viu-se uma farda azul com bordões dourados a passar rapidamente quando Rapp se atirou ao assassino e ambos caíram ao chão. Rapp levou as mãos ao pulso da mão em que o jovem segurava a faca e bradou:

— Guardas! A mim! A mim!

Os soldados de guarda nas escadarias aproximaram-se a correr. O jovem cerrou o punho livre e esmurrou o rosto de Rapp, ao mesmo tempo que o pontapeava, mas Rapp forçou o peso sobre o peito do rapaz, imobilizando-o, enquanto afastava de ambos a mão com a arma. Momentos depois, os guardas chegaram ao local e enquanto um forçava o jovem a abrir a mão, os outros puxaram-no para o pôr de pé. O general Rapp levantou-se, sem chapéu e a

ofegar, e lançou um olhar furioso ao jovem.

Napoleão afastou Berthier e deu um passo na direção do alemão.

— Queria matar-me.

— Sim! — retorquiu o assassino.

Napoleão abanou a cabeça.

— Porquê?

— Porque é um tirano. Inimigo da liberdade. Inimigo do povo alemão.

— Basta de disparates! — vociferou Rapp ao mesmo tempo que desferia um murro no abdómen do jovem. O rapaz dobrou-se sobre si mesmo até onde permitiram os soldados que o seguravam e gemeu, enquanto tentava recuperar o fôlego. Rapp dirigiu-se a Napoleão. — O que faço com ele, *sire*?

Napoleão fitou o jovem por um instante, ainda atordoado com a rapidez e surpresa do ataque. Não era a primeira vez que o tentavam matar, mas, no passado, os aspirantes a assassinos tinham usado bombas, venenos e outros métodos cobardes. Aquilo fora diferente. Um ataque direto contra ele, perpetrado por um indivíduo que pouco mais era do que um menino, sem esperança de fuga, quer fosse bem-sucedido ou não na tentativa.

Napoleão tossicou nervosamente.

— Levem-no. Interroguem-no. Descubram quem mais está envolvido nesta conspiração. Todos irão pagar caro por isto.

Rapp anuiu e gesticulou na direção dos guardas.

— Vocês quatro, levem-no para a adega e esperem por mim. Os restantes, fiquem com o imperador. Se mais alguém tentar aproximar-se antes de chegarem ao palácio, abatam-nos.

Napoleão afastou-se, com os guardas cercando-o de perto e observando com toda a atenção os civis que se demoravam nos terrenos. Quem testemunhara a tentativa de assassinato continuou a observar em silêncio a passagem do imperador francês e da sua escolta, dirigindo depois a atenção para o general Rapp e para o pequeno grupo que arrastava o jovem.

— Morte aos tiranos! — gritou o rapaz. — Morte a Napoleão!

Rapp saltou para o lado do jovem e esmurrou-lhe o queixo, silenciando-o.

A pouca distância, Napoleão olhou para o atacante e reparou que as mãos lhe tremiam. Franziu o cenho, furioso, e juntou-as atrás das costas, continuando depois em direção ao palácio.

Ao fim da tarde, Napoleão desceu à adega do palácio. O general Rapp levara o prisioneiro para uma das arrecadações vazias por baixo de uma zona pouco usada do palácio. Foi aí que Napoleão o encontrou, com três sargentos robustos da Velha Guarda, sentados, em tronco nu, em bancos à volta do jovem, que estava amarrado a uma cadeira. Tinham-lhe despido o

casaco e a camisa branca e os calções estavam salpicados de sangue. Os homens de Rapp tinham-no espancado com violência no rosto e, à luz da lanterna pendurada numa trave acima dele, Napoleão não reconheceu as feições do homem que o tentara matar nesse dia. Tinha os lábios rachados e inchados, o nariz fraturado e ensanguentado, e a testa raspada e aberta em alguns pontos.

Rapp e os sargentos levantaram-se quando o imperador atravessou a sala na direção deles, com os passos a ecoarem nas lajes frias.

— E então? O que lhe conseguiram arrancar?

— Pouca coisa, *sire*. — Rapp franziu os lábios. — Os meus rapazes tiveram de tratar dele antes que começasse a soltar a língua.

— Bem vejo.

— Diz que se chama Friedrich Staps. É da Saxónia.

— Quem o enviou para me matar?

Rapp encolheu os ombros.

— Ele diz que estava a agir por conta própria.

— Imagino que sim! — Napoleão fungou. — Alguém o enviou. Alguém demasiado cobarde para me enfrentar ao vivo. Este rapaz deve ter tido cúmplices. Quero os nomes deles.

— Ele negou a existência de mais alguém, *sire*.

— Nesse caso está a mentir.

— Não me parece, *sire*. Foi interrogado durante mais de oito horas. Se estivesse a tentar ocultar alguma coisa, já teria dito algo que o denunciaria. — Rapp fez uma pausa e olhou para o jovem com franqueza. — Manteve sempre a mesma história. Diz que agiu sozinho.

— Estou a ver — meditou Napoleão. — O que mais disse ele?

— Que é escrivão numa empresa comercial. Acredita numa maior união dos Estados alemães e acusa-o de se interpor no destino do povo alemão.

— E quanto à família? Confessou alguma ligação à corte prussiana?

— De todo, *sire*. Staps diz que o pai é sacerdote.

— Nesse caso, não se saiu muito bem a ensinar os dez mandamentos ao filho. — Napoleão foi pôr-se à frente do jovem e abanou lentamente a cabeça. — O que será que aconteceu ao "Não matarás"?

Staps engoliu o sangue que tinha na boca e levantou a cabeça para fitar o imperador francês.

— Dizei-mo vós, *sire*. Afinal de contas, eu tentei matar um homem. Vós haveis matado dezenas de milhares.

Napoleão ficou em silêncio por um instante.

— Isso é diferente. Isso é guerra. O que tentou fazer foi assassinato.

— É uma questão de perspetiva — argumentou Staps.

— A sério? — Napoleão esboçou um sorriso. O jovem saxão espicaçava-lhe a curiosidade. Dirigiu-se a Rapp. — Ele está bem preso?

— Sim, meu imperador. Confirmei-o eu próprio.

— Nesse caso, quero que os seus homens esperem lá fora. O general fica.

— Sim, *sire*.

Os sargentos pegaram nos casacos e fizeram breves vénias com a cabeça antes de se dirigirem à porta da arrecadação. Napoleão esperou que a porta se fechasse, depois pegou num dos bancos, puxou-o para si e sentou-se à frente de Staps. O general Rapp colocou-se atrás do prisioneiro, pronto a intervir no caso de o rapaz tentar alguma coisa, por mais bem preso que estivesse.

Napoleão esticou os ombros, aliviando a tensão, e depois chegou-se à frente, apoiando os cotovelos nas coxas e cruzando os dedos.

— Meu jovem, por certo tem noção de que aquilo que tentou fazer foi mau. Não só mau, mas também irracional. Não teria hipótese de escapar.

— Não estava preocupado com isso — retorquiu Staps, humedecendo os lábios e fazendo um esgar com a dor provocada. — Só vos queria matar. Nada mais importava.

— Isso é absurdo — contrapôs Napoleão. — Estava preparado para se suicidar?

— Continuo vivo.

— Por enquanto, mas não por muito tempo. — Napoleão meneou ao de leve a cabeça para ver melhor os olhos de Staps. — Imagino que saiba que vai ser executado por aquilo que tentou fazer.

Staps encolheu os ombros.

— Claro que sei. Não espero nada menos do que isso.

— Então porquê? O suicídio não é um gesto de um homem são.

— Discordo, *sire*. — Staps endireitou as costas para poder fitar o imperador. — Não foi por acaso que pretendi fazer isto. Não fui inspirado pela loucura. Acredito que o povo alemão tem de ser liberto dos grilhões que vós lhe impusestes. Ponderei sobre a melhor maneira de o conseguir. É claro que um homem sozinho não pode enfrentar um império e tentar vencer. Contudo, um homem solitário pode enfrentar um imperador e eliminá-lo.

— E julga que se me tivesse assassinado, conquistaria a liberdade do seu povo? — Napoleão abanou a cabeça. — Se eu tivesse sido morto, a França continuaria a deter o domínio sobre os seus Estados alemães.

Staps sorriu.

— Parece-me que a França é um monstro com uma única cabeça. Se a cortarmos, o monstro é derrotado.

— Lisonjeia-me.

— Não. Vejo tudo com bastante clareza. Vós sois um grande homem, à semelhança de todos os tiranos. É por isso que matar-vos teria mudado tudo.

— Mas não me matou. Nada mudou e desperdiçou a vida sem qualquer motivo.

— Talvez, mas há a hipótese de a minha morte poder vir a inspirar outros.

— Inspirá-los a levar a cabo ataques suicidas? — Napoleão soltou uma gargalhada seca. — O que o leva a pensar que não aprendi nada com a tentativa de hoje? De futuro será impossível para um homem assim chegar até mim.

— Impossível? — Staps franziu os lábios inchados. — Impossível, não. Apenas mais difícil. A seu tempo, outro homem… — fez uma pausa e esboçou um sorriso — …ou mulher, vai aproximar-se o suficiente para fazer outra tentativa, e ser bem-sucedido onde eu fracassei. As probabilidades a longo prazo estão contra vós, *sire*. Imagino que o percebais.

— Imaginemos que não se trata de uma questão de probabilidades, mas sim de destino — argumentou Napoleão. — Há homens escolhidos pelo destino para a grandeza, e só o destino pode determinar quando o seu tempo vai chegar ao fim.

— Se acreditais nisso, porque tendes guarda-costas? Imagino que não o queirais pôr à prova. — Staps olhou judiciosamente para o imperador. — Há mais outra coisa que me preocupa, *sire*.

— Sim?

— O receio que persegue todos os grandes homens. Acreditais na vossa grandeza, e o simples facto de pensar que um homem irrelevante, como eu, possa acabar com a vossa vida é uma afronta a essa visão de grandeza.

Napoleão fitou-o por um instante e Staps retribuiu o olhar com firmeza. Passado um instante, Napoleão sorriu e deu uma palmadinha no joelho do rapaz.

— Aquilo que diz tem um certo fundo de verdade. No entanto, agora está a subestimar-se.

— Eu?

— Meu caro Staps, não é um homem qualquer. Aquilo que fez exigiu muita coragem. Reconheço-o. Por certo, tal dedicação à sua causa deve ser raro entre vós.

Staps semicerrou momentaneamente os olhos.

— Nós?

— Aqueles que acreditam no mesmo, os camaradas que partilham as suas crenças e que conspiram consigo para se oporem a mim.

Staps abanou a cabeça penosamente.

— Já disse aos interrogadores que não há mais ninguém. Aquilo que fiz, fi-lo sozinho.

— Não disse que o fez por todos os alemães?

— Um homem pode agir em benefício de todos.

— Mas não será arrogante partir do princípio de que sabe o que é benéfico para todos? Isso, é claro, se estiver a falar verdade, quando diz que agiu sozinho.

— É tão arrogante da minha parte como da vossa partir do princípio de que governais em benefício dos vossos súbditos, e de todos os que vivem sob o jugo da França. Quem pode dizer que um homem sabe mais do que outro, seja ele imperador, ou um humilde escrivão?

Rapp agitou-se com o último comentário e cerrou os punhos, dando um passo na direção do prisioneiro. Napoleão olhou-o e fez-lhe sinal para que recuasse, após o que se recostou e pensou por um instante.

— Se eu aceitar que agiu sozinho, agora que foi detido, a ameaça para a minha pessoa chegou ao fim. Desde que não faça de si um mártir.

Staps olhou com curiosidade para Napoleão.

— Deixar-me-ia viver?

— Talvez — replicou Napoleão. — Conquanto apresentasse um pedido público de desculpas pelo seu ato.

— Um pedido de desculpas?

— Teria de admitir que o que fez foi errado. Um ato de loucura momentânea, talvez. E agora que já viu as coisas com mais clareza, sabe que a sua ação foi irrefletida e sem justa causa. Se o disser em público, poupo-lhe a vida e pode voltar a casa para viver o resto da vida em paz.

Staps riu-se, depois fez um esgar e tossiu, cuspindo gotas de sangue sobre as calças de Napoleão. Passou um minuto até que a dor acalmasse o suficiente para que ele voltasse a falar.

— E faria de mim um exemplo. A prova viva da vossa magnanimidade.

— Porque não? É exatamente isso — retorquiu Napoleão lapidarmente. — Ofereço-lhe a vida.

— Ofereceis-me vergonha, *sire*. Ofereceis-me a saída cobarde. Prefiro morrer.

— Nesse caso sois deveras louco. Qual a lógica de escolher a morte em vez da vida?

— Não agi segundo a lógica, mas sim segundo o princípio. Qual o valor de um princípio, se um homem se recusar a depositar nele a sua fé, aconteça o que acontecer?

Napoleão ergueu as mãos.

— Basta! — Fez uma pausa e respirou fundo, antes de prosseguir com um tom tão calmo quanto possível. — Staps, deixe-me que lhe diga que me impressionou. Mostra tanta coragem quanto os mais bravos soldados. Não quero acabar com uma vida tão promissora como a sua. Seria um desperdício. Só peço um pedido de desculpas. Agora. Nem sequer lhe peço que o faça em público. Depois pode regressar a casa.

— *Sire*, a honra obriga-me a dizer-vos que não posso regressar a casa. Não enquanto viverdes. Não quero o vosso perdão. Só lamento ter fracassado na minha tentativa de vos matar.

— Nesse caso, não me deixa escolha — replicou Napoleão, frustrado. — Terei de o

executar. Mas quero que saiba uma coisa: se morre, a escolha foi sua. Se é a morte que deseja, pois que assim seja, verá esse desejo satisfeito.

Staps chegou-se à frente com uma expressão sincera e um ardor feroz nos olhos.

— *Sire*, acreditai quando vos digo que quero viver. Quero viver, encontrar amor, casar e ter filhos, e morrer tranquilamente na minha velhice. Tal como qualquer outro homem. Garanto-vos que escolho a morte como último recurso.

— Então escolha a vida, seu jovem tolo! Estou a oferecê-la. O que mais pretende de mim?

Staps recostou-se na cadeira e ficou em silêncio por um instante, antes de prosseguir com um tom átono.

— Escolherei a vida se prometerdes libertar todos os Estados alemães. Se jurardes, por tudo quanto vos seja mais sagrado, acabar com as guerras na Europa. — Staps ergueu o queixo. — Se concordardes, então aceitarei o vosso perdão.

O queixo de Napoleão descaiu por um instante, antes de recuperar da arrogância do jovem.

— Aceita o meu perdão? Pois deixe-me que lhe diga que é muito generoso da sua parte. — Dirigiu-se a Rapp e perguntou retoricamente: — Ouviu isto?

— Ouvi, *sire*. É óbvio que os meus rapazes não lhe conseguiram arrancar o espírito. Permita-me que lhe ensine bons modos, *sire*.

— Para quê? Ele é louco. Absolutamente louco.

Staps abanou a cabeça.

— Não sou louco, *sire*. Que outra ação razoável resta a um homem quando se vê confrontado com tamanho poder como o vosso? Dediquei a minha vida a tentar acabar com a vossa. Nada poderá mudar isso.

Napoleão recostou-se e afagou o queixo. Não podia deixar de admirar a força das convicções daquele jovem, por mais que discordasse delas. O jovem era bem-apessoado, além de educado e inteligente. Contudo, não dispunha de inteligência que lhe permitisse ser tentado pela oferta de Napoleão. Era uma tragédia que as qualidades que mais o destacavam fossem igualmente aquelas que o condenavam. Napoleão suspirou.

— Muito bem, levem-no. Ele que fique numa cela segura e vigiada. Garanta que fica confortável e que é bem alimentado.

Rapp pareceu surpreendido por um instante até que encolheu os ombros e avançou para levantar o jovem. Segurando-o pelo braço, o oficial francês levou-o até à porta, abriu-a e empurrou-o para as mãos dos sargentos que aguardavam. Depois de dar as ordens, fechou a porta e regressou para junto do imperador, que fitava as lajes ensanguentadas por baixo da cadeira onde Staps estivera sentado. Daí a pouco olhou para o general.

— Acredita nele?

— *Sire*?

— Quando diz que agiu sozinho.

— Não sei, *sire*. Ele insiste que sim.

Napoleão pensou por um instante.

— Não acredito nisso. Tem de haver outros conspiradores… tem de haver. Staps é o resultado de todas as sociedades secretas que me dizem infestarem os Estados alemães. Homens como ele estão sob a influência de fanáticos religiosos e de intriguistas políticos. Transformam jovens em assassinos e enchem-lhes a cabeça de falsas ideologias. Mas como podemos combater falsos ideais? Eles não podem ser destruídos com balas de canhão.

Rapp franziu os lábios.

— A força serve para controlar as pessoas, *sire*.

— Eu sei. Mas, quando muito, é um expediente. Temos de lhes controlar a mente e o coração, se quisermos governar sem viver segundo os caprichos de maníacos como o Staps.

— Sim, *sire*.

Napoleão fitou a cadeira vazia. Desta vez escapara à faca de um assassino, mas quantos mais homens como Staps haveria, à espera de uma oportunidade? Se morresse agora, seria o fim do sonho de uma nova dinastia de Bonapartes. A necessidade de um herdeiro era mais premente do que nunca e Napoleão convenceu-se do que teria de ser feito assim que regressasse a Paris.

— *Sire*?

— O que foi?

— Quais as suas ordens em relação ao prisioneiro? Quanto tempo o quer preso?

— Preso? — Napoleão franziu o cenho. — Não o quero preso. Prepare a papelada para um tribunal marcial. Quero-o acusado e condenado por tentativa de assassinato.

Rapp anuiu.

— Sim, *sire*. De manhã escolherei os oficiais necessários. Podemos julgá-lo de imediato.

— Isso não será necessário. Só precisamos da aparência de um julgamento justo. Redija os documentos assim que possível. — Napoleão levantou-se do banco e espreguiçou-se. — Entretanto, o Staps terá de ser fuzilado. Pela alvorada. Encontre-lhe uma campa sem identificação e cubra-lhe o corpo com cal viva. Entendido?

— Sim, *sire*.

— Não vou permitir que Friedrich Staps se torne um mártir, nem que a campa se transforme num santuário. Ele tem de ser obliterado. Apagado da História.

CAPÍTULO 12

Fontainebleau, dezembro de 1810

— Sua majestade imperial não está satisfeita com as novas disposições — resmungou o barão Bausset ao acompanhar Napoleão escadas acima, até ao palácio. Do céu plúmbeo caía uma chuva leve e a brisa gelada fustigava o rosto dos soldados e dos criados que se tinham reunido para receber o imperador. Napoleão regressara da Áustria pouco antes do meio-dia, cansado e com frio, depois de vários dias passados na carruagem. Havia algumas semanas, ordenara a Bausset que todas as escadarias e portas que ligavam os seus aposentos aos da imperatriz deveriam ser seladas. Tendo em conta o confronto que se avizinhava, Napoleão não pretendia garantir a Josefina qualquer facilidade no acesso à sua pessoa. Sabia bem o domínio que ela exercia sobre si. Teria de ser forte nas semanas que se avizinhavam. Tinha de resistir às lágrimas e às súplicas que ela lhe lançaria. Tudo pelo bem de França, recordou.

Bausset pigarreou quando chegaram ao cimo da escadaria curva que dava para a entrada.

— *Sire*, a imperatriz pediu-me repetidamente explicações por ter bloqueado o acesso entre os aposentos dela e os vossos.

— Imagino que sim — retorquiu Napoleão. — O que lhe disse?

— Transmiti-lhe que me limitava a obedecer às vossas ordens e que não fora informado dos motivos subjacentes às instruções.

— Ótimo.

Ao entrar no hall, Napoleão fez uma pausa e desabotoou o casaco, após o que moveu os ombros, quando um lacaio avançou e o ajudou a despi-lo. Napoleão tirou o chapéu e atirou-o na direção do homem, enquanto continuava a falar com Bausset.

— Ela sabe que regressei?

Bausset hesitou, antes de responder.

— Fui informado da sua chegada há umas duas horas, *sire*. Tal como ordenou, foi dito aos criados que não deveriam comentar nada com sua majestade imperial.

— Grande esperança — fungou Napoleão. — De certeza que ela tem alguns criados no bolso. Muito bem, preciso de sopa e de café. Mande que sejam levados ao meu gabinete. Acenderam o lume?

— É claro, *sire*.

— Indiquei a Paris que os despachos deveriam ser enviados para cá. Quero que mos levem assim que chegarem.

— Sim, *sire*.

— Muito bem. — Napoleão dispensou Bausset, mas antes que se pudesse dirigir à ala do

palácio onde se situava o seu gabinete, ouviu-se um grito agudo de prazer no cimo da escadaria do hall.

— Meu querido! Meu adorado Napoleão!

Napoleão ergueu o olhar e viu Josefina a sorrir, agarrada ao corrimão e inclinada ao de leve para a frente. Mesmo à distância, Napoleão pôde distinguir os pequenos dentes manchados e não deixou de estabelecer um contraste nada lisonjeador com o belo sorriso branco de Maria Walewska, que esperava por se juntar a ele na suite de quartos que lhe tinha sido destinada nas Tulherias. Mal a comparação foi feita, Napoleão sentiu o fardo repulsivo da culpa e da traição a instalar-se-lhe no coração. Sentiu-se desprezível por um instante e depois censurou-se rapidamente. Não havia necessidade de se culpar por nada. O seu dever para com o país tinha de vir antes dos sentimentos pessoais. Josefina iria entendê-lo. Afinal de contas, ela não se comportara de todo como seria esperado da esposa do homem mais poderoso da Europa. A devassidão dela era um escândalo público e os anteriores relacionamentos tinham-no embaraçado com uma vergonha que ainda lhe queimava o peito. Engoliu nervosamente e cerrou os lábios até formar uma expressão fria ao olhar para a esposa.

Um lampejo de preocupação cruzou o rosto de Josefina, que depois correu escadas abaixo, com as chinelas a ressoar ao de leve nos degraus. Napoleão observou-a com terror e depois endureceu o coração, endireitando-se e cruzando as mãos atrás das costas. Ela correu pelo hall e envolveu-lhe os ombros com os braços, ao mesmo tempo que lhe beijava a face.

— Meu amor, tive tantas saudades tuas — murmurou-lhe ao ouvido e depois ficou hirta, ao sentir-lhe a rigidez inflexível do corpo. Recuou com uma expressão de leve preocupação e fitou-lhe os olhos. — Meu querido, o que se passa contigo? Não tens um abraço, ou um beijo para a tua esposa?

— Mais tarde — retorquiu Napoleão bruscamente. — Tenho trabalho a fazer. Se tiver tempo, podemos falar mais tarde. Com a tua licença.

Sem um beijo, ou qualquer outro sinal de afeto, o imperador deu meia-volta e dirigiu-se ao seu gabinete. Não hesitou, nem olhou para trás, pois sabia que ela o estaria a mirar naquela sua pose desamparada e impotente que tinha a certeza lhe derreteria o coração. Quando chegou ao estúdio, Napoleão deu ordens ao lacaio à porta para que não permitisse a entrada de ninguém, sob qualquer pretexto, a menos que essa pessoa levasse um prato de sopa. Fechou a porta com firmeza e encaminhou-se de imediato para a secretária. Um pequeno monte de documentos e de cartas aguardava numa salva, e, com um suspiro profundo, Napoleão tentou banir qualquer pensamento sobre Josefina, deixando-se cair pesadamente na cadeira e começando a tratar da correspondência.

Quebrou o selo do primeiro documento, abriu-o e deu uma vista de olhos ao conteúdo. Era de um oficial superior do Tesouro, que requisitava uma audiência para discutir a crise

monetária iminente. Napoleão tinha consciência de que os cofres franceses estavam quase vazios, mas esperara que a paz recente restaurasse o fluxo de impostos e de outros rendimentos. Contudo, o Tesouro relatava que a economia estava a sofrer com o embargo comercial com a Inglaterra, o que afetava todo o continente. Isso, a par do custo de manutenção dos exércitos em Espanha, estava a exaurir a França. Napoleão redigiu alguns comentários apressados no documento e passou ao seguinte, uma resposta do irmão, o rei Luís da Holanda, ao pedido de reforços holandeses a serem enviados para Espanha. Luís dizia recear que os súbditos se revoltassem, caso ele tentasse enviar tropas em auxílio do rei José. A juntar aos lamentos, e pelos mesmos motivos, argumentava não poder manter o embargo com o comércio inglês.

— Idiota — resmungou Napoleão, enquanto escrevinhava uma resposta brusca ao fundo da carta do irmão. — Será que ele não entende que a menos que verguemos a Inglaterra, nenhum Bonaparte estará seguro no trono?

A carta seguinte continha um pedido educadamente articulado para que o imperador tivesse a bondade de saldar uma dívida contraída por Josefina num costureiro parisiense. Napoleão arregalou os olhos ao ver a soma devida. Mais de dez mil francos. Fitou a carta e depois atirou-a para o lado.

Ouviu-se um estalido suave quando a porta se abriu e um criado entrou no gabinete trazendo um tabuleiro com um pequeno prato fumegante, um pouco de pão, um decantador de vinho aguado e um copo.

— Aqui, na secretária. — Napoleão bateu na superfície brilhante de madeira à sua direita. O criado atravessou a divisão e pousou cuidadosamente o tabuleiro, após o que curvou a cabeça e se afastou às arrecuas. Napoleão terminou os apontamentos e pousou a pena. O cheiro agradável da sopa de cebola invadiu-lhe as narinas e Napoleão puxou o tabuleiro para a sua frente. Lá fora, a chuva tamborilava nas vidraças com um ritmo irregular, enquanto o vento gemia sobre o palácio. Napoleão pegou na colher e começou a sorver com cuidado, a mente regressando sem demoras ao mais premente dos assuntos que o atormentavam — como dar a notícia a Josefina.

Uma semana depois, Napoleão tomou sozinho uma refeição com a esposa. Os últimos pratos do serviço de jantar tinham sido levantados, ficando a maior parte da comida intacta na porcelana fina. Daí a pouco, um criado serviu-lhes café e depois retirou-se do pequeno salão onde o imperador e a imperatriz tinham ceado. No exterior, a noite gelada tinha caído havia muito sobre o palácio. Além de meras amabilidades, rara tinha sido a palavra trocada à refeição. Napoleão sentia o estômago demasiado revoltado com ansiedade para conseguir comer e obrigara-se a engolir algumas garfadas de frango, tendo passado o resto da refeição a debicar a comida, até que finalmente pousou os talheres e estalou os dedos, para que os

criados levantassem a mesa.

— Estamos quase no Natal — acabou Josefina por comentar.

— Sim.

Josefina ergueu a chávena e deu um gole cuidadoso.

— Não se preparou nada.

— Não.

— Bem, não achas que deveríamos organizar algum evento? Uma celebração?

Napoleão fitou-a, sentindo-se mal ante a iminência da traição.

— Não vamos ter nada para celebrar.

— O quê? — Josefina baixou ligeiramente a chávena. — Porque dizes isso? O que se passa, meu amor? Tens estado tão frio comigo desde que regressaste.

— Eu… tenho uma coisa para te dizer. — Napoleão engoliu nervosamente em seco e percebeu que não era capaz de continuar. Josefina notou a expressão de sofrimento no rosto dele e fez menção de se levantar da cadeira para o reconfortar. — Senta-te — ordenou Napoleão. Depois, consciente da dureza do tom, obrigou-se a suavizar a voz. — Por favor, senta-te, meu amor.

Passado um instante, Josefina fez o que lhe foi dito e retribuiu-lhe o olhar.

— O que foi? Diz-me.

Já não havia como evitar o que se seguiria e Napoleão respirou fundo para se acalmar, antes de falar.

— Tenho de me divorciar de ti.

— O quê?

— Tenho de me divorciar. Preciso de um herdeiro. Por isso, tenho de encontrar uma nova esposa.

Josefina olhou-o fixamente e depois soltou uma gargalhada nervosa.

— Estás a brincar, só pode ser. Estás a brincar comigo.

— Não. É verdade. — Agora que finalmente poderia explicar a situação, Napoleão sentiu o alívio fluir-lhe pelo corpo. — Não tem nada a ver connosco, é a França. Eu amo-te e sempre amei. Mas temos de ser fortes e pôr a necessidade do povo acima da nossa. — Observou-lhe com atenção a expressão espantada. — Entendes?

Josefina abanou a cabeça ao de leve, de lábios a tremer.

— Não… Não…

— Desejava, com todas as forças do meu ser, que pudéssemos evitar esta situação — prosseguiu Napoleão, com gentileza. — Mas tem de ser.

Josefina cerrou os punhos.

— Não. Por favor, não o faças.

— Tem de ser. Se nos vamos divorciar, não podemos ser vistos juntos. Não seria próprio.

— Não faças isso, meu querido. — A voz cedeu-lhe. — Suplico-te.

— Já foi feito. O senado ratificou ontem o decreto. Amanhã irei anunciá-lo em Paris e ambos assinaremos o acordo formal perante a corte imperial. É preferível que tudo seja feito o mais depressa possível. — Napoleão sorriu. — Para nos aliviar o sofrimento, bem vês.

— NÃO! NÃO! NÃO! — gritou Josefina, derrubando com o braço o que estava em cima da mesa. Atirou a chávena ao chão e o pires voou contra a lareira, onde explodiu em fragmentos com um ruído agudo. Levantou-se e correu até ele à volta da mesa, após o que se deteve e o fitou, de olhos desvairados. — NÃO! — Levantou de repente o punho e Napoleão encolheu-se instintivamente. Em vez de o agredir, bateu no peito, com força, repetidamente.

— Não faças isso! — Napoleão estendeu-lhe a mão. — Por favor, meu amor, não o faças.

O corpo de Josefina foi percorrido por um soluço e depois as pernas cederam-lhe e ela caiu sobre o tapete espesso por baixo da mesa, enrolando-se no chão enquanto gritava e chorava. Napoleão fitou-a por um instante, sabendo que não poderia fraquejar agora. No passado, as lágrimas de Josefina já lhe tinham abrandado muitas fúrias, levando-o a mudar de ideias. Afastou a cadeira e aproximou-se dela.

— Levanta-te, Josefina. Para de chorar.

Ela abanou a cabeça e continuou a soluçar, juntando um grito magoado a espaços, e Napoleão não deixou de a fitar, impotente, enquanto a piedade e a irritação se digladiavam sobre o controlo dos seus pensamentos. Atrás dele abriu-se a porta. Apareceu um lacaio, com um candeeiro, e ao seu lado estava o barão Bausset.

— *Sire*? Ouvi gritos. Aconteceu alguma coisa?

Napoleão apontou para Josefina.

— O que lhe parece? Venha cá, preciso da sua ajuda.

— Sim, *sire*.

Enquanto Bausset se aproximava rapidamente da mesa, Josefina estendeu a mão e agarrou a perna de Napoleão.

— Ajuda-me a levantar-me — murmurou. — Não quero que me vejam assim.

Napoleão baixou-se e agarrou-lhe no ombro, passando-lhe a outra mão pela cintura enquanto a ajudava a pôr-se de pé. Josefina tinha os olhos inchados e vermelhos, as faces riscadas pelas lágrimas e o lábio inferior a tremer. Napoleão sentiu uma culpa terrível a percorrer-lhe as veias e ficou tentado a abraçá-la. Depois, Bausset chegou a seu lado e o encanto quebrou-se.

— Ajude a imperatriz. — Napoleão tentou libertar-se, mas Josefina manteve-se desesperadamente agarrada ao braço dele.

— Não me deixes!

— Não te vou deixar. Ajudo-te a chegar aos teus aposentos.

Os olhos dela cintilaram por um instante.

— Sim, seria muito gentil da tua parte.

Josefina aliviou a força com que o agarrava e Napoleão libertou-se, dando um passo rápido atrás.

— Bausset, venha segurar a imperatriz. Com força, para não a deixar cair. Eu ilumino o caminho.

Bausset acercou-se rapidamente e assumiu o seu lugar. Josefina obrigou-se a sorrir e agradeceu num tom gelado ao oficial imperial, enquanto o marido retirava cuidadosamente uma vela do castiçal da mesa. Envolvendo a chama com a mão livre para a proteger de correntes de ar, abriu caminho até à porta. Com Bausset a apoiar a imperatriz, o pequeno grupo dirigiu-se a uma pequena escadaria traseira e começou a subir os degraus até aos aposentos de Josefina, no andar superior. Ao chegar ao topo, ela deixou-se ficar inerte de repente e recomeçou a chorar.

— Não o faças, Napoleão. Suplico-te, não te divorcies de mim.

Napoleão virou-se.

— Cala-te! — sibilou. — Bausset, pelo amor de Deus, segure-a bem.

Com Bausset quase a arrastar Josefina, o trio percorreu o corredor até à porta do quarto. Napoleão abriu a porta e chegou-se ao lado, erguendo a vela.

— Leve-a para a cama. Depressa.

Bausset fez o que lhe era ordenado e deitou gentilmente a imperatriz em cima da colcha de seda, antes de recuar para junto do seu mestre.

Napoleão sentiu um ardor repentino no pulso.

— Raios! — Baixou a vela para sacudir a cera derretida com a mão livre e a pequena chama estremeceu.

— Não me deixes! — Josefina ergueu-se sobre o cotovelo, com a outra mão estendida para ele.

— Saia! — ordenou Napoleão a Bausset. — Já.

Os dois homens saíram apressadamente para o corredor e Napoleão fechou a porta atrás de si, interrompendo um novo acesso de lágrimas e de gritos angustiados. Soprou as faces, aliviado, antes de olhar para Bausset.

— Fique aqui. A imperatriz está perturbada e precisa de descansar. Ela não pode sair dos aposentos até que eu o permita. Pode receber visitas, se assim o desejar, mas seria… impróprio para ela cruzar-se comigo, dadas as circunstâncias, como decerto compreenderá.

— Sim, *sire*. Assim farei.

— Ótimo. — Napoleão deu-lhe uma palmadinha no ombro e regressou às escadas, tendo o cuidado de não voltar a deixar que a cera lhe escorresse para o pulso. Assim que se afastou o suficiente de Bausset, abanou a cabeça. Sentia-se esgotado. Tinha um aperto no coração, mas mesmo assim estava grato pela sensação de liberdade e de alívio que o percorria.

Fungou para consigo.

— Afinal, sempre correu bem.

CAPÍTULO 13

Os elementos da corte imperial entraram em silêncio na sala do trono do palácio das Tulherias. Dirigiram-se aos seus lugares e esperaram pelo início da lúgubre cerimónia. A noite anterior fora gelada e os telhados da capital cintilavam com uma camada de gelo, enquanto cristais irregulares se tinham formado nos cantos de cada vidraça da sala do trono. O céu estava plúmbeo, o que contribuía para o espírito sombrio de todos os que aguardavam a chegada do imperador.

Mais tarde, cerca de uma hora depois de os membros da corte se terem reunido na câmara, o ressoar das botas dos soldados no corredor anunciou a chegada do imperador e dos seus guarda-costas. As portas da sala abriram-se com um ranger leve e Napoleão entrou. Dirigiu-se a um trono almofadado de folha de ouro e veludo, posicionado num estrado elevado. O trono da imperatriz fora retirado na véspera e levado para uma arrecadação. Depois de Napoleão se sentar, seguiu-se uma breve pausa, até que mais passos anunciaram a chegada da imperatriz. Josefina vestia uma túnica azul-escura simples, como se se dirigisse a um funeral, refletiu Napoleão. Cruzou a sala e deixou-se ficar a pouca distância do estrado, virada para ele. Napoleão pôde ver que ela estivera outra vez a chorar, e a tez estava ainda mais pálida do que o habitual.

Napoleão pigarreou e olhou em redor da câmara para os familiares, os ministros, os membros do senado, dezenas de marechais e generais, e representantes da Igreja. Josefina era a única mulher no salão.

— Meus senhores, convoquei-os para testemunharem um dia triste, mas necessário, nas nossas vidas. Por motivos de Estado, vejo-me obrigado a dar por terminado o meu casamento com a imperatriz Josefina. O senado ratificou o decreto necessário e hoje eu e a minha esposa iremos assinar o registo civil que reconhece o final do nosso casamento. — Fez uma pausa, sem se atrever a olhá-la, e fitou um ornamento do teto, perto do topo da parede oposta. Sentia um nó doloroso na garganta, apesar da sua intenção de manter as formalidades breves e sem emoção. Tossiu.

— Antes que o decreto seja assinado, quero que se saiba que não aponto quaisquer culpas, nem falta de amor, à imperatriz. Também não está em causa a minha falta de estima. O único motivo para esta decisão infeliz reside no fracasso da natureza de nos proporcionar um herdeiro que me suceda no trono imperial.

Não pôde mais reprimir a necessidade de a olhar e fitou os olhos dela. Lágrimas novas cintilavam nos olhos de Josefina, que levantou rapidamente a mão para as limpar.

Napoleão respirou fundo, depois levantou-se e fez sinal a Fouché, o ministro da polícia e um dos conselheiros mais próximos de Napoleão, para que trouxesse o decreto. Fouché aproximou-se do estrado com um pequeno estojo de escrita. Abriu-o, apresentou o

documento e segurou o estojo à frente de Napoleão. O imperador pegou na pena no interior do estojo, abriu o tinteiro, mergulhou o aparo e dirigiu a mão ao fundo do decreto. Fez uma pausa momentânea, olhando além do irmão, para Josefina. Ela abanou ao de leve a cabeça enquanto o fitava, com uma expressão de súplica. Napoleão baixou o olhar e assinou rapidamente antes de devolver a pena ao suporte.

Fouché recuou dois passos, virou-se e acercou-se de Josefina, a quem se dirigiu com frieza.

— Se vossa majestade imperial se dignar a assinar o decreto, podemos acabar com tudo.

Josefina fitou o documento como se este fosse uma cobra venenosa e depois ergueu lentamente a mão que lhe tremia para a levar à pena. Pegou-lhe e molhou o aparo, antes de se preparar para assinar ao lado do nome de Napoleão. Começou a escrever, mas depois abanou a cabeça.

— N-não posso. — A voz embargou-se-lhe. — Não sou capaz.

— Tem de ser — insistiu Fouché, em voz baixa. — Não tem alternativa.

Josefina abanou a cabeça, reprimindo mais lágrimas.

Napoleão não aguentou mais e levantou-se do trono, dirigindo-se a ela.

— Josefina, querido amor, tens de assinar o decreto, caso contrário, tudo aquilo por que trabalhei terá sido em vão. Assina, imploro-te, por mim. Assina, pelo amor que sentes por mim.

Josefina aquiesceu, voltou a empunhar a pena e depois, lentamente, assinou. Assim que terminou, Fouché tirou-lhe a pena da mão e fechou o estojo.

— Está feito — anunciou às pessoas que se encontravam na câmara de audiências. — O decreto está assinado e o divórcio é oficial.

As palavras foram recebidas com silêncio, sendo o único som os soluços de Josefina, que se envolvia com os braços. Napoleão levantou a mão para a reconfortar, depois retirou-a e obrigou-se a voltar ao trono. Ninguém falou, sem saber como reagir, e esperaram nervosamente por uma deixa do imperador, mas Napoleão permaneceu imóvel e silencioso, o olhar fito na distância. Depois levantou-se subitamente e deixou a câmara.

Bem cedo na manhã seguinte, Napoleão foi acordado pelo criado pessoal, Roustam, vestiu-se e tomou um pequeno-almoço rápido antes de se dirigir ao pátio do palácio. Ainda não eram oito horas e a luz débil era pálida. Um comboio de carruagens e carroças aguardava para levar Josefina, o seu séquito e pertences a Malmaison, o palácio de campo que Napoleão decidira conceder-lhe, a par de outros presentes e riquezas, que lhe garantiriam um resto de vida confortável. Os cavalos faziam piafés nas pedras e os criados batiam com as botas e esfregavam as mãos para tentarem manter-se quentes enquanto aguardavam pela sua senhora. Napoleão viu que a carruagem de Josefina estava vazia e chamou a si uma das

aias.

— Onde está a sua senhora? Ela devia partir à hora.

— Lamento, *sire*. Ela mandou dizer que estaria aqui à hora marcada. Deixei-a no quarto.

— Compreendo. — Napoleão baixou o tom de voz. — E como está sua majestade imperial?

— Cansada, *sire*, pois passou a maior parte da noite a chorar. Quando a deixei, estava sentada na cama, a olhar para o vosso retrato.

— É melhor entrar para a sua carruagem. Não vale a pena ficar ao frio enquanto esperamos.

A aia recuou e dirigiu-se à carruagem, e Napoleão olhou para o relógio sobre a arcada do pátio. O ponteiro grande avançou mais um minuto e de repente ele sentiu uma irritação familiar por Josefina, que sempre se atrasara para todos os eventos, obrigando-o a esperar. Foi ficando mais zangado com o aproximar das oito horas. Então, quando o relógio começou a bater as horas, abriu-se uma porta e Josefina surgiu do palácio, enrolada em peles e dona de uma elegância fria ao dirigir-se graciosamente à carruagem. Não alterou o ritmo das passadas quando reconheceu Napoleão e lhe estendeu as mãos enluvadas. Com a mais leve das reservas, Napoleão segurou-lhe nas mãos e chegou-se à frente para lhe beijar as faces, após o que se afastou. Um ar magoado percorreu a expressão de Josefina, e ele sentiu-lhe as mãos tentarem aproximá-lo com gentileza.

— Não, Josefina. — Sorriu. — Isso não seria boa ideia.

— É assim tão fácil resistires ao meu amor?

— Nunca é fácil.

— Então? — Nos olhos pairava um convite. — Se alguma vez me quiseres visitar, ninguém saberá de nada.

— Isso não vai acontecer. Ambos teremos de ser fortes.

Josefina mordeu o lábio e assentiu.

— Muito bem. Nesse caso, tenho de partir.

— Sim.

Josefina soltou-lhe as mãos e virou-se, aceitando a mão de um lacaio que a ajudou a subir para a carruagem. A porta fechou-se à sua entrada e, ao longo de todo o pequeno comboio de veículos, homens entraram e condutores assumiram as rédeas e os chicotes. À frente foi bradada uma ordem e o comboio deu um solavanco ao arrancar, com as rodas revestidas a ferro e as ferraduras dos cavalos a encherem o ar com uma cacofonia estrepitosa. Napoleão fitou por um instante a carruagem de Josefina, quando esta avançou e se dirigiu à arcada. A janela não se abriu. Não se viu sinais do rosto dela no pequeno painel à retaguarda, e momentos depois passou pelo arco e entrou na avenida mais além, desaparecendo da vista.

Duas semanas depois, no primeiro dia do novo ano, Napoleão convocou uma reunião com a família e os conselheiros mais chegados. As nuvens e a chuva que pareceram pairar todo o mês de dezembro sobre a capital tinham partido, deixando no seu lugar um céu azul limpo. Contudo, o imperador começara a matutar na perda da esposa e o estado de espírito não estava a melhorar com a necessidade de tomar uma decisão quanto a uma substituta. Depois de consultar os diplomatas e de enviar mensagens aos embaixadores de França para que estes sugerissem nomes de mulheres adequadas, foi elaborada uma lista de candidatas.

Por fim sobraram apenas duas que correspondiam aos desejos de Napoleão, que convocara a reunião para que o ajudassem a decidir entre elas. Assim que todos se instalaram à mesa comprida da sala de reuniões dos seus aposentos privados, Napoleão bateu na mesa.

— Silêncio, cavalheiros. — Fez uma pausa até que os outros lhe dirigiram a atenção. — Temos de decidir quem será a minha esposa, e nova imperatriz de França. Imagino que saibam que tive em consideração uma série de mulheres, e acredito que os nossos interesses serão mais bem servidos com a grão-duquesa Ana da Rússia, ou com a princesa Maria Luísa da Áustria. Tal como muitos de vós saberão, a grão-duquesa é irmã do czar Alexandre. Tendo em conta o estado atual das relações entre a Rússia e a França, um casamento com a família do czar poderia ajudar-nos a reparar alguns dos danos sofridos pela nossa aliança. A seu tempo, quando houver filhos, eles só virão ajudar a fortalecer a união das nossas duas potências.

— *Sire* — interrompeu José. — Não há garantias de que a grão-duquesa seja fértil. A necessidade mais premente é a produção de um herdeiro ao trono. Com quinze anos, será talvez um pouco nova para ter filhos. Poderá haver riscos para a saúde dela que não se aplicarão a uma mulher mais velha e mais forte.

— Ela tem idade suficiente — retorquiu Napoleão. — Há muitas mulheres capazes de conceber tão novas. Além disso, se ela se revelar fértil, temos a garantia de um período longo para filhos. Com o passar dos anos, a grão-duquesa poderá dar-nos muitos herdeiros.

— Isso é verdade — concedeu José. — Mas temos de ter em conta a linhagem. Os Romanovs são afamados por produzirem muitos descendentes enfermiços, bem como um pequeno número afligido pela insanidade. Não queremos arriscar que a vossa descendência fique contaminada com tais espécimes.

— Pois não, não queremos. — Napoleão aquiesceu, pensativamente. — Mesmo assim, não nos podemos esquecer das vantagens políticas de tal união entre a França e a Rússia, especialmente agora que a Inglaterra está tão perto de ceder. Os agentes de Fouché dizem-nos que o embargo ao comércio inglês está a fazer com que os produtos se amontoem nos portos. As fábricas estão a fechar e os trabalhadores estão esfomeados. Em breve vão começar a morrer à fome, e quando as pessoas morrem de fome, começam a exigir

mudanças.

— O ministro da polícia já nos disse isso tudo — esclareceu José, fatigado. — Há quanto tempo é que ele nos garante que o povo inglês está à beira da revolta? Dois anos? Três?

O ministro Fouché franziu os lábios e encolheu os ombros.

— Acredito naquilo que os meus agentes dizem. O problema é que os ingleses têm uma capacidade perturbante de resistência e uma falta de apetite por revolução. Mas o comércio é o calcanhar de Aquiles deles. Se o cortarmos, ficam mancos.

— E mesmo assim continuam a lutar — interveio Talleyrand do extremo da mesa. Apesar da distância cada vez maior entre eles, Napoleão convocara igualmente o antigo ministro dos negócios estrangeiros. O conselho de Talleyrand era demasiado valioso para ser ignorado. — Na verdade, longe de mostrar quaisquer sinais de enfraquecimento, a influência deles vai crescendo na Península Ibérica. Derrotaram-nos em Talavera. — Levantou a mão quando viu Napoleão chegar-se à frente, fazendo menção de protestar. — Eu sei que o marechal Jourdan e Victor dizem que foi uma vitória, e foi assim que ordenou que fosse apresentado nos nossos jornais, mas a verdade é que as nossas forças foram repelidas pelos ingleses.

— A sério? — Os lábios de Napoleão torceram-se num leve sorriso escarninho. — Nesse caso, se ele ganhou a batalha, como explica que o general Wellesley se tenha sentido obrigado a recuar até Portugal?

— Uma necessidade estratégica, *sire*. Aos ingleses, basta-lhes manter um exército na Península para barrar o caminho a forças francesas com um número bastante superior.

— Basta! — Napoleão bateu com a mão na mesa. — A situação na Península Ibérica está a desenrolar-se a nosso favor. A vitória é inevitável. Na primavera irei enviar mais soldados para Espanha, juntamente com Masséna, e os ingleses serão derrotados de uma vez por todas. Assim sendo, não percamos mais tempo a pensar nisso. Estamos aqui para escolher uma noiva. Tal como frisei, um casamento seria bastante útil para fortalecer os nossos laços com a Rússia. O risco está na eventual capacidade de a irmã do czar nos apresentar um herdeiro. — Fez uma pausa. — Por outro lado, a princesa Maria Luísa tem dezanove anos, uma excelente idade para produzir filhos. O pior é ela não ser uma beleza. — Recordou o comprido rosto dos Habsburgos que herdara do imperador Francisco, a par de um nariz estreito e de olhos salientes. — Admito que pensar em levá-la para a cama me apela mais ao sentido de dever do que ao desejo de homem.

— Às vezes os grandes homens têm de fazer grandes sacrifícios. — Talleyrand encolheu os ombros. — Não se esqueça, *sire*, de que é seu dever dar um herdeiro a França.

— É verdade, mas neste caso bem gostaria que houvesse maneira mais fácil de alcançar esse objetivo.

Luís, que ainda não falara, nem se mostrara muito interessado, moveu-se e chamou a atenção do irmão.

— Com a vossa licença, creio que me lembro de ter ouvido dizer que uma antepassada, uma tia-avó, se não estou em erro, deu à luz vinte e seis filhos. Isso, por um lado, responde à aptidão dela para o casamento.

Napoleão fitou Luís.

— Vinte e seis filhos? Espantoso. É exatamente com esse tipo de útero que me quero casar. — Dirigiu-se a Champagny, o sucessor de Talleyrand como ministro dos negócios estrangeiros. — Sabemos como os austríacos vão reagir à proposta?

— Com efeito, *sire*. Quando discuti o assunto com o embaixador, ele disse que o príncipe Metternich sugerira uma forma semelhante de aliança entre a França e a Áustria. Ao que parece, chegou a referir-se a Maria Luísa pelo nome.

— Isso é bom — meditou Napoleão. Se Metternich pudesse abrir caminho à proposta de matrimónio, seria grande a possibilidade de êxito. Contudo, refletiu que se Metternich estava interessado em tal ligação, de certeza que estaria a tramar algum plano. Fosse como fosse, o casamento com a princesa Maria Luísa servia os interesses imediatos de França e, se por acaso ela se revelasse fértil, também os interesses a longo prazo. Olhou em redor da mesa e anuiu.

— Muito bem, então, seja a princesa Maria Luísa. Champagny, apresente a nossa proposta aos austríacos assim que possível. Se eles concordarem, teremos de agir com celeridade. Não quero que os russos tenham grande tempo para apresentar um protesto quanto aos laços mais chegados entre França e Áustria.

— Sim, *sire*.

— Informe o imperador Francisco de que desejo que o casamento não se efetue mais tarde do que a primavera. Os assuntos de Estado impedem-me de deixar Paris durante vários meses, por isso será um enviado a apresentar a proposta em meu nome. Se o imperador Francisco concordar, nesse caso o enviado pode agir como meu representante e o casamento poderá efetuar-se de imediato, viajando Maria Luísa para Paris como minha noiva.

— Um casamento por representação? — José ergueu as sobrancelhas. — Isso não será precipitado? Se queremos transmitir a impressão de uma união entre as duas potências, decerto um casamento de Estado terá mais ênfase.

Napoleão rejeitou a objeção.

— Podemos organizar qualquer coisa mais tarde, para deixar as pessoas felizes. O que interessa é que as coisas sejam resolvidas rapidamente e que eu engravide a minha nova imperatriz o mais depressa possível. Estamos todos de acordo, cavalheiros?

Os conselheiros anuíram, à exceção do irmão, que esfregava o queixo com uma expressão magoada.

— O que foi, meu irmão? Pretendes apresentar uma objeção?

— Não, *sire*, não propriamente. Apenas me preocupo com os danos que isso vai causar à

reputação de os franceses serem românticos.

Os outros homens sorriram, e alguns riram-se, mas a expressão do imperador manteve-se séria.

— Não há lugar para o romance nos assuntos do Estado. — Franziu o cenho e endureceu o tom de voz. — Deixou de haver.

CAPÍTULO 14

Arthur

Lisboa, fevereiro de 1810

— O governo está a armar uma bela confusão. — Henry Wellesley abanou a cabeça e serviu-se de mais um copo do Madeira de Arthur. Os dois irmãos estavam sentados à frente de um lume na casa de campo que Arthur alugara a um nobre local. Lá fora a noite caíra e a chuva fustigava as portadas. O exército encontrava-se em quartéis de inverno ao longo da fronteira espanhola e ele aproveitara a oportunidade para visitar Lisboa e preparar o envio de provisões. Também avaliava o progresso da rede de defesas que ordenara que fossem erguidas na faixa de terreno a norte da cidade, entre o mar e o rio Tejo. Dezenas de milhares de portugueses tinham sido requisitados para construir os fortes, redutos e trincheiras de ambos os lados da vila de Torres Vedras, e que deveriam reprimir o assalto do exército francês quando eles tentassem expulsar os ingleses da Península Ibérica.

Henry chegara vindo de Cádis a bordo de um vapor, trazendo consigo os mais recentes despachos de Londres. Arthur irritava-se profundamente com o facto de os superiores políticos informarem o representante inglês em Cádis dos desenvolvimentos domésticos antes que essas notícias fossem transmitidas ao comandante das forças inglesas na Península Ibérica. Claro que desta vez pelo menos houve algum motivo de alegria, pois Henry trouxera os despachos em mão, a par de cartas de amigos e da família.

— Por Deus — resmungou Arthur. — Aqueles idiotas de Londres. Seria de pensar que preferem eliminar os adversários políticos e não o inimigo.

— Mas Arthur, para eles, os adversários políticos *são* o inimigo. Os franceses não passam de um inconveniente.

— Exatamente. Pensei que não me faltasse ouvir mais nada quando soube daquele duelo ridículo entre Castlereagh e Canning. É um milagre que só o Canning tenha sido ferido. Agora, ambos caíram em desgraça e estão fora do governo, numa altura em que todos os ingleses deviam pôr o país acima de tudo o resto. Entretanto temos aquele fanático religioso, o Spencer Perceval, como primeiro-ministro. Pelo menos lorde Liverpool tem uma boa cabeça como ministro da Guerra. Ele tem noção da necessidade de manter um exército aqui em Espanha.

— É verdade, mas Liverpool está com dificuldade em defender esse ponto de vista. Há elementos do ministério que não têm pejo em dar voz aos pedidos para te substituir, ou então para que o exército regresse a Inglaterra.

Arthur fitou o centro do lume.

— Porque quereriam substituir-me? — indagou em voz baixa. — Que motivo poderiam

ter?

— Motivo? És um Wellesley; irmão do Richard. Para eles, é motivo mais do que suficiente.

— Esqueces-te. — Arthur sorriu. — Já não sou um Wellesley.

— Eu sei. Agora respondes pelo nome de Wellington. Uma escolha tola, se queres saber. Típico do irmão William.

— Por agora, Wellington serve — replicou Arthur, refletindo brevemente na sua nobilitação, após a batalha de Talavera, no ano anterior. O rei concordara em elevá-lo ao pariato como recompensa pela vitória. William fora encarregue de encontrar um título e descobrira uma pequena aldeia chamada Welleslie, na zona Oeste. Contudo, para não arriscar alguma confusão entre o nome e o título de Richard, o Colégio de Heráldica escolhera antes o nome da povoação de Wellington, ali próxima. Assim, desde setembro, Arthur passara a ser o visconde Wellington de Talavera, algo que decidira ser um título com um som estranho.

— Não nos podemos dar ao luxo de abandonar o que aqui temos — prosseguiu Arthur. — A nossa presença obriga Bonaparte a manter um quarto de milhão de homens retidos na Península Ibérica. Cada dia que passa custa ao inimigo muitas vidas e ouro. A França está lenta mas garantidamente a exaurir-se. E enquanto isso continuar, Bonaparte tem menos possibilidade de enviar exércitos poderosos para o resto do continente. — Arthur inclinou-se para a frente e tocou no joelho do irmão. — Henry, preciso que defendas a nossa pretensão em Londres. Tens de garantir que o governo não desiste da única estratégia que poderá derrotar os franceses.

Henry suspirou.

— Farei o que puder, Arthur. Tens a minha palavra. O problema é que os nossos aliados espanhóis não estão a ser de grande ajuda para a causa. Os generais deles parecem incapazes de dominar os adversários franceses.

— Realmente. — Arthur abanou a cabeça, lamentoso. — Mas não temos de perder toda a esperança. Mesmo que os governantes espanhóis nos tenham falhado, o mesmo não pode ser dito do povo. O seu coração é mais valoroso e vão continuar a lutar.

— Que vantagens isso lhes vai trazer, ou a nós? Os rebeldes não se equiparam aos soldados de Bonaparte. Se tentarem resistir, vão ser massacrados.

— Não me parece. Diz o que quiseres sobre a junta e sobre o exército, mas a guerra com os resistentes ainda vai continuar mais algum tempo. É aí que podemos encontrar a base da nossa vitória na Península Ibérica.

— Espero que tenhas razão. — Henry pegou no seu copo e revirou-o lentamente nas mãos antes de continuar. — Henry, para te ajudar a convencer o governo a manter o apoio ao teu trabalho aqui, tenho de te pedir que te abras comigo. Tenho de saber ao certo como tencionas

levar a cabo esta guerra.

— De momento há pouco que eu possa fazer — replicou Arthur, sinceramente. — Estou em inferioridade numérica de dez para um. Os homens que perdemos em Talavera só agora foram substituídos por recrutas novos. Muitos dos homens que sobreviveram à batalha estão esgotados e alguns foram acometidos por doenças após a retirada para Portugal. O que se passa com os homens também se passa com os meus oficiais, além da complicação adicional de alguns deles serem desleais, outros serem incompetentes, e outros ainda serem um risco óbvio ao nosso lado. Mesmo que o exército estivesse pronto a atacar no centro de Espanha, ainda não resolvi o problema dos suprimentos. A parcimónia do governo leva a que mal possa alimentar e equipar os nossos soldados aqui em Portugal. Não posso depender dos nossos amigos espanhóis para obter fornecimentos, pelo que para travar uma guerra em Espanha, vou precisar de muito mais ouro para pagar o nosso avanço. — Exibiu um sorriso cansado. — Portanto, Henry, agora sabes como estou limitado para levar os combates ao inimigo.

— Compreendo tudo isso, mas assim sendo, qual é o teu plano?

— Se não podemos atacar o inimigo, teremos de fazer com que seja ele a atacar-nos a nós. Foi por isso que dei ordens para a construção das linhas de defesa a norte de Lisboa. Por enquanto, Napoleão estabeleceu paz com as outras potências do continente. Isso significa que vai poder concentrar um grande exército em Espanha, com o objetivo de esmagar as minhas forças aqui em Portugal. Assim, vou apresentar-me como estando a preparar-me para combater os franceses, enquanto os terrenos à frente das linhas são despojados de pessoas e limpos de alimento, abrigos e forragem. Depois recuo para trás das defesas e espero aí pelo inimigo. Os franceses terão de decidir se nos fazem passar fome, ou se regressam a Espanha. Uma vez que podemos receber com facilidade fornecimentos pelo mar, não vamos passar fome. O inimigo, por outro lado, vai começar a ficar esfomeado, mas não irá retirar, por recear a fúria do imperador. Esse dilema vai destruí-los. — Arthur voltou a recostar-se na cadeira. — E essa, Henry, é a minha estratégia. Podemos não ser capazes de vencer aqui a guerra, mas de certeza que não a vamos perder, conquanto Inglaterra seja paciente e generosa com o seu fornecimento de homens e de dinheiro. Talvez te soe perverso, mas gostaria que os franceses atacassem. Só espero que tal aconteça antes que o governo em Londres perca a coragem e ordene a minha retirada.

Henry ficou em silêncio por um instante, após o que aquiesceu.

— Farei o que estiver ao meu alcance para o evitar, mas tens de perceber que Inglaterra espera vitórias, de preferência mais cedo do que mais tarde.

— Teremos vitórias quando estiver pronto para as apresentar. — Arthur voltou a encher os copos e fitou o irmão. O rosto de Henry estava marcado por rugas e o cabelo salpicado de grisalho. Os deveres ao serviço da nação tinham-no envelhecido.

Ouviu-se bater à porta e Arthur virou-se na direção do som.

— Entre!

A porta abriu-se e Somerset entrou. Atrás dele, no corredor, outro oficial subalterno aguardava nas sombras.

— O que foi, Somerset?

— *Sir*, tenho a relatar que o capitão Devere regressou.

— Ah, ótimo! Ele que entre.

Somerset desviou-se e fez sinal ao oficial no exterior. O homem marchou para dentro da sala, com o lume da lareira a refletir-se nos cordões que adornavam a peliça militar da farda. Devere chegara recentemente. Fora destacado para o estado-maior de Arthur como favor a um dos aliados de Richard no parlamento. Era competente, mas a arrogância ainda teria de ser mitigada pela experiência. Arthur enviara-o de madrugada para negociar a venda de uma manada de gado a um latifundiário português. O som dos passos ecoou nas paredes quando o oficial percorreu o soalho de mosaicos, após o que se deteve à frente de Arthur com uma saudação elaborada.

— *Sir*, permita-me que relate que regressei da minha tarefa.

— Ótimo. Quantas cabeças de gado conseguiu comprar?

— Nenhuma, *sir*. — Devere continuou a olhar em frente.

— Nenhuma? — Arthur franziu o cenho. — Mas o que significa isso? Explique tudo, homem! Imagino que tenha encontrado a propriedade. As indicações eram suficientemente claras.

— Sim, meu general. Cheguei à casa pouco depois do meio-dia e apresentei-lhe as condições para a compra do gado.

— E?

O olhar firme de Devere cedeu e não conseguiu evitar relancear os olhos cautelosos na direção do comandante antes de voltar a mirar a parede.

— *Sir*, disse-lhe o nosso preço e de quantas cabeças precisávamos, e ele pareceu não gostar dos meus modos diretos. Quando chegámos a acordo em relação ao preço, ele disse-me que só completaria a transação se eu lhe implorasse que me vendesse o gado.

— Se implorasse?

— Sim, *sir*. D. Roberto Lopes ordenou-me que me ajoelhasse e implorasse.

Arthur esfregou a fronte.

— Imagino que tenha recusado o pedido.

— Sim, meu general. É claro. Sou um cavalheiro inglês e diabos me levem se me vou ajoelhar à frente de um luso qualquer.

Arthur fechou os olhos com uma expressão de desalento.

— E disse-lhe isso com esses modos?

— Exatamente assim, *sir*. Por intermédio do meu tradutor, é claro. Afinal de contas, não falo o patuá local e o maldito do homem recusou-se a falar inglês.

— Entendo. — Arthur ergueu o olhar. — E depois, o que aconteceu?

— Depois? — Devere franziu as sobrancelhas. — Nada, *sir*. D. Roberto disse que se recusava a vender-me o gado. Pelo menos até que eu me ajoelhasse. Disse-lhe que o gado dele podia ir para os quintos dos infernos e que encontraríamos outro vendedor. Depois saí de lá e vim apresentar o meu relatório. Devolvi o ouro ao encarregado das finanças do exército, *sir*.

Arthur deixou-se fitar o jovem oficial.

— Diga-me uma coisa, Devere, por acaso faz ideia daquilo por que passei para encontrar tal quantidade de carne para as nossas tropas? Já quase não há manadas num raio de trinta quilómetros de Lisboa. Os nossos homens têm de ser alimentados. Agora, graças à sua petulante exibição de arrogância, eles vão passar fome.

O capitão Devere abriu por instinto a boca para protestar, depois reconsiderou e fechou-a, mantendo-se hirto e a olhar em frente.

— Ouça bem, Devere. O senhor é um oficial da cavalaria. Qual é a máxima desses oficiais? Parece-me bem que tem de ser recordado: trata dos cavalos antes dos homens e dos homens antes de si. Isso significa que descarta quaisquer outras considerações até que os cavalos e os soldados estejam devidamente alimentados. Correto?

— Sim, meu general.

Arthur fitou Devere fixamente por um instante.

— Escute uma coisa, capitão. Somos um exército pequeno, de quem o nosso país espera grandes resultados. Precisamos de todos os aliados que conseguirmos encontrar. Espero que de futuro seja essa noção a orientá-lo em todos os nossos contactos com portugueses e espanhóis. Entendido?

— Sim, meu general.

— Muito bem. Pode retirar-se.

O oficial fez continência, virou-se e marchou para fora da sala tão depressa quanto possível, fechando a porta ao sair. Henry ergueu a sobrancelha na direção do irmão.

— Quer-me parecer que este indivíduo não é um diplomata nato.

— É jovem. — Arthur encolheu os ombros. — E este mal melancólico vai passar-lhe em breve. Se viver o suficiente, acredito que o Devere venha a prestar bons serviços ao país. Mas por agora, infelizmente, deixou-me com mais um problema a resolver. — Arthur puxou do relógio e olhou para os ponteiros. — São quase onze horas. Já é tarde, meu caro Henry. Vais perdoar-me, mas tenho trabalho a fazer antes de me recolher. Imagino que estejas cansado da tua viagem desde Cádis. Podemos continuar a nossa conversa pela manhã.

Henry sorriu.

— Como queiras. — Terminou o vinho e levantou-se da cadeira. — Uma boa noite para ti.

Arthur aquiesceu e ficou sentado a observar o lume enquanto Henry deixava a sala. Esperou alguns minutos antes de se dirigir à porta e ordenar ao ordenança de serviço que lhe fosse chamar Somerset. Minutos depois, Somerset entrou, a reprimir um bocejo.

— Mandou chamar-me, *sir*.

— Sim. Quero imediatamente dois esquadrões de cavaleiros nas selas. E vou precisar de algum ouro.

— Ouro? — Somerset pestanejou. — Pretende comprar alguma coisa a esta hora, *sir*?

Arthur reprimiu um bocejo e exibiu um sorriso fatigado.

— Apenas um pouco de boa vontade.

A propriedade ficava a duas horas a cavalo de Lisboa. Não era fácil seguir o caminho no escuro, algo dificultado pelas nuvens de chuva que ocultavam as estrelas e a Lua. Perderam-se três vezes e foram obrigados a encontrar uma quinta, onde acordaram os ocupantes para lhes pedir indicações que os devolvesse ao caminho certo, mas por fim, às duas da manhã, a coluna atravessou os portões da propriedade de D. Roberto Lopes. A estrada comprida serpenteava através de pomares, cujas árvores exibiam os troncos despidos no inverno, e extensões de pasto onde os vultos escuros de gado e de cabras se aglomeravam em busca de abrigo ao longo de muros vetustos. Daí a pouco, Arthur avistou uma lanterna isolada acesa num pórtico. Em seu redor agigantava-se a forma indistinta de uma grande casa.

A coluna fez alto junto ao pórtico e Arthur desmontou. Chamou o intérprete e dirigiu-se à porta, onde bateu com o pesado anel de ferro na madeira sólida. Não houve resposta e Arthur esperou um momento antes de voltar a bater, desta vez com mais insistência. O silvo da chuva e o gemido baixo do vento não deixava ouvir qualquer som vindo do interior. Após uma breve espera, os ferrolhos atrás da porta foram corridos repentinamente e a porta abriu-se o suficiente para que um homem espreitasse, desconfiado, pela fresta.

— Boa-noite. — Arthur sorriu. — Por favor, informe D. Roberto Lopes de que tem uma visita.

O tradutor falou e seguiu-se uma breve troca antes de se dirigir a Arthur.

— Diz que o senhor está a dormir, *sir*.

— Imaginei que sim. Diga a este homem que sou o general lorde Wellington, marechal de Portugal e comandante do exército aliado. Tenho de falar com o patrão dele sobre um assunto de alguma urgência.

A apresentação foi traduzida e o criado olhou atentamente para Arthur, após o que abriu a porta e lhe fez sinal para entrar. Lá dentro havia um hall vasto e Arthur conseguiu distinguir as formas de molduras e de tapeçarias que adornavam as paredes.

— Ele diz-nos para esperarmos aqui, *sir* — disse o intérprete, — enquanto vai acordar o

senhor.

— Muito bem.

Arthur sentou-se de um lado e o intérprete português ocupou, com todo o respeito, o outro banco. Arthur tirou o chapéu e afastou as madeixas húmidas de cabelo para o lado, pensando que teria de voltar a cortar o cabelo curto assim que tivesse oportunidade. Desabotoou o casaco e abriu-o, para que a casaca da farda ficasse visível, com a estrela do pariato e as restantes condecorações presas ao peito.

D. Roberto não deixou as visitas inesperadas muito tempo à espera. O brilho de um candeeiro surgiu num corredor de um dos lados do hall de entrada e em breve o criado regressou, segurando a lanterna para iluminar o caminho ao senhor. Arthur e o intérprete levantaram-se e curvaram a cabeça para o cumprimentar.

O latifundiário português era um homem idoso, de rosto magro e altivo. Uma barba alva bem aparada ornava-lhe o queixo. Observou Arthur com os olhos castanhos penetrantes. Apontou para o banco e resmungou na direção do intérprete.

— Sua senhoria pede que se sente, enquanto o criado vai buscar uma cadeira.

O criado pousou o candeeiro no chão e apressou-se a ir buscar uma pesada cadeira de carvalho, embutida a marfim com um desenho geométrico mouro. Arthur esperou que o anfitrião se sentasse antes de voltar a ocupar o seu lugar no banco. O intérprete permaneceu de pé.

— Já é tarde — começou Arthur a dizer, — pelo que irá perdoar-me por ir direto ao assunto.

D. Roberto meneou a cabeça em assentimento enquanto ouvia a tradução.

— Vim apresentar as minhas desculpas pelo comportamento do oficial que enviei para lhe comprar o gado. O capitão Devere acabou de chegar de Inglaterra. Não está habituado aos costumes estrangeiros e é jovem quanto baste para não pensar na impressão que causa. Quero que saiba que ele não é um oficial britânico típico. Também lhe vim pedir que reconsidere a sua decisão de não vender o gado.

Quando o intérprete começou a transmitir as palavras de Arthur, D. Roberto levantou a mão.

— Não é necessário. Eu entendo muito bem, obrigado.

Arthur não foi capaz de reprimir uma breve expressão de surpresa e o nobre português sorriu.

— O que foi? Julgava que eu só falava o… patuá local?

Arthur riu-se.

— Por Deus, vossa senhoria apanhou-me.

— Não tanto como ao seu capitão Devere — prosseguiu D. Roberto com o mais leve sotaque. — Teria conversado na vossa língua, mas a pose dele afrontou-me de tal maneira

que decidi não ter obrigação de lhe facilitar o encontro. Diga-me, os ingleses falam todos mais alto para se fazerem entender pelos estrangeiros?

Arthur sorriu.

— Infelizmente, trata-se de um mal comum.

— Pois não foi o único mal que nós, portugueses, tivemos de aguentar desde a chegada do vosso exército, milorde.

— A presença dos meus homens é menos onerosa do que a dos franceses — protestou Arthur. — Não tolero pilhagem, nem maus-tratos aos não-combatentes. Quaisquer saques que tenham lugar é obra dos seguidores do acampamento. Esses indivíduos não respeitam totalmente a disciplina militar, mas dei ordens aos meus oficiais para castigarem todos os que forem apanhados a roubar. A seu tempo, até eles vão entender a importância que dou às relações saudáveis com os habitantes das terras onde me vejo obrigado a travar batalhas.

D. Roberto observou-o pensativamente.

— É uma pena que não tenha sido o senhor a vir comprar o gado no lugar do capitão Devere. Tê-lo-ia recebido generosamente. Mas assim, não fui tratado com o respeito que me é devido, em especial por parte de um oficial tão subalterno. O vosso exército não se encontra aqui no papel de exército de ocupação. Foi por isso que exigi que o seu oficial se ajoelhasse para requerer a compra do meu gado.

— Isso é verdade. Estamos aqui para garantir a liberdade do vosso povo e para combater pela libertação do povo de Espanha. — Arthur falou com toda a franqueza. — Contudo, o exército não pode continuar a defender os aliados de barriga vazia. É por isso que lhe peço que reconsidere e que me venda o gado.

— Compreendo. Diga-me, general, quanto mais tempo prevê que o vosso exército permaneça nas nossas terras? Pergunto-lhe, pois não vejo grande disposição da vossa parte em enfrentar os franceses.

— Atacarei quando estiver pronto. Até lá, tenho de o manter e de garantir que está em condições de combater quando chegar a altura.

— E quando será isso?

— Não sei dizer. Só lhe posso dar a minha palavra de que farei tudo ao meu alcance para derrotar os franceses aqui na Península Ibérica.

— Tudo? — D. Roberto ergueu a sobrancelha.

— Sim. A queda de Bonaparte terá início aqui, ou então não acontecerá de todo. É essa a minha convicção. Nada mais me interessa.

— Pois veremos. Fico impressionado com a vossa dedicação ao dever, milorde. Mas tal como já disse, a minha honra foi ofendida, o que obriga a uma expiação. Ainda pretende comprar o gado?

— Sim.

— Nesse caso exijo que se ajoelhe e o implore.

— Pretende que lhe implore que venda o gado?

— Sim.

Arthur sentiu uma onda de fúria a percorrê-lo. Estava cansado, gelado e molhado, e furioso com Devere por o ter deixado naquela posição. O facto de ter de suplicar estava-lhe atravessado na garganta. Depois respirou fundo e obrigou-se a acalmar-se. Afinal de contas, não seria a primeira vez. Já se ajoelhara perante Cuesta, mas isso fora para salvar ambos os exércitos do disparate que fora a decisão do comandante espanhol de dar meia-volta e lutar com um rio pelas costas. Esta nova humilhação prendia-se com uma semana de rações para os seus homens. Podia recusar-se. Todavia, nesse caso estaria apenas a reforçar os estragos provocados por Devere.

— Muito bem. — Arthur levantou-se do banco e baixou-se sobre um joelho à frente do anfitrião. — D. Roberto, imploro-lhe que me permita comprar-lhe o gado.

— Com os dois joelhos, general, e acrescente um pedido de desculpas.

Arthur baixou a cabeça para ocultar a expressão sombria e fez deslizar o pé para que ficasse com os dois joelhos no piso duro.

— D. Roberto, peço-lhe desculpas pelo comportamento do meu oficial e suplico-lhe que me deixe comprar-lhe o gado.

Seguiu-se um breve silêncio até que D. Roberto esboçou um sorriso.

— Aceito as vossas desculpas e autorizo-lhe a compra do meu gado. Pode levantar-se, milorde.

Quando Arthur regressou ao banco, viu que o outro homem o olhava com uma expressão curiosa.

— Sabe, general, não existem muitos compatriotas seus que tivessem agido como acabou de fazer. Ainda menos conterrâneos meus e garanto-lhe que nenhum espanhol.

— Já lhe disse, não há nada mais importante do que a vitória. Para todos nós. Fazemos o que temos de fazer, caso contrário estamos perdidos.

— Isso é verdade. Uma grande verdade. — D. Roberto levantou-se e estendeu a mão. — O gado é seu, general. Vou dizer ao meu criado para acordar a minha gente, para levar o gado ao seu acampamento.

— Agradeço-lhe.

— Se me permite, seria uma grande honra tê-lo como convidado para jantar, um dia.

Arthur aceitou a mão e sorriu.

— A honra seria minha.

D. Roberto baixou a mão e virou-se, fazendo depois uma pausa para olhar para Arthur, enquanto este se dirigia à porta.

— Só mais uma coisa, general. Se não se importa, pague o gado antes de o levar, sim?

CAPÍTULO 15

Abril de 1810

— Parece que Bonaparte escolheu o marechal Masséna para nos esmagar — informou Arthur os seus oficiais superiores. Tinham sido convocados para o quartel-general e estavam agora sentados no pátio sombreado, refrescado pela brisa do final da tarde. Exibiu um exemplar do *Le Moniteur*. — Isto foi obtido há uma semana, a par de outros documentos, por guerrilheiros a norte de Madrid. Masséna foi nomeado comandante do Exército de Portugal, uma força de cerca de cento e cinquenta mil homens. Mesmo tendo em conta que seremos capazes de estrangular o acesso aos suprimentos, isso significa que Masséna continuará a superar-nos por alguma margem.

Arthur fez uma pausa enquanto os oficiais se entreolhavam, pensando na dimensão da força que teriam de enfrentar. A par dos regimentos portugueses formados e treinados sob o comando do general Beresford, o exército britânico tinha menos de sessenta mil soldados. Após a retirada de Talavera, o exército exausto fora assolado pela malária e pelo calor sufocante do verão mediterrânico. Fora preciso todo o inverno para que os sobreviventes recuperassem as forças e para que os novos reforços fossem treinados para a campanha que se seguiria. No entanto, Arthur estava certo de que o seu exército seria capaz de reter o inimigo. Os homens estavam mais do que à altura do adversário e teriam a vantagem de uma linha formidável de defesas à retaguarda, caso fossem obrigados a retirar.

Depois de permitir que os oficiais refletissem sobre as probabilidades que lhes eram apresentadas, Arthur prosseguiu com as informações.

— Os nossos últimos relatórios dão-nos conta de que o inimigo está a concentrar-se em Salamanca. Desde o início de março que os elementos avançados têm vindo a sondar os postos do general Craufurd, ao longo da fronteira portuguesa perto de Almeida. Acredito que o marechal Masséna vai tentar invadir Portugal a partir do norte. É o melhor percurso. Uma direção alternativa de ataque será a partir de leste, em direção a Elvas, mas as estradas são terríveis. Já são complicadas para a infantaria, mas tornam-se impossíveis para a artilharia e para os carros. Assim sendo, dei ordens ao general Hill para que levasse as suas forças ao encontro do exército central.

— Com a sua licença, *sir* — interrompeu o general Hamilton. — Mas isso deixa a fronteira oriental vazia.

— Se me tivesse deixado acabar — retorquiu Arthur, num tom gelado, — ter-lhe-ia dito que Elvas será defendida pela brigada do general Leite. É um dos melhores oficiais portugueses e estou em crer que se vai manter firme, isso caso o inimigo tenha a infeliz ideia de tentar um ataque a partir de oriente. Não tenham dúvidas de que o inimigo vai entrar pelo

norte. No entanto, antes que Masséna possa invadir Portugal, terá de tomar as fortalezas de Ciudad Rodrigo e de Almeida, já que elas guardam a rota por onde terá de avançar. O general Herrasti, governador de Ciudad Rodrigo, escreveu-me a informar de que tem uma guarnição forte e muitos suprimentos. Pode aguentar até ser rendido por um exército espanhol. — Arthur sorriu. — Eu sei que não tivemos a melhor das experiências às mãos dos nossos aliados espanhóis…

Vários dos oficiais que tinham servido em Talavera resmungaram a sua concordância.

— Contudo — prosseguiu Arthur, — talvez venham a agir com uma maior urgência, já que são os compatriotas que estarão em risco. Mas temos de contar com o pior. Ciudad Rodrigo vai cair. Só podemos esperar que atrasem o avanço francês o suficiente para melhorarmos as defesas de Almeida. Igualmente aí teremos de tentar atrasar Masséna, até que o terreno à frente das linhas defensivas de Torres Vedras tenha sido limpo e as fortificações completadas. — Arthur olhou em redor do pátio, para garantir que tinha a atenção de cada oficial. — As primeiras fases desta campanha vão exigir que ganhemos tanto tempo quanto possível. Cada dia com o inimigo atrasado é um dia que ganhamos para melhorar as nossas defesas. Cada soldado francês perdido nos assaltos às fortalezas fronteiriças é menos um que os nossos homens terão de enfrentar. Vou ser muito sincero, cavalheiros: não poderemos vencer esta campanha num sentido convencional. Não podemos marchar para a batalha e enfrentar Masséna em campo aberto, esperando vencê-lo. Eles têm uma grande superioridade numérica e a cavalaria é das melhores da Europa. Não seremos capazes de impedir que nos rodeiem. A nossa cavalaria é demasiado fraca para se opor aos cavalos inimigos.

» O nosso objetivo é não perder a campanha. Se o cumprirmos, nesse caso venceremos. — Arthur exibiu um sorriso sardónico. — Embora os jornais e outros pessimistas em Inglaterra possam não aceitar esta definição de vitória. Não esperem receber grandes títulos, pensões e outros despojos de guerra semelhantes, cavalheiros.

A audiência reagiu com uma mistura de sorrisos e gargalhadas. Os jornais e as cartas de Inglaterra que chegavam à Península Ibérica transbordavam com a opinião de que o exército do lorde Wellington não estava a fazer nada em Portugal e que os soldados deveriam ser retirados.

— Assim sendo, decidi que só iremos lutar em condições vantajosas. Quando enfrentarmos o marechal Masséna em combate, todos vós terão de deslocar os vossos homens rapidamente para que sejamos fortes onde o inimigo é fraco, e para reforçarmos rapidamente quaisquer pontos da nossa linha que estejam a ser pressionados. — Arthur fez uma pausa. — Questões, cavalheiros?

Um dos oficiais levantou a mão, um homem entroncado na casa dos trinta anos, com olhos castanhos penetrantes e quase completamente calvo.

— Sim, coronel Cox?

— Já decidiu onde enfrentar o marechal Masséna, *sir*?

Arthur ficou em silêncio por um momento, interrogando-se se deveria fazer confidências aos seus oficiais. Talvez fosse melhor que eles soubessem o que lhe ia na mente, para o caso de lhe acontecer alguma coisa, podendo adaptar a estratégia para o confronto com o inimigo. Por outro lado, Arthur sabia que por mais que lhes fosse útil seguir o plano dele, ficariam com a desvantagem de tentar constantemente levar a cabo as intenções originais demasiado à risca, perdendo a flexibilidade que marcava a liderança eficaz. Olhou fixamente para o coronel Cox.

— Tenho uma localização em mente.

Seguiu-se um breve silêncio expectante, mas Arthur não disse mais nada.

— E qual será esse sítio, *sir*? — insistiu Cox.

— Tudo a seu tempo, coronel. Em breve vai ficar a saber.

Dois dias depois, Arthur cavalgava na companhia de Somerset e de um esquadrão de cavalaria ligeira, batendo a paisagem a norte do rio Mondego, o percurso por onde Masséna deveria avançar, assim que tratasse das fortalezas fronteiriças. O grosso do exército de Arthur já cruzara o rio e estava acampado em torno da cidade de Coimbra. Os oficiais e os soldados estavam animados, quase ansiosos por se depararem com o inimigo, depois de tantos meses de espera no aquartelamento, com uma rotina infindável de exercícios e treinos que lhes fora imposta pelo comandante. Arthur tinha perfeita noção de que o exército mal podia esperar por um combate, mas até àquele momento, Masséna frustrara-lhe as expectativas. Os franceses tinham investido lentamente contra Ciudad Rodrigo e os últimos relatórios dos batedores de Arthur davam conta de que o inimigo nem sequer começara a abrir trincheiras de aproximação, nem a estabelecer baterias de cerco. Só dali a semanas é que Masséna estaria pronto a assaltar a fortaleza. Corriam o risco de nessa altura os soldados ingleses já terem perdido alguma da impetuosidade. Claro que o maior risco era que quanto mais tempo demorasse o início da invasão a Portugal, maior a possibilidade de o governo em Londres poder perder a coragem e dar ordens para a evacuação da Península Ibérica por parte de Arthur e do seu exército.

Quando o pequeno grupo chegou ao cimo de uma colina na estrada para Mortágua, depararam-se com as paredes caiadas de um convento. Arthur dirigiu-se a Somerset.

— Que lugar é este?

Somerset virou-se e procurou o mapa no alforge. Encontrando-o, desdobrou-o e percorreu-o com o dedo enluvado.

— Ah, cá está. É o convento do Buçaco, *sir*.

— Buçaco, hã? — resmungou Arthur, levantando a mão para proteger os olhos enquanto

analisava a paisagem circundante. À sua frente, a estrada cruzava o topo da colina e depois descia ao longo de um contraforte recurvado. As encostas de ambos os lados do caminho estavam cobertas de pinheiros, entremeados com urze. À esquerda, a crista prosseguia durante cerca de três quilómetros para norte, até que caía, íngreme, para o fundo do vale. À direita, a cumeada seguia quase a direito, na direção do Mondego, a mais de dez quilómetros dali. O topo da colina mal variava em altura e garantia um panorama limpo ao longo de toda a extensão.

— Parece-me uma boa posição para defender. — Somerset acenou com a cabeça, satisfeito, enquanto olhava em seu redor. — Temos um bom panorama da aproximação à colina, *sir*, e qualquer atacante vai deparar-se com uma abordagem bastante cansativa encosta acima.

— Assim parece. — Arthur deu outra olhadela rápida à posição. As encostas íngremes eliminariam a superioridade do inimigo em termos de cavalaria, já que não seriam capazes nem de carregar pelo terreno ascendente, nem de flanquear com facilidade a linha de batalha de Arthur e cair sobre a sua retaguarda. Anuiu com satisfação e depois dirigiu-se ao ajudante de campo. — Anote, por favor, Somerset.

Somerset dobrou o mapa e voltou a guardá-lo no alforge, de onde retirou um lápis e o bloco.

— Quando quiser, *sir*.

Arthur levantou o braço e apontou ao longo da cumeada em direção a sul.

— Quero que os nossos engenheiros construam uma estrada por ali, para o caso de termos de deslocar os nossos homens ao longo da linha, para fortalecer pontos fracos. O caminho terá de ser limpo de pedras, para deslocarmos com facilidade os canhões e os carros de munições. A estrada tem de percorrer a encosta oposta. Não faz sentido que os nossos homens sejam um alvo fácil para as peças inimigas. — Virou-se para Somerset. — Anotou tudo?

— Sim, *sir* — respondeu o ajudante de campo enquanto acabava de escrever as últimas palavras e erguia o olhar. — Acha que seremos capazes de derrotar o marechal Masséna neste terreno, *sir*?

Arthur franziu os lábios brevemente.

— Talvez não consigamos uma vitória decisiva, Somerset, mas de certeza que vai sofrer um grande dissabor. — Sorriu. — Vai ser bom para silenciar as línguas dos pessimistas em Inglaterra, não acha?

— Esperemos que sim, *sir*.

O cerco de Ciudad Rodrigo prosseguiu, enquanto a primavera dava lugar ao verão. Arthur recebeu informações regulares sobre o progresso do inimigo, à medida que os sapadores

franceses iam abrindo as trincheiras em ziguezague em direção às muralhas da fortaleza. Os canhões de cerco de Masséna deram início a um bombardeamento contínuo das fortificações exteriores, abrindo gradualmente uma série de brechas nas defesas. Quando os franceses ficaram a uma distância que lhes permitia o uso de morteiros, começaram a edificar uma fortificação bem protegida para uma bateria das peças de canos grossos, que em breve iniciariam uma barragem de granadas sobre as muralhas com um efeito mortífero, abatendo grandes quantidades de soldados do general Herrasti.

Perto do final de junho, um dos defensores conseguiu sair da fortaleza numa noite de Lua nova. Abrindo caminho com todo o cuidado através das linhas francesas, foi bem-sucedido na fuga, sendo avistado por uma patrulha de cavalaria britânica no dia seguinte. O oficial espanhol foi de imediato escoltado ao quartel-general de Arthur, numa taberna, onde chegou duas noites depois da fuga. A exaustão do homem tornou-se óbvia a Arthur à luz dos candeeiros pendurados nas vigas sólidas da taberna. Cambaleou ligeiramente quando se pôs em sentido e fez continência. Tinha a farda imunda e rasgada, e o rosto coberto de sujidade e arranhões, conseguidos ao rastejar por entre as linhas de cerco.

Arthur curvou a cabeça numa saudação e olhou para Somerset, que se encontrava junto ao espanhol.

— Diz que vem de Ciudad Rodrigo?

— Sim, *sir*.

— Por Deus — meditou Arthur, enquanto voltava a mirar o oficial, com uma expressão de admiração. — Que belo trabalho. Somerset, preciso de um intérprete. Vá chamar o capitão Hastings.

— *Señor* — interrompeu o oficial, — eu falo inglês. Foi por isso que o meu general me enviou.

— Ah, excelente. Excelente! — Arthur exibiu um sorriso caloroso. — Posso saber o seu nome?

— Capitão Juan Cerillo de Alimanca y Pederosa, *sir*.

— Sim, muito bem, capitão, que novidades nos traz do general Herrasti?

— O general diz que lhe pede para levar o seu exército e levante o cerco. Os franceses, eles abriram uma brecha. Se não houver ajuda, a fortaleza vai cair em menos de uma semana.

— Compreendo. — Arthur aquiesceu. Recostou-se na cadeira e cruzou os braços, enquanto olhava com franqueza para o oficial espanhol. — Tenho de lhe pedir que diga ao seu general que não há grande coisa que eu possa fazer para o ajudar. O meu exército não é suficientemente forte para ajudar Ciudad Rodrigo. O terreno à volta da fortaleza é aberto e plano. É perfeito para a cavalaria francesa, e disponho de poucos cavaleiros para os defrontar. Sinto muito, mas não me posso dar ao luxo de arriscar o meu exército para ir em auxílio do general Herrasti.

O oficial espanhol semicerrou os olhos.

— Se for mesmo aliado do meu país, nesse caso vai ajudar-nos, *señor*. Seja como for, o meu general pediu ajuda ao exército da Andaluzia. O general Alvarez prometeu enviar a cavalaria para ajudar os ingleses a levantar o cerco. Não tem de recear os cavalos franceses, *señor*. O general Alvarez trata deles.

— Deveras? — A expressão de Arthur endureceu. — E qual é a força da cavalaria do general Alvarez?

— Cinco mil sabres, *señor*. — O capitão endireitou as costas cansadas e fitou Arthur com altivez. — A melhor cavalaria da Europa.

Arthur não respondeu de imediato. Os generais espanhóis já lhe tinham prometido muita coisa, mas só o tinham conseguido desapontar quando as garantias saíram goradas. A má-fé de parte deles tinha saído bastante cara ao exército britânico durante a campanha de Talavera, e Arthur jurara não voltar a cometer o erro de acreditar na palavra dos espanhóis. Lamentava que o povo e os soldados comuns fossem patriotas e estivessem preparados para desafiar Bonaparte a qualquer custo, mas os oficiais superiores não eram, de todo, dignos de confiança. O mais provável seria que o general Alvarez não fizesse qualquer tentativa para levantar o cerco. Mesmo que, por algum milagre, chegassem a marchar sobre Ciudad Rodrigo, os soldados seriam desbaratados pela primeira formação inimiga que se lhes opusesse.

Arthur respirou fundo, chegou-se à frente e susteve o olhar de desprezo do oficial espanhol.

— Peço-lhe que diga ao general Herrasti o quanto lamento. Diga-lhe que não serei capaz de levantar o cerco. Diga-lhe que se o tentasse, é possível que o nosso inimigo infligisse uma derrota ao único exército aliado na Península Ibérica com a mais remota possibilidade de vencer Bonaparte. Não me posso dar ao luxo de desperdiçar a mais ténue esperança que temos de poder vir a expulsar as tropas francesas de Espanha no futuro.

— Sim, *señor*. Entendo que talvez os ingleses sejam tal e qual o que Napoleão diz: não se pode confiar neles. E talvez lutem até à última gota de sangue espanhol.

Somerset arquejou.

— Ora, isso é…

— Silêncio! — atalhou Arthur, com brusquidão. Olhou furiosamente para o ajudante de campo por um instante, antes de devolver a atenção ao espanhol. — Lamento a falta de autodisciplina do meu subordinado. — Levantou-se friamente e estendeu a mão. — Não há mais nada que eu possa dizer, capitão, exceto boa sorte, para si e para o seu general.

O espanhol não aceitou a mão, limitando-se a curvar a cabeça com brevidade, após o que se virou para sair da taberna, cambaleando ao de leve junto à porta, quando a exaustão se sobrepujou à pose arrogante. Depois saiu e Arthur dirigiu-se de imediato a Somerset.

— Mas que raios lhe passou pela cabeça? Os oficiais britânicos têm uma reputação de impassibilidade e de disciplina, Somerset. Agradeço que reflita sobre o assunto e que faça por não macular essa reputação.

— Sim, *sir*. — Somerset mostrou-se desconfortável. — É tudo, *sir*?

— Sim. Está dispensado.

Sozinho na taberna, Arthur suspirou, fatigado, e depois pegou no molho de mapas a um lado da mesa. Folheou-os, selecionou o mapa que representava a fronteira portuguesa com Espanha e bateu com o dedo em Ciudad Rodrigo. O general Herrasti fizera um excelente trabalho ao atrasar os franceses. Conseguira dar a Arthur várias semanas para completar o sistema de defesas que protegia os caminhos para Lisboa. Era lamentável que Arthur nada pudesse fazer para ajudar o comandante espanhol, a não ser honrar tal sacrifício derrotando o marechal Masséna.

Os canhões de cerco franceses abriram uma brecha utilizável nas muralhas de Ciudad Rodrigo no dia dez de julho. Em vez de sujeitar os habitantes aos horrores do saque da povoação, o general Herrasti rendeu-se. Era um fim triste para um esforço audaz, refletiu Arthur enquanto lia o relatório, mas não havia tempo para lamentações, uma vez que os franceses estavam já a avançar para a vila fronteiriça de Almeida. A divisão do general Craufurd fez o possível para os reter, mas a vanguarda do inimigo obrigou os britânicos a recuar. Duas semanas depois da queda de Ciudad Rodrigo, o exército francês chegou a Almeida. Craufurd deixara um dos seus oficiais mais capazes, o coronel Cox, a comandar a guarnição portuguesa. A povoação fora bem aprovisionada e havia bastantes munições para os canhões que percorriam as muralhas. Arthur estava confiante de que Cox iria resistir pelo menos tanto tempo quanto o general Herrasti, pelo que se concentrou no problema de convencer os civis portugueses no caminho de Masséna a emalar os seus bens e a buscar proteção atrás das linhas de Torres Vedras.

Muitos sabiam do destino das vítimas do exército de Soult, quando, dois anos antes, este retirara do Porto, pelo que levaram de bom grado as famílias para sul até Lisboa. Houve quem se recusasse, para defender as suas casas, e outros ainda julgaram poder fazer dinheiro vendendo os produtos aos franceses, tal como era hábito com os ingleses. Ainda atormentado pelas recordações das aldeias incendiadas e dos corpos mutilados de homens, mulheres e crianças que vira durante a perseguição a Soult, fez o possível por convencer os civis a partir. Contudo, alguns continuaram a recusar-se, elevando a perspetiva do lucro acima do risco de serem roubados e chacinados pelos soldados de Masséna.

Três dias depois de o inimigo ter dado início ao cerco de Almeida, Arthur encontrava-se na pequena praça de uma aldeia na estrada para a vila. O oficial português que fora enviado para dizer aos aldeões que fugissem não lhes conseguira transmitir o risco que seria

permanecerem nas suas casas, pelo que Arthur decidira convencê-los pessoalmente. O perigo com que todos se deparavam fora deixado bem claro pelo sacerdote local, que fizera soar o sino da igreja para convocar todos os habitantes à praça. Estava-se a meio da tarde e Arthur e Somerset estavam sentados à sombra de uma árvore defronte da igreja. A pouca distância, o intérprete sentava-se no chão, de pernas cruzadas. As pessoas demoraram a aparecer, mal-humoradas pela interrupção da sesta, e foram chegando à praça, onde se acomodavam nas sombras possíveis enquanto aguardavam que o padre falasse com elas. Mostraram pouco interesse pelos dois oficiais britânicos, ou pelos seis cavaleiros da escolta de Arthur, que descansavam à sombra, a um lado da praça.

Somerset desrolhou o cantil e bebeu um gole enquanto relanceava os olhos pelos locais.

— Espero que este padre seja bom a atuar, caso contrário vão todos adormecer antes que ele fale.

— Garanto-lhe que vão ouvir — respondeu Arthur, calmamente. — Não poupei detalhes ao sacerdote. Imagino que ele esteja mais receoso quanto ao destino dos pertences e dos valores da igreja do que quanto ao rebanho dele.

Somerset sorriu.

Esperaram mais um pouco. Somerset tapou o cantil e recostou-se, apoiando-se na tinta branca da parede que se descascava. Arthur fechou os olhos e tentou ignorar o calor abrasador e o zumbido irritante dos insetos que lhe pairavam à volta da cabeça, onde por vezes pousavam e o obrigavam a abanar a cabeça, ou a sacudir a mão para os enxotar. Dez minutos depois desistiu e levantou-se com impaciência. O intérprete, filho de um mercador vinícola de Lisboa, mexeu-se quando viu Arthur a levantar-se.

— Já esperámos demasiado — disse bruscamente Arthur e fez sinal com a cabeça para o padre sentado à entrada da igreja. — Diga-lhe que temos de começar.

O tradutor correu até ao padre e curvou respeitosamente a cabeça antes de transmitir a ordem de Arthur. O sacerdote olhou em redor da praça, onde não estariam mais de cinquenta pessoas, e encolheu os ombros. Levantou-se e juntou-se a Arthur, seguido pelo intérprete.

— Diga-lhe que informe o povo de que estão no caminho do exército francês. Eles vão avançar por esta estrada. — Arthur gesticulou na direção da rua que atravessava o centro da aldeia. — Diga aos aldeões que sou o comandante das forças portuguesas e britânicas em Portugal e que já vi com os meus olhos o destino que espera os habitantes das terras por onde passam os franceses. Diga ao padre que repita o que já lhe descrevi. — Quando o cura se dirigiu aos habitantes e começou a falar, Arthur murmurou para Somerset: — Se isto não os convencer, não há nada que os persuada, e nessa altura, que Deus os ajude.

Os locais escutaram o clérigo em silêncio, mas com o avançar do discurso, alguns começaram a abanar a cabeça. Arthur sentiu um aperto no coração ao ver o gesto. O pessimismo foi interrompido quando reparou num cavaleiro a entrar na aldeia, um oficial

cuja casaca vermelha ficara pálida pela exposição aos elementos e por uma generosa camada de pó. O homem deteve-se ao lado dos dragões e desmontou, após o que entregou as rédeas a um dos soldados e se dirigiu pela rua em direção a Arthur.

— Somerset, está a ver aquele indivíduo? — Arthur acenou discretamente com a cabeça.

— Sim, *sir*.

— Não o quero a chamar a atenção. Intercete-o e veja o que pretende.

— Sim, *sir*.

Somerset recuou e contornou calmamente a pequena multidão, cruzando a rua até ao oficial que se aproximava. Arthur, imóvel e a ouvir serenamente as palavras para si incompreensíveis do padre, observou Somerset a abordar o oficial e levá-lo para o lado, longe da vista de quem se encontrava na praça. Voltaram a surgir pouco depois e o oficial regressou apressadamente à montada, içou-se para a sela e fez-se mais uma vez à estrada. Somerset chegou à beira da praça e fez sinal a Arthur.

Arthur inclinou-se para o tradutor e resmungou:

— Diga ao padre que conclua. Depressa.

O intérprete anuiu e murmurou junto ao ouvido do padre. Este franziu o cenho na direção de Arthur, depois encolheu os ombros e levantou a voz, falou rapidamente e terminou com um breve cântico e o sinal da cruz. Os locais ficaram imóveis por um momento, após o que alguns deram meia-volta, enquanto um punhado se reuniu para conversar em voz baixa. Arthur agradeceu ao sacerdote e cruzou a praça até Somerset.

— Então?

— Más notícias, *sir*. Uma das patrulhas de Craufurd informou que Almeida caiu.

— Caiu? — Arthur ergueu as sobrancelhas. — Como? Cox deveria ter conseguido aguentar-se durante semanas. O que aconteceu?

— A patrulha observou as peças francesas a dar início ao bombardeamento. Durante as primeiras horas não aconteceu nada fora do normal, mas depois houve uma explosão.

— Explosão?

— Sim, *sir*. Parece que um tiro de sorte deve ter caído no arsenal da guarnição e rebentou com as reservas de pólvora. Ao que parece, grande parte da povoação foi destruída com o rebentamento, que também danificou as fortificações. Também não deve ter sido de grande ajuda para o moral dos defensores. Seja como for, renderam-se antes do final do dia. Os nossos homens viram a bandeira francesa desfraldada sobre a fortaleza.

Arthur avaliou rapidamente a notícia. Masséna tomara Almeida. Nada mais lhe barrava o caminho. A estrada para Portugal estava aberta.

— Por Deus, o inimigo pode já estar a avançar sobre nós — constatou, em voz baixa. — Não há um momento a perder, Somerset. Transmita a informação a todos os elementos do exército. Têm de regressar e concentrar-se na serra do Buçaco.

— Buçaco. Sim, *sir*.

Enquanto Somerset corria para o cavalo, Arthur olhou uma derradeira vez em redor da aldeia. Os franceses estariam ali numa questão de dias. Iriam devastar aquele sítio, e trazer fome e morte ao povo. Depois marchariam sobre Lisboa, e no seu caminho estariam apenas os poucos soldados do exército aliado.

CAPÍTULO 16

Serra do Buçaco, 27 de setembro de 1810

— Diabos levem esta neblina — resmungou Arthur enquanto olhava encosta abaixo. Mesmo já passando das seis da manhã, e com o Sol bem acima da linha do horizonte, uma névoa cerrada envolvia o sopé da serra, ocultando o acampamento francês lá em baixo. O exército aliado assumira as posições previstas ao longo da serra na véspera e dormira ao relento. Tinham acordado e formado antes da alvorada e encontravam-se agora numa linha que se estendia logo abaixo do cume, fora da vista do inimigo. As únicas tropas visíveis aos franceses eram os mosqueteiros da divisão de Craufurd, e uma bateria de peças de seis libras que cobria a estrada que subia até ao topo e passava ao lado das paredes do convento do Buçaco. Arthur e Somerset tinham-se dirigido aos soldados que ocupavam a aldeia de Sula. Arthur apoiou o telescópio num muro em ruínas e observou o ponto em que a estrada se dissolvia na neblina. Apenas se via um punhado de soldados franceses. Seriam piquetes, quase de certeza, decidiu Arthur.

— Não se consegue ver nada da força principal. — Arthur baixou o telescópio e tamborilou lentamente com os dedos no topo do muro.

— Permite-me? — Somerset apontou para o telescópio e Arthur passou-lho. — Se Masséna pretende abrir caminho à força até ao Mondego, nesse caso primeiro terá de tomar o Buçaco, *sir*.

— É verdade — concedeu Arthur. Fosse como fosse, o exército francês estaria algures lá em baixo. Pouco depois de os soldados britânicos e portugueses terem acordado, os tambores inimigos tinham feito soar a alvorada e as ordens bradadas pelos sargentos chegaram claramente ao cimo da encosta. Desde então, os únicos sons tinham sido o estrondear de rodas revestidas a ferro, o relinchar ocasional de um cavalo e o estalar de um chicote que marcavam o avanço das peças de artilharia francesas. Agora tudo estava calmo, e era difícil acreditar que o exército de Masséna estivesse em formação algures na base da serra, pronto a atacar as linhas britânicas. As últimas informações estimavam que o exército francês ultrapassaria os sessenta mil homens. Tal como Arthur esperara, a força inicial do inimigo fora reduzida pelos cercos e pela necessidade de deixar guarnições fortes para proteger as vias de comunicações de Masséna.

Arthur ficou em silêncio por um instante, até que aquiesceu e resmungou:

— Tenho a certeza de que Masséna nos vai atacar aqui. Atrevo-me a aventar que ele verá os nossos mosqueteiros e partirá do princípio de que no Buçaco não há nada, além de uma retaguarda. Uma força que ele poderá afastar antes de prosseguir com o avanço em Portugal. — Arthur sorriu. — Pretendo estilhaçar essa ilusão.

Somerset ofereceu o esboço de um sorriso em troca.

— Desde que os homens se mantenham fora de vista, *sir*.

— Assim é, mas apenas os irei revelar quando tiver de ser.

— Vamos manter os nossos amigos franceses na dúvida o mais possível, não é?

— A ideia é essa — replicou Arthur, após o que apontou para a neblina que ocultava o terreno baixo à frente da cumeada. — O problema é que se trata de um pau de dois bicos, Somerset. Não temos soldados suficientes para cobrir a serra toda. Não sei onde concentrar os nossos homens para repelir o inimigo até que os franceses revelem a direção do ataque. Mesmo assim, tenho a certeza de que não será preciso aguardar muito até que o marechal Masséna nos revele o seu jogo.

O leve estampido de fogo de mosquete algures à direita chamou-lhes a atenção. Não houve sinais de movimento acima da névoa. Arthur estendeu a mão.

— O meu telescópio, por favor. Depressa.

Ergueu-o e espreitou pelo óculo. A menos de dois quilómetros, a encosta da serra estava coberta por machas de urze entre pequenas formações rochosas. Começou por não ver grandes sinais de vida, exceto um punhado de mosqueteiros espalhados pelas pedras. Depois, uma figura de farda escura saiu da neblina e correu uma breve distância colina acima, indo esconder-se atrás de um penedo, onde recarregou a arma. Foi seguida por outras, após o que se passaram alguns instantes, até que os primeiros soldados avançados franceses subiram cuidadosamente a encosta aos pares, com um homem a disparar, enquanto o outro recarregava. Os mosqueteiros de Craufurd responderam ao fogo e de súbito a inclinação encheu-se de minúsculas baforadas de fumo. De vez em quando, um soldado de cada lado tombava e desaparecia entre a urze e as ervas. A troca de tiros prosseguiu, com os franceses a subir e a pressionar os mosqueteiros, até que estes recuaram para uma nova posição.

Um movimento no limite do banco de neblina chamou a atenção de Arthur e da névoa surgiu uma coluna francesa, com um estandarte a agitar-se lentamente sobre as primeiras alas. Viu-se um breve clarão de luz quando o Sol se refletiu na águia dourada que encimava a bandeira. Arthur baixou o telescópio.

— Creio que se trata do primeiro ataque do dia. Masséna pretende flanquear-nos.

Somerset aquiesceu.

— Sim, meu general. Mas não vão chegar longe. Se continuarem a avançar naquela direção, vão deparar-se com a brigada de Mackinnon. Além disso, temos pelo menos uma dúzia de peças que podem ser usadas contra a coluna francesa.

Arthur continuou a observar os soldados avançados britânicos a recuar para o topo, mantendo sempre um fogo incómodo. Ficou satisfeito por ver que tinham o cuidado de visar os oficiais que lideravam a coluna francesa e de vez em quando uma figura de espada em

riste que incitava os soldados tombava. Quando chegaram ao cimo, os mosqueteiros cessaram fogo e correram a juntar-se às linhas bem formadas de camaradas na encosta oposta. A frente da coluna francesa, sem dúvida pressentindo a vitória, investiu em direção ao topo.

— Lá vão eles — resmungou Somerset quando a linha aliada avançou para o cimo, um batalhão de casacas-vermelhas com batalhões portugueses em cada flanco. Arthur observou com atenção. Era a primeira grande ação da infantaria portuguesa, recrutada e treinada pelo general Beresford e pelos seus oficiais. Tinham uma vantagem absoluta sobre os franceses à frente deles, e se sobrevivessem ao batismo de fogo, ganhariam a confiança para se manterem firmes em qualquer campo de batalha. Uma bateria de canhões estava posicionada em cada flanco da brigada e os artilheiros prepararam-se para disparar.

A frente da coluna francesa hesitou quando os três batalhões aliados surgiram sobre o cimo da encosta, fizeram alto e baixaram os mosquetes para disparar a primeira salva da batalha. Com um estrondo que percorreu claramente a cumeada até Arthur, a brigada abateu as primeiras alas da coluna invasora, deixando corpos amontoados e a contorcer-se por toda a frente. Depois as peças em cada flanco dispararam. A metralha varreu as alas densas, derrubando dezenas de homens cuja carne e ossos foram desfeitos pelas pesadas bolas de chumbo.

Apesar da dura provação, os soldados franceses nas alas de retaguarda avançaram, enquanto os sargentos e os oficiais lhes ordenavam em desespero que formassem uma linha. Sob fogo cerrado de três batalhões e dos canhões, não havia grande hipótese de se conseguir que a mudança de formação fosse levada a cabo com alguma ordem. Em vez disso, os soldados à frente continuaram a disparar e a carregar o mais depressa possível, disparando às cegas para o banco de fumo de pólvora que pairava no ar entre os dois lados.

— Aqueles indivíduos são feitos de uma fibra mais dura do que a maior parte dos franceses que já vi em ação — comentou Arthur. — Por Deus, eles estão a aguentar com tudo o que a brigada de Mackinnon lhes está a atirar.

— É verdade, *sir* — assentiu Somerset. — Por enquanto estão a resistir, mas em breve vão ceder. — Fez uma pausa, depois olhou para a encosta, no lado mais próximo da posição em que se encontravam, e apontou. — *Sir*, olhe ali! Creio que é outra coluna.

Seguindo com o olhar a direção indicada, Arthur viu o inimigo, um grupo de soldados avançados que emergia da neblina. Seguiam em ângulo em direção aos camaradas, avançando por um pequeno barranco a caminho do cimo da serra, entre a brigada de Mackinnon e o carreiro até ao convento do Buçaco. Um breve olhar mostrou-lhe tudo quanto precisava de saber.

— Se não mudarem de direção, não há ninguém que os detenha.

Somerset olhou para a cumeada e viu que não havia sinais de oficiais aliados que

indicassem a presença dos seus soldados na outra encosta.

— Tem toda a razão, *sir*.

— Não temos muito tempo. — Arthur desviou-se do muro e correu para o ordenança que segurava os cavalos. Apoiou-se no estribo e passou a perna sobre a sela. Somerset seguiu-o enquanto Arthur incitava o cavalo a um galope. Saíram de Sula e percorreram a estrada tosca que fora aberta ao longo da cumeada pelos engenheiros de Arthur. Pelo caminho, foi olhando para a esquerda, para se manter a par da posição da coluna que se aproximava. Não havia dúvida de que Masséna teria enviado as duas colunas para tomar a cumeada, mas elas ter-se-iam separado na neblina, continuando a subir a encosta em direções divergentes. Agora queria o destino que a segunda coluna se estivesse a dirigir para uma faixa do cume sem defesas.

A estrada encaminhava-se para a encosta oposta e, a quatrocentos metros, Arthur viu uma companhia de casacas-vermelhas, seguidos pelo resto do batalhão, espalhados, numa linha irregular, pela encosta ondulada. Os homens mais próximos viraram-se para olhar quando o comandante e o ajudante de campo chegaram a galope. Um dos soldados ergueu a barretina e soltou um viva rouco, seguido por mais alguns quando Arthur passou por eles. Teriam pouco mais de dez minutos até que os soldados avançados franceses chegassem à cumeada e se apercebessem da oportunidade à espera deles. Se conseguissem atravessar entre a linha aliada, cada metade poderia ser destruída à vez. Mesmo sendo o Buçaco uma das melhores posições defensivas que Arthur encontrara na Península Ibérica, aquele sempre fora o grande risco na tentativa de defesa da cumeada: muito poucos homens para proteger os mais de quinze quilómetros de extensão.

Alexander Wallace, o coronel da Octogésima Oitava de Infantaria, viu os dois cavaleiros a aproximar-se e encaminhou a montada para se encontrar com eles.

— Um bom dia para si, milorde. — Curvou a cabeça. — E para si também, Somerset.

Arthur acenou brevemente com a cabeça e apontou para a cumeada atrás de si.

— Está uma coluna francesa a sair da neblina que ameaça poder separar-nos a linha. Preciso dos seus homens a oitocentos metros para norte, naquela direção. Em passo acelerado.

— Em passo acelerado, sim, meu general.

Arthur fixou o olhar no coronel.

— Tem de os deter a qualquer custo. Talvez seja uma divisão inteira. Julga que os seus rapazes estão à altura?

— Sim, meu general. Estão, sim — garantiu Wallace com sobriedade.

— Ótimo. Então trate disso, o mais depressa possível.

Trocaram continências e Arthur deu meia-volta ao cavalo, galopando ao longo do topo da serra em direção ao ponto ameaçado pela coluna francesa que subia continuamente a

encosta. De início não viu sinais do inimigo por onde passou, começando Arthur a interrogar-se se eles teriam retirado, ou mudado de direção. Depois avistou o ponto na encosta em que o barranco caía a pique, ocultando uma larga extensão de terreno. Os primeiros pares de soldados avançados já se viam, subindo com cuidado a encosta, em busca de sinais das forças inimigas, mas o cume à frente deles estava vazio sob o ameno céu matinal, com as cotovias a esvoaçar na urze.

— Milorde, além! — gritou Somerset, atrás de Arthur.

— Estou a vê-los.

Arthur estacou a montada e fitou os soldados avançados franceses, ao que se virou na sela para olhar para o carreiro. A primeira companhia da Octogésima Oitava ainda se encontrava a quase oitocentos metros, com os canos dos mosquetes a agitar-se de um lado para o outro enquanto seguiam em passo acelerado pela cumeada, fazendo erguer uma ténue nuvem de poeira à sua passagem. Precisariam, no mínimo, de mais dez minutos para alcançar a nova posição, diretamente à frente dos gauleses. Voltando-se outra vez, Arthur viu que os primeiros franceses estavam a menos de quatrocentos metros do topo. À frente deles, a encosta tornava-se mais íngreme antes de se endireitar abruptamente a pouca distância do topo da serra.

Decidiu que ainda havia tempo. Seria à justa, caso os homens de Wallace mantivessem o ritmo.

— Somerset!

— *Sir*?

— Vá ter com o Wallace. Diga-lhe para formar o centro da linha a duzentos metros da minha posição. A companhia ligeira que resista no terreno à frente da coluna inimiga, para dar tempo ao resto do regimento para formar. Vá!

Somerset levou a mão enluvada à aba do chapéu, deu meia-volta ao cavalo e galopou pelo carreiro. Arthur dirigiu mais uma vez a atenção ao inimigo. O cintilar de uma águia dourada revelava a posição da coluna principal, que seguia na esteira dos soldados avançados. O som de cascos a estrondear fez Arthur voltar-se. Somerset estava de regresso e, atrás dele, Wallace seguia à frente dos homens da companhia ligeira. Os soldados ofegavam, com suor a escorrer debaixo das barretinas.

Wallace avaliou o ponto onde se deveria colocar e depois ordenou aos homens que se espalhassem cem metros atrás da cumeada. Quando ficaram prontos, ordenou que avançassem. Arthur observou-os a cobrir o terreno e a mostrar-se aos soldados avançados franceses, a menos de cinquenta passos mais abaixo. Um oficial inimigo gritou, os mosquetes foram erguidos e ouviram-se vários disparos. Nenhum atingiu o alvo e a brisa suave que se levantara ao longo da cumeada dispersou rapidamente as pequenas nuvens de fumo de pólvora. A companhia ligeira começou a responder ao fogo e o ar encheu-se com os

estampidos constantes dos mosquetes. Os soldados avançados estacaram e, atrás deles, a frente da coluna abrandou momentaneamente quando as primeiras alas anteciparam a ação que se seguiria.

As restantes companhias da Octogésima Oitava começaram a passar. Wallace deteve a segunda companhia mais à frente no caminho e o resto do regimento assumiu a sua posição na linha, espalhando-se em duas carreiras viradas para o declive. Arthur levou o cavalo a trote pela estrada e juntou-se aos homens de Wallace.

Wallace avançou o cavalo até à frente da linha e respirou fundo. Gritou acima dos sons das salvas de mosquete, ligeiramente abafados pela crista do cume.

— Ora bem, rapazes! Lembrem-se do que têm de fazer. É tal como vos treinei. Não basta picarem-nos com a baioneta, têm de os trespassar até ao cano!

Os soldados exibiram sorrisos rasgados e alguns soltaram vivas sanguinários, até que Wallace levou o cavalo até um espaço entre as companhias no centro da linha e desembainhou a espada.

— Fixar baionetas!

Os sargentos repetiram a ordem e os mortíferos espigões de aço foram puxados com estrépito, sendo depois instalados sobre a ponta dos canos e girados para se prenderem.

— A Oitenta e Oito avança! — Wallace brandiu a espada na direção da encosta e a linha avançou, cruzando os derradeiros metros antes de se revelarem ao inimigo. Arthur e Somerset seguiram a linha até à crista. Pouca distância à frente, Wallace deteve os homens e ordenou que disparassem a primeira salva. Os soldados avançados inimigos estavam a recuar e quando os canos dos casacas-vermelhas foram erguidos e escorçaram, os homens tombaram, deixando os camaradas da primeira coluna a fitar com ansiedade mais de cinco centenas de armas.

— Fogo!

A distância era curta e, apesar do esforço recente, a pontaria dos casacas-vermelhas provou ser certeira. Mais de cinquenta dos primeiros franceses foram abatidos, sendo lançados para trás, contra as alas dos camaradas, e detendo o avanço da coluna. Antes que os oficiais franceses conseguissem ordenar uma salva de resposta, Wallace saltou da sela e, levando a mão em concha à boca, vociferou: — À carga!

A ordem foi obedecida de imediato e, com um brado selvagem, a Octogésima Oitava avançou, pisando a urze, encosta abaixo, diretamente contra os franceses expectantes. Alguns destes tiveram a presença de espírito de descarregar os mosquetes contra os atacantes, enquanto alguns outros se apressaram a fixar as baionetas. E depois os casacas-vermelhas caíram sobre eles, trespassando-os, ou usando as coronhas dos mosquetes como maças. O ímpeto da carga levou-os até bem dentro das primeiras alas da coluna e caíram sobre o inimigo com um furor selvagem. Arthur conseguia ver Wallace, ainda de chapéu, à cabeça do

assalto, a desferir golpes com a espada e a segurar o cano da pistola, enquanto usava a coronha pesada como maça. Em menos de um minuto, o primeiro batalhão francês cedeu, dando meia-volta e correndo encosta abaixo. A formação seguinte parara e Arthur observou os oficiais e os sargentos a começarem a estender a linha, preparando-se para abrir fogo. Aquele que seria o verdadeiro teste de Wallace e dos seus homens estava prestes a ter lugar e Arthur sentiu o nervosismo crescente enquanto assistia aos combates no meio da confusão de soldados por toda a encosta à sua frente. Caso se deparassem com uma salva disparada por um segundo regimento francês, a carga estacaria e corria-se o risco de os homens da Octogésima Oitava serem rechaçados.

Deixando os soldados do regimento destroçado a fugir pela encosta, Wallace parou e bradou uma ordem aos seus homens, para que fizessem alto e formassem alas. Para alívio de Arthur, os outros oficiais britânicos e respetivos sargentos e cabos fizeram eco da ordem e, no espaço de minutos, os casacas-vermelhas tinham acabado com a perseguição e apressavam-se a regressar às companhias. Assim que os soldados da Octogésima Oitava formaram, Wallace deu ordem para que recarregassem e depois avançassem encosta abaixo até cinquenta passos do segundo regimento francês. Apesar de se manterem firmes, as alas inimigas tinham ficado desordenadas quando os fugitivos da primeira carga abriram caminho por entre os camaradas. Sem uma vista desimpedida dos britânicos, o segundo batalhão não teve grande oportunidade de empunhar os mosquetes, e apenas uma mancheia de homens dispararam antes de se depararem com a fúria total da segunda salva de britânicos agrupados.

Mais uma vez, os mosquetes cuspiram o seu chumbo fervente e as primeiras companhias francesas foram novamente fustigadas, tombando sem demoras. Com um brado rouco, Wallace voltou a carregar com os homens. Desta vez, Arthur constatou que os combates eram mais desesperados, mais confusos, e em breve os dois lados estavam misturados numa alucinação de baionetas em investida e de mosquetes empunhados. Foi uma batalha insana e selvagem, mas, tal como anteriormente, os britânicos tinham a vantagem da inclinação e Wallace e os seus homens obrigaram os franceses a recuar até que também estes não conseguiram aguentar mais e deram meia-volta para fugir encosta abaixo, surdos aos brados enraivecidos dos oficiais que os tentavam reunir.

Com as primeiras formações num caos, o comandante da divisão francesa não teve outra escolha que não deter o ataque. Os restantes batalhões começaram a ceder, recuando pela encosta em direção à neblina cada vez mais rala que ocultava o sopé da cumeada. Wallace reagrupou os seus homens, que soltaram um viva triunfante ao ver a divisão inimiga a fugir. Wallace permitiu brevemente a efusividade, até que voltou a pedir silêncio. Arthur estalou a língua e avançou o cavalo até à Octogésima Oitava. O terreno estava coberto de corpos, espalhados pela erva e pela urze. A maioria estava viva, e muitos dos feridos jaziam a gemer

e a contorcer-se de forma patética, de mãos apertadas contra os ferimentos. Mais tarde teriam de receber cuidados, assim que a batalha chegasse ao fim, pensou Arthur.

Parou o cavalo ao lado do coronel Wallace e acenou com a cabeça. Wallace ainda ofegava e tinha a lâmina da espada manchada de sangue. Arthur sorriu.

— Por Deus, Wallace, acredite que nunca tinha visto uma carga tão audaz.

Wallace tossicou.

— Obrigado, *sir*. Os meus rapazes deram o seu melhor. Quais são as suas ordens?

— Por agora já cumpriu o seu dever. — Arthur olhou brevemente para a base da crista, onde a neblina praticamente desaparecera. A divisão derrotada voltava a formar-se mais ao fundo da encosta, enquanto uma bateria de canhões avançava com estrépito até uma ligeira inclinação, no lado oposto à posição de Wallace. — É melhor recuar para a outra encosta, caso contrário as peças inimigas vão servir-se da Oitenta e Oito para praticar tiro ao alvo.

Wallace olhou para os canhões e franziu os lábios.

— A distância é grande e talvez seja bom para os homens enfrentarem uma pequena dose de fogo de artilharia.

— Quer-me parecer que já deram provas do desempenho. Ordene a retirada imediatamente, Wallace.

— Sim, meu general.

Arthur deu meia-volta ao cavalo e seguiu na direção do Buçaco. Lá em baixo, a leste da borda da colina onde se erguia o convento, pôde ver mais colunas inimigas a encaminharem-se para a estrada que subia a encosta. Percebeu que seria o ataque principal. O assalto à crista a sul do Buçaco fora uma diversão. Masséna pretendia atrair as forças aliadas para virem em defesa do flanco, antes de desferir o golpe principal contra o convento.

Quando Arthur e Somerset regressaram ao cimo da colina sobranceira à aldeia de Sula, os mosqueteiros e a bateria aí posicionados defrontavam já os soldados avançados franceses que se deslocavam pela estrada. A progressão até à aldeia era marcada pelas pequenas nuvens de fumo entre as árvores e os rochedos dispersos. Os britânicos respondiam ao fogo a partir das construções que tinham sido fortificadas nos limites de Sula e, a espaços, uma das peças ribombava, quando os artilheiros avistavam um grupo de soldados avançados que justificava a metralha. Arthur constatou que os franceses iam avançando com firmeza e que em breve chegariam à aldeia.

— Aqueles homens não vão conseguir manter a posição, *sir* — comentou Somerset.

— Realmente, não me parece.

Seguiu-se uma breve pausa em que Somerset pigarreou, antes de continuar.

— Ordeno ao Craufurd que envie os homens para reforçar Sula, *sir*?

Arthur abanou a cabeça.

— O Craufurd sabe o que tem a fazer. Vai agir a seu tempo.

Arthur falara com confiança, mas esperava que não se tivesse enganado quanto ao comandante da Divisão Ligeira. Embora, regra geral, se tratasse de um bom oficial, Craufurd tinha a tendência desconcertante de se dar a um excesso de confiança ocasional. Felizmente, os artilheiros tinham cessado o fogo e começaram a engatar os canhões enquanto os mosqueteiros intensificavam o fogo de cobertura para abrandar os soldados avançados inimigos. Depois, quando os cavalos subiram a estrada desde a aldeia em direção ao convento, os mosqueteiros de casacas verdes agruparam-se em pares e juntaram-se à divisão. A partir da sua posição, a cavalo, Arthur viu os soldados da Quinquagésima Segunda ocultos atrás da crista da cumeada, aguardando as suas ordens. À frente deles estava Craufurd, montado, que observou calmamente os soldados avançados franceses a percorrerem a aldeia e depois esperou que a coluna principal subisse a encosta para se juntar aos camaradas mais à frente. Seguiu-se uma pausa, até que Arthur ouviu o leve estrondear de milhares de botas a pisar os sulcos da estrada, e depois o grosso do inimigo surgiu das árvores a pouco distância de Sula. A força atacante tinha três colunas, cada uma a avançar com uma frente de pouco mais de uma centena de soldados.

Com os estandartes bem erguidos, embora ofegantes devido ao esforço de subir a cumeada, os franceses marchavam num ritmo constante sobre o terreno aberto à frente da crista. Perante a coluna central, Craufurd mantinha-se firme, a encarar o inimigo num gesto de desafio.

— Por Deus — murmurou Somerset. — Acho bem que ele faça alguma coisa depressa, caso contrário os franciús vão desfazê-lo.

Arthur não respondeu, mantendo-se imóvel enquanto observava o desenrolar da ação. Alguns dos oficiais franceses tinham colocado os chapéus na ponta das espadas e acenavam-nos enquanto bradavam palavras de encorajamento. Uma banda seguia à frente da coluna mais próxima e os músicos começaram a tocar quando se aproximaram da crista, com o som agudo dos metais acompanhado pelo ritmo grave dos tambores. Mesmo assim, Craufurd continuou sem se mexer, pesasse embora as alas inimigas que se encontravam a pouco mais de trinta passos. Arthur sentiu o coração bater mais depressa e desejou que Craufurd desse ordens para a ação.

Então, quando o inimigo ficou ao alcance do tiro de uma pistola, Craufurd tirou o chapéu e deu meia-volta para bradar aos seus homens:

— Agora, rapazes! Vinguem a morte de *Sir* John Moore!

Arthur não conseguiu reprimir o esboço de um sorriso. A Quinquagésima Segunda fora, durante muito tempo, o regimento de Moore e as palavras de Craufurd teriam o condão de inflamar os soldados. Ao longo da crista da cumeada, os homens desse regimento, a par dos restantes da divisão de Craufurd, levantaram-se e assumiram posições, com os mosquetes bem firmes nas mãos. À frente deles, a uma distância suficiente para distinguir a expressão

determinada nos olhos dos soldados britânicos, as colunas francesas estacaram abruptamente. A melodia alegre que a banda vinha a tocar dissolveu-se numa cacofonia antes de se dissipar totalmente. Os oficiais imobilizaram-se, com as espadas a baixar enquanto fitavam as alas do inimigo que de repente se tinham materializado à frente dos seus olhos.

Fizeram-se ouvir algumas ordens simples ao longo da linha britânica e os mosquetes foram erguidos, com os cães engatilhados, e o derradeiro comando para disparar perdeu-se de imediato no ribombar da primeira salva, com milhares de chamas minúsculas a serem cuspidas dos canos dos mosquetes e das espingardas da Divisão Ligeira. O efeito foi ainda mais devastador do que o anterior, que já reprimira o ataque ao longo da cumeada. A tão curta distância, foram muito mais as balas que acertaram no alvo, devastando a frente das três colunas, qual gadanha afiada a ceifar trigo. Craufurd não indicou uma nova salva, ordenando, isso sim, de imediato, que os seus homens carregassem. Com um brado feroz, a Divisão Ligeira avançou pela crista, as baionetas da primeira ala dirigidas aos franceses hesitantes. Mergulharam no meio do inimigo, espetando, agredindo e pontapeando como fúrias selvagens, sem poupar ninguém enquanto levavam os soldados de Masséna à frente deles. Alguns ripostaram, mas foram poucos e estavam demasiado isolados para deter a onda de casacas-vermelhas, sendo rapidamente derrubados e mortos.

Foi preciso menos de um minuto para que a carga quebrasse o ataque inimigo. Arthur observou as colunas adversárias a ceder, à medida que uma formação atrás da outra se dissolvia e os seus integrantes recuavam encosta abaixo, desesperados por escapar à cólera dos soldados britânicos que os devastavam.

— Lá se vai o Masséna. — Somerset sorriu. — Não deve ter muita pressa de repetir um assalto destes, *sir*.

— Talvez não — concordou Arthur. — Foi uma bela lição. Mas se ele não voltar a atacar a crista hoje, pode ter a certeza de que vai tentar flanquear-nos mais a norte. — Acenou com a cabeça para o extremo da cumeada.

Somerset virou-se para observar o terreno aberto mais à frente.

— Nesse caso seremos obrigados a recuar, *sir*.

— É claro que sim.

Somerset olhou para o comandante com uma expressão surpreendida.

— O plano foi sempre esse, *sir*? Nesse caso, para quê enfrentar aqui o inimigo?

— Imaginei que fosse bom para os soldados verem os franceses em fuga. De certeza que deu um pouco de ardor às nossas tropas portuguesas, não lhe parece? — Arthur sorriu. — Já para não falar da confiança de Masséna e do seu exército, que terá ficado abalada.

Somerset franziu os lábios e assentiu, virando-se para observar a Divisão Ligeira a perseguir as colunas inimigas desfeitas encosta abaixo. Craufurd permitiu que os homens avançassem mais um pouco, antes de mandar soar o regresso. Tal era a disciplina feroz do

comandante, que os soldados reagiram de imediato às notas agudas do clarim, começando a subir até à crista, onde se reagruparam em companhias animadas, dando palmadas nos camaradas e escarnecendo do inimigo, até que os sargentos lhes bradaram que calassem a boca e se pusessem em sentido.

Arthur passou o resto do dia a observar as linhas francesas no fundo da encosta, mas não houve novas tentativas de assalto. Em vez disso, observou uma coluna começar a serpentear na descida à sua esquerda e percebeu que a posição na cumeada teria de ser abandonada. Dirigiu-se a Somerset.

— Passe palavra ao exército. Vamos cruzar o Mondego e marchar para as linhas de Torres Vedras.

— Sim, meu general.

Arthur notou um certo tom de desapontamento na resposta de Somerset e ofereceu-lhe um sorriso.

— O nosso trabalho aqui está cumprido. — Apontou para os cadáveres franceses que enchiam a encosta. — Masséna foi abalado, e ainda há mais uma coisa.

— *Sir*?

O sorriso de Arthur esmoreceu um pouco.

— Agora, os jornais de Londres vão ter provas de que o exército está à altura dos franceses. Não há dúvida de que homem a homem, temos vantagem sobre eles.

— E mesmo assim temos de retirar, *sir*.

— Retirar? Sim, há quem o veja assim. Mas por agora fico satisfeito por ter atrasado o Masséna. Vai ser obrigado a parar à frente das nossas defesas e depois vai passar fome, até se ver obrigado a retirar. — Arthur ficou em silêncio por um instante, antes de assentir com satisfação. — Não tenho a menor dúvida de que é uma questão de tempo até que o vento sopre a nosso favor.

CAPÍTULO 17

Lisboa, janeiro de 1811

— Uma representação amadora? — Arthur franziu o cenho. — Mas que raios estará o Masséna a tramar?

Recostou-se na cadeira junto à lareira e cruzou as mãos, batendo com os indicadores nos lábios enquanto pensava sobre a notícia que Somerset lhe trouxera de um dos postos avançados da primeira linha de defesa.

— Relembre-me o que disse ao certo o oficial de Masséna.

Somerset, ao lado da porta do gabinete, recordou a mensagem que recebera.

— Masséna convidou os nossos oficiais a assistir a uma representação do *Cândido*, a ser encenada no quartel-general do marechal Masséna, daqui a cinco dias. Qualquer cavalheiro que aceite o convite poderá contar com um salvo-conduto através das linhas francesas.

— Por Deus. — Arthur abanou a cabeça. — Cheguei a pensar que Inglaterra e França estivessem em guerra há quase dezoito anos.

— É verdade, *sir*. — Somerset aquiesceu, já estando habituado à ironia do superior. — Deseja que emita uma ordem para que o convite seja declinado?

Arthur pensou por um instante. Já tinha havido críticas quanto às suas ações na sequência da batalha do Buçaco. O *The Times* interrogara porque não teria o exército britânico aproveitado a vitória contra Masséna e afugentado os franceses até Espanha. Mesmo assim, Arthur acreditava estar em vantagem em relação ao inimigo. Depois de um assalto sangrento às linhas de Torres Vedras, os franceses tinham sido obrigados a montar acampamento nos terrenos vazios à frente das defesas britânicas, enquanto Masséna ponderava quanto ao seu movimento seguinte. Ao longo dos últimos três meses, os franceses tinham sobrevivido com as rações cada vez mais escassas, mas em breve seriam obrigados a retirar, ou a passar fome.

Talvez não fosse a maneira mais gloriosa de contrariar um inimigo, pensou Arthur, mas seria, decerto, a menos dispendiosa. Só podia esperar que os políticos mais esclarecidos em Inglaterra compreendessem a estratégia e lhe garantissem o tempo e o apoio necessários para enfraquecer e depois esmagar as tropas francesas na Península Ibérica.

Baixou as mãos e sorriu a Somerset.

— Temos de fazer a vontade ao Masséna. Quanto mais tempo passar em Portugal, mais o exército dele vai definhar. Informe os comandos da primeira linha de defesas que os oficiais podem aceitar o convite. Todavia, espero um relatório completo de cada homem que entrar nas defesas francesas por motivos sociais. Estão proibidos de se embriagar e têm de se manter alerta. Eles que fiquem de olhos bem abertos e ouvidos à escuta de qualquer

informação que nos possa ser útil.

— Sim, meu general.

— Se houver novas tentativas de confraternização, terei de as aprovar. Isso que fique bem claro.

— Com certeza, *sir*. E se os nossos oficiais desejarem retribuir?

Arthur franziu o cenho ao de leve.

— Não será boa ideia permitir que os soldados de Masséna investiguem as nossas defesas com demasiada atenção. Diga aos nossos cavalheiros que poderão organizar caçadas, jantares e outros divertimentos, conquanto tenham lugar fora dos limites da nossa linha da frente.

— Sim, meu general. — Somerset fez uma pausa antes de continuar. — É tudo, *sir*?

Arthur anuiu e depois bateu com a mão na coxa.

— Ah, mais uma coisa. Os últimos despachos já chegaram de Londres?

— Foram entregues no quartel-general ao meio-dia, *sir*. Quer que trate disso agora?

— Não. Traga-os assim como estão e depois comece a redigir as minhas ordens quanto ao convite de Masséna.

Somerset baixou a cabeça e saiu do gabinete. Inexpressivo, Arthur fitou a lareira por um momento e depois soltou uma gargalhada seca.

— Com a breca, uma peça de teatro! Estes franceses são muito estranhos.

Atiçou o lume enquanto aguardava o regresso de Somerset. Lá fora, o céu invernal escurecera sobre Lisboa e, pelas janelas altas, Arthur conseguia avistar o porto, atulhado de navios de carga que transportavam os seus bens entre a capital portuguesa e as colónias e clientes espalhados pelo mundo. Via-se também um comboio de navios ingleses que descarregavam fornecimentos militares para o exército. Os suprimentos eram bastante bem-vindos, ponderou, mas Arthur precisava de reforços com muito mais urgência. Mais homens, além de mais verbas. O pagamento do exército já estava três meses atrasado e a dívida para com os agricultores e os mercadores de cereais portugueses continuava a aumentar. Os civis lusitanos encaravam os convidados ingleses com um entusiasmo reservado. Os mesmos navios que traziam suprimentos podiam igualmente ser usados para retirar os soldados, caso os franceses atravessassem as linhas, ou se o governo britânico perdesse a coragem e ordenasse o regresso do exército.

Arthur tinha noção de que esta era uma possibilidade bem real. O príncipe de Gales e os seus amigos liberais defendiam o abandono de Portugal, argumentando que se tratava de um desperdício de recursos já por si escassos e que de pouco serviam para derrubar Bonaparte. Isso agastava e frustrava Arthur. Enquanto o seu exército resistisse em Portugal e fosse fonte de inspiração para os portugueses e para os espanhóis, o inimigo via-se obrigado a dedicar mais de duzentos mil soldados à Península Ibérica, soldados esses que não poderiam ser

usados por Bonaparte em qualquer outro local. A erosão constante das forças gaulesas por parte de forças irregulares, da doença, da fome e dos combates exigia um fluxo constante de substitutos, o que sangrava lentamente o inimigo. Tratava-se de uma estratégia a longo prazo e Arthur esperava que o governo britânico tivesse a capacidade de perceber a sua eficácia.

A porta do gabinete voltou a abrir-se e Somerset entrou com uma grossa pasta por baixo do braço. Arthur fez sinal com a cabeça para a mesa baixa à sua frente, e Somerset dirigiu-se a ela e pousou a pasta. Abriu-a, tossicou e fez um resumo breve do conteúdo.

— Correspondência de Londres, oficial e pessoal, ainda por abrir. Os últimos relatórios das patrulhas de cavalaria, os dados semanais de cada brigada e mais pedidos de pagamento por parte de fornecedores portugueses. É tudo?

— Por agora. — Arthur acenou com a cabeça na direção da porta. Depois de o ajudante de campo ter saído e fechado a porta, Arthur deu uma vista de olhos rápida às contas apresentadas pelos portugueses. O saldo de ouro do exército era suficiente para pagar uma parte das contas, o bastante para manter os fornecedores satisfeitos durante mais um mês. Molhou a pena no tinteiro e fez uma anotação no fundo da primeira conta, ao que as pôs de lado. Os dados semanais traziam boas notícias. Apesar do inverno, muitos dos doentes e feridos da última campanha tinham recuperado e regressado às fileiras, o que elevava o total do exército para trinta mil efetivos. A par das unidades portuguesas, Arthur dispunha de mais de cinquenta mil soldados para levar os combates ao inimigo assim que surgisse oportunidade.

Dirigiu a atenção à correspondência, começando pelas cartas marcadas como sendo oficiais. Vinham dos vários departamentos que tratavam da provisão de engenheiros, fornecimentos e artilharia, todas elas dizendo estar a fazer o possível por dar resposta às requisições. Embora reconhecessem a urgência da situação, recordavam o general de que ele não era o único a precisar dos recursos e as suas necessidades teriam de ser avaliadas em comparação com as de outros comandantes. Arthur abanou a cabeça com irritação. Os imbecis da Grã-Bretanha já deviam ter noção de que o seu exército era a vanguarda do esforço da nação contra o Tirano Corso. Os recursos deveriam fluir até à ponta da espada que estava cravada no flanco de Bonaparte e não ficar inertes em armazéns distantes do campo de batalha. Anotou um lembrete a Somerset para enviar mais pedidos com uma linguagem mais robusta e por fim dedicou-se à última carta.

Quando lhe pegou, sentiu um aperto no coração. Era de Kitty. Nas vésperas do Buçaco, escrevera-lhe uma nota sóbria, em que lhe descrevia a situação financeira em Inglaterra. Não depositava grande fé na capacidade da esposa de gerir os assuntos familiares e descrevera-lhe ao pormenor tudo o que deveria fazer no caso de ele ser morto. Desde então recebera um fluxo constante de cartas onde lhe eram pedidos conselhos acerca de uma série de mesquinhices. Desta vez, Kitty queria saber se podia comprar cortinados novos para a casa

de Londres.

— Cortinados? — resmungou Arthur. — Malditos sejam os cortinados!

Sentiu um espasmo momentâneo nas mãos ao agarrar a carta com força, ameaçando transformar o papel e a sua escrita apertada numa bola. Respirou fundo, alisou a folha e pousou-a em cima da mesa. Os pensamentos sobre Kitty e a sua incapacidade de tratar da casa na ausência dele pesavam-lhe no coração como uma barra de chumbo. Arthur sabia que o casamento fora o erro mais grave que alguma vez cometera. No entanto, fora essa a sua escolha e não podia voltar atrás na decisão, além de também não estar preparado para admitir o erro em público. Assim sendo, para o bem e para o mal, estaria unido a ela enquanto vivessem. Suspirou. Depois pegou numa folha de papel em branco, molhou o aparo da pena e compôs uma resposta.

Ao longo do resto do mês e durante fevereiro, os oficiais de ambos os exércitos encontraram-se com frequência, desfrutando de acontecimentos sociais e desportivos. Arthur manteve-se afastado dessas atividades, já que considerava impróprio o envolvimento do comandante do exército britânico. Não era preciso muito esforço para imaginar o escândalo em Londres, caso se soubesse que Arthur e Masséna conviviam socialmente. Assim sendo, Arthur limitou-se à sugestão de troca de jornais com o general inimigo. As páginas da imprensa parisiense estavam cheias de relatos das atividades da corte imperial, em que Bonaparte exibia a nova noiva ao seu povo e a dignitários de toda a Europa. Arthur começara por ficar surpreendido com a notícia do casamento. Depois apercebeu-se de que os austríacos, após a derrota humilhante infligida por Bonaparte em Wagram, não tinham grande escolha. Dizia-se agora que Bonaparte poderia estar à espera de um herdeiro na primavera. Eram más notícias, refletiu Arthur. Se Bonaparte fosse capaz de fundar uma dinastia, ninguém sabia durante quanto tempo a sua influência perniciosa poderia durar no continente.

A temperatura subiu nos primeiros dias de março, e os nevoeiros e as neblinas cerradas foram-se tornando mais frequentes sobre a paisagem portuguesa. Arthur seguiu até à linha da frente para inspecionar os fortes e perdeu-se várias vezes ao tentar seguir as grosseiras vias de comunicação preparadas pelos engenheiros para ligar as várias fortificações. A maior parte dos fortes estava ocupada por tropas portuguesas comandadas por oficiais britânicos. A infantaria britânica encontrava-se acampada poucos quilómetros à frente da primeira linha, pronta a responder a qualquer ataque levado a cabo pelo inimigo. A pouca distância a leste de Torres Vedras, Arthur deteve-se num posto comandado por um oficial na casa dos quarenta anos. O coronel Cameron era um exemplo típico das transferências para o exército português. Até então fora um capitão britânico sem quaisquer conhecimentos úteis, ou um rendimento capaz de lhe comprar uma promoção. Ao ser transferido, fora promovido e

auferia um soldo mais elevado, pelo menos até ao final da guerra. Fez continência quando Arthur entrou no forte e o general levou a mão à aba do chapéu em resposta.

— Um bom dia para si. Coronel Cameron, não é?

— Sim, senhor. Lamento pela falta de protocolo, *sir*.

— Não tem importância — respondeu Arthur ao desmontar. — É uma visita informal. Quantos homens aqui tem, coronel?

— Um batalhão, *sir*. Quase na sua força total. Os rapazes estão animados, embora ficassem mais satisfeitos se os franciús mostrassem algum ânimo e nos testassem as defesas.

— Infelizmente, essa decisão cabe ao marechal Masséna. Imagino que depois do Buçaco não tenha grande pressa em voltar a ser repelido.

O coronel Cameron exibiu um sorriso rasgado.

— Se ele aparecer, os rapazes põem-no a correr num instante, *sir*. Estão prontos para tudo.

Acenou com orgulho para o interior do forte e Arthur pôde ver que os soldados estavam bem equipados, com os abrigos de madeira dispostos por companhias. A maior parte reunia-se à volta das fogueiras do acampamento, onde conversavam baixinho, ou limpavam as armas. Nas muralhas e nas torres, os soldados de serviço vigiavam os densos bancos de nevoeiro, alertas a quaisquer sinais do inimigo.

— O seu batalhão parece um grupo excelente, coronel.

— Obrigado, meu general. — Cameron exibiu um sorriso orgulhoso.

— Alguma coisa a relatar?

— *Sir*?

— Notou sinais de atividade invulgar por parte do inimigo?

— Não, *sir*. Por acaso, hoje têm estado muito sossegados. Regra geral, os nossos piquetes trocam cumprimentos pela manhã, mas hoje ninguém os viu. Ou receberam ordens para ficar em silêncio, ou foram recuados.

Arthur sentiu uma pontada de ansiedade com as palavras do coronel. As explicações de Cameron teriam a sua lógica, mas a falta de contacto com os piquetes inimigos poderia igualmente significar outra coisa.

— Coronel, quero que envie uma patrulha em direção às linhas francesas. Não devem encetar trocas com ninguém, mas continuem a avançar até encontrarem sinais do inimigo, e depois regressem com informações.

— Sim, meu general.

— Somerset! — Arthur deu meia-volta e dirigiu-se ao ajudante de campo. — Qual a unidade de cavalaria mais próxima?

Somerset pensou por um instante.

— Os Dragões Ligeiros, *sir*, em Mafra.

— Vá ter com eles. Quero-os espalhados pelas linhas assim que possível. Confirmem a localização dos franceses e regressem de imediato com o relatório. E enviem um mensageiro ao quartel-general. O exército que fique pronto a concentrar-se e a avançar imediatamente.

— Com certeza, *sir*, mas com este nevoeiro vai ser difícil proceder a manobras.

— Pode ser — concedeu Arthur. — No entanto, se o Masséna deu início à marcha, o exército terá de se deslocar rapidamente para se aproximar dele. Esperemos que seja um falso alarme e que os franceses se tenham limitado a recuar uma breve distância. O meu receio é que Masséna retire para Espanha.

— Mas se ele retirar, não teremos conseguido a nossa vitória sem uma gota de sangue, *sir*?

Arthur lançou-lhe um olhar firme.

— Parece não entender a estratégia, Somerset. Se permitirmos que Masséna retire, estamos apenas a prolongar a luta. A minha intenção era fazer com que o exército dele passasse fome à frente das nossas linhas, para o atacar na altura certa. Se Masséna tiver começado a retirar, isso quer dizer que os soldados dele chegaram ao limite da resistência. Não o podemos deixar fugir. Temos de o perseguir e derrotar o exército de forma absoluta. Aí teremos uma vitória que vai abreviar a guerra. Fui claro?

— Sim, meu general.

— Ótimo. É importante que tenha noção da necessidade de rapidez na reação às movimentações de Masséna. Tem de ser capaz de o transmitir aos comandantes de todas as brigadas do exército. Agora vá.

Quando Somerset partiu, Arthur dirigiu-se com Cameron a uma das torres de vigia. A partir dessa posição elevada, o panorama sobre o terreno à frente do forte continuava encoberto pelo nevoeiro, acima do qual apenas se viam os topos das colinas, como grandes leviatãs a erguer-se de um oceano leitoso. Arthur esforçou os olhos e os ouvidos, mas não havia qualquer movimento, nem o mais leve dos sons vindo do acampamento inimigo. Onde esperava ouvir cavalos, os martelos dos ferradores ou as pancadas secas dos machados, só havia silêncio, quebrado apenas pelo crocitar dos corvos.

Virou-se para Cameron.

— Não vejo nada com o nevoeiro. Reúna a sua Companhia Ligeira. Já agora, tem uma bússola?

— Uma bússola, *sir*? Claro.

— Ótimo, pois vamos precisar dela. O meu ajudante de campo que seja informado de que nos dirigimos a norte. Se ele regressar antes de mim, quero que vá ter comigo com o relatório.

— Sim, meu general.

Um quarto de hora depois, Arthur, Cameron e os homens da Companhia Ligeira saíram em

silêncio do forte e desceram a encosta da elevação onde a fortificação fora edificada. Todos os equipamentos desnecessários tinham ficado para trás e cada soldado levava apenas o seu mosquete e munições numa mochila. Os soldados espalharam-se à frente do resto da companhia enquanto avançavam pelo nevoeiro, mantendo-se ao alcance da vista uns dos outros. Seguiram com cautela, atentos a quaisquer sons ou movimentos à medida que avançavam lentamente pelo terreno que fora limpo no ano anterior para que o inimigo não dispusesse de proteções. Depois de pouco mais de um quilómetro, os contornos pardacentos de uma casa queimada emergiram do nevoeiro. A companhia fez alto e dois homens avançaram para investigar. Voltaram daí a alguns minutos e apresentaram o relatório a Cameron. O coronel escutou, aquiescendo, e depois traduziu o que lhe fora dito a Arthur.

— A quinta foi abandonada. Há restos de uma fogueira, mas parece que foi feita e depois deixada a consumir-se por si. Também deixaram uma carroça a arder.

— Uma carroça, diz o coronel. — Arthur pensou brevemente. A carroça poderia necessitar de reparações, ou talvez pudesse ter sido abandonada por falta de animais para a puxar. O facto de ter sido queimada significava que o inimigo não queria que o veículo caísse nas mãos dos britânicos. — Continuemos em frente.

Cameron esforçou-se por conter a ansiedade e assentiu. Ao passarem pela quinta, Arthur reparou que a fogueira no pátio entre os edifícios estava cercada pelos restos carbonizados de outro equipamento: os raios e a madeira da estrutura de uma peça de artilharia, e o que parecia a carcaça de um cavalo, ou de uma mula. Mais à frente encontraram o local deserto de um acampamento. À erva pisada seguiam-se valas que serviam de latrinas e depois uma vasta extensão de terreno enlameado, revirado por botas com espigões, ferraduras e rodas pesadas revestidas a ferro. Via-se o que sobrava de outros fogos, onde os restos de equipamento e de mobiliário pilhado ainda fumegavam.

Arthur dirigiu-se a Cameron.

— Já vi o suficiente. Não há dúvida de que Masséna está a retirar.

— Sim, *sir*. — Cameron fez uma pausa antes de prosseguir. — O que vai fazer, *sir*?

— Vou persegui-lo. Vou ultrapassá-lo e depois, por Deus, vou destruí-lo.

Quando o exército de Arthur deu início à perseguição, o marechal Masséna tinha mais de um dia de avanço. A cavalaria seguia à frente da coluna principal, identificando o percurso da retirada. A passagem do exército francês não era difícil de acompanhar, já que tinham deixado um trilho já familiar de equipamento abandonado e pequenos grupos de retardatários e de feridos que esperavam ansiosamente serem presos, para não terem de enfrentar a fúria dos camponeses locais. Mais à frente, o exército aliado deparou-se com a primeira das aldeias devastadas pelos franceses em retirada. Tudo de valor que pudesse ser transportado fora roubado das casas. A comida desaparecera. Pelas ruas viam-se corpos

mutilados espalhados. Três cadáveres carbonizados, uma mulher e duas crianças, continuavam pendurados de uma árvore sob a qual fora ateado um lume. O único sobrevivente, um idoso, informou Arthur num tom lúgubre de que os mortos tinham sido torturados pelos franceses, numa tentativa de descobrir comida escondida.

A partir daí, os batalhões portugueses deixaram de fazer prisioneiros franceses e os oficiais britânicos mantiveram-se em silêncio quando os lusitanos cortavam o pescoço ao inimigo e os corpos eram deixados para os abutres.

A perseguição continuou com os dois exércitos a cruzar a fronteira. Mais à frente situava-se a povoação fortificada de Salamanca, onde Masséna estaria a salvo dos perseguidores. Nessa noite, Arthur e Somerset dirigiram-se a uma pequena elevação e observaram as fogueiras tremeluzentes do inimigo, espalhadas pela paisagem a meio dia de marcha para leste.

— É frustrante, não acha? — resmungou Arthur, olhando na direção do inimigo. — Persegui-los até aqui, mas sem chegar a tempo de os obrigar a lutar.

— Imagino que sim, *sir* — respondeu Somerset. — Mas o exército de Masséna é uma força exausta. Não deixa de ser uma vitória.

— Uma vitória? — Arthur esfregou os pelos da barba por fazer no queixo. — Não. É apenas um passo numa estrada muito longa. Mas eventualmente vamos chegar ao fim. Agora temos de levar a guerra até Espanha. Para o fazer, será preciso tomar as fortalezas fronteiriças de Ciudad Rodrigo, Badajoz e Almeida. Vai ser difícil, Somerset. Os cercos vão demorar a preparar, e vão custar muitas vidas.

Arthur estava prestes a dar meia-volta ao cavalo em direção ao acampamento britânico, quando um canhão se fez ouvir do lado dos franceses, seguido, momentos depois, por outra peça e por outras ainda, numa sucessão de estrondos que chegaram claramente aos ouvidos do general britânico e do ajudante de campo. Os olhos cansados de Arthur perscrutaram o terreno entre os dois exércitos, mas não se viram clarões de tiros que indicassem lutas, apenas o eco constante das armas francesas a serem disparadas para a noite, uma após a outra.

— Mas que raios estão eles a tramar?

CAPÍTULO 18

Napoleão

Tulherias, Paris, 20 de março de 1811

— *Sire*? — O médico afastou-se da cama onde a imperatriz gemia por entre os dentes cerrados. — Podemos falar?

— Não há tempo para falar — retorquiu Napoleão lapidarmente, sentado na beira da cama, a agarrar a mão da esposa. — Limite-se a cumprir o seu dever. Faça com que a minha esposa dê à luz o bebé em segurança.

O médico olhou com ansiedade para Maria Luísa, deitada de costas, com os joelhos erguidos e os braços abertos cada um para o seu lado. Enquanto Napoleão segurava uma das mãos, uma aia agarrava a outra. O rosto tinha um aspeto ceroso e cintilava à luz que entrava no quarto por uma janela alta. A transpiração colara-lhe o cabelo louro ao couro cabeludo e enquanto o médico a olhava, a imperatriz soltou um novo grito de agonia até que a contração passou.

O médico pigarreou, dizendo depois em voz baixa:

— *Sire*, há quase vinte horas que sua majestade imperial está em trabalho de parto. Ela está a ficar cada vez mais fraca e não há grandes sinais de dilatação. Tenho de falar com vossa majestade quanto às complicações que podem advir de um parto demorado.

Napoleão fitou-o por um instante e depois anuiu. Inclinou-se sobre a cama e beijou a testa franzida da esposa.

— Minha querida, tenho de falar com o médico. Volto daqui a um instante.

Napoleão seguiu o médico até à janela e ficou afastado do vidro, longe da vista da multidão que ao longo de todo o dia se fora juntando no exterior do palácio. Durante a tarde espalharam-se pela capital boatos sobre o trabalho de parto da imperatriz, e agora dezenas de milhares de pessoas aguardavam, expectantes, pelo sinal de um nascimento. Uma bateria estava já pronta em Montmartre, à espera do sinal combinado. As peças dariam início a uma salva contínua para anunciar o nascimento. Iriam disparar-se vinte e uma salvas, caso fosse uma menina; se fosse um rapaz, seria uma centena de tiros. A tragédia seria anunciada com silêncio.

O médico olhou rapidamente para a cama, do outro lado do quarto, e depois falou em voz baixa, com um tom de urgência:

— *Sire*, tenho de o alertar para o facto de haver o risco de poder vir a perder tanto a sua esposa como a criança, caso o trabalho de parto se prolongue muito mais. Se chegarmos ao ponto de uma crise, talvez ainda seja possível salvar uma delas, mas tenho de saber qual será: a mãe, ou a criança?

Napoleão ergueu a mão e levou-a à testa enquanto ponderava as palavras do médico. Levantara-se cedo na véspera para tratar de assuntos de Estado e, pouco antes do meio-dia, um criado ofegante fora ao gabinete informar que a imperatriz entrara em trabalho de parto. Napoleão correra para o lado dela e aí ficara o resto do dia, bem como toda a noite, até à manhã seguinte. Estava exausto e precisou de algum esforço para ordenar os pensamentos. O principal objetivo do casamento com Maria Luísa fora garantir um herdeiro. Agora estava à beira de concretizar esse objetivo. Se fosse preciso optar, sabia que devia pôr a criança à frente da mãe, a bem dos interesses da França.

Contudo, hesitava. Era verdade que se casara devido a um interesse frio, mas no seu coração tinha-se desenvolvido uma afeição genuína por ela desde que se tinham conhecido e a levara pela primeira vez para a cama. Maria Luísa não era bela, mas tinha uma graciosidade inocente nos seus modos. Na primeira noite, o sexo fora tenso e funcional, mas em breve ela se entregara ao prazer do ato. Quanto a si, Napoleão gostara da emoção de se deitar com uma virgem. E não era uma virgem qualquer, mas sim a flor de uma das mais antigas famílias reais da Europa. Agora, por fim, tinha uma esposa digna de um imperador, e assim quisesse o destino, um dia teriam um príncipe que uniria os interesses de França e da Áustria. Por esse motivo, bem como por outros, amava-a.

Ao mesmo tempo, se escolhesse a criança e deixasse que a mãe morresse, os danos na relação com a Áustria seriam incalculáveis. De momento, Napoleão desenvolvia uma aliança com a Áustria, pensando no dia em que por fim seria obrigado a confrontar os russos no campo de batalha. Esse pensamento fê-lo decidir-se e olhou para o médico.

— Se for preciso optar, salve a mãe.

O médico curvou a cabeça.

— Sim, meu imperador.

Regressaram à cama no momento em que Maria Luísa tinha mais uma contração excruciante e o médico voltou a examiná-la, desta vez acenando a cabeça com satisfação.

— A dilatação aumentou. A criança vem a caminho, *sire*.

Napoleão regressou para o lado da esposa, segurou-lhe a mão e acariciou-lhe gentilmente a cabeça, falando baixinho:

— Ouviste? O bebé está a caminho. Sê forte, meu amor. Em breve vai chegar ao fim e a dor vai passar.

Ela cerrou os dentes e anuiu, após o que voltou a retesar-se.

— A criança vem aí, *sire* — anunciou o médico. — Estou a ver a cabeça a surgir.

Maria Luísa gritou de repente, arqueou as costas e um jorro súbito de líquido glutinoso ensopou o lençol que lhe cobria os joelhos.

A multidão no exterior do palácio agitou-se quando a bandeira foi içada no mastro acima das

Tulherias. Ouviu-se um breve ronco de alívio e de prazer pelo nascimento do filho do imperador e depois as ovações acalmaram-se enquanto se esperava para se descobrir se era menino, ou menina. Fez-se ouvir um estrondo distante da bateria em Montmartre, depois outro, e a multidão contou cada deflagração que ecoava por Paris como o ribombar de um trovão. Quando a vigésima peça se ouviu, a multidão ficou num silêncio absoluto e esperou.

Foi disparado mais um canhão e houve quem murmurasse entre si: — Vinte e um.

O som desvaneceu-se e depois seguiu-se uma pausa. Não foi mais do que o intervalo regulamentar entre disparos, mas aquele momento pareceu arrastar-se de forma intolerável.

O estrondo da peça seguinte foi engolido instantaneamente por um brado de júbilo enquanto a multidão agitava os braços, e havia quem atirasse os chapéus ao ar. Entre o povo encontravam-se elementos da milícia de Paris, que colocaram os tricornes na ponta dos mosquetes e os ergueram bem alto, com as plumas vermelhas a agitar-se acima da multidão. Garrafas e jarros de vinho foram desrolhados e passados de mão em mão, enquanto todos celebravam a chegada do herdeiro do imperador.

No palácio, Napoleão aguardou que o médico e a parteira enfaixassem cuidadosamente o bebé limpo. Na cama, Maria Luísa estava recostada. Agora que o parto chegara ao fim, parecia exausta, mas radiante, e sorriu ao marido.

— Mostra-o ao povo, mas não por muito tempo. Está frio lá fora.

— Sim, minha querida. — Napoleão correu espontaneamente pelo quarto e abraçou-a gentilmente, ao mesmo tempo que lhe beijava os lábios. — Fizeste de mim o homem mais feliz de toda a Europa.

— Isso agrada-me.

Olhou-a com carinho.

— Isto é muito importante para mim. O meu filho, o nosso filho, marca a verdadeira união entre França e Áustria, e a nossa.

A imperatriz tocou-lhe no rosto.

— Fico satisfeita. Também estou cansada, meu querido marido. Preciso de dormir. Mas tens de mostrar o nosso filho ao teu povo. Vai.

Napoleão voltou a beijá-la e dirigiu-se à parteira, que lhe segurava no filho. Quando recebeu o pequeno nos braços e olhou para o rostinho enrugado, sentiu uma onda de ternura e de amor como nunca antes na vida. Depois o médico abriu a comprida porta envidraçada que dava acesso à varanda e Napoleão surgiu com o filho. A ovação do povo chegou a um auge ensurdecedor quando contemplaram o imperador com o herdeiro. Napoleão virou-se lentamente para que todos os que se tinham reunido na Place du Carrousel, dezenas de milhares de súbditos, pudessem ver a criança. Pela capital continuavam a ribombar os canhões. Os entrepostos informativos espalhados por França estariam já a transmitir a notícia a todas as cidades, vilas e aldeias. Em breve, todos os canhões de todos os exércitos

franceses fariam eco da saudação um pouco por todo o império, desde a vastidão gelada polaca às serras e planícies de Espanha e Portugal.

As celebrações do nascimento do filho do imperador, a quem Napoleão chamou Francisco Carlos José, esmoreceram rapidamente e Napoleão voltou a dedicar a atenção aos problemas crescentes que lhe afetavam o império. Quando o conselho se reuniu no palácio, num bonito dia de primavera, não havia grande sensação de melhorias trazidas pela mudança de estações. Ao olhar em torno da mesa, Napoleão ficou espantado com o reduzido número de indivíduos de talento genuíno a quem poderia recorrer. Talleyrand continuava caído em desgraça. Fouché fora afastado do cargo depois de Napoleão ter ficado a par de rumores que diziam que o ministro da polícia voltara mais uma vez a maquinar contra o imperador. Fouché tentara negociar com os ingleses, para descobrir quais os termos que lhes seriam favoráveis, caso viesse a acontecer alguma coisa ao imperador. Fora tentador mandar prender Fouché, mas o ministro tinha muitos apoiantes na capital, bem como toda uma rede de agentes espalhados pelo país. Napoleão não poderia arriscar-se a ser vítima de uma vingança.

Talleyrand fora implicado nessa mesma conspiração e fora destituído do cargo de camareiro-mor do imperador. Não havia dúvida de que Talleyrand não era, de todo, digno de confiança, mas a sua inteligência e as magníficas ligações diplomáticas faziam com que Napoleão não se atrevesse a dispensar totalmente os seus serviços. Por enquanto, Talleyrand teria de ser afastado, para que aprendesse uma lição. A seu tempo, Napoleão voltaria a admiti-lo no círculo de conselheiros chegados, mas só quando Talleyrand percebesse que a sua influência e poder estavam à mercê dos caprichos do imperador.

Napoleão substituíra Fouché pelo general Savary, um homem cuja lealdade era inquestionável. Infelizmente, as suas capacidades não eram tão garantidas, além de não ter tão boas ligações como o antecessor, nem a mesma inteligência e astúcia. Consequentemente, os agentes superiores do governo tinham regressado aos vícios antigos, sendo tão corruptíveis como com os Bourbons. O ministro das finanças, Cordet, também era de segunda categoria e dependia excessivamente dos conselhos dos subordinados. Por fim, o novo ministro dos negócios estrangeiros, Maret, não tinha opiniões próprias, limitando-se a aceitar tudo o que o imperador dizia.

Tal como ditado pelo protocolo, os elementos do conselho e dois dos secretários imperiais tinham sido os primeiros a chegar, encontrando-se de pé ao lado da mesa, a aguardar a chegada do seu senhor. Napoleão não falhou a hora marcada e assumiu o seu lugar. Assim que ficou confortável, acenou com a mão na direção dos restantes.

— Sentem-se, cavalheiros.

As cadeiras foram arrastadas enquanto os membros do governo se sentavam e os

secretários instalaram-se no seu lugar, a um dos lados da sala. Tiraram apressadamente os tinteiros, as penas e os cadernos das sacolas e prepararam-se para tirar apontamentos. Quando viu que estavam prontos, Napoleão começou.

— Cavalheiros, temos um número considerável de dificuldades por resolver, acima de tudo a necessidade de aumentar o fluxo de rendimentos do Tesouro. Mesmo tendo em conta a corrupção de vários elementos, as receitas continuam a decrescer. Isso não é aceitável, numa altura em que se torna essencial expandir o exército e a marinha, de forma a enfrentar as ameaças presentes e futuras. Cordet, falais pelo Tesouro. Quais os vossos planos para lidar com a situação?

Cordet engoliu em seco enquanto abria a pasta e consultava rapidamente as suas notas.

— *Sire*, os meus agentes estão a fazer o possível por cobrar impostos de modo eficiente. Segundo me informaram, a perda mais acentuada de rendimentos prende-se com a queda nos impostos cobrados às atividades comerciais.

— E qual o motivo para isso?

— *Sire*, o comércio está a sofrer cada vez mais restrições um pouco por toda a Europa devido ao Bloqueio Continental — explicou, à cautela. — O embargo ao comércio com Inglaterra está a afetar todas as economias europeias, incluindo a nossa.

— Tenho noção disso — atalhou Napoleão, lapidarmente. — Mas estamos em guerra com Inglaterra. Para os derrotarmos, temos de atacar o ponto mais fraco. A Inglaterra tem de comerciar com outras nações, caso contrário morre. Não podemos equacionar o fim das restrições ao comércio com o nosso inimigo.

— Todas as nações precisam de fazer negócios com Inglaterra, *sire*, caso contrário as economias definham. Nós e os nossos aliados já sofremos demasiado. Se me permite, atrevo-me a sugerir que o Bloqueio Continental está a prejudicar a França, em vez de a ajudar.

Napoleão franziu o cenho. Sabia que Cordet tinha razão. Na Holanda, o rei Luís, irmão de Napoleão, praticamente abandonara a adesão ao sistema e o imperador vira-se obrigado a anexar o país e a geri-lo como província francesa. Luís fugira para se esconder, acabando por voltar a dar sinais de vida na corte de um príncipe da Boémia. Ao início Napoleão ficara furioso, mas acabara por justificar a resistência do irmão à sua vontade devido a fraqueza de espírito e a insanidade.

Cordet prosseguiu:

— *Sire*, pelo bem da França, seria melhor desmantelar de imediato o sistema. Se permitir o regresso ao comércio livre, os rendimentos com os impostos vão subir.

Napoleão abanou a cabeça.

— Já quase vergámos a Inglaterra. Eu sei que sim. Basta um derradeiro esforço. Se conseguirmos fazer com que a Europa mantenha o sistema mais um pouco, a Inglaterra vai ter

de ser obrigada a aceitar a paz.

— Com o devido respeito, *sire*, o Bloqueio Continental não está a resultar. Está a ser ignorado abertamente um pouco por toda a Europa. Repare, o nosso embaixador em S. Petersburgo diz-nos que os bens ingleses estão disponíveis em todas as lojas e mercados locais. Os navios ingleses chegam e partem do porto sem o mais pequeno problema. Não é verdade? — Cordet virou-se para o ministro dos negócios estrangeiros.

Maret pareceu ficar ansioso e encolheu os ombros.

— É o que relata o embaixador Lauriston. Claro que ele está há pouco tempo no cargo e pode estar a transmitir boatos. Irei escrever-lhe a pedir um relatório mais pormenorizado, *sire*.

Cordet abanou a cabeça, num gesto de escárnio.

— Sim, faça isso, Maret. Tudo menos tomar uma decisão, não é?

— Silêncio! — interveio Napoleão. Olhou em redor da mesa, desafiando qualquer um a pô-lo em causa. Depois prosseguiu: — Enquanto estivermos em guerra com Inglaterra, enquanto os nossos soldados forem necessários para subjugar Espanha e Portugal, e enquanto a Rússia parecer disposta a provocar-nos para que entremos em guerra, a necessidade da nossa economia terá de servir as necessidades do nosso exército e da nossa marinha. Assim sendo, temos de angariar fundos suficientes para as pagar. É esse o problema que tem de ser resolvido, cavalheiros.

Seguiu-se um breve silêncio. Cordet mexeu-se na cadeira, inquieto.

— *Sire*, não temos escolha se não cortarmos os gastos. Como os custos militares consomem uma fatia tão grande das despesas do governo, eles têm de ser reduzidos.

— Não — retorquiu Napoleão bruscamente. — Os gastos militares não vão ser postos em causa. Seria uma loucura fazer isso neste momento, agora que estamos à beira da vitória.

— Mas, *sire*, se continuar a gastar desta maneira, a nação vai ficar endividada durante gerações.

— Quando um país está em guerra, tem de gastar o que for preciso para alcançar a vitória. Preocupamo-nos com a dívida quando alcançarmos a paz.

— E se não chegarmos à paz? — argumentou Cordet. — A nossa economia vai ficar destruída. Permita-me que lhe recorde que foi a dívida dos últimos reis Bourbon que nos levou à Revolução. Pretende arriscar um destino semelhante?

— Não vai haver outra revolução. O rei Luís era fraco. Concedeu demasiada margem de manobra aos adversários e o reino fugiu-lhe por entre os dedos. Não vou repetir o erro dele. Eu governo com punho de ferro. — Acenou com a cabeça na direção de Savary. — O meu ministro da polícia vai garantir que os jornais dizem aquilo que eu quero que digam. Os agentes dele vão garantir que até o mais leve indício de conspiração será investigado e que quaisquer conjuradores serão erradicados. Não é verdade, general?

Savary anuiu.

— Como desejar o meu imperador.

— Exatamente. Como eu desejar — repetiu Napoleão, com ênfase. — Muito bem, agora que todos entendemos em que pé estão as coisas, permitam-me que vos transmita as minhas necessidades militares. Cordet, tome nota. — Napoleão prosseguiu, sem precisar de recorrer aos apontamentos. — Um: o Exército da Alemanha precisa de mais dezoito mil cavalos. Os animais têm de ser comprados e entregues nos quartéis de treino antes do final do ano. Dois: preciso de mais cinquenta mil recrutas para que os exércitos da Alemanha e de Espanha assumam a força total. Os reveses de Masséna em Portugal saíram muito caros a França. Tem de ser reforçado para poder esmagar lorde Wellington e o seu exército antes do final do ano. Três: a marinha tem de ser expandida assim que possível. Temos de aproveitar as perdas de Trafalgar e fazer pender a balança a nosso favor para sobrepujar a marinha britânica. Para isso é preciso dar ordens para a construção de uma centena de novos navios de linha, a par de setenta e cinco fragatas.

Olhou à volta da mesa. Cordet parecia espantado.

— *Sire*, pedis o impossível. Nunca seremos capazes de suportar tais despesas.

— Não obstante, será feito. Temos de estar prontos para a guerra contra a Rússia, quando ela for declarada. Espero um relatório seu no máximo dentro de um mês, a explicar-me como serão financiadas estas necessidades.

— A guerra contra a Rússia não é inevitável — contrapôs Maret. — Devíamos concentrar as nossas energias na procura de um compromisso com eles. Essa é de longe a opção menos dispendiosa, tanto em ouro, como em vidas.

— Só pode haver uma grande potência na Europa — declarou Napoleão com firmeza. — Tem de ser a França, a qualquer custo. Neste momento, a situação é propícia para um ataque à Rússia no próximo ano. Presentemente, o czar está envolvido numa guerra com a Turquia e tem um grande exército dedicado a esse conflito. Por enquanto temos boas relações com a maioria dos países que fazem fronteira com a Rússia, e eles podem ser convencidos a ceder homens para os exércitos que enviaremos contra o czar. Agora que Bernadotte foi chamado pelos suecos para ser o seu príncipe herdeiro, temos uma frente unida desde o Báltico ao Mar Negro. A altura é propícia, cavalheiros. Basta aproveitarmos a oportunidade que o destino nos concedeu.

Fez-se um novo silêncio, até que o general Savary pigarreou e falou:

— *Sire*, não tenho dúvida de que terá razão quanto ao momento, mas estamos bastante empenhados em Espanha. Será acertado termos duas campanhas ao mesmo tempo?

— Tomei isso em consideração — replicou Napoleão, e depois esboçou um sorriso. — Tem razão, meu caro general. Temos de tratar de Espanha. Foi por isso que já enviei uma mensagem ao meu irmão, o rei José, pedindo-lhe que venha a Paris para nos reunirmos.

Assim que as dificuldades em Espanha estejam resolvidas, não teremos nada que nos impeça de humilhar o czar.

CAPÍTULO 19

O batismo do novo príncipe foi marcado para junho e o imperador convocou a família, os principais aristocratas do império e dignitários estrangeiros para assistirem à cerimónia. Quando o rei José chegou, perto do final de maio, os jornais de Paris anunciaram que ele viajara desde Madrid para celebrar o nascimento do herdeiro do irmão. O outro objetivo da visita — informar Napoleão da situação em Espanha — não foi revelado ao povo, já que, ainda por cima, José trazia más notícias.

— Masséna não conseguiu render a fortaleza de Almeida — explicou José enquanto passeava pelo jardim de Fontainebleau. Naquele dia bonito do início do verão, as novas folhas cintilavam com um verde brilhante nas árvores, enquanto as últimas flores de cerejeira pairavam no ar com a brisa suave. No relvado, à frente do laranjal, a imperatriz e as suas aias ocupavam-se com o menino no berço. Napoleão relanceou rapidamente os olhos na direção delas e continuou a escutar o relatório do irmão. — O exército britânico obrigou-o a retirar em Fuentes de Oñoro. A última mensagem que recebi da guarnição de Almeida dizia que a comida acabara e que as munições estavam quase gastas. Se não recebessem reforços no espaço de dez dias, o comandante dizia ser obrigado a render-se. Não havia nada que eu pudesse fazer. Almeida caiu nas mãos do exército de Wellington.

— Sim. Mas pode ser recuperada a seu tempo.

José estacou e virou-se para o irmão.

— Julgas que é assim tão simples, meu irmão? Creio que sobrestimas a nossa posição em Espanha. Estamos a travar um tipo novo de guerra na Península Ibérica. Para controlarmos a província, temos de dispersar as tropas para policiar cada vila, aldeia e estrada. É a única maneira de controlar o povo. No entanto, sempre que Wellington avança, somos obrigados a concentrar as nossas forças e a abandonar o controlo da província. E se avançamos contra Wellington com um exército grande o suficiente para o esmagarmos, ele limita-se a ceder terreno, para nos atrair até aos limites dos nossos suprimentos, até que finalmente somos obrigados a desistir da perseguição. E depois temos de voltar a controlar a província. Acredita, vamos perder a guerra em Espanha. Enquanto as nossas forças definham, o inimigo vai ficando cada vez mais forte. Os nossos soldados foram expulsos de Portugal e os britânicos estão prestes a tomar todas as fortalezas fronteiriças e a invadir Espanha.

Napoleão abanou a cabeça.

— Wellington não tem força suficiente para avançar com uma invasão. Não tem mais de um quinto dos homens à tua disposição. Além disso, parece-me que és tu que sobrestimas a competência dele. É igual a todos os outros generais britânicos, demasiado cauteloso para nos levantar grandes problemas. Não se pode dar ao luxo de perder homens. Quanto mais tempo demorar a guerra, mais garantias temos de que o exército inglês vai ser desbaratado.

Além disso, falta-lhe a experiência dos meus marechais. Antes de chegar a Portugal, tinha comandado forças bastante modestas na Índia. Não me parece que um general de sipaios seja capaz de sobrepujar os comandantes do melhor exército europeu.

— Contudo, foi exatamente isso que Wellington fez — contrapôs José. — Derrotou Junot, Jourdan, Soult e agora Masséna. É um homem a ter em conta.

— Tal como te disse, sobrestima-lo. Li os relatórios sobre as batalhas que Wellington reclama como vitórias. Não as venceu, simplesmente permitiu que os nossos comandantes as perdessem graças à sua impetuosidade. Nada mais do que isso. Não será, de todo, uma base muito sólida sobre a qual estabelecer a reputação que lhe concedes, José. Garanto-te que ele pode ser, e será, derrotado.

— Nesse caso, porque não o enfrentas em pessoa? — José fitou o irmão. — O Exército de Espanha precisa de ti, Napoleão. O moral dos homens está muito em baixo. Já sofreram demasiados reveses às mãos daquela maldita raposa britânica, e os soldados estão com os nervos à flor da pele por causa dos bandos de camponeses que os perseguem para onde quer que marchem. Os homens estão muito longe de França, estão longe de casa, e não veem um fim breve para a guerra que estão a travar na Península Ibérica. Dizem que foram esquecidos pelo imperador.

— Esquecidos? — Napoleão expirou com irritação. — Quem é que eles julgam que envia os comboios de ouro que os paga? Não distribuo bastantes condecorações por bravura e excelentes desempenhos? Então?

— Não basta. Precisam que os comandes. Que voltes a encher-lhes o peito de inspiração. Então poderemos esmagar Wellington de uma vez por todas. Depois disso, os espanhóis vão desistir de lutar e teremos paz.

Napoleão ponderou as palavras do irmão por alguns momentos. Não negava que era tentador mostrar aos marechais em Espanha que os casacas-vermelhas não eram invencíveis, tal como alguns deles pareciam querer acreditar. Claro que derrotar Wellington não seria, de todo, um feito à sua altura, acabou por concluir.

— Não posso deixar Paris, José. Há questões que exigem a minha atenção.

— Mais do que a resolução dos problemas em Espanha?

— Ainda mais importantes do que isso. — Napoleão virou-se e continuou a andar pelo carreiro entre as flores, de cabeça curvada e mãos atrás das costas. Engordara pela falta de exercício do último ano e, passado um instante, o desconforto dos braços pressionados em torno do corpo rotundo obrigou-o a libertar as mãos e a cruzá-las à frente do peito. José deu algumas passadas rápidas para regressar ao lado do irmão. Caminharam em silêncio por alguns momentos, sendo os únicos sons o saibro pisado pelas botas, o grito ocasional de um pavão, e as gargalhadas e os fragmentos da conversa animada entre a imperatriz e o seu círculo. Lá em cima, nuvens fofas cruzavam o céu, sereno e imaculado.

— Está um belo dia — comentou José. — Quase que me esquecera de que um homem pode sentir tamanha paz. Já lá vai muito tempo. Abdicaria do trono espanhol num abrir e fechar de olhos… se isso me fosse permitido.

— Não farás tal coisa — replicou Napoleão sem erguer o olhar. — Já retirei um irmão do trono. Não me atreverei a deixar que aconteça o mesmo a outro Bonaparte. Vais permanecer no trono espanhol e venceremos essa guerra.

— E se não a vencermos? E se não a conseguirmos vencer? O que acontece então? Deixavas-me lá para ser desfeito pela populaça? Não leste o que fazem aos oficiais franceses que capturam? Os malditos serraram um dos nossos generais ao meio e ferveram outro vivo. Consegues imaginar uma coisa dessas? — José abanou a cabeça, horrorizado. — Devíamos aproveitar enquanto é tempo e abandonar Espanha de vez. É esse o meu conselho, irmão.

— E é por isso que não és imperador — retorquiu Napoleão concisamente. — Falta-te uma visão mais global. Espanha é apenas um de vários teatros de guerra. Contudo, o que acontece aí influencia o resto da Europa. Se fracassares em Espanha, os nossos inimigos terão a coragem de nos desafiar noutros pontos.

— Nesse caso encontra outro rei. Estou farto de Espanha.

— Outro rei? — Napoleão fitou o irmão com uma expressão gelada. — Julgas que os reis nascem nas árvores e que eu posso apanhar outro sempre que me apetece?

— Não acredito que tenhas dificuldade em encontrar alguém que queira ser rei.

— Terei dificuldade em encontrar alguém em quem possa confiar implicitamente. — Napoleão abriu os braços. — Estou cercado por homens ambiciosos que não se importariam de ser reis, e a maior parte iria trair-me sem pensar duas vezes. Homens como Bernadotte. Por agora está deliciado com a perspetiva do trono sueco, mas quanto faltará até ambicionar o meu trono? — Virou-se e levou as mãos aos ombros do irmão. — É por isso que dependo de ti, José, tal como sempre aconteceu. Vais abandonar agora a minha causa?

José não respondeu, limitando-se a fitar o irmão mais novo em silêncio.

— Meu irmão. — Napoleão suavizou o tom e, quando voltou a falar, a voz denotava quase uma súplica. — Por favor, eu preciso de ti, mais do que nunca.

José tentou afastar-se, mas Napoleão segurou-lhe os ombros com firmeza e recusou-se a deixá-lo mover-se. — Preciso de saber que estás comigo.

— Tenho de pensar. — José olhou para as mãos do irmão. — Larga-me, por favor.

Napoleão franziu os lábios, depois anuiu e deixou os braços descaírem ao lado do corpo. José andou mais um pouco e sentou-se num banco. Napoleão juntou-se a ele. Passaram algum tempo sem falar, até que José quebrou o silêncio.

— Elevaste-me a rei de Espanha e, contudo, os marechais do exército recusam-se a obedecer às minhas ordens. Quando lhes transmito indicações, eles pedem autorização a

Paris para levar a cabo o que lhes foi dito. Houve quem declarasse abertamente que só te ouvem a ti, Napoleão. Soult nem sequer me responde às cartas.

— Estão só a obedecer a ordens.

— Às *tuas* ordens. Quer dizer que não confias em mim para governar o meu próprio reino?

— És um excelente administrador — ofereceu Napoleão, pacientemente. — Mas não tiveste oportunidade de desenvolver as tuas competências militares. Decidi que seria mais eficaz entregar-te o governo de Espanha a ti, e o comando das tropas lá colocadas a soldados experientes. Além disso, tenho planos para as províncias setentrionais de Espanha.

José fitou-o.

— Planos? Que planos?

— A França precisa de garantir as fronteiras — explicou Napoleão. — É minha intenção anexar o território a sul dos Pirenéus. Isso vai garantir-me uma rota segura até Espanha e vai servir para aliviar o teu fardo.

— Entendo. — José abanou a cabeça com tristeza. — E não te lembraste de me consultar sobre este… pequeno assunto?

Napoleão pressionou os lábios por breves instantes. Sentiu uma pontada de culpa, mas depois uma onda de justificação dissipou o sentimento. Não era verdade que concedera ao irmão todos os privilégios e oportunidades de que desfrutava naquele momento? Não fora ele que elevara José ao trono? Não lhe dera um vasto poder militar para se fazer obedecer e para impor a paz aos incómodos espanhóis? O que lhe dera José em troca? Incompetência e fracasso.

— Não sou obrigado a partilhar as minhas decisões com ninguém. Se por acaso decidir procurar conselhos, nesse caso fá-lo-ei. Seja como for, tenho de garantir a paz em Espanha o mais depressa possível. Até agora, tanto tu como os meus marechais falharam-me, algo que se torna ainda mais chocante se tivermos em conta que te ofereci recompensas riquíssimas.

— O trono espanhol não é uma recompensa, é uma maldição.

Napoleão bateu-lhe com força no ombro.

— Tolo ingrato! É assim que me agradeces?

José fitou o irmão, os olhos semicerrados. Respirou fundo para se acalmar e falou num tom mais baixo:

— Por acaso pedi-te a coroa espanhola? Não. Impuseste-ma. E eu impu-la ao povo espanhol. Agora insultam-me por isso, quase tanto como te injuriam a ti. — Os ombros de José descaíram e o monarca juntou as mãos. — É inútil, garanto-te.

— Nunca nada é inútil. Isso são as palavras de um cobarde — replicou Napoleão num tom gelado.

— Não, são as palavras de um homem razoável que sabe quando a sua hora chegou. —

José endireitou-se. — Estou decidido, meu irmão. Vou abdicar do trono. Vou deixar Espanha e retirar-me para as minhas propriedades em França.

Fez-se um breve silêncio, até que Napoleão se virou e juntou as mãos atrás das costas. Quando voltou a falar, a voz saiu-lhe tensa:

— Não vais abdicar. Proíbo-o.

— Não o podes proibir.

— Proíbo-o. Mais ainda, serás tratado como desertor se voltares a deixar Espanha sem a minha autorização.

— Desertor? — José não foi capaz de reprimir o esboço de um sorriso. — Mandavas fuzilarem-me?

— É esse o destino dos desertores — retorquiu Napoleão, com frieza. — Mesmo sendo tu meu irmão, e mesmo amando-te, não teria pejo em encostar-te a uma parede e em mandar fuzilar-te.

— Não acredito em ti.

Napoleão deu meia-volta, o olhar penetrante e impiedoso.

— Acredita!

Antes que José pudesse responder, o rosto do irmão enrugou-se numa expressão de agonia súbita e Napoleão deu um passo na direção de José antes de tombar lentamente para o carreiro, apoiando-se numa mão enquanto arquejava, tentando respirar.

— Napoleão! — José acocorou-se ao lado dele, segurando-lhe o ombro. — O que foi? O que se passa?

— O meu estômago… — sibilou Napoleão por entre dentes cerrados. — Deus, como dói.

José olhou para cima, mas não viu ninguém no terreno à volta deles. A comitiva imperial mantinha uma distância discreta do imperador e do rei espanhol.

— Vou buscar ajuda — disse-lhe José, após o que olhou ansiosamente para o irmão.

Napoleão aquiesceu, cerrando os dentes enquanto reprimia mais uma onda de agonia ardente do fundo do abdómen.

— Vai.

Deixou-se pender sobre os cotovelos e José partiu em busca de assistência. A dor que sentia na barriga era como uma barra de ferro aquecida pressionada contra as virilhas. Não era a primeira vez que sentia tal dor. Ao longo do ano anterior fora acometido em várias ocasiões, regra geral quando ficava exausto pelas exigências que lhe eram impostas pelas eternas demandas pelo seu tempo e força.

— O que se passa comigo? — resmungou com amargura. Dez anos antes, fora capaz de suportar tais imposições à sua constituição sem qualquer queixume, durante a campanha em Itália. Marchara, comera e dormira ao relento com os soldados, mesmo no pino do inverno. Passara muitas vezes dias sem dormir enquanto avançavam para um novo confronto com

mais um exército austríaco.

Napoleão fechou os olhos e deixou-se cair no carreiro, enrolando-se de lado.

— Tantas batalhas — murmurou penosamente. — Estou a ficar velho.

Sentiu um aperto no coração e interrogou-se quanto ao processo com que o tempo lhe depositara os anos sobre os ombros de forma tão discreta que só recentemente sentira os efeitos. Nos últimos dois anos ficara pesado, até mesmo gordo, e agora tinha aquela dor no estômago. Com uma pontada de medo, Napoleão pensou se seria assim que a vida ia acabar, sobrepujada por uma maleita comum. Sempre imaginara que deveria morrer no campo de batalha, como Desaix, ou Lannes. Uma morte com alguma dignidade. Pensar em morrer num estado de agonia devido a uma qualquer doença ignóbil, antes de completar o trabalho da sua vida, aterrorizava-o.

Ouviu o som de botas a esmagar o saibro de um carreiro próximo e pestanejou.

— Por aqui! — gritou José. — Depressa.

Napoleão rebolou para ficar de costas e esperou um momento até que José se ajoelhasse a seu lado, ofegante e com uma expressão ansiosa. Foi rodeado por mais homens.

— Levem-me lá para dentro — ordenou Napoleão.

— Mandei chamar o médico — arquejou José. — Ele vem diretamente para aqui.

— Levem-me para dentro de casa — insistiu Napoleão, com firmeza. — Não quero ser visto aqui deitado, como um inválido. Levem-me para dentro.

Por um instante, José pareceu querer fazer menção de protestar, mas depois assentiu. Levantou-se e dirigiu-se aos criados que fora chamar à casa.

— Ergam sua majestade com todo o cuidado. Levem-no para o divã do estúdio.

Napoleão sentiu-lhes os braços a passar por baixo dos seus ombros e pernas, e momentos depois foi levantado cuidadosamente do chão. Fez um esgar.

— A imperatriz sabe?

— Ainda não.

— Nesse caso, não lhe digam. Não vale a pena preocupá-la. Ela que goze o dia.

José assentiu.

— Além do mais, não quero que ela me veja assim. Fraco. Se isto se sabe na corte austríaca…

— Compreendo.

O pequeno grupo contornou alguns arbustos perfeitamente aparados para se manter longe do campo de visão da imperatriz e dos seus convidados, e dirigiu-se às portas envidraçadas do gabinete privado de Napoleão. Quando o instalaram no divã, mandou sair todos os homens à exceção de José, que o acompanhou enquanto esperavam que o médico pessoal chegasse.

— Onde é que ele está? — gemeu Napoleão.

— Foi andar a cavalo. Mandei um dos teus oficiais do estado-maior à procura dele.

— Raios partam o homem.

José puxou uma pequena cadeira e sentou-se ao lado do irmão, a quem deu uma palmadinha hesitante no ombro.

— Tens de descansar. Pareces exausto.

— Eu estou exausto. — Napoleão respirou fundo, lutando contra a dor até que esta começou a esbater-se, lentamente. — Mas há tanta coisa que tenho de fazer. Sempre.

— É verdade. — José aquiesceu. — Mas não podes fazer tudo. Ninguém pode.

— Ninguém vulgar.

— Vulgar ou extraordinário, não deixas de ser um homem — argumentou José. — E tens de cuidar de ti. Tens um dever para com o teu povo e para com a tua família. Eles precisam de ti, Napoleão. Agora, mais do que nunca.

Napoleão olhou para José com uma expressão calculista.

— E eu preciso de ti, mais do que nunca. Em Espanha.

A porta do gabinete abriu-se e o cirurgião imperial entrou à pressa, esbaforido da cavalgada. José levantou-se e afastou-se para lhe dar espaço.

— O que aconteceu a sua majestade?

— Posso falar por mim — resmungou Napoleão, soerguendo-se. — É o meu estômago.

— Outra vez? — O médico sentiu-lhe a pulsação e olhou para o imperador enquanto contava. — *Sire*, não tem dado ouvidos aos meus conselhos. Tem de descansar. Já falámos sobre isso. Tem de descansar, antes que se mate a trabalhar.

Napoleão franziu o cenho e olhou para o irmão, fungando.

— Médicos! Não passam de um empecilho.

José obrigou-se a sorrir, e Napoleão fez-lhe sinal para que se aproximasse. Quando José chegou ao divã, segurou-lhe a mão de repente.

— Jura-me que vais ficar em Espanha!

— O quê? — José tentou recuar, mas o aperto do irmão era demasiado forte.

— Jura-me, agora, que vais manter a coroa. Jura-me! — Napoleão fitou o irmão. — Preciso da tua resposta.

José baixou a cabeça e depois assentiu.

— Não vou abdicar do trono. Pronto. Tens a minha palavra.

Napoleão respirou fundo.

— Agradeço-te. E tens a minha palavra de que farei tudo o que estiver ao meu alcance para te ajudar a derrotar Wellington. Vais ver. Daqui a um ano, o exército britânico vai estar de rastos. Além disso, duvido que na altura o resto da Europa se preocupe muito com o que se passa em Espanha.

— E porque não?

Napoleão apertou a mão de José e depois soltou-a.

— Tudo a seu tempo. Agora tenho de te agradecer, José, e pedir-te que saias, para que possa descansar.

— Umpf. — O médico fungou. — Acredito nisso quando o vir.

José anuiu e dirigiu-se à porta. Napoleão observou-o a sair e depois sorriu, satisfeito consigo mesmo. Enquanto houvesse um Bonaparte no trono de Madrid, ele poderia continuar com outros planos. Talvez o maior plano de todos.

CAPÍTULO 20

Arthur

Albuera, 21 de maio de 1811

Arthur parou o cavalo quando ele e a pequena escolta chegaram ao topo da colina sobranceira à vila. Mesmo tendo o general Beresford e o seu exército travado o combate havia cinco dias, o terreno estava ainda coberto de cadáveres. Os seguidores dos exércitos de ambos os lados, bem como os camponeses locais, tinham despojado a maior parte dos corpos de tudo de valor e agora o campo de batalha estava entregue a um punhado de patrulhas aliadas e à predação das aves necrófagas, dos cães vadios e dos enxames barulhentos de moscas.

Somerset avançou com a montada e levou instintivamente as costas da mão enluvada ao nariz quando o fedor da decomposição o assaltou.

— Deus do Céu, mas que visão — resmungou. — Que carnificina.

Arthur concordou distraidamente. Observava as características salientes do campo de batalha enquanto tentava dar algum sentido aos relatórios que recebera sobre o confronto. O general Beresford fora enviado para sul com um terço das forças para tomar a fortaleza de Badajoz, enquanto Arthur e o grosso do exército tratava das defesas de Ciudad Rodrigo. A velha artilharia da cidade próxima de Elvas fora requisitada para garantir a Beresford peças de cerco, mas isso de pouco servira para incomodar as defesas francesas. Chegara a informação de que o marechal Soult estava a caminho para render a guarnição. Beresford fora obrigado a abandonar o cerco e a virar-se para enfrentar a ameaça. Em inferioridade numérica, decidira travar uma batalha defensiva, do género que Arthur provara ser bastante eficaz em ocasiões anteriores.

O problema fora que, desta vez, os franceses tinham conseguido contornar o flanco aliado. Na confusão que se seguira, batalhão após batalhão fora lançado à vez para o confronto. Tinham sido momentos garantidamente caóticos e desesperados e só a grande coragem e profissionalismo dos soldados rasos tinham evitado o desastre. Mesmo assim, Beresford sofrera perdas avultadas, quase cinco mil homens, na sua grande maioria britânicos.

Arthur sentiu-se entorpecido pela visão à sua frente. Ao longo de toda a extensão da cumeada que formara o flanco direito de Beresford, a erva pisada e a urze dura estavam cobertas com a carne mosqueada dos mortos, ainda com parte das fardas depois de os saqueadores terem saciado o apetite com a colheita sangrenta no campo de batalha. Estalou a língua e fez avançar o cavalo até ao ponto onde tivera lugar o combate mais intenso. Aí, os cadáveres amontoavam-se a espaços, provavelmente onde alguns dos batalhões ingleses tinham sido apanhados pelos lanceiros inimigos antes de conseguirem formar quadrados.

Pequenos grupos de homens tinham-se juntado para tentar repelir os lanceiros antes de serem sobrepujados e abatidos. Noutras zonas, duas longas linhas de homens jaziam onde tinham sido apanhados pelos mosquetes e pelos canhões. Arthur calculou que a maior parte de um batalhão estaria espalhada pelo terreno. Homens que se tinham mantido firmes, disparando e recarregando constantemente enquanto os camaradas eram abatidos a seu lado, até que também eles foram derrubados. Arthur olhou para a cena com uma grande tristeza no coração, mas também com um grande orgulho por aqueles soldados. Tinham servido o país com uma dedicação inabalável, acabando por pagar o derradeiro preço.

Os franceses, por seu lado, também tinham sofrido bastante, com pequenos montes e linhas irregulares de corpos de casaca azul que marcavam a sua posição no campo de batalha. As perdas de Soult tinham sido ainda mais pesadas do que as de Beresford e fora o marechal francês o primeiro a ceder devido à carnificina que tinha lugar entre as densas nuvens de fumo de pólvora que cobriam a colina. Soult cancelara o ataque e retirara para Madrid.

— E o Beresford chama a isto uma vitória? — comentou Somerset, que olhava para o campo de batalha à sua volta.

— Foi uma espécie de vitória. Repeliu Soult e obrigou os franceses a desistir da tentativa de render Badajoz. Contudo — Arthur fez uma pausa com um gesto que abarcou os cadáveres espalhados pela área circundante, — mais uma vitória assim vai arruinar-nos.

O exército de Beresford estava acampado nos arredores de Elvas. O general recuara além de Badajoz, para dar aos seus homens tempo para recuperarem da provação em Albuera. No exterior de Badajoz ficara apenas uma pequena força para dar continuidade ao cerco, que escavava algumas trincheiras de aproximação. O irregular grupo de canhões disparava tiros ocasionais contra as defesas robustas de San Cristobal, o forte exterior que dominava Badajoz a partir de uma elevação, na outra margem do rio Guadiana. Sobre as muralhas do forte agitava-se uma tricolor distante, num desafio indolente.

De todos os fortes que guardavam os caminhos entre Portugal e Espanha, Badajoz era, com alguma margem, o mais formidável de todos, refletiu Arthur ao passar por ele. Protegida de dois lados pelo vasto Guadiana e por um dos seus afluentes, a cidade era cercada por uma muralha impressionante, com bastiões poderosos a espaços regulares. Sobre um rochedo, a um canto da cidade, a cidadela era defendida por outra muralha forte. Os britânicos teriam de optar entre tomar San Cristobal e depois usá-lo como plataforma a partir de onde bombardear a cidade, ou tentar abrir uma brecha nas muralhas do outro lado, assaltando depois as defesas. Qualquer das opções teria um preço bastante elevado. Arthur olhou para o forte do outro lado do rio, considerou-o praticamente invulnerável e decidiu que teria de ordenar a Beresford que abandonasse as pretensões quanto a San Cristobal e que concentrasse os esforços em Badajoz.

O moral arrasado dos soldados da coluna de Beresford deu-se a conhecer de imediato. Os piquetes de serviço aos acessos ao acampamento não se esforçavam por patrulhar o terreno, estando, isso sim, sentados à sombra, com os mosquetes encostados aos troncos das árvores mais próximas. Mais além, as tendas e os abrigos espalhavam-se pelas encostas em grupos improvisados e não nas linhas ordeiras em que Arthur insistia. Os homens, em mangas de camisa, calças remendadas e chapéus de feltro, descansavam em pequenos grupos, falando baixinho ou dormindo. Faltava ali o ambiente animado de um acampamento normal.

Alguns dos homens levantaram-se ao avistar os recém-chegados.

— Ora, mas é o Nosey! — bradou uma voz. — É o Nosey! Tá aqui! Viva o velho Nosey!

Outras dezenas de homens levantaram-se e a maioria gritou vivas. Outros, segundo notou Arthur com tristeza, limitaram-se a observar o comandante e a respetiva escolta a atravessar o acampamento.

Arthur sentiu Somerset a ficar hirto a seu lado. O ajudante de campo tossicou.

— Aaa, deseja que os silencie, milorde?

— Não, isso não é necessário. Se lhes agrada, nesse caso, por enquanto serve bem os meus propósitos.

— Sim, *sir*.

Cruzaram o acampamento acompanhados por uma onda de vivas, pelo que quando chegaram à casa que servia de quartel-general a Beresford, vários oficiais tinham-se já levantado para observar a chegada. O coração de Arthur ficou um pouco mais apertado quando viu que alguns dos oficiais ainda vestiam as fardas ensanguentadas e sujas do dia da batalha. Mesmo assim, esforçaram-se para se pôr em sentido quando Arthur se aproximou e desmontou, entregando as rédeas a um dos palafreneiros de Beresford.

— Bom-dia, cavalheiros. — Arthur tocou na aba do chapéu e os oficiais responderam com uma continência. Seguiu-se um breve silêncio, enquanto Arthur olhava à sua volta, e depois prosseguiu, com um tom neutro: — Parece-me que seria útil uma muda de roupa e, em alguns casos, que se escanhoassem, cavalheiros. Tratem disso antes de ter a honra de jantar convosco, esta noite. — Arthur dirigiu-se a um rosto que reconheceu. — Major Templeton, onde está o general Beresford?

— Lá dentro, milorde.

— Nesse caso, vou ter diretamente com ele. Importa-se de tratar da minha escolta?

— É claro, milorde. — O major curvou a cabeça.

Arthur fez sinal a Somerset para que o acompanhasse e cruzou o pátio, em direção à casa. Uma colunata estreita acompanhava o interior dos muros caiados e uma treliça com uma hera folhosa garantia abrigo do sol. Uma sentinela pôs-se em sentido junto à porta aberta e Arthur fez uma pausa à frente dele, após o que lhe tocou com gentileza no peito com o pingalim.

— Onde está a sua gola? — perguntou, num tom brando.

— Não sei, *sir* — respondeu o soldado, olhando em frente sobre o ombro de Arthur. — Vai-se a ver perdi-a na batalha, *sir*.

— Não me parece. Mesmo assim, seria de esperar que um bom soldado descobrisse como a substituir no espaço de um dia ou dois. Trate disso.

— Sim, *sir*! — O soldado aquiesceu e fez menção de se afastar.

— Não é agora! Neste momento está de serviço, que raios! Trate disso assim que for rendido. Somerset!

— *Sir*?

— Quero uma nota entregue ao sargento da companhia deste indivíduo. Não quero sentinelas do quartel-general de serviço sem farda.

— Sim, meu general.

Arthur lançou um olhar duro ao soldado por mais um instante e depois subiu os poucos degraus que davam acesso à casa. O grande hall estava bem iluminado por uma série de janelas arqueadas que percorriam as traseiras do edifício e alguns elementos do estado-maior de Beresford atarefavam-se a compilar listas de baixas a serem enviadas para Londres. Ouviu-se o arrastar de cadeiras quando os homens se levantaram apressadamente.

— Tranquilos, cavalheiros. Podem voltar ao trabalho. Onde está o vosso general?

— Ali dentro, *sir*. — Um cabo apontou para uma porta fechada de um dos lados do hall.

Arthur dirigiu-se à porta e bateu na superfície desgastada.

— Que raios, dei ordens para que não me incomodassem! — bradou a voz de Beresford do interior.

Arthur e Somerset entreolharam-se brevemente, depois o general agarrou na maçaneta e abriu a porta. A sala estava debilmente iluminada, com um único raio de luz a entrar pela janela. Quando os olhos de Arthur se adaptaram à obscuridade, Arthur viu que se encontravam na sala de jantar. Beresford estava sentado numa cadeira simples de madeira, no extremo de uma mesa comprida e robusta. Um monte de relatórios e outros papéis estavam a um lado. Do outro tinha duas garrafas de clarete e um copo. Beresford estava de camisa e pantalonas, pena na mão e inclinado sobre um documento. Fitou Arthur por um instante e franziu as sobrancelhas.

— Não o esperava, milorde.

— Como é óbvio. — Arthur percorreu a sala, puxou de uma cadeira e sentou-se à frente do general Beresford. — Pretendia avaliar o progresso do cerco quando recebemos o primeiro relatório da batalha. Imagino que me tenha redigido um relato total.

Beresford acenou com a cabeça para os papéis à sua frente.

— Estava mesmo agora a escrever a conclusão. Ou melhor, estava a rescrevê-la. Tem sido difícil descrever ao certo o que aconteceu. Eles em Londres não vão entender. Nem perdoar.

— Isso veremos, meu caro Beresford. — Arthur ofereceu um sorriso gentil. — Muito

bem, se não se importa que leia o seu relatório enquanto o Somerset nos encontra qualquer coisa para comer. Foi uma viagem muito longa e estou esfomeado. Trate disso, Somerset.

— Claro, *sir*.

Quando o ajudante de campo os deixou, Arthur apontou para o relatório.

— Vou dar uma vista de olhos enquanto aguardo.

Beresford relanceou os olhos para o pequeno monte de papéis e mordeu o lábio. Depois baixou a pena e empurrou o relatório na direção de Arthur.

— Sim, claro.

Arthur virou-se na cadeira para permitir que a luz lhe caísse no colo e começou a ler. Era o que receara. Beresford ficara profundamente abalado com a provação por que ele e os seus homens tinham passado. Isso tornava-se óbvio pelo tom sombrio que percorria a descrição feita do conflito e Arthur imaginou a agitação que teria lugar, caso o documento chegasse a Londres naquela versão. Isso era especialmente verdadeiro em relação à conclusão, onde Beresford se demorava nas pesadas baixas sofridas, no grande número de homens feridos e no golpe devastador ao espírito dos soldados.

Somerset regressou com um criado que trazia um tabuleiro de frango frio, pão e um jarro de vinho aguado, que pousou na ponta da mesa, tendo depois voltado a deixar a presença dos superiores. Arthur terminou a leitura do relatório enquanto os outros aguardavam em silêncio. Devolveu os papéis à mesa e endireitou-se na cadeira. Fitou Beresford.

— É óbvio que teve uma luta difícil, mas venceu, e isso é o que importa.

— Venci? — Beresford fungou. — Não me parece que isso sirva para reconfortar as famílias dos mortos, nem de quem regressa a casa aleijado.

— Por vezes temos de nos conformar com este tipo de coisas, ou então desistir desta vida. É esse o preço da guerra, meu caro Beresford. É um mal necessário para que o mundo fique livre de tiranos sanguinários como Bonaparte. É preciso aceitar isso, tal como é preciso aceitar que o exército conseguiu uma vitória. A Inglaterra precisa de vitórias. O povo britânico precisa de acreditar que nos dirigimos lenta mas inexoravelmente para um desenlace bem-sucedido na guerra. Aquilo de que a Inglaterra não precisa é de descrições desencorajadoras sobre os esforços e os sacrifícios dos seus soldados. — Arthur bateu com o dedo no relatório. — Isto não serve, Beresford. Tem de me descrever uma vitória.

— Escrevi a verdade, milorde. Devo pelo menos isso aos homens que tombaram em Albuera.

— Escreveu uma verdade, nada mais. Uma das muitas verdades que podem ser contadas acerca da batalha. O truque é procurar a mais eficaz. Deixe que os ingleses saibam que os nossos homens lutaram como heróis e morreram com a satisfação de saber que cumpriram o seu dever. Diga à Inglaterra que afugentámos o inimigo e que provámos mais uma vez, perante toda a Europa, que o nosso exército é ímpar. — Arthur cruzou os braços. — É essa a

narrativa que tem de contar.

Beresford pensou nas palavras do comandante por alguns momentos e depois abanou a cabeça, pesaroso.

— Não seria uma narrativa que se acomodasse com facilidade no meu coração, ou na minha consciência.

— Para os diabos com a sua consciência! — exclamou Arthur bruscamente. — Julga que tem o monopólio do sofrimento por que passámos durante os anos que já combatemos aqui? Não lhe parece que eu, e todos os generais britânicos, possamos sentir a perda dos homens em combate como um fardo na alma? — Fez uma pausa e respirou fundo para se acalmar. — Escute, Beresford, a guerra na Península Ibérica está a desenrolar-se a nosso favor. Gostaria de poder dizer o mesmo quanto ao conflito global, mas os nossos aliados vão e vêm, derrotados uma e outra vez. Mas regressam sempre à luta. Sabe porquê? Porque lhes damos esperança. Enquanto a Inglaterra aguentar. Enquanto o exército prevalecer, Bonaparte ver-lhe-á negada a derradeira vitória.

Chegou-se mais ao subordinado.

— O seu relatório é demasiado indulgente. Permitiu-se ser demasiado homem e muito pouco general. Não posso permitir tal indulgência entre os meus oficiais superiores. Isso mina o moral dos homens. Um general tem de se mostrar superior às paixões dos homens comuns. Tem de ser a rocha onde o exército se apoia. Quando os homens deram tudo aquilo de que se julgam capazes, é para o general que olham, em busca de algo mais que dar.

Beresford curvou a cabeça, pensativo, e ficou em silêncio por um instante. A bem da verdade, Arthur estava bastante desiludido com o general. Era um excelente treinador de homens e formara os seus batalhões portugueses com tanta perícia como o esperado por Arthur, mas carecia da ambição necessária para agir de forma independente.

Com uma clareza súbita, Arthur percebeu que isso fazia parte do preço de ser um comandante bem-sucedido. Quanto mais alcançava, mais os homens dependiam dele e deixavam de confiar nas suas próprias capacidades.

Pigarreou.

— E então, Beresford? Como vai ser?

O outro homem ergueu a cabeça, fitou os olhos do comandante e assentiu.

— Farei o que deseja. Pelo bem da nossa causa.

— Excelente, meu caro — ofereceu Arthur, calorosamente, e antes que Beresford pudesse dizer mais alguma coisa, levantou-se. — Deixo-o a compor o seu relatório. Quero que me envie uma cópia para eu ler antes de o Beresford regressar a Lisboa.

— Regressar a Lisboa? Não entendo, meu general. Está a afastar-me do comando?

— As suas competências são necessárias noutro local. Preciso de mais homens. Vai regressar a Lisboa para recrutar e treinar mais batalhões portugueses que nos componham as

fileiras.

Beresford fitou-o por um instante.

— Meu general, não nego que estou cansado, e que sinto um aperto no coração ao pensar em todos quantos perdi em Albuera, mas imploro-lhe que não me humilhe desta forma.

— Não é esse o meu objetivo. Não pretendo humilhá-lo, tal como não vergastaria um cavalo que tropeçasse comigo em cima. É óbvio que precisa de descansar da tensão do comando. Nada mais. Assim que me criar mais soldados, irá regressar à campanha. Dou-lhe a minha palavra.

— Entendo. E quanto ao meu exército? Quem o vai comandar?

— Eu. Já que aqui estou. Vou dar seguimento ao excelente trabalho que começou, meu caro Beresford.

Beresford ponderou a situação por um momento, ao que assentiu.

— Como desejar, *sir*. Obrigado.

Custou a Arthur ver o ar patético de gratidão que Beresford lhe lançou, mas mesmo assim aquiesceu e encaminhou-se para a porta.

— Envie-me o relatório assim que o rescrever.

— Sim, meu general. Onde estará?

— Vou visitar os feridos. Para onde levaram as suas baixas?

— Encontram-se em Elvas, *sir*. Estão a ser bem tratados num mosteiro franciscano.

— Valha-nos pelo menos isso. — Arthur acenou com a cabeça. — Envie-me o relatório para Elvas.

O mosteiro encontrava-se nos limites da vila, fazendo parte da muralha robusta que rodeava a povoação. O médico-chefe do general Beresford comandava uma pequena equipa de serventes exaustos que faziam o que podiam pelos mais de mil camaradas feridos em Albuera. Quando Arthur e Somerset entraram no refeitório, viram que as mesas e os bancos compridos tinham sido afastados para os lados e que o vasto espaço aberto estava agora apinhado de filas após filas de soldados britânicos feridos. Tinham os membros envolvidos com pensos imundos e a centenas tinham sido amputados braços, ou pernas, jazendo agora a contemplar uma vida miserável a pedir esmolas e a depender de outros. Muitos gemiam, ou gritavam de dor, ou eram atormentados pela fome e pela sede, já que os serventes não lhes podiam atender as necessidades para tratarem dos feridos mais graves.

— Isto é uma desgraça — resmungou Somerset enquanto perscrutava o interior sombrio do mosteiro e franzia o nariz com o cheiro dos soldados que não tinham sido capazes de conter as suas necessidades, jazendo agora na própria imundície. — Porque é que não há mais elementos a apoiar a equipa do médico?

— Imagino que o nosso amigo Beresford tenha andado demasiado apreensivo para se

lembrar das necessidades destes homens. Isso tem de mudar.

— Milorde… *sir* — chamou uma voz rouca. Arthur virou-se e viu um jovem cabo a fitá-lo de uma das poucas enxergas que os monges tinham podido dispensar aos soldados que lhes tinham sido impostos. — *Sir*, uma bebida, pelo amor de Deus.

Arthur aquiesceu e dirigiu-se a Somerset.

— Vá buscar água a este homem, ou cerveja fraca.

— Sim, *sir*.

Arthur encontrou um banco e sentou-se à frente do cabo. Não disse nada durante alguns instantes e depois, quando o soldado virou lentamente a cabeça para o encarar, viu que uma salva de mortalha lhe mutilara o outro lado do rosto, que agora não passava de uma massa de sangue seco e de carne roxa.

— Qual é o seu regimento? — indagou Arthur.

O cabo humedeceu os lábios.

— Vigésima Nona Ligeira, milorde.

— Como se saiu a Vigésima Nona?

O cabo apontou para as fileiras de homens que o rodeavam.

— A maior parte deles é do mesmo regimento, *sir*. Fomos um bocado maltratados.

Arthur olhou para as baixas à sua volta antes de prosseguir, num tom de voz baixo:

— Por Deus, lamento que tantos de vós tenham sido feridos.

O cabo assentiu.

— Se o *meu general* nos estivesse a comandar, milorde, não seríamos tantos aqui deitados.

CAPÍTULO 21

Badajoz, 9 de junho de 1811

Assim que a nova versão do relatório de Beresford deu início à viagem segura para Londres e o general regressou a Lisboa, Arthur dedicou-se ao cerco de Badajoz. Ao receber as primeiras informações sobre a batalha de Albuera, convocara a coluna principal, ordenando que uma pequena força de cobertura ficasse para trás, com o objetivo de manter os defensores de Ciudad Rodrigo encurralados atrás das muralhas tanto tempo quanto possível. Devido às baixas pesadas em Albuera, as tropas de Beresford encontravam-se demasiado enfraquecidas para continuarem o cerco sozinhas, pelo que Arthur se viu obrigado, com relutância, a concentrar a sua força contra Badajoz.

O general Beresford e os seus engenheiros não tinham feito um bom trabalho durante a tentativa inicial de capturar o forte de San Cristobal. As trincheiras de aproximação cruzavam terreno aberto e não eram suficientemente fundas, enchendo-se de água e lama sempre que chovia. Também não garantiam um abrigo adequado contra o fogo inimigo e Beresford perdera centenas de homens com as salvas de metralha e as granadas de morteiro enquanto tentavam escavar o seu caminho em direção ao forte. As dificuldades enfrentadas pelo exército aliado eram agravadas pela falta de canhões de cerco decentes. As peças retiradas das muralhas de Elvas já tinham dois séculos e não dispunham de precisão, de calibre, nem de munições. As baterias construídas para os canhões estavam demasiado afastadas do forte e, consequentemente, só um tiro de sorte conseguia, a espaços, acertar nas áreas visadas para as brechas.

Se dispusesse de tempo suficiente, Arthur teria ordenado que se abandonasse a tentativa de tomada do forte e dirigido os esforços do exército contra as muralhas de Badajoz. Contudo, a rede de espiões gerida pelo quartel-mestre, John Waters, relatara que o marechal Masséna fora substituído pelo marechal Marmont, que já marchava com o exército para sul, com o objetivo de se unir a Soult para uma nova tentativa de render a guarnição de Badajoz. Os franceses seriam capazes de reunir mais de sessenta mil homens contra os cinquenta mil de Arthur, dos quais um terço era constituído por portugueses e espanhóis. Não eram, de todo, probabilidades favoráveis e, a menos que Badajoz fosse subjugada rapidamente, o exército aliado seria obrigado a retirar.

À medida que o Sol se erguia sobre a vasta província espanhola, dotando-a de um tom alaranjado, Arthur relanceou os olhos para o relógio de bolso.

— Dez para as seis — resmungou.

Em seu redor, um pequeno grupo de oficiais do estado-maior confirmou nervosamente os próprios relógios e alguns acertaram-nos com o do general. Arthur subiu para um barril de

artilharia virado e espreitou sobre a canhoneira. À frente dele, as trincheiras ziguezagueavam pelo terreno despido, pontilhado pelas pesadas bolas de ferro. Apenas um punhado de cabeças e de chapéus se deixavam ver ocasionalmente, quando os engenheiros arriscavam uma olhadela rápida na direção do forte. Os elementos do grupo de assalto e a brigada destacada para o seguir caso conseguissem chegar à brecha permaneciam ocultos, agachados na lama revirada no fundo da trincheira mais próxima. Arthur ergueu o telescópio e analisou as defesas que a pequena força teria de ultrapassar. Havia talvez uns cem metros de terreno aberto a ser atravessado até que os homens chegassem à base da elevação em que o forte se erguia. Em seguida teriam de subir a encosta, contornando os abatis que tinham sido dispostos em todos os ângulos para frustrar quaisquer assaltos. Depois surgia o forte propriamente dito, protegido por muralhas grossas com seis metros de altura. As baterias de cerco, à custa das últimas munições, tinham conseguido abrir uma pequena brecha na muralha. Arthur calculou que a abertura tivesse uns três metros de largura, algo que mal poderia ser considerado útil para um assalto, mas não havia grande escolha. O tempo esgotava-se. Dali a alguns dias, Marmont uniria as suas forças a Soult e o exército francês assim composto chegaria às muralhas de Badajoz em menos de uma semana.

— Esperemos que desta vez os seus homens sejam bem-sucedidos, *señor*.

Arthur virou-se para o oficial espanhol de farda impecável que estava a seu lado. O general Alava era um homem esguio de sorriso afável que fora destacado pela junta de Cádis para servir como oficial de ligação de Arthur. Embora Alava estivesse há pouco tempo no estado-maior de Arthur, já começara a conquistar o respeito do comandante britânico, adiantando opiniões assisadas sempre que lhas pediam. Era também sincero quanto aos defeitos de quem comandava os exércitos espanhóis e dos políticos que deveriam pagar e fornecer os soldados. Em resumo, o general Alava era o tipo de homem de que Arthur precisava para servir de mediador entre ele e as autoridades espanholas, que prometiam muito, mas não davam quase nada. Era lamentável, meditou Arthur, que o ardor patriótico dos soldados e do povo espanhol fosse tão mal servido por muitos dos seus líderes.

Arthur soprou as faces enquanto pensava no comentário de Alava. Três dias antes ordenara a primeira tentativa de assalto à brecha. Cento e quarenta homens, abrandados por escadas, tinham corrido em direção ao forte, confrontados com uma chuva de fogo de bolas de mosquete e de metralha. Ainda nem tinham chegado à muralha e já metade fora abatida e os restantes procurado abrigo. Nem os oficiais, nem os sargentos e cabos conseguiram que se levantassem e Arthur fora obrigado a fazer soar a retirada. Desde então, as peças de cerco envelhecidas tinham conseguido alargar a brecha e o fundo da abertura era agora facilmente acessível a partir da base da muralha. Contudo, o inimigo estaria à espera de novo ataque e as baixas voltariam a ser pesadas. Arthur baixou o telescópio.

— Eles têm uma boa hipótese de êxito, general, caso contrário não teria ordenado o

ataque.

Alava aquiesceu e depois olhou para a bateria. As peças estavam bem fornecidas de pólvora, mas os caixotes de munições na retaguarda da bateria encontravam-se quase vazios. O espanhol pigarreou.

— Imagino que as armas sejam forçadas a silenciar-se em breve por falta de bolas, *señor*. Não é verdade?

Arthur quedou-se em silêncio por um instante antes de responder.

— Tem razão. Poucos mais danos poderemos infligir às muralhas do forte. Os meus homens terão de resolver o assunto com aço.

— E se não conseguirem invadir a brecha?

Logo atrás de Alava, Somerset agitava-se, irritado.

— Eles vão invadir a brecha. Os nossos soldados são dos melhores da Europa e garantidamente os melhores da Península Ibérica.

Alava não reagiu à ofensa implícita aos seus conterrâneos e assentiu sobriamente antes de responder.

— É claro. Mas imaginemos que o ataque fracassa. Quais serão as suas intenções?

— Nesse caso seremos obrigados a desistir do cerco. Não podemos fazer nada sem munições para as peças, e quando encontrássemos mais, Marmont e Soult já teriam chegado. A nossa única esperança é tomar o forte e usar os seus canhões para abrir caminho pelas muralhas da vila.

— Entendo. — Alava anuiu. — Então é melhor rezarmos por sucesso.

— Pode rezar, se quiser — retorquiu Arthur calmamente. — Mas o assunto será decidido com aço frio e corações resolutos.

O som agudo de um apito trespassou o ar frio da alvorada. De imediato, os voluntários da difícil tarefa saíram da trincheira e começaram a correr em direção à muralha, abrandados pelas escadas. A ovação distante fez-se ouvir, débil, enquanto avançavam pelo terreno maltratado. Arthur sentiu o coração a bater com mais força enquanto olhava para o forte, à espera da reação inevitável. Um tambor soava já o alarme, um estrépito que levou as figuras minúsculas a correr do interior do forte para encher as muralhas. Uma língua de chamas foi cuspida do cano de um canhão montado no bastião mais próximo. Arthur viu terra a ser levantada quando a salva de metralha rasgou o solo e abateu um dos atacantes, que foi atirado ao chão como se tivesse sido pontapeado por um titã invisível. Outra peça abriu fogo, derrubando mais dois homens. Depois, uma série de pequenas projeções de lume e baforadas de fumo surgiu ao longo da muralha, à medida que os defensores abriam fogo com mosquetes, juntando o crepitar dos tiros ao ribombar dos canhões. Mais casacas-vermelhas foram abatidos, alguns mortos de imediato, outros ficando a jazer feridos, e uns poucos começaram a rastejar de volta às trincheiras britânicas, ansiosos por fugir ao fogo inimigo

que fustigava a aproximação ao forte.

— Continuem a avançar — resmungou Somerset por entre dentes cerrados. — Avancem, por Deus.

As figuras dispersas do grupo de assalto seguiram em frente, chegando à base da encosta que subia para o forte. Aí inclinaram-se para a frente, servindo-se de uma mão para se apoiarem enquanto se debatiam percurso íngreme acima. À sua volta estavam os abatis com as pontas aguçadas, à espera de empalar os incautos. Arthur sentiu uma onda de alívio por as peças francesas já não poderem ser usadas contra os seus homens. No entanto, a muralha de ambos os lados da brecha estava pejada de mosquetes, com os defensores a despejarem fogo sobre as figuras indefesas que corriam para a base da brecha. Arthur calculou que uma vintena de homens teria caído na encosta, a somar aos cerca de trinta que tinham sido abatidos ao deixarem a segurança da trincheira.

Os restantes tinham chegado à base da muralha, agrupando-se para se protegerem enquanto o tenente que comandava o grupo ajudava a firmar uma das escadas por baixo da brecha. Sacou da pistola e subiu os degraus. Ao chegar à abertura, içou-se para a alvenaria solta que enchia o espaço, sendo abatido assim que se ergueu. O corpo tombou para trás, de braços estendidos, e caiu desamparado ao lado da escada. Outro homem estava já a subir, de mosquete ao ombro. Foi derrubado antes mesmo de chegar à brecha. Perderam-se cinco soldados da mesma forma até que os restantes se recusaram a subir a escada e se agacharam contra a muralha, arriscando ocasionalmente um tiro contra os defensores lá em cima.

— Raios os partam! — Somerset cerrou os punhos. — Não fiquem aí. Subam a maldita escada, seus idiotas… seus cobardes.

Arthur franziu o cenho. Virou-se e mirou o ajudante de campo com um brilho de fúria nos olhos.

— Agradeço que não acuse os nossos homens de tal sentimento tão básico. Especialmente connosco bem longe do alcance das armas.

— Sim, milorde.

— De futuro talvez queira passar por aquilo que eles estão a aguentar antes de os julgar. Agora, se não se importa, mande soar a retirada.

Somerset fez continência e correu para a trincheira de comunicação que se dirigia ao forte. Arthur observou-o por um instante, até que ele desapareceu de vista. Depois ergueu o telescópio e analisou a situação dos soldados na base da muralha. Por enquanto estavam relativamente abrigados do fogo inimigo, já que os defensores tinham de se inclinar sobre o topo da muralha para apontar para quem se encontrava em baixo, expondo-se assim a fogo de retaliação. Depois Arthur avistou um dos franceses perto da brecha largar qualquer coisa. Momentos depois viu-se o clarão de uma explosão junto à escada e três casacas-vermelhas foram atirados encosta abaixo, onde se quedaram, imóveis.

— Granadas — resmungou Arthur com desprezo. — Coisas infernais.

— Mesmo assim, não deixam de ser eficazes, *señor* — retorquiu Alava. — Esperemos que o seu ajudante de campo ordene a retirada antes que se percam demasiados homens.

Arthur anuiu e observou mais duas granadas rebentarem perto da muralha. Pouco depois, as notas agudas do clarim assinalaram a retirada e os homens junto à muralha recuaram, meio a correr, meio a escorregar pela encosta na sua tentativa de fugir ao fogo renovado dos defensores. Perderam-se mais alguns soldados antes de os homens chegarem ao fundo da encosta e começarem a correr pelo terreno aberto, em direção ao abrigo da trincheira, perseguidos por novas explosões de metralha lançada pelas peças montadas no bastião. O último dos sobreviventes do ataque saiu de vista e as armas inimigas silenciaram-se, considerando não valer a pena o desperdício de pólvora para matar o punhado de feridos que ainda cambaleavam ou rastejavam de volta às linhas aliadas.

Arthur fechou o telescópio e virou as costas à cena. Atravessou a bateria em direção aos cavalos, içou-se para a sela e regressou ao quartel-general.

— Qual a conta do talhante desta vez? — Arthur juntou as mãos e olhou para Somerset.

Este referiu-se ao caderno aberto.

— Agora foram cento e quarenta homens, milorde.

— Cento e quarenta? Com as noventa baixas do primeiro ataque e as duzentas e cinquenta enquanto os homens abriam as trincheiras são quase quinhentos soldados. — Sugou uma inspiração rápida. — Perdemos mais de metade de um batalhão e não conseguimos nada.

Somerset manteve-se em silêncio. Não lhe competia criticar os planos de Beresford para o cerco.

Não havia grande opção, refletiu Arthur. A tentativa de tomar Badajoz falhara. Não havia munições para as armas de cerco e, sem elas, a fortificação de San Cristobal continuaria a desafiar quaisquer ataques lançados por Arthur. Por fim, o relatório de uma patrulha de cavalaria revelou que as forças de Marmont e de Soult se encontravam no máximo a três dias de marcha. Os exércitos combinados eram superiores ao de Arthur. Não havia escolha. Olhou para o ajudante de campo.

— O exército vai levantar acampamento à primeira luz da alvorada. Vamos retirar para norte. Mande redigir as ordens e garanta que o comissário envia homens à frente para adquirir rações.

— Sim, milorde.

— Mais uma coisa. Quero as peças de cerco devolvidas a Elvas. Se eles se deslocarem rapidamente, podem chegar à povoação antes de os franceses os apanharem.

— Para quê correr esse risco? — Somerset encolheu os ombros. — Podemos lançá-las ao rio, para que os franceses não as capturem.

— Não tenho como garantir que não seriam recuperadas. Além disso, as armas pertencem aos nossos aliados portugueses. Não seria digno da nossa parte deixar que caíssem nas mãos dos franceses.

— Porque não deixar que os franceses fiquem com elas, milorde? Atrapalham mais do que ajudam. Que o inimigo fique com esse fardo.

— Não. — Arthur abanou a cabeça. — Vamos devolver os canhões aos legítimos donos, nem que seja como sinal de boa vontade. Transmita as ordens necessárias.

Somerset assentiu e fez uma anotação a lápis.

Arthur recostou-se e passou, cansado, a mão pelo cabelo curto.

— Por Deus, da próxima vez serei o meu próprio engenheiro. Não haverá mais decisões apressadas e meias-medidas. Terei um comboio de cerco adequado, e quando sitiarmos uma fortaleza, vamos desfazê-la e garantir que a tomamos. Assim que os fortes fronteiriços estiverem nas nossas mãos, os franceses serão incapazes de nos afastar de Espanha. — Sorriu para o ajudante de campo. — Todos os passos são importantes, Somerset, por mais pequenos que sejam. Não interessa quanto tempo demore, vamos esgotar o inimigo e obrigá-lo a fugir para o outro lado dos Pirenéus.

— Sim, milorde.

Arthur pegou no relatório da patrulha de cavalaria.

— Por agora, somos obrigados a retirar de Badajoz. Assim que os homens tiverem descansado e tivermos reunido uma força decente, voltaremos e enfrentaremos o inimigo.

Durante o resto do verão e parte do outono, Arthur nada pôde fazer para intervir, enquanto os franceses supriam e reforçavam os fortes fronteiriços. A passagem dos meses foi frustrante para Arthur. Embora tivesse a liberdade de ameaçar o inimigo em qualquer ponto ao longo da fronteira entre Espanha e Portugal, continuava a ser obrigado a retirar sempre que os franceses reuniam forças superiores para repelir o exército aliado. A juntar à sua frustração, o inimigo parecia ter aprendido com as lições das batalhas anteriores, recusando-se agora a atacar sempre que Arthur encontrava uma boa posição defensiva e se virava para um confronto.

Embora as séries de marchas e contramarchas e de confrontos sem sangue se tivessem tornado fonte de descontentamento entre os soldados, Arthur preparava o terreno para a campanha do ano seguinte. Os pedidos de mais reforços, em especial de cavalaria, tinham sido aceites pelo governo. No Porto foi desembarcado um comboio de cerco de peças pesadas de grande qualidade, que depois foram transportadas penosamente até Almeida, onde se armazenavam os fornecimentos de munições e de rações. Quando chegasse a altura do novo avanço do exército aliado, estariam bem supridos e prontos a derrubar as defesas de quaisquer fortalezas que lhes surgissem pela frente.

CAPÍTULO 22

Paris, 2 de dezembro de 1811

Mesmo estando a noite gelada e desagradável, grande parte da população da cidade acorrera para celebrar o aniversário da coroação do imperador. As multidões ladeavam o Sena, aguardando numa antecipação entusiasmada pelo início do fogo de artifício. Três barcas estavam ancoradas a meio do rio, à frente do palácio das Tulherias. À luz das lanternas cuidadosamente protegidas, o povo distinguia as figuras esbatidas que tratavam dos últimos preparativos. A exibição marcava o final do dia de festividades que assinalava o oitavo ano do reinado de Napoleão. Pela alvorada, uma bateria de peças de doze libras ribombara com uma saudação a partir das alturas de Montmartre. Cada tiro ecoara sobre os telhados de Paris, brilhantes na neblina suave que deixava tudo com uma película de humidade.

Ao início da manhã, os batalhões da Guarda Imperial tinham começado a marchar em direção à cidade, vindos dos aquartelamentos nos subúrbios. O percurso esteve cercado por multidões que ovacionavam com orgulho enquanto os soldados de elite, nas suas barretinas imponentes de pele de urso, marchavam entre elas em alas ordeiras, ao ritmo da música patriótica tocada pela banda de cada batalhão. Espalhados entre a infantaria, seguiam esquadrões de cavalaria da Guarda, homens robustos de botas altas e couraças peitorais brilhantes, montados em cavalos poderosos cuja pelagem fora escovada até ficar com um brilho acetinado.

Uma plataforma de revista fora erigida no grande pátio das Tulherias, para onde fora admitida uma audiência mais seleta que iria assistir às paradas militares a terem lugar à tarde. Na plataforma estavam sentados Napoleão, a sua imperatriz e elementos superiores da corte, bem como convidados de outras potências europeias.

Um a um, os batalhões da Velha Guarda marcharam de mosquetes ao ombro, com faixas de campanha a adornar as fardas imaculadas e medalhas presas ao peito. Depois dos guardas surgiu um pequeno grupo de oficiais subalternos, cada homem com um dos estandartes prussianos, austríacos e russos capturados nas campanhas dos anos anteriores.

Napoleão virou a cabeça ao de leve para olhar para o príncipe Metternich, o ministro dos negócios estrangeiros austríaco. Metternich tinha o cabelo habitualmente encaracolado colado à cabeça devido à chuva fina, mas a expressão ressentida era bem clara, algo que alegrou o coração de Napoleão. Não podia deixar que os austríacos se esquecessem de que tinham sido humilhados por Napoleão sempre que se tinham atrevido a declarar guerra à França. Atrás de Metternich estava o embaixador russo, Kurakin, de cabeça inclinada para Talleyrand, com quem trocava alguns comentários em surdina. O russo virou-se naquele momento e cruzou o olhar com o de Napoleão. Esboçou um sorriso e baixou a cabeça num

cumprimento ao imperador francês, antes de voltar a concentrar-se nos estandartes capturados que eram exibidos. Talleyrand franziu os lábios e olhou em frente, enquanto revirava lentamente a bengala.

Napoleão voltou a dirigir-se para as bandeiras na parada, retribuindo de forma automática as saudações dos oficiais, mas o seu estado de espírito ficara afetado ao ver os dois homens a conversar. O que estaria aquele demónio do Talleyrand a tramar?, interrogou-se. Era possível que a troca de palavras fosse inócua, mas com a crescente separação entre a França e a Rússia, Napoleão acabava por desconfiar de todos os russos, além de todos com quem escolhiam associar-se. Ainda há poucos meses o czar voltara a aumentar as taxas de importação sobre os bens franceses, ao mesmo tempo que continuava a fechar os olhos aos produtos ingleses que desembarcavam nos portos russos. Agora, o czar protestava quanto à presença de tropas francesas na Polónia e exigia que Napoleão concordasse com a anexação por parte da Rússia de alguns territórios polacos que com ela faziam fronteira. A par disso, exigia ainda que Napoleão o ajudasse a esmagar o império turco. Os relatórios do embaixador em S. Petersburgo davam conta de um crescente sentimento antifrancês na corte russa. Cada vez mais se falava de uma guerra com França e de uma nova aliança com a Inglaterra.

Napoleão sentiu o estômago a comprimir-se ao ser tomado por uma raiva familiar contra o velho inimigo, que o desafiava por trás das muralhas de madeira da marinha britânica. Fora uma aberração geográfica da natureza que separara Inglaterra do resto do continente com aquele canal estreito, embora impossível de unir com uma ponte. Além desse malfadado canal, Inglaterra, uma nação de empresários mesquinhos, zombava dele. Não fosse por aquela faixa de água e já tudo teria acabado. Inglaterra estaria ocupada, as suas frotas desbaratadas e a Europa desfrutaria de paz sob a liderança da França, de Napoleão e dos seus herdeiros. Em vez disso, a guerra prosseguia, consumindo lentamente a nata dos homens franceses em terras de Espanha.

Quase não tinha boas notícias de Madrid, apenas listas intermináveis de baixas e requisições de mais homens, suprimentos e ouro. Espanha era como uma chaga aberta no flanco do império, decidiu Napoleão. Pior ainda, os seus marechais pareciam ter-se convencido de que o adversário inglês era uma espécie de génio militar. Pelos relatórios tornava-se claro que tinham começado a recear lorde Wellington. Mesmo que as forças comandadas pelos marechais superassem bastante as inglesas e fossem mais rápidas, parecia que sempre que o general inglês era obrigado a lutar, a coragem dos marechais de Napoleão definhava e eles ficavam demasiado nervosos para desferir o golpe final contra a raposa que tinham conseguido encurralar. Se pelo menos tivesse tempo para ir a Espanha e enfrentar pessoalmente aquele aristocrata inglês, pensou Napoleão, com amargura. Rapidamente conseguiria levar Wellington a cair numa armadilha, onde o esmagaria. Provar aos marechais

como os seus receios eram infundados era uma ideia bastante atraente. Triunfaria onde os outros tinham fracassado e provaria a toda a Europa que se tratava do melhor general da sua era, ou mesmo de todas as eras.

Contudo, sabia que não teria grande oportunidade de encontrar tempo para uma campanha na Península Ibérica. Tinha um império a governar e inimigos a enfrentar ali em Paris, bem como nas restantes grandes capitais europeias. A haver uma guerra entre a França e a Rússia, teria de dedicar toda a sua concentração à preparação do conflito. Seria um empreendimento a uma escala gigantesca. Enquanto voltava a ponderar as complexidades envolvidas numa invasão da Rússia, Napoleão interrogou-se brevemente se tal seria possível. Nunca liderara um exército por uma distância tão grande. Haveria um enorme desperdício de homens, cavalos e carroças muito antes de enfrentar os exércitos do czar, ou então de capturar S. Petersburgo ou Moscovo, onde ditaria os termos da paz a partir de um dos palácios de Alexandre.

Napoleão sabia bem que não dispunha de homens suficientes em França para compor as alas do exército de que necessitaria. Seria obrigado a depender da contribuição dos aliados. Entretanto, mais de um quarto de milhão dos seus soldados estava retido em Espanha. Era de doidos. Napoleão cerrou o punho e franziu o cenho, após o que sentiu mais uma vez o estômago a contrair-se e a dor já familiar a trespassar-lhe as entranhas. Excesso de trabalho e demasiada ansiedade — segundo o médico imperial, era isso que provocava as dores de estômago.

A última das cores capturadas passou à frente da bancada de revista e a parada chegou ao fim. Afastou todos os pensamentos sobre guerra da mente e dirigiu-se à imperatriz. Segurou-lhe a mão, que apertou com gentileza, sorrindo quando ela se voltou para o olhar, com um arquear inquiridor nas sobrancelhas bem desenhadas.

— Espero que não estejas com frio, minha querida. Há mais de duas horas que estás aqui sentada.

— Estou quente quanto baste. — Exibiu um sorriso doce. — Agrada-me estar ao teu lado.

— A sério? — Napoleão abanou a cabeça. — Receio que estejas apenas a ser gentil para comigo. Imagino que só os soldados, e aqueles que querem ser soldados, gostem destas paradas. — Inclinou-se mais para ela e acenou com a cabeça na direção de Kurakin e de Talleyrand. — Outros, contudo, julgam, obviamente, que tais ocasiões são um enfado. — Napoleão largou-lhe subitamente a mão e endireitou-se. — Não é verdade, Talleyrand?

Este virou-se rapidamente, o rosto com a habitual expressão neutra.

— Perdão, *sire*?

Napoleão levantou-se do assento e apontou para Maria Luísa.

— Estava a explicar à imperatriz que nem todos os homens se sentem confortáveis na presença de soldados. Homens como vós, e como o embaixador Kurakin a seu lado.

— Não me sinto desconfortável, *sire*. — Talleyrand encolheu os ombros muito ao de leve. — Apenas me parece que os meus gostos e os temas de conversa pouco têm em comum com os sentimentos de quem pertence à vida militar.

— Deveras? — inquiriu Napoleão num tom gelado, ao que apontou para o pé deformado de Talleyrand. — Não fosse por isso e de certeza que teria servido o seu país de uma forma mais útil do que aquela que tem suportado.

— Creio que o termo será desfrutar, e não suportar, *sire*. — Talleyrand curvou a cabeça. — Seja como for, de certeza que tanto os soldados como os estadistas prefeririam regressar ao palácio a permanecer aqui ao frio.

— Os soldados estão habituados a estas temperaturas — replicou Napoleão com desprezo. — Tal como os russos, não é verdade, Kurakin?

O embaixador anuiu.

— Com efeito, *sire*. Os invernos são tão agrestes na Rússia que só quem nasce e é criado no país lá consegue sobreviver.

Napoleão fitou-o.

— Julga que sim?

— Tenho a certeza, *sire*. Qualquer homem seria louco se levasse a cabo uma campanha no pino de um inverno russo.

Susteve o olhar do imperador e ambos os homens ficaram em silêncio por um instante até que, de repente, Napoleão sorriu e virou-se mais uma vez para Talleyrand.

— A simples menção da Rússia está a deixar-me gelado. Entremos.

Com a imperatriz pelo braço, Napoleão liderou os convidados desde a plataforma de revista, ao longo do pátio, até às portas que davam acesso a um dos salões de receção. Uma comprida mesa de jantar tinha sido posta para os convidados, e de uma ponta à outra cintilavam talheres polidos, cristais e porcelana. Napoleão assumiu o seu lugar à cabeceira, com a imperatriz ao fundo. Assim que se sentaram, os restantes dirigiram-se aos lugares marcados. Atrás de cada cadeira estava um lacaio, que delicadamente a puxava e voltava a empurrar para cada convidado que se sentava. Talleyrand, Metternich e Kurakin estavam perto do topo da mesa e quando vários criados imperiais entraram com terrinas fumegantes, Napoleão ergueu o nariz e cheirou.

— Sopa de cebola! Ora aqui está um belo prato para aquecer a alma de um homem.

— Isso, ou um bom brandy — comentou Talleyrand.

Napoleão abanou o dedo.

— O seu gosto por coisas de qualidade é uma fraqueza, meu amigo.

Talleyrand sorriu e nada mais foi dito até que a sopa foi servida e um burburinho alegre de conversas se foi fazendo ouvir em torno da mesa. Napoleão esperou até ter a certeza de que as suas palavras não seriam escutadas com facilidade por outros que não os recetores

pretendidos, após o que se virou para Kurakin.

— Diga-me, embaixador, será que o czar julga mesmo que eu não sei que ele praticamente abandonou o bloqueio comercial contra Inglaterra?

Kurakin baixou lentamente a colher enquanto ordenava uma resposta.

— *Sire*, pode ter a certeza de que o czar tem perfeita noção das suas obrigações. No entanto, sua majestade interroga-se como pode o imperador insistir no cumprimento por parte da Rússia de um acordo que a França quebra conforme as suas necessidades. Não estará a ser aplicada uma dupla medida?

Napoleão sentiu as veias a arder com a irritação provocada pela exposição das tensões entre os dois governantes. Contudo, não seria fácil defender os acordos comerciais quanto a botas e a tecido para fardas que tinham sido levados a cabo entre a França e a Inglaterra, duas nações em guerra aberta.

— Tratou-se de uma questão de conveniência. A França beneficiou muito mais com isso do que a Inglaterra. E se foi em benefício da França, terá igualmente sido em benefício dos seus aliados.

— Esse argumento aplica-se igualmente à Rússia, *sire*. E, com efeito, a todas as outras nações que se contam entre os vossos aliados. Assim sendo, torna-se legítimo perguntar qual o objetivo de manter o bloqueio. Além do mais, não é segredo que o bloqueio está a ser contornado por todas as nações europeias.

— Engana-se, Kurakin. Tenho dezenas de milhares de agentes alfandegários a fazer cumprir o bloqueio em todos os portos franceses. Noutros locais são os meus soldados que o implementam. Se pelo menos o meu primo, o czar, cumprisse o bloqueio com a mesma diligência, poderíamos obrigar a Inglaterra a negociar a paz em menos de um ano. Havendo paz, deixa de haver necessidade de um bloqueio e todos poderemos voltar a desfrutar dos lucros do comércio livre. — Napoleão chegou-se à frente e deu ênfase às palavras seguintes. — Claro que primeiro temos de vergar a Inglaterra. Nada mais interessa. É tudo o que se encontra entre nós e uma era de prosperidade para as nossas nações. Diga-lhe isso.

— Assim farei, *sire*.

— Acho bem que o faça. E lembre-o de que quando nos conhecemos, em Tilsit, fui eu quem ofereceu a mão da amizade. Poderia ter optado por continuar a guerra e esmagar os exércitos do czar, mas fui misericordioso. Escolhi a paz e ofereci-lhe parte dos despojos da Europa. Por esse motivo, Alexandre tem para comigo uma grande dívida de gratidão. — Napoleão endureceu o tom de voz. — Em vez disso, insulta-me. Mente-me, enquanto vai conspirando para me roubar os territórios, pouco a pouco, tal qual um ladrão vulgar.

Talleyrand pigarreou.

— *Sire*, não me parece que este seja o lugar adequado para abordarmos tais questões. Seria melhor mais tarde, em privado.

Napoleão abanou a cabeça.

— Não. Quero resolver o assunto o mais depressa possível. Já disse de minha justiça, e agora que o embaixador leve a mensagem ao mestre.

— *Sire* — Talleyrand virou-se na cadeira para encarar o imperador, — seria melhor conferenciar com os seus conselheiros antes de concordar com uma mensagem a ser enviada ao czar. Isso reduziria o impacto de qualquer… linguagem inflamada, antes que ela possa provocar estragos.

— Para o inferno com as suas amabilidades diplomáticas! — retorquiu Napoleão de forma brusca. — Isto já foi longe de mais. O czar ou é um amigo e aliado, ou não é. Exijo saber qual o caminho que Alexandre vai escolher.

— De certeza que o czar pretende a paz — prosseguiu Talleyrand calmamente. — Não é verdade, Kurakin?

O embaixador anuiu, mantendo o olhar desconfiado na expressão sombria de Napoleão.

— *Sire*, permite-me que tente explicar a posição russa quanto a este assunto?

Napoleão respirou fundo para se acalmar e cruzou os braços.

— Faça favor.

— Muito bem. Quando a Rússia olha para a Europa, vê uma linha ininterrupta de nações sob o jugo francês. Vê tropas francesas em povoações e fortalezas ao longo de grande parte da fronteira. Não somos cegos quanto à aspiração dos polacos de se virem a tornar uma nação de pleno direito, com o apoio francês. A antipatia entre os polacos e os russos é intemporal e vós iríeis depositar-nos um inimigo amargo à porta, *sire*.

Kurakin fez uma pausa e afastou de si a sopa por acabar. Um criado contornou-o rapidamente para retirar o prato e o embaixador prosseguiu:

— Depois temos a questão dos danos causados pelo Bloqueio Continental à nossa economia. Todos os dias o czar é confrontado com petições de mercadores que estão a sofrer com os esforços franceses para estrangular o comércio com a Inglaterra. Mesmo que o czar feche os olhos a quem contorna o bloqueio, o nosso comércio continua a sofrer, pois os agentes franceses intervêm mais à frente na cadeia. *Sire*, parece disposto a deixar toda a Europa na miséria para derrotar os ingleses. Embora acredite que vossa majestade venha a conseguir vergar os britânicos, nós na Rússia olhamos para o futuro. Com a Inglaterra dominada, para onde se virará a França? Há Bonapartes e bonapartistas nos tronos de toda a Europa. Vossa majestade é um homem ambicioso. Interrogamo-nos se um homem assim alguma vez ficará satisfeito com aquilo que tem. — Kurakin recostou-se na cadeira, tendo concluído a explicação.

Talleyrand e Metternich olharam do russo para Napoleão, tentando nervosamente adivinhar-lhe a reação.

Napoleão sentiu as faces ficarem exangues e foi acometido por uma fúria gelada, que lhe

deixou as mãos a tremer. Como se atrevia o russo a acusá-lo com tanta audácia? Como era capaz o czar de trair a amizade que Napoleão tão cuidadosamente desenvolvera entre os dois? Tornava-se claro que cada concessão feita aos russos fora assumida como uma questão de direito. Não se tratava de uma aliança de interesse mútuo. Era o czar que tinha uma ambição desmedida. Queria tudo e não concedia nada. Quando a França enfrentara a Áustria pela última vez, a campanha chegara ao fim e a paz fora declarada antes de o exército do czar ter marchado em apoio do aliado. Mesmo então, o czar aproveitara a oportunidade para arrebatar certos territórios austríacos que faziam fronteira com a Rússia. Frutos de uma vitória paga com sangue francês, concluiu Napoleão com amargura. Lançou um olhar furioso a Kurakin, sentindo-se tentado a explodir e a expor a duplicidade do czar e daqueles que mentiam em nome dele…

Com grande esforço, Napoleão reprimiu a fúria. Não era a altura certa. As suas tiradas eram uma arma que devia ser usada com cuidado. Regra geral, eram fabricadas para que tivessem um determinado efeito. A fúria incontida poderia ser arriscada para ele tal como seria assustadora para os outros, caso levasse os conselheiros a reprimirem-se e provocasse a vingança dos inimigos.

Napoleão olhou para o exterior. O lusco-fusco caía sobre a cidade e em breve estaria suficientemente escuro para o fogo de artifício. O início do espetáculo estava marcado para depois do jantar, mas a supressão da fúria de Napoleão deixara-o irritadiço e impaciente. De súbito, fez sinal ao camareiro encarregue das diversões e o homem aproximou-se rapidamente.

— O jantar terminou — declarou Napoleão.

— Acabou? — O camareiro ergueu as sobrancelhas. — Mas e os outros pratos, *sire*?

— Não serão necessários. Transmita a informação ao responsável pelo fogo de artifício. Quero que o espetáculo comece daqui a trinta minutos.

— Sim, *sire*, mas…

— Mas? — Napoleão franziu o cenho e o camareiro baixou nervosamente o olhar.

— Sim, *sire*. Assim será.

O homem fez uma vénia e recuou o número de passos oficial antes de se virar e transmitir as ordens aos criados que serviam à mesa. Assim que os convidados do imperador terminaram a sopa, os pratos foram levantados e quando o último criado saiu do salão, os lacaios chegaram-se às cadeiras. O camareiro bateu com o bastão no soalho de mosaicos e as conversas desvaneceram-se rapidamente.

— Segundo as ordens de sua majestade, o banquete terminou e sua majestade tem o prazer de solicitar aos convidados que se dirijam ao terraço sobranceiro ao rio a fim de se prepararem para o fogo de artifício.

Os comensais entreolharam-se, surpreendidos por o banquete que celebrava a coroação

do imperador nada mais ser do que um prato de sopa. À cabeceira da mesa, Napoleão levantou-se de repente, arrebatando o guardanapo do colo. O lacaio atrás dele mal teve tempo de segurar a cadeira, para evitar que esta caísse para trás, ou que arrastasse de um modo menos digno. A imperatriz também não perdeu tempo a levantar-se, após o que os restantes convidados se puseram de pé. Napoleão dirigiu-se ao lacaio.

— Traga-me o casaco e o chapéu.

— Sim, *sire*.

Assim que ficou bem protegido contra o frio da noite, Napoleão abriu caminho pelo palácio até ao vasto terraço sobranceiro ao Sena. Guardas estavam dispostos a intervalos regulares a cuidar das braseiras que davam alguma luz e calor à pequena multidão que saía para a varanda. Quando o povo espalhado pela margem viu as figuras a sair das Tulherias, todos soltaram uma ovação que se prolongou pelo rio, longe dos que conseguiam ver o grupo imperial.

O imperador e a imperatriz sentaram-se e assim que os outros convidados se colocaram nas suas posições, Napoleão tirou o relógio de bolso. Inclinou o mostrador para o braseiro mais próximo e viu as horas, após o que devolveu o relógio ao bolso. Faltavam ainda dez minutos para que a meia hora dada terminasse.

Napoleão tossiu com o frio do ar noturno.

— Eles que comecem.

O camareiro entreabriu a boca, depois anuiu rapidamente e afastou-se. Logo abaixo da varanda estava uma banda e o súbito rufar de tambores silenciou os convidados e a multidão. O ritmo ecoou nos edifícios circundantes enquanto dezenas de milhares de pessoas aguardavam, entusiasmadas, pelo início do espetáculo. Então os tambores pararam e, momentos depois, a banda começou a tocar a *Marselhesa*. O povo ao longo do rio juntou-se e cantou a viva voz, embrenhados na excitação do momento. Quando a última nota foi tocada, viu-se um breve tremeluzir numa das barcas, seguido por um clarão de faúlhas e um risco brilhante de luz quando um foguete foi disparado, com um silvo ruidoso, em direção ao céu nublado. Explodiu numa nuvem de estrelas que iluminaram brevemente a cena lá em baixo e a multidão soltou um suspiro coletivo de prazer. Outros foguetes subiram até ao céu e rebentaram nas alturas. Nas duas barcas aos lados, combinações cuidadosamente dispostas de fogo preso cuspiram jorros de faúlhas vermelhas e brancas para o ar, a acompanhar os foguetes, enquanto a banda continuava a tocar melodias patrióticas, numa competição com os estampidos e os rebentamentos do fogo.

Napoleão observou o espetáculo sem grande prazer. Estava ainda concentrado nas acusações que o embaixador russo lhe dirigira. De vez em quando olhava para a esquerda e via o perfil de Kurakin, iluminado pelo clarão lúgubre da exibição. O russo passara das marcas. Ao fazê-lo, era óbvio que repetia o que pensava o senhor dele, em S. Petersburgo.

Se assim fosse, Alexandre procurava a guerra, apesar de quaisquer protestos em contrário. A essa luz, todas as ofensas e afrontas sofridas por Napoleão às mãos dos russos, cada quebra dos termos da aliança, cada expansão do poder russo sobre novos territórios, tudo isso fora calculado para levar a França a um conflito aberto.

Sentiu uma pontada de tristeza com a recordação da amizade que partilhara com o czar, em Tilsit. Durante algum tempo sentira uma certa ternura pelo governante russo, tal como um irmão mais velho poderia sentir pelo mais novo, necessitado de orientação e de um bom exemplo. Agora fora rejeitado e, pior ainda, o czar parecia determinado a tornar-se a voz dominante na Europa, sem admitir qualquer rival.

Na água, a bordo da barca central, um N gigante ganhou vida e os convidados do imperador aplaudiram com satisfação. No outro lado do rio, a letra refletiu-se na água do Sena e a multidão ergueu a voz numa ovação vasta e ensurdecedora.

Napoleão virou-se na cadeira e dirigiu-se ao embaixador russo.

— Kurakin!

O homem olhou-o e Napoleão ergueu a voz, para que fosse ouvida por tantos convidados quanto possível. Apontou o dedo ao embaixador.

— Gostou do espetáculo?

— Sim, *sire*.

— Ótimo. Quero que diga ao seu senhor, ao czar, que é óbvio que ele quer guerra com a França. É a única explicação por trás de tudo o que ele fez para minar a nossa aliança. Revelou-se um amigo traiçoeiro. Diga-lhe que se ele quer guerra com a França, nesse caso terá a guerra dele. Juro-lhe por tudo quanto é mais sagrado que a travarei a uma escala nunca vista em toda a Europa.

Mapa

CAMPANHA RUSSA DE 1812



CAPÍTULO 23

Paris, janeiro de 1812

Talleyrand ergueu o olhar do documento e afagou ao de leve o queixo com a ponta dos dedos enquanto digeria a informação.

— Então? — A voz de Napoleão interrompeu-lhe a linha de pensamento. O imperador estava sentado do outro lado da grande mesa na sala de planeamento do palácio das Tulherias. Na lareira ardia um lume que lançava um brilho agradável pela sala, mas não suficientemente quente para Talleyrand, que se encontrava no lado oposto da mesa. Atrás dele, as janelas altas ofereciam uma vista do pátio. A neve caíra e cobrira o pavimento com uma camada uniforme, agora interrompida pelos sulcos de algumas carruagens e pelas pegadas das sentinelas. Um vento gelado soprava pela cidade, fazendo por vezes estremecer as vidraças e gemendo pela chaminé, o que fazia com que as chamas bruxuleassem.

— O que lhe parece? — insistiu Napoleão.

— Esta lista. — Talleyrand bateu ao de leve no documento. — Esta lista de queixas, *sire*. O que espera conseguir ao apresentá-la ao czar?

— Vai servir para o recordar de todos os acordos que ele quebrou. Vai garantir a base de novos objetivos a estabelecer quando nos encontrarmos para renovarmos a aliança.

Talleyrand levantou os olhos.

— Quer dizer que já foi marcado um encontro.

— Não. Ainda não. Espero que quando o czar ler esta lista de queixas e se aperceber de que a probabilidade de uma guerra é muito elevada, ele recupere o bom senso e concorde com as negociações.

— Com estes termos? — Talleyrand acenou com a cabeça para o documento. — Exigis que a Rússia faça cumprir rigorosamente o Bloqueio Continental. O nosso embaixador em S. Petersburgo diz que há muitos ressentimentos sobre essa questão. Além disso, existem muitos elementos da corte do czar, e também oficiais do exército, que exigem abertamente uma guerra com a França. Imagino que Alexandre passe os dias a recear que uma capelinha de descontentes esteja já a tramar a sua morte e a preparar o caminho para um monarca mais beligerante. Seja como for, a guerra é uma possibilidade bastante clara.

— É mais do que possível, Talleyrand. É inevitável, a menos que o czar ceda às minhas exigências.

— Compreendo. Nesse caso, este documento tem como objetivo provocá-lo para que declare guerra.

— Imagino que escolha a guerra como o menor de dois males.

Talleyrand fitou-o.

— Segundo a minha experiência, a guerra é sempre o pior dos males.

— Diz isso porque não é soldado. A guerra não é apenas morte.

— É verdade, já ouvi dizer que não. Além da morte, também há a devastação e a espoliação que seguem na esteira de um exército. Fome, pilhagem, violação, tortura e massacre. Isso já para não falar no enorme custo em ouro para travar uma guerra à escala que prevê.

Napoleão retribuiu o olhar.

— Fala como o civil consumado que é. Se as coisas ficassem nas mãos dos da sua laia, todas as nações estariam a rastejar aos pés dos vizinhos.

— Se os assuntos internacionais fossem deixados aos cuidados dos da minha laia, imagino que pudesse haver um fim para a maldição da guerra que tem vindo a atormentar a humanidade ao longo da História, *sire*.

— Nesse caso é um idiota, Talleyrand. A História da humanidade *é* a História da guerra. Os homens sempre lutaram entre si. Sempre o irão fazer. O que significa que a principal qualidade de todos os homens é a sua competência para a guerra. Tudo o resto está dependente dessa necessidade. Fala da diplomacia como se de uma arte se tratasse. Não é assim. — Napoleão chegou-se à frente ao prosseguir. — A diplomacia só pode ser bem-sucedida se for apoiada pela força. Julga que as suas belas palavras seriam capazes de convencer as outras nações a fazer o que queremos caso não receassem as consequências militares de nos desafiarem? A vossa laia serve apenas para transmitir a ilusão de que os assuntos das nações são regidos pela discussão. Tal ilusão serve apenas para lisonjear os fracos e para minar os fortes. Qualquer um que não seja capaz de ver através de tal charada não entende a realidade fundamental. É o poder que define o progresso. Nada mais.

— Nesse caso, para que lhe servem os homens como eu, *sire*? Para quê perder tempo com diplomacia, se nutre tão grande desprezo por ela?

Napoleão esboçou um sorriso.

— Mesmo que não passemos de bárbaros vestidos com belas roupas, o conceito de que podemos ser mais do que isso é reconfortante para o homem comum. Se alimentar tal conceito serve os meus propósitos, fá-lo-ei sem hesitar.

Talleyrand pensou nas palavras do imperador por alguns momentos e abanou a cabeça.

— Nesse ponto divergimos, *sire*. Sabe, acredito que não somos bárbaros. Não há dúvida de que somos capazes de levar a cabo ações bárbaras. Logo, é dever dos melhores entre os homens convencer os restantes a abraçar os valores da civilização, pelo bem comum a longo prazo. Para mim, é esse o dever sagrado dos bons e dos grandes.

— Não duvido que imagine que não pertenço a essa classe.

— Pelo contrário, *sire*. Sempre soube que apesar da desvantagem de uma origem humilde, era possuidor de uma das mentes mais brilhantes da nossa era. As minhas palavras não

pretendem ser uma injúria ao seu caráter. Admiro-o por tudo o que conseguiu. Quando o conheci, antes da campanha no Egito, considerei uma bênção que a França dispusesse de homens tão prometedores a servir os interesses da nação e que os ideais da Revolução continuassem vivos. Depois, quando se tornou primeiro cônsul, arrastou o governo de França para a era moderna, além de a proteger das potências estrangeiras no campo de batalha. As suas conquistas foram prodigiosas. Quando a Paz de Amiens teve início, tive a certeza de que nos iria levar a uma nova idade de ouro. Mas depois a guerra regressou e desde então que ela atormenta a França.

Talleyrand fez uma pausa e as feições assumiram um ar de tristeza. Uma rara expressão de sentimentos, notou Napoleão, quando o outro prosseguiu.

— Receio que tenha perdido a sensibilidade de um governante justo e que se tenha deixado seduzir pela glória e pelo poder do comando militar. Neste momento parece que a França está a ser governada segundo um único princípio: o da capacidade de travar guerras. Isso, *sire*, é uma perversão do poder.

Os dois homens entreolharam-se. Napoleão deixou-se ficar imóvel enquanto apreendia tal interpretação do seu caráter e motivos. Seria fácil expulsar Talleyrand da sua presença, mas, no entanto, Napoleão não disse nada. Havia muito a desprezar naquele aristocrata, mas ele sempre se revelara útil e eficaz para refinar as ideias de Napoleão. Contudo, havia mais qualquer coisa. Apesar de todas as traições passadas, o imperador ainda sentia uma certa afeição por Talleyrand. Ambos eram filhos da Revolução. Talleyrand fora tão responsável como qualquer outro homem pela ascensão de Napoleão ao poder e ele, por sua vez, beneficiara da generosidade de Napoleão, primeiro como cônsul e depois como imperador.

Talleyrand quebrou o silêncio tenso.

— *Sire*, recorda-se de Tilsit?

— É claro. Tenho pensado muito nisso, ultimamente.

— Nesse caso deverá lembrar-se da esperança que tínhamos no futuro. A guerra com o czar chegara ao fim. Mais ainda, quando se conheceram, de homem para homem, houve uma consideração mútua, não é verdade? Lembro-me de que ele o admirou como sendo um homem de destino. Da sua parte houve uma certa afeição.

— E então? — atalhou Napoleão lapidarmente. — Onde quer chegar?

— Tem de conseguir um entendimento com o czar. É preciso fazer tudo para retomar essa consideração mútua, esse afeto. Tem de haver paz entre vós. As grandes nações têm de encontrar maneira de conviver umas com as outras, caso contrário vão desfazer-se.

— Fala de compromissos — retorquiu Napoleão com desdém. — O compromisso não passa de uma morte por mil golpes. Sangra um grande homem da sua determinação, do sentido de orientação, do sentido de objetivo, até nada mais ser do que um maquinador mesquinho agarrado ao poder pela ponta dos dedos. Quando isso acontece, deixa de ser

grande, passando a ser uma figura merecedora de ridículo, e por fim de pena. Isso eu entendo, Talleyrand, tal como o entende Alexandre. E apenas um de nós poderá dominar o resto da Europa.

Talleyrand recostou-se na cadeira e a expressão regressou à habitual inexpressividade.

— Assim sendo, haverá guerra entre o imperador e o czar. Está decidido a levá-la avante. Agora entendo. Nesse caso, para que serve esta lista de queixas? Mesmo que Alexandre concordasse em responder-lhes, não mudaria nada. Continuaria determinado a entrar em guerra.

— É claro. Mas assim, ele é obrigado a aceitar a culpa da guerra.

— Ele é o czar. Que lhe importa o fardo moral de tal responsabilidade?

— Nada. A lista de queixas não se destina apenas a ele. Pretendo que seja publicada em todos os jornais da Europa. Não quero que restem dúvidas de que a guerra que se avizinha está a ser instigada pelo czar. Quero que toda a Europa veja Alexandre como uma ameaça constante à sua existência. E quando isso acontecer, todos os reis e príncipes europeus vão unir-se para me apoiarem, e formaremos um exército tão vasto que aniquilaremos a Rússia e eliminaremos a ameaça que a nação representa.

— Entendo. — Talleyrand aquiesceu. — Entendo perfeitamente. — A cadeira pressionou ao de leve o soalho polido e ele levantou-se. — Tenho de o deixar, *sire*. Não tenho mais nada a dizer. É escusado voltarmos a falar sobre política, pois agora vejo que vai arruinar a França e que nunca dará ouvidos a qualquer opinião contrária à sua vontade. — Fez uma breve vénia com a cabeça. — Despeço-me.

— Não vai sair — atirou Napoleão friamente. — Ainda não o dispensei.

— Dispensou a razão, *sire*. Assim sendo, não vejo necessidade de mais diálogo entre nós.

— Só vai sair quando eu disser!

Talleyrand olhou para trás e Napoleão não foi capaz de distinguir quaisquer vestígios de receio, nem nos olhos, nem na voz, quando o aristocrata retorquiu:

— Como quiser, *sire*.

Deixou-se ficar de pé e Napoleão baixou as mãos, que ficaram ocultas pela borda da mesa, onde Talleyrand não poderia ver os punhos a cerrar e a abrir, como se já estivessem à volta do pescoço dele.

— Maldito seja — resmungou Napoleão. — Saia. Saia daqui. Desapareça-me da frente!

— Com certeza, *sire*. — Talleyrand curvou a cabeça, recuou e depois virou-se para sair do gabinete, caminhando da forma estudada que desenvolvera para ajudar a ocultar o pé deformado. O lacaio à porta do estúdio privado do imperador tinha o ouvido treinado e abriu a porta ao som dos passos que se aproximavam. Talleyrand saiu e desapareceu sem nunca olhar para trás.

— Chamem o meu secretário principal! — bradou Napoleão.

Enquanto aguardava, Napoleão virou-se para o lume e fitou as chamas. Sabia que perdera de vez os conselhos de Talleyrand. Entre eles já nada mais havia além de uma inimizade declarada. De futuro, o indivíduo teria de ser vigiado com atenção, e a haver provas de traição, seria preciso lidar com o assunto.

O som de passos chamou a atenção de Napoleão, que se afastou da lareira e indicou o documento em cima da mesa.

— Leve isto. Quero que seja copiado e enviado a todos os jornais de França. Outras cópias deverão ser enviadas para todas as cortes europeias. Para todos os jornais. Todos os quartéis-generais de divisão do exército. Entendido?

— Sim, meu imperador. — O secretário engoliu em seco, nervosamente. — Vou ter de convocar todos os homens que tenha disponíveis ao meu serviço, *sire*.

— Então trate disso, imediatamente. Agora pegue na folha e vá.

Uma vez sozinho, Napoleão levantou-se e dirigiu-se à janela. Cruzou as mãos atrás das costas enquanto refletia sobre os planos da guerra que se avizinhava com a Rússia. Lá fora, a neve voltara a cair, grandes flocos rodopiantes que em breve lhe taparam a vista de Paris e depois dos soldados de guarda no pátio.

CAPÍTULO 24

Ao longo do inverno, vastas colunas de carroças transportaram suprimentos para depósitos avançados na Europa de Leste. Com os primeiros botões primaveris, batalhão após batalhão marchou pela Europa para se juntar ao exército que se reunia nos territórios do grão-ducado de Varsóvia e da Pomerânia, um território sueco que Napoleão ocupara em antecipação de uma eventual guerra com a Rússia. Além das longas colunas de infantaria, havia brigadas de cavalaria e equipas de artilharia que puxavam os seus fardos pesados por estradas primitivas, carreiros pejados de lama criada pelo degelo e pelas chuvas da estação.

Napoleão não esperara pela resposta do czar à sua lista de queixas para dar ordem de mobilização das forças. Apesar dos protestos dos marechais em Espanha, algumas das melhores divisões foram retiradas da Península Ibérica. Os soldados ficaram satisfeitos por sair de Espanha. Qualquer outro posto seria preferível àquela terra de calor, fome e sede, onde cada pedra podia esconder um camponês de mosquete em riste, pronto para rebentar com os miolos de qualquer retardatário ou forrageador indefeso que se encontrasse mesmo que pouco afastado dos camaradas. Embora o destino fosse secreto, quando os homens atravessaram a Prússia, tornou-se óbvio para onde a campanha seguinte os levaria, e encararam o confronto que se avizinhava com uma ansiedade excitada.

Embora fosse grande o número de tropas francesas que se concentravam em torno de Varsóvia, em breve descobriram que não seriam a única nação representada no vasto exército que se aglomerava para esmagar os russos. O imperador forçara os aliados austríacos a fornecer quarenta mil homens. Outros vinte mil chegaram da Prússia, algo visto com grande desconfiança pelos soldados franceses. Havia igualmente contingentes dos principados alemães, bem como tropas suíças, holandesas, belgas e polacas, além de homens enviados dos domínios napoleónicos em Itália.

Só em abril a resposta de Moscovo chegou às Tulherias. O embaixador Kurakin apresentou-se no palácio e pediu para entregar pessoalmente a mensagem ao imperador francês. Napoleão encontrava-se reunido com os principais estrategas militares na sala onde tivera lugar o derradeiro confronto com Talleyrand. Kurakin foi deixado à espera à porta, enquanto um lacaio levava a carta a Napoleão. O imperador quebrou o selo, que tinha a impressão de uma águia, e leu rapidamente o conteúdo da carta do czar, antes de bater na mesa para silenciar os oficiais.

— Cavalheiros, a vossa atenção. — Ergueu a carta e deu início ao resumo do conteúdo. — O czar diz que analisou e rejeitou as minhas queixas. Diz-me que embora deseje paz entre a França e a Rússia, essa paz será condicionada por determinadas exigências. Um, que a França terá de retirar todas as suas forças da Prússia. Dois, que a França terá de compensar o czar no que diz respeito aos territórios que foram perdidos aquando da criação da

Confederação do Reno. Três, que as nossas forças terão de deixar os territórios polacos para que se crie uma zona não-alinhada entre o território francês e o do czar. Se satisfizer estes desejos, nesse caso o czar talvez… talvez… se digne a rever as elevadas tarifas impostas aos produtos franceses importados. Se não cumprir as exigências, ele lamenta informar que será obrigado a forçar o cumprimento das mesmas. — Baixou a carta e olhou para Kurakin. — Imagino que esta missiva deva ser vista como um ultimato.

— Apenas recebi ordens para lha entregar, *sire*.

— Não obstante, tinha noção do conteúdo, e sem dúvida terá sido informado das intenções do seu senhor numa mensagem separada.

Kurakin não respondeu, limitando-se a retribuir o olhar de Napoleão com uma expressão neutra.

— O seu silêncio trai-o, Kurakin. O czar sabe bem que estas exigências são inaceitáveis. Com efeito, são uma afronta às aspirações dos polacos, além de serem um insulto à minha pessoa. Será que julga que o imperador de França vai obedecer prontamente aos caprichos dele? Ele sabe que não posso aceitar estes disparates e manter uma réstia de honra e integridade. Não irei abandonar os meus aliados polacos, e nunca procederei à retirada das minhas tropas da Prússia. Será que julga que eu acredito que Frederico Guilherme vai continuar a pagar a indemnização à França sem tropas francesas presentes que o recordem das obrigações? Então? Vamos, Kurakin, responda.

O russo tossicou.

— *Sire*, não passo de um embaixador. Só falo pelo czar quando ele tal me ordena. Neste caso, foi-me simplesmente indicado que vos entregasse a carta.

— Mesmo assim, tem noção do peso do seu conteúdo?

— Creio que a missiva fala por ela própria.

— Palavras astutas, Kurakin. Quero que esta carta seja impressa e distribuída por todas as cortes europeias, para que possam ver o quanto o czar cobiça a Europa. — Napoleão fez uma pausa. — O seu senhor pretende saber a minha resposta?

Por um instante Kurakin pareceu surpreendido, até que recuperou e replicou:

— Por certo vossa majestade imperial precisa de tempo para pensar na carta e formular a vossa resposta.

— Não. Já sei qual é a minha resposta — retorquiu Napoleão, com um tom ameaçador. — Pode dizer ao czar que ele vai arrepender-se dos insultos quando nos encontrarmos na Rússia. Agora deixe-nos.

Kurakin fez uma vénia e saiu do gabinete. Quando a porta se fechou, Napoleão dirigiu-se aos estrategas e pigarreou.

— Sabemos exatamente com o que podemos contar, cavalheiros. O czar optou pela guerra. Agora temos de determinar a melhor forma de a levar até ele. — Os oficiais riram-se. —

Regressemos ao trabalho, cavalheiros. Temos muito que fazer. Berthier!

— Sim, *sire*?

— Tem a lista dos comandantes de formação? Mande-os chamar. Quero falar com eles aqui antes de se juntarem às forças para a campanha. Tendo em conta a escala deste empreendimento, será melhor confirmar que todos entendem o papel a ser desempenhado por cada um.

Nessa noite, Napoleão regressou aos seus aposentos privados com a mente a fervilhar com os inúmeros pormenores necessários ao planeamento de um empreendimento militar tão vasto. Juntamente com Berthier, calculara as exigências de um exército com mais de meio milhão de soldados: o número considerado necessário para garantir um resultado decisivo. Além dos homens haveria mais de oitenta mil montadas para a cavalaria, quase mil e quinhentos canhões e oito mil carruagens para transportar munições, pólvora e sacas de biscoitos e arroz, tudo isso puxado por duzentos mil bois e mulas. As manadas de gado que seguiriam na esteira do exército forneceriam carne fresca. Quando fosse consumida, o exército passaria aos bois, à medida que os fornecimentos das carroças fossem ficando exauridos. A necessidade de reunir todos os soldados disponíveis para a campanha obrigaria a uma nova leva de recrutamentos para defender as fronteiras francesas e para guarnecer as áreas de reserva do exército invasor.

Napoleão dispensara o camareiro e vestia a túnica de dormir quando ouviu baterem ao de leve na porta que unia os seus aposentos aos da imperatriz.

— Entre — indicou.

A maçaneta rodou e a porta abriu-se, revelando Maria Luísa de camisa de dormir. O longo cabelo castanho-claro pendia-lhe sobre os ombros e ela sorriu-lhe.

— Esperava ver-te antes. Disseste que podíamos passar o serão juntos.

— Eu sei. — Napoleão cruzou o quarto e tomou-lhe as mãos. — Lamento. Há tanto que fazer. O tempo é a única coisa que nunca serei capaz de conquistar. — Chegou-se à frente para lhe beijar a face e depois voltou a beijá-la, nos lábios. Não era tão bela como algumas das mulheres que levara para a cama, mas era jovem e depois da ansiedade da primeira experiência desenvolvera um certo gosto pelos prazeres da carne.

Ela respondeu-lhe ao beijo com entusiasmo, cruzando os braços atrás das costas dele e puxando-o para si. Ali ficaram, junto à porta, por um instante, até que Napoleão chegou a cabeça atrás e acenou para a cama dele.

— Ali. Estaremos mais confortáveis.

Ela ofereceu-lhe um sorriso e deixou-se guiar até à cama larga. Tinham acabado de ser retiradas as botijas de aquecimento e por baixo das cobertas pesadas sentia-se um calor reconfortante. Napoleão deitou-se de costas, a cabeça apoiada num travesseiro, com o braço

em torno do ombro de Maria Luísa, que repousava a cabeça no peito de Napoleão.

— Imagino que estejas a planear outra guerra — disse ela baixinho.

— Sim.

— Quando deixas Paris?

— Em maio. A campanha terá início em junho.

Fez-se um breve silêncio, ao que ela voltou a falar:

— Quanto tempo estarás ausente, meu querido?

— Alguns meses. Se tudo correr como o planeado, o czar será derrotado e teremos paz antes da chegada do inverno. Depois, o exército regressa aos quartéis de inverno na Polónia e eu regresso para ti.

— Acho bem que o faças — respondeu ela, enrolando o mindinho nos caracóis da pequena extensão de pelos no peito de Napoleão. — Estava a pensar. Posso acompanhar-te na campanha?

— Não.

— Porquê? Sei que muitos dos teus oficiais são acompanhados pelas esposas.

— Eles não estão no comando do exército. Sou eu que estou. E não posso deixar que nada me distraia até que a vitória seja minha. — Napoleão baixou a mão ao longo do ombro dela, por baixo da camisa de dormir, até à macieza quente do seio. — E tu, minha querida, és uma grande distração.

Ainda ela estava a rir-se baixinho do comentário e já Napoleão pensava que talvez pudesse organizar tudo para que Maria Walewska acompanhasse o exército, pelo menos durante a primeira parte da viagem. Já passara algum tempo desde que desfrutara dos encantos dela e sentiu o desejo a inflamar-se. A imperatriz sentiu a excitação dele e levantou a cabeça para lhe beijar a face.

— Quer dizer que o trabalho não te deixou exausto?

Napoleão olhou-a e sorriu.

— Parece que não.

— Então vamos criar mais um herdeiro para o imperador — ofereceu ela, com malícia.

Napoleão rolou para cima dela e começou a beijar-lhe o pescoço.

— Sabes, para jovem de ascendência fina, tens umas tendências muito terrenas. — Abriu-lhe a camisa de dormir e continuou a percorrer-lhe o ombro com os lábios, até ao seio, onde mordiscou o mamilo.

— Sim! — arquejou ela. — Outra vez.

Napoleão fez-lhe a vontade e os cantos da boca ergueram-se num sorriso ao pensar no regresso aos braços da amante polaca. As fantasias com ela serviriam para apimentar um pouco a experiência presente, decidiu, enquanto se soerguia e entrava em Maria Luísa.

Duas semanas depois, a sala de planeamento estava repleta de marechais e generais, vestidos com as suas sobrecasacas azuis, adornadas com as suas dragonas e rendas douradas, as fitas, as estrelas e as medalhas com que tinham sido condecorados. Alguns dos oficiais já se encontravam em Paris, mas muitos tinham sido convocados para a reunião, vindos dos seus comandos. Napoleão usava a farda preferida, de coronel dos caçadores da Guarda, sem quaisquer condecorações. Tinham-se juntado várias mesas para acomodar o grande número de presentes na sala, e sobre elas estava disposto um mapa que representava o vasto território entre Varsóvia e Moscovo.

Napoleão observou cuidadosamente os oficiais. Eram os melhores elementos do exército, amadurecidos por muitos anos de campanhas duras. Tinham dado provas de coragem e da capacidade de inspirar os homens que lhes serviam. Não tinha dúvidas da lealdade pessoal para com ele: afinal de contas, na maioria dos casos deviam a patente, o título e a fortuna diretamente ao imperador. Só havias duas questões que o preocupavam: a rivalidade entre alguns dos comandantes e o facto mais premente de terem de agir de forma independente devido à escala da campanha que se avizinhava. No passado liderara pessoalmente exércitos mais pequenos e em territórios mais reduzidos.

Quando o último oficial chegou, Napoleão fez sinal aos guardas à porta, que a fecharam e ficaram de sentinela para garantir que não haveria interrupções, nem escutas indevidas.

Napoleão levantou-se e os oficiais ficaram em silêncio. Esperou mais um momento para dar uma maior sensação de gravidade à ocasião e depois começou:

— Desde há alguns meses que se terão apercebido da concentração das nossas forças no Leste da Europa. É sabido que existem tensões entre os impérios francês e russo, e tanto eu como o czar temos vindo a agitar os nossos sabres. Pois bem, chegou a altura de desembainhar a espada e de trespassar o coração do nosso inimigo. Apesar de todos os esforços por mim envidados para evitar a guerra, o czar mostrou-se determinado a impô-la. Decerto leram a lista das exigências que me foram apresentadas e estou certo de que partilham do meu ultraje por Alexandre julgar poder humilhar-me, a vós e a toda a França. É por isso, com relutância, que me vejo obrigado a responder às exigências com a força, mas nada mais há a ganhar com diplomacia, tendo chegado a altura de mostrar qual a potência que domina a Europa. — Napoleão fez uma pausa para que os oficiais superiores apreendessem as palavras de abertura, após o que continuou: — Todos vós já serviram às minhas ordens, pelo que sabem que defendo a tomada de iniciativa. Assim sendo, somos obrigados a invadir a Rússia. Como sempre, o nosso objetivo é encontrar, imobilizar e destruir os exércitos do inimigo, obrigando assim Alexandre a negociar a paz. Depois fá-lo-emos engolir as exigências. — Napoleão acrescentou com entusiasmo: — Quando a invasão tiver início, poderemos empregar mais de seiscentos mil homens, metade dos quais franceses.

Os oficiais entreolharam-se, espantados. Tinham conhecimento da reunião das forças, mas só agora sabiam o número de soldados envolvidos. Três vezes mais do que qualquer exército alguma vez comandado por Napoleão.

O marechal Davout levantou a mão.

Napoleão acenou-lhe com a cabeça.

— Fale, Davout.

— Dispomos de informações concretas sobre a dimensão dos exércitos do czar, *sire*?

— Os nossos agentes dizem-nos que a Rússia terá cerca de quatrocentos mil homens armados. Contudo, muitos encontram-se destacados em guarnições espalhadas pelos territórios russos. Apenas duzentos mil estarão entre nós e Moscovo. Neste momento estão divididos em dois exércitos. O exército principal, cento e cinquenta mil homens, sob o comando do general Barclay de Tolly, encontra-se presentemente disperso entre Riga e o rio Neman. O segundo exército, às ordens do general Bagration, está a sul dos pântanos de Pripet. — Napoleão pegou na vara comprida que estava em cima da mesa e indicou a vastidão de lodaçais, pequenos lagos e florestas pantanosas que se estendiam pelo centro da expansão ocidental da Rússia. — O nosso principal objetivo é o exército setentrional. Teremos de os obrigar a lutar antes que Bagration possa levar os seus homens ao encontro deles. Assim que o Exército do Norte for esmagado, trataremos de Bagration. Quando isso for conseguido, o czar não terá outra alternativa se não admitir a derrota.

O príncipe Jerónimo tomou a palavra.

— Se temos seiscentos mil homens contra os duzentos mil deles, por certo poderemos enfrentar o exército unido e mesmo assim vencer com facilidade. Porque não encorajá-los a reunir-se? Certamente iria reduzir a campanha e facilitar-nos a vida, *sire*.

Napoleão olhou para o irmão mais novo e obrigou-se a responder com toda a paciência:

— Volte a olhar para o mapa. Entre Varsóvia e Moscovo distam mil e cem quilómetros. Preciso de um exército tão vasto porque teremos de deixar dezenas de milhares de homens pelo caminho para proteger as nossas vias de comunicação até Varsóvia. Também podemos contar com a perda de mais soldados pelo caminho, devido a ferimentos e a doenças. Quando obrigarmos os russos a lutar, é bem provável que apenas tenhamos uma ligeira superioridade numérica. É por isso que temos de fazer o possível por os derrotar à vez. Ficou bem claro, Jerónimo?

— Perfeitamente, *sire*. — Jerónimo sorriu. — Embora tenha a certeza de que seremos capazes de derrotar esses camponeses russos, mesmo que eles estejam em superioridade numérica.

— Umpf! — O marechal Ney, sentado à frente de Jerónimo, fungou. — Pois diga-nos porque assim é.

— Com certeza. Ouvi dizer que os soldados russos não passam de brutos idiotas,

recrutados diretamente nas quintas. Os oficiais são ébrios e imbecis. Como poderá tal ralé enfrentar o poderio de França?

— Não esteve em Eylau, pois não, meu rapaz?

— Como bem sabe.

— Nesse caso, nunca enfrentou os soldados russos. Eu enfrentei, tal como o fizeram muitos dos presentes nesta sala, que também estiveram em Eylau. Sim, alguns deles estavam embriagados, mas ébrios ou não, nada receavam, combateram como ursos e morreram como homens que teria orgulho em comandar. — Ney recostou-se e fitou Jerónimo com um sorriso duro. — Por isso, antes de se mostrar tão senhor do seu nariz, aconselho-o a procurar saber do que está a falar.

Jerónimo enrubesceu de fúria e chegou-se à frente, fazendo menção de responder, mas Napoleão atalhou.

— Basta! — Mirou furiosamente os dois homens por um instante, depois respirou fundo e prosseguiu com a reunião. — Pretendo destruir cada exército à vez. Faremos o possível por manter Barclay de Tolly e Bagration afastados. Isso significa que teremos de manobrar com tanta celeridade quanto possível. No entanto, tendo em conta a escassa população das estepes, duvido que possamos recorrer à nossa prática habitual de viver daquilo que encontramos. Foi por isso que ordenei o aprovisionamento dos nossos depósitos avançados e reuni as carroças necessárias para transportar as rações a partir daí. Assim que cruzarmos o Neman, poderemos alimentar o exército durante vinte e quatro dias em marcha. Com tais recursos iremos avançar rapidamente. Tenciono derrotar ambos os exércitos nesse espaço de tempo. — Napoleão apoiou a vara no ombro. — Questões? Davout, parece ter mais alguma coisa a dizer.

O marechal assentiu.

— *Sire*, e se o inimigo decidir trocar o tempo pelo espaço? Olhe para o mapa. Podem manter-se recuados durante meses, antes de se arriscarem a expor Moscovo, ou mesmo S. Petersburgo. As nossas rações terão sido consumidas muito antes disso, e se não há grande coisa que se possa conseguir através de saques, o exército corre o risco de morrer à fome antes de chegar ao campo de batalha. E ainda há mais uma coisa que me preocupa. Ambos temos noção do estado lastimável das estradas polacas. Talvez seja razoável partir do princípio de que as estradas russas serão igualmente más, se não mesmo piores. Se assim for, é provável que se venha a perder uma grande percentagem de veículos de suprimentos devido a rodas e eixos partidos. Sei que podem ser reparados, mas o importante é que serão atrasados. Receio que os nossos comboios de suprimentos comecem a atrasar-se em relação ao exército numa questão de dias. Quando tal acontecer, as nossas alas vão começar a reduzir-se, primeiro lentamente, mas depois cada vez mais depressa à medida que avançamos.

Quando Davout terminou, os restantes oficiais permaneceram em silêncio. Ninguém procurou contradizê-lo e Napoleão sentiu-se enfurecer com a falta de confiança que Davout lançara entre os seus pares.

— Obrigado, Davout. As suas preocupações serão tidas em consideração. Contudo, posso garantir que nunca houve um exército tão bem preparado para tal campanha.

— Nunca houve um exército que tivesse tentado uma tal campanha, *sire*.

— Nesse caso, a fama e a glória conquistadas serão ainda maiores, Davout. Pense nisso. — Napoleão olhou para os oficiais em seu redor, chamando-lhes a atenção para os comentários finais.

— Tal como disse, o nosso objetivo é destruir os exércitos do czar. Caso se recusem a combater, ocuparemos Moscovo e S. Petersburgo. Seja como for, o empenho dos russos no combate vai definhar e nós teremos a nossa vitória. O marechal Davout tem razão. Nunca se tentou uma coisa assim. Quando chegar ao fim, todo o mundo saberá que não há limites para aquilo que os exércitos franceses são capazes de fazer. Poderemos finalmente fazer cumprir o Bloqueio Continental até às últimas consequências. Prevejo que daqui a um ano, Inglaterra vá ser obrigada a submeter-se. Quando isso acontecer, cavalheiros, esta mãe de todas as guerras chegará ao fim e a França, a nossa França, será senhora de todo o mundo. Nos anos vindouros, vós, e todos os vossos soldados, poderão contar aos netos sobre o dia em que entraram em Moscovo ao lado do vosso imperador. Pensem nisso durante o regresso aos vossos comandos.

Sentou-se e, momentos depois, Ney levantava-se e erguia o punho enquanto bradava: — Viva Napoleão! Viva a França!

Jerónimo pôs-se de pé e repetiu o viva, a par dos outros. Até mesmo Davout acabou por se levantar e por se juntar à ovação, mas Napoleão apercebeu-se da preocupação e das dúvidas que ainda lhe ensombravam a expressão. Disse para consigo que Davout estava enganado. Com tantos homens às suas ordens, tantos bons oficiais, a melhor cavalaria da Europa e artilharia suficiente para equipar uma armada, como poderia haver outro desenlace que não uma vitória retumbante que ofuscaria todos os generais da História? Napoleão recostou-se na cadeira e sorriu.

CAPÍTULO 25

Arthur

Badajoz, 6 de abril de 1812

— Desta vez já é nosso — concluiu Arthur, ao acabar de observar as três brechas que tinham sido abertas na muralha entre dois dos mais poderosos bastiões de Badajoz. As novas peças de cerco tinham provado o seu mérito e, no espaço de duas semanas, as cargas pesadas dos canhões de vinte e quatro libras derrubaram as defesas do forte exterior de Picuriña, antes de serem voltadas contra as formidáveis muralhas da cidade em si. — Aquelas brechas serão utilizáveis antes do cair da noite.

Somerset olhou demoradamente pelo telescópio antes de o baixar e assentir.

— Sim, milorde. Dou ordens para que o ataque seja levado a cabo esta noite?

— Isso. Esta noite. — A boa disposição de Arthur desvaneceu-se. Seria esse o momento de maior risco e de perda de vidas. Todos os cercos tinham como objetivo o assalto, e mesmo que este fosse bem-sucedido, o custo poderia ser pesado. Mesmo assim, o exército estava animado, estado que se mantivera desde o início do ano, quando Arthur os comandara de regresso a Espanha, para tomar a fortaleza de Ciudad Rodrigo. Apesar do frio intenso de janeiro, o exército cercara a vila com eficiência, abrindo as trincheiras de aproximação, edificando baterias, derrubando as muralhas e assaltando a fortaleza no espaço de dez dias. Tudo isso com um custo de seiscentas baixas, sendo que um quinto morrera, incluindo o general Craufurd. Arthur sentira profundamente essa perda. Embora Craufurd tivesse sido um personagem melindroso, com tendências para atos ocasionais de impetuosidade, fora um comandante inspirado da Divisão Ligeira. Eram muito poucos os oficiais como ele, refletiu Arthur. Homens que poderiam marcar a diferença num assalto a uma fortaleza tão poderosa como Badajoz.

A captura de Ciudad Rodrigo fora recompensada com um condado em Inglaterra, enquanto a junta espanhola lhe conferira o título de Duque de Ciudad Rodrigo. Acima de tudo, o êxito do exército levara o governo a prometer mais reforços, especialmente para a cavalaria, algo pelo qual Arthur pressionava desde que assumira o comando. O primeiro de sete regimentos montados frescos já se tinha juntado ao exército e os restantes chegariam em breve. Com uma cavalaria forte, Arthur poderia agir contra os franceses com uma muito maior flexibilidade. Deixaria de estar limitado a batalhas defensivas em terrenos que contrariassem a superioridade montada do inimigo. Agora, o seu exército poderia tomar a ofensiva e arriscar-se a combater em espaços abertos.

Claro que isso seria uma tarefa futura, refletiu Arthur. Primeiro era preciso tomar Badajoz. Levantou o telescópio para inspecionar mais uma vez a fortaleza. O lado virado

para o terreno aberto a oeste e a sul era protegido por uma muralha formidável e o comandante da guarnição tinha instalado outras defesas. O general Philippon era um veterano, alguns anos mais velho do que Arthur, com cabelo grisalho apanhado atrás que emoldurava um rosto enrugado com olhos castanhos penetrantes. Arthur encontrara-se brevemente com ele no início do cerco, quando se aproximara da fortaleza com uma bandeira de tréguas para exigir a rendição. Philippon saíra ao portão principal, junto ao rio, para declinar a proposta e Arthur, seguindo o protocolo, recordara o defensor de que poderia invocar os termos até que se tivesse aberto uma brecha utilizável nas muralhas de Badajoz. Depois disso, a fortaleza seria tomada de assalto e, segundo os costumes de guerra, os defensores ficariam à mercê dos soldados britânicos.

— Vamos usar quatro divisões para o assalto — anunciou Arthur aos oficiais na reunião do meio-dia. Estava à frente de um mapa pormenorizado das defesas da vila, preso à parede da taberna que servia de quartel-general do exército, e levantou a vara para apontar para o canto sudeste das muralhas de Badajoz. — A Divisão Ligeira de Alten e a Quarta Divisão de Cole vão assaltar as brechas às dez horas desta noite. Ao mesmo tempo terão lugar dois ataques de diversão. — Apontou para o setor oriental da povoação. — A Terceira Divisão de Picton vai atravessar o ribeiro Rivillas, subir a escarpa a oriente e tentar escalar o castelo. As muralhas aí são suficientemente baixas para que as nossas escadas cheguem às ameias. Entretanto, no outro lado de Badajoz, a Quinta Divisão de Leith vai atacar o portão principal. Leith?

— *Sir*? — O general Leith chegou-se à frente.

— O inimigo deverá ter minado o terreno de aproximação ao portão. Os seus rapazes que tenham cuidado. Deixem que o inimigo rebente com as minas antes de abordarem a muralha, entendido?

— Sim, milorde.

Arthur olhou para os oficiais.

— Acredito que este osso seja muito mais difícil de roer do que Ciudad Rodrigo. Podemos contar com um número mais elevado de baixas, mas é importante reter o objetivo estratégico desta operação. Com Ciudad Rodrigo e Badajoz nas nossas mãos, a iniciativa passa para o nosso lado durante o resto da campanha na Península Ibérica. Como sabem, é quase certo que Bonaparte vai atacar a Rússia lá mais para o final do ano. Estou convencido de que ele está prestes a cometer um erro que pode vir a ser o ponto de viragem nesta longa guerra que temos vindo a combater. A campanha na Rússia vai exaurir-lhe os exércitos e, se tivermos sorte, poderá até vir a ser derrotado no campo de batalha. As nossas informações dizem-nos que as melhores formações francesas estão prestes a retirar-se de Espanha para fortalecer as alas do Grande Exército. Cavalheiros, essa é a oportunidade por que tenho

esperado e tenciono aproveitá-la totalmente. Com os bastiões fronteiriços nas nossas mãos, a partir de agora levaremos a guerra aos franceses segundo os nossos termos. — Fez uma pausa. — Que essa perspetiva vos encha o coração e vos fortaleça os músculos para o trabalho desta noite.

Os oficiais superiores bateram com as mãos na mesa para aplaudir as palavras, e depois Arthur fez sinal para que houvesse silêncio.

— Alguma questão?

Não houve perguntas, pelo que Arthur os dispensou para que regressassem aos respetivos comandos e preparassem o ataque. Durante o resto da tarde, até ao pôr-do-sol, as divisões destacadas para o ataque descansaram nos seus bivaques. As baterias de cerco dirigiram as salvas para novas secções da muralha, na ténue esperança de que os defensores pensassem que os britânicos precisariam de mais brechas antes de lançarem um assalto. Arthur duvidava que Philippon caísse nessa artimanha, mas não perdia nada em tentar.

A partir do jardim no terraço da taberna, Arthur perscrutou com o telescópio as linhas da Divisão Ligeira e viu que alguns dos soldados estavam a ler, outros — mais instruídos — escreviam cartas ou diários, e a maioria estava sentada em círculos largos à volta das fogueiras do acampamento, a cozinhar a ração diária de carne e de biscoitos num caldo grosso. Um grupo de homens fora buscar violinos, ou flautas e entretinham os camaradas com melodias alegres. Arthur ficou satisfeito. Os homens pareciam estar animados. Depois avistou um pequeno grupo de homens, talvez uma centena deles, ajoelhados à frente de um capelão, as cabeças baixas em oração. Eram os voluntários do grupo de assalto. Abririam caminho numa tentativa quase suicida de correr para a brecha escolhida pela Divisão e mantê-la aberta até que as tropas chegassem para a invasão da cidade.

Enquanto observava, Arthur não pôde deixar de se interrogar quanto à natureza dos homens que se ofereciam para tal missão. Verdade fosse dita que havia recompensas para os sobreviventes. Promoções para o oficial, o sargento, os cabos e os soldados que se distinguissem. Claro que com probabilidades tão negativas, aqueles homens teriam de estar tão desesperados por uma promoção que lhes dariam mais valor do que à própria vida. Arthur recordou uma possibilidade mais sombria. Alguns daqueles homens poderiam estar motivados por uma sede de sangue, uma doença que vira em alguns soldados durante a sua carreira. Ansiavam pelas batalhas e sentiam tal exaltação com a experiência que isso se tornava um vício, até que a morte, ou um ferimento debilitante os curava. Se houvesse homens desses nos grupos de assalto, que Deus ajudasse o povo e a guarnição de Badajoz quando as muralhas caíssem, pensou Arthur, com um arrepio.

Quando a noite caiu sobre a província espanhola, Arthur, o general Alava e Somerset, a par de alguns dos oficiais do estado-maior, dirigiram-se às muralhas do forte de Picuriña, a

partir de onde teriam um bom panorama do ataque às três brechas. À esquerda do forte, os homens da Divisão Ligeira avançavam ao longo das margens baixas do Rivillas. Tinha-lhes sido ordenado que avançassem em silêncio absoluto, e Arthur mal conseguia discernir sinais de vida nas sombras ao fundo do forte. À direita, os homens da Quarta Divisão tinham entrado nas trincheiras de aproximação e começaram a avançar até que fizeram alto a pouca distância dos elementos dos grupos de assalto.

Às nove horas, as baterias de cerco dispararam a última salva, tal como ordenado. Arthur não queria correr o risco de ter o clarão dos disparos a iluminar quaisquer preparativos para o assalto. Quando os tiros pararam, seguiu-se uma calma tensa que pareceu estranha depois do estrépito do bombardeamento, sendo o silêncio apenas quebrado pelos desafios ocasionais das sentinelas e pelo coaxar das rãs ao longo das margens do ribeiro.

Arthur dirigiu-se ao general Alava e sussurrou:

— Desta vez vai testemunhar a tomada da cidade.

— Estou absolutamente confiante, milorde.

Durante a espera pelo início do ataque, os oficiais em torno de Arthur foram ficando cada vez mais tensos e enquanto alguns se mexiam nervosamente, outros falavam em voz baixa, até que Arthur se virou para lhes lançar um olhar furioso à luz débil das lanternas penduradas no interior do forte. Fizeram silêncio e dirigiram a atenção para Badajoz. Viam-se archotes ao longo das muralhas e a espaços distinguiam as figuras de sentinelas que patrulhavam as ameias. De vez em quando, uma sentinela desconfiada de algum som, ou movimento à frente da muralha, atirava um archote que descrevia um arco flamejante até cair no chão, onde assustava um cão, ou qualquer outro animal pequeno.

Os minutos foram-se arrastando. Arthur manteve-se tão imóvel quanto possível, não só para dar o exemplo aos subordinados, como também para manter a sua reputação de imperturbabilidade. Daí a pouco puxou discretamente do relógio de bolso e inclinou o mostrador para uma das lanternas no forte. Faltava quase um quarto de hora. Lá em baixo, no interior do forte, um grupo de artilheiros esperava a um canto, prontos para lançar um foguete que assinalaria o início do ataque principal.

Naquele momento, uma voz gritou na direção das trincheiras:

— Apanhe a maldita escada, seu preguiçoso irlandês!

Arthur sentiu o coração dar um salto. Os oficiais à volta dele imobilizaram-se, à espera que o alarme soasse na muralha. Os segundos passaram, mas não houve reação por parte do inimigo, nem mais gritos vindos do terreno, continuando as rãs com o coaxar ritmado. A tensão desfez-se e Somerset suspirou profundamente.

— Foi por pouco. Alguém devia destacar aquele indivíduo para serviço de faxina durante o resto do ano.

— Imagino que haja tempo para recriminações mais tarde — retorquiu Arthur, num tom

calmo.

Concentrou o olhar no terreno que se aproximava das brechas, sabendo que naquele momento os voluntários de cada divisão estariam a avançar discretamente. Depois de uma espera de um minuto, os grupos de assalto começariam a segui-los, enquanto os derradeiros soldados estariam agarrados aos mosquetes, à espera do sinal para o ataque geral. Arthur viu um movimento nas sombras, talvez a cinquenta metros da brecha, depois outro e mais um, à medida que os voluntários rastejavam pelas pedras e pela vegetação rasteira à frente da muralha.

Uma voz francesa gritou, talvez um desafio, e de imediato viu-se o clarão de um cano na muralha. O estampido chegou a Arthur um segundo depois.

— Toca a levantar e a avançar! — bradou o alferes que comandava os voluntários e das sombras ergueram-se figuras que correram para a brecha. O grito foi ecoado à esquerda e à direita, quando os restantes voluntários avançaram para as outras brechas. Arthur virou-se para Somerset.

— Tenha a bondade de dar o sinal.

Somerset levou a mão em concha à boca.

— Equipa do foguete! Fogo!

Viu-se um clarão breve quando o sargento soprou para a mecha e depois chegou a extremidade à cauda do foguete. Jorraram faúlhas e depois, com um sopro, o foguete elevou-se no céu da noite, deixando um leve trilho de fogo na sua esteira. Rebentou bem acima de Badajoz com uma explosão branca brilhante e a detonação ecoou nas muralhas da cidade. Ouviam-se agora mais gritos ao longo da muralha e mais mosquetes crepitaram quando viram os atacantes que corriam na sua direção. Já não havia necessidade de silêncio e os soldados ingleses soltaram os seus gritos de carga enquanto saíam dos abrigos e carregavam em direção ao fosso à frente da muralha. Arthur sentiu os músculos a retesarem-se ao observar os voluntários da Divisão Ligeira começarem a atravessar e depois a subir os destroços por baixo da brecha que lhes fora destinada. As muralhas de ambos os lados tremeluziam com o fogo dos mosquetes e o alferes que comandava os homens caiu antes mesmo de chegar a meio do monte de cascalho. O sargento tombou a poucos metros do oficial e depois outros soldados foram abatidos enquanto se debatiam com o terreno difícil. Não obstante a chacina, os restantes carregaram e também eles foram derrubados no seu caminho para a brecha. Nem um voluntário conseguiu chegar ao emaranhado de abatis espalhados logo abaixo da brecha.

— Por Deus — resmungou Arthur entre dentes.

Os primeiros homens do grupo de assalto chegaram ao fosso, mas agora o primeiro canhão dos bastiões juntava-se ao fogo de mosquete, com as chamas do disparo a iluminarem brevemente as muralhas com um brilho laranja lúgubre, enquanto a metralha

fustigava o terreno à frente da vala, atirando vários homens à erva. Mais figuras surgiram das trevas, alguns transportando escadas cobertas com tábuas que atiraram sobre o fosso, correndo depois para a brecha. Em breve, uma centena de soldados percorria com dificuldade os destroços, com alguns prestes a chegar à brecha, sob uma chuva de fogo de mosquete que os ia abatendo. Depois, quando o primeiro casaca-vermelha subiu até à brecha, viu-se um clarão brilhante de luz perto da base da muralha que lançou pelo ar pedras, homens e fragmentos de corpos, ao mesmo tempo que iluminava brevemente as muralhas e os terrenos circundantes, imobilizando milhares de homens num quadro de destruição. A repercussão e o ribombar da explosão chegaram aos oficiais no forte um instante depois. Apesar do choque, o assalto prosseguiu sem qualquer interrupção.

— Uma mina! — exclamou Somerset, horrorizado. — Esconderam uma mina no cascalho.

— Obrigado, Somerset — retorquiu Arthur com brusquidão. — Tenho estado a acompanhar os acontecimentos, sabe?

O grupo de assalto percorria agora o fosso e o fogo das muralhas atingiu uma nova intensidade, ceifando os atacantes aos magotes, tudo à frente de Arthur e dos oficiais, enquanto o clarão sombrio da artilharia e dos mosquetes mantinha a cena iluminada. No entanto, o horror do assalto ainda não chegara ao fim. Quando os primeiros atacantes subiram para a brecha, foram confrontados com um bloqueio de *chevaux de frise*, vigas de madeira trespassadas por lâminas de espadas e apoiadas de ambos os lados por cavaletes. À frente delas estavam tábuas com pregos de quinze centímetros a sair pela superfície, e atrás uma barricada com atiradores franceses. Dezenas de casacas-vermelhas tropeçaram para cima dos pregos, ficando em agonia, antes de serem abatidos ou empalados nas lâminas, aí ficando pendurados, a gritar enquanto se esvaíam em sangue.

O grupo de assalto morreu na brecha e agora avançava a onda seguinte da Divisão Ligeira, com os homens a lançar-se ao ataque, determinados a obter êxito onde os camaradas tinham fracassado. Carregaram sobre o fosso, com as alas a ficarem reduzidas devido à metralha, e depois até à brecha, onde abrandaram, incapazes de ultrapassar os terríveis obstáculos que os aguardavam.

Passou uma hora, em que foi feita tentativa após tentativa para tomar a brecha, e depois Arthur observou desesperado os homens a começarem a deitar-se, pressionando-se contra o solo, ou ocultando-se atrás de pedras e no fundo da vala. Os franceses começavam agora a largar granadas das muralhas, com cada explosão a provocar mais baixas entre os homens que se abrigavam. Arthur sabia que era chegada a crise do assalto. Se os homens não avançassem, morreriam onde se encontravam. A única hipótese de êxito era continuarem a atacar.

— Somerset, envie uma mensagem ao Alten. Ele tem de manter os homens a avançar.

— Sim, milorde.

— Entre também em contacto com o Cole e os outros comandantes de divisão. Quero saber como vão os ataques deles. Trate disso.

O segundo assalto teve início às onze e meia, quando um batalhão fresco avançou em direção à brecha. Não se saíram melhor do que os antecessores e o massacre prosseguiu. Tornava-se agora impossível ver a abertura, ou a encosta de cascalho através dos montes de casacas-vermelhas, e mesmo assim os oficiais continuavam a reunir os homens e a levar a cabo novas tentativas.

O general Alava era incapaz de desviar os olhos do terrível espetáculo.

— Milorde, nunca vi tal valentia em soldados. — Fez uma breve pausa. — Imagino que já tenham sacrificado o suficiente por uma noite. Já provaram a coragem. No entanto, eles não conseguem tomar a brecha. Poupe os seus homens. Mande-os retirar e acabe com esta carnificina. Imploro-lhe.

Arthur resistiu ao impulso de se virar e encarar o espanhol. Sentia-se consumido pela angústia de ver tantos bons homens serem dizimados à frente da brecha. Alava tinha razão. Não tinham igual em termos de coragem e determinação. Era por isso que iriam, era por isso que tinham de vencer. Engoliu para garantir que a voz não o traía ao responder.

— Não irei ordenar a retirada.

A coragem dos atacantes não fraquejou durante mais duas horas. Só então recuaram da muralha, o suficiente para ficarem fora do alcance dos mosquetes franceses e escondidos dos canhões, encobertos pelas trevas. Mesmo assim, os franceses continuaram a disparar às cegas, num esforço para incomodar os atacantes.

Entretanto, Somerset regressara para informar Arthur de que a Quarta Divisão também fracassara na tentativa de tomar as duas brechas à sua frente e sofrera baixas pesadas. Pouco depois das duas da madrugada, chegou um mensageiro do general Alten. O cabo tinha uma ligadura à volta da cabeça e um braço repousava, inutilizado, numa tira de pano. Apresentou o relatório a Arthur.

— Com os cumprimentos do general, *sir*. Tenho ordens para o informar de que os primeiros dois batalhões fracassaram na tentativa de tomar a brecha. Sofreram pesadas baixas, estando a maioria morta, já que os feridos foram alvejados outra vez pelos defensores. O general deseja saber se o meu comandante pretende que o ataque prossiga, *sir*.

Arthur fitou o homem, por momentos incapaz de dar qualquer ordem. Depois invocou a força de vontade para fortalecer a sua decisão. Falou com tanta gentileza quanto possível.

— Diga ao seu general que ele sabe qual o meu desejo, tão bem como eu conheço a coragem dele. Diga-lhe que reúna os homens e que organize as formações avançadas para retomar o ataque assim que possível. Fui claro?

— Sim, milorde — respondeu o cabo, com um tom amargo. — Perfeitamente.

— Assim que lhe transmitir a minha resposta, agradeço que vá para a retaguarda e que

trate dos seus ferimentos. Procure o meu cirurgião.

O cabo fitou-o e depois abanou a cabeça.

— Se não se importa, milorde, prefiro ficar ao lado dos meus camaradas, em vez de estar com o seu cirurgião.

O cabo deu meia-volta e afastou-se, deixando Arthur a olhá-lo, um nó de culpa no estômago. Depois virou-se para Badajoz, sem se atrever a encarar os outros oficiais.

Um ressoar de cascos fez-se ouvir no forte e uma voz gritou: — Onde está Wellington?

— Lá em cima, *sir*. — Um dos artilheiros apontou para as ameias. Instantes depois, um oficial apareceu a correr junto de Arthur e dos outros.

— Milorde, venho da divisão de Picton. Ele mandou-me procurá-lo assim que teve a certeza do êxito.

— Êxito?

— Milorde, o castelo é seu.

— O quê? Explique-se melhor!

— A escalada foi bem-sucedida, *sir*. Sofremos baixas pesadas, mas a divisão assumiu o controlo do castelo.

Arthur sentiu uma faúlha de esperança no coração, a par da familiar consciência das possibilidades da situação. Afinal de contas, o sacrifício dos homens nas brechas poderia ter servido de alguma coisa se, como parecia ser o caso, o inimigo tivesse sido obrigado a afastar soldados dos outros setores da cidade para defender as brechas. Se a divisão de Picton tinha conseguido aí, era possível que Leith também tivesse tido êxito.

— O Picton tem homens suficientes para atacar a brecha por trás?

— Certamente, mas não pode sair do castelo, *sir*. Os franceses bloquearam todos os acessos.

— Maldição. — Arthur franziu o cenho. — Muito bem, vá ter com o Leith. Transmita-lhe o que me contou. Diga-lhe que os franceses enviaram os homens disponíveis para defender as brechas. Se for audaz, conseguirá tomar a muralha que tem pela frente.

O oficial de Picton fez continência e desceu as escadas a correr em direção ao cavalo. Dali a vinte minutos ouviu-se uma fuzilada impressionante a norte e depois as notas agudas dos clarins, quando a Quinta Divisão irrompeu pelas ruas de Badajoz. O fogo dos soldados franceses em torno das brechas esmoreceu rapidamente, acabando por se ouvir apenas estampidos esporádicos, que aos poucos desapareceram, quando o inimigo se dirigiu ao setor norte da cidade. Ao fundo da muralha, a Divisão Ligeira voltava a avançar à cautela para a brecha. Desta vez as muralhas estavam silenciosas, com as ameias e os bastiões abandonados pelo inimigo. Arthur observou a primeira companhia a trepar por cima dos corpos na brecha e depois desaparecer no interior da povoação, seguida pelo resto do batalhão.

— Venham Somerset, Alava! — Virou-se e correu para o exterior do forte, apressando-se pelo terreno aberto em direção à brecha. Depararam-se com os primeiros cadáveres a pouca distância do fosso, esparramados e contorcidos pelo chão. As formações de retaguarda da divisão estavam em sentido à frente da vala, à espera da sua vez de entrar na cidade. O general Alten encontrava-se do outro lado, para garantir que os homens não avançavam num ímpeto desordenado. Seria demasiado perigoso até que os obstáculos letais fossem removidos. Alten viu Arthur e os outros a aproximar-se e virou-se para saudar o comandante.

— Foi um trabalho muito sangrento, milorde.

— Deveras. Mas temos a povoação.

— Sim, valha-nos isso.

Por um instante, Arthur sentiu o coração elevado. Depois percorreu com o olhar a pilha de cadáveres, que subia até à brecha, onde ainda mais corpos se amontoavam. Uma companhia de soldados de Alten juntara os mosquetes e estava ocupada a retirar as tábuas com cavilhas e os *chevaux de frise*, enquanto outros homens procuravam feridos entre os cadáveres. Aqui e além uma voz pedia ajuda, ou gemia em agonia, e os mortos eram retirados, para que os feridos pudessem ser libertados da confusão de membros. Entretanto, as companhias que entravam pela brecha eram obrigadas a passar por cima dos corpos dos camaradas.

— Que cheiro é este? — indagou Somerset.

Arthur cheirou. Parecia carne a assar, e sentiu o estômago às voltas quando se apercebeu de que vinha dos homens que tinham morrido com o rebentamento da mina. Pressionou a mão enluvada contra o nariz enquanto fitava a cena infernal.

— O que é que tinha dito, general Alava? Nunca tinha visto tamanha bravura?

— Sim, milorde.

— Espero nunca mais voltar a fazê-los passar por aquilo que passaram esta noite.

Enquanto fitava os mortos, algures na povoação ouviu-se um grito de mulher, seguido por um coro de gargalhadas. Noutro ponto soou um disparo. O exército britânico tinha pago um preço bastante elevado para tomar Badajoz, e agora era garantido que saciariam a sede de vingança com os habitantes da vila, quer tivessem ou não ajudado os franceses.

CAPÍTULO 26

Nos dias que se seguiram, Badajoz foi totalmente saqueada. Os soldados entraram em todas as casas e roubaram tudo o que puderam, matando qualquer um que se pusesse no caminho. Muitos procuraram vinho e bebidas brancas, e a embriaguez acabou com o que lhes restava de autocontrolo. As ruas encheram-se com os gritos aterrorizados das mulheres. A violação foi apenas uma das depravações com que os soldados deram vazão à fúria que sentiam contra a vila que lhes custara tantos camaradas. Assim que a sede de vingança foi saciada, dedicaram-se à pilhagem, e quando o ouro e outros valores dos habitantes se esgotaram, os soldados viraram-se uns contra os outros, agredindo-se mutuamente para roubar o saque alheio.

Arthur sabia o que se passava no interior das muralhas da cidade, mas nada podia fazer. Os oficiais tinham perdido o controlo dos homens e alguns dos que tinham tentado impor disciplina foram alvejados, ou violentamente afastados e obrigados a fugir da povoação. Os únicos soldados ainda controlados por Arthur eram os que tinham recebido ordens para permanecer fora das muralhas, e mesmo esses ostentavam expressões de inveja, enquanto os restantes homens se dedicavam a uma orgia de roubo e destruição.

O derradeiro ato do cerco teve lugar no dia a seguir ao assalto, quando o forte de San Cristobal se rendeu. Com a tomada das brechas, o general Philippon reunira os sobreviventes da guarnição e levara-os a passar a ponte sobre o Guadiana, abrindo caminho à força ao longo da margem para chegar ao forte.

Depois de ter dado ordens para que os mortos fossem enterrados e de ter analisado a terrível lista de baixas, Arthur cruzou o rio e aproximou-se do forte, a par de um alferes com uma bandeira de tréguas. Subiu a rampa íngreme até ao portão, onde parou e exigiu falar com o general Philippon.

Após uma breve demora, as vigas de fixação ressoaram por trás da madeira grossa do portão e uma das portas abriu-se para dentro. Surgiram três homens, com dois soldados a apoiar o general que coxeava dolorosamente entre eles. As pantalonas de Philippon estavam cortadas abaixo da coxa direita e viam-se talas na perna, atadas com ligaduras por onde o sangue vertera, criando uma série de manchas redondas escuras. Não trazia chapéu e o rosto estava manchado com sangue seco que escorrera de um golpe no topo do couro cabeludo. Mesmo assim, conseguiu oferecer um sorriso ao cumprimentar Arthur.

— Os meus parabéns pela resolução célere e decisiva do cerco, milorde.

Arthur engoliu em seco.

— Não é fácil obter qualquer satisfação pelo resultado depois de se terem perdido tantos homens. Mais de três mil dos meus soldados caíram perante as suas defesas.

A compostura do francês cedeu ao recordar-se da ferocidade da batalha da noite anterior.

— Nunca tinha visto tamanha chacina… — Pigarreou e levantou a cabeça. — Os meus homens e eu cumprimos o nosso dever, tal como fizeram os seus. É o preço da guerra.

— Um preço evitável. Nunca seria capaz de manter a cidade. Não há qualquer honra quando se luta para adiar uma derrota inevitável.

— Será?

— Não, não há. Nem para o general aqui em Badajoz, nem para o resto do exército francês em Espanha. Nem para Bonaparte, o seu senhor. Ele não vai conseguir vencer a guerra. Apesar dos pretensos tratados e alianças que impingiu aos vizinhos da França, toda a Europa está contra ele. Estou certo de que só pode haver um desenlace. Bonaparte não tem como vencer. Ele só poderá adiar a derrota.

Philippon exibiu um sorriso triste.

— Milorde, essa é parte da razão porque os meus homens estão em guerra, para adiar a derrota inevitável, tal como diz.

— Nesse caso, os seus homens são uns tolos — replicou Arthur lapidarmente. — Muito bem, não quero prolongar esta discussão. Estou aqui para lhe apresentar os termos para a rendição imediata de San Cristobal. Não desejo perder mais homens com um assalto a este forte, pelo que se o general se recusar a render-se, irei ordenar que as minhas peças de cerco arrasem a fortificação. Não farei prisioneiros.

Philippon observou a expressão inflexível de Arthur.

— Deseja discutir os termos? Nesse caso entrego o forte e as armas dos meus homens em troca de salvo-conduto para Paris.

Arthur abanou a cabeça.

— Não está a perceber. Não vim discutir termos, mas sim apresentá-los. Em resumo, vai entregar o forte incondicionalmente. Os seus homens serão desarmados e vão marchar até Lisboa, a partir de onde serão enviados para Inglaterra como prisioneiros até ao final da guerra, ou até que o governo de sua majestade decida trocá-los. Se não concordar com os termos, o general e a sua guarnição serão destruídos a par do forte.

— Preciso de tempo para pensar.

— Não. Vai aceitar ou rejeitar os meus termos neste momento.

Philippon franziu o cenho e baixou os olhos para ocultar a indecisão angustiada. Abanou ao de leve a cabeça, depois fez uma pausa e ergueu o olhar, resignado com o seu destino.

— Muito bem. Aceito.

— Ótimo. Nesse caso, os seus homens vão deixar o forte na próxima hora e formar aqui fora para entregarem as armas. — Arthur apontou para a extensão plana de terreno abaixo do forte, perto do acampamento dos batalhões portugueses de Beresford. — Não procederá a qualquer tentativa de destruir suprimentos ou equipamento que se encontrem no interior do forte, entendido?

— Sim, milorde. — Philippon assentiu enquanto fitava os soldados portugueses no acampamento. — Mas preferia render-me a soldados ingleses do que aos portugueses. Tendo em conta a… barbaridade com que já trataram prisioneiros franceses.

— Não vejo grande diferença entre a barbaridade dos portugueses e aquela com que os franceses trataram os outros. Seja como for, não posso dar-me ao luxo de enviar um dos meus batalhões para escoltar os seus homens até Lisboa. Creio que, graças ao nosso treino e ao nosso exemplo, vai descobrir que os portugueses os vão tratar com mais misericórdia do que aquela que os vossos soldados mostraram a muitos dos compatriotas deles — concluiu Arthur, com frieza. Levantou o chapéu. — Que tenha um bom dia, general. Não nos voltaremos a encontrar. Garanta que o último dos seus homens deixa o forte no prazo máximo de uma hora.

Arthur deu meia-volta ao cavalo e fê-lo avançar a trote, sempre com um travo amargo na boca.

Passaram quatro dias até que os soldados voltassem a si e começassem a sair da cidade, curando ressacas e agarrando os despojos em fardos improvisados. O general responsável defendia o castigo dos soldados por ausência injustificada, mas Arthur ordenou que não se levassem a cabo quaisquer sanções. Em vez disso, enviaram-se novas tropas à cidade para encontrar os últimos saqueadores e expulsá-los da povoação. Em seguida teve início o trabalho de reparação dos danos. Os doentes e os feridos do exército de Arthur foram levados para a caserna do castelo, onde seriam assistidos pelos cirurgiões das unidades destacadas para a guarnição da cidade.

Os feridos que iam morrendo eram levados num fluxo lento mas constante, aumentando a quantidade de cadáveres dispostos numa série de longas valas comuns a pouca distância das muralhas. Quando cada vala ficava cheia, soldados com panos ensopados em gin sobre o rosto, para dissipar o fedor dos cadáveres, atiravam terra sobre os corpos e depois empilhavam pedras pesadas sobre o túmulo para desencorajar cães vadios, animais necrófagos e ladrões humanos.

Com Badajoz nas mãos dos ingleses, Arthur começou a planear as ações seguintes enquanto aguardava a chegada de novos reforços para o exército. Apesar das perdas, o seu poderio aumentou para mais de sessenta mil homens com os novos regimentos e os recrutas de substituição. Era quanto bastasse para levar a campanha para o interior de Espanha, mas por mais frustrante que fosse, não chegava para contemplar o confronto com uma união de exércitos franceses. Era essa a grande ironia da situação. Quanto mais bem-sucedido fosse o exército aliado, mais provável seria que os franceses viessem a concentrar as suas forças para marchar contra Arthur e destruí-lo e ao seu exército de uma vez por todas.

Havia um outro motivo de constante preocupação. Tendo reforçado o exército peninsular,

o governo inglês esperaria que ele levasse a guerra aos franceses. Era óbvio que apenas um número reduzido de elementos mais esclarecidos do governo compreendia o jogo que Arthur era obrigado a desenvolver contra o adversário mais numeroso.

A força inimiga que mais logicamente Arthur deveria enfrentar era o exército do marechal Marmont. As mais recentes informações sugeriam que Marmont tinha às suas ordens menos de trinta e cinco mil homens, e foi isso que levou Arthur a decidir-se.

No início de maio, deixou o general Hill e dezoito mil homens em Badajoz, para o caso de Soult se decidir a aventurar-se fora da Andaluzia, e marchou de regresso a Ciudad Rodrigo para organizar a ofensiva contra Marmont. Enquanto esperava que os derradeiros reforços lhe fossem enviados do Porto, deu ordens para que as carroças fossem reparadas e carregadas com rações do depósito da fortaleza. Os soldados puderam descansar e preparar o equipamento para a campanha.

Perto do final do mês, quando Arthur ultimava os planos de campanha, Somerset entrou no gabinete com o mais recente molho de despachos de Londres.

— Saíram de Londres a doze. Fizeram uma viagem rápida — notou Arthur com satisfação. Quebrou o selo, abriu a cobertura impermeável e retirou os documentos que se encontravam no interior. No cimo do molho estava uma pequena mensagem de lorde Liverpool, marcada *Urgente — Ler de imediato*.

Arthur ergueu as sobrancelhas e, com um breve encolher de ombros, empurrou as restantes cartas na direção de Somerset.

— Ordene-as por prioridade, por obséquio.

O ajudante de campo assentiu, puxou uma cadeira e começou a abrir e a selecionar os documentos, procedendo, como era habitual, à remoção de missivas pessoais e administrativas para o fundo, depois das comunicações mais vitais. Arthur recostou-se na cadeira e quebrou o selo da carta de Liverpool, desdobrou-a e começou a ler. Daí a pouco dobrou o papel.

— O primeiro-ministro morreu — anunciou, num tom átono.

Somerset ergueu o olhar do documento que estava a ler.

— Sinto muito, milorde, não percebi.

— Disse que o primeiro-ministro morreu.

— Por Deus. Morreu? Como? Acidente ou doença?

— Nenhum dos casos. Foi assassinado. Alvejado no átrio da Câmara dos Comuns. Um louco chamado Bellingham, que ao que parece culpava Perceval e o governo de lhe terem arruinado o negócio.

— Com a breca, isso parece-me um pouco excessivo.

Arthur levantou as sobrancelhas.

— "Um pouco excessivo" talvez não seja a reação adequada, Somerset. O indivíduo

privou-nos de um primeiro-ministro.

— Lamento, *sir*. Fiquei chocado com a notícia, só isso. Não é o tipo de coisa que acontece em Inglaterra. Em França ou na Rússia sim, mas em Inglaterra?

— É verdade. — Arthur ergueu os braços, cruzou as mãos e apoiou nelas o queixo. — A questão é, qual o impacto que isso terá nas políticas do governo para a Península Ibérica? Por mais parcimonioso que Perceval se mostrasse no apoio das nossas campanhas, pelo menos tinha a virtude de entender a sua necessidade. Corremos o risco de o substituto não partilhar dessa opinião, logo agora que estamos à beira de alterar o equilíbrio de poder na região. Pior ainda, o governo é fraco e a oposição pode aproveitar esta oportunidade para derrubar os Conservadores e levar o príncipe regente a nomear uma administração liberal. Se isso acontecer… — Arthur não precisou de terminar a frase. Somerset, bem como a maior parte do exército, sabia que um governo liberal daria primazia à retirada do Exército da Península Ibérica.

— O governo, qualquer governo, seria louco se abandonasse a campanha num momento em que revela tanta promessa, milorde — replicou Somerset, ao que sorriu. — Ainda pode demorar até que surja um novo primeiro-ministro, ou mesmo um novo governo. Quer seja conservador ou liberal, tem de aproveitar esse tempo para provocar tantos reveses quanto possível aos franceses, milorde. Faça com que seja politicamente inoportuno retirar o exército.

Arthur assentiu.

— Por Deus, tem toda a razão. Somerset, para um bom ajudante de campo, daria um político absolutamente formidável.

O ajudante de campo recostou-se na cadeira com uma expressão chocada.

— Meu general! Não me parece que a minha sugestão mereça tal insulto ao meu caráter!

— Realmente. — Arthur riu-se. — Apresento-lhe as minhas desculpas, Somerset, caso contrário tenho a certeza de que me desafiaria para um duelo, e o exército não se pode dar ao luxo de perder qualquer um de nós.

Somerset anuiu, satisfeito.

— Muito bem. — Arthur levantou-se e olhou pela janela, para o acampamento do exército. — Enquanto aguardamos por informações quanto à substituição do coitado do Perceval, vamos marchar contra os franceses.

No início de junho, quando o exército aliado partiu de Ciudad Rodrigo, Arthur recebeu a informação de que Marmont tinha sido reforçado, contando agora com uma ligeira superioridade numérica em relação aos aliados. Arthur mostrou-se preparado para aceitar as probabilidades e o exército continuou a sua marcha para o interior de Espanha, dirigindo-se a Salamanca, a mais próxima base de operações do inimigo.

Lá chegado, Arthur descobriu que a guarnição francesa abandonara a cidade, deixando ficar algumas centenas de homens a fortificar os conventos sobranceiros à ponte sobre o rio Tormes. Enquanto o grosso do exército acampou nas colinas a norte da cidade, os engenheiros deram início ao cerco dos conventos, escavando trincheiras de aproximação e construindo baterias para o pequeno número de peças de cerco que Arthur trouxera com o exército.

Tal como Arthur esperara, Marmont avançou para Salamanca, numa tentativa de apoiar os defensores, mas as tropas aliadas nas colinas bloquearam-lhe o caminho. Seguiram-se alguns dias de espera cansativa, em que Arthur ordenou que o exército ficasse em posição, ao pó e ao calor, aguardando um ataque francês que nunca se concretizou. O marechal Marmont, por seu lado, limitou-se a enviar regularmente algumas baterias a cavalo, a par de alguns soldados avançados, para que disparassem sobre as tropas aliadas expostas na encosta avançada. Arthur respondeu com o avanço dos casacas-verdes, e depois de um breve duelo, as escaramuças interromperam-se e os dois exércitos voltaram a esperar como antes.

Os conventos renderam-se rapidamente assim que as peças de cerco começaram a desfazer as paredes, e quando o último foi tomado, Marmont começou a retirada para norte, em busca da proteção do rio Douro. O exército aliado seguiu-o, acampando na margem sul. Frustrado, Arthur observou, com o telescópio, o inimigo. Uma mancheia de piquetes patrulhava a margem oposta e o acampamento principal do inimigo, cuja posição era marcada pelo fumo das fogueiras, situava-se numa cumeada baixa que percorria alguma extensão do rio. Os espiões tinham-no informado de que a Marmont já se juntara outra divisão, estando à espera de ainda mais reforços.

Depois, a 15 de julho, um grupo de combatentes da resistência espanhola entrou no acampamento aliado num estado eufórico, exigindo falar com o general inglês. Usavam lenços na cabeça, casacas curtas sobre as camisas, pantalonas, que eram abotoadas abaixo do joelho, e botas pesadas. Via-se uma seleção formidável de carabinas e pistolas nos alforges, e dos cintos pendiam-lhes espadas, clavas e facas. As duas sentinelas de serviço à porta do quartel-general de Arthur, um celeiro abandonado, olharam desconfiados para os recém-chegados, enquanto Somerset saía com o general Alava para falar com eles. Depois de uma breve troca de palavras, Alava fez sinal ao líder para que desmontasse e o seguisse e a Somerset até ao celeiro.

Bateu na ombreira desgastada e Arthur ergueu o olhar do mapa que estivera a analisar.

— O que foi?

— Um dos combatentes locais, milorde. Diz que intercetou alguns despachos inimigos e deseja vendê-los.

Arthur soprou as faces.

— Muito bem. Posso dispensar-lhe alguns minutos. Ele que entre.

Momentos depois, o líder entrou, trazendo um alforge sobre o braço. Arthur levantou-se para trocar vénias, enquanto Alava fazia as apresentações.

— *Señor* José Ramirez, ou El Cuchillo, como diz ser conhecido nesta extensão do Douro.

— E o que tem El Cuchillo... — Arthur sorriu para o homem — ...para me apresentar, ao certo?

Assim que Alava traduziu, o líder da resistência avançou e pousou o alforge em cima do mapa de Arthur. O inglês reparou numa mancha escura nas bolsas e imaginou que se trataria do sangue do mensageiro indefeso que fora intercetado por El Cuchillo e seus homens. Com um gesto extravagante, o espanhol soltou a correia e abriu a sacola. No interior via-se uma série de documentos selados. Um deles chamou de imediato a atenção de Arthur, por ser maior e ostentar um selo mais elaborado do que os restantes. Gesticulou na direção do alforge e o espanhol assentiu. Arthur retirou o documento e viu que tinha o selo do rei José, estando endereçado ao marechal Marmont. Quebrou o selo e abriu a mensagem, perscrutando rapidamente o conteúdo antes de erguer o olhar.

— O rei José está a marchar ao encontro de Marmont com treze mil homens.

Somerset mexeu-se desconfortavelmente.

— Isso vai dar ao Marmont quase vinte mil homens a mais do que nós, milorde.

Arthur anuiu.

— Receio que seja mais do que suficiente para fazer a diferença. A questão é, será que Marmont recebeu uma cópia desta mensagem? É possível que ele não saiba que José está a ir ao seu encontro.

— Imagino que seja possível — comentou Somerset, com um tom de dúvida. — Embora os franceses costumem enviar dois ou três mensageiros que seguem por rotas diferentes, tendo em conta o risco dos guerrilheiros.

Arthur dobrou a mensagem e bateu com ela na mesa.

— General Alava, por favor, pergunte ao nosso amigo se ele viu o inimigo recentemente. Algum sinal de uma coluna em movimento.

O general traduziu a pergunta e El Cuchillo assentiu, após o que se seguiu uma troca animada de palavras, até que Alava voltou a dirigir-se a Arthur com um brilho de entusiasmo nos olhos.

— Ele diz que viu uma grande força a atravessar o Douro em Tordesilhas. Não pôde aproximar-se mais para calcular o número por causa dos piquetes de cavalaria do inimigo.

— Entendo — replicou Arthur. Não confiava nos cálculos de um amador quanto a uma força inimiga e precisava de uma avaliação mais correta daquilo que o espanhol vira. — Ele diz que era uma força grande. Está a referir-se a uma brigada, a uma divisão, ou a algo maior?

O general interrogou o homem e voltou-se para Arthur.

— Ele diz que era uma multidão. Nunca viu tantos homens.

— Deverá ser o rei José com os reforços, milorde — aventou Somerset.

— Não me parece — retorquiu Arthur, franzindo o cenho. — Isso significaria que estavam logo atrás do mensageiro com a informação da sua chegada. Alava, pergunte-lhe de que direção vinha essa multidão a atravessar o Douro.

— Vinham da margem norte — traduziu Alava.

Arthur arregalou os olhos por um instante.

— Por Deus, é o Marmont. Está a atravessar o rio e quer flanquear-nos!

Somerset anuiu.

— Deve saber de José. Por que outro motivo iria correr esse risco?

Arthur afastou o alforge e analisou o mapa, antes de se dirigir a uma moldura de janela vazia e de fitar o rio e o fino véu de fumo sobre a cumeada na outra margem.

— Aquele patife do Marmont enganou-me. E agora pretende flanquear-nos e cortar a nossa ligação a Salamanca. Bem, quer saiba da mensagem ou não, isso agora pouco importa. — Dirigiu-se a Somerset. — Passe palavra a todos os comandantes de divisão: vamos levantar acampamento e regressar de imediato a Salamanca. Ah, e recompense generosamente este homem pelos serviços prestados. Cem guinéus de ouro.

Alava tossicou e agitou discretamente a mão.

— Pensando melhor — resmungou Arthur. — Dê-lhe antes cinquenta.

— Sim, milorde — anuiu Somerset e fez sinal a El Cuchillo para que o seguisse. Arthur voltou a olhar para o mapa com uma sensação pesada de desilusão. Era o que receara. O inimigo apercebera-se do êxito britânico e reunira uma força suficiente para o repelir. Arthur tinha noção de que começar a retirar tão pouco tempo depois de ter saído de Ciudad Rodrigo seria um rude golpe no moral do exército. Também seria útil para os inimigos políticos que tinha em Londres, que aproveitariam esse revés como prova de que o Exército da Península Ibérica pouco mais conseguia fazer do que marchar por Espanha à custa do dinheiro dos contribuintes.

Arthur inspirou profundamente.

— Raios partam aquele Marmont. Ainda pode vir a destruir os nossos planos.

CAPÍTULO 27

Salamanca, 22 de julho de 1812

— É típico daqueles tratantes americanos desleais. — Somerset falava com um desprezo ácido enquanto lia o despacho que chegara ao exército ao início da manhã. Há pouco mais de um mês, o presidente Madison declarara guerra à Grã-Bretanha. Como na altura a nação só dispunha de um punhado de soldados no Canadá, a natureza oportunista da guerra tornava-se óbvia a todos. — Acredite, milorde, este dia vai ficar na memória como infame. Atacam-nos pelas costas quando estamos a lutar para salvar o mundo de um tirano.

— Sim, sim, malditos sejam todos eles — resmungou Arthur, fazendo o possível por ignorar a fúria do ajudante de campo enquanto pensava nas implicações da notícia. — Pode ter a certeza de que agora o exército no Canadá terá a primazia sobre os pedidos de reforços. É um dia terrível para todos nós em Espanha, isso é garantido. Claro que por agora temos outros assuntos que nos prendam a atenção. — Arthur acenou com a cabeça para o vale, na direção da cumeada oposta, onde os soldados de Marmont trocavam fogo com um punhado de soldados que defendia uma pequena capela junto à estrada para Salamanca.

Durante a maior parte dos últimos cinco dias, os dois exércitos tinham marchado a par, por vezes separados por pouco mais de duzentos metros, como se estivessem numa corrida. E até fora mesmo uma espécie de corrida, refletiu Arthur. Marmont levara os seus soldados numa tentativa de ultrapassar os aliados e depois barrar-lhes o caminho para Salamanca, num terreno à escolha do marechal. Arthur, por seu lado, incitara os homens a chegar primeiro a Salamanca, com o objetivo de manter abertas as comunicações com Ciudad Rodrigo.

Os aliados tinham acabado por vencer a corrida, atravessando na véspera o rio Tormes, alguns quilómetros a leste de Salamanca. Depois de uma noite descansada, Arthur dera ordens para que o comboio de suprimentos apanhasse a estrada para Ciudad Rodrigo, enquanto o exército cobria a retirada. Escoltado por uma unidade de cavalaria portuguesa, o comboio ficou obscurecido por uma névoa de poeira. Arthur ordenara aos soldados que formassem na encosta traseira de uma colina com a forma aproximada de uma ferradura, sobranceira a um vale. Do outro lado encontrava-se uma formação altaneira semelhante que contornava a primeira. Entre as duas estava uma colina isolada conhecida como Arapil Grande, já que era ligeiramente mais alta do que a elevação em que Arthur se encontrava com o estado-maior, a observar as movimentações do exército de Marmont. Nessa manhã, uma divisão francesa tomara a colina e agora, ao ver o comandante inglês e o respetivo estado-maior, alguns começaram a acenar.

Arthur não estava com grande disposição para leviandades. Os últimos relatórios dos

batedores diziam que o rei José se encontrava a pouco mais de um dia de marcha a leste de Marmont, com outra coluna de reforços a uma distância semelhante a norte. Aquela seria a última oportunidade de combater a um nível mais ou menos equivalente. Depois disso, o exército aliado não teria escolha, a não ser retirar para a fortaleza de Ciudad Rodrigo. Até então, o marechal Marmont não dera sinais de pretender lutar e os homens de Arthur arriscavam-se a passar o dia sem sombra na encosta oposta.

Um movimento chamou a atenção de Somerset, que se virou para uma casa próxima, cercada por um muro baixo. Um dos oficiais subalternos agitava o chapéu. Somerset levantou o seu em resposta e depois preparou-se para abordar o comandante, um tanto ou quanto perturbado pelo estado de espírito irascível de Arthur.

— Milorde, o tenente Henderson obteve-nos uma refeição ligeira.

— O quê? — Arthur olhou em seu redor. — O que foi?

Somerset apontou para a quinta.

— Mandei o Henderson procurar comida, milorde. Nem o meu general nem os oficiais do estado-maior comeram nada hoje e são quase duas da tarde. Podemos comer e manter o inimigo vigiado a partir de lá.

Arthur pensou por um instante, ao que assentiu.

— Muito bem, mas é preciso comer depressa. Não quero que o Marmont me apanhe a dormir a sesta só porque os meus oficiais decidiram fazer um piquenique.

O pequeno grupo percorreu a cumeada em direção à fazenda. Atrás do muro tinham sido preparados bancos e duas mesas compridas apoiadas em cavaletes. Uma grande travessa de frango, alguns cestos de pão e jarros de vinho com copos de barro tinham sido postos pelo agricultor, que sorriu quando acompanhou os convidados até à mesa. Somerset e os outros desceram das selas, sentaram-se ansiosamente e começaram a comer. Arthur não desmontou, tirando, em vez disso, o telescópio da bolsa da sela para dar mais uma vista de olhos ao inimigo. Os franceses continuavam a assumir posições na outra cumeada, mas não pareciam ter feito qualquer tentativa de preparação de um ataque à divisão que percorria a estrada para Salamanca, a única formação de alguma dimensão que o inimigo conseguia ver.

— Deseja comer alguma coisa, milorde?

Arthur baixou o telescópio e viu que Somerset lhe levara um quarto de frango e a ponta de um pão. Não tinha fome, mas sabia que precisava de comer. Além disso, não queria estragar o apetite aos subordinados com o seu exemplo.

— Só o frango, se não se importar.

Somerset entregou-lho e Arthur obrigou-se a morder a peça fria. Tinha sido frito à pressa e a carne escorregava-lhe na mão enluvada. Somerset regressou à mesa e serviu-se de um copo de vinho, juntando-se aos outros oficiais que alegremente matavam a fome e saciavam a sede, depois de terem passado tantas horas nas selas, ao sol. Arthur observou-os por um

instante, mordendo mecanicamente o frango, mastigando e engolindo. Depois dirigiu o cavalo ao muro, para ter um melhor panorama do monte ocupado pelo inimigo, à frente do centro da sua linha.

Ao início não percebeu o que estava a ver. Não fazia sentido. Levantou o telescópio com a mão livre e dirigiu-o à cumeada. A erva queimada pelo sol surgiu-lhe no campo de visão, após o que acompanhou cuidadosamente a encosta até distinguir uma divisão inimiga a marchar à pressa para oeste. À frente dela seguia um regimento de cavalaria, com o Sol a refletir-se nos capacetes.

— Mas que raios está Marmont a tramar? — resmungou Arthur para consigo. Percorreu a linha de marcha com o telescópio e viu que continuava até à posição francesa principal. Ao todo, parecia que três divisões se deslocavam à frente da posição aliada. Tal era a pressa do inimigo que as formações estavam perigosamente alongadas. Depois Arthur percebeu o que estava a passar pela cabeça do adversário. Marmont só conseguia ver um punhado de homens na Arapil Pequena e a divisão que bloqueava a estrada para Salamanca. Confundira a grande nuvem de poeira que era levantada pelo comboio de suprimentos com o exército aliado em retirada total, e agora esperava flanquear, bloquear e destruir o que julgava ser a retaguarda de Arthur.

Arthur sentiu um jorro gelado de excitação a percorrer-lhe as veias quando se apercebeu de que a batalha em condições vantajosas por que esperava estava à sua espera, mas só se agisse rapidamente. Largou o frango e dirigiu-se aos oficiais do estado-maior.

— Montem, cavalheiros! Imediatamente!

O tom férreo da ordem teve o efeito desejado e todos saltaram dos bancos, abandonando a comida e o vinho. Ainda os homens estavam a içar-se para as selas e já Arthur distribuía as ordens, de forma tão calma quanto possível para garantir que não havia erros.

— Os franceses estão em movimento. — Apontou para a cumeada distante. — O Marmont pretende contornar a nossa posição. O exército que se prepare para atacar o mais depressa possível. Cavalheiros, sigam até cada divisão e ordenem que se preparem. Somerset!

— *Sir*?

— Fique aqui e prepare-se para me apresentar um relatório assim que eu regressar.

— Onde vai, milorde? — perguntou Somerset, ansiosamente.

— Ora, vou completar a armadilha, é claro! — Arthur exibiu um sorriso rasgado e depois galopou pela cumeada, dirigindo-se ao extremo direito da linha aliada. A Terceira Divisão, comandada agora pelo irmão mais novo de Kitty, Edward Pakenham, recebera ordens para manter o flanco e encontrava-se na posição ideal para aquilo que Arthur tinha em mente. Quando o carreiro que se dirigia à estrada para Salamanca começou a virar para a direita e encosta oposta abaixo, Arthur olhou para a esquerda para confirmar que os franceses continuavam a seguir para sul. Ficou satisfeito com o brilho do Sol refletido nos

equipamentos polidos, criando um clarão tremeluzente.

Seguiu o seu caminho, descendo a encosta em ângulo até chegar a um vale e à planície poeirenta atrás das colinas. À frente dele estava uma coluna de casacas-vermelhas e um regimento de cavaleiros portugueses, que se dirigiam para sul ao longo da estrada de Salamanca, levantando uma nuvem de pó enquanto assumiam as posições para cobrir o flanco. Viu os estandartes dos batalhões da divisão a marchar em grupo atrás de um pequeno agrupamento de cavaleiros. À frente estava a figura alta e elegante do seu general. Arthur fez avançar o cavalo e aproximou-se rapidamente da coluna, os cascos a ressoar no solo duro e seco. Os rostos viraram-se à sua chegada e ouviu uma voz a gritar: — É o nosso Arty! — Alguns homens soltaram um viva, mas estavam demasiado cansados e com sede para mais do que isso. Abrandou o cavalo quando alcançou os oficiais da divisão e parou atrás do cunhado.

— Edward! — chamou, e o irmão de Kitty virou-se com uma expressão inquiridora no rosto, a qual se transformou num sorriso quando viu Arthur. — Edward, quero que continue a avançar com a sua divisão. Vai encontrar outro monte a seguir a este. Ultrapasse-o e depois empurre os franceses que vai ter pela frente. Ataque com toda a força e continue a forçar com tudo o que puder, entendido?

— Perfeitamente, milorde.

— Ótimo. Assim sendo, antes do final do dia vamos apanhar o marechal Marmont numa armadilha da autoria dele. Boa sorte!

Arthur virou-se e voltou a subir a encosta, até à cumeada. A Terceira Divisão tinha de avançar mais três quilómetros antes de chegar aos montes descritos por Arthur. A maior parte do percurso estaria oculto dos franceses pela Arapil Pequena, pelo que o ataque seria uma surpresa para o inimigo. Se Pakenham atacasse rapidamente, iria cair sobre a vanguarda francesa e começaria a empurrá-los.

Assim que chegou à cumeada, Arthur dirigiu-se às duas divisões à espera na outra encosta e ordenou que avançassem contra o flanco do inimigo estendido à frente delas. Com Pakenham a pressionar Marmont pela direita, o avanço francês seria detido e seguir-se-ia o caos, alvos fáceis para as Quarta e Quinta Divisões quando se juntassem ao assalto. Se tudo corresse bem, a linha inimiga seria destroçada. Bastava que o flanco esquerdo da linha aliada avançasse e terminasse o trabalho.

Quando regressou à quinta, o estrondo dos canhões ecoava pelo flanco esquerdo do campo de batalha, onde as artilharias britânica e francesa travavam um duelo sobre o vale que as separava. Não era uma preocupação imediata para Arthur. Desde que as peças francesas concentrassem o fogo naquela direção, não poderiam intervir no ponto decisivo.

A Quarta e a Quinta Divisões já estavam a avançar, marchando sobre a cumeada e encosta frontal abaixo, em direção ao flanco da linha francesa alongada. Cada divisão formou uma

vasta linha com dois homens de fundo. Parecia uma formação terrivelmente frágil, mas garantiria o maior poder de fogo que poderia ser empregue contra os franceses quando os dois lados iniciassem a luta.

Um vago estrépito de clarins levou Arthur e o estado-maior a olhar para a direita, onde viram os cavaleiros portugueses associados à divisão de Pakenham a carregar em direção ao flanco da primeira divisão francesa. Além do pó levantado pela cavalaria, Arthur viu a infantaria da Terceira Divisão a correr em frente para formar uma linha ao longo do avanço francês.

O inimigo reagiu com prontidão e milhares de soldados de Marmont correram em frente, com os tambores a rufar, começando a disparar à vontade encosta abaixo contra os casacas-vermelhas silenciosos. Quando os dragões começaram a retirar, a infantaria avançou encosta acima e, chegando à crista, disparou a primeira salva contra as alas da primeira divisão francesa. Seguiu-se uma breve troca de tiros, com os franceses a reagirem com uma mosquetaria sem disciplina, enquanto os homens de Pakenham disparavam em salvas, descarregando mais de um milhar de mosquetes de cada vez. Arthur tinha bem noção do efeito moralizador de um golpe de tamanha devastação. As primeiras alas de ambos os lados foram obscurecidas pelo fumo e pelo pó, e depois Arthur viu os primeiros franceses a fugir, correndo pela cumeada para leste. Momentos depois, viu os casacas-vermelhas a surgirem do fumo, a carregar e a destroçar a primeira divisão francesa.

O general Alava bateu as palmas, maravilhado.

— Belo trabalho! Ah, o Marmont já perdeu! Sei que sim.

Arthur manteve-se concentrado na ação enquanto as suas forças cercavam a linha francesa. A segunda divisão inimiga começara a descer da crista, para evitar a confusão que seria provocada pelos camaradas que fugiam na sua direção. Quando chegaram ao vale, fizeram alto e começaram a alterar a formação.

— Mas que raios? — Somerset endireitou-se na sela e semicerrou os olhos, observando o que se passava com uma descrença cada vez maior. — Estão a formar quadrados. Uma loucura…

Arthur sentiu uma breve pontada de piedade pelos homens da divisão francesa, enquanto as linhas compridas dos casacas-vermelhas se aproximavam. O truque para vencer uma batalha era empregar a formação correta para contrariar as movimentações do inimigo. A infantaria disposta em quadrados poderia ser invulnerável à cavalaria, mas representava um alvo fácil para a artilharia e para os mosquetes. Depois de ter visto os dragões a devastar o flanco da divisão à frente dele, o general francês decidira jogar pelo seguro, e agora essa cautela estava prestes a ser castigada.

Os soldados da Quarta e da Quinta Divisões aproximaram-se até uma distância eficaz para os mosquetes e fizeram alto. À frente deles, os quadrados franceses cerrados

mantiveram-se firmes e Arthur ficou impressionado com a autodisciplina: não fora disparado um único tiro. Momentos depois, quando os casacas-vermelhas baixaram os mosquetes para apontar, os lados de fora dos quadrados franceses cuspiram chamas e fumo e, após um breve atraso, o estampido da salva chegou a Arthur, no cimo da encosta. Dezenas de homens tombaram ao longo da linha britânica, mas as baixas foram muito mais reduzidas do que teriam sido, caso os britânicos estivessem com uma formação mais cerrada, como era o caso dos franceses.

Quando os britânicos ripostaram, era difícil falhar, e centenas de soldados inimigos foram abatidos com a primeira salva. As salvas seguintes desfizeram as alas mais próximas dos quadrados franceses, e quando o fumo e a poeira envolveram as formações fustigadas, os casacas-vermelhas carregaram. A luta foi breve, e a infantaria francesa bastante abalada viu de repente as figuras esbatidas a avançarem pela neblina, surgindo de repente com um brado ensurdecedor, os olhos arregalados e alucinados, de baionetas a cintilar enquanto abriam caminho por entre os quadrados franceses, trespassando e derrubando todos quantos lhes apareciam no caminho. Tendo já sofrido baixas terríveis com o fogo dos mosquetes e agora confrontados com a selvajaria de uma carga com baionetas, o ânimo francês cedeu e os quadrados desfizeram-se, com os homens a dar meia-volta e a fugir encosta acima em direção à cumeada.

Contudo, o sofrimento ainda mal começara. Pelas brechas entre as Terceira e Quinta Divisões surgiu a cavalaria pesada do general Le Marchant. Um milhar de sabres cintilaram à luz quente do Sol, com os cavaleiros a carregar a toda a brida entre os franceses em fuga. Era a oportunidade ideal por que esperava cada elemento da cavalaria e cumpriram o seu dever com golpes e estocadas ferozes, abatendo centenas de inimigos na sua fuga pela encosta.

— Um trabalho glorioso! — exclamou o general Alava. — Simplesmente glorioso.

— Por enquanto — retorquiu Arthur num tom sereno. — Mas a menos que sejam detidos, os homens de Le Marchant ficarão exauridos.

A cavalaria seguiu com a perseguição num remoinho de pó, desfazendo a segunda divisão francesa, até que se depararam com a terceira formação inimiga. Desta vez, os quadrados franceses mostraram a sua utilidade e a cavalaria britânica foi detida pelas salvas conjuntas da infantaria inimiga. Frustrado, Arthur cerrou os dentes perante mais aquele exemplo da tendência da cavalaria para perder a cabeça. Quando os dragões começaram a recuar, Arthur perscrutou rapidamente o campo de batalha. Duas divisões francesas já tinham sido desbaratadas e as três divisões britânicas aproximavam-se pela frente e pelo flanco do inimigo. Arthur franziu o cenho ao observar a Quarta Divisão a avançar, com a ala esquerda a começar a passar a encosta da Arapil Grande. No cimo da colina, Arthur via uma unidade francesa.

— O que está o Cole a fazer? — resmungou Arthur. — Porque é que ele não cobre o flanco? — Dirigiu-se apressadamente a Somerset. — Envie uma mensagem ao general Cole e alerte-o para ter cuidado com o flanco esquerdo. E diga ao Pack para enviar uma das brigadas dele para tomar a colina.

— Sim, *sir*.

Quando Somerset se afastou, Arthur observou com ansiedade a Quarta Divisão a parar e começar a trocar fogo com a terceira formação francesa. Cole estava tão concentrado no alvo que tinha à frente que não reparara no perigo à esquerda. Arthur via que o inimigo se apercebera da oportunidade de se vingar dos casacas-vermelhas da mesma forma como tinham sofrido. No entanto, antes de poderem atacar, os portugueses do general Pack avançaram e começaram a subir a encosta, em direção à crista do Aparil Grande. Era uma tentativa desesperada de ganhar tempo para os camaradas britânicos e estavam em inferioridade numérica contra um inimigo em terreno mais elevado. O ataque parou quando os soldados avançados franceses começaram a disparar encosta abaixo. Com uma angústia crescente, Arthur observou os homens de Pack a parar e baixar-se, e depois começarem a recuar.

— Chegou a altura das reservas — decidiu. Deu meia-volta ao cavalo e galopou pela crista até onde esperavam os homens da Sexta Divisão, na encosta contrária, ocultos da batalha. O general Clinton estava no seu cavalo, à frente dos homens, e inclinou o chapéu quando Arthur chegou junto dele e parou ofegante.

— Clinton, quero que os seus rapazes avancem imediatamente. Têm de tomar a colina à vossa frente. O inimigo tem de ser expulso de lá e empurrado pelo vale.

— Sim, *sir*. — Clinton aquiesceu. — Pode contar connosco. Os rapazes já perderam bastante ação.

— Nesse caso, fico satisfeito por poder dar-lhes que fazer. — Arthur sorriu. Depois endureceu a expressão. — Lembre-se, expulse o inimigo da colina.

Quando regressou ao posto de comando, Arthur ficou chocado ao ver novas formações francesas a descer da Arapil Grande, diretamente para o flanco esquerdo da Quarta Divisão. O general Cole percebera finalmente o risco e começara a movimentar o batalhão no extremo da linha para enfrentar o perigo. Contudo, Arthur apercebeu-se de imediato de que um batalhão não seria suficiente. Os seus receios concretizaram-se no espaço de minutos, quando a linha francesa fez alto e abriu fogo, derrubando homens aos magotes na estreita linha vermelha que a enfrentava.

Arthur sentiu um nó no estômago enquanto olhava. O batalhão não seria capaz de resistir muito tempo e, quando cedesse, os franceses poderiam carregar sobre o flanco de Cole e começar a rodear a linha aliada. Outra salva francesa fustigou o batalhão, abatendo dezenas de casacas-vermelhas. Parecia agora que havia mais soldados no chão do que de pé,

recarregando constantemente e disparando contra a formação francesa em marcha.

Arthur notou o general Alava a observá-lo, tentando avaliar-lhe a reação, e decidiu-se a não revelar ao espanhol quaisquer sinais da ansiedade que o corroía. Olhou para a esquerda e viu que os homens de Clinton tinham chegado à crista e começavam a descer a encosta. Contudo, não chegariam a tempo à colina para evitar o colapso da divisão de Cole.

— Quem é aquele? — indagou Somerset, ao que levantou rapidamente o telescópio para observar uma formação que se aproximava da colina. Estivera oculta de Arthur e do estado-maior por uma elevação da Arapil Pequena. — É uma brigada portuguesa! Devem pertencer às reservas, *sir*.

Arthur já os via e avistou um general de farda com pesados cordões dourados a liderá-los na frente. Sorriu.

— Assim é que é, Beresford.

A brigada portuguesa marchou rapidamente pelo terreno e formou uma linha de fogo no flanco da divisão francesa que estava prestes a esmagar o general Cole e os seus homens. Com um estampido abafado, a brigada disparou contra o flanco francês, devastando-o. O avanço francês estacou abruptamente e os soldados começaram a virar-se para a direita da linha, para enfrentar a nova ameaça.

A divisão de Cole fora salva e Arthur suspirou de alívio, enquanto trocava um olhar rápido com o general Alava.

— Foi por pouco.

— A sério? — Alava riu-se. — Nunca o teria imaginado pela sua expressão, milorde.

Arthur voltou a observar a batalha e viu que Cole retirara uma das suas brigadas da linha francesa que se desmoronava à sua frente e a enviara para reforçar o flanco, estabilizando a posição. Encurralados no ângulo entre duas brigadas aliadas, os franceses começaram a recuar para a proteção do cimo do monte. Os homens de Clinton deram início à subida da colina, com a linha vermelha a hesitar ligeiramente enquanto os soldados ultrapassavam os penedos e a vegetação rasteira que cobria a encosta. Acima deles, o inimigo voltou a formar e Arthur reparou que as alas traseiras teriam uma linha de fogo livre sobre as cabeças dos que se encontravam à frente.

— O general Clinton vai ter dificuldade em avançar — comentou Alava enquanto observava os casacas-vermelhas a aproximar-se lentamente dos franceses.

— Veremos — retorquiu Arthur em voz baixa, enquanto olhava para o relógio. Eram quase seis horas. Tinham passado menos de três horas desde o primeiro tiro e o Sol estava baixo no horizonte a ocidente, banhando o pó e o fumo do campo de batalha com um brilho avermelhando. A sul, Arthur via milhares de franceses a fugir sobre a crista da cumeada, perseguidos pela cavalaria. A infantaria britânica deixara a perseguição e voltava a formar as alas entre os cadáveres dos inimigos que enchiam o terreno inclinado.

O troar súbito de disparos na Arapil Grande atraiu a atenção para as encostas, com os franceses a abrir fogo sobre a divisão de Clinton. Desta vez, o poder de fogo francês estava disposto de tal maneira que permitia que não fosse apenas a primeira ala a ter a visão do inimigo, e Arthur viu a brigada britânica a estacar quando as primeiras filas foram dizimadas pelas bolas dos mosquetes gauleses. Os homens alinharam-se para a direita, baixaram as baionetas e continuaram em frente, percorrendo os derradeiros cem passos até ao inimigo. Outra salva francesa foi disparada, abatendo mais soldados, e então Clinton avançou a espada e, com um brado rouco, os homens carregaram pelo fumo e atiraram-se aos franceses. Seguiu-se uma breve luta, até que os franceses recuaram e retiraram pelo outro lado da colina, perseguidos de perto por Clinton e pelos seus homens, decididos a expulsar os franceses do campo de batalha.

Arthur acenou a cabeça com satisfação. Só restava uma secção do exército francês, que ainda guardava a estrada para Salamanca, onde tinham tido lugar as primeiras escaramuças do dia. Deixando Somerset com ordens para organizar a perseguição ao resto do exército francês até à meia-noite, Arthur e o general Alava cruzaram o monte até à Divisão Ligeira, que não se mexera desde o início da batalha. O general Alten estava adiantado em relação à linha da frente, a observar os seus soldados avançados a trocar tiros com o inimigo, quando Arthur e Alava chegaram junto a ele. Bolas de mosquete cruzavam o ar com um zumbido abafado antes de baterem no chão.

— Como vai a batalha? — perguntou Alten.

— Está ganha — respondeu Arthur. — Só falta que a sua divisão persiga os franceses. Chegue à retaguarda e enfrente-os.

— Será um prazer, *sir*.

Arthur levou a mão à aba do chapéu.

— Tem as suas ordens, general. Não os largue, nem lhes dê descanso. Derrotámos Marmont. Agora temos de garantir que o exército dele é destruído.

Arthur deixou-se ficar a assistir ao início do avanço da Divisão Ligeira e assim que viu o inimigo começar a recuar, deixando uma fila de infantaria ligeira a cobrir a retirada, deu meia-volta e regressou ao quartel-general com uma sensação exultante. Nessa manhã estivera resignado a um regresso cansativo a Ciudad Rodrigo. Agora, com um único golpe, e nem sequer cinco horas depois, o exército de Marmont estava espalhado e pouco restava entre o exército aliado e a capital espanhola de Madrid.

CAPÍTULO 28

Napoleão

Kovno, 24 de junho de 1812

Ao pôr-do-sol do primeiro dia da invasão, Napoleão encontrava-se sentado na carruagem de campanha, a analisar os últimos relatórios. O dia fora sufocante e o imperador estava apenas de camisa, debruçado sobre a pequena secretária. As portas da carruagem estavam abertas e num arco de ferro no teto do veículo estava pendurado um candeeiro. Berthier estava a uma outra mesa, mais ao fundo da carruagem, ocupado a conferir os relatórios, para que pudesse passar apenas informações pertinentes ao imperador. O candeeiro atraíra uma nuvem de mosquitos, que Napoleão ia enxotando enquanto lia. No exterior da carruagem, uma companhia da Velha Guarda formou um cordão para manter afastadas as longas fileiras de soldados que marchavam na estrada para Vilna. Um esquadrão de caçadores, destacado para o transporte de mensagens, aguardava em silêncio junto à linha de cavalos, à espera de serem chamados ao serviço. A carruagem detivera-se temporariamente, enquanto o general encarregue da campanha do imperador providenciava um quartel-general provisório nas instalações da corporação de mercadores de Kovno.

Napoleão acabou de ler a primeira remessa de missivas selecionadas e chegou-as para o lado, após o que se endireitou no banco e esfregou os olhos. As primeiras tropas tinham atravessado o rio Neman ao início da madrugada, sendo seguidas pelos engenheiros, que deram imediatamente início à construção das três pontes sobre as quais passaria o grosso do Grande Exército, um quarto de milhão de soldados às ordens diretas do imperador. A norte avançava outro exército de oitenta mil bávaros e italianos, sob o comando do enteado de Napoleão, o príncipe Eugénio, para cobrir o flanco esquerdo da força principal. Pela direita, a caminho da zona sul dos lameiros de Pripiat, seguia outro exército de setenta mil soldados, recrutados numa série de Estados alemães, a par de um contingente de polacos, comandados pelo príncipe Jerónimo. Tinham como objetivo empurrar o general Bagration para leste e impedir que se juntasse ao exército russo. A ocidente do Neman encontravam-se as derradeiras duas formações do exército invasor. O marechal Victor tinha a seu cargo as reservas, cento e cinquenta mil homens, prontos a avançar para substituir as baixas do exército de Napoleão. Atrás de Victor marchava o marechal Augereau, com sessenta mil tropas, encarregues de guardar os depósitos de fornecimentos que seriam criados na esteira do exército e de manter abertas as vias de comunicação com Varsóvia e daí com Paris. Mesmo estando Napoleão à frente do maior exército jamais visto na Europa, não deixava de governar um império, tendo de garantir o fluxo contínuo de mensagens com a capital. À frente de todo o exército seguia a força de cavalaria do marechal Murat, um bloco de quase

vinte mil homens na vanguarda do exército, à espreita do inimigo e, ao mesmo tempo, a impedir os batedores adversários de observar o avanço dos exércitos franceses.

Napoleão baixou as mãos e dirigiu-se a Berthier.

— Ainda não há sinais do exército de Bagration?

— Não, *sire*. — Berthier abanou a cabeça. — Os relatórios ainda não referem nada.

— Mmm. — Napoleão voltou a fechar os olhos e visualizou as colunas francesas que serpenteavam através da fronteira russa. Era estranho que a cavalaria de Murat ainda não se tivesse deparado com os postos avançados inimigos, a menos que o general Bagration já estivesse a recuar. Nesse caso, seria essencial descobrir o rumo que estaria a tomar.

— *Sire*. — Berthier intrometeu-se nos pensamentos do imperador.

— O que foi?

— Chegou uma mensagem nova de Davout. Os batedores montados capturaram alguns retardatários do exército de Bagration. Ao que parece, começaram a encaminhar-se para norte há duas semanas.

Napoleão pestanejou e endireitou-se.

— Para norte? Passe-me o mapa.

Berthier levou a mão à prateleira de mapas e tirou uma representação de grande escala do ocidente da Rússia. Esticou o mapa sobre uma tábua e fixou-o com molas antes de o entregar ao imperador. Napoleão olhou para o mapa e depois percorreu-o com o dedo em direção a norte, a partir da última posição conhecida do exército de Bagration.

— Minsk. Está a caminho de Minsk. — Esboçou um sorriso. — Parece que os russos não se deixam enganar com facilidade. Perceberam que nos encaminhamos para o norte de Pripiat. Muito bem, informe Jerónimo de que o logro acabou. Ele que persiga Bagration e que o afaste do corpo principal do exército russo. Transmita-lhe imediatamente as ordens.

— Com certeza, *sire*.

— Ainda mal temos um dia de campanha e as coisas já começam a correr mal — suspirou Napoleão pesadamente. — Se os russos já estão a tentar reunir-se, será mais do que provável que o exército principal vá recuar para Vilna. Envie uma ordem a Murat. Ele que se dirija a Vilna com duas divisões da cavalaria da reserva. Não quero que ocupe a cidade. Ele só tem de observar e dar conhecimento se avistar o exército russo. Entendido?

Berthier assentiu e pegou numa folha de papel em branco para escrever as ordens.

— Ótimo, isso já está tratado — resmungou Napoleão. — Agora tenho de dormir um pouco. Acorde-me quando o quartel-general estiver pronto. — Napoleão levantou-se da secretária, passou com dificuldade ao lado da mesa de Berthier e deitou-se no catre na extremidade da carruagem, após o que puxou a rede para manter os insetos afastados. Napoleão virou-se de lado, ficando de costas para o exterior, reprimiu novos pensamentos e fechou os olhos. Em breve, o leve ressonar enchia o ambiente. Berthier limpou a fronte,

voltou a pegar na pena, mergulhou-a no tinteiro e continuou a escrever.

A coluna principal do exército francês marchou rapidamente sobre Vilna, onde Napoleão esperava um confronto decisivo. Os despachos intercetados revelaram que o czar em pessoa se juntara ao corpo principal do exército russo. A notícia deixou Napoleão com a esperança renovada de um fim célere para a campanha. A ambição de capturar o monarca, a par da derrota do exército, obrigaria, sem dúvida, o inimigo a submeter-se, pelo que Napoleão ordenou às tropas que avançassem tão depressa quanto possível, mesmo que isso implicasse que os lentos comboios de carruagens de fornecimentos ficassem para trás. Todavia, quando o exército francês chegou a Vilna, os russos já tinham partido, deixando os depósitos de suprimentos em chamas e a ponte sobre o rio Vilna destruída na sua esteira.

Havia ainda uma hipótese de desferir um golpe inicial contra os russos e Napoleão ordenou que Davout levasse as tropas a intercetar Bagration, enquanto Jerónimo o perseguia vindo de sul. Depois, no início de julho, enquanto Napoleão aguardava em Vilna por informações quanto à posição dos exércitos russos, Berthier chegou com uma mensagem de Jerónimo.

— O que tem o meu irmão a dizer? — indagou Napoleão, que estava deitado na banheira do melhor hotel da povoação.

Berthier deu uma vista de olhos ao relatório e depois levantou nervosamente a cabeça.

— *Sire*, Jerónimo diz que as patrulhas montadas perderam há dois dias o contacto com os russos, no dia três.

Napoleão sentou-se.

— Perderam o contacto? Como podem eles perder o contacto? Onde está Jerónimo?

— O despacho foi enviado de Grodno, *sire*.

— Grodno? — Napoleão recordou o nome do mapa e franziu o cenho furiosamente. — Mas que raio está o Jerónimo a fazer? Porque é que o exército dele está a avançar com tanta lentidão? Aquele miúdo tolo vai fazer-nos pagar caro. Berthier, anote o que lhe vou ditar. Diga-lhe que seria impossível liderar pior os homens que tem às suas ordens. Devia estar a massacrar o Bagration a cada passo que desse. Se assim fosse, talvez conseguisse empurrar os russos para o caminho de Davout. Podíamos ter esmagado um dos exércitos do czar, mas em vez disso deixou-o fugir. Diga-lhe que ele me privou de tudo quanto esperava conseguir. Perdemos a melhor oportunidade que já nos surgiu nesta campanha porque não foi capaz de aprender os princípios mais básicos da guerra. Escreveu tudo?

— Sim, *sire*.

— Envie-lhe imediatamente a mensagem. Com um pouco de sorte, estas palavras vão incitar o palerma. Claro que já é muito tarde para servir de alguma coisa desta vez, mas esperemos que da próxima ele reaja com mais ânimo.

Não haveria uma próxima vez. O despacho seguinte do quartel-general de Jerónimo foi redigido pelo marechal Davout. A carta do imperador ofendera o irmão mais novo de tal maneira que este abandonara o exército e regressara ao seu reino da Vestefália, deixando Davout com o comando temporário das tropas. Apesar da fúria, a notícia foi para Napoleão quase uma bênção, já que a perseguição ao exército principal russo se mantinha.

Julho trouxe consigo vários dias de chuvadas que fustigaram as colunas do Grande Exército no seu percurso para leste, incitadas pelo desejo do comandante de encontrar o czar e os seus soldados, e obrigá-los a combater. No espaço de horas, os carreiros sulcados transformaram-se em atoleiros que sugavam as botas dos homens e os cascos dos cavalos, e abrandavam o ritmo dos comboios de artilharia e de carruagens de suprimentos. Conscientes das ordens do imperador de pressionar o inimigo a qualquer custo, os marechais deixaram uma pequena guarda a escoltar os carros e prosseguiram com o avanço.

Quando as chuvas passaram, o Sol brilhou sobre o Grande Exército. As estradas secaram e a substituir a lama levantaram-se nuvens de poeira que enchiam os pulmões e faziam lacrimejar os soldados. Mesmo naquela estação, as noites eram frias e os homens amontoavam-se à volta das fogueiras nos acampamentos. Muitos dos soldados eram inexperientes, ficando rapidamente esgotados com as longas marchas. Quando as rações começaram a escassear, a falta de prática dos veteranos em se prover de alimentos começou a fazer-se sentir e levou à fome. Antes do final de julho, uma longa sequência de campas prolongava-se à retaguarda do exército, e aqui e além via-se um corpo nu ocasional: retardatários mortos e despidos pelos bandos de cossacos que, quais chacais, tinham começado a seguir e a atormentar as colunas francesas.

Não eram os homens os únicos a sofrer. Os cavalos estavam também esgotados e quando a forragem foi consumida, viram-se obrigados a comer cada ponto verde que encontravam ao longo da paisagem russa parcamente habitada. No final de julho, Napoleão ordenou que o exército fizesse alto em Vitebsk, para permitir que os comboios de fornecimentos o alcançassem. Berthier atualizou os cadernos que registavam a força de cada regimento do exército. Da lista de efetivos estavam ausentes quase cem mil homens: muitos destes estavam doentes, alguns eram retardatários e o resto morrera durante a marcha.

Após oito dias, o exército prosseguiu com o avanço e os russos continuaram a recuar, queimando plantações e destruindo quintas e aldeias que ficassem no caminho das colunas francesas. Então, finalmente, em meados de agosto, o inimigo enfrentou-os em Smolensk. Durante dois dias, a infantaria de Ney abriu caminho pelos subúrbios da cidade, acabando por deparar com a ponte sobre o rio Dnieper destruída. O exército viu-se obrigado a esperar ainda mais um dia até que a ponte fosse reparada. Nessa altura, os russos já se encontravam outra vez a recuar para Moscovo.

Napoleão deu ordem para que o exército parasse e descansasse durante o avanço dos

reforços e dos suprimentos. Enquanto os soldados exaustos vasculhavam a cidade em busca de alimentos e de saques, Napoleão convocou os marechais ao quartel-general temporário para que se avaliasse a situação. Estava-se no pino do verão russo e as janelas da mansão sobranceira ao Dnieper estavam escancaradas, para captar a mais pequena brisa que soprasse. Os comandantes do grupo do exército central estavam tão cansados como o imperador e quando Berthier abriu o mapa da campanha à frente deles, Napoleão apercebeu-se do desespero carregado nos olhos dos homens ao contemplarem os quatrocentos e cinquenta quilómetros que ainda distavam entre Smolensk e Moscovo.

Um ordenança serviu vinho, refrescado na casa do gelo da mansão, e Napoleão esperou que o soldado se retirasse antes de se dirigir aos oficiais.

— Meus amigos, fomos obrigados a avançar mais profundamente na Rússia do que o antecipado. Parece que o czar está disposto a sacrificar todo o país, em vez de nos enfrentar em combate. O exército já marcha há dois meses, e a cada dia que passa, perdemos mais homens e cavalos para a doença, a fome e a exaustão. A força de ataque principal ficou reduzida a pouco mais de cento e cinquenta mil homens. Hoje, os nossos batedores confirmaram que o general Bagration conseguiu juntar-se ao grosso do exército russo. Murat estima que o czar disponha agora de cento e vinte e cinco mil soldados entre nós e Moscovo.

Napoleão olhou à volta da mesa, para Berthier, Ney, Murat e Davout. Em tempos, quando era mais jovem e não se encontrava agrilhoado pelos deveres de um imperador, Napoleão não hesitaria em prosseguir com o avanço e aqueles homens tê-lo-iam seguido sem pensar duas vezes. Agora? Já não os tinha como tão garantidos.

Recostou-se, ergueu o copo e deu um gole rápido antes de continuar.

— Temos algumas opções. Neste momento, o exército está a chegar ao limite da resistência. Se queremos prosseguir com o avanço até Moscovo, onde tenho a certeza de que o czar nos irá enfrentar, é essencial que os homens estejam descansados. Ao mesmo tempo, isso vai garantir a oportunidade de sermos alcançados pelos comboios de fornecimentos. Vamos precisar deles para nos suprirem durante a marcha final até Moscovo, já que é certo que os russos vão destruir quaisquer reservas de alimentos e de forragem que fiquem no nosso caminho. — Fez uma breve pausa. — Não há dúvida de que, se prosseguirmos com o avanço, nos depararemos com uma série de riscos. O que me leva a uma segunda possibilidade de ação. Paramos agora e passamos o inverno em Smolensk. Assim ficaremos com tempo para reorganizar os suprimentos e para descansar os homens, para que possamos retomar a campanha na primavera, a uma distância acessível para o ataque a Moscovo. Claro que não imagino que seja fácil manter um exército com a dimensão do nosso ao longo do inverno. A última opção é a mais difícil. Retiramos sobre o Neman, passamos o inverno na Polónia e voltamos a avaliar a situação estratégica na primavera. — Napoleão cruzou as mãos e olhou para os outros. — E então?

— A retirada está fora de questão, *sire* — retorquiu Ney de imediato. — Os nossos inimigos diriam que tínhamos sido derrotados. Eles já ostentam os nossos reveses em Espanha como prova de que a França se está a desmoronar. Sugiro que continuemos a avançar. Só precisamos de uma grande vitória. Depois podemos dar-nos ao luxo de descansar e alimentar os nossos soldados.

Murat concordou.

— O Ney tem razão. Temos de resolver este assunto assim que possível. Mesmo que não retirássemos e permanecêssemos em Smolensk, os russos iriam apresentar isso como uma derrota. Continuemos com o avanço, seja qual for o custo, desde que persigamos o czar e esmaguemos o seu exército.

Napoleão aquiesceu enquanto ponderava os conselhos e depois dirigiu-se a Davout.

— E quanto a si?

Davout passou com a mão pelo cabelo que rareava.

— Tal como pode ver no mapa, encontramo-nos ainda a mais de quatrocentos quilómetros de Moscovo. O desgaste dos nossos homens vai aumentar conforme avançamos. Tendo em conta o ritmo atual das nossas perdas, será uma sorte se chegarmos a Moscovo com um terço dos soldados com que partimos.

— Se tomarmos Moscovo, não precisamos de mais de um terço — interveio Ney. — E um terço será mais do que suficiente para derrotar o exército russo, caso eles tenham coragem de nos enfrentar.

Davout franziu brevemente o cenho.

— Porque haveriam eles de lutar? Até agora ainda não o fizeram. E se nos deixarem tomar Moscovo e se recusarem a negociar a paz? Podem continuar a atrair-nos, a fazer render o tempo enquanto as nossas forças se esvaem, e depois atacar, quando estiverem em vantagem. E ainda temos de pensar em mais uma coisa, *sire*. Se sofrermos um revés e formos obrigados a retirar, podemos vir a enfrentar um desastre, tendo em conta as distâncias envolvidas. Acredito que a nossa prioridade deve ser manter o exército na melhor forma possível. Talvez seja prudente passar aqui o inverno.

— Agradeço-lhe a sinceridade, Davout. — Napoleão levou o dedo à gola para limpar o suor do pescoço. — Deseja acrescentar mais alguma coisa, Berthier?

O chefe do estado-maior franziu os lábios.

— Receio que o Davout tenha razão, *sire*. Cada passo que damos em direção a Moscovo aumenta o risco de uma catástrofe, especialmente com a chegada do inverno. Falei com alguns dos nossos guias locais. O inverno russo pode matar-nos a todos.

Napoleão ponderou a situação em silêncio durante alguns instantes. A par das dificuldades imediatas, tinha outras preocupações. Estava longe de Paris e as más notícias de Espanha deixavam-no bastante apreensivo. Pior ainda, na ausência do imperador, os seus inimigos em

França tornavam-se cada vez mais destemidos. Quanto mais depressa regressasse à capital, melhor. Tamborilou na mesa com os dedos da mão direita enquanto sopesava cada fator. Por fim tornou-se claro que teria mais a perder se protelasse as ações do que se as abraçasse. Bebeu mais um gole do vinho refrescado e tomou uma decisão.

— Não acredito que o czar nos entregue Moscovo de mão beijada se prosseguirmos com o avanço. Estou convencido de que ele nos vai enfrentar algures na estrada de Smolensk. Caso se recuse a lutar, nesse caso o povo vai matá-lo e encontrar um novo czar. É por isso que vai combater. Aposto o exército nisso. Ele vai combater, nós vamos derrotá-lo e tomar Moscovo no espaço de um mês. Depois, o czar vai negociar a paz. O que mais poderá fazer?

CAPÍTULO 29

Shevardino, 6 de setembro de 1812

— Tem muitas parecenças, não é verdade? — Napoleão observou o retrato do filho, depois puxou do lenço de bolso e limpou o nariz, resmungando: — Maldito frio.

À sua volta, o pessoal do quartel-general e os marechais acenaram a sua concordância, enquanto olhavam para a pintura que tinham sido chamados a ver. Chegara numa carruagem escoltada, a par dos mais recentes despachos e cartas do governo. Napoleão guardou o lenço, fungou e aproximou-se do quadro, na sua estreita moldura dourada. Fitou o rosto da criança e, por um segundo, os olhos pareceram ganhar vida e encará-lo ternamente. Napoleão sentiu uma pontada de melancolia, mesmo sabendo que não passava de um truque da técnica artística. Chegou-se à frente e afagou a face com o dedo. A superfície áspera de tinta e tela que recebeu o toque quebrou a ilusão e o imperador recuou.

— Levem-no para os meus aposentos. Pendurem-no junto à cama.

Os dois criados que seguravam a moldura curvaram a cabeça e transportaram cuidadosamente a pintura para fora da sala. Quando saíram, Napoleão virou-se e encarou os oficiais.

— Recebi más notícias de Espanha. Há seis semanas, o marechal Marmont foi derrotado por Wellington nos arredores de Salamanca. É possível que Madrid já tenha caído. A nossa posição em Espanha é arriscada e isso, cavalheiros, significa que teremos de concluir o mais depressa possível os nossos assuntos na Rússia.

Dirigiu-se às grandes portas abertas que davam acesso a uma varanda larga. A vista da casa de verão no extremo da aldeia abarcava o panorama oriental. A menos de dois quilómetros erguiam-se os montes onde o exército russo bloqueava o caminho para Moscovo.

— Venham aqui fora, por favor. — Os oficiais saíram para o sol vespertino. O céu estava imaculado e a extensão cerúlea transmitia uma sensação de serenidade que destoava dos preparativos de batalha que decorriam na terra.

— Eu disse-lhes que o czar se decidiria a lutar. — Napoleão ostentou um sorriso sinistro ao perscrutar as linhas russas à sua frente. Era uma posição forte e o inimigo aproveitara bem o tempo para erguer fortificações formidáveis que lhe protegiam o centro das formações. O flanco direito aproveitava a proteção do rio Kalatsha e da vila de Borodino, na outra margem, e o esquerdo era defendido por uma mata densa e pela povoação de Utitsa, mais além. Blocos sólidos de infantaria e cavalaria mostravam-se claramente nas encostas sobranceiras a Shevardino e uma estreita linha de escaramuceiros marcava a erva acastanhada no sopé da colina, a pouca distância dos seus homólogos franceses. Durante

toda a manhã, um grupo de padres fizera desfilar artefactos religiosos ao longo das fileiras do exército russo, e as formações longínquas tremeluziam ao sol quando se ajoelhavam e curvavam a cabeça à passagem dos sacerdotes.

Mesmo com os últimos reforços, o exército francês apenas dispunha de uma força de centro e trinta mil homens. Estimava-se que os russos tivessem quase o mesmo número de soldados em campo, mas, não obstante, Napoleão continuava a acreditar em mais uma vitória para o Grande Exército. O czar já entregara a iniciativa a Napoleão, ao optar por defender o terreno, em vez de prosseguir com a retirada.

Napoleão levantou o braço e apontou para o centro da linha russa.

— É ali que vamos atacar amanhã, pela alvorada. Vamos reunir as nossas peças à frente das fortificações e desfazê-las antes de a infantaria avançar. As tropas do príncipe Eugénio vão atacar o flanco esquerdo, enquanto Poniatowski trata do direito. — Virou-se para encarar os oficiais. — É esse o plano de batalha.

Os subordinados entreolharam-se, surpreendidos, e Napoleão não pôde deixar de franzir o cenho. O frio intenso dos últimos dias deixara-o ainda mais cansado do que o habitual. A cabeça latejava-lhe. Agarrou as mãos atrás das costas e bateu impacientemente o pé.

— Há comentários?

Eugénio anuiu.

— Um ataque frontal àquelas fortificações vai ser uma tarefa sangrenta, *sire*.

— É claro. Mas assim que estivermos na posse dos redutos, podemos esmagar o centro russo e destruir cada flanco à vez.

— *Sire*. — Davout tomou a palavra. — Um ataque frontal é excessivamente arriscado. Se perdermos demasiados homens, não teremos hipótese de penetrar nas linhas inimigas. E mesmo que o conseguíssemos, corremos o risco de estar muito debilitados para levar a cabo uma perseguição eficaz.

— Estou a ver. Nesse caso, o que sugere, Davout? Que esperemos por um ataque do czar? Até agora, ele pouco espírito ofensivo nos mostrou.

Davout abanou a cabeça.

— Não, *sire*. É claro que temos de atacar. Mas o terreno está aberto a sul. Não há nada que nos impeça de rodear os russos para lá de Utitsa. Murat pode levar a cavalaria a contornar o flanco e atacar a retaguarda das linhas russas enquanto decorre o assalto principal.

— Se não estivéssemos a falar do czar, concordaria consigo. Temo-lo perante nós. Ele está disposto a combater e não quero dar-lhe qualquer desculpa para recuar e prosseguir com a retirada. Temos de fazer o possível por encorajá-lo a permanecer à nossa frente. Fui claro?

Davout abanou a cabeça.

— *Sire*, a nossa cavalaria é a melhor da Europa. Porque trouxemos tantos cavaleiros connosco, se não estamos preparados para os usar? Esta oportunidade de encurralar o czar é uma dádiva dos céus.

— Ele tem razão, *sire* — asseverou Murat. — Permita que a minha cavalaria resolva o assunto.

Napoleão levou a mão à testa. Decidira-se num plano e sopesara o risco de sofrer baixas pesadas contra o receio de que o czar voltasse a escapar-se. Era demasiado tarde para mudar de ideias. Sentia a cabeça a latejar e, apesar do calor do dia, tinha frio e o corpo começou a tremer-lhe. Quando Murat fez menção de voltar a falar, Napoleão levantou a mão para o silenciar.

— Basta! O Grande Exército tem as suas ordens e cada um de vós tem as suas. Só falta disporem os vossos homens para o que os espera amanhã. Estão dispensados. Saiam.

O Sol nascente estava ainda oculto pelas colinas onde se espalhavam batalhão atrás de batalhão de tropas russas. As silhuetas e os estandartes dos homens nas cumeadas recortavam-se negros contra o suave tom alaranjado do céu oriental. Os redutos agigantavam-se, ominosos, nas encostas ensombradas das colinas. O maior ficava à direita da linha que dominava a ponte fluvial de acesso a Borodino. À frente estava uma vala, depois algumas elevadas barreiras de proteção e dezenas de canhoeiras, através das quais as bocas-de-fogo eram apontadas às linhas francesas. As restantes fortificações assumiam a forma de dois triângulos enormes, com as pontas dirigidas ao inimigo. Napoleão sabia que quando a infantaria avançasse, o fogo cruzado a partir dessas formações seria devastador.

Não dormira bem. O resfriado dificultara-lhe a respiração e acordara-o durante a noite. Esforçava-se agora por pensar com clareza enquanto observava os preparativos finais para a batalha. As tropas de Ney e de Davout estavam prontas a avançar. À frente delas perfilavam-se mais de quatro centenas de canhões, agrupados em baterias para bombardear as fortificações russas. As peças tinham sido protegidas por defesas erguidas à pressa, mas, na véspera, o comandante da artilharia de Napoleão, o general Lariboisière, informara-o de que se encontravam fora do alcance eficaz das defesas russas. As armas tiveram por isso de ser arrastadas para a frente durante a madrugada, estando agora em terreno aberto. A reserva, na forma da Guarda Imperial, estava alinhada no exterior de Shevardino.

O ar estava parado e alguns gaivões rasavam a erva pisada, devorando os primeiros insetos do dia. A maior parte dos soldados de ambos os lados aguardavam num silêncio sombrio. Uns poucos tinham encontrado bebidas brancas e tentavam incentivar brindes, ou dar início a canções, mas os sons rapidamente esmoreciam. Napoleão ordenara que as bandas francesas avançassem até à primeira ala e ficassem prontas a tocar melodias animadas assim que o ataque começasse.

Berthier olhou para o relógio e tossiu.

— Está na hora, *sire*.

— Dê a ordem.

Berthier dirigiu-se ao tenente de artilharia que esperava e acenou com a cabeça. O artilheiro levou a mão em forma de concha à boca e gritou para a peça sinalizadora do quartel-general:

— Fogo!

O sargento encarregue da arma chegou-se à frente para levar o bota-fogo à mecha. As faúlhas saltaram por momentos e depois o cano estremeceu quando uma comprida língua de fogo saltou da boca, seguida de imediato por uma voluta de fumo de pólvora e um ribombar como o de um trovão. Houve um breve atraso e depois a primeira bateria rugiu os seus disparos. As outras abriram fogo momentos depois e em breve o som tornava-se contínuo, chegando ao campanário de Shevardino para onde Napoleão e Berthier tinham subido, para observar o campo de batalha.

As bolas de ferro trespassaram as fortificações nas encostas da posição russa, fazendo saltar a terra solta. Alguns tiros acertaram nas canhoeiras, derrubando as faxinas de verga que protegiam as equipas de artilheiros. Os canhões russos responderam ao fogo e rapidamente começaram a debelar os artilheiros franceses desprotegidos. Napoleão viu uma carreta a estilhaçar-se, com as madeiras a lançar farpas um pouco por todo o lado e a derrubar os seis homens de ambos os lados da peça. Em breve, as baterias das duas fações ficavam envoltas num fumo denso e disparavam às cegas.

Ao troar contínuo dos canhões juntou-se um novo som: o matraquear agudo dos tambores que tocavam o *pas-de-charge* e que marcava o início do avanço de toda a linha de infantaria francesa. A norte, Napoleão via os blocos escuros dos homens de Eugénio a convergir sobre Borodino, na outra margem do Kalatsha. À frente dele, as primeiras divisões de Ney e Davout já subiam as encostas. Na vanguarda seguiam os *voltigeurs*, que disparavam contra os escaramuceiros russos no regresso destes à linha principal do exército.

As baterias nos redutos cessaram o fogo sobre as armas francesas e foram recarregadas com metralha, antes de serem dirigidas às densas formações de infantaria que subiam na direção dos russos. Momentos depois, os primeiros tiros rasgaram as formações avançadas francesas, derrubando vários homens de cada vez. O fogo dos canhões russos intensificou-se e a infantaria agachou-se, enquanto os oficiais os mandavam avançar e os tambores continuavam a rufar, incitando freneticamente os soldados a mergulhar na chuva destruidora que varria as encostas.

A partir da torre da igreja, Napoleão e Berthier observaram o progresso do ataque pelos telescópios, até que os homens de Ney e Davout entraram nas nuvens de fumo que envolviam os redutos, desaparecendo de vista. Abaixo do fumo viam agora centenas de corpos de

casacas azuis a pontuar a encosta. Napoleão respirou fundo e fechou o telescópio.

— Vamos, não há grande coisa a ver daqui. Será mais fácil seguir a batalha lá de baixo. — Desceu à frente até à nave da igreja, que fora despojada de tudo para garantir espaço para a comitiva imperial. Montara-se uma mesa para mapas e um grupo de oficiais subalternos ocupava-se a assinalar os movimentos do exército com pequenos blocos de madeira colorida, enquanto mensageiros iam e vinham a correr, com despachos redigidos à pressa.

Pesasse embora a ansiedade e a excitação familiares sempre que se envolvia numa batalha, a fadiga e a doença dos últimos dias exerciam um grande desgaste sobre Napoleão. Sentou-se pesadamente num banco instalado numa alcova na parede da nave e apoiou a cabeça nas mãos. Lá fora prosseguia o estrondear das armas e os estremecimentos conseguiam chegar ao ponto onde estava sentado. Uma hora depois do início do ataque, Berthier dirigiu-se a Napoleão.

— *Sire*, já temos relatórios de todas as tropas.

— E então?

— O príncipe Eugénio tomou Borodino e enviou uma divisão para o outro lado do rio, para se apoderar do monte Gorki.

— Não. — Napoleão ergueu o olhar. — Uma divisão não chega. Ele tem de a apoiar, ou então de retirar.

— Com certeza, *sire*.

— O que mais?

— Davout está a atacar as duas fortificações à direita da aldeia de Semenowska. Assim que forem tomadas, ele dará a volta para atacar o maior reduto do outro lado da aldeia.

— Ótimo. E quanto ao príncipe Poniatowski?

— Tomou Utitsa, *sire*. No entanto, ele relata a existência de um grande número de soldados de infantaria inimiga e algumas peças de artilharia no arvoredo junto à povoação. Vai enviar escaramuceiros para os expulsar.

Napoleão acenou com a cabeça. Até aí tudo corria de acordo com os planos. Assim que Davout assumisse o controlo de Semenowska e dos redutos, poderia encaminhar-se para a esquerda e fazer recuar os russos contra o rio. Olhou para Berthier.

— O que perdemos?

— Os primeiros relatórios dizem que as formações avançadas sofreram baixas pesadas. Uma das divisões de Davout foi desfeita e os sobreviventes recuaram.

Napoleão franziu os lábios. Esperara perder muitos homens, mas o seu sacrifício valeria a pena, caso o exército russo fosse destruído.

— Muito bem, Berthier. Informe-me de quaisquer novos desenvolvimentos.

— Sim, *sire*. — Berthier fez uma breve vénia e deu meia-volta, apressando-se a juntar-se aos adidos. Napoleão pensou em regressar à torre, mas de pouco valia isso, já que o fumo

iria obscurecer-lhe a visão. Não se sentia bem a ponto de montar a cavalo e seguir até à frente de combate, por isso teria de acompanhar a batalha no mapa. Sentou-se na nave e aguardou. Uma hora depois chegou uma nova remessa de despachos, que Berthier leu com uma expressão tensa, antes de voltar a dirigir-se ao imperador.

— Os russos contra-atacaram, *sire*. A divisão de Eugénio foi expulsa dos montes e Davout perdeu o controlo de Semenowska. Reagrupou os homens e está a preparar outro assalto, com o apoio de Ney. Poniatowski foi detido pouco à frente de Utitsa. Os russos têm centenas de canhões a cobrir a estrada.

— Muito bem. Diga ao Murat que deixe um dos corpos de cavalaria em prontidão para apoiar Davout, e envie ordens a Eugénio para que três divisões atravessem o rio e ataquem o reduto principal.

Ao longo da hora seguinte foram chegando relatórios esporádicos ao quartel-general imperial. Os combates em torno do centro russo iam absorvendo cada vez mais soldados de Davout e de Ney. Tinham-se perdido vários generais franceses e Davout fora atingido, mas o ferimento fora tratado rapidamente, pelo que pôde continuar a liderar os homens. Mesmo assim, os russos ainda estavam na posse da aldeia de Semenowska e das fortificações. Antes do final da terceira hora de combates, Napoleão vira-se obrigado a mandar avançar as forças de reserva de Junot, para apoiar o ataque. Todas as formações estavam agora envolvidas na batalha, à exceção dos vinte e cinco mil homens da Guarda Imperial, reunidos num outeiro a pouca distância da igreja.

Napoleão pegou no telescópio e reuniu as forças, subindo à torre para tentar avaliar o progresso do último ataque ao centro russo. Todo o poderio de três corpos de infantaria, a par de dez mil cavaleiros, ia avançando, apoiados por duzentos e cinquenta canhões. O inimigo também concentrara a artilharia no centro, com outras peças a fustigar o flanco gaulês a partir do maior dos redutos. As colinas opostas à igreja estavam agora repletas de cadáveres e um fluxo constante de feridos coxeava encosta abaixo para fugir à devastação de fogo de canhão e de mosquete em torno de Semenowska e das suas fortificações mais pequenas. Lentamente, o fumo dissipou-se no centro russo e Napoleão apercebeu-se de que o inimigo começava a ceder terreno. Chegara a altura de ter a cavalaria a avançar para quebrar a linha russa.

Regressou à nave para dar as ordens e depois puxou de uma cadeira para se sentar junto à mesa dos mapas, onde aguardaria por mais informações. Por certo, a cavalaria de Murat iria dispersar os russos, pensou. Após a canhonada anterior e os assaltos da infantaria francesa, os russos estariam profundamente abalados. A visão de milhares de elementos da cavalaria pesada a carregar contra eles seria a última gota. Contudo, os minutos foram passando e não houve notícia de uma penetração. Depois, após quase uma hora, Murat enviou uma

mensagem. Por incrível que parecesse, os russos não tinham fugido. Em vez disso, tinham formado quadrados e retirado para uma cumeada mais de três quilómetros atrás da posição inicial. Murat pedia que a Velha Guarda fosse enviada para resolver o assunto. Napoleão terminou de ler a mensagem e devolveu-a a Berthier.

— A Guarda Imperial é a última reserva que nos resta — resmungou. — O Murat quer atirá-los contra os canhões russos. Diga ao Murat que ele e os meus outros marechais têm de se desenvencilhar com o que têm. O inimigo continua a resistir no reduto mais forte. É preciso tomá-lo antes de avançarmos mais. Quero todas as armas apontadas àquele reduto. Os corpos de Eugénio vão atacar pela frente, enquanto a cavalaria de Caulaincourt rodeia o flanco para tomar o reduto pela retaguarda.

Berthier anuiu.

Napoleão fitou o mapa, absorto, e resmungou:

— Não vou destruir a Guarda. São a derradeira formação fresca do exército. Estamos demasiado longe de casa para arriscarmos tudo.

O meio do dia passou com Eugénio a reunir as forças para o assalto ao reduto. Só pelas duas horas da tarde é que quatro centenas de canhões abriram fogo, desfazendo as canhoeiras, desmantelando dezenas de peças e matando os artilheiros. Quando os homens de Eugénio convergiram sobre o reduto, os defensores desorientados abriram fogo com os canhões restantes, enquanto a infantaria russa se espalhava pelas fortificações massacradas e disparava contra a massa em aproximação. As primeiras alas avançaram ao ritmo dos tambores franceses, trepando os lados inclinados da fortificação, e confrontaram os defensores numa feroz luta corpo a corpo com aço e as coronhas dos mosquetes.

O estrépito dos clarins juntou-se ao som dos tambores quando a cavalaria francesa irrompeu a partir do flanco do reduto e varreu a linha de infantaria que guardava as entradas abertas da retaguarda da fortificação. A guarnição ficou encurralada entre as duas forças e em menos de uma hora todos os soldados foram dizimados. Não se fez um único prisioneiro.

Napoleão anuiu, satisfeito, quando ouviu a notícia de um dos oficiais do estado-maior de Ney.

— Ótimo. Chegou o momento de levar a cabo um último assalto. Diga a Ney que avance e as honras do dia serão dele.

— *Sire*, o marechal Ney diz que os soldados dele estão demasiado exaustos para avançar, e que perdeu muitos homens.

— O Ney disse isso? — Napoleão sentia-se chocado. Será que até o mais corajoso e agressivo dos seus marechais tinha perdido a coragem? — O Ney?

— Sim, *sire* — assentiu nervosamente o oficial. — E ele implora-lhe que mande avançar a Guarda. Pediu para lhe garantir que se atacarem agora, o que resta da linha russa vai ceder.

— Não! Não! Não! — Napoleão esmurrou a mesa. — A Guarda fica onde está! Diga ao

Ney, ao Davout e ao Murat que têm de avançar.

Só ao final da tarde os exaustos soldados franceses, decididos a obedecer às ordens do imperador, acabaram por voltar a formar as colunas. À sua volta jaziam dezenas de milhares de homens e cavalos mortos e feridos. À frente, na cumeada seguinte, aguardavam milhares de elementos da cavalaria russa, ocultando os restos do exército do czar, que também ordenavam mais uma vez as alas. As peças de artilharia francesas tornaram a cuspir chamas, fumo e pesadas bolas de ferro, que descreveram arcos sobre o campo de batalha e ceifaram as linhas de cavaleiros russos. As tropas montadas mantiveram-se estoicas ante o avanço dos franceses. Depois ouviu-se o chamamento dos clarins e a cavalaria inimiga deu meia-volta, afastando-se a trote para se juntar à infantaria e aos canhões que abandonavam o campo de batalha.

Ney mandou fazer alto e, à luz do Sol que se desvanecia, os homens espalharam-se, arrasados, pela crista da elevação empapada com o sangue de tantos soldados franceses e inimigos. Quando se assegurou de que não corriam o risco de um contra-ataque, Ney regressou ao quartel-general para confrontar o imperador.

— A Guarda teria feito toda a diferença! — Ney fustigou o imperador com um olhar furioso.

Napoleão, pálido e transpirado devido à enfermidade, retribuiu o olhar. Ney tinha a cabeça enfaixada, com o tecido escuro no local onde o crânio fora lacerado por uma bala perdida de mosquete. Fora igualmente atingido na coxa e duas vezes no braço por lascas de pedra, arrancadas por bolas de canhão caídas perto do seu cavalo.

— Um derradeiro assalto com tropas frescas teria decidido uma vitória grandiosa. — Ney abanou a cabeça. — E agora, eles fugiram.

— Está errado — retorquiu Napoleão calmamente. — Hoje conquistámos uma grande vitória. Foi isso que ordenei que Berthier relatasse a Paris. Confrontámos o inimigo e devastámo-lo.

— O quê? — Os lábios de Ney contorceram-se de desprezo. — Só um idiota acreditaria nisso. Que grande vitória. — Gesticulou na direção das fortificações inimigas destruídas. — Conquistámos alguns montes de escombros e duas aldeias em ruínas. O exército do czar continua intacto e agora teremos de voltar a combater. E tudo porque a Guarda se recusou a sujar a farda.

— A ordem foi minha — redarguiu friamente Napoleão enquanto esfregava a testa. A dor de cabeça regressava pior do que nunca. — Assumo toda a responsabilidade pelas consequências.

— Que bom para si, *sire*.

Napoleão ignorou o tom de motejo e prosseguiu:

— O que interessa é que derrotámos o exército do czar. Mesmo que tenha conseguido salvar a maior parte dos homens, agora não há nada que nos impeça de chegar a Moscovo.

CAPÍTULO 30

Moscovo, 15 de setembro de 1812

Napoleão estava no Kremlin, à janela do gabinete privado do czar, a fitar a histórica capital russa com uma expressão horrorizada. Um tom vermelho-sangue iluminava-lhe o rosto enquanto mirava a grande extensão de Moscovo que se encontrava em chamas.

Chegara à cidade pouco antes do meio-dia, depois de na véspera os primeiros cavaleiros de Murat terem cuidadosamente percorrido as ruas abandonadas. Os cruzamentos tinham sido forrados com cópias de uma proclamação emitida pelo governador de Moscovo, onde ordenava que a cidade fosse evacuada, caso contrário a população seria detida e possivelmente executada por traição. Como seria de esperar, muitos tinham-se recusado a partir e esconderam-se, reaparecendo mais tarde para desfrutar da liberdade de entrar nas casas mais ricas e roubar quaisquer valores que encontrassem. Regressaram aos esconderijos assim que avistaram as tropas francesas a entrar na cidade. Os soldados do Grande Exército, esfomeados e esfarrapados, prosseguiram o trabalho iniciado pelos nativos.

— Quem ateou os fogos? — indagou Napoleão.

— Ainda não descobrimos, *sire* — respondeu Murat. — Os soldados da infantaria ainda não tinham chegado a essa zona da cidade aquando das deflagrações, pelo que poderá ter sido obra de alguma patrulha montada. Ou talvez tenham sido os russos.

— Os russos?

— E porque não, *sire*? Têm vindo a incendiar plantações, aldeias e pontes durante a retirada.

— Isso é uma coisa. Agora destruir a cidade mais sagrada do próprio país é algo completamente diferente. Não acredito que Alexandre pudesse fazer tal coisa. Tamanho ato de barbárie.

Murat encolheu os ombros.

— Talvez tenha subestimado o czar.

Napoleão franziu o cenho. Ter-se-ia enganado em relação a Alexandre? Seria o seu adversário um homem muito mais impiedoso do que imaginara? A ser assim, Napoleão cometera o maior erro da sua vida. Era um conceito perturbador, que foi prontamente expulso da sua mente ao virar-se para Murat.

— O que está a ser feito para conter os fogos?

Murat pareceu surpreendido.

— Ora, nada, *sire*. O problema não é nosso.

— Mas vai ser, a menos que se faça alguma coisa. O exército precisa de abrigos e de

alimentos, coisas que não terão até que se trate do incêndio.

Murat pensou rapidamente.

— Será melhor usarmos a Guarda. A maioria das outras divisões está a saquear. De momento, a Guarda é praticamente a única unidade disciplinada que nos resta. Isto é, se o meu imperador a puder dispensar.

— Leve-os — redarguiu Napoleão de imediato. — O fogo tem de ser contido.

Murat anuiu.

— Por enquanto está limitado à zona mais pobre da cidade. A maior parte das casas do bairro são frágeis, feitas de madeira. Em princípio seremos capazes de demolir habitações suficientes para criar um corta-fogo.

— Muito bem, trate disso, Murat. — Napoleão acenou para dispensar o comandante da cavalaria. A porta fechou-se com um estrondo e Napoleão voltou a ficar sozinho. Afastou-se da janela e começou a examinar a sala, curioso para saber o que revelaria acerca do czar.

O gabinete era iluminado por um punhado de velas que ardiam num candelabro. Quadros de elementos da família e de antepassados ilustres adornavam as paredes, embora ali faltasse Nicolau, o pai de Alexandre, que fora assassinado pelos homens que tinham colocado o czar atual no trono. A vasta secretária, com a sua marchetaria intricada, estava vazia, à semelhança dos armários de documentos em toda a suite do czar. Montes de cinzas e marcas de fogo conspurcavam os brilhantes mosaicos de mármore, assinalando os locais onde se tinham incinerado documentos confidenciais. Uma longa fila de estantes forrava a parede oposta às janelas e Napoleão percorreu as lombadas com o dedo. Algumas das prateleiras continham trabalhos em russo e outros textos em latim e alemão, mas a maioria dos livros era em francês. Napoleão sorriu ante a gama eclética de escritos, que variavam desde tratados filosóficos obscuros aos trabalhos de Rousseau e Voltaire. Com que então, o czar era um homem interessado em política liberal, meditou Napoleão. Uma pena, podia ter-se revelado um bom francês. Depois fez uma pausa, fixou o olhar e sorriu. Numa das prateleiras superiores avistara algumas obras românticas licenciosas, do estilo vendido nos bairros menos aconselháveis de Paris.

— Também é um homem do povo. — Com um sorriso, Napoleão esticou o braço para retirar um dos livros. Folheou com indolência as primeiras páginas. Depois guardou o tomo no bolso do casaco e percorreu a sala, sentando-se na cadeira estofada e finamente entalhada à secretária. Mesmo à frente dele, na parede oposta, estava pendurado um retrato de Alexandre de farda, a mão enluvada apoiada no punho de uma espada curva. Napoleão fitou o quadro algum tempo, até que resmungou: — Porque não te rendes? Porquê? O teu exército foi derrotado. A tua maior cidade caiu e está em chamas. Quanto mais vais aguentar? É uma loucura continuar com a guerra. Vais negociar a paz. Sei que vais.

O fogo lavrou durante três dias, consumindo a maior parte da cidade antes de se extinguir, ou de ser detido pelos corta-fogos criados pelos soldados franceses, que arrasaram ruas inteiras com cargas de pólvora. O ar sobre a cidade estava impregnado com o fedor acre a queimado e o fumo continuou a subir para o céu azul durante vários dias. Apenas um quarto da cidade, onde se incluía o Kremlin, se salvara das chamas, mas era mais do que suficiente para acomodar os homens do Grande Exército.

Após a orgia inicial de pilhagem, os soldados dedicaram-se a tornar o aquartelamento tão confortável quanto possível enquanto descansavam e desfrutavam da comida que encontravam na cidade abandonada. Era a oportunidade de os feridos recuperarem no conforto de camas a sério, e não nos catres sobrelotados e incómodos de uma carruagem militar. Muitos homens aproveitaram o tempo disponível para remendar as fardas rasgadas, reparar as botas, ou encontrar substitutos mais confortáveis. Acreditaram de bom grado nas proclamações emitidas pelo quartel-general do imperador, que os felicitavam por terem combatido na campanha, levando-a a uma conclusão gloriosa e bem-sucedida. Bastava que o imperador e o czar negociassem a paz e depois os soldados do Grande Exército poderiam regressar a casa, providos de saques e de narrativas sobre como tinham defrontado e vencido os indómitos cossacos das estepes.

Os dias passaram e não houve oficiais russos que se dirigissem à cidade para discutir um acordo de paz. Apesar da ausência de um armistício, as patrulhas montadas de Murat relatavam que os homólogos cossacos se prestavam a confraternizar e a trocar bebidas e outras ofertas. A única informação preocupante dizia respeito ao facto de o oficial russo destacado para a liderança das forças do czar, o general Kutusov, estar a encaminhar os seus homens para oeste de Moscovo, ameaçando as vias de comunicação do Grande Exército.

Setembro deu lugar a outubro e o aproximar do final do outono trouxe consigo uma queda acentuada da temperatura. Napoleão deu ordens a Berthier para que o exército se preparasse para marchar uma vez mais. Havia a possibilidade remota de que o exército russo tivesse de ser enfrentado outra vez, para eliminar qualquer desejo que o czar ainda acalentasse de continuar a luta. E o imperador esperava ainda pelos russos. Aguardava-os a todas as horas e passava a maior parte do tempo no gabinete do czar, pronto a receber os representantes cansados e desanimados do monarca. Tinha dificuldade em concentrar-se em tudo o mais e, para lidar com a espera, Napoleão começou a ler os romances da coleção privada de Alexandre, por mais banais e estupidificantes que fossem. Às refeições, os camaradas mais chegados surpreenderam-se com a demora dele com a comida, debicando-a cuidadosamente, quando até então Napoleão apenas tratava esses momentos como uma perda de tempo necessária.

No quinto dia do mês, Napoleão ordenou subitamente que uma delegação liderada pelo general Delacorte, que em tempos servira na embaixada russa, fosse enviada a Kutusov, com

o objetivo de requerer uma audiência com Alexandre. Regressaram passados seis dias e Delacorte foi levado à presença do imperador, para apresentar o seu relatório. Napoleão recebeu-o calorosamente.

— Fico satisfeito por ter regressado em segurança.

— Obrigado, *sire*. — Delacorte fez uma vénia com a cabeça.

— Diga-me então, o que aconteceu?

— Encontrámos facilmente o exército de Kutusov e fomos escoltados através dos piquetes, até ao quartel-general de campanha. Recebeu-nos e insistiu para que jantássemos com ele e os seus oficiais antes de discutirmos o propósito da nossa missão. Primeiro entreguei-lhe a sua carta, *sire*, onde se pedia a negociação de um armistício e o meu salvo-conduto até à presença do czar. Kutusov recusou-se a deixar-me prosseguir. Ficou com a sua missiva e garantiu-me que seria entregue nas mãos do czar.

Napoleão franziu o cenho.

— Tinha ordens para entregar a carta em pessoa.

Delacorte encolheu os ombros.

— Não vi outra atitude a tomar, *sire*.

Napoleão fitou-o por um instante.

— Muito bem. Continue.

— Claro, *sire*. Ficámos no quartel-general de Kutusov, enquanto aguardávamos por uma resposta. Ele continuou a tratar-nos bem e asseverou que ele e os seus homens nada mais queriam do que a paz entre a Rússia e a França. Depois, ontem de manhã, chegou uma resposta do czar.

— Uma resposta? E onde está ela?

Delacorte hesitou, ao que levou a mão ao casaco e retirou uma única folha de papel, dobrada, sem qualquer selo. Entregou-a a Napoleão, que a abriu e leu a breve mensagem, escrita em francês com uma caligrafia cuidada.

A vossa majestade imperial, Napoleão de França, os meus cumprimentos.
Agradeço a vossa carta, em que roga que vos apresente os meus termos preliminares para a discussão de um tratado de paz entre as nossas nações. Contudo, estou decidido a não interromper o estado de guerra entre nós, lamentando informar-vos de que tenho de recusar o vosso pedido. Infelizmente, refuto a vossa reivindicação de um fim para a campanha. Com efeito, neste momento terá início a minha campanha.
Alexandre, Czar da Rússia.

Napoleão baixou a mensagem.

— É tudo? Não há mais nada?

— Não, *sire*.

Napoleão voltou a ler a missiva.

— Só pode ser uma piada.

— Não me parece, *sire*. Reconheço a letra do czar do meu tempo na embaixada. Tenho a certeza de que esta é a assinatura dele.

Napoleão abanou a cabeça.

— Nesse caso está a fazer pouco de mim… Ou então está com o raciocínio toldado. Sim, talvez seja isso. Afinal de contas, o pai tinha a reputação de ser louco. Deve ter redigido esta mensagem à pressa. Após a derrota em Borodino e a perda de Moscovo, faz sentido que a mente dele esteja perturbada. Quando tiver tido tempo de pensar melhor, vai escrever outra vez e aceitar a minha oferta.

Delacorte olhou, surpreendido, para o imperador por alguns momentos e depois aquiesceu.

— Sim, *sire*. Imagino que tenha razão. É tudo?

— O quê? — Napoleão fitou-o diretamente. — Sim, pode sair. E agradeço-lhe pelos seus esforços, Delacorte.

O general saiu do gabinete, fechando gentilmente a porta. Napoleão leu mais uma vez a carta e esboçou um sorriso, antes de amachucar o papel e o deitar para o lume.

Três dias depois continuava sem haver mais notícias do czar. Napoleão voltou a convocar Delacorte e encarregou-o da liderança de uma nova delegação a ser enviada a Kutusov. Desta vez não lhes foi permitido entregar mais cartas e Kutusov informou-os com brusquidão de que não seriam recebidas quaisquer outras delegações. Assim que dispensou o oficial, Napoleão afundou-se na cadeira e olhou para o outro lado do gabinete, para o retrato de Alexandre. Já passara muitas horas a fitá-lo, tentando ler a expressão que o artista captara.

Napoleão sabia que os retratos recompensavam a observação atenta. O retratado teria consciência de como desejava ser apresentado a quem, anos mais tarde, visse o quadro terminado. Elaboravam assim uma pose que personificasse as suas virtudes, tal como eles as viam. Caberia ao artista estudar e amplificar as qualidades do motivo. Contudo, ao mesmo tempo, um bom pintor não resistiria a dotar a sua representação segundo a opinião que nutria da pessoa à sua frente.

Talvez não passasse de um engano causado pela luz, mas pela primeira vez, Napoleão viu um cintilar de crueldade nos olhos de Alexandre e os lábios já não esboçavam um sorriso benevolente. O homem que tinha agora à sua frente já não era o jovem monarca impressionável que há tão pouco tempo assumira o trono, com o desejo de melhorar o fado do povo e ser amado por ele. Napoleão sentiu um arrepio na nuca e estremeceu.

O som de alguém a bater à porta fê-lo despertar dos pensamentos. Napoleão chegou-se à

frente.

— Entre! — indicou.

A porta abriu-se. Berthier entrou e cruzou a sala, detendo-se à frente da secretária do imperador.

— O que foi? — perguntou Napoleão, esperançoso.

Berthier pegou na capa de folhas soltas que tinha debaixo do braço e abriu-a.

— *Sire*, tendo em conta as vossas ordens para os preparativos para o avanço do exército, tenho de lhe chamar a atenção para alguns assuntos.

— Sim? — Napoleão voltou a afundar-se na cadeira.

— *Sire*, falei com a equipa de cartografia e eles calculam que seja preciso um mínimo de cinquenta dias para regressar ao Neman.

— Eu não disse que iríamos retirar para a Polónia — atalhou Napoleão.

— Pois não, *sire*, mas na qualidade de chefe do estado-maior, é meu dever estar preparado para qualquer eventualidade.

Napoleão quedou-se em silêncio por um instante, antes de aquiescer.

— Tem razão. Prossiga.

— Com certeza, *sire*. Mesmo que deixemos Moscovo imediatamente, não seremos capazes de chegar ao Neman antes da chegada do inverno. As primeiras neves vão cair em novembro e as temperaturas vão descer abaixo de zero. Os nossos homens ainda continuam com as fardas que usaram para uma campanha de verão. Eles precisam de roupas quentes, *sire*. Casacos grossos, luvas, cachecóis e botas.

— Então trate disso. Os depósitos que lhes providenciem tudo aquilo de que precisam.

— *Sire*, já falei com o oficial encarregado. O Dumas quase não tem reservas de roupas de inverno. Se vossa majestade bem se lembra, decidiu-se não sobrecarregar os carros de suprimentos com equipamento desnecessário. Antecipou-se que a campanha chegaria ao fim a tempo de o exército regressar ao aquartelamento de inverno na Polónia.

— Sim, eu lembro-me.

— As roupas de que Dumas dispõe neste momento foram recolhidas pelo caminho, à medida que as carruagens iam ficando sem rações.

— Uma precaução assisada. — Napoleão aquiesceu vagamente. — O Dumas é um indivíduo com tino.

— O problema é que não há, nem de longe, roupas de inverno suficientes para todo o exército. O censo mais recente dá conta de noventa e cinco mil homens. Dumas não tem como suprir mais de vinte mil.

— Nesse caso requisite mais casacos, e tudo o mais que for necessário.

— Onde, *sire*?

— Não acredito que não se encontre roupa quente suficiente em Moscovo.

— O fogo destruiu os bairros comerciais e de armazéns — explicou Berthier, com serenidade. — As únicas roupas que sobraram são as que se encontram nas casas sobreviventes. E mesmo assim, os russos levaram quase tudo com eles quando evacuaram a cidade.

— Nesse caso, faça o que puder — redarguiu Napoleão lapidarmente. — Mais alguma coisa?

— Sim, *sire*. O Murat reporta que lhe resta menos de dez mil montadas para a cavalaria, muitos desses animais estão coxos e todos eles têm falta de forragem. O mesmo se passa com a artilharia. As reservas de ração da cidade também se perderam no fogo.

— Então precisamos de cavalos novos. Um exército não é nada sem cavalaria e artilharia. Diga ao Murat que mande os homens comprar cavalos nas aldeias e vilas nos arredores de Moscovo.

Berthier respirou fundo.

— *Sire*, a cidade está cercada por cossacos. Seja como for, as patrulhas de Murat dizem que todas as colónias num raio de trinta quilómetros de Moscovo foram evacuadas e incendiadas. Não é possível encontrar cavalos.

— Porque me diz isso? O que posso eu fazer? — Napoleão agitou os braços num gesto expansivo. — Não posso fazer aparecer cavalos!

Berthier manteve-se em silêncio, fechou a pasta e voltou a enfiá-la debaixo do braço. Depois olhou em frente, recusando-se a cruzar os olhos com os do imperador. Napoleão recostou a cabeça e fitou as sancas ornamentadas, pintadas com folha de ouro. Exibiu um sorriso sombrio. Tinha uma fortuna em ouro nos cofres do exército, o suficiente para comprar todos os sobretudos e cavalos de que precisava. Agora, o ouro pouco mais seria do que um fardo, caso o exército se visse obrigado a retirar no agreste inverno russo. Chegou-se à frente e olhou para Berthier.

— Mande chamar os meus marechais.

Um criado ateou o lume antes de correr os pesados cortinados à frente da janela e de sair do gabinete. Lá fora, a noite estava fria e um vento gelado uivava pelas ruas de Moscovo, trazendo com ele breves chuvadas que afugentavam os soldados do Grande Exército, ainda em busca de despojos, para o abrigo das casernas.

No interior da sala do Kremlin, Napoleão encarou os marechais, preparado para admitir a verdade.

— O czar não quer paz. Recusa-se sequer a pensar nisso. — Napoleão franziu o cenho. — Apesar de tudo o que perdeu, parece não estar disposto a assumir a derrota.

— Porque haveria de o fazer? — indagou Davout. — O exército dele vai ficando mais forte a cada dia que passamos aqui em Moscovo, à espera que algo aconteça. Por esta altura

já terá reunido soldados das guarnições e do exército que enfrentava a Turquia. *Sire*, se não tivermos cuidado, Moscovo vai acabar por passar de troféu a armadilha.

— E o que sugere que façamos?

— Não há qualquer dúvida quanto a isso. Temos de retirar enquanto podemos.

— Retirar? — Ney fungou. — Depois de tudo o que conquistámos? O Kutusov continua demasiado receoso para combater. É por isso que fica para ali sentado, sem fazer nada.

— Ele não tem de fazer nada — argumentou Davout, — a não ser esperar que o inverno faça o trabalho por ele. Em breve, esta cidade vai ficar sem alimentos e depois sem lenha para as fogueiras. Vamos ter de começar a comer os cavalos. Quando chegar a primavera, aquilo que restar do Grande Exército não vai estar apto a combater.

— Então não fiquemos aqui — ofereceu Ney. — Se o czar se recusa a negociar a paz depois de termos tomado Moscovo, creio que devemos marchar sobre S. Petersburgo. Vejamos se ele continua relutante em falar quando lançarmos fogo aos seus palácios mais estimados.

Napoleão ostentou um sorriso amargo.

— Imagino que isso não vá afetar a resolução de Alexandre. Além disso, as nossas vias de comunicação já são longas quanto baste e daqui a S. Petersburgo distam mais de seiscentos quilómetros. Está fora de questão. — Respirou fundo. — A nossa posição em Moscovo já é débil quanto baste. Os cossacos começaram a atacar as patrulhas de Murat e estão a aproximar-se gradualmente da cidade. A estrada para Smolensk foi cortada há três dias e só hoje foi aberta pelo general Sulpice… O risco é bastante óbvio. Já me decidi. Vamos deixar Moscovo e recuar para Smolensk. Lá temos rações suficientes para que o exército aguente o inverno. É possível que o general Kutusov se sinta audaz a ponto de nos tentar bloquear a retirada. Se assim for, vai dar-nos mais uma oportunidade de lhe esmagarmos o exército. Seja como for, essa terá de ser a explicação que vamos dar às tropas. Eles não podem ver nada disto como uma retirada. No que diz respeito aos soldados, vamos encetar a marcha para encontrar e destruir Kutusov. Entendido?

Os marechais anuíram e depois Davout tomou a palavra.

— *Sire*, seja o que for em que os soldados acreditem, podemos ter a certeza de que os nossos inimigos na Europa o vão apresentar como sendo uma derrota. Temos de ter o cuidado de não deixar que essa derrota se transforme numa catástrofe.

— Onde quer chegar?

Davout cruzou as mãos e fitou-as, pensativamente.

— Não é segredo que muitos dos nossos aliados contribuíram com contingentes sob pressão. Sabemos que não podemos confiar nos prussianos. Se esta campanha se virar contra nós, receio que Frederico Guilherme possa vir a mudar de lado e a juntar-se ao czar. Se assim for, não será o único. — Ergueu o olhar. — *Sire*, a nossa prioridade máxima já não

pode ser derrotar os russos. Estou convicto de que isso já não é possível. O que interessa é a sobrevivência. Isso significa que temos de salvar tantos homens, cavalos e peças de artilharia quanto possível. Serão necessários para manter as nossas posições na Europa quando esta campanha chegar ao fim.

Fez-se silêncio à volta da mesa, até que Ney se riu.

— Ah, Davout, sempre otimista! Que raios, homem, que cenário tão negro está a pintar.

— Por vezes, o cenário é mesmo negro — retorquiu Napoleão, que olhava para o retrato no outro lado do gabinete. — Seja como for, a decisão está tomada. O exército vai abandonar Moscovo a dia dezanove. Regressem aos vossos comandos e preparem os homens para a marcha. Berthier vai enviar-lhes ordens com as vossas posições na linha de marcha.

Napoleão estava na sua montada, rodeado pelo estado-maior, enquanto a coluna se arrastava sob o céu plúmbeo com as nuvens de chuva. O exército iniciara a marcha à primeira luz da alvorada, mas os dias iam ficando mais pequenos, pelo que o lusco-fusco já abraçava Moscovo antes que o final da enorme coluna tivesse deixado a cidade. O marechal Mortier comandava a retaguarda e os seus homens ocupavam-se a inutilizar os canhões que tinham de ficar na capital, por já não haver cavalos suficientes para os puxar. Os soldados de Mortier estavam também encarregues de destruir quaisquer reservas de pólvora e de armas que pudessem ser úteis ao inimigo. Depois partiriam, cobrindo as derradeiras alas do exército.

Enquanto observava a marcha, Napoleão ainda foi saudado pelos soldados, mas aqueles já não eram os homens do Grande Exército que tinham cruzado o Neman havia quase seis meses. Mais pareciam uma procissão de indigentes, de fardas rasgadas e um grande sortido de sobretudos e casacos pilhados em Moscovo. Muitos estavam carregados com os despojos de guerra mais pesados e a estrada encontrava-se já pejada de quadros, caixas lacadas e espelhos descartados, abandonados na lama.

Entre as colunas de infantaria seguiam carruagens e carroças atulhadas de feridos, das poucas rações encontradas na cidade e de ainda mais saques. Os veículos e as peças de artilharia que tinham restado ao exército eram puxados por cavalos e mulas esqueléticos, de costelas bem visíveis por baixo das pregas soltas da pele. O mesmo se passava com a cavalaria, notou Napoleão com tristeza. As montadas brilhantes que tinham cavalgado através das estepes não passavam agora de meras sombras da melhor cavalaria da Europa. Milhares de soldados já não tinham animais e marchavam ao lado da infantaria, de carabinas penduradas ao ombro.

O imperador perdeu alguns momentos a observá-los e depois lançou um derradeiro olhar à silhueta de Moscovo, que se recortava no horizonte. Sentiu o coração a encher-se com um ódio profundo pelo czar. Com as primeiras gotas de chuva gelada, Napoleão puxou as rédeas, deu meia-volta ao cavalo e seguiu a coluna que serpenteava pelo caminho por onde

tinha vindo.

CAPÍTULO 31

Arthur

Madrid, 12 de agosto de 1812

Os sinos da grande igreja de Nuestra Señora de la Almudena repicaram pela cidade, mas mal se ouviam acima do estrépito da multidão que enchia as ruas por onde as tropas britânicas marchavam, a caminho do palácio real. Apesar de aquela ser a altura mais quente do ano, os espanhóis tinham aparecido às dezenas de milhar para receber o libertador de Madrid. Um batalhão dos Guardas de Coldstream abria caminho, de fardas cuidadosamente remendadas, trípoli fresco nos cinturões e botões polidos até obter um brilho lustroso. Eram seguidos por um esquadrão dos dragões alemães que tinham desbaratado a última divisão do exército de Marmont, no dia após a batalha em Salamanca. Finalmente, a par do estado-maior, surgia Arthur, montado no seu cavalo preferido, *Copenhagen*. Trajara-se para a ocasião e deixara a casaca e o chapéu simples no quartel-general. Em vez disso, envergava a casaca vermelha, adornada com cordões dourados. No peito esquerdo usava as medalhas e as estrelas dos títulos que conquistara ao longo dos anos. Tinha um bicorne novo na cabeça, com uma pluma de penas brancas que o adornava a todo o comprimento.

— Sinto-me um malfadado ganso recheado — ofereceu a Somerset, que seguia a seu lado, um pouco mais atrás. — Preparado para um banquete de Natal.

Somerset riu-se, tirando o chapéu a um grupo de damas espanholas que acompanhavam a parada de uma varanda, abrigadas com guarda-sóis.

— Conquanto entre no papel, milorde. Afinal de contas, o governo espanhol concedeu-lhe o título de comandante supremo de todas as forças espanholas.

— Uma medida que lhe garanto ser absolutamente indiferente para quase todos os soldados espanhóis.

— Seja como for, milorde, conquistou-lhes o coração e os espanhóis merecem ver um guerreiro conquistador, não um indivíduo qualquer com um casaco que até podia ser de um médico da província.

— Um médico da província? — Arthur fungou. — Bem, pelo menos a minha aparência não parece ser de grande importância para os nossos rapazes.

Manteve-se hirto na sela enquanto seguia com toda a dignidade que era capaz de invocar, virando-se a espaços para um lado e para o outro e erguendo a mão em reconhecimento das ovações do público, o que servia apenas para incitar uma energia renovada nos gritos e nos acenos com as faixas de tecido vermelho e dourado de Espanha. Era uma receção impressionante, cogitou Arthur. Na véspera, a população madrilena recebera o exército com uma alegria histérica, entregando garrafas de vinho e ofertas de pão, bolos e enchidos aos

primeiros soldados a entrar nos subúrbios. Estes, por seu lado, exibiam sorrisos rasgados enquanto mostravam a sua gratidão com acenos de cabeça e respondiam com as poucas palavras espanholas que tinham aprendido. A procissão daquele dia até ao palácio real era um caso bastante mais formal, mas assumira contornos de um feriado nacional.

Os franceses odiados tinham partido. Quando a notícia da derrota esmagadora em Salamanca chegou ao rei José, este emalou à pressa os pertences e um comboio fortemente guardado de oficiais franceses deixou a cidade dias antes da chegada do exército aliado. Uma vasta coluna de colaboradores espanhóis partiu com eles, fugindo à crescente sede de sangue da populaça. Os franceses encaminhavam-se para sudeste, em direção a Valência, onde José buscaria a proteção do marechal Suchet.

Não obstante, o exército aliado carecia de suprimentos, os soldados estavam cansados e muitos dos oficiais superiores de Arthur encontravam-se fora de combate devido a ferimentos e a doenças. Pouco mais seria conseguido com uma perseguição a Marmont e a libertação de Madrid representaria um duro golpe ao prestígio francês em toda a Europa. Serviria também para ajudar a levantar o moral na Grã-Bretanha, onde o novo primeiro-ministro, lorde Liverpool, se esforçava por angariar apoio político à campanha de Arthur na Península Ibérica.

Arthur sentia a mente a fervilhar com as possibilidades deixadas em aberto pela vitória em Salamanca quanto a operações futuras. Claro que seria trabalho para mais tarde. Por enquanto, contentava-se em representar o papel de libertador de Madrid e, quando o palácio real se deixou ver ao fundo da avenida, Arthur ergueu o chapéu bem alto e descreveu com ele um gesto que abarcava o mar de madrilenos extasiados que bradavam vivas enquanto agitavam as faixas de tecido num abandono extático.

Assim que entrou às portas altas da varanda, Arthur fez sinal a um lacaio que segurava uma bandeja de copos com água. As ovações da multidão enchiam a sala quase com tanto estrépito como o que se ouvia na praça lá fora. O calor do meio-dia que fustigava Madrid deixara Arthur a transpirar em bica por baixo da casaca de lã escarlate. Assim que tirou o chapéu e limpou as gotas de suor da testa, engoliu dois copos da água fresca numa sucessão rápida. Depois permitiu que um criado lhe retirasse a faixa que lhe cruzava o ombro e a que tinha à volta da cintura, para depois soltar a bainha da espada, desabotoar a casaca e despi-la.

— Graças a Deus. — Respirou fundo. — Se fosse obrigado a permanecer naquele casaco mais um segundo que fosse, tinha assado nos meus próprios sucos.

O general Alava sorriu.

— Parece que só os nativos são capazes de aguentar o nosso clima.

— Existem paisagens mais confortáveis onde travar guerras — concedeu Arthur. — Mas

por agora vamos permitir que o exército descanse alguns dias. Os homens que aproveitem e os locais que desfrutem da liberdade, enquanto decido o que vai acontecer de seguida.

— Interrogo-me o que irá decidir. — Alava arqueou uma sobrancelha. — Já tem Madrid, mas tomar a capital não vai libertar o meu povo dos franceses, mesmo sendo um grande feito por si só.

— Pois não, não vai — concordou Arthur. — No entanto obrigou-os a retirar para o Norte e para o Leste do país, e o marechal Soult vai ter de abandonar o cerco de Cádis e deixar a Andaluzia, caso contrário arrisca-se a ver a saída cortada. — Arthur serviu-se de mais um copo de água e foi dando goles pensativos. — Agora que conseguimos a nossa grande vitória e que expulsámos o irmão do Boney de Madrid, seria um crime desperdiçar as circunstâncias favoráveis em que nos encontramos.

Esticou os braços e dirigiu-se à enorme mesa de carvalho que dominava o centro do que em tempos fora a biblioteca do rei José. Os livros mais valiosos da coleção tinham sido adicionados apressadamente ao comboio aquando da fuga dos franceses. Viam-se agora espaços nas prateleiras, como dentes em falta, e centenas de volumes que tinham sido retirados e depois rejeitados jaziam ainda no chão para onde haviam sido atirados. A maioria das divisões do palácio tinha sido saqueada pelos empregados na sequência imediata da partida dos franceses, e agora os salões e os aposentos elegantes estavam atulhados de jarras e faianças partidas.

Muitos dos mapas e das cartas armazenados num grande armário a um canto da biblioteca tinham ficado para trás e Arthur selecionou uma representação em grande escala da Península Ibérica que desenrolou sobre a mesa, contando com a ajuda de Somerset para a prender nas extremidades com alguns dos livros espalhados. Depois fitou pensativamente o mapa. Há menos de dois anos, o exército de Arthur encontrava-se limitado a uma estreita faixa de terra a norte de Lisboa, enquanto os franceses vagueavam com liberdade pela restante extensão de território representado no mapa. Agora, os franceses tinham sido empurrados para a zona Norte e Leste de Espanha. Embora ainda dispusessem de mais de duzentos mil soldados nos exércitos, os marechais encontravam-se profundamente divididos e, segundo os relatórios dos agentes de Arthur, tratavam José com um desprezo mal contido. Além disso, tinham sido em grande medida abandonados pelo seu senhor, que perseguia as suas ambições aparentemente ilimitadas na Rússia.

Arthur continuava espantado com as notícias da invasão e com a escala das forças usadas. Bonaparte precisaria apenas de empregar metade dos recursos que dirigira à Rússia para resolver os seus problemas em Espanha com toda a celeridade. Na realidade que se vivia agora, os soldados do imperador viam-se obrigados a combater em duas frentes, espalhando-se por territórios hostis que dispunham de vias de comunicação rudimentares. A menos que o destino resolvesse favorecer ainda mais exageradamente Bonaparte, o império

estava a ser levado ao limite. Ali em Espanha, Arthur estava determinado a desferir um golpe mortal sobre as aspirações francesas. Se o czar fosse capaz de fazer o mesmo nas profundezas da Rússia, por certo a mãe de todas as guerras estaria a aproximar-se do último ato.

Arthur voltou a concentrar-se. Deu por fim voz aos pensamentos, com Somerset e Alava a seu lado.

— Com José a retirar para Valência, para junto do exército de Suchet, deparamo-nos com a possibilidade de Soult vir a raciocinar e a unir as suas forças às deles. Nesse caso ficaremos em inferioridade numérica, tal como já aconteceu tantas vezes. Contudo, acredito que possamos continuar a manter o centro de Espanha se garantirmos que o que resta da força de Marmont fica confinada a norte, ao rio Ebro. Isso implica tomar Burgos. — Dirigiu-se ao general Alava. — O que sabe acerca da fortaleza de Burgos?

— Fica na rota principal entre França e Madrid. Bonaparte deve ter reconhecido a sua importância, já que ordenou uma série de melhorias nas defesas. — Alava encolheu os ombros. — Embora de todo à escala de Badajoz.

— Folgo em sabê-lo. Importa-se que lhe pergunte se por acaso viu a fortaleza desde que essas melhorias foram levadas a cabo?

— Não — respondeu Alava com sinceridade. — Mas ouvi relatos suficientes das minhas fontes para saber que Burgos não lhe vai apresentar grandes dificuldades, milorde.

Arthur fitou-o por um instante e depois aquiesceu.

— Muito bem. Se José e Suchet avançarem sobre Madrid, os nossos aliados espanhóis terão de fazer tudo ao seu alcance para impedir a progressão. O Exército da Andaluzia terá de atacar o flanco francês, enquanto os irregulares os pressionam durante a marcha. Se puderem ser atrasados até ao outono, as chuvas vão engrossar o caudal do Tejo e eu poderei cobrir os poucos pontos de passagem que vão restar. — Arthur fez uma pausa e afagou o queixo. — O que lhes parece, cavalheiros?

Somerset tufou as faces e abanou a cabeça.

— *Sir*, está a depositar a sua fé numa sequência pré-determinada de acontecimentos.

Arthur encolheu os ombros.

— Não tenho alternativa. Foi essa a mão que me calhou para jogar. Pretendo manter Madrid tanto tempo quanto possível. Talvez não nos ofereça grande coisa a nível tático, mas temos de nos concentrar na estratégia mais vasta que vai determinar a guerra. Cada dia que sejamos capazes de aqui permanecer é mais um golpe no domínio dos Bonapartes sobre Espanha. Servirá para dar ânimo não só aos espanhóis, como também a toda a Europa.

Somerset pensou um instante, ao que anuiu.

— Compreendo, *sir*. Só espero que não nos espalhemos demasiado.

— Espera que não nos espalhemos demasiado? — repetiu Arthur com um sorriso trocista.

— Meu caro Somerset, onde é que tem andado nos últimos anos? Graças ao nosso governo, estamos tão espalhados que o inimigo quase consegue ver através de nós.

— É possível que isso ainda venha a acontecer, *sir*.

Arthur dirigiu-se a Alava.

— General, quero que se encaminhe para sul. Será meu porta-voz. Diga a todos os líderes da resistência e a todos os oficiais regulares que encontrar que me foi entregue o comando de todas as forças aliadas em Espanha. As minhas ordens são simples. Os franceses devem ser atacados sempre que forem encontrados.

Alava exibiu um sorriso rasgado.

— Será um prazer, milorde. E quanto ao senhor? O que vai fazer agora?

— Eu? — Arthur esticou o braço sobre o mapa e indicou o nome de uma povoação bem a norte de Madrid. — Vou levar metade do exército e tomar Burgos.

CAPÍTULO 32

Burgos, 4 de outubro de 1812

O verão parecia relutante em abandonar Espanha e, a cada dia, o sol fustigava a paisagem ressequida, enquanto o exército marchava para norte, empurrando à sua frente a pequena força francesa que fora reunida na sequência de Salamanca. Depois, quando Arthur deu início ao cerco de Burgos, o tempo mudou e o outono instalou-se com uma ferocidade atípica. A paisagem de Castela foi varrida por chuvadas que inundaram as trincheiras e as baterias arduamente escavadas no solo pelos homens de Arthur. Os engenheiros tinham sofrido baixas pesadas nos dois cercos anteriores, encontrando-se reduzidos a meros dezasseis oficiais e outras patentes. Também não havia artilharia de cerco suficiente para levar rapidamente a missão a um desenlace. Quando o exército chegara a Burgos, depois de percorrer a estrada profundamente sulcada e danificada que partia de Madrid em direção a norte, apenas três canhões de dezoito libras tinham sobrevivido à viagem. Os restantes tinham rodas partidas, ou suportes estalados, sendo deixados para trás enquanto se procurava proceder às reparações necessárias.

— Lá se vão as fontes de Alava — comentou acidamente Somerset, que observava a fortaleza no cimo de uma colina íngreme. Encontrava-se separada do resto da povoação por uma ravina, apenas com uma estreita formação rochosa a servir de ligação. Uma poderosa bateria cobria esse acesso e tornava suicida qualquer tentativa de assalto frontal. Além disso, a fortaleza fora construída em camadas concêntricas, para que os defensores pudessem continuar a resistência mesmo que a muralha exterior fosse tomada. Somerset mirou amargamente a fortaleza. — Aquele sítio é praticamente inexpugnável, *sir*.

— Disparates! — redarguiu Arthur com brusquidão. Depois, irritado consigo próprio, continuou, num tom mais brando: — Graças ao major Somers-Cocks, já temos uma das fortificações exteriores. É tudo uma questão de tempo e de esforço contínuo para que a fortaleza seja nossa.

Sem dizer palavra, Somerset olhou-o e depois voltou a mirar a fortaleza. A dúvida e a frustração, contudo, eram palpáveis. Arthur entendia perfeitamente o que o subordinado sentia. Estavam trinta e cinco mil homens acampados à volta da fortificação. Segundo os locais, a guarnição ascendia a pouco mais de dois mil soldados, mas o comandante, o general Dubreton, mostrava-se tão astuto e corajoso como fora o seu camarada Philippon em Badajoz. A recordação desse cerco terrível assombrava a mente de Arthur desde que o exército chegara a Burgos, e o inglês estava decidido a não repetir o assalto sangrento que lhe custara tão caro. Desta vez, não haveria um assalto em massa. Burgos seria tomada pouco a pouco.

— Meu caro Somerset — sossegou-o Arthur, com toda a paciência, — vi muitos baluartes altaneiros como este quando servi na Índia e consegui invadi-los a todos. A seu tempo teremos Burgos.

— Imagino que tenha razão, *sir*.

— Como vão os preparativos para a mina?

Somerset gesticulou na direção da estreita trincheira que ziguezagueava encosta acima, a caminho da muralha exterior. A pouca distância da base da muralha, a trincheira desaparecia num túnel.

— O capitão Perkins diz que estará pronta a detonar pela alvorada, *sir*.

— Muito bem. Informe o major Somers-Cocks de que o quero no quartel-general às três da manhã. Irei transmitir-lhe as ordens pessoalmente.

À semelhança dos muitos que compravam as patentes de oficial, o major era jovem, louro e de rosto fresco, mas Arthur sabia que o indivíduo tinha um excelente currículo de combate. Tratava-se, por isso mesmo, do tipo de homem de que Arthur necessitava para liderar os assaltos às defesas da fortaleza. Parecia atirar-se ao risco com impunidade e fora um dos poucos oficiais que se voluntariara para essa tarefa. Ainda bem que Inglaterra produzia soldados de tal estirpe, refletiu Arthur, enquanto analisava brevemente o homem em sentido à frente da secretária, às primeiras horas da madrugada.

Arthur pigarreou e deu início à reunião.

— Já completou os preparativos para o seu grupo de assalto?

— Sim, milorde — respondeu Somers-Cocks, com um ligeiro sotaque escocês. — Os homens já estão à espera na trincheira de aproximação. Duzentos e cinquenta voluntários, tal como ordenou.

— Espero que seja quanto baste.

— Vai bastar, milorde. — Somers-Cocks sorriu. — Afinal de contas, tenho ordens para simplesmente tomar e manter a brecha, não para tomar a fortaleza inteira.

— Se for bem-sucedido, a onda de apoio estará rapidamente consigo. Mas quero que entenda que eles têm ordens para não avançar, a menos que lhes dê o sinal de que a brecha está segura.

— Compreendido, milorde.

— Ótimo. — Arthur anuiu e depois suavizou o tom formal. — Teve dificuldade em encontrar voluntários para o grupo de assalto?

— A maior parte ofereceu-se de livre vontade.

— A maior parte?

— *Och*, sabe como é, milorde. Certos homens só sabem que se querem voluntariar depois de receberem a inspiração certa.

Arthur ergueu uma sobrancelha.

— Como por exemplo?

O major franziu os lábios.

— Regra geral, a escolha entre quinze minutos na brecha e uma semana de trabalho nas latrinas garante o resultado desejado, milorde.

Arthur riu-se e levantou-se, oferecendo a mão a Somers-Cocks.

— Boa sorte, meu rapaz.

— Obrigado, milorde. — Apertou a mão de Arthur, depois recuou, fez continência e deu meia-volta para sair da tenda. Arthur deixou-se olhá-lo por um momento, interrogando-se se voltaria a pôr olhos naquele homem quando o dia raiasse. Depois abanou a cabeça. Somers-Cocks era um daqueles indivíduos fadados a sobreviver.

— Quatro horas, *sir* — informou Somerset em voz baixa, com as botas a chapinhar na lama enquanto se colocava ao lado de Arthur.

— Sim.

Tudo estava sossegado. Lá em cima, as nuvens cobriam as estrelas, o que ajudava a intensificar o breu que envolvia a fortaleza. Os archotes na muralha revelavam alguns dos pormenores das defesas e, ocasionalmente, um dos soldados franceses de vigia. Os únicos sons provinham do acampamento aliado, onde um punhado de soldados embriagados de dois batalhões estava envolvido numa discussão. Em breve os responsáveis acabariam com aquilo, mas, entretanto, o barulho iria ajudar a desviar a atenção dos defensores, enquanto o grupo de assalto se aproximava o mais que se atrevia da mina.

— Quatro e cinco — resmungou Somerset. — Os engenheiros estão atrasados.

Arthur estava prestes a responder quando um jato de chamas foi cuspido da entrada do túnel que dava acesso à parte debaixo da muralha, seguido por um estrondo que ecoou nas paredes da povoação vizinha. Quando o som esmoreceu, fez-se um silêncio breve, após o que Arthur ouviu o estrépito da alvenaria, quando uma parte da muralha sobre a mina desabou. De imediato soou o brado de Somers-Cocks:

— Avançar! Em frente!

Não houve gritos por parte dos elementos do grupo de assalto quando irromperam do abrigo da trincheira e correram encosta acima em direção à brecha. Alguns mosquetes foram disparados contra eles da torre mais próxima da muralha exterior, mas os soldados continuaram em frente, trepando o monte de escombros e entrando na abertura. O som dos combates chegou ao posto de comando e Arthur esforçou-se por discernir o progresso do ataque. Viu-se então o súbito jorro de faúlhas brancas quando um dos integrantes do grupo de assalto inflamou o pequeno frasco de pólvora que fora levado para servir de sinal da tomada da brecha. De imediato, a brigada de apoio à espera levantou-se do seu esconderijo

nas trincheiras de aproximação e correu para a abertura. Os sons de tiros de mosquete continuaram durante mais meia hora, até que esmoreceram para uma troca ocasional de fogo.

Quando a primeira luz da alvorada surgia no horizonte, um mensageiro apareceu a arquejar trincheira acima até ao posto de comando, com as botas a escorregar na lama pegajosa que enchia as valas.

— Milorde. — A respiração do homem era pesada quando se pôs em sentido. — O major Somers-Cocks informa que a brecha foi tomada e que os homens estão a manter os flancos, enquanto a brigada investe em torno da brecha.

— Muito bem. — Arthur sentiu o peso da ansiedade a sair-lhe dos ombros. — Transmita as minhas felicitações e agradecimentos ao major.

— Com certeza, *sir*.

Quando o soldado voltou a deslizar para a trincheira, Somerset falou:

— Bem, não foi nada complicado, graças a Deus.

Arthur esfregou brevemente os olhos doridos.

— Temos a brecha, Somerset, nada mais. Pode ter a certeza de que o Dubreton já estará a planear um contra-ataque.

Com o avançar da manhã, o grupo de assalto abrigou-se em torno da brecha e continuou a trocar fogo com os defensores nas zonas superiores das fortificações. Entretanto, a brigada de apoio, sob a liderança dos oficiais de engenharia, edificaram apressadamente uma defesa no interior da brecha e começaram a limpar o entulho, para que a passagem através da abertura fosse mais fácil. Ao meio-dia, Arthur fez avançar uma companhia de tropas portuguesas para render Somers-Cocks e os seus homens, enquanto outra companhia assumia o lugar dos soldados que alargavam a brecha.

O céu estava um pouco nublado e a brisa gelada tornou-se ainda mais desagradável com os chuviscos constantes que começaram a cair a meio da manhã. Arthur percorreu a trincheira de aproximação para inspecionar a brecha. Havia já um palmo de água no fundo e o solo estava enlameado e escorregadio, pelo que teve de andar com cuidado. As paredes da trincheira estavam a desmoronar-se a espaços e pequenos grupos de homens, ensopados e cobertos de lama, escoravam as elevações de terra com cestos de vime cheios de pedras. À medida que a trincheira começava a subir a encosta, as poças desapareciam e, em vez disso, a água escorria pelo chão como um ribeiro montanhoso. Arthur deteve-se para observar a fortaleza que se agigantava à sua frente e ouviu-se um zumbido suave, quando um pouco de lama saltou no ar junto à borda da trincheira.

— Baixa a porra da cabeça! — bradou-lhe um sargento. — A não ser que queiras ficar sem ela! — Arthur baixou-se e virou-se para o sargento. Ao ver o característico nariz adunco do comandante, o sargento empalideceu. — Ora desculpe lá, milorde. É que já

perdemos dois homens por causa de um atirador franciú lá de cima.

— Agradeço-lhe o conselho sagaz, sargento. — Arthur sorriu-lhe e continuou pela trincheira, sempre de cabeça baixa, certificando-se de que se mantinha no lado mais abrigado enquanto subia até à brecha. O capitão Perkins, dos engenheiros, saudou Arthur quando este surgiu na pequena clareira à frente da abertura. Uma secção da muralha com mais de quatro metros de largura desabara e os soldados estavam ocupados a remover o entulho e a usá-lo para edificar dois muros baixos que ligavam a extremidade da trincheira à brecha.

— Como vão os trabalhos, capitão?

— Vão bem, *sir*. — Perkins era outro escocês, baixo e entroncado, com uma pronúncia mais carregada do que Somers-Cocks, e estava coberto de lama, tal como os seus homens. — Assim que limparmos a brecha, meto os rapazes a construir a aproximação à segunda muralha. Mas vai ser difícil.

— Ah sim? Qual é o problema?

— Se me permite, vou mostrar-lhe, *sir*. — Perkins não esperou por uma resposta, avançando pela brecha e agachando-se logo à entrada da alvenaria destroçada. Virou-se e fez sinal a Arthur, para que este mantivesse a cabeça baixa. Arthur acocorou-se ao lado do oficial e abrangeu rapidamente com o olhar o interior da primeira muralha da fortaleza. Um carreiro empedrado atravessava as duas muralhas e, ao lado, erguia-se um rochedo de cerca de seis metros de altura, antes que a base da segunda muralha se iniciasse. O penedo ficava pelo menos a quinze metros da brecha. Perkins tossiu e ofereceu um sorriso apologético. — Acho que me constipei com esta humidade toda, *sir*. Bem, como pode ver, há terreno aberto entre nós e a elevação. Para minar a segunda muralha, temos de escavar a rocha e abrir um túnel até à base. Não vai ser fácil.

— Mas consegue fazê-lo?

— A seu tempo, *sir*. Sim.

— Tempo é coisa de que não dispomos propriamente, Perkins. Os meus batedores a norte dizem que há um exército francês a reunir-se para render Burgos no espaço de um mês. As informações mais recentes de Madrid dão conta que Soult está em marcha para se juntar a José. Quando isso acontecer, vão dirigir-se a Madrid. Temos de tomar Burgos o mais depressa possível e juntar as nossas forças à de Hill para manter o centro de Espanha. Está a entender?

— Estou, sim, senhor. Vamos fazer o nosso trabalho o quanto antes, mas para começarmos a minar, temos de levar os rapazes pelo terreno aberto. Uma trincheira não serve de nada, pois os franciús têm o terreno coberto pelo bastião à nossa direita e pelo ângulo daquela muralha à esquerda. Por agora, os rapazes portugueses têm a muralha coberta — acenou com a cabeça na direção dos homens de farda castanha agachados por entre as pedras na base do

penedo de ambos os lados da brecha, — mas para levar homens e equipamento até à rocha, é preciso construir uma galeria coberta ao longo do descampado. É um trabalho arriscado e demorado, *sir*.

— Estou a ver. Quanto tempo vai demorar?

Perkins franziu os lábios.

— Dois dias para construir a galeria. Duas semanas para abrir um túnel através da rocha, um dia para preparar a mina e depois é com a infantaria invadir a fortaleza, *sir*.

— Sendo assim, duas semanas e meia — meditou Arthur. — É bastante apertado. Faça o que estiver ao seu alcance para acelerar as coisas, Perkins.

— Com certeza, *sir*. Mandei buscar as ferramentas necessárias e vou meter os rapazes ao trabalho assim que a brecha estiver desimpedida.

— Muito bem. — Arthur bateu-lhe no ombro. — Mantenha-me informado.

Estava prestes a voltar-se quando se ouviu o súbito matraquear de fogo de mosquete ali perto. Os dois oficiais olharam na direção do som. À sua esquerda, os portugueses disparavam ao longo da estrada empedrada, logo a seguir a uma curva. Dispararam-se mais tiros, desta vez à direita. Depois ouviu-se um grito e o som de botas a ecoar nas muralhas da fortaleza, e Arthur viu o primeiro francês a surgir no caminho. Atrás dele vieram mais, preenchendo o espaço entre as muralhas enquanto avançavam, fazendo pausas apenas para disparar contra as tropas portuguesas que lhes barravam o caminho.

Perkins levou a mão à boca em forma de concha e gritou: — Às armas! Às armas! Os franciús estão a atacar! — Virou-se para Arthur. — É melhor sair daqui, *sir*. Volte à trincheira de apoio e envie reforços para cá.

Arthur levantou-se a abanar a cabeça.

— Não.

Perkins levou a mão ao interior da casaca e puxou de uma pistola.

— Como quiser, *sir*.

À volta da brecha, os homens que tinham estado ocupados a limpar o entulho correram para as armas e avançaram, passando por Arthur. Seguiu-se uma breve escaramuça, com a companhia portuguesa a tentar manter-se firme, atacando os franceses com as baionetas e com as coronhas dos mosquetes, mas o inimigo era muito numeroso, tendo os lusitanos sido rapidamente afastados e abatidos, e os franceses chegado à brecha de ambos os lados. Perkins e os seus homens correram em frente. A maioria tinha mosquetes, mas alguns empunhavam pás que brandiam como machados. O combate corpo a corpo foi sangrento, sem tempo para qualquer misericórdia. Arthur viu Perkins erguer a pistola e alvejar um francês no rosto, rebentando-lhe a nuca numa chuva de sangue, miolos e fragmentos de osso. Arthur sentiu uma pontada de medo quando se apercebeu de que estava desarmado. Olhou à sua volta e quando viu um mosquete encostado à muralha, correu sobre os escombros para o

agarrar, esperando que estivesse carregado. Quando regressou à brecha, os seus homens já estavam a ser rechaçados, à medida que centenas de franceses investiam. Viu Perkins dobrar-se sobre si próprio ao ter o peito trespassado por uma baioneta.

— Para trás! — bradou uma voz. — São demasiados. Retirar!

Os soldados recuaram, levando Arthur com eles. Chegaram à trincheira quando o inimigo começou a sair pela brecha, liderado por um oficial corpulento de bigode farfalhudo. Bradou-lhes que investissem e matassem todos quantos lhes aparecessem pela frente. Os soldados investiram para a trincheira, fazendo recuar os britânicos. Arthur já fora empurrado a alguma distância e deu meia-volta para descer a trincheira escorregadia, em direção ao acampamento. Viu então um jovem tenente, de olhos arregalados com o terror, encostado a um dos lados. Arthur segurou-lhe no braço.

— Tenente! Reúna estes homens. Têm de ripostar. Tome! — Empurrou o mosquete para a mão do jovem e puxou-o para o meio da trincheira, bloqueando o caminho de quem ainda fugia da brecha. — Parem aí, rapazes! — Arthur levantou a mão. — Estou a dizer para pararem!

Ao verem o general, os homens detiveram-se, incapazes de desobedecer ao comandante, mas ainda assim receando virar-se para lutar. Arthur apontou com a mão enluvada encosta acima.

— O inimigo tomou a brecha! Se os deixarmos manter-se firmes, teremos de voltar a tomá-la! Não vou desperdiçar vidas sem necessidade. Têm de dar meia-volta e tomá-la mais uma vez! Vamos lá, rapazes, é a única maneira!

O tenente aquiesceu e depois avançou por entre a multidão, apontando com o mosquete emprestado para a encosta.

— Sigam-me, homens! — vociferou, com um leve toque de histeria na voz. — Avançar! Pelo rei! Por Inglaterra!

— Por Inglaterra! — ecoou o sargento que aconselhara Arthur a manter a cabeça baixa. — Vamos dar cabo daqueles malditos franciús! Avançar!

Os homens bradaram e correram outra vez trincheira acima. Arthur observou-os por um instante e depois correu no sentido oposto, escorregando aqui e ali na lama. Quando chegou à extensão plana, avançou a chapinhar até chegar à primeira zona de reunião, onde viu Somers-Cocks e os seus voluntários.

— O que se passa, milorde? — indagou o major.

Arthur não respondeu, apontando para a brecha.

— Leve os seus homens ali para cima a passo de corrida. Libere a brecha e mantenha-se firme. Vá!

— Sigam-me! — bradou Somers-Cocks, enquanto desembainhava a espada. Avançou para a abertura da trincheira seguido pelos soldados, correndo pela água enlameada que enchia o

fundo. Arthur virou-se e prosseguiu o seu caminho, em direção ao posto de comando. Aí encontrou Somerset e deu ordens para que uma brigada fosse enviada para apoiar Somers-Cocks. Depois pegou num telescópio, apoiou-se no saco de areia que servia de parapeito do posto de comando e firmou os cotovelos para espreitar pelo óculo. Os franceses derrubavam apressadamente as muralhas improvisadas de ambos os lados da brecha. Outros eliminavam os aliados feridos com as baionetas. Um oficial de farda com cordões dourados dava ordens aos homens para que recolhessem as ferramentas dos engenheiros e as levassem para o interior da fortaleza. Arthur sentiu um aperto no coração. Os defensores franceses eram tão inteligentes quanto corajosos, pensou com amargura. A captura das ferramentas seria um maior retrocesso para Arthur do que a morte dos soldados.

O oficial francês deu uma derradeira vista de olhos em torno da brecha e depois fitou a encosta, na direção de Somers-Cocks e dos seus homens, que carregavam para se unir aos sobreviventes do ataque que abriam caminho na última extensão de trincheira antes da abertura. Acenando com a espada, o francês ordenou que os homens se encaminhassem para a brecha, por onde retiraram ordenadamente e desapareceram de vista.

— Sofremos noventa e quatro mortos e trinta e dois feridos, perdemos a maior parte das ferramentas que Perkins levara e vinte metros da trincheira de aproximação foram derrubados — relatou Somerset nessa noite. — A brecha está outra vez nas nossas mãos e o major Somers-Cocks estabeleceu uma força permanente de duas companhias de Guardas de Coldstream para proteger a nossa posição no interior da fortaleza. O capitão Morris assumiu os trabalhos de menagem, milorde.

— Muito bem. — Arthur aquiesceu, fatigado. — Por enquanto prosseguimos com o cerco. Leu os últimos relatórios dos nossos amigos espanhóis?

As notícias eram más. O general espanhol encarregado de deter qualquer avanço francês de Valência em direção a Madrid ficara melindrado com a nomeação de Arthur para comandante supremo e amotinara-se. Entretanto, Soult marchava ao encontro de José Bonaparte. A norte de Burgos, o general Souham fora confirmado como substituto de Marmont e reunira quase cinquenta mil homens na margem oposta do Ebro. Arthur esperava ser informado a qualquer momento de que Souham atravessara o rio e estava a caminho de Burgos. A desgraça final fora uma mensagem intercetada do imperador francês para o irmão, onde anunciava uma grande vitória sobre os russos, em Borodino, e dizia estar prestes a capturar Moscovo.

Desanimado, Somerset recostou-se na cadeira.

— A menos que a nossa sorte mude, talvez seja melhor reunir o que ainda nos resta e retirar.

— De Burgos talvez — acedeu Arthur. — Mas receio que tenhamos igualmente de

abandonar Madrid. O que mais poderemos fazer, caso esta notícia esteja correta? Se tivesse comigo o exército todo, poderia enfrentar Souham e derrotá-lo, mesmo tendo de deixar Madrid aberta a Soult. Se regressar a Madrid e juntar o exército de Hill ao meu, isso dar-nos-ia sessenta e cinco mil homens com que defrontar Soult, que tem quase cem mil, enquanto Souham se aproxima vindo de norte. Ficaríamos encurralados. — Arthur fechou os olhos e obrigou a mente exausta a raciocinar com a clareza possível. — Por agora, o melhor que podemos esperar é tomar Burgos e estabelecer uma guarnição forte e bem aprovisionada. Isso vai deter Souham enquanto regressamos a Madrid. Depois? Só nos resta rezar para que Soult se atrase.

Somerset observou atentamente o general por um instante, apercebendo-se de como ele tinha os olhos encovados e como parecia exausto. O tempo frio e miserável das últimas semanas e a lama e a paisagem deprimente de Burgos vieram aumentar-lhe o fardo e, pela primeira vez, Somerset interrogava-se como poderia um único homem suportar durante tanto tempo a pressão do comando. A campanha começara no início do ano e agora, passados dez meses, os oficiais e os soldados estavam obviamente exaustos e o moral atingia níveis muito baixos. Se todos eles se aproximavam do limite, a que maior nível de magnitude estaria Wellington do seu? Apenas um homem poderia ter levado o exército a tamanhas conquistas na Península Ibérica e, ao olhar agora para esse homem, Somerset receava por si próprio e por todo o exército, longe do lar que muitos não viam havia anos.

— *Sir*? — dirigiu-se-lhe num tom baixo. — Quer que peça algo para comer? *Sir*?

Não houve resposta, apenas a respiração profunda e regular. Somerset sorriu com afeição, depois levantou-se e juntou mais alguns troncos ao fogão de campanha. Após um momento de hesitação, pegou na capa suja de lama que estava em cima de uma das arcas no interior da tenda e tapou cuidadosamente o corpo de Wellington.

— Boa-noite, *sir* — murmurou e saiu da tenda.

Quatro dias depois, os franceses voltaram a atacar os sapadores, irrompendo pelos trabalhos entre as muralhas ao início da madrugada. Mataram os engenheiros que abriam um pequeno túnel através da rocha por baixo da segunda muralha. Os homens destacados para a proteção lutaram brevemente, antes de fugirem em direção à brecha. Aí depararam-se com o major Somers-Cocks a barrar-lhes o caminho. Tentava reuni-los e contra-atacar os soldados inimigos quando foi alvejado no coração. Os homens perderam o ânimo e fugiram para as trincheiras, deixando o inimigo a capturar ainda mais ferramentas, após o que deixaram uma pequena carga na entrada da mina, que rebentou, enterrando a entrada sob toneladas de rocha.

Mais tarde, quando o primeiro relatório do ataque chegou ao quartel-general, Arthur leu os pormenores e depois baixou o documento, o rosto lívido quando se virou para se dirigir a

Somerset.

— O Somers-Cocks morreu. — Depois saiu lentamente da tenda para mirar a fortaleza, onde a bandeira tricolor adejava, num desafio, sobre a torre de menagem.

O major Somers-Cocks foi a enterrar nessa tarde, sob uma chuvada gelada. O corpo, envolvido em lona, foi baixo para a cova enquanto o capelão dos Guardas de Coldstream lia o serviço no seu habitual tom monocórdico. Arthur não ouviu uma única palavra. Já as escutara a todas, tendo-as lido da mesma forma átona sobre os corpos de muitos jovens que tinham sofrido o mesmo destino. Alguns eram tão promissores como Somers-Cocks, a maioria não. Alguns mostravam um espírito aventureiro, correndo com brio para o campo de batalha, enquanto outros eram nervosos, mesmo receosos, consumidos pela perspetiva da morte, mas mesmo assim obrigando-se a avançar, até que a morte os reclamava, através de uma granada, uma bala, uma lâmina, ou uma doença.

O capelão fechou o livro de orações e curvou a cabeça por um instante, sendo imitado pela maioria dos oficiais e dos soldados. Arthur não o fez. Deixou-se fitar a fortaleza bastante tempo, com a chuva a escorrer-lhe pelo rosto em regatos cristalinos. Depois, por fim, dirigiu-se a Somerset, pigarreou e falou num tom duro:

— Vou levantar o cerco. O exército vai deixar Burgos e regressar a Madrid. Faça o obséquio de transmitir as ordens. Estarei na tenda, caso precisem de mim.

Virou-se e afastou-se a chapinhar por entre as poças, agitadas pela chuva intensa.

— Se precisarmos de si? — repetiu Somerset em voz baixa. — Mais do que nunca, milorde.

CAPÍTULO 33

Tordesilhas, 31 de outubro de 1812

— Com que então sempre o fez? — Arthur abanou a cabeça, num gesto de admiração sincera pelo feito.

— É verdade, *sir* — corroborou Somerset, que olhava para o boletim informativo capturado. — Bonaparte entrou em Moscovo no dia dezanove do mês passado.

— Refere alguma coisa quanto ao facto de ele e o czar terem chegado a algum acordo?

Somerset perscrutou o resto do artigo e meneou a cabeça.

— Não exatamente. Diz apenas que o imperador aguarda que o czar admita a derrota.

— Umpf — fungou Arthur. — Se os russos concordarem com a paz, Bonaparte terá livre rédea para tombar a balança do seu poder na nossa direção. Nessa altura, os nossos planos ficarão completamente destruídos. Bem, resta-nos esperar que o czar continue a desafiá-lo. Muito bem, quais as informações mais recentes acerca dos movimentos do inimigo?

Somerset folheou os relatórios.

— Parece que os franceses tomaram uma travessia sobre o rio Douro, em Toro.

— Toro, hã? — Arthur franziu o cenho. — Isso são más notícias. Ameaçam isolar-nos de Portugal. Receava que pudessem tentar posicionar-se entre nós e Madrid. Agora parecem querer apanhar-nos entre o Exército de Portugal e a força de Soult que está a marchar contra o Hill. — Fez uma pausa e apertou a cana do nariz. — Ao que parece, nunca estive em tão maus lençóis, Somerset.

O exército saíra de Burgos alguns dias antes, durante a noite. Com as rodas das peças de artilharia e dos carros abafadas com palha, tinham cruzado a ponte em Burgos e depois marchado para sudoeste, em direção a Valhadolid e ao rio Douro. Arthur pretendia afastar os seus homens o mais possível do Exército de Portugal ao serviço dos franceses. Qualquer esperança de que o inimigo continuasse excessivamente desmoralizado para combater após a derrota em Salamanca em breve se desfez. O inimigo perseguia o exército aliado tão depressa quanto podia e avançava com a confiança inabalável de quem possui os maiores batalhões do seu lado. À medida que o mês se foi aproximando do fim, tornou-se óbvio que os franceses eram demasiado fortes para que Arthur arriscasse uma batalha. Seria obrigado a abdicar de qualquer esperança de manter as suas forças no centro de Espanha, para renovar a campanha no ano seguinte. Parecia agora que se arriscava a ficar encurralado onde estava.

Olhou para Somerset.

— Não há dúvida quanto ao que temos de fazer. O Hill terá de deixar Madrid de imediato. Esperara unir as nossas forças a norte daqui, mas agora é demasiado tarde. Envie-lhe ordens para que se encontre comigo em Salamanca. Entretanto, não deve enfrentar o inimigo.

Somerset pareceu surpreendido.

— Pretende deixar que os franceses voltem a tomar a capital, milorde?

— O que quer que eu faça? O Hill não consegue resistir sozinho ao Soult.

— Concordo, *sir*, mas o que pensarão os nossos aliados espanhóis? Vão dizer que os traímos.

— Por Deus, eles que digam o que bem lhes apetecer! — Arthur esmurrou a mesa. De imediato se arrependeu, furioso consigo mesmo por ter deixado que a irritação que nele crescia desde que o exército fracassara na tentativa de tomada de Burgos o dominasse. Respirou fundo e abriu o punho, obrigando-se a prosseguir num tom mais sereno. — De certeza que os nossos aliados espanhóis vão troçar de nós por esta medida. Contudo, isso é algo que teremos de suportar. Afinal de contas, pouco ou nada lhes devemos. Aprendi a não esperar grande coisa dos superiores espanhóis, mesmo depois de tudo o que fizemos por eles. Podem gritar *vivas* e ser simpáticos para connosco, além de odiarem os franceses, mas no geral são o povo mais incapaz que já vi, e o mais vaidoso. Assim sendo, e sopesando o bem do meu exército contra a boa vontade dos espanhóis, não tenho dúvidas quanto à minha opção, Somerset. — Olhou para o ajudante de campo, os olhos secos e doridos pela falta de descanso, e a cabeça a latejar-lhe pela mesma razão. — Dito isto, importa-se de enviar as ordens ao Hill?

— Com certeza, *sir* — retorquiu Somerset, com um tom de culpa na voz. — As minhas desculpas.

— Que disparate! — Arthur forçou um sorriso. — Sou eu que lamento. Os erros que me lançaram na minha presente melancolia não foram seus, Somerset. Que pelo menos isso o conforte. Agora, vá enviar a mensagem ao Hill, o mais depressa possível.

Embora o céu tivesse ficado limpo no início de novembro, o inverno começara a instalar-se sobre toda a Espanha. A paisagem abrasadora por onde o exército marchara da última vez que tinha tido motivo para se dirigir a Salamanca oferecia agora madrugadas geladas e dias com um vento frio que entrava por cada rasgão nas fardas dos soldados e fustigava a pele.

— Um exército em retirada nunca é uma imagem bonita de se ver — lamentou-se Arthur enquanto observava um regimento da divisão do general Campbell a arrastar-se pela estrada enlameada com destino a Salamanca. Os homens encontravam-se num estado lastimável. Por escanhoar, alguns com fardas remendadas que mal faziam jus ao nome, outros, depois de se terem livrado dos restos das calças de lã torcida cinzenta que tinham recebido havia quase onze meses, usavam uma variedade de substitutos. Todavia, os mosquetes estavam bem cuidados e nem uma ponta de ferrugem maculava os canos cinzentos compridos.

Alguns dos homens olharam para Arthur com expressões carrancudas ao passarem e não se ouviu um único viva que normalmente recebia o comandante quando este era reconhecido

pelos soldados. O estado de espírito miserável não fora melhorado pela incompetência do novo quartel-mestre de Arthur, o coronel Gordon, que enviara os carros de fornecimentos por uma estrada diferente para Salamanca, negando ao exército as rações dos últimos três dias. Os homens comiam bolotas e castanhas apanhadas pelo caminho.

Também o humor de Arthur azedou ao pensar na recente descoberta de Somerset, de que Gordon andava a enviar relatos derrotistas para os jornais londrinos. Há muito que Arthur se acostumara aos "resmungos" de alguns dos seus subordinados. Tal era inevitável, num conflito tão longo. No entanto, a incompetência era algo que não tolerava, pelo que decidiu desmobilizar Gordon, independentemente dos conhecimentos políticos do indivíduo.

O general Campbell serviu-se de uma pitada de rapé à passagem dos soldados. Quando Arthur comentou o estado das tropas, o general retorquiu, num tom casual:

— Não passam de miseráveis na melhor das hipóteses, *sir*. Especialmente os veteranos. Mas ficam satisfeitos com um copo de gin na barriga, e a perspetiva de um combate.

— Nesse caso, esperemos que os franceses não nos desapontem quando chegarmos a Salamanca.

Campbell franziu o cenho ao fungar, pestanejou e depois virou-se para Arthur.

— Pretende enfrentá-los nessa altura, *sir*?

— Porque não? Assim que juntarmos as forças de Hill às nossas, será uma oportunidade tão boa quanto outra qualquer.

— E o que ganhamos com isso? — Campbell fez uma pausa para calcular os totais. — Sessenta e cinco mil homens contra talvez cem mil franciús?

— Diria que talvez sejam menos — corrigiu Arthur, — caso as minhas informações estejam corretas. Chegaram-nos relatórios que dizem que as formações de Souham foram dispersas por outros comandos. É provável que não enfrentemos mais de oitenta mil homens.

— Mesmo assim, eles continuam em superioridade numérica, *sir*, especialmente em cavalaria e peças de artilharia.

— É verdade, mas imagino que se sintam incomodados ante a perspetiva de combater no mesmo terreno onde foram derrotados de forma tão marcante da última vez. Acredito que essa mesma razão vai animar os nossos rapazes.

Campbell olhou-o com um sorriso rasgado.

— Deixe-me que lhe diga que o senhor é muito matreiro, milorde.

— Talvez. — Arthur franziu o sobrolho. — Só espero não ter exagerado a minha reputação. Não seria bom que o Soult e o José se recusassem a morder o isco por falta de confiança. — Devolveu a atenção aos soldados que iam marchando. — Seria uma pena recusar aos seus homens uma oportunidade de se divertirem.

Campbell riu-se e ofereceu a caixa de rapé a Arthur.

— Quer um pouco, *sir*? É excelente para limpar as ideias.

Arthur mirou a caixa com desdém. Nunca gostara de rapé, nem entendia o prazer que se poderia obter com os espirros por ele produzidos. Abanou a cabeça.

— Agradeço-lhe, mas não. Com o meu nariz, de certeza que ficava sem metade do conteúdo.

Campbell fitou-o, de olhos arregalados, ao que soltou uma gargalhada, enquanto guardava a caixa de rapé.

— Mantenha os seus homens em movimento, Campbell. Vou precisar de todos eles quando travarmos a nossa batalha em Salamanca. — Tocou na aba do chapéu e virou a montada, encaminhando-se para a divisão seguinte na linha de marcha que serpenteava para ocidente, sobre a paisagem desolada.

Hill e a sua força juntaram-se ao exército dois dias depois da chegada de Arthur a Salamanca. As forças conjuntas de Soult, José e Souham encontravam-se a um dia de marcha de Hill. Arthur ordenou de imediato que o exército acampasse, como antes, nas encostas opostas da Arapil Pequena. Logo após a cumeada oposta, os franceses fizeram alto para acampar, dispersando uma linha de vedetas ao longo do topo para observar a posição aliada. Arthur usou como quartel-general a casa de quinta onde avistara a movimentação de Marmont. Enquanto os homens vasculhavam o campo circundante em busca de lenha e preparavam a melhor refeição possível com as rações que lhes sobravam, Arthur convocou os oficiais superiores para a casa, para os informar dos seus planos.

Ficou satisfeito por rever o general Alava. Este juntara-se à coluna de Hill na retirada de Madrid e esboçou um sorriso em resposta ao cumprimento de Arthur.

— Milorde, não faz ideia da animosidade que criou ao deixar Madrid. Tive dificuldade para convencer as Cortes a deixarem-me voltar a juntar-me a si.

— Lamento o seu desconforto. Contudo, espero que aqueles que gerem os assuntos espanhóis prefiram ter o meu exército intacto, em vez de ter sido destruído, caso permanecesse em Madrid.

Alava franziu o cenho.

— Quem me dera que fossem assim tão previdentes, milorde. Há quem não se acanhe em querer declarar guerra a Inglaterra.

Somerset ficou escandalizado.

— Não pode estar a falar a sério.

— Foi no calor do momento. Isso passa. — Alava acenou com a mão. — Felizmente consegui convencer algumas cabeças mais frias de que se tratava de um expediente temporário e de que os nossos aliados regressariam para libertar Madrid de vez.

— Obrigado. — Arthur indicou a Alava um lugar às mesas que o agricultor instalara no celeiro, o único espaço grande o suficiente para albergar tão grande número de oficiais.

Arthur bateu com os nós dos dedos na tábua para os silenciar e lhes chamar a atenção. — Cavalheiros, tenho fé de que amanhã enfrentaremos o inimigo. Embora nos encontremos em desvantagem numérica, dispomos de uma boa posição defensiva que irá contrariar qualquer supremacia que eles possam ter em peças de artilharia e cavalaria. Também nos deixa com caminho aberto para Portugal, no caso de tal ser necessário. Já antes nos encontrámos numa situação semelhante e se os franceses se comportarem como então, nesse caso iremos derrotá-los mais uma vez. Tal como aconteceu no Vimeiro e no Buçaco. — Fez uma pausa, preparando os oficiais para uma mudança de tom. — A verdade é que esta batalha, a ter lugar, será a nossa última oportunidade de retirar alguma vantagem da campanha deste ano. Se conseguirmos derrotar, ou expulsar os franceses, a nossa retirada acaba aqui. Se nos derrotarem, pelo menos poderemos retirar para Portugal para lamber as feridas e voltar a atacá-los na primavera.

— E se eles decidirem não lutar? — questionou Hill. — Da última vez que ocupámos esta posição, Marmont teve relutância em atacar. Foi o senhor que teve de levar a batalha ao inimigo.

— Da última vez, as nossas forças estavam equiparadas, pelo que pude dar-me ao luxo de atacar — explicou Arthur. — Desta vez, as probabilidades estão contra nós e não seria prudente fazê-lo. Além disso, tendo em conta o esforço levado a cabo pelos nossos inimigos para reunir todos os homens disponíveis em três exércitos, não acredito que eles não se prestem à batalha. Imagino que seja o Soult a assumir o comando, já que detém a patente mais elevada. A última vez que nos enfrentámos foi no Porto. Ele vai estar ansioso por vingança. O Soult sabe que terá de nos enfrentar aqui, caso contrário será obrigado a perseguir-nos até à segurança das nossas fortalezas em Portugal. Cavalheiros, estou certo de que teremos a nossa batalha. — Olhou em redor do celeiro, para os seus oficiais. — A vós só resta cumprir o vosso dever.

O Sol apareceu vindo da neblina e banhou as duas cumeadas com um brilho quente que foi acolhido com satisfação pelos soldados, fartos do vento e da chuva que lhes tinha acompanhado a marcha pelo centro de Espanha. Enquanto os homens de Arthur assumiam silenciosamente as posições na encosta oposta, as equipas de artilheiros prepararam as peças, dispondo-as pela cumeada de modo a devastar quaisquer colunas inimigas que avançassem pelas encostas da Arapil Pequena. Arthur ainda pensara em guarnecer a Arapil Grande, mas acabara por não o fazer. Precisava de todos os soldados na linha principal de batalha e não estava disposto a dar início a uma feroz luta de desgaste pelo controlo da colina, a qual resultaria a favor dos franceses, mais numerosos.

Na cumeada oposta, as tropas francesas formavam ao som das bandas, que tocavam as habituais melodias animadas para imbuir os soldados dos sentimentos apropriados de

dramatismo e patriotismo. Durante quase três horas, as hostes francesas alinharam-se num arco em torno da Arapil Pequena, um fluxo constante de batalhões de infantaria atrás dos estandartes tricolores encimados pelas águias douradas que Napoleão atribuíra ao exército. Nos flancos, densas massas de cavalaria aguardavam pacientemente, com os cavalos a raspar o solo, as caudas a agitar-se a espaços, enquanto os cavaleiros esperavam por ordens para montar. Ao centro, prontos a fustigar a linha aliada, uma grande bateria de mais de quarenta peças de artilharia tinha sido puxada para a frente, com as primeiras cargas de metralha e de bolas prontas a serem carregadas.

Às dez, tudo estava pronto de ambos os lados e os soldados aguardaram numa expectativa tensa, os ouvidos atentos ao som do canhão sinalizador que anunciaria o deflagrar do combate. Arthur e os seus oficiais tinham montado e avançado até ao derradeiro ponto seguro na cumeada, onde esperavam. De vez em quando, um oficial puxava do relógio e assinalava o passar do tempo.

Depois, ao meio-dia, os escaramuceiros gauleses começaram a avançar pelo vale aberto, procurando então abrigo, à medida que os atiradores britânicos iam abrindo fogo, abatendo uma mancheia de oficiais e soldados franceses. O duelo desorganizado entre as duas fações de atiradores arrastou-se durante mais uma hora sem grandes resultados, já que os mosqueteiros ingleses se limitavam a ficar onde estavam e os escaramuceiros franceses, armados com mosquetes de alma lisa e, logo, sem grande alcance, apenas se atreviam a saltar de abrigo em abrigo, até ficarem a uma distância que lhes permitisse disparar as armas. As nuvens engrossaram à medida que a troca de fogo prosseguiu, lançando uma sombra lúgubre sobre ambos os exércitos.

— Uma e meia, milorde — ofereceu Somerset num tom casual. — Não há sinais de qualquer ataque. O que estará o Soult a tramar?

Arthur sentiu uma pontada súbita de receio. E se Soult estivesse a queimar tempo enquanto outro elemento do exército assumisse a posição?

— Temos notícias das patrulhas de cavalaria?

— *Sir*?

— Há informações de outras colunas inimigas na zona? Ou algures na estrada para Portugal?

— Não, *sir*. — Somerset raramente detetara tal ansiedade na voz do comandante, pelo que acrescentou: — Tenho a certeza disso. Li todos os relatórios logo pela manhã. Este é o único exército francês nas redondezas de Salamanca.

— Aposta a sua vida nisso? — indagou Arthur, com brusquidão.

— Sim.

Arthur virou-se para encarar o ajudante de campo, os olhos cheios de desprezo.

— Nesse caso é um tolo, Somerset. Ou um charlatão.

Somerset engoliu a fúria. Wellington não estava em si e era preciso conceder alguma margem e tolerância, pelo que refreou a língua enquanto o general voltava a concentrar-se no inimigo, com os dedos da mão esquerda a bater um ritmo inconsciente no coldre da sela. Arthur via claramente os comandantes inimigos e respetivos estados-maiores, agrupados na posição aproximada que Marmont ocupara na batalha anterior. Ergueu o telescópio, apontou-o para o grupo de cavaleiros e identificou as fardas engalanadas de José e dos seus oficiais superiores. Pareciam estar imersos num debate animado.

Enquanto Arthur observava, ouviu uma pancada surda na borda do chapéu, depois outra. Baixou o telescópio e viu que começara a chover. O ruído tornou-se mais constante e depois transformou-se num silvo, à medida que a chuva caía com vontade, criando um véu uniforme entre os dois exércitos. Arthur olhou para o céu e viu que as nuvens se tinham espalhado até ao horizonte. As colinas mais distantes já estavam ocultas e as que se erguiam a poucos quilómetros tinham-se reduzido a contornos acinzentados.

— Continua sem haver movimentações por parte do inimigo — resmungou um oficial.

Arthur aquiesceu e enfiou o telescópio no alforge, abotoou o capote e deixou-se ficar sentado hirto, enquanto ponderava o gesto seguinte. A chuva iria dificultar ambos os lados. Os franceses teriam de avançar pelo fundo lamacento do vale antes de começarem a subida da encosta que os levaria até à posição aliada. Tanto a infantaria como a cavalaria seriam atrasadas pelo terreno macio. Ao mesmo tempo, a chuva aumentaria o número de disparos gorados por parte dos soldados de Arthur, o que reduziria o poder de fogo da sua linha, um fator preocupante, uma vez que já se encontrava em desvantagem numérica. Enquanto pensava, Somerset ergueu-se nos estribos e apontou para a cumeada distante.

— *Sir*, olhe ali. Os franceses estão em movimento.

Arthur levantou a mão para se proteger da chuva e semicerrou os olhos. Com efeito, os homens da reserva de cavalaria inimiga, agrupados no topo da cumeada, subiam para as suas montadas. Depois, um esquadrão de cada vez, viraram-se e afastaram-se sobre o topo. À medida que a ordem se foi espalhando para outras formações, o exército francês começou a retirar em direção ao acampamento.

— Parece que a chuva impediu a brincadeira — constatou Somerset.

Arthur aquiesceu e suspirou. Não haveria batalha. Soult não se deixaria atrair para um ataque a uma posição defensiva forte. Isso deixava uma única linha de ação racional aberta a Arthur. Puxou as rédeas e deu meia-volta ao cavalo, encarando os oficiais do estado-maior.

— E pronto, cavalheiros. O exército vai recuar para Ciudad Rodrigo. Somerset.

— Sim, milorde?

— Disperse o exército. Os homens que regressem ao acampamento para passar a noite. Informe todos os comandantes de divisão que o exército vai dar início à retirada pela alvorada. Durante a noite vão receber as ordens escritas para a marcha. É tudo. Cavalheiros,

podem ir.

Os rostos dos oficiais denotavam o desapontamento e o seu espírito abatido. Arthur observou-os a virar as montadas e a regressar ao quartel-general na fazenda. Partilhava os sentimentos. O exército iria voltar ao ponto de partida da campanha, e o fracasso da tomada de Burgos, o abandono de Madrid e o desconforto da longa retirada ao longo dos meses de inverno seria um fardo na mente de cada soldado. Muitos iriam dar voz ao seu descontentamento nas cartas que enviariam para casa durante a espera pelo final do inverno.

Contudo, fez Arthur por se recordar, os soldados tinham sempre a tendência de reclamar de tudo o que lhes provocasse um descontentamento imediato. A seu tempo, depois de descansarem e de se alimentarem devidamente, e de receberem novas botas e fardas, iriam recordar a glória de Salamanca. E a entrada triunfante na capital espanhola.

Arthur virou mais uma vez o cavalo para encarar o inimigo. Mesmo que Soult os tivesse privado da batalha daquele dia, ele reconhecia a importância do momento. Apesar da vantagem numérica, Soult recusara-se a lutar. Os marechais de Bonaparte tinham começado a receá-lo, percebeu Arthur com satisfação. Já não eram os mestres dos campos de batalha europeus. Mal se atrevia a dar voz ao que lhe corria no pensamento, mas no seu íntimo sabia que os ventos da guerra estavam a virar-se contra França, e contra Bonaparte.

CAPÍTULO 34

Napoleão

Maloyaroslavets, 25 de outubro de 1812

A chuva parou após os dois primeiros dias de marcha e o céu limpo, a par do tempo mais ameno, permitiu ao exército francês chegar à vila de Maloyaroslavets, a cem quilómetros de Moscovo, no final do quinto dia. Napoleão decidiu encaminhar-se para sudoeste, em direção a Kutusov, na esperança de que os russos recuassem, abrindo assim o caminho para a retirada até Smolensk. As notícias dos outros elementos do exército eram más. O marechal MacDonald, que cercava Riga, na costa báltica, enfrentava um cada vez maior número de russos e a lealdade de muitos dos seus soldados, acima de tudo os prussianos, estava em causa. A sul do Pripet, o general Schwarzenberg e os seus austríacos enfrentavam o dobro dos russos e eram obrigados a recuar.

Entretanto, os batedores de Murat relatavam que outras forças russas se aproximavam vindas de norte, sul e leste para se juntarem a Kutusov. Não havia como negar o risco: a armadilha fechava-se lentamente em torno do Grande Exército. Se Kutusov bloqueasse as travessias do rio ao longo da linha de retirada francesa, a fome e o frio devastariam o exército de Napoleão e os homens de Kutusov acabariam com ele.

Na véspera, o príncipe Eugénio abrira caminho pela ponte sobre o rio Lusha, em Maloyaroslavets, e, nessa manhã, Napoleão, o seu estado-maior e uma pequena escolta de dragões tinham partido numa missão de reconhecimento da estrada ocidental. Dois mil homens mantinham a povoação, enquanto o resto do exército aguardava na margem norte pela ordem de avanço. O céu estava limpo e o ar matutino cristalino e frio, pelo que os cavaleiros e as montadas exalavam plumas de vapor ao avançarem por uma vala baixa. A estrada era ladeada por campos vazios e cabanas ocasionais e, mais além, florestas estendiam-se à distância em todas as direções.

Napoleão olhou para o céu, após o que se dirigiu alegremente a Berthier.

— Se o tempo se aguentar assim mais duas semanas, faremos um bom avanço em direção a Smolensk.

— Sim, *sire* — replicou Berthier, mas o tom era cauteloso e Napoleão virou-se para o encarar, enquanto os cavalos avançavam por uma extensão de lama aguada.

— Tem dúvidas, Berthier?

O oficial coçou brevemente a barba de vários dias do queixo.

— Posso falar livremente, *sire*?

— Por favor.

— Muito bem. Não consigo deixar de pensar que deveríamos tomar o caminho mais direto

de regresso a Smolensk, especialmente com o tempo bom. Quanto mais depressa o exército chegar ao aquartelamento, melhor.

— Concordo, meu amigo, mas o maior desafio que se nos apresenta neste momento é fazer com que o exército continue a existir. Se tivesse dado ordem para regressarmos pelo mesmo caminho, não haveria como ocultar dos homens o facto de que estamos a retirar. Decerto imagina como isso afetaria o moral. É melhor seguirmos um rumo diferente, algo que me permita apresentá-lo aos soldados como um avanço. Se acreditarem nisso , estou seguro de que vão continuar prontos a lutar. Entende?

Berthier anuiu.

— Ótimo. Então vamos procurar um ponto elevado para vermos o caminho à nossa frente. — Napoleão olhou em redor e apontou para um morro dois quilómetros mais à frente. — Ali.

Estava prestes a incitar o cavalo quando ouviu um grito à esquerda. Napoleão virou-se. Um dos elementos do pequeno destacamento de dragões, cinquenta passos à esquerda, apontava para a mata. Um grupo de cavaleiros, talvez cinquenta homens, empunhando lanças, tinha saído de entre as árvores e apressava-se a chegar ao grupo de franceses. Vestiam mantos vermelhos esvoaçantes e chapéus de pele preta. As montadas eram mais pequenas e hirsutas do que os cavalos franceses.

— Cossacos — resmungou Berthier.

Outro grito de alerta fez-se ouvir à direita e Napoleão e os seus oficiais viraram-se, deparando com um segundo grupo que saía da floresta do outro lado, avançando em ângulo para cortar o acesso dos franceses à povoação. Os dragões tinham sacado das carabinas e apressavam-se a estabilizar as montadas para apontar. Viu-se uma baforada de fumo e ouviu-se um estampido quando o primeiro dragão abriu fogo. O disparo falhou por muito. Quando os camaradas se juntaram à salva, Napoleão viu um dos póneis dos cossacos tombar, atirando o cavaleiro para o campo lamacento sobre o qual cavalgavam em direção ao imperador francês e à sua pequena comitiva. Assim que dispararam, os dragões voltaram a guardar as carabinas e empunharam as espadas, incitando as montadas contra os cavaleiros inimigos. Os russos carregaram de ambos os lados do grupo imperial, bradando o seu grito de guerra debruçados sobre os póneis e de lanças baixas, prontas a investir. Os dragões encontravam-se numa grande desvantagem numérica e foram rapidamente dominados. Quando o último foi abatido, os cossacos continuaram a avançar diretamente sobre Napoleão e o estado-maior.

— Desembainhem as espadas! — vociferou Berthier. — Defendam o imperador!

As lâminas ornamentadas ressoaram ao deixar as bainhas, enquanto os oficiais franceses puxavam dos sabres leves de cavalaria e das espadas de cerimónia, formando um círculo largo em torno de Napoleão. Uns poucos tinham pistolas nas selas e sacaram-nas dos

coldres, engatilharam-nas e prepararam-se, apontando para o céu, para evitar que uma descarga prematura atingisse o seu lado. Napoleão observou os cossacos a correr pelo terreno aberto na sua direção, agora suficientemente perto para lhes distinguir os bigodes compridos que dançavam ao lado das faces, os lábios arreganhados e as bocas escancaradas no ímpeto do ataque.

— Mantenham-se firmes! — ordenou Berthier. — Não os deixem passar.

Um dos oficiais baixou a pistola, apontou, esperou até ao último momento e alvejou um cossaco no peito. O homem deixou cair a lança e tombou da sela de pele de ovelha. Seguiu-se uma rápida sucessão de tiros de pistola e o primeiro cossaco chegou ao grupo de oficiais de dragonas douradas e chapéus emplumados. Avançou o braço da lança, cuja ponta procurou o peito de um jovem coronel do departamento de topografia. Com um golpe desesperado, o oficial bloqueou a ponta da arma e recuou o braço para atacar quando o cossaco se colocou a seu lado. A lâmina polida silvou pelo ar, mas o russo inclinou o corpo para o lado e baixou-se junto à sela, tornando o ataque inofensivo.

Napoleão olhou à sua volta e viu que todos os oficiais estavam agora em combate, envolvidos num duelo desigual com os cossacos, que atacavam com as lanças qualquer alvo que se lhes apresentasse. Os oficiais do estado-maior fizeram tudo o que estava ao seu alcance para deter os ataques e usavam o maior peso dos cavalos para obrigar o inimigo a recuar, mas estavam em desvantagem e acabaram por ser empurrados na direção do imperador. Napoleão não tinha pistolas, nem sequer uma espada, e sacou do telescópio, empunhando-o com a mão livre, preparado para o usar como clava. A toda a volta, o ar estava pesado com o raspar e o tilintar das lâminas nas pontas de aço e nas hastes de madeira. Os cossacos tinham interrompido os brados e concentravam-se agora na luta corpo a corpo com os inimigos, os dentes cerrados em expressões selvagens. O primeiro dos oficiais de Napoleão caiu com um arquejo, tombando da sela quando a ponta de uma lança lhe arrancou da barriga um emaranhado cintilante de intestinos. Foi seguido quase de imediato pelo cossaco que o abatera, quando um sabre caiu sobre o pescoço do russo, separando músculos e vasos sanguíneos, e cortando a coluna vertebral. O homem estendeu os braços, contorceu-se na sela e caiu.

— *Sire*! Cuidado! — gritou Berthier, colocando a montada entre Napoleão e o cossaco que abrira caminho pelo círculo atrás deles. Napoleão virou-se e avistou a expressão selvagem do russo quando este puxou a lança atrás para atacar. A ponta avançou, escorçada e mortífera, como uma serpente a investir, e Napoleão desferiu um golpe com o telescópio, conseguindo afastar a ponta. Depois o pónei embateu no flanco da égua de Napoleão, quase derrubando o imperador, que balançou brevemente antes de segurar as rédeas e firmar as pernas em torno da cilha da montada. Foi a vez de Berthier atacar, descrevendo um golpe com a espada contra o ombro do russo, despedaçando com estrépito a clavícula e a

omoplata. O cossaco largou a lança, puxou as rédeas para o lado com a mão funcional e afastou-se, abrindo caminho por entre os homens que lutavam atrás de Napoleão.

— Obrigado, Berthier — arquejou Napoleão, o coração aos saltos com o medo e a excitação. Berthier sorriu e os dois homens ouviram um clarim distante a ressoar do outro lado do campo. Viraram-se e avistaram um esquadrão da cavalaria da Guarda a aparecer vindo de um cotovelo na estrada.

— Aguentem! — bradou Napoleão aos oficiais. — Mantenham-nos afastados!

A escaramuça intensificou-se enquanto os cossacos se esforçavam por abater os inimigos antes que fossem salvos pelos reforços. Mais um oficial tombou, com o peito trespassado, a ponta ensanguentada a aparecer pelas costas, a menos de três passos do local onde Napoleão se encontrava na sua montada. Arrepiou-se involuntariamente com a visão. A lança foi puxada e o oficial vacilou na sela, gemendo de agonia antes de começar a desabar para a frente. Outro gritou quando uma lança lhe prendeu o braço ao flanco e penetrou por entre as costelas do francês. Napoleão ergueu-se rapidamente nos estribos e viu que os dragões investiam para salvar o imperador, cavalgando pela estrada enquanto levantavam uma cortina de lama, as espadas erguidas a reluzir ao sol.

Um grito repentino atrás de Napoleão fê-lo virar-se na sela, a tempo de ver outro cossaco na sua direção, de lança em riste para atacar.

— Nem penses! — bradou uma voz e um oficial colocou a montada entre o russo e o imperador. Quando o cossaco investiu, o oficial atirou-lhe a espada ao rosto e agarrou na haste da lança com ambas as mãos. O cossaco segurou-se, mas, com um puxão forte, o oficial do estado-maior arrancou o inimigo da sela e deitou-o ao chão. Um golpe poderoso da lança no pescoço acabou com o russo.

A aproximação dos cascos retumbantes desviou a atenção do imperador do oficial que o salvara e Napoleão viu a cavalaria da Guarda a carregar sobre a refrega. Eram homens selecionados, montados nos melhores cavalos, que investiram sobre os cossacos que não conseguiram dar meia-volta e fugir a tempo. Os restantes desapareceram na mata, perseguidos pelos franceses a galope.

— Quem é ele, Berthier? — Napoleão acenou com a cabeça na direção do oficial que segurava na lança. O indivíduo, louro e de feições delicadas, não teria mais de trinta anos de idade.

— É o coronel Eblé, *sire*, um engenheiro.

— Trate da promoção do coronel a general. É um homem corajoso.

— Vamos precisar de muitos como ele nas semanas que se avizinham — retorquiu calmamente Berthier.

Napoleão franziu o cenho. Tinha vontade de censurar o chefe do estado-maior pelo pessimismo demonstrado, mas sabia que Berthier tinha razão. Ao olhar para as florestas de

cada lado, podia ver figuras montadas a ocultar-se nas árvores, a observá-los. De súbito deu meia-volta à montada estrada abaixo e, momentos depois, Berthier juntava-se a ele.

Permaneceram em silêncio por um instante enquanto Napoleão olhava de um lado para o outro.

— Julgo que talvez seja melhor reconsiderarmos o trajeto — aventou.

De regresso à carruagem de campanha, Napoleão tirou um mapa dos acessos a Moscovo do estojo e abriu-o em cima da mesa desdobrável. Inclinou-se sobre os cotovelos e analisou-o por breves instantes, após o que aquiesceu. Bateu com o dedo sobre o nome de Maloyaroslavets.

— Não nos atrevemos a levar todo o exército sobre o rio de uma só vez. Iria demorar demasiado tempo, e se o inimigo conseguir avançar forças suficientes para atacar a cabeça de ponte, podemos ficar encurralados enquanto Kutusov se aproxima de leste.

— É uma possibilidade, *sire* — concordou Berthier. — Mas se a outra margem estiver defendida por alguns bandos de cossacos e pelos restos da coluna que o Eugénio afastou, talvez valha a pena arriscar. Se o exército cruzar o Lusha, serão poucos os obstáculos naturais entre nós e Smolensk.

Napoleão pensou por um instante e depois abanou a cabeça.

— Seriam precisos poucos canhões para eliminar a ponte e lançar o pânico. Perderíamos milhares de homens, soldados que não posso dar-me ao luxo de desperdiçar. Não, o exército não pode atravessar aqui. — Napoleão percorreu o mapa com o dedo. — Vamos dirigir-nos para norte, de volta à estrada Moscovo-Smolensk.

Berthier respirou fundo.

— Mas isso vai custar-nos seis dias, *sire*. Não nos podemos dar ao luxo de perder assim tanto tempo.

— O tempo é irrelevante se não tivermos um exército para o usar. — Napoleão endireitou-se e esfregou as costas. Mesmo pouco tendo dormido nos últimos dias, sentia alguma da sua antiga energia a voltar. Apercebeu-se de que o estômago já não lhe doía.

Continuou a olhar para o mapa. Concedeu em silêncio que talvez fosse possível que Berthier tivesse razão, com a marcha em direção a norte a custar-lhes seis dias, mas o risco acarretado pela tentativa de atravessar o Lusha sobrepunha-se aos receios de Berthier.

Uma súbita rajada de vento fez com que o mapa adejasse onde não se encontrava preso à mesa. Napoleão arrepiou-se e dirigiu-se a um dos ordenanças à espera no exterior da carroça.

— Vá buscar-me um casaco quente.

Vários dias mais tarde, o exército voltou à estrada para Smolensk e passou pelo campo de batalha de Borodino. Não houvera tempo para enterrar o grande número de homens e

cavalos mortos aquando da perseguição do Grande Exército a Kutusov, em direção a Moscovo, na sequência da batalha de há seis semanas. Desde então, os cadáveres tinham inchado, apodrecido e sido devorados por alcateias de lobos atraídos de quilómetros em redor pelo fedor da morte. Entre os corpos devastados, estavam os despojos de guerra: mosquetes abandonados, carros despedaçados de peças de artilharia, elmos e couraças de cavalaria, trespassados por fogo de mosquetes e de canhões.

— Deus do Céu… — resmungou Berthier ao olhar para a paisagem desolada, à passagem da coluna do quartel-general. Estava à frente de Napoleão, numa carruagem aberta.

— É uma cena feia — assentiu Napoleão, ao que franziu o nariz. — E o cheiro é insuportável, mesmo agora.

Virou-se no seu lugar para olhar para a coluna que serpenteava ao longo do campo de batalha. Embora os homens tivessem um aspeto magro e desgrenhado, traziam ainda os mosquetes e as mochilas. Enquanto o imperador observava, centenas de soldados quebraram as fileiras e correram para os cavalos apodrecidos, em busca de carne que pudesse ser aproveitada, por mais estragada que estivesse. Era uma visão tenebrosa e Napoleão desviou o olhar, acomodando-se no banco e fechando os olhos. Não dormiu, tendo antes refletido ansiosamente na contínua desintegração do Grande Exército.

Ainda nesse dia, um dos homens de Murat levara ao imperador um relatório da retaguarda. Custava a crer nas condições que se viviam no final da linha. As forças de Davout tinham-se dirigido à retaguarda e o marechal informou o imperador de que pelo menos trinta mil retardatários e seguidores enchiam a estrada atrás do corpo principal do exército. A maioria abandonara as armas e os mais fortes tinham criado bandos que predavam os mais fracos, roubando-lhes as roupas e a comida e deixando-os para morrer. A fome acabava com centenas todos os dias. Os homens caíam na berma da estrada e fitavam o vazio, à espera da morte.

Bandos errantes de cossacos e de camponeses aproveitavam a oportunidade e chacinavam os soldados franceses com que se deparavam. Os feridos nos carros que restavam eram esmagados uns pelos outros, tal era o seu número, e quando um homem morria, ou quando se julgava que não tinha salvação, era atirado borda fora, para morrer na lama, ou para ser esmagado pelos veículos seguintes. Os cavalos que restavam pouco mais eram do que esqueletos e os animais coxos eram abatidos onde caíam, sendo despedaçados por multidões enlouquecidas. Alguns homens chegavam mesmo a soltar os cavalos das carroças dos feridos, deixando os camaradas para trás e ignorando as súplicas para não serem abandonados. A juntar a tudo isso, ao longo da linha de marcha viam-se os despojos descartados da campanha, entre armas abandonadas, peças de artilharia sabotadas, carroças, carros de mão e outros veículos.

Quando o exército chegou ao rio Dnieper, no primeiro dia de novembro, Napoleão

mandou que se fizesse alto, para que a retaguarda tivesse tempo de os apanhar. Chegaram notícias terríveis de mais à frente. Forças russas marchavam para bloquear as passagens sobre o rio Berezina, a cento e cinquenta quilómetros da fronteira com o ducado de Varsóvia.

Quando a noite chegou, a temperatura desceu abaixo de zero e continuou a cair. Depois de ler os relatórios do dia e de ter redigido as respostas, Napoleão desceu da carruagem de campanha e aproximou-se do lume que lhe fora aceso por uma divisão de guardas. Cercavam agora o perímetro da luz lançada pelas chamas, com os mosquetes pendurados ao ombro enquanto batiam os pés, na tentativa de se manter quentes durante o serviço de vigia. Um criado levou uma malga de sopa de cebola e uma fatia de pão ao imperador, que estava sentado numa cadeira de campanha, a pouca distância da fogueira. Ao beberricar a sopa quente, viu centenas de outros pontos brilhantes a marcar o terreno circundante e a estender-se em direção ao horizonte oriental. No céu brilhava uma meia-lua, que lançava uma luz débil sobre as manchas negras das florestas e as extensões abertas das quintas que se perdiam à distância de ambos os lados do exército. Ao longe ouviu-se uma breve salva de fogo de mosquete, depois silêncio e por fim o longo uivo de um lobo, acompanhado por outros, que prosseguiram até que uma nova rajada de tiros de mosquete os afugentou.

Napoleão sentiu algo frio a bater-lhe na face e pestanejou. Depois, um floco pálido pairou-lhe ociosamente à frente do rosto e caiu-lhe sobre a coxa. Seguiu-se outro, depois mais, e quando olhou para o céu noturno, viu um súbito movimento em voluta a descer do firmamento contra um banco de nuvens que ocultava a Lua e as estrelas. Levantou-se vento que estimulou as chamas. Napoleão ouviu passos e virou-se. Viu Berthier a aproximar-se, com uma expressão preocupada a toldar-lhe o rosto.

— Esperava chegar a Smolensk antes da neve, *sire*.

Napoleão tomou mais um gole de sopa de cebola.

— Eu também. Agora só nos resta esperar que não dure muito.

Nenhum dos homens falou enquanto assistiam ao véu de neve a cobrir a paisagem, deixando lentamente um lençol branco sobre os campos e as florestas ao assentar no terreno como uma mortalha.

CAPÍTULO 35

6 de novembro de 1812

Berthier ergueu o olhar do despacho que Napoleão lhe dera para ler.

— O caso parece ter sido tratado com eficiência quanto baste. A guarnição de Paris esmagou os traidores e, tal como diz, o general Malet é obviamente lunático.

— Lunático ou não, ele merece ser fuzilado, a par dos outros — retorquiu Napoleão, enquanto arrastava o banco para mais perto da salamandra. No exterior do celeiro caía um nevão, o que ajudava ao manto branco dos dias anteriores. O quartel-general imperial prosseguira com dificuldades até depois de escurecer, antes de chegarem ao celeiro e à meia dúzia de barracões que constituíam os únicos abrigos que os batedores tinham conseguido encontrar para aquela noite. Um fogão a lenha tinha sido trazido da bagagem imperial e um dos carros fora desfeito para servir de lenha, providenciando o suficiente para a salamandra e para uma pequena fogueira no exterior, em redor da qual as sentinelas da Velha Guarda se amontoavam.

Quando o lusco-fusco se instalara sobre a neve, dando à paisagem invernal um tom azul pálido, os oficiais do quartel-general encontraram um mensageiro na estrada para Smolensk. A sacola selada só fora aberta depois de Napoleão se ter aquecido e comido junto ao fogão. Havia uma mensagem do ministro da polícia, assinalada como *Muito urgente*, a qual Napoleão leu primeiro.

O ministro relatava que tinha tido lugar uma tentativa, por parte de alguns oficiais do exército, de assumir o poder. O cabecilha era o general Malet, adversário de longa data do imperador, que fora internado num hospício. Tinha conseguido fugir. Ao chegar a Paris com um falso despacho do exército, declarara que Napoleão morrera na Rússia e conseguira convencer uma série de oficiais a juntar-se à sua causa. Só quando o governador militar de Paris se recusou a acreditar na notícia é que a trama foi descoberta e os culpados detidos, julgados e fuzilados.

— Bem, isso já acabou. — Berthier dobrou a missiva e depositou-a na caixa de correspondência já lida. — Ao que parece, nunca houve hipóteses de êxito.

— Não está a perceber — comentou Napoleão, com um tom exausto. — Não duvido que Malet e os seus amigos acabassem por fracassar. Os soldados de Paris nunca se juntariam a eles. O que me preocupa é o número de oficiais dispostos a acreditar que eu tivesse morrido. — Lançou um olhar sério a Berthier. — Será que não percebe? Sempre que deixo Paris durante algum tempo, nunca demora muito para que o poder me escape por entre os dedos. — Quedou-se em silêncio por um instante, fitando a terra revolvida entre as botas. — Pelos vistos, a minha presença é necessária em Paris assim que deixar o exército em

segurança a passar o inverno.

— *Sire* — atalhou Berthier com um olhar de alerta, após o que mirou os outros oficiais presentes no celeiro. Alguns debruçavam-se sobre mesas de campanha, ocupados a redigir ordens, enquanto outros coligiam os mais recentes números de soldados, uma tarefa que a cada dia que passava dava conta do crescente risco que o Grande Exército corria, à medida que o número de homens em cada divisão ia caindo. Certo de que ninguém o ouviria, Berthier prosseguiu: — Tem de ficar com o exército tanto tempo quanto possível. Enquanto permanecer connosco, vai haver esperança entre os homens. Eles confiam em si, *sire*. Sabem que os vai levar para longe deste ermo gelado. Mas se partir… se os abandonar, o que tiver restado do espírito de luta entre eles vai dissipar-se. O exército vai dissolver-se. Temos de salvar tantos quanto possível, caso contrário, quando a próxima campanha tiver início, não teremos nada entre o nosso império e as forças russas.

Napoleão franziu o cenho na direção do chefe do estado-maior.

— Está a exagerar nos riscos, Berthier, como sempre. O que o leva a pensar que estas condições não afetam igualmente o inimigo? Os russos não deixam de ser homens. Também sentem frio. Ficam com fome quando se afastam das linhas de suprimentos. De certeza que, neste momento, o Kutusov está no quartel-general dele, a escutar as palavras do seu próprio subordinado derrotista. Quando a primavera chegar, os russos vão estar em tão más condições como nós para dar continuidade à guerra.

— Engana-se, *sire* — contrapôs Berthier. — Os russos estão dentro das suas linhas de fornecimento. Os soldados deles têm comida quando precisam e não são obrigados a transportá-la a cada passo que dão.

— E nós também não, assim que chegarmos a Smolensk! — redarguiu Napoleão. — Lá dispomos de rações suficientes para todos os homens. A cidade tem defesas fortes. O exército pode passar lá o inverno enquanto eu regresso a Paris, e quando a primavera chegar, estaremos ao alcance de S. Petersburgo. Se a perda de Moscovo não levar o czar a procurar paz, talvez comece a ver a luz se lhe tomarmos a nova capital. Se isso não resultar, tomaremos as cidades dele uma a uma, e depois queimamo-las, até que ele se submeta.

Berthier abanou a cabeça.

— Já não sei se a perda de todas as cidades lhe vai enfraquecer a vontade de resistir. Seja como for, se o Grande Exército, ou o que restar dele, permanecer em Smolensk, corre o risco de ficar encurralado durante o pino do inverno. E o inimigo vai continuar a convocar as reservas para aumentar a dimensão dos exércitos que se reúnem contra nós. Na primavera estarão prontos a fechar a rede em torno de Smolensk e a obrigar o exército a capitular, ou a perecer. Não vai ter exército ao qual regressar, *sire*.

Napoleão baixou o olhar e fitou a borda alaranjada tremeluzente em torno da porta de ferro da salamandra. Berthier tinha razão. Não se podia dar ao luxo de abandonar o exército

com o moral dos homens num estado tão fragilizado. Mesmo assim, estava extremamente preocupado com a situação em Paris — e não só na capital. Não se podia confiar nos prussianos, nem em muitos dos outros aliados menores da Confederação Alemã. E depois havia o caso de Espanha, onde o controlo do país lhe escorria por entre os dedos, com Wellington e os malditos rebeldes espanhóis a continuarem a esquivar-se aos marechais de Napoleão.

Sentiu o peso de tudo isso a pressionar-lhe o coração como uma grilheta. O império precisava dele um pouco por todo o lado. Estava fadado a ser um governante a dirigir as guerras à distância, ou um general a comandar os soldados na frente, longe da capital. Um homem não seria capaz de fazer as duas coisas, ponderou, ao que sorriu para consigo. Um homem talvez não, mas um Napoleão? Só a História o diria.

— *Sire*? — Berthier interrompeu-lhe os pensamentos.

— O que foi?

— As suas ordens. O exército vai permanecer em Smolensk?

Napoleão imobilizou-se por um momento e depois abanou a cabeça.

— Tem razão. É um ponto demasiado exposto. Vamos recuar até ao depósito de Minsk. Entretanto, envie uma mensagem ao marechal Victor. As forças dele continuam intactas. Ordene-lhe que avance até nós. Ele tem de manter as nossas linhas de comunicação abertas a qualquer custo. Não posso perder o contacto com Paris.

— Sim, *sire*.

Napoleão inclinou-se para a salamandra, estendeu as mãos e falou em voz baixa:

— A campanha está perdida, Berthier.

— Sim, *sire*, eu sei.

— Nesse caso, tudo o que nos resta é retirar o maior número possível de homens da Rússia.

O imperador e a Guarda Imperial chegaram a Smolensk no nono dia de novembro. A reserva de suprimentos para o Grande Exército estava bastante mais exaurida do que Napoleão antecipara. Quase não chegava para alimentar os soldados durante o inverno, nem sequer até ao final do ano. À medida que as formações seguintes foram chegando à cidade, receberam toda a comida que conseguissem transportar. Muitos dos homens quase não comiam há semanas e, ignorando as ordens dos oficiais, empanturraram-se, deixando pouco que os sustentasse durante a marcha do exército, que seguiu para sul do Dnieper e deixou Smolensk para trás.

Napoleão e o estado-maior tentaram reorganizar o que restava do exército. Sobravam menos de quarenta mil homens de primeira linha. A cavalaria de Murat quase desaparecera e os oficiais receberam ordens para entregarem os cavalos, para que se pudesse reunir uma

pequena força que enfrentasse a ameaça dos cossacos. Os seis mil sobreviventes das brigadas de Ney assumiram a retaguarda e descansaram alguns dias na cidade, deixando que a miserável coluna de retardatários passasse, pilhando a pouca comida que restava nos depósitos e nas casas de Smolensk.

Bem cedo no dia dezassete, data em que Ney recebera ordens para deixar Smolensk, a vanguarda deparou-se com uma força russa poderosa a bloquear a estrada. O céu estava da cor do chumbo sobre a espessa camada branca cintilante que cobria a paisagem despida. Pouco mais de um quilómetro à frente do Grande Exército, erguia-se uma pequena elevação, onde os russos aguardavam, infantaria e um punhado de canhões ao centro, com milhares de cossacos alinhados em cada flanco. Napoleão observou-os pelo telescópio e depois conferenciou com Berthier.

— Imagino que sejam uns vinte mil, no total.

— Sim, *sire* — replicou Berthier instantes depois. — Concordo.

— Têm de ser afastados. — Napoleão mordeu o lábio. Só restava uma formação no Grande Exército com força suficiente para levar a cabo essa missão. Se fracassassem, tudo estaria perdido. Dirigiu-se a Berthier. — Diga ao general Roguet que a Guarda terá de formar uma linha de batalha nesta estrada. Aqui. — Apontou o dedo ao chão.

À medida que o débil brilho do Sol foi subindo por trás das nuvens, os homens da Guarda Imperial marcharam estrada acima, depois viraram-se e perfilaram-se ao longo da neve para assumir as posições. À frente deles, os últimos cavalos de artilharia puxaram vinte canhões que as equipas de artilheiros começaram a carregar com os dedos dormentes. Enquanto Napoleão observava os preparativos, viu que as suas forças de elite tinham sofrido as mesmas privações do resto do exército. Os guardas estavam barbados e imundos, com as fardas esfarrapadas sujas de lama e tiras de pano atadas à volta das botas e das mãos, numa tentativa de manter os pés e os dedos quentes. Mesmo assim, formaram alas com tanta eficiência como se estivessem no pátio das Tulherias. Napoleão não pôde deixar de se sentir orgulhoso daqueles homens, que o tinham servido em tantas campanhas. Tinham sido reservados para aquele momento. Na mais negra hora do Grande Exército, seria a Guarda Imperial a combater para os salvar a todos.

Uma série de estrondos secos vindos da linha russa anunciou o início da batalha, com os canhões inimigos a abrir fogo. Enquanto o derradeiro batalhão assumia o seu lugar na linha, o general Roguet deu ordem para que as peças respondessem. Durante quinze minutos, os canhões de ambos os lados trocaram salvas, com as munições a criar breves jorros brancos ao cair na neve. De vez em quando um dos tiros acertava no seu alvo, esmagando um canhão e derrubando alguns dos artilheiros. Rapidamente, os homens da artilharia da Guarda Imperial entraram no ritmo das suas tarefas, gemendo com o esforço enquanto carregavam e disparavam as armas. Em breve, o treino superior evidenciou-se, à medida que foram

silenciando um canhão atrás do outro, tendo apenas perdido dois dos seus.

— Assim é que é! — Sentado no seu cavalo ao lado de Napoleão, o general Roguet ostentou um sorriso rasgado. — O primeiro ponto é nosso, *sire*.

Napoleão assentiu. Apertou o corpo com os braços e encolheu-se no abafo que tinha enrolado à volta do pescoço.

— Agora diga aos seus homens que concentrem o fogo na infantaria.

— Sim, meu imperador. — Roguet fez avançar a montada através da neve, na direção do general da artilharia. Momentos depois, os primeiros disparos franceses começaram a cair sobre as densas alas de infantaria russa e Roguet voltou para junto do seu imperador. Sempre que uma bola acertava no alvo, provocava um rodopio de corpos bem no centro das linhas russas. Contudo, os soldados fechavam calmamente as clareiras e mantinham as posições. Deixaram-se fustigar durante uma hora, até que o general de artilharia relatou que as munições começavam a esgotar-se. O comboio de suprimentos da Guarda, cada vez mais escassos, encontrava-se ainda quilómetros mais abaixo, na estrada para Smolensk.

— Então mande a infantaria avançar, general — ordenou Napoleão. — Eles que libertem aquela elevação e depois que empurrem o inimigo para sul, para abrir caminho ao resto do exército.

— Sim, *sire*.

Pouco depois de a última das peças de artilharia se ter silenciado, a ordem foi dada. Os tambores marcaram o ritmo e as primeiras companhias de cada batalhão da Guarda avançaram na direção do inimigo, com as botas a fazerem o mínimo ruído ao quebrarem a fina camada de gelo em cima da neve. Após um breve atraso, as outras companhias seguiram as marcas deixadas pelos camaradas, até que mais de sete mil homens se aproximaram do inimigo. Napoleão ouviu o bramido de uma corneta distante, ao que a nota foi repetida ao longo da linha russa, com os cossacos a avançar, os cascos a levantar nuvens de neve. De lanças em riste, bradaram o seu grito de guerra.

Momentos depois, Napoleão viu os Guardas a estacar. Os batalhões dos flancos formaram quadrados e depois toda a formação se manteve firme, enquanto milhares de cossacos carregaram contra eles sobre o imaculado cobertor de neve. Os mosquetes ergueram-se, apontados aos cavaleiros que se aproximavam, e os oficiais franceses sustiveram o fogo, aguardando que a onda de guerreiros ululantes chegasse mais perto, não mais de cem passos dos guardas, depois cinquenta. Napoleão sentiu as entranhas a contraírem-se com a antecipação. A ala da frente da linha francesa disparou então, com minúsculas línguas de fogo e uma explosão súbita de fumo diretamente à frente dos soldados. Da sua posição, Napoleão tinha um ângulo de visão desimpedido sobre o fumo e viu os primeiros cossacos a serem derrubados, com homens e cavalos a tombar na neve. A ala frontal dos guardas baixou-se de imediato sobre um joelho e as baionetas foram inclinadas contra o inimigo. A

segunda linha ergueu as armas, fez uma pausa e depois uma nova salva ribombou, com uma onda renovada de bolas de mosquete a ceifar mais inimigos.

Os cavaleiros defronte da linha francesa estacaram, hesitando ao ver centenas de camaradas espraiados na neve à sua volta. Todavia, os flancos tinham sofrido menos baixas e contornaram os cantos dos quadrados franceses, onde foram recebidos por mais salvas das companhias que cobriam as laterais da linha da Guarda Imperial. A carga interrompeu-se e os cossacos deram meia-volta às montadas, galopando de regresso encosta acima. O general Roguet ordenou aos quadrados que refizessem a formação original, após o que os Guardas recarregaram os mosquetes e prosseguiram com o avanço, detendo-se quando ficaram ao alcance da infantaria russa que aguardava. Houve uma troca de salvas e dezenas de guardas dos primeiros batalhões tombaram, ao que se sucedeu a carga. A coragem dos russos não durou muito à medida que os veteranos de Napoleão avançavam, abrindo caminho com golpes de baioneta e coronhadas. No espaço de um minuto, o inimigo cedeu e fugiu, figuras minúsculas a dispersar pela neve.

Os homens de Roguet assumiram o controlo da encosta, dirigindo-se para sul para enfrentar os aglomerados de cossacos que se tinham voltado a formar. Os dois lados entreolharam-se, quase ao alcance do fogo dos mosquetes. Napoleão aquiesceu com satisfação. A estrada voltava a ficar aberta e o exército poderia seguir até à derradeira passagem sobre o Dnieper, em Orsha. Depois disso bastava cruzar mais um rio, antes da última etapa da retirada até ao Neman.

Napoleão ficou com Roguet durante o resto do dia, enquanto a Guarda continuava a enfrentar os cossacos. Atrás dos guardas, o resto do exército avançava pela estrada. A neve endureceu rapidamente e a superfície gelada cintilava enquanto os soldados franceses desgrenhados prosseguiam com cautela, tentando evitar possíveis escorregadelas. Atrás da artilharia da Guarda seguiam os outros batalhões que não tinham participado na curta batalha e algumas centenas de cavaleiros, tudo o que restava da garbosa cavalaria pesada que avançara Rússia adentro havia poucos meses. Depois vinham as figuras escanzeladas das tropas do príncipe Eugénio, com alguns batalhões reduzidos a menos de cinquenta homens que ainda seguiam as flâmulas encimadas pelas águias douradas. Não restavam mais de cinco mil dos quarenta e cinco mil homens que tinham atravessado o Neman em junho. Atrás das forças de Eugénio seguiam os dez mil soldados do marechal Davout, que liderara a maior formação da campanha. Menos de um em cada sete ainda marchava atrás das respetivas águias. Após Davout, chegava a longa e desalinhada massa de retardatários, os feridos e os seguidores do exército: mulheres embrulhadas em capas, algumas agarradas às mãos de crianças que miravam, apáticas, o chão enquanto se arrastavam em frente. A alguma distância atrás deles, talvez a um dia de marcha, encontrava-se a retaguarda, comandada pelo marechal Ney.

Napoleão olhou pelo telescópio, em busca de sinais das tropas de Ney atrás dos últimos pontos dos derradeiros retardatários que ainda tentavam acompanhar o exército, mas não viu nada, além de uma paisagem invernal praticamente vazia. Fechou o telescópio com uma sensação de ansiedade e dirigiu-se ao general Roguet.

— Os seus homens que voltem a juntar-se à coluna. Aproxime o mais possível os retardatários.

— Sim, *sire*. — Roguet assentiu. — E o Ney? Pretende imobilizar o exército e deixar que ele nos alcance?

— Não. Não podemos parar. Temos de chegar a Orsha antes do inimigo, caso contrário a passagem ser-nos-á recusada.

— *Sire*, posso deixar alguns batalhões para trás, para manter a estrada aberta e esperar por Ney.

— A Guarda é o que nos sobra das reservas. Não posso arriscar-me a perder desnecessariamente um homem que seja.

Roguet abanou a cabeça, em protesto.

— Mas, *sire*, se abandonarmos esta posição, os cossacos vão fechar a estrada atrás de nós. As tropas de Ney vão ficar cortadas.

— É uma pena — retorquiu Napoleão, após o que se obrigou a esboçar um sorriso. — Meu caro Roguet, se há homem capaz de sobreviver a este ermo, esse indivíduo é Michel Ney. Pode ter a certeza disso.

Roguet olhou para trás, para a estrada até Smolensk.

— Espero que tenha razão, *sire*.

— Confie em mim. Muito bem general, ordene aos seus homens que se juntem à coluna.

Roguet curvou a cabeça com lassidão e afastou o cavalo do imperador, em direção às linhas escuras dos homens que ainda encaravam os grupos distantes de cossacos. Napoleão fitou o inimigo com desprezo durante um instante. Os cossacos eram como animais. Tinham-lhe chegado muitos relatórios sobre as atrocidades perpetradas contra os retardatários, ou contra pequenos grupos de prisioneiros capturados. Ainda na véspera, um grupo de forrageadores tinha sido reunido e obrigado a entrar num celeiro que fora depois incendiado. Em resultado disso, o quartel-general imperial dera ordens para que não se fizessem prisioneiros. Fosse como fosse, refletiu Napoleão, havia poucos homens para os vigiar e não tinham comida com que os alimentar. Não havia literalmente comida. Já corriam rumores de que alguns indivíduos tinham aderido ao canibalismo. A expressão de Napoleão transformou-se em repulsa ao pensar nisso. Não acreditava nos boatos, disse para consigo. Os homens não faziam tais coisas.

Abanou a cabeça para se libertar dos pensamentos e voltou-se uma última vez para Smolensk. A noite aproximava-se, dotando os campos de neve de tons cada vez mais escuros

de cinzento.

— Boa sorte, Ney — resmungou e deu meia-volta à montada, incitando-a para um trote na neve a par da coluna, enquanto cavalgava para alcançar o quartel-general.

A vanguarda marchava com vigor, levada pela noção de que estavam numa corrida para chegar a Orsha antes que o inimigo pudesse tomar a povoação e bloquear a passagem. Dois dias depois da batalha, a Guarda Imperial chegou à vila e deu rapidamente início à fortificação da cabeça de ponte sobre o Dnieper. Ao longo dos dias seguintes, o resto da coluna principal foi chegando e abrigou-se na pequena terra, enchendo os edifícios e os celeiros para fugir ao vento gelado e à neve. As pequenas reservas de alimentos de Orsha em breve se exauriram e os derradeiros elementos do Grande Exército viram-se obrigados a implorar as poucas migalhas que conseguiam dos seus camaradas. Ainda não havia sinais, nem notícias de Ney e quando o último retardatário entrou na povoação, as sentinelas mantiveram-se atentas aos primeiros cossacos que, com toda a certeza, estariam por perto.

O estado-maior do quartel-general imperial apoderara-se do mercado de cereais e estava reunido no átrio principal, onde um grande lume ardia na vasta lareira de pedra, construída com blocos de granito. A estrada para Varsóvia voltara a ser cortada e os mais recentes relatórios das patrulhas montadas trouxeram ainda piores notícias.

— Os russos enviaram colunas ao largo dos nossos flancos para nos cortarem o acesso à margem oposta do Berezina — explicou Napoleão ao estado-maior e aos comandantes à sua frente. Fez uma pausa antes do golpe seguinte. — Tomaram Minsk.

Fez-se ouvir um gemido no salão. Os suprimentos guardados em Minsk não estariam à disposição do exército francês. Napoleão ergueu as mãos, pedindo silêncio antes de prosseguir.

— É óbvio que se vão dirigir às pontes e aos vaus em torno de Borisov. Se os conseguirem controlar antes de lá chegarmos, o resultado será evidente. O Grande Exército terá de se render ou será aniquilado. Assim sendo, sou obrigado a pedir mais um grande esforço por parte dos homens. Temos de atravessar o Berezina o mais depressa possível.

Fez uma pausa e moderou o tom de voz.

— Imagino como se estarão a sentir. Já há um mês que fugimos dos nossos perseguidores. Parece que há sempre mais um rio que temos de atravessar para conseguirmos escapar. Não duvido que os vossos homens fiquem desesperados quando forem informados. A provação ainda não acabou. Temos uma marcha difícil à nossa frente, mas quando atravessarmos em Borisov, restará mais uma semana de marcha até Vilna, onde temos comida suficiente para todo o exército, além de botas, casacos e bebida. Digam isso aos vossos homens. Digam-lhes que tudo isso é deles, caso sejam capazes de mais este esforço. — Napoleão fez uma pausa e olhou em torno do espaço. Ficou triste ao ver a resignação em tantos rostos. O

patriotismo e o sentimento eram coisas passadas. Mas teriam de estar abertos à razão, decidiu. Respirou fundo. — Digam-lhes o que quiserem, conquanto os inspirem a marchar. Quando também isso falhar, usem a força.

Concedeu-lhes um instante para que as palavras surtissem o efeito desejado nas mentes fatigadas.

— Teremos de fazer tudo o que pudermos para acelerar o ritmo, cavalheiros. Para isso é preciso deixar para trás todos os veículos pesados e quaisquer bagagens desnecessárias. Só vamos manter as peças de artilharia, os armões e os carros de munições. Todas as carroças, carruagens e carros ficam para trás. Serão queimados, a par de todos os suprimentos que não possamos levar connosco.

— E quanto aos feridos? — perguntou Berthier.

— Os feridos capazes de andar podem ficar com o exército. Os restantes serão deixados aqui, a par de qualquer voluntário que queira ficar a cuidar deles.

Fez-se silêncio enquanto os oficiais digeriam a ordem, após o que Roguet pigarreou.

— *Sire*, isso é uma sentença de morte. Sabemos o que os cossacos fazem aos prisioneiros.

— Nesse caso esperemos que sejam os soldados regulares os primeiros a entrar na povoação — retorquiu Napoleão. — Contudo, por via das dúvidas, temos de garantir que cada homem fique com meios de fugir ao cativeiro. A escolha é deles. Nada mais podemos fazer pelos feridos graves.

Roguet abanou a cabeça, mas manteve o silêncio. Davout fez a pergunta seguinte.

— E quanto aos pontões dos engenheiros, *sire*? Também devem ser queimados?

— Sim.

Davout franziu o cenho.

— Mas, *sire*, se o inimigo tomar Borisov, vamos precisar dos pontões para atravessar o rio.

— Não serão necessários — asseverou Napoleão. — Há cinco dias que a temperatura não sobe acima do ponto de congelação. É provável que fique ainda mais frio, o que significa que o rio vai congelar, ficando duro o suficiente para cruzarmos o Berezina onde o gelo for mais espesso.

— Isso será um risco enorme, *sire* — protestou Davout. — Se as travessias de Borisov nos forem negadas, e se o gelo não aguentar o peso, nesse caso… — Abanou a cabeça.

— É por isso que temos de avançar o mais depressa possível. — Napoleão juntou as mãos atrás das costas e concluiu a reunião. — Transmitam as ordens a todos os oficiais. Os veículos serão reunidos no mercado. Metade dos cavalos de carga restantes será abatida e a carne distribuída pelos homens. Mas só aos soldados. Os civis que cuidem deles próprios. O exército parte ao nascer do dia.

Ao longo de toda a noite, os carros e restantes veículos foram retirados da povoação e amontoados. Colocou-se ignição por baixo dos eixos. Os feridos foram levados para os edifícios e deixados tão confortáveis quanto possível em camas, colchões e montes de palha. Quem os levou tentou ignorar as súplicas desesperadas dos camaradas para não serem deixados. Os cavalos mais fracos foram levados até ao mercado de gado e abatidos, tendo os carniceiros do exército rapidamente retirado a carne das carcaças, colocando os nacos em barris a serem distribuídos pelos batalhões sobreviventes. Uma hora antes da alvorada, quando os homens foram acordados para se prepararem para o início da marcha, os engenheiros lançaram fogo ao amontoado de veículos e as chamas já lambiam o céu com os primeiros sinais do dia que começava a iluminar o horizonte oriental.

Foi nesse momento que se deu o alarme. Um oficial do batalhão encarregue da derradeira ronda da noite chegou a correr ao edifício da bolsa de cereais e anunciou, ofegante, que uma coluna se aproximava de Orsha. Napoleão cancelou rapidamente a ordem de início de marcha e disse a Roguet que preparasse a Guarda para repelir um ataque. Depois, acompanhado por Berthier, seguiu o oficial pelas ruas até à zona oriental da povoação e subiu à torre de uma pequena igreja. O oficial que comandava o batalhão de vigia já se encontrava na torre, a olhar para o Sol nascente. Virou-se e fez a sua saudação enquanto o imperador subia, ofegante, os degraus e se juntava a ele.

— Como se chama? — perguntou Napoleão, surpreendido por ver um capitão no comando de um batalhão.

— Capitão Pierre Dubois, *sire*.

— E que idade tem, Dubois?

— Vinte e um, *sire*.

— O que aconteceu ao seu coronel?

— Perdemo-lo em Borodino, *sire*, bem como à maioria dos restantes oficiais. Fiquei com o comando do capitão Lebel na segunda semana da retirada. — Dubois fez uma pausa e fitou ansiosamente Napoleão. — Queria dizer a segunda semana de marcha, *sire*.

Napoleão sorriu e afagou-lhe o braço.

— Calma, Dubois. Não há problema em dizer a verdade ao seu imperador. Muito bem, onde está essa sua coluna?

Dubois seguiu até à janela da torre. As portadas tinham sido abertas e uma brisa leve fez adejar as pontas do casaco de Napoleão enquanto este semicerrava os olhos na direção da meia-luz. A igreja encontrava-se perto do rio e quando Napoleão olhou para a ponte, pouco mais de cinquenta passos para jusante à sua direita, viu pequenos blocos de gelo a deslizarem na direção dos grandes pilares de pedra. Dubois apontou para a estrada do outro lado do rio. A meia dúzia de casas de madeira na margem oposta tinham sido queimadas, para negar qualquer cobertura aos russos, caso estes se aproximassem da vila enquanto os

franceses a ocupassem. Além das ruínas carbonizadas, a estrada para Smolensk estendia-se por mais de um quilómetro, antes de desaparecer numa vala florestada. Uma faixa escura emergiu lentamente da depressão e, ao levar o telescópio ao olho, Napoleão distinguiu as figuras de uma coluna de infantaria a marchar em direção a Orsha.

— São russos? — indagou Berthier.

— Ainda não é possível dizer. — Napoleão apoiou o telescópio ao lado do caixilho da janela para o firmar e depois semicerrou o olho. Era bem provável que se tratasse da vanguarda do exército de Kutusov, apressando-se para obrigar Napoleão a lutar, enquanto as colunas russas nos flancos avançavam para o Berezina. O final da colina saíra da vala e Napoleão aguardou um momento para ver o que se seguiria. Mas não havia nada. Não havia colunas, peças de artilharia, nem cossacos. Apenas o que parecia um forte batalhão de infantaria. A coluna prosseguiu a marcha a caminho da ponte. Lá em baixo, nas ruas, as primeiras companhias da Guarda Imperial entravam nos edifícios que cercavam o final da ponte e partiam as janelas, ou abriam buracos toscos nas paredes, com a ajuda de picaretas. Outros arrastavam mobílias até à rua, para criar uma barricada sobre a ponte.

— É estranho — resmungou Berthier enquanto observava a aproximação da coluna. — Com tanto fumo por causa do fogo, deviam saber que aqui estamos. De certeza que não se atreveriam a atacar-nos sozinhos.

— Isso se forem russos — argumentou Napoleão. Voltou a olhar pelo telescópio. A frente da coluna estava agora a pouco mais de um quilómetro e meio de distância. Nesse momento, as nuvens no horizonte abriram-se um pouco e a luz do Sol banhou a paisagem, iluminando uma forma brilhante à cabeça da coluna. Uma águia.

Napoleão sentiu uma onda de alívio e de alegria a percorrer-lhe o corpo. Baixou o telescópio e riu-se para Berthier.

— É o Ney!

— O Ney? — Berthier abanou a cabeça. — Impossível! A retaguarda ficou cortada. Estariam milhares de cossacos entre o Ney e o resto do exército.

O sorriso de Napoleão desvaneceu-se.

— É por isso que são tão poucos. Mas vamos, temos de os receber.

Correram escadas abaixo e para a rua. As expressões severas dos guardas que se preparavam para defender a vila transformaram-se em descrença e em alegria quando o capitão Dubois deu conta da notícia de que Ney sobrevivera. Napoleão e Berthier contornaram a barricada e correram pela ponte. Detiveram-se na outra margem no momento em que a cabeça da coluna se deixou ver, a pouca distância. Os homens marchavam num ritmo certo, de mosquetes apoiados no ombro: seria um exemplo de eficiência militar, não fosse pelos trapos que lhes seguravam as botas. À cabeça marchava o marechal Ney, de mosquete aos ombros e um lenço sobre o chapéu emplumado, atado por baixo do queixo. A

barba ruiva de vários dias cobria-lhe o maxilar e as faces. A vinte passos do imperador colocou-se ao lado dos soldados e vociferou: — A retaguarda faz alto!

A coluna marcou passo e estacou.

Ney fitou-os por um instante, após o que bradou: — Retaguarda! Viva Napoleão! Viva a França!

Os soldados repetiram o viva a plenos pulmões e, quando o eco do grito esmoreceu, Ney dirigiu-se a Napoleão.

— Permissão para regressar à coluna principal, *sire*?

— Permissão concedida! — Napoleão riu-se. Avançou e segurou os braços de Ney. — Por Deus, que maravilha vê-lo outra vez. Mas como conseguiu?

— Só um momento, *sire*, se não se importa. — Ney virou-se para a coluna e respirou fundo. — Retaguarda… Destroçar! Comam e descansem. Todos vós o mereceis!

Os homens dispersaram e passaram por Napoleão e pelos dois marechais. Apesar do porte enquanto se aproximavam da vila, Napoleão apercebeu-se claramente de que se encontravam no limite da resistência. Devastados pela fome e pela exaustão, os olhos estavam encovados e as faces pareciam chupadas ao marcharem rigidamente sobre a ponte. Os guardas saudaram-nos quando entraram na povoação, abraçando os camaradas e colocando nas mãos dos recém-chegados as suas parcas rações.

— Pouco mais de novecentos — comentou Ney em voz baixa enquanto os soldados passavam por ele. — É tudo o que resta das minhas tropas e daqueles que se juntaram a eles em Smolensk.

— O que aconteceu? — indagou Berthier.

— Os cossacos perseguiram-nos a maior parte do caminho. Ao início mantivemo-los afastados com fogo de mosquete, mas há dois dias já só nos restavam três salvas por homem. Não tive alternativa, que não formar quadrados. Parámos para a noite e eles continuaram a atacar, surgindo das sombras para matar uns poucos de nós de cada vez. Não tínhamos como dormir, por isso ordenei que o quadrado se pusesse em movimento. Marchámos durante a noite e todo o dia de ontem, quase sempre sob ataque. Tive de deixar os feridos para trás. Teria ordenado que os abatessem, mas precisávamos das munições. Os cossacos só desistiram perto do pôr-do-sol. Descansámos nessa noite no que restava de uma aldeia e depois retomámos a marcha à primeira luz da alvorada. Desde ontem que não vemos um único cossaco. Não sei porque nos deixaram ir, mas Cristo seja louvado por isso. Quase esgotámos as salvas.

Napoleão afagou o queixo.

— Deixaram-nos ir porque receberam ordem para passar à frente da coluna principal. Dirigem-se a Borisov. Pelo menos é isso que imagino. — Voltou a olhar para Ney e foi incapaz de reprimir novo sorriso. — Sabia que ainda o voltaria a ver. Eu sabia.

— Pois. — Ney encolheu os ombros. — Deixe-me que lhe diga que tive as minhas dúvidas. — Puxou do mosquete que tinha ao ombro e fitou a arma. — Há muito tempo que não lutava como soldado raso. Tome! — Entregou o mosquete a um dos últimos soldados que atravessavam a ponte. — Leve-me isto.

— Sim, meu marechal.

Quando o soldado voltou a percorrer a ponte, Napoleão deu um murro ao de leve no ombro de Ney.

— Marechal Michel Ney, duque de Elchingen, vou ter de lhe desencantar um título novo. Mas por agora, há um que terá de bastar. Ney, o mais bravo entre os bravos.

Ney assentiu a sua aprovação e depois esfregou com força as mãos.

— Agradeço-lhe, *sire*, mas neste momento sou Ney, o mais frio dos frios. Onde está a garrafa de brandy mais próxima?

CAPÍTULO 36

O céu limpou quando o exército saiu de Orsha e se dirigiu a Borisov. Pela primeira vez em dias, o Sol brilhava e a temperatura subiu acima do ponto de congelação. A neve derretida pingava das árvores e a estrada transformou-se gradualmente numa lama que facilitava um pouco o avanço dos soldados e dos cavalos restantes. O estado de espírito dos homens melhorara graças à fuga de Ney e da sua retaguarda. Afinal de contas, se tinham conseguido sobreviver à perigosa situação em que se tinham encontrado e aberto caminho por entre os russos, ainda havia alguma esperança.

O exército percorreu terrenos de cultivo abertos em direção ao Berezina sem avistar cossacos em qualquer dos flancos, ou atrás deles. Pela primeira vez em semanas, Napoleão começava a pensar que o pior pudesse ter passado. O marechal Victor e o marechal Oudinot tinham avançado desde Vilna, juntando-se ao exército com vinte mil soldados frescos e um comboio de suprimentos.

Depois, perto do final do segundo dia de marcha, um dragão chegou a galopar junto de Berthier com um despacho da cavalaria, cerca de vinte e cinco quilómetros mais à frente. Berthier leu rapidamente a mensagem enquanto o cavalo andava e depois trotou até ao lado de Napoleão.

— *Sire*, os batedores avistaram Borisov ao meio-dia.

— O caminho está livre?

— Não, *sire*.

— Os russos tomaram a povoação?

— Pior do que isso. Queimaram as pontes e entrincheiraram-se na margem oposta.

Napoleão puxou as rédeas e aceitou o papel de Berthier, para ler ele próprio a missiva. Depois devolveu-a com o coração apertado.

— Precisávamos daquelas pontes.

— Sim, *sire*.

Um viva pujante interrompeu-lhes a conversa quando os restos de um batalhão das tropas de Oudinot passou por eles. Napoleão virou-se para os homens com um sorriso e ergueu a mão para os saudar. O sorriso desapareceu assim que devolveu a atenção a Berthier.

— Continuamos a marchar em direção ao Berezina. O exército está demasiado fraco para se afastar quer para norte, quer para sul. Temos de parar enquanto procuramos um ponto alternativo para a travessia. Se bem me lembro, existe uma aldeia chamada Loshnitsa a menos de um dia de marcha do rio. Dê ordens para que a vanguarda se detenha aí. — Berthier aquiesceu. — Vou avançar para o confirmar por mim próprio. Encontramo-nos em Loshnitsa.

Escoltado por um dos restantes esquadrões de cavalaria dos Guardas, Napoleão incitou o

cavalo em frente. Passaram pela Guarda Imperial à cabeça da coluna e depois seguiram a estrada para oeste. O degelo atraíra alguns dos camponeses para fora das suas cabanas, em busca de lenha para atualizarem as reservas. Assim que viam a pequena coluna de cavaleiros à distância, procuravam abrigo. Continuava sem haver sinais dos cossacos e quando a noite caiu, Napoleão seguiu viagem até chegarem a uma das patrulhas de cavalaria que observava as fogueiras distantes dos soldados russos, na outra margem do rio.

Napoleão desmontou enquanto o coronel à frente dos dragões fazia o seu relatório.

— O inimigo ocupou a vila, *sire*. Devem ser mais de cinco mil homens. Vimos outros, tanto a jusante como a montante, a patrulhar a margem. — O coronel virou-se e apontou para norte, onde as nuvens baixas sopradas de leste refletiam um brilho ténue. — Está a ver aquilo? Fogueiras de acampamento. Mas não temos como saber quantos soldados lá estão, *sire*.

Napoleão aquiesceu e depois mirou atentamente o coronel.

— Qual o regimento que comanda?

— Regimento? — O coronel pareceu surpreendido, após o que esboçou um sorriso lastimável. — *Sire*, estou à frente do que resta da cavalaria de Nansout. Os cavalos restantes foram atribuídos aos dragões. Aos duzentos que sobram.

Napoleão esforçou-se por ocultar o choque que sentia enquanto olhava para o punhado de montadas de aspeto miserável, presas às traseiras de uma pequena cabana, onde os soldados do coronel se abrigavam durante a noite.

— Onde está o resto dos seus homens?

— Tenho uma tropa a sul, e uma perto da margem, a vigiar Borisov. As outras duas tropas estão a bater o rio, mais a norte, à procura de pontos de passagem.

— Bom trabalho. — Napoleão acenou com a cabeça na direção da barraca, onde um brilho acolhedor iluminava as ombreiras da porta. — Vou passar a noite convosco.

— Será uma honra, *sire*.

Napoleão dirigiu-se ao comandante do esquadrão de Guardas.

— Estão dispensados. Encontre abrigo para si e para os seus homens e depois volte aqui pela manhã.

O oficial fez continência, após o que ordenou aos soldados que o seguissem, afastando-se nas trevas.

— E é esta a situação, cavalheiros — concluiu Napoleão ao terminar a sessão de informações com os oficiais superiores na *dacha* nos arredores de Loshnitsa. — As patrulhas de cavalaria bateram cinquenta quilómetros para montante, e todas as pontes e vaus estão defendidos por artilharia e infantaria russas. Também relataram que o degelo recente fez com que o gelo no Berezina se partisse. — Fez uma pausa. — Temos de avaliar as nossas

opções.

Recostou-se e esperou pelas reações dos oficiais. Fez-se silêncio por um instante, até que Davout falou por todos:

— Irei então dizer aquilo em que todos pensamos. A escolha é entre uma longa marcha para norte, até conseguirmos contornar em algum ponto a montante do Berezina, ou a negociação de um armistício com os russos. Será mais do que provável que o czar nos vai negar um armistício. Não pretende nada menos do que a rendição incondicional do Grande Exército. — Davout acenou com a cabeça na direção do imperador. — *Sire*, caso isso aconteça, é essencial que não seja feito prisioneiro a par do resto do exército. Posso saber se fez planos de fuga no caso de uma rendição?

Fez-se silêncio enquanto Napoleão olhava para os oficiais, homens que conhecia desde há anos. Assentiu.

— Considerei a possibilidade, mas não pensei em pormenores.

— Nesse caso, permita-me que urja que o faça — insistiu Davout.

— Muito bem. — Napoleão endireitou-se. — Creio que não há mais nada a dizer, cavalheiros. Uma boa noite para todos. Ah, Davout…

— *Sire*?

— Parece que tinha razão quanto aos pontões. Cometi um erro ao dar a ordem para que fossem queimados.

— Eu sei. — Davout aquiesceu. — Boa-noite, *sire*.

Uma sentinela fechou a porta à saída do último oficial da sala. Berthier permaneceu sentado à mesa, tendo regressado à sua rotina de atualizar nos blocos os valores cada vez mais baixos da relação de tropas. Napoleão revirou um dos botões de prata do sobretudo.

— O que lhe parece, Berthier?

Berthier respondeu sem erguer os olhos:

— O que me parece o quê, *sire*?

— Que eu abandone o exército.

Berthier pousou a caneta e ergueu o olhar.

— Parece-me que em breve poderá tornar-se uma necessidade, *sire*.

— E julga que será um erro? Responda com sinceridade, meu amigo.

— Se for capturado pelo czar, não deve esperar grande misericórdia, depois do que aconteceu em Moscovo, e nas outras vilas e aldeias por onde passámos. Mesmo que a vida lhe seja poupada, pode ter a certeza de que será humilhado, juntamente com França. Por isso, sim, *sire*. Se chegar a esse ponto, terá de fazer tudo ao seu alcance para evitar ser detido pelos russos.

— Tudo? — questionou Napoleão, num tom baixo.

— Sim, *sire* — assentiu Berthier. Compreendera a pergunta. — Até mesmo isso.

— O meu cirurgião tem alguns frascos de veneno. Sempre fiz questão que os trouxesse, para qualquer eventualidade. A partir de agora vou andar com um na minha pessoa. Como precaução.

— Seria assisado, *sire*.

Ficaram os dois em silêncio alguns instantes, até que Napoleão se mexeu.

— Claro que se abandonar o exército, os meus inimigos vão chamar-me cobarde.

— Será de esperar, mas o povo de França vai compreender que tal foi necessário. Vão saber que enquanto estiver vivo, França será vista como uma grande nação. Enquanto viver, vai inspirar os nossos soldados a atos de grandeza, e o senhor impõe temor sobre os nossos inimigos. Os soldados podem ser substituídos. O meu imperador não.

Napoleão perscrutou o rosto de Berthier, em busca de sinais de lisonja, ou de insinceridade, mas o chefe do estado-maior parecia absolutamente convencido das suas palavras. Napoleão ofereceu-lhe um sorriso caloroso.

— O Berthier também é único, meu amigo. É a voz dos meus pensamentos. É através das suas palavras que a minha vontade se impõe e que a França conquistou a sua grandeza no campo de batalha. Já há muito lhe devia ter agradecido. — Napoleão sentiu uma pontada desconfortável de remorsos ao recordar as inúmeras ocasiões em que ofendera, ou insultara Berthier. Mexeu-se, pouco à-vontade, e gesticulou na direção da porta. — Tenho de pensar sozinho. Deixe os seus blocos por esta noite. Vá comer alguma coisa, beber um pouco de vinho e encontre uma cama ao lado de um lume quente.

Berthier hesitou, ao que aquiesceu. Reuniu os blocos, depositou-os na grande pasta de cabedal e deixou a sala em silêncio. Napoleão levantou-se rigidamente da cadeira, que levou até junto dos restos do pequeno lume que brilhava na grelha. Colocou mais alguns troncos sobre as chamas e recostou-se, fechando os olhos e entregando-se ao calor reconfortante. Afastou da mente os pensamentos incómodos e imaginou-se no relvado de Fontainebleau, no verão, a brincar com o filho pequeno.

— *Sire*. — Uma mão abanou-lhe suavemente o ombro.

Napoleão acordou de imediato, os olhos arregalados para as feições excitadas de Berthier.

— O que foi?

— O marechal Oudinot está aqui comigo, *sire*. — Berthier afastou-se para deixar ver Oudinot.

— E então?

— É melhor que seja o marechal a explicar.

— Explicar o quê? — Napoleão endireitou-se e olhou para o relógio na cornija da lareira. Três da madrugada. Furioso consigo próprio, apercebeu-se de que dormia há mais

de cinco horas.

Oudinot avançou.

— Acabei de chegar do meu quartel-general, *sire*. Vou direto ao assunto.

— Faça favor.

— Esta noite, uma coluna de reforços do general Corbineau juntou-se ao meu comando.

— Eu sei. Ele comanda uma brigada que mandei chamar de Vilna.

— Exatamente. Corbineau pretendia atravessar o Berezina em Borisov, quando vinha juntar-se a nós, mas anteontem descobriu que a vila se encontrava nas mãos dos russos. Por isso, ele interrogou um camponês local quanto a outro ponto onde atravessar o rio. O camponês levou-o a um vau, dez quilómetros a norte de Borisov, na aldeia de Studienka.

— Sei onde é, mas aí não há vau.

— Não está marcado no mapa, *sire*, mas foi aí que o Corbineau atravessou. — Oudinot foi incapaz de reprimir um sorriso. — Ele diz que a água chega no máximo à cintura.

Viram-se alguns clarões na noite quando os disparos na outra margem do rio se desvaneceram. Corbineau e os seus homens tinham conseguido alcançar as duas peças de artilharia deixadas a cobrir o vau incógnito. Antes tinham atravessado o rio gelado, com os mosquetes bem erguidos, e expulsado uma companhia de infantaria russa, após o que dirigiram a atenção aos canhões. Era óbvio que o inimigo também tinha conhecimento do vau, mas como não se encontrava marcado em nenhum mapa, tinham-se limitado a destacar uma força pequena para proteger o ponto de passagem. À distância, a sul, ouvia-se o estrondear ocasional da artilharia, enquanto os homens de Oudinot levavam a cabo ataques de diversão na margem oposta de Borisov. Tal como Napoleão esperara, as forças russas espalhadas ao longo da outra margem tinham-se apressado a seguir para sul, marchando em direção ao som dos canhões.

Assim que Corbineau informou que assumira o controlo da margem oposta, Napoleão ordenou que os engenheiros do general Eblé deitassem mãos ao trabalho. O plano requeria a construção de duas pontes na escuridão e o exército teria de dar início à travessia assim que fossem completadas. As tropas de Davout e de Victor teriam de cobrir os caminhos para Studienka, enquanto o resto do exército cruzava o rio. A velocidade da corrente e a irregularidade do leito do rio excluiram qualquer tentativa de cruzar o rio a vau. Metade do exército teria sido arrastado, e os restantes gelariam devido à imersão nas águas geladas.

Acenderam-se braseiros na margem oriental para garantir alguma iluminação aos engenheiros e, pouco depois, viram-se mais lumes na margem oposta, quando a segunda equipa de homens de Eblé deu início ao trabalho, a cem passos de distância. Napoleão desceu até à margem do rio para observar os progressos. Encontrou Eblé a supervisionar o trabalho, a poucos metros da corrente gelada que redemoinhava para jusante. No rio, as

figuras escuras dos seus homens mantinham-se firmes contra a corrente, segurando troncos grossos, enquanto os camaradas usavam um bate-estacas improvisado para enterrar a madeira no leito do rio.

— Como vão as coisas, general?

Eblé virou-se e fez continência.

— A primeira armação está posicionada, *sire*. Tivemos sorte com o gelo.

— Sorte? — Napoleão mirou os homens que se encontravam no rio com água até às coxas.

Eblé bateu com a bota na margem gelada.

— Endureceu a lama. Assim é mais fácil levar os materiais margem abaixo.

— Estou a ver. — Napoleão apontou para os carros atrás deles. — Pensei que tivesse ordenado que se queimasse todas as carroças em Orsha.

— É verdade, *sire*. Contudo, disse aos meus homens que poupassem alguns carros para as nossas ferramentas, e para os barris de pregos.

— Desobedeceu às minhas ordens.

Eblé fitou o imperador e depois encolheu os ombros.

— Como é evidente.

— Muito bem. Quem me dera que metade dos meus generais mostrasse tal iniciativa. — Eblé pareceu aliviado, mas Napoleão apontou-lhe o dedo. — Não pense é em fazer disso um hábito.

Eblé riu-se.

Napoleão olhou em seu redor, para a madeira empilhada na margem.

— Julga que vai ter material suficiente para completar o trabalho?

— Isso depende de Studienka, *sire*. A madeira vem das casas. Os meus homens estão a desmantelar os edifícios para obter aquilo de que precisamos. Desde que a aldeia seja suficientemente grande, vai ter as suas pontes.

— Quando estarão terminadas, general?

— Antes do meio-dia de amanhã, se tivermos sorte. Mas o rio está a começar a subir e há gelo nas águas. Isso pode atrasar-nos. Não posso deixar que os homens trabalhem nestas condições durante mais de uma hora de cada vez. Vou mantê-los a trabalhar em turnos. Uma hora na água, meia hora a descansar junto ao lume. Mesmo assim, vamos perder muitos para o frio, *sire*.

O som dos martelos e dos bate-estacas dos engenheiros fez-se ouvir durante toda a noite. Entretanto, os retardatários e os civis estavam a chegar à aldeia e iam enchendo as ruas de Studienka, enquanto aguardavam que as pontes abrissem. Napoleão pretendia fazer atravessar o grosso do exército, antes de dar oportunidade aos civis. Por fim, seria a vez de

Victor e da retaguarda, após o que as pontes seriam destruídas.

Com o nascer do dia, fraco e pálido, já que as nuvens obscureciam o Sol e ameaçavam mais neve, avistou-se um grupo de cossacos a um quilómetro a sul, na margem oposta. Observaram a construção das pontes durante alguns instantes, e depois deram meia-volta e afastaram-se a galope.

— Vão chegar a Borisov no máximo daqui a uma hora — resmungou Napoleão para Berthier. — O comandante lá instalado vai precisar de mais uma hora para formar os homens e para dar início à marcha em direção ao vau. Damos-lhes três horas para chegarem até nós e outra para disporem as tropas. Podemos contar com os primeiros ataques aos nossos postos ao início desta tarde. — Virou-se para analisar as pontes. Os suportes estendiam-se de ambas as margens e os engenheiros esforçavam-se por pregar as vigas de apoio e as tábuas na passagem. A ponte mais pequena, destinada à infantaria, tinha ainda um espaço de vinte passos entre cada extremidade. A segunda ponte era maior, construída para suportar o peso das restantes peças de artilharia e os carros do exército que tinham escapado ao fogo em Orsha. Ia demorar mais tempo a completar.

— Dou ordens para que Oudinot regresse à cabeça de ponte, *sire*? — perguntou Berthier.

— O quê?

— Os russos já sabem o que estamos a fazer. Não vale a pena o Oudinot prosseguir com a ação de diversão.

— Sim, é claro. Chame-o imediatamente.

A primeira ponte ficou pronta pouco depois da uma da tarde e os elementos da tropa de Oudinot que tinham acabado de chegar a Studienka foram os primeiros a atravessar, correndo sobre o tabuleiro para avançar sobre a passagem que se estendia no terreno pantanoso no outro lado do Berezina. Era o único ponto de fuga e Napoleão ordenou a Oudinot que mantivesse a passagem aberta a qualquer preço.

Assim que os primeiros soldados começaram a marchar sobre a ponte, Eblé e os engenheiros concentraram os seus esforços na estrutura maior. Um terço dos engenheiros já tinha sido arrastado, ou estavam demasiado enfraquecidos para continuar com os trabalhos. Napoleão juntou-se aos homens nas braseiras e fez o possível por lhes levantar o moral, elogiando-os pela coragem e pelo sacrifício que estavam a fazer em prol do exército. Os homens escutaram num silêncio entorpecido, tremendo nas fardas incrustadas de gelo e esforçando-se por manter o lugar junto ao lume.

Perto do meio da tarde, Eblé deu a saber ao imperador que a segunda ponte estava pronta. Napoleão deu ordens para que a artilharia e a Guarda Imperial começassem a travessia, após o que abraçou Eblé.

— Os seus homens fizeram um milagre, general.

Eblé tremia de frio e de cansaço, e mal conseguia manter-se de pé. Aquiesceu.

— Obrigado, *sire*, mas o nosso trabalho ainda não acabou. O rio continua a subir e não sei quanto tempo os suportes vão aguentar a pressão do gelo. Seria melhor que o exército atravessasse o mais depressa possível.

Napoleão sorriu.

— É o que pretendo fazer. Agora é melhor juntar-se aos seus homens. Berthier, traga brandy ao general e aos rapazes dele. Julgo que ainda restam alguns barris no quartel-general.

— Sim, meu imperador.

Quando Berthier se afastou para ordenar a um dos adidos que procurasse e distribuísse o brandy, ouviu-se o ribombar da artilharia a leste, que se juntava aos débeis estampidos dos mosquetes da margem oposta, onde Corbineau e os seus homens se mantinham firmes, sendo reforçados continuamente pelas tropas que atravessavam a primeira ponte. Napoleão prestou atenção enquanto olhava para oriente. Em breve, o fogo dos canhões da retaguarda fundiu-se num troar praticamente contínuo. A armadilha fechava-se sobre os franceses. Kutusov e o grosso do exército russo chegariam a qualquer momento vindos de leste. A sobrevivência do Grande Exército dependia das pontes de Eblé, construídas à pressa com madeira pilhada na aldeia.

Durante o resto do dia e pela noite adentro, soldados, cavalaria e artilharia continuaram a atravessar o rio. Assim que os civis souberam que as pontes estavam abertas dirigiram-se ao rio, sendo mantidos afastados por um forte cordão de infantaria de baionetas caladas, que mantinham as pontes abertas ao trânsito militar. Durante a noite, uma parte da segunda ponte cedeu, levando um carro de artilharia com ela. Os engenheiros exaustos perderam duas horas a repará-la. Na manhã seguinte, a ponte foi reaberta e o exército prosseguiu com a travessia. Pelo meio-dia, Napoleão ordenou ao quartel-general que atravessasse para a margem oposta, a par dos restantes elementos da Guarda Imperial. O som dos canhões atrás deles esmorecera durante a tarde e os mais recentes relatórios de Victor diziam que o inimigo se dirigia a sul, como se ainda esperassem que Napoleão tentasse cruzar em Borisov à força. O imperador observava o contínuo movimento de canhões e carros sobre a segunda ponte. Não foi capaz de reprimir um sorriso ao ler o relatório de Victor.

— Parece que é impossível sobrestimar a cautela do nosso inimigo. Têm-nos encurralados e, mesmo assim, o Kutusov receia apertar o cerco.

— O que é bom para nós, *sire* — retorquiu Berthier. — A sorte parece estar outra vez do seu lado. A cavalaria de Oudinot tomou todas as pontes ao longo da estrada sem encontrar russos. O caminho para Vilna está livre.

— Sim, a sorte está do nosso lado, Berthier. A sorte e a garra, hã?

Berthier estava prestes a concordar quando se ouviu um estalar lancinante. Os dois homens viraram-se e viram um dos suportes da segunda ponte começar a ceder. Tábuas partiram-se e caíram à água. As rodas traseiras de um carro de munições penderam na abertura. Por um momento, todos pararam para olhar: os integrantes do quartel-general, os soldados e os civis na margem oposta. Ouviu-se então mais madeira a rebentar e um segundo suporte estremeceu e tombou para o lado. O tabuleiro caiu e o carro escorregou para trás, mesmo com o condutor a chicotear a parelha de cavalos para que andassem em frente. Os cavalos estavam fracos e o fardo pesado arrastou-os para a abertura cada vez maior. Depois, o carro virou-se e caiu ao rio, levando com ele a parelha de animais, que esperneava e relinchava com o terror. Ouviu-se uma sucessão de chapes e os restos do carro, os destroços da ponte e os cavalos que se debatiam foram levados rio abaixo.

— O condutor sobreviveu? — indagou Berthier, quebrando o silêncio. — Alguém o viu?

Napoleão fitou a ponte. Três suportes tinham desaparecido, deixando um grande espaço ao centro. Eblé e a maior parte dos engenheiros corriam já para a ponte, enquanto outros homens pegavam em varas compridas e dirigiam-se à ponte mais pequena, para tentar desviar o carro dos suportes mais frágeis.

— *Sire*, olhe ali. — Berthier apontou para a enorme multidão de retardatários e de seguidores do exército que se reunira além da segunda ponte. Fizera-se ouvir um grande brado quando viram a queda da ponte. Avançaram de imediato, afastando o cordão de soldados destacados para os conter, após o que começaram a correr pela margem, na direção da ponte restante.

— O que julgam aqueles idiotas que estão a fazer? — questionou Napoleão, furioso. — O caos vai instalar-se. Eles vão destruir tudo.

A turba chegou à extremidade da ponte, afastando os engenheiros. Entre a multidão contavam-se alguns carros e carroças, e os condutores incitaram os cavalos em frente, atropelando dezenas de pessoas na tentativa de chegar à ponte. Os primeiros elementos da populaça já estavam no tabuleiro, a correr para a margem ocidental. Foram esses os afortunados. Numa questão de segundos, a enorme massa de gente empurrava em frente, para a passagem estreita. Todos agiam por si e os empurrões impiedosos atiravam já indivíduos borda fora, que mergulhavam no rio lá em baixo. Napoleão viu as tábuas começarem a curvar-se sob a pressão e percebeu que havia pouco tempo para salvar a ponte. Virou-se rapidamente e gritou uma ordem ao capitão da companhia que guardava o quartel-general.

— Traga já os seus homens aqui para baixo! Desimpeçam a ponte. Não quero saber como, mas afastem a multidão da ponte!

O oficial correu para a margem do rio, bradando aos homens para que o seguissem. Ignoraram o fluxo irregular de indivíduos que conseguira fazer a travessia e que passavam agora por eles, detendo-se a pouca distância da frente da gentalha que se aglomerava na

ponte. O capitão mandou apressadamente os homens formar uma linha e depois os mosquetes foram apontados à cara das pessoas que avançavam para eles.

— Para trás! — gritou o capitão. — Para trás ou disparamos!

Quem se encontrava à frente da multidão tentou parar, mas a pressão atrás deles era imensa e foram lançados em frente.

— Primeira fila! — bradou o oficial. — Fogo!

Os mosquetes cuspiram chamas e fumo para a tarde sombria e vários corpos tombaram sobre as tábuas.

— Segunda fila! Avançar e fogo!

Outra salva foi disparada, abatendo mais pessoas, que caíram sobre os corpos dos primeiros tombados. Um grito de pânico fez-se ouvir na frente da turba, e estes tentaram virar-se e regressar à margem oriental, contra a pressão constante dos que estavam desesperados por fugir sobre o rio. Napoleão sentiu-se enojado ao ver um homem com a barretina e o sobretudo de um *voltigeur* empurrar uma mulher com uma criança nos braços. Ela cambaleou até à borda da ponte e gritou ao cair. Muitos mais continuavam a ser empurrados para o Berezina, à medida que os Guardas iam disparando contra a multidão imparável.

Gradualmente, a perceção do risco corrido na ponte começou a percorrer as hostes e, por fim, os que ainda se encontravam na margem oriental começaram a recuar, cedendo lentamente terreno à medida que se retiravam para as ruas onde pouco antes esperavam. O capitão ordenou aos homens que cessassem fogo e estes avançaram, de baionetas baixas, mantendo-se a curta distância da multidão em retrocesso. A seu tempo chegaram ao fim da ponte e espalharam-se, obrigando as pessoas a recuar. Não foi tarefa fácil, já que muitos tinham perecido esmagados e os corpos jaziam no terreno em torno da cabeça de ponte.

— Deus do Céu — exclamou Berthier, que fitava a cena, pálido. Por baixo da ponte, vários corpos tinham ficado presos nos suportes. Alguns indivíduos continuavam vivos, agarrados aos postes, a gritar por ajuda. Não havia nada que pudesse ser feito por eles e, no espaço de minutos, as águas geladas levaram a que o último se largasse. — Que massacre. O que pensaram eles que estavam a fazer?

— Pânico — respondeu Napoleão. — E podemos contar com mais situações do género nas horas que se avizinham. Quero as extremidades das pontes bem guardadas, bem como as estradas até elas. Trate disso imediatamente.

Os engenheiros repararam a quebra à medida que a luz se foi desvanecendo e depois deram início à tarefa macabra de arrastar os cadáveres para longe do extremo da outra ponte, para limpar a estrada de acesso. Quando o último soldado cruzou a ponte e só as tropas de Victor permaneciam na margem oriental, o general Eblé fez o possível por levar alguns civis e retardatários para o outro lado. Todavia, a noite caíra, havia neve no ar gelado

e a maioria recusou-se a deixar o calor das suas fogueiras.

Pela madrugada, Victor informou Napoleão de que os russos começavam a pressionar toda a linha de tropas francesas. O som do fogo dos canhões aumentou de volume e em breve até os estampidos distantes dos mosquetes se deixaram ouvir no quartel-general do imperador. A alvorada trouxe consigo uma nova camada de neve, com os flocos grossos a rodopiar sobre a travessia e a abafar misericordiosamente os sons de combate vindos de onde a retaguarda se esforçava por conter o inimigo.

— Como se está a sair a vanguarda? — perguntou Napoleão a Berthier.

— Chegaram ao final da passagem e assumiram posições para a proteger de ataques pelos flancos, *sire*. Os homens de Ney estão a manter os caminhos até à passagem e o resto do exército está a avançar. — Fez uma pausa. — Até agora tivemos sorte por os russos não nos terem pressionado mais.

— É verdade. Está na altura de chamar o Victor. Informe Eblé que deverá deitar fogo à ponte assim que a retaguarda atravesse.

— Sim, meu imperador. E quanto aos civis?

— Eles terão de atravessar como puderem, antes que as pontes sejam destruídas.

Ao longo do dia, os engenheiros e as primeiras formações das tropas de Victor atravessaram as pontes, a par de um fluxo constante de não-combatentes. Os confrontos aproximaram-se cada vez mais do rio e quando a luz começou a desvanecer-se, o general Eblé pegou numa corneta-acústica e gritou sobre a água para a multidão silenciosa que ainda rodeava as fogueiras na outra margem.

— A ponte vai ser cortada nas próximas horas! Peço-lhes que atravessem enquanto podem!

Napoleão abanou a cabeça, já que poucos pareciam dar atenção ao alerta de Eblé.

— Tiveram uma oportunidade — disse para consigo, em voz baixa.

Quando o Sol desapareceu num brilho vermelho-sangue sobre o horizonte, Victor apresentou o seu relatório a Napoleão. Não se barbeava nem dormia havia dias, e tinha um aspeto desgrenhado.

— O inimigo vai chegar à ponte dentro da próxima hora, *sire*. Não tenho cavalos para as peças de artilharia que me restam. As equipas receberam ordens para disparar as últimas munições, sabotar os canhões e recuar. Temos três batalhões a manter o extremo da aldeia. Vão seguir-nos assim que receberem ordens.

— Agiu bem, marechal.

— Os meus homens fizeram tudo o que puderam, *sire*, mas a qualquer momento, as armas russas vão ficar ao alcance da ponte.

— Estou a ver. — Napoleão fitou a escuridão que caía no outro lado do rio. — Nesse caso, não protele. Dê a ordem de imediato.

— Sim, meu imperador.

Enquanto Victor regressava sobre a ponte, os engenheiros apressavam-se a cobrir as madeiras com piche. O cheiro ácido fez Napoleão franzir o nariz, enquanto aguardava pela chegada de Victor e dos últimos homens. Apareceram então, a correr pela rua e sobre a ponte mais pequena, uma companhia de cada vez. O último batalhão retirou-se virado para o inimigo, apressando-se depois a atravessar. Por fim passou Victor, de espada em riste, até que a embainhou, ao chegar à margem ocidental.

O silêncio caiu sobre a cena quando o derradeiro engenheiro abandonou os pincéis e os baldes de piche, após o que Eblé voltou a erguer a corneta-acústica.

— Pelo amor de Deus! Fujam enquanto podem!

Os civis pareciam demasiado exaustos e letárgicos para reagir e Eblé, com tristeza, baixou a corneta e fez sinal aos homens para que cumprissem as ordens. Encostaram-se archotes ao piche e as chamas lamberam todo o comprimento das pontes, à medida que o fogo pegava e se ia espalhando rapidamente.

Ouviu-se um silvo pelo ar e uma granada de morteiro rebentou no meio da multidão, com um clarão ofuscante. Puseram-se de pé de imediato e correram para as pontes. Mais granadas foram rebentando entre os civis, com explosões medonhas de vermelho e laranja, os estilhaços a derrubar dezenas de corpos de cada vez. Os fugitivos procuraram chegar às pontes, tentando proteger o rosto das chamas enquanto corriam até à outra margem. Alguns conseguiram passar, uns quantos a arder, sendo apressadamente abafados pelos engenheiros. Outros, cegos pelo calor, caíram pela borda e tombaram ao rio. Alguns ficaram desesperados quanto bastasse para se atirar à água, mas poucos tiveram forças para vadear ou nadar até ao outro lado, e o frio matou-os antes de alcançarem a margem ocidental. As chamas chegavam ao céu da noite, refletindo-se na superfície do rio, e o crepitar e estalar da madeira era acompanhado pelos gritos agudos de pânico vindos da multidão encurralada do outro lado.

Pouco a pouco, as tábuas e os suportes caíram à água e, quando o fogo começou a esmorecer, as hostes silenciaram-se e fitaram as pontes carbonizadas com um horror entorpecido. Os russos tinham cessado fogo assim que se aperceberam de que a maior parte dos franceses tinha escapado e um silêncio terrível caiu sobre o cenário.

O quartel-general imperial já partira ao longo da estrada. Napoleão olhou uma última vez para Studienska e depois subiu para a montada. Estalou a língua para incitar o cavalo a assumir um trote e seguiu ao lado dos sobreviventes das tropas de Victor, dirigindo-se a Vilna.

CAPÍTULO 37

Molodetchna, 29 de novembro de 1812

Os restos desordenados do exército francês estendiam-se pela estrada para Vilna. A neve caía incessantemente, flutuando contra os últimos veículos abandonados e sobre os cadáveres de homens e cavalos, até todos serem cobertos, misericordiosamente, escondendo, daqueles que ainda viviam, os mortos e os detritos do exército.

Um punhado de unidades continuavam juntas, em grande medida para se protegerem, e não graças à disciplina, ou a qualquer sentido de dever. Marchavam com as baionetas caladas, tendo poucas munições restantes nas mochilas, sempre a observar cautelosamente o campo à sua volta, em busca de sinais dos cossacos que perseguiam a coluna. A espaços, os cavaleiros atacavam, irrompendo dos esconderijos com uma série de gritos de guerra repentinos para abater quaisquer soldados ou civis franceses incautos. Não se davam ao trabalho de discriminar entre as duas classes quando as chacinavam e depois revistavam os cadáveres, à procura de qualquer coisa de valor. Os cossacos tinham aprendido a deixar as unidades formadas em paz, e muitas vezes ficavam ao alcance dos mosquetes, deixando-as passar.

A neve voltara a ficar compacta e gelada, pelo que a passagem do Grande Exército ficou marcada por um longo e sinuoso carreiro de gelo traiçoeiro. A temperatura continuou a descer, ficando sempre abaixo do ponto de congelação desde que tinham deixado para trás o pesadelo do rio Berezina. As noites eram duras e a alvorada, quando chegava, permanecia desagradável. Quaisquer homens, cavalos ou equipamentos deixados ao relento ficavam cobertos de uma densa película de gelo. Cada vez mais, todos os que não encontravam abrigo para a noite não sobreviviam para ver um novo dia. Ainda nessa manhã, Napoleão assistira a uma cena peculiar na berma da estrada. Um soldado, uma mulher e duas crianças estavam sentados à volta dos restos de uma pequena fogueira, feita no sotavento de uma parede em ruínas. Estavam de pernas cruzadas, enrolados em cobertores, as crianças encostadas à mãe, com as cabeças apoiadas na mulher, como se adormecidas. Todavia, a sua imobilidade não era natural e Napoleão deteve-se para as olhar.

— Morreram congelados — resmungou ao mirar-lhes os rostos brancos, fascinado com a expressão pacífica dos quatro seres. — Morreram congelados — repetiu, horrorizado, antes de voltar a pôr o cavalo em movimento.

Nessa noite, os elementos do quartel-general e a Guarda Imperial pararam em Molodetchna. Os soldados encontraram aboletamento na aldeia e tentaram reunir restos de carne e legumes para fazer sopa, enquanto o imperador e a sua comitiva se instalaram na única taberna da aldeia. Os exércitos russos encontravam-se, na sua maioria, atrás deles,

pelo que agora a batalha era pela sobrevivência. Restabelecera-se uma comunicação regular com Varsóvia e pela manhã chegara à aldeia um correio escoltado, enviado pelo ministro da polícia. A par das mensagens oficiais, Savary dera ordens ao oficial para deixar o imperador a par da situação arriscada que se vivia em Paris.

Napoleão retirara-se para a cozinha da taberna com Berthier para ouvir em privado o que o homem tinha a dizer. Um pequeno caldeirão fervia ao lume e o dono da taberna descascava legumes para acrescentar ao caldo.

— Fora — disse-lhe Napoleão, apontando para a porta.

O taberneiro abanou a cabeça e indicou o caldeirão. Napoleão estalou os dedos, apontou para o punho da espada e repetiu a ordem: — Fora!

Assim que a porta se fechou, dirigiu a atenção ao correio.

— O que pode estar a alarmar Savary a ponto de o enviar de tão longe?

— Imagino que já tenha conhecimento do golpe falhado de Malet, *sire*.

— Sim. O último relatório de Savary dava conta que os conspiradores tinham sido reunidos e castigados.

— É verdade. O problema é que os boatos acerca da sua morte continuam a circular pelos salões de Paris e entre os oficiais presentes na capital. A situação piorou com os relatórios que começaram a chegar da Rússia, acima de tudo cartas de soldados dos escalões mais baixos, que ouviram rumores quanto a um desastre que assolou o exército. É claro que os jornais continuam a publicar a versão oficial de que está tudo bem, e que vossa majestade imperial venceu o czar. Muitas pessoas estão ainda dispostas a acreditar nos jornais, mas torna-se claro que precisam de provas de que o meu imperador está vivo. Melhor ainda, precisam de o ver pessoalmente. Também querem saber o que aconteceu na Rússia. É a única maneira de calar os boatos e de puxar o tapete àqueles que possam estar a conspirar contra o regime.

— Estou a ver. — Napoleão aquiesceu e esfregou os olhos por um instante, enquanto pensava nas implicações de tais notícias.

Berthier tossicou.

— Assim que se souber a escala das nossas perdas, vai haver problemas como nunca vimos. É rara a família em França que não chore a perda de um irmão, um marido, ou um filho, *sire*. Os seus inimigos na capital vão servir-se disso, além da sua ausência, para exigir a abdicação.

Napoleão abriu os olhos e fitou Berthier.

— O que lhe parece que deva fazer?

O chefe do estado-maior susteve-lhe o olhar com firmeza.

— Julgo que deva regressar a Paris, *sire*. Enquanto ainda há tempo para impedir os traidores e os realistas de provocar mais tumultos. Perdeu a campanha. Não há motivo para

permanecer na Rússia.

— Perdi a campanha — repetiu Napoleão. Ainda há um mês, o imperador tê-lo-ia negado. Agora sentia-se esvaído, quase entorpecido com a escala do desastre que desabara sobre o Grande Exército. O erro não estava nos planos que delineara. Como poderia estar? Fora tudo pensado ao mais ínfimo pormenor. Não, a culpa residia na natureza do czar. Não se comportara como um monarca racional. Napoleão não contara com a inumanidade de Alexandre. Napoleão era responsável apenas por isso. Respirou fundo e aquiesceu.

— Acabou. Fiz tudo o que pude pelo exército. Agora resta-lhes chegar ao Neman e atravessar em segurança. Já não faço falta aqui.

Berthier pareceu aliviado, tal como o correio. Este aproveitou rapidamente a decisão do imperador.

— O ministro tinha esperança de que o meu imperador regressasse a Paris, *sire*. Partiu do princípio de que haveria assuntos que exigiriam a sua atenção antes de se afastar do exército. Assim sendo, pediu-me que lhe rogasse um despacho a declarar que a campanha chegou ao fim e que está de regresso a Paris. Para nos permitir manter a posição enquanto aguardamos a sua chegada — explicou.

Napoleão mirou-o.

— As coisas estão assim tão más?

O correio baixou os olhos e não respondeu.

— Diga-me a verdade — insistiu Napoleão. — Não temos nada a ganhar com uma mensagem adocicada.

— Muito bem, *sire*. O ministro é da opinião de que a menos que regresse a Paris no espaço de um mês, ele não poderá garantir um trono para o qual voltar. Ele precisa de um despacho seu que prove que está vivo, e que acabe com os boatos quanto ao destino do exército. Será um choque para a nação, mas até as más notícias são melhores do que a ausência delas.

— Entendo. — Napoleão assentiu. — Obrigado.

Assim que o correio saiu, Napoleão mandou Berthier ir buscar papel e uma pena. Com um suspiro profundo, mergulhou o aparo na tinta e começou a esboçar o despacho requisitado por Savary.

29º Boletim do Grande Exército. Sua majestade imperial, Napoleão, Imperador de França, Rei da Itália, tem o prazer de informar o seu povo de que a campanha na Rússia chegou ao fim. Os integrantes valorosos do Grande Exército, a maior reunião de aliados que alguma vez empreendeu tamanha aventura, marchou sobre a vastidão erma da Rússia para humilhar o Czar russo e provar-lhe que a vontade do Imperador, e de toda a França, não será negada. Derrotado em batalha, e tendo

perdido a sua mais importante cidade, o Czar, agindo contra todos os ditames da justiça e da humanidade, recusou-se a dar a guerra por terminada. Concomitantemente, o Imperador, vendo recusada a vitória que qualquer homem de perfeita sanidade mental lhe teria concedido, foi obrigado a ordenar ao exército que retirasse para o território do Ducado de Varsóvia.

Napoleão fez uma pausa para compor mentalmente a parte seguinte com o maior dos cuidados.

Devido à natureza traiçoeira do inimigo, o exército foi levado a permanecer em Moscovo até ao início do outono. A dias da partida, as condições atmosféricas agravaram-se invulgarmente e a falta de sustento obtido nas terras por onde o exército marchou, a par do rápido início do inverno, teve como resultado uma perda considerável de homens. O Imperador partilha a dor do seu povo pelo sacrifício de tantos soldados corajosos. O Imperador acredita que as famílias encontrarão algum conforto na noção de que todos morreram como heróis, dando as suas vidas pela glória dos conterrâneos.

Napoleão prosseguiu, apresentando um valor de baixas que representava metade do número real. Mesmo isso provocaria grande consternação em França, mas o total absoluto teria de esperar até que ele regressasse e pudesse dar a notícia pessoalmente. Escreveu sobre o clima terrível e apresentou descrições excitantes sobre a batalha em Borodino e acerca da heroica travessia do Berezina. Descreveu o feito glorioso do marechal Ney e do grupo de heróis da retaguarda, que abrira caminho por entre o exército russo para se juntar ao imperador. Napoleão concluiu com uma derradeira frase que serviria para atenuar os receios: *A saúde de sua majestade nunca esteve melhor*.

Napoleão pousou a caneta e pediu a Berthier que copiasse o rascunho numa letra legível, e depois assinou e selou o documento, antes de o entregar ao correio de Savary.

— Parta de imediato. Diga ao ministro que irei assim que puder.

Ao longo dos dias seguintes, um nevão fresco cobriu a paisagem russa e o exército prosseguiu penosamente com a retirada, as cabeças baixas e corpos inclinados contra o vento que fustigava as colunas exaustas, bem como os civis que tinham sobrevivido à travessia do Berezina e que até então tinham escapado à atenção dos cossacos. Napoleão ordenara a Berthier que levasse a cabo em segredo os preparativos para o seu regresso a Paris e quando, cinco dias depois, o mau tempo melhorou, aquando da entrada do exército em Smorgoni, o imperador decidiu que chegara a altura.

Nessa noite, os marechais do exército foram convocados dos aquartelamentos à sua

presença. Tinha-lhes sido dito que eram necessários para a informação quanto ao avanço do exército em direção ao Neman, e os oficiais acomodaram-se nas cadeiras dispostas à comprida mesa do salão de reuniões da povoação. Napoleão dera ordens para que se trouxessem as derradeiras reservas de vinho e de brandy, e os marechais serviram-se com prazer enquanto esperavam a chegada dos últimos oficiais. Ney voltara a comandar a retaguarda e tinha uma maior extensão a percorrer, pelo que só chegou à aldeia já tarde. Desabotoou o sobretudo salpicado de neve, que pousou numa mesa de apoio enquanto se juntava aos companheiros, sorrindo ao ver o brandy.

— Ah, mas que bela visão para quem está tão cansado. — Serviu-se de um copo generoso que engoliu de um trago, após o que tossiu, para limpar a garganta dorida. — Precisava disto! Nada como o brandy para devolver o fogo à barriga de um homem.

Napoleão esperou que Ney se sentasse e bateu com o copo na mesa.

— Silêncio, se não se importam.

Os marechais recostaram-se nos seus lugares e olharam-no, expectantes. Napoleão não pretendia desperdiçar tempo com um preâmbulo que lhes elogiasse os esforços e lhes prometesse recompensas quando todos regressassem a França. Respirou fundo e começou num tom átono:

— Estou convicto de que o exército conseguiu escapar. Embora os homens tenham fome, existem rações mais do que suficientes em Vilna para os alimentar e para garantir suprimentos para chegar ao Neman. Assim sendo, já não sou necessário aqui. Por outro lado, a minha falta faz-se sentir com urgência em Paris, onde os nossos inimigos estão a tentar alimentar a revolta contra tudo aquilo por que lutámos. Tendo isso presente, decidi deixar o exército. Um trenó coberto, a par de uma pequena escolta de cavalaria da Guarda, está à espera para me levar a Varsóvia. Daí poderei continuar a viagem até Paris de carruagem. — Olhou para os marechais, à espera da reação.

— Diabos me levem. — Ney abanou a cabeça. — Não acredito. Está a abandonar-nos.

— Não tenho alternativa.

— A sério? — Ney esboçou um sorriso. — A mim parece-me que tem.

— Nesse caso, é uma opção que me é imposta pelas circunstâncias. Parece-lhe melhor?

— Mas a mim não me faz diferença, *sire*. É o senhor que terá de viver com a decisão.

— Faço o que tenho de fazer pela França — redarguiu Napoleão, irritado.

— Quem vai assumir o comando do exército? — indagou Davout.

— O rei de Nápoles. — Napoleão acenou com a cabeça na direção de Murat.

— Eu? — Murat pareceu surpreendido, mas depois foi incapaz de conter um sorriso por ter sido destacado de entre os outros marechais, mesmo sendo o comando pouco mais do que um título oco.

Davout tufou as faces.

— Posso perguntar a vossa majestade porque foi Murat escolhido para essa honra? Imagino que ele já tenha responsabilidades suficientes, com a coordenação da cavalaria do exército.

— O que sobra dela! — bradou Ney, após o que se serviu de mais um copo de brandy. — Não o deve deixar muito ocupado, não é?

Murat lançou-lhe um olhar furioso, enquanto Napoleão explicava a sua decisão.

— Enquanto rei de Nápoles, o Murat é o oficial de patente mais elevada. Já tomei a minha decisão, Davout. O senhor e os restantes vão acatá-la.

— Como vossa majestade desejar. — Davout baixou a cabeça.

— Exatamente. — Napoleão olhou em redor da sala. — Cavalheiros, é essencial que isto não se saiba fora destas paredes. O moral do exército já se encontra de rastos. Seria arriscado deixá-los saber que parti. Para os homens adoeci, nada muito grave, e estou confinado à carruagem de campanha. A verdade só pode ser contada quando o exército chegar a Vilna. Nessa altura pouca diferença vai fazer. Os russos têm de suportar as mesmas condições terríveis e duvido que sejam capazes de tentar dar início a uma batalha. O único risco vem dos cossacos. Todavia, se os homens estiverem alimentados e armados, e se mantiverem a união, nada lhes acontecerá. São estas as vossas ordens.

Fez uma pausa.

— Já é tarde e tenho de preparar-me para partir. Não há tempo para perguntas. Só resta dizer que foi uma honra ser vosso comandante, cavalheiros. Tenho a certeza de que não há melhor corpo de oficiais em todo o mundo. Quando se escrever a história desta campanha, podem estar certos de que os vossos feitos heroicos serão recordados muito depois de o último de entre nós ter morrido. — Levantou-se e ergueu-lhes o copo. — Meus amigos, brindo a vós. Espero que quando vos voltar a ver, seja num sítio mais quente.

Os marechais levantaram-se das cadeiras e, um a um, avançaram para apertar a mão do imperador. Ney foi o último.

— Desejo-lhe uma viagem segura, *sire*.

— E eu desejo que tenha mais cuidado com a sua vida, Ney. É o meu braço-direito no campo de batalha. Já perdi demasiados amigos. Não me dê novos motivos para lamentar.

— Farei o possível por sobreviver. Sempre o fiz, *sire*.

Napoleão não pôde evitar o sorriso.

— Se pelo menos os políticos de Paris tivessem a sua capacidade para a desonestidade, meu caro Michel.

Ney franziu o cenho até perceber o que o imperador queria dizer, e depois devolveu o sorriso.

— Escolha-os, *sire*. Depois regresse ao exército. É aqui que deve estar. — Largou a mão do imperador, dirigiu-se à mesa de apoio para recolher o sobretudo e saiu sem olhar para

trás.

O trenó aguardava à saída da aldeia, num pátio privado guardado pela escolta de dez elementos. Napoleão deixou o quartel-general antes do nascer do dia, vestindo um sobretudo simples e com um barrete de lã, em vez do habitual bicorne. Tinha um cachecol à volta do rosto para lhe ocultar as feições e levava uma mala grande enquanto seguia o general Caulaincourt pelas ruas escuras, esmagando a neve debaixo dos pés. Napoleão decidiu que seria melhor viajar incógnito, fazendo-se passar por secretário de Caulaincourt. Dessa forma poderiam passar pelas unidades francesas sem chamar demasiada atenção. Ainda mais importante, se passassem por tropas aliadas de lealdade dúbia, estas não se sentiriam tentadas a fazer Napoleão prisioneiro para o oferecer aos russos em troca de alguma recompensa.

A captura pelos inimigos era uma possibilidade, caso os cossacos fossem audazes a ponto de atacarem a escolta. Se tal acontecesse, Napoleão decidira matar-se. Tinha um frasco de veneno pendurado ao pescoço e bastaria um instante para soltar a rolha e engolir o conteúdo. O cirurgião imperial garantira-lhe que a morte seria certa e rápida.

Caulaincourt aproximou-se do trenó, uma pequena cabina com janelas de vidro assente num pesado par de patins de ferro. Havia um pequeno banco para o condutor e seis cavalos estavam presos ao gancho logo abaixo da frente do veículo. Ao ver Caulaincourt, o condutor apressou-se a abrir a porta com uma vénia elegante. Napoleão conseguiu impedir-se de entrar primeiro e esperou, com deferência, que o general subisse antes dele. O condutor fechou a porta e Napoleão deu consigo apertado ao lado de Caulaincourt, num banco de pele almofadado. À frente havia uma prateleira estreita, onde Napoleão depositou a sacola. Caulaincourt puxou uma pele de urso grossa debaixo da prateleira e tapou-lhes as pernas com ela, puxando a borda até ao peito.

— Não vamos ter grande oportunidade de nos mexermos e temos de ficar quentes. Um dos oficiais do quartel-general disse-me que ontem a temperatura chegou aos vinte graus abaixo de zero.

Napoleão aquiesceu e enroscou-se por baixo da coberta, tentando manter a derradeira centelha de calor que ainda lhe restava no peito.

Lá fora ouviu-se um grito brusco e o estalar de um chicote, e o trenó deu um salto em frente. Assim que começou a deslocar-se, a viagem foi surpreendentemente tranquila e, exceto o débil silvo dos esquis, o único som vinha das pancadas secas dos cascos dos cavalos na neve fresca. A madrugada estava gelada e a neve tinha um tom azulado. Os primeiros elementos do exército já tinham partido. O tenente que comandava a escolta gritou a quem se encontrava à sua frente para desimpedirem o caminho. Ao olhar pela janela, Napoleão viu os homens ao longo da estrada, com gelo colado aos cachecóis que tinham à

volta do rosto, enquanto pequenas nuvens de respiração descreviam volutas em torno das suas cabeças. Em pouco menos de uma hora, tinham passado pela vanguarda e o caminho à frente ficou livre. O trenó abrandou quando os cavalos se esforçaram por subir uma pequena elevação. Napoleão inclinou-se para a janela, que abriu para olhar para a estrada. Uma rajada de ar gelado trespassou-lhe o chapéu e o cachecol, e foi obrigado a semicerrar os olhos.

A alguma distância atrás do trenó, estava a cabeça da coluna, e, além dela, uma fina coluna de figuras que serpenteava para leste. Os soldados arrastavam-se em pequenos grupos desalinhados, entremeados por punhados de homens e mesmo por uma figura isolada ocasional. Napoleão fechou a janela e voltou a acomodar-se no seu lugar, satisfeito pelo menos por estar a deixar a Rússia, o cemitério do Grande Exército.

CAPÍTULO 38

Arthur

Ciudad Rodrigo, abril de 1813

Estava um belo dia de primavera e as árvores no pátio do mosteiro da vila encontravam-se cobertas de folhas novas. Embora o ar estivesse frio, estava seco e refrescante, e Arthur respirou fundo, antes de se afastar da janela para dar início à reunião com os generais. Nunca se sentira tão vigoroso desde que chegara à Península Ibérica. Sabia que o mesmo se passava com os seus homens. Chegados aos aquartelamentos de inverno, tinham começado a recuperar da retirada que encerrara a campanha do ano anterior. O moral elevou-se ainda mais com a distribuição de tendas novas pelo exército, além de um bom fornecimento de comida, vinho e tabaco. Tinham chegado mais reforços e cada aspirante e oficial estava revigorado com a notícia da derrota esmagadora de Napoleão na Rússia.

— Cavalheiros. — Arthur sorriu ao olhar para os oficiais superiores à volta da mesa. — Nunca houve momento mais propício para levar a guerra aos franceses. O equilíbrio de poder na Europa pende agora decisivamente a nosso favor. A Suécia e a Prússia uniram-se agora aos nossos aliados russos na cruzada contra o Tirano Corso. Imagino que as relações de Bonaparte com o sogro austríaco possam vir a azedar em breve.

Os oficiais riram-se e Arthur permitiu-lhes a boa disposição por um instante, antes de levantar a mão para os silenciar.

— Com Bonaparte a juntar cada homem que possa segurar um mosquete para entrar em combate no Norte da Europa, o nosso papel na Península assumiu um novo significado. Os meus agentes informaram-me que mais de vinte mil dos melhores soldados do inimigo foram retirados de Espanha para aumentar as fileiras do exército setentrional do imperador. Além disso, o marechal Soult foi chamado a Paris. Com isso, Bonaparte facilitou-nos o trabalho. Ao mesmo tempo, os franceses foram obrigados a abandonar o Sul de Espanha, pelo que a sua área de responsabilidade, por assim dizer, se limita às províncias orientais e setentrionais. A isso juntam-se as dezenas de milhares de soldados franceses que estão retidos a suprimir insurreições locais e a perseguir bandos de guerrilheiros resistentes. Durante o inverno fomos reforçados para mais de oitenta mil homens, e os nossos aliados espanhóis prometeram-nos outros vinte mil para engrossarmos as nossas fileiras.

— Gostava de ver o dia em que esses canalhas vão marchar ao nosso lado — interveio Picton, carrancudo. Vários oficiais resmungaram a sua concordância.

— Nesse caso, tenho o prazer de o informar de que o seu desejo será realizado com celeridade — replicou Arthur. — Nos próximos dias, duas divisões espanholas vão juntar-se ao nosso exército.

— Acredito nisso quando o vir — acrescentou Picton. — Esses malditos só nos têm atrapalhado desde que viemos parar a esta terra.

Arthur dirigiu-se a Somerset e acenou com a cabeça na direção do grande cavalete ao lado da mesa. Estava tapado com um lençol, que Somerset retirou cuidadosamente, revelando um mapa preso a uma tábua. A carta apresentava o território do Norte de Portugal e de Espanha, desde o Atlântico até aos Pirenéus. Duas marcas vermelhas assinalavam as posições dos exércitos aliados que se tinham formado, à espera da nova campanha. Um estava baseado em Ciudad Rodrigo, pronto a avançar pela estrada para Salamanca, tal como acontecera no ano anterior. O outro encontrava-se a sul do Douro, no extremo Nordeste de Portugal.

Arthur encaminhou-se para o lado do mapa e não foi capaz de reprimir um sorriso para os oficiais.

— Sei que alguns de vós ficaram perplexos com a divisão do exército no início da campanha que se avizinha. Apraz-me dizer-lhes que a minha loucura aparente tem um método. A campanha russa veio mudar tudo. Antes de ser informado da escala da derrota do Boney, tencionava avançar mais uma vez sobre Madrid. No entanto, agora creio estar ao nosso alcance pormos um ponto final no controlo francês sobre a Península antes do final do ano.

Os oficiais à volta da mesa entreolharam-se, surpreendidos. O general Beresford foi o primeiro a falar.

— Milorde, embora tenha a certeza de que todos nós partilhamos dessa ambição, por certo será demasiado cedo para tal resultado. O inimigo tem duzentos mil soldados em Espanha. Mais do dobro das nossas forças.

— Estando menos de metade disponível para se concentrar contra nós — contrapôs Arthur. — O segredo da próxima campanha será o avanço rápido, antes que eles consigam juntar homens suficientes em cada local para nos superarem. Além disso, não vamos atacar onde José e o seu comandante superior, o marechal Jourdan, estão à espera. — Arthur virou-se para o mapa. — Primeiro temos de os ludibriar. Para isso, o general Hill, com um terço do exército, vai avançar de Ciudad Rodrigo em direção a Salamanca. Vou acompanhar o exército para garantir que os franceses pensem que vamos tentar retomar Madrid. Entretanto, o general Graham vai levar a força principal através das montanhas no Nordeste português, chegando à margem norte do Douro ao entrar em Espanha.

Beresford franziu ligeiramente o cenho ao concentrar-se no mapa.

— Mas milorde, isso significa que temos de levar a força principal por Trás-os-Montes. Conheço a zona, e as estradas pelas montanhas são traiçoeiras. Arrisco mesmo a sugerir que são intransponíveis.

— Imagino que os franceses partilhem da sua opinião — sorriu Arthur. — É por isso que

o general Graham vai usar as estradas montanhesas para surgir onde o inimigo menos espera. Os nossos engenheiros passaram o inverno a remover os piores obstáculos do caminho. Vai ser um trajeto difícil, mas não haverá oposição e teremos flanqueado o inimigo. Assim que Graham tiver ultrapassado as montanhas, vai marchar ao longo do Douro, até Toro, onde a coluna do general Hill se vai juntar a ele, depois de ter deixado uma pequena guarnição em Salamanca. No início de junho teremos oitenta mil homens prontos a tomar Burgos e a libertar o Norte de Espanha. Entretanto, José fica sem saber para onde se virar. Se tudo correr bem, podemos esmagar-lhe as formações antes que elas tenham tempo de se concentrar. Perguntas?

— Sim, milorde — resmungou Picton. — Isso é tudo muito bonito, mas e se José se aproveitar da nossa posição a norte do Douro para atacar a ocidente e cortar a nossa linha de comunicação com Portugal? Temos de proteger a nossa rota de fornecimentos até Lisboa.

— Por pouco tempo. — Arthur indicou a costa norte de Espanha. — Dei ordens para que as nossas armas de cerco fossem carregadas para uma esquadra que já se encontra ancorada ao largo da Corunha. Assim que tomarmos o porto, a nossa nova base de fornecimentos será Santander.

Arthur ficou satisfeito ao notar que os generais se tinham apercebido de imediato da importância da notícia. Prosseguiu:

— Com Santander nas nossas mãos, vamos dominar o Norte de Espanha, cortando a ligação de José com França. Assim sendo, que outra opção terá ele, a não ser enfrentar-nos? A alternativa será retirar-se de Espanha, algo que não vai agradar ao irmão.

Beresford anuiu a sua concordância.

— Um belo plano, milorde. Homessa, antes do final do ano podemos estar a controlar a linha do Ebro.

— Que se dane o Ebro! Nessa altura tenciono já ter chegado aos Pirenéus.

— E depois? — interveio Picton. — O que acontece? Pretende invadir França?

Arthur tinha noção de que todos os generais aguardavam a sua resposta, mas limitou-se a franzir os lábios.

— Uma coisa de cada vez, sim, Picton? Mesmo sabendo que tem pressa de chegar a Paris. — Pigarreou. — Muito bem, cavalheiros, este é o plano geral. Espero que mantenham o sigilo. Não irei tolerar quaisquer comentários com amigos e familiares em Inglaterra. Isso já aconteceu vezes suficientes no passado e acredito que, até ao final do ano, o exército será motivo de brindes no nosso país e todos os nossos críticos serão alvo de chacota. O Somerset tem as vossas ordens seladas. Levem-nas para os vossos quartéis-generais e preparem-se para marchar.

Os generais levantaram-se das cadeiras e saíram lentamente da sala, trocando comentários entusiasmados enquanto recolhiam as ordens na mesa junto à porta. Arthur observou-os com

atenção. Apenas Picton parecia não ter sido contagiado pelo bom humor, mas ele estava sempre pronto a ver o pior, tanto nos planos como nos homens. Não fossem as competências do general em combate e há muito que Arthur talvez se tivesse sentido tentado a dispensar os seus serviços. Somerset fechou a porta e voltou a analisar o mapa em silêncio durante alguns instantes.

— Um tostão pelos seus pensamentos, Somerset.

O ajudante de campo virou-se para Arthur.

— Ocorreu-me que talvez esteja a pensar em dar por encerrada a campanha do ano do outro lado dos Pirenéus, milorde, e não no lado espanhol.

— A sério? — Arthur ergueu uma sobrancelha. — E o que o leva a dizer isso?

— Se José for obrigado a enfrentá-lo no Norte de Espanha e o derrotarmos, é o fim da linha para os franceses a sul dos Pirenéus. Quanto a isso não há dúvida. Mas se conseguirmos entrar em França, com tal força que nos permita aguentar o inverno em solo francês, pois isso seria um golpe devastador para o moral gaulês.

— Sim. Imagino que fosse.

Somerset pensou por um instante.

— Porque não o disse aos outros, milorde? Poderia ter ajudado a inspirá-los.

— Pensava que por esta altura já conhecesse os meus métodos a ponto de aventar. Viu como eles reagiram à perspetiva de chegar aos Pirenéus. Alguns deles têm a certeza de que estou a alongar demasiado o exército. Tal como os franceses, partem do princípio de que me limito a travar uma guerra defensiva. Isso já passou. Este ano temos força suficiente para derrubar os franceses. Os homens nunca estiveram em melhores condições e com um moral tão elevado, ao contrário do inimigo. Para Beresford, pararíamos nas margens do Ebro. Ao oferecer-lhes os Pirenéus, criei um desafio, mas algo em que podem acreditar. Se tivesse dito França, ter-lhes-ia plantado a semente da trepidação no âmago. Além disso, os meus generais não são o único público desta nossa modesta representação.

— Milorde?

— Os nossos senhores políticos em Londres julgariam que sou louco por avançar tanto. Por isso disse-lhes ainda menos do que aquilo que os nossos generais sabem. É sempre melhor dar às pessoas um objetivo mais baixo, para que a sensação de conquista seja maior quando o excederem. Decerto imagina o quão grato o nosso país vai ficar, Somerset, caso cheguemos a França.

— Com efeito, *sir*. De certeza que terá recompensas principescas.

Arthur lançou-lhe um olhar duro.

— Julga que é isso que me motiva?

— Não disse isso, milorde.

— Não o *disse*. — Arthur soltou uma gargalhada seca. — Já tive algumas recompensas.

Após Talavera, fui elevado a cavaleiro, depois fui feito duque, e marquês graças a Salamanca, e agora recebi a Ordem da Jarreteira. Os nossos aliados espanhóis e portugueses concederam-me ducados, e é isso que os nossos soldados me chamam, mesmo que com algum humor. Atrevo-me a dizer que, com o tempo, talvez chegue mesmo a duque de Inglaterra. Mas isso não passa de títulos, Somerset. Ninharias. O que me move não são os títulos, nem uma fita, nem uma estrela cravejada de joias, mas sim a perspetiva de uma Europa livre da tirania francesa. Essa é uma causa pela qual vale a pena lutar, e morrer, se for preciso. Fui claro?

— Sim, milorde.

Arthur fitou-o por um instante e depois bateu as palmas.

— Nesse caso está tudo. Há mais algum assunto que exija a minha atenção?

Somerset não conseguiu reprimir um sorriso.

— Só mais uma coisa, milorde. Chegou hoje de Londres. Vou buscar. — Dirigiu-se apressadamente à sua secretária na antessala. Voltou momentos depois com um estojo de veludo do tamanho de um livro grande. Pousou-o sobre a mesa, a par de uma breve mensagem dirigida a Arthur, escrita com a inconfundível caligrafia intricada da esposa Kitty. Arthur quebrou o selo, abriu a carta e leu a mensagem sucinta.

Meu querido Arthur
Sei que não gostas que te incomode quando estás ocupado com assuntos militares e com o dever que tens para com o teu país. Há meses que não recebo uma carta tua e parece que fico a saber mais sobre ti pelos jornais e pelos boatos das esposas dos teus oficiais, do que diretamente pela tua mão. Meu Arthur, sei que não sou a esposa que mereces. Sei disso com mais certeza a cada ano que passa. Mesmo assim amo-te, e os nossos filhos amam-te, e mal podemos esperar pelo momento em que regressarás para nós. Sei que não o poderás fazer antes do final da guerra, e enquanto aguardamos, quero que saibas que temos o maior orgulho por tudo o que alcançaste para a nossa nação. Por tudo isso, junto envio-te o que nos chegou de Windsor, algo que espero te recorde do afeto que tantos sentem por ti.
A tua esposa adorada, Kitty.

Arthur dobrou a carta e devolveu-a à mesa. Tinha noção de que devia sentir-se culpado, mas esse era um sentimento que se recusava a crescer-lhe no peito. Tinha apenas a certeza absoluta de que Kitty dizia a verdade e de que ele nunca seria capaz de cuidar dela da forma que a esposa pretendia.

Por um momento interrogou-se quanto ao que lhes aconteceria quando a guerra chegasse finalmente ao fim. O que faria, partindo do princípio de que sobreviveria? Durante vinte anos, pouco mais conhecera do que a guerra. Refinara as suas competências marciais a um

ponto extremo e orgulhava-se de si próprio, dos seus oficiais e dos seus soldados. O que poderia a perspetiva de paz oferecer a um homem como ele? O regresso ao enfado da vida sem farda, e uma Kitty…

— Não a vai abrir, milorde? — Somerset interrompeu-lhe os pensamentos.

— O quê?

— A caixa, *sir*.

— Sim, claro. — Arthur puxou-a para si, abriu o fecho delicado e levantou a tampa. Lá dentro, alojada em seda branca, estavam as insígnias da Ordem da Jarreteira, a mais elevada distinção que Inglaterra tinha para oferecer. Arthur não pôde deixar de se sentir comovido com a honra que lhe fora prestada. Engoliu em seco e depois tocou nas pedras cintilantes da estrela.

— É muito bonita, não é? — meditou.

— Quer dizer que não se trata de mais uma ninharia, milorde?

Arthur semicerrou os olhos.

— Se não tirar essa expressão tola do rosto, ver-me-ei obrigado a atribuir-lhe uma Ordem muito diferente. — Baixou a mão e bateu no cano da bota.

O ajudante de campo esforçou-se por reprimir o humor.

— Assim está melhor. — Arthur levantou-se. — Muito bem, se estiver pronto, creio que chegou a altura de nos juntarmos ao general Hill.

CAPÍTULO 39

Perto do final de maio, Ciudad Rodrigo foi entregue a uma guarnição espanhola e a ala austral do exército aliado partiu para Salamanca. Tendo em conta o terreno acidentado que o general Graham teria de percorrer para chegar à margem norte do Douro, a maior parte das peças de artilharia do exército, além da cavalaria, seguiram com Arthur. Para ocultar do inimigo o tamanho real do exército, Arthur enviou quatro mil cavaleiros à frente da coluna principal, ocultando-a de batedores inimigos e, ao mesmo tempo, impressionando os franceses com a dimensão do esforço levado a cabo para tomar Salamanca.

Os franceses abandonaram Salamanca nas mãos de Wellington no final do mês e os habitantes da cidade receberam o exército aliado com alguma reserva. Três dias depois, o exército deixou subitamente a cidade, marchando com celeridade para norte em direção ao Douro, que atravessaram perto de Toro, e juntou-se à coluna do general Graham. Tendo reunido as reservas em Madrid para enfrentar a ameaça vinda de Salamanca, José tinha poucos homens a norte do Douro para fazer fosse o que fosse, a não ser retirar, face ao poderoso exército aliado. Arthur levou os homens ao longo da margem do Douro até Valhadolid e depois encaminhou-se mais uma vez para norte, paralelamente à grande Estrada Real que ligava Madrid a França.

Durante a primeira noite, o exército acampou nas colinas. Arthur estava na tenda, debruçado sobre um mapa, quando Somerset entrou, acompanhado por um oficial da marinha. Lá fora, o exército tratava do acampamento no ar frio da noite. Fila após fila de tendas brancas novas eram montadas nas extensões mais planas das encostas circundantes. O cansativo dia de marcha deixara os homens mais calados do que o habitual, e muitos deles nem se deram ao trabalho de acender um lume, comendo as rações frias antes de recolherem alguns fetos onde se deitar e adormecendo de imediato.

Arthur estava bem-disposto e sorriu quando olhou para o ajudante de campo.

— Trinta e três quilómetros hoje, Somerset! Belo progresso, não acha? Estamos a avançar mais depressa do que aquilo que os franceses são capazes de recuar.

— Um belo progresso, milorde, com efeito. Mas é um progresso em direção a quê, exatamente?

— Tudo a seu tempo. Quem trouxe consigo?

Somerset chegou-se para o lado e disse ao oficial que entrasse na tenda.

— É o tenente Carstairs, do Navio de Sua Majestade *Apollo*. Ancorou na costa norte e foi acompanhado até aqui por um grupo de guerrilheiros.

Carstairs aproximou-se da mesa de Arthur e tirou o chapéu.

— O meu capitão enviou-me à sua procura, milorde. Ele é o comandante da esquadra de fragatas que escoltam o comboio de suprimentos de Southampton. Tínhamos ordens para

desembarcar os fornecimentos no Porto, mas descobrimos que o senhor dera ordens para os deixar em Santander e para entrar em contacto consigo para novas ordens, caso o porto da cidade ainda se encontrasse em mãos inimigas, por isso, aqui estou.

— Bom trabalho, Carstairs. Gosto de um oficial que tome a iniciativa. Como foi a vossa viagem?

— Surpreendentemente fácil, milorde. Não vi uma única patrulha francesa entre a costa e o vosso acampamento.

— Não me admiro. José Bonaparte está a reunir todos os homens possíveis de regresso ao Ebro. Os franceses estão arrasados. — Arthur soltou uma gargalhada, o ladrido habitual a que Somerset se habituara, mas que levou o oficial da marinha a olhá-lo com uma certa dose de alarme.

— Muito bem — prosseguiu Arthur. — Quanto aos meus suprimentos, quero que o seu capitão mantenha a escolta ao largo de Santander até que o porto esteja nas nossas mãos. Imagino que isso não levante problemas à marinha.

— Não, milorde. A esquadra de escolta está aprovisionada para mais dois meses. Não tenho a certeza das condições dos navios mercantes, mas se for preciso, podemos alimentar as tripulações com as nossas reservas.

— Ótimo. Agradecia-lhe que indicasse ao seu capitão que transmita ao almirantado que todos os fornecimentos e reforços deverão, a partir de agora, ser enviados para Santander.

Carstairs pareceu surpreendido.

— Todos os navios, milorde?

— Sim. Vamos cortar a nossa ligação com Portugal de uma vez por todas. A partir de agora seremos fornecidos a partir da costa norte de Espanha.

— Perdoe-me, milorde, mas segundo sei, o almirantado não foi informado desse reencaminhamento dos navios.

— Não foram os únicos — retorquiu Arthur com brevidade. — Seja como for, as minhas novas ordens mantêm-se e têm de ser transmitidas à hierarquia da marinha. Certifique-se de que o seu capitão é informado o mais depressa possível, Carstairs.

— Sim, milorde.

— Muito bem, imagino que queira comer alguma coisa e uma cama para passar a noite. Somerset, um dos ordenanças que leve o tenente à messe dos oficiais.

— Com certeza, milorde. — Somerset curvou a cabeça e abriu a aba da tenda para Carstairs passar. Regressou momentos depois e deixou-se ficar de pé junto à entrada da tenda, até que Arthur ergueu o olhar.

— Há mais alguma coisa?

— Já que pergunta, milorde, sim, há. Estou preocupado com a situação dos suprimentos. Os homens dispõem de rações para mais dois dias e já estamos três dias à frente do comboio

de fornecimentos. Eles, por sua vez, estão a mais de cento e cinquenta quilómetros do nosso depósito avançado em Salamanca. Estamos nos limites das nossas linhas de fornecimento.

Arthur recostou-se na cadeira.

— Ouviu o que eu disse àquele oficial da marinha. O Somerset conhece os meus objetivos estratégicos. Assim sendo, sabe que estamos a mudar as nossas linhas de comunicação para Santander e, a seu tempo, para San Sebastian. Não há nada com que se preocupar.

— Salvo não estarmos na posse de nenhum desses portos, milorde.

— Ainda não. Temos de os tomar.

— Mas não há garantias de que os consigamos tomar — retorquiu Somerset. — E se não os conseguirmos capturar, tal como falhámos em Burgos, milorde?

— Nós… eu… falhei em Burgos por falta de artilharia de cerco adequada. Como bem sabe, o nosso comboio de cerco está a bordo de uma frota ancorada ao largo da Corunha. Quando chegar a altura, teremos o poder de fogo necessário para submeter ambos os portos, e depois teremos uma rota direta de fornecimentos com Inglaterra. Assim já fica satisfeito, Somerset?

— Sim, milorde — assentiu Somerset com relutância. Fez uma continência formal e saiu da tenda.

Arthur suspirou e passou a mão pelo cabelo curto antes de devolver a atenção ao mapa.

O exército encontrava-se a menos de um dia de marcha de Burgos e a outros dois do Ebro. Os últimos relatórios das patrulhas de cavalaria revelavam que os franceses tencionavam defender a linha do Ebro. A principal dificuldade do inimigo era o facto de não terem a certeza da localização do exército aliado. À sua frente só tinham a cavalaria de Arthur e uma divisão de tropas espanholas. Se o logro resultasse como Arthur esperava, o exército estaria do outro lado do Ebro e ameaçaria isolar José e o seu Exército de França antes que os gauleses pudessem reagir. A única opção seria lutar. O momento decisivo da campanha chegaria, e tudo após um mês do seu início.

Mesmo tendo rejeitado as preocupações de Somerset, Arthur aceitava a existência de riscos. Esforçara os homens com a marcha e os soldados estavam cansados e poderiam passar fome durante algum tempo, mas Somerset parecia ter-se esquecido do desejo de encontrar e destruir os franceses que lhes ardia no peito. Tinham lamentado a falta de uma segunda oportunidade para combater o inimigo em Salamanca, e agora estavam dispostos a esmagá-los.

Durante a noite, o exército foi acordado pelo som de uma grande explosão que ribombou pela paisagem. Pouco depois viu-se um brilho vermelho no céu a leste, que tremeluziu contra as nuvens dispersas pelo céu estrelado. Arthur observou do exterior da tenda, descalço e vestindo apenas calções e uma camisa larga. O brilho continuou durante duas horas, até que começou a extinguir-se, perdido com a primeira luz do dia. Arthur regressou à tenda para

acabar de se vestir e estava a sair quando Somerset lhe apresentou o relatório.

— Foi em Burgos, milorde. Uma das vedetas da cavalaria estava perto o suficiente para ver a explosão.

— Explosão?

— Sim, milorde. Os franceses instalaram cargas e rebentaram com o castelo. Conseguiram também incendiar uma grande extensão da vila.

— Diabos me levem — resmungou Arthur, surpreendido. Era óbvio que o pânico dos franceses era maior do que o pensado. Isso, por sua vez, introduzia uma nova ansiedade. E se a experiência vivida pelo inimigo nos últimos anos lhe tivesse minado de tal forma o espírito que não se atrevesse a lutar? Se fosse esse o caso, o plano de Arthur teria de ser adaptado, para que quando surgisse a oportunidade de travar uma batalha, não houvesse maneira de os franceses fugirem. José e o seu exército teriam de ser encurralados de modo a que fossem obrigados a render-se, ou então seriam aniquilados.

Dois dias depois, a primeira divisão do exército aliado deixou as colinas vazias e entrou no vale do Ebro. A mudança de paisagem foi acentuada e, para os soldados, habituados a percorrer as planícies e colinas poeirentas e secas do centro de Espanha, o vale luxuriante regado pelo rio era uma visão de abundância. As estradas ao longo das quais o exército marchava estavam ladeadas por árvores de fruto e por vinhedos, e sempre que os oficiais não viam, os soldados enchiam as mochilas com cerejas, laranjas e maçãs com que complementar as rações que definhavam. Prosseguiram uma curta distância para leste antes de se dirigirem para sul, a caminho dos cruzamentos de San Millan.

Ao final da tarde, um excitado jovem tenente da Nonagésima Quinta de Atiradores galopou até Arthur com uma mensagem do general Alten.

— Milorde! Avistámos o inimigo!

— Isso não pode ser assim, tenente — admoestou-o Arthur. — Recomece e apresente devidamente a mensagem.

O oficial aquiesceu e obrigou-se a falar de modo mais calmo.

— As minhas desculpas, milorde. O general Alten manda informar que os escaramuceiros avistaram uma divisão francesa a marchar por uma estrada a pouco mais de um quilómetro a sul do caminho por onde o general está a avançar. As duas estradas cruzam-se pouco mais à frente. O general pede autorização para atacar a coluna inimiga, milorde.

Os olhos de Arthur cintilaram de entusiasmo.

— Ah! Tenho de ver isso com os meus próprios olhos. Leve-me imediatamente ao general Alten.

Os dois cavaleiros incitaram as montadas ao longo do comboio de artilharia que avançava com estrépito pelo carreiro sulcado. Além das armas, passaram pela infantaria da Terceira

Divisão, onde se viraram cabeças ao som dos cascos que se aproximavam.

— É o Nosey! — gritou uma voz.

— Mas que pressa é aquela? — juntou-se outra. — Não andamos já a marchar o suficiente?

Os homens mais próximos gargalharam e Arthur reprimiu um sorriso, inclinando-se para a frente e esporeando o cavalo. Depois de passarem pela Terceira Divisão, chegaram ao último batalhão da Divisão Ligeira, que marchava por uma secção reta da estrada. À direita via-se uma linha íngreme de colinas que desapareciam gradualmente. Cerca de três quilómetros à frente, Arthur viu uma pequena aldeia ao sol da tarde. Uma ténue nuvem de poeira surgia do outro lado da aldeia, à medida que uma coluna inimiga se dirigia a oriente. Arthur chegou a pensar que a divisão francesa pudesse ter escapado, mas depois o tenente apontou colina acima. Na cumeada estava um pequeno grupo de oficiais que olhavam para a outra encosta.

— Aquele é o general Alten, milorde. — O oficial liderou o caminho, passando por duas companhias de infantaria antes de começarem a subir a inclinação. Quando chegaram a Alten, os cavalos estavam esgotados e Arthur desceu da sela, com o coração a bater com força.

— Onde está essa sua divisão inimiga, Alten?

— Além, *sir*. — Alten apontou encosta abaixo, para onde outra estrada seguia para a aldeia. Uma longa linha de soldados e carros franceses marchava em passo acelerado. Descendo a correr na direção deles, estavam os homens de casacas verdes da Nonagésima Quinta.

— Qual é o seu plano? — quis saber Arthur.

— A Nonagésima Quinta vai abrir fogo contra eles assim que estiverem ao alcance. A Quinquagésima Segunda está a descer o nosso lado da colina em passo acelerado para se adiantar à última brigada e formar uma linha de fogo. Os meus rapazes portugueses estão a marchar pela direita, antes de descerem a encosta até à estrada para lhes cortar a retirada. É demasiado tarde para apanhar as duas primeiras brigadas — acenou com a cabeça na direção da poeira de uma coluna distante, além da aldeia, — mas esta está no papo.

— Muito bem. — Arthur acenou a sua aprovação.

Nesse momento, o primeiro mosqueteiro abriu fogo sobre a coluna francesa e o crepitar das armas espalhou-se pela encosta. Vários inimigos foram rapidamente abatidos e os outros começaram a quebrar as fileiras em busca de abrigo. Os oficiais esforçaram-se por reunir e voltar a formar os soldados, para que respondessem ao fogo da Nonagésima Quinta. Tal como tinham sido treinados para fazer, os atiradores apontaram aos oficiais e, um a um, foram abatidos enquanto davam as ordens. Os sobreviventes ordenaram às tropas que disparassem uma salva para onde vissem as nuvens de fumo, mas os atiradores tiveram

tempo suficiente para se abrigar e a saraivada de bolas de mosquete desfizeram os arbustos raquíticos e fizeram ricochete nas pedras, sem que um único casaca-verde fosse atingido. Assim que os franceses baixaram os mosquetes para recarregar, foram ceifados, caindo aos dois e três de cada vez, até que os sobreviventes, incapazes de suportar o massacre mais tempo, perderam a coragem e fugiram, correndo pela estrada em direção à aldeia. Os atiradores continuaram a disparar contra os fugitivos tão depressa quanto eram capazes de recarregar e apontar, e em breve a estrada estava apinhada de homens mortos e feridos, bem como de cavalos, abatidos nos tirantes, o que obrigava os condutores a abandonar as carroças.

— Um trabalho glorioso! — Alten esfregou as mãos, satisfeito. — E agora, o golpe de misericórdia. Observe ali, milorde!

Os homens da Quinquagésima Segunda atravessavam a estrada à frente dos fugitivos. Pararam e viraram-se com elegância para os franceses. Os mosquetes foram erguidos e uma muralha de chamas e de plumas de fumo ocultou brevemente os casacas-vermelhas. A salva abateu dezenas de inimigos e os restantes deram meia-volta, correndo de encontro aos camaradas e provocando ainda mais caos. Fez-se ouvir nova salva e os atiradores continuaram a disparar a partir da encosta. Centenas de corpos cobriam agora a estrada. Bloqueados por dois lados, os franceses tentaram fugir por onde tinham vindo, mas depararam-se com uma linha de tropas portuguesas a descer a encosta, prontas a fechar o cerco.

Alguns franceses largaram os mosquetes e levantaram os braços, rendendo-se, mas outros, com mais coragem, ou receando ser capturados, viraram-se e fugiram na única direção possível, subindo a encosta da cumeada seguinte. Os atiradores cessaram fogo e correram encosta abaixo para o outro lado da estrada, ignorando os homens que se rendiam e ajoelhando-se na base da encosta. Aí começaram a abater os franceses que trepavam à elevação à sua frente.

No espaço de dez minutos, a brigada fora destruída, sofrendo centenas de baixas, entre mortos e feridos, e rendendo mais de quatrocentos prisioneiros. Fora um massacre, concluiu Arthur, mas, mesmo assim, orgulhava-se do desempenho eficaz dos homens de Alten.

— Foi uma emboscada executada na perfeição, general Alten. Transmita os meus parabéns aos seus homens.

— Assim farei, milorde.

— Certifique-se de que os rapazes acompanham os prisioneiros até à retaguarda o mais depressa possível e retome o avanço.

Alten aquiesceu e estava a voltar-se para transmitir as ordens aos oficiais do estado-maior quando um major da Nonagésima Quinta apareceu, ofegante, no topo da encosta, agarrado a uma bolsa de cabedal. O major trazia uma espingarda como os soldados, algo

invulgar para um oficial, e saudou o general Alten com um aceno de cabeça ao entregar-lhe a sacola.

— Encontrámos isto no corpo de um coronel francês, *sir*.

— De que se trata, Richard? — perguntou Alten.

— São ordens, *sir*. Do comandante de divisão. Imaginei que as quisesse ler assim que possível.

O major acenou com a cabeça e virou-se, descendo a encosta de regresso aos seus homens. Alten tirou o fino molho de papéis da sacola e deu uma vista de olhos ao conteúdo. Arregalou de imediato os olhos e dirigiu-se a Arthur.

— Ordens do quartel-general de José, *sir*! Com data de ontem. Está a convocar todas as unidades disponíveis para uma posição nova.

— Onde? — indagou Arthur, com o coração aos pulos.

— Uma povoação na Estrada Real, pouco mais à frente, milorde. Um sítio chamado Vitoria.

CAPÍTULO 40

21 de junho de 1813

As nuvens dispersaram-se e o céu ficou limpo. O ar mal se mexia ao sol da manhã. A vista do vale por onde o rio Zadorra serpenteava para leste, a caminho de Vitoria, estava desimpedida. Na véspera, Arthur contornara as colinas a norte do vale para observar as posições francesas e delinear os seus planos, e ficou aliviado ao ver que o exército inimigo continuava acampado em três linhas, entre o rio e as colinas de La Puebla, a sul. Os piquetes do inimigo tinham dado o alarme de madrugada, ao verem os primeiros homens de Arthur a marchar pelo desfiladeiro até ao vale, e agora os franceses aguardavam. As linhas escuras de infantaria e cavalaria encontravam-se agora viradas para oeste, para receber a ameaça iminente.

Arthur sorriu com satisfação ao analisar a disposição do inimigo a partir da colina sobranceira à aldeia de Nanclares. O marechal Jourdan entregara-se nas suas mãos. Os franceses tinham partido do princípio de que iriam enfrentar um ataque frontal, com o rio e as colinas a garantir uma proteção adequada de ambos os flancos. Tal como antes, não tinham contado com a audácia do exército aliado. O seu plano era bastante simples, refletiu Arthur, enquanto percorria o vale com o telescópio. Dividira o exército em quatro colunas. As divisões do general Hill, com tropas inglesas, espanholas e portuguesas, dariam início à batalha com um assalto às colinas de La Puebla, avançando pela cumeada para ameaçar o flanco esquerdo das linhas francesas. O grosso do exército ficaria sob o controlo direto de Arthur e teriam como missão um ataque frontal cruzando o rio. Outras duas divisões, com o general Dalhousie, tinham partido antes da alvorada para contornar as colinas a norte do vale e depois atacar o flanco direito do inimigo. A quarta coluna, comandada pelo general Graham, ficara com a maior extensão de marcha, atravessando as mesmas colunas, mas chegando mais longe, para negar aos franceses a possibilidade de fuga em direção à fronteira. Uma coluna espanhola mais reduzida fora incumbida de bloquear o caminho restante para fora do vale. Se tudo corresse segundo os planos, os franceses ficariam encurralados e seriam obrigados a render-se, caso contrário seriam aniquilados.

Arthur sabia que não havia planos sem os seus riscos, e este dependia de cada coluna iniciar o respetivo ataque ao mesmo tempo, para que os franceses perdessem a coesão ao terem de contrariar cada ameaça. Se os ataques fossem feitos à vez, nesse caso o marechal Jourdan poderia derrotá-los, um após o outro. Se tal acontecesse, os aliados seriam obrigados a retirar e Arthur não tinha dúvidas de que seria dispensado do comando pelos políticos de Londres.

Olhou pelo telescópio uma última vez na direção de Vitoria. A povoação estava cercada

por milhares de carros e carroças. Os espiões tinham-no informado de que muitas das carroças estavam cheias com objetos valiosos do palácio real de Madrid: quadros, tapeçarias, ouro, prata e joias. Ainda mais importante, um comboio de metais preciosos tinha-se juntado recentemente ao comboio de bagagens parado em Vitoria. O exército aliado precisava do ouro para pagar suprimentos e Arthur pretendia capturar o comboio intacto, antes que este pudesse escapar, ou que fosse pilhado pelo seu exército vitorioso.

— São oito horas, milorde — anunciou Somerset, interrompendo os pensamentos de Arthur.

— Sim. — Arthur aquiesceu. — Se não se importa, peça que disparem o sinal.

Somerset fez continência, depois levantou o chapéu e agitou-o lentamente de um lado para o outro. Ao fundo da encosta encontrava-se uma única boca-de-fogo. Assim que o oficial viu o gesto de Somerset, levou a mão em concha à boca e ordenou que fosse disparada. Chamas e fumo foram cuspidos do cano e um estrondo ecoou pelo vale.

Chegara o momento, ponderou Arthur, em silêncio. O que se seguiria seria decisivo. As quatro colunas teriam ouvido o canhão e começado a levar a cabo as ordens. Podia já ver os primeiros elementos da coluna de Hill a subir a encosta ocidental das colinas de La Puebla, em direção ao destacamento de soldados inimigos que se encontrava na cumeada. No espaço de meia hora, os franceses tinham-se apercebido do perigo para o seu flanco e dois batalhões começaram a subir as colinas para bloquear o avanço de Hill pelo cimo.

O ténue crepitar de fogo de mosquetes chegou aos ouvidos de Arthur, que observava a breve escaramuça entre os espanhóis que lideravam o ataque e o destacamento francês. Depois, as figuras minúsculas que eram os soldados inimigos quebraram fileiras e começaram a recuar para leste.

— O primeiro sangue é nosso, milorde — comentou Somerset. — Embora me pareça que os homens do general Morillo vão achar a próxima posição francesa um osso um pouco mais difícil de roer.

Arthur assentiu, enquanto via os soldados inimigos a formar ao longo da cumeada. Outros dois batalhões da segunda linha subiam já a encosta para criar uma formação nova que bloqueasse o avanço da coluna de Hill.

— Talvez assim seja, mas o marechal Jourdan está a fazer aquilo que eu esperava. Ele que se preocupe com o flanco esquerdo e a seu tempo estará condenado. Diga ao Hill que prolongue o ataque pelas encostas mais baixas. Quanto mais atrairmos a atenção do inimigo para a coluna de Hill, melhor.

À medida que a manhã foi avançando, os combates nas colinas intensificaram-se, com os soldados de ambos os lados a trocar fogo nas encostas, repletas de rochedos e arbustos enfezados. Os franceses iam juntando cada vez mais homens à luta, enfraquecendo o centro das duas primeiras linhas de batalha. Às onze horas, Arthur viu a terceira linha do exército

francês a assumir uma nova posição, dirigindo-se a norte sobre o rio.

— Está a ver ali? — Arthur levantou o braço e indicou o movimento a Somerset. — Os franceses devem ter avistado os rapazes do Graham.

Somerset meneou a cabeça e pôs-se à escuta durante alguns momentos.

— Não ouço disparos a leste, milorde.

— Nem eu, mas isso seria de esperar. O Graham tinha ordens para só dar início ao ataque quando o Dalhousie surgisse vindo das colinas. — Arthur franziu o cenho. — Mas onde raios *está* o Dalhousie? Ele e o Picton já deviam ter chegado ao rio.

— Quer que os tente encontrar, milorde?

— Ainda não. De certeza que vão aparecer em breve. Entretanto, chegou a altura de atacarmos a frente da linha francesa. — Arthur gesticulou na direção das encostas arborizadas à sua esquerda, onde a Divisão Ligeira aguardava pela ordem para avançar. — Ordene ao Alten que avance até ao rio. Eles que tomem a ponte de Villodas e que comecem a atravessar para a outra margem. A divisão de Cole atravessa aqui em Nanclares.

Quando as ordens foram dadas e as duas divisões começaram a avançar, o som dos canhões ecoava já pelo vale, vindo de leste. Pelo telescópio, Arthur viu nuvens de fumo de pólvora a formar-se de ambos os lados do rio, à medida que a coluna de Graham dava início à tomada das travessias a norte de Vitoria. Desviou o telescópio para observar as colinas à esquerda e praguejou entre dentes quando não avistou sinais dos homens de Dalhousie. Se não aparecessem em breve para desviar a atenção do inimigo, o marechal Jourdan poderia contrariar o ataque da Divisão Ligeira e da divisão de Cole com todos os homens e peças de artilharia disponíveis.

— Somerset, mande um oficial à procura de Dalhousie. Diga ao general que atravesse o rio e que ataque o inimigo imediatamente. Vou avançar para aquela elevação ali à frente, perto de Villodas.

Somerset olhou para a aldeia e viu que ainda havia franceses a defender o pequeno aglomerado de casas que compunham a povoação. Pares de atiradores corriam de abrigo em abrigo, à medida que se aproximavam dos franceses, por entre os disparos constantes. Somerset pigarreou.

— Milorde, será que não fica demasiado perto dos combates?

— Não há como evitá-lo — redarguiu Arthur, agarrando as rédeas e incitando o cavalo em frente. — Preciso de uma melhor perspetiva do campo de batalha.

Esporeou a montada e o animal correu em frente através da erva verde de um prado, onde um punhado de cabras que tinham conseguido fugir aos forrageiros gauleses dispersou à sua aproximação. Passou entre dois regimentos da Divisão Ligeira e os homens soltaram um viva sentido. Pouco antes de chegar à elevação, encontrou o general Alten e respetivo estado-maior.

— Bom-dia, milorde. — Alten tocou na aba do chapéu.

Arthur retribuiu o cumprimento e indicou o cimo do cabeço.

— Venha comigo, Alten.

Cavalgaram encosta acima e detiveram-se no topo, a partir de onde tinham um panorama desimpedido da aldeia e da velha ponte de pedra sobre o Zadorra. Pouco mais de duzentos metros à frente, os atiradores continuavam o duelo com os escaramuceiros franceses. Ao verem os dois oficiais britânicos, uma série de mosquetes foram apontados na direção deles e várias bolas zuniram em seu redor. Arthur sentiu o habitual aperto nas entranhas, mas obrigou-se a manter a fachada serena.

— A Divisão Ligeira vai atravessar o rio e formar uma linha a sul, para se unir aos homens de Cole, assim que estes atravessarem em Nanclares. Depois, as duas divisões vão avançar sobre a linha francesa.

Alten ergueu uma sobrancelha.

— Duas divisões contra a linha francesa principal? Como queira, milorde. — Perscrutou as formações inimigas cerradas que aguardavam um quilómetro além do rio. — Um ataque frontal vai custar-nos caro.

— É verdade, mas não há alternativa. Os franceses têm homens e peças a cobrir cada ponto de passagem disponível. Temos de atravessar aqui e preparar-nos para atacar.

Alten tufou as faces e assentiu. Estava prestes a responder quando o som de cascos atrás deles levou os dois homens a virar-se. Somerset galopava encosta acima para se juntar ao comandante. A pouca distância atrás dele vinha o general Alava e outro homem, um camponês espanhol, montado num pequeno pónei. Somerset puxou as rédeas e saudou Arthur.

— Posso saber quem é aquele? — Arthur apontou para o camponês quando os outros dois cavaleiros se juntaram aos oficiais.

— Milorde, se me permite? — atalhou o oficial espanhol antes que Somerset pudesse responder. — Este homem é José Ortiz de Zarate. É dono de uma quinta junto ao rio, além, perto da aldeia de Tres Puentes. — Alava apontou para norte, onde o rio contornava as encostas de uma pequena colina na margem oposta.

— Pois imagino que seja muito bom para o *Señor* Zarate — retorquiu Arthur com brusquidão. — Mas o que nos interessa isso?

— Ele diz que a ponte nesse local não está defendida. Não há um único francês num raio de mais de um quilómetro.

Arthur fitou o camponês e depois olhou para a aldeia, quase totalmente encoberta pela colina. Não se via sinais da ponte. Arthur virou-se para o general Alava com uma súbita pontada de entusiasmo.

— Pergunte ao nosso amigo se aquela elevação esconde a ponte da posição dos franceses.

Teve lugar uma breve troca de impressões, após o que Alava se dirigiu a Arthur.

— Ele diz que sim. Pelo menos não viu os franceses quando chegou ao extremo da ponte, há menos de uma hora.

Arthur fixou Zarate com um olhar férreo.

— Ele tem a certeza de que não há soldados franceses nas imediações? E que a ponte não tem cargas instaladas por baixo?

— Ele diz que tem a certeza, milorde.

Arthur sentiu o coração bater mais depressa enquanto analisava o terreno e as posições de ambos os exércitos na sua mente. Depois acenou com a cabeça, em sinal de agradecimento ao camponês espanhol.

— Diga ao *Señor* Zarate que se tiver razão, prestou um grande serviço ao seu povo.

O espanhol ficou hirto de orgulho na sela à medida que as palavras eram traduzidas, ao que Arthur prosseguiu.

— Pergunte-lhe se está disposto a levar os nossos homens até à ponte. Se conhecer a disposição do terreno, talvez precisemos dele quando chegarmos à outra margem. Diga-lhe que será bem recompensado se sairmos vitoriosos.

O agricultor baixou a cabeça com graciosidade e depois fez um breve discurso.

— Ele diz que não precisa de recompensa. Basta-lhe ter participado na derrota dos franceses. Contudo — Alava não foi capaz de reprimir um sorriso, — o *Señor* Zarate não vos quer ofender recusando a oferta de uma recompensa.

— Ah! — Arthur soltou uma gargalhada. — Muito bem. Alten!

— Milorde?

— Vou levar a brigada de Kempt para o outro lado do rio pela ponte do *Señor* Zarate. Se ele estiver certo, vamos aparecer no flanco do inimigo antes que os franceses possam reagir. Com o Cole e o resto da Divisão Ligeira a pressioná-los pela frente, temos grandes hipóteses de quebrar o flanco direito. Somerset, preciso de ser informado assim que houver notícias da coluna de Dalhousie. Entretanto, a cavalaria que avance para Tres Puentes. Vamos cumprir o nosso dever, cavalheiros.

Enquanto os homens de Alten expulsavam os franceses de Villodas e davam início à travessia para a outra margem, Arthur e os três regimentos da brigada de Kempt dirigiram-se a norte, seguindo o rio em torno da colina. O general Alava e Zarate acompanharam-no a galopar à frente da infantaria, que suava no passo acelerado em direção à ponte. Quando contornaram a curva, Arthur sentiu-se aliviado ao ver a ponte ainda sem ninguém. Um pouco à frente ficava a aldeia de Tres Puentes, onde um punhado de figuras saiu do abrigo das suas casas para observar a batalha travada nas colinas a sul.

— Vamos! — Arthur fez sinal aos dois homens e juntos galoparam até à ponte, e depois até uma pequena elevação junto ao rio, a partir de onde Arthur teve um panorama desimpedido da linha inimiga. Parou a montada e os flancos de *Copenhagen* retumbaram,

enquanto o animal recuperava o fôlego. A extrema direita da linha francesa estava a menos de um quilómetro. Os cavaleiros já tinham sido avistados por um oficial de artilharia francês, que apontava para o trio. Momentos depois, a peça foi virada na direção deles. Arthur ignorou o canhão e olhou fixamente para as colinas de La Puebla. Uma pluma de fumo indicava até que ponto Hill empurrara o inimigo, além do final do flanco esquerdo dos franceses. Em breve teriam de empregar ainda mais homens para manter a posição, caso contrário seriam obrigados a recuar. A leste, o ribombar dos canhões indicava que o general Graham combatia ferozmente as tropas francesas que mantinham a linha do rio a norte de Vitoria.

Ouviu-se um estrondo na outra margem quando a peça francesa abriu fogo. Depois um baque surdo, com uma coluna de terra a levantar-se na margem, a vinte passos à direita de Arthur. Zarate encolheu-se, e quando viu que Arthur e Alava pareciam impassíveis, endireitou-se rapidamente e recompôs a expressão, imitando-os.

— Assim é que é. — Arthur sorriu-lhe. — Nunca se mostra ao inimigo que temos medo. General, pergunte ao nosso amigo se ele sabe se as outras pontes do rio estão nas mãos dos franceses.

— Ele diz que a ponte seguinte, a leste, está guardada por infantaria e seis canhões. Mais além não sabe.

Seria a ponte que a coluna de Dalhousie iria usar para lançar o ataque ao flanco e à retaguarda da linha inimiga, refletiu Arthur. Olhou para a esquerda, mas ainda não havia sinais de qualquer movimentação a leste. Pelo canto do olho apercebeu-se de um clarão distante, quando a peça francesa voltou a disparar.

— Pergunte a Zarate se existem…

Arthur foi interrompido por um estalo húmido e por um som de algo a espalhar-se. Virou-se e viu o corpo do agricultor espanhol na sela, as mãos tensas como garras. A cabeça desaparecera, desfeita pelo segundo tiro da arma inimiga. O general Alava fora bombardeado com a maior parte do jorro de sangue e de miolos, que se tinham espalhado pelo lado do corpo e pelo rosto. O cadáver tombou lentamente para o lado e caiu com um baque surdo na margem do rio.

— Deus do Céu — resmungou Arthur. — O general está bem?

Alava levantara a mão enluvada para retirar os pedaços de carne do rosto e fitava o vermelho brilhante nas costas da luva de pelica. Olhou para Arthur e anuiu.

— Nesse caso é melhor deixarmos de nos armar em alvos. Vamos embora.

— Então e ele?

— O quê? Pode ser enterrado depois. Vou certificar-me de que a família recebe a recompensa que lhe era devida. Vamos.

Regressaram à ponte, que um dos batalhões do regimento de fuzileiros já atravessara,

correndo agora encosta acima, enquanto o resto da brigada cruzava o rio em passo acelerado. Arthur juntou-se a Kempt na outra margem e o subordinado mirou ansiosamente o general Alava.

— Está ferido, general?

O espanhol abanou a cabeça.

— Perdemos o nosso guia espanhol. Foi atingido por uma bola.

— Pobre diabo. — Kempt franziu os lábios. — É preciso ter azar.

Arthur apontou para a colina.

— Os seus homens que formem na cumeada. É provável que o inimigo se aperceba do risco para o flanco e tente obrigar a sua brigada a recuar para o outro lado do rio. Vai ter de se manter firme até que a nossa cavalaria passe.

— Pode contar com os meus rapazes — replicou Kempt, com um tom severo.

— Milorde — interrompeu o general Alava, gesticulando na direção da ponte, onde a infantaria se chegava para o lado, para deixar passar um oficial montado. — Um dos seus homens do estado-maior.

Menos de um minuto depois, juntou-se a eles o oficial, um jovem alferes que Arthur reconheceu como sendo uma recente adição ao estado-maior do quartel-general.

— Williams, não é?

— Sim, milorde.

— E então?

Williams engoliu em seco e esforçou-se por se recompor.

— Milorde, Somerset mandou-me à procura do general Dalhousie.

— Encontrou-o?

— Não, milorde, mas deparei-me com o general Picton. Estava a aproximar-se do rio, a um quilómetro e meio a leste daqui. Perguntou-me se tinha ordens para ele. Disse-lhe que as minhas ordens eram para o general Dalhousie, para que atravessasse o rio e iniciasse o ataque, e que a divisão de Picton devia garantir-lhe apoio. — O alferes fez uma pausa nervosa. — Bem, milorde, o general Picton ficou furioso. Disse que o general Dalhousie se tinha perdido nas colinas e que ainda ia demorar mais uma hora para chegar ao rio. Também disse que nunca na vida a Terceira Divisão iria servir de apoio a alguém. Depois deu-me uma mensagem que lhe deveria transmitir, milorde.

— Por Deus, a sério? — Arthur sentiu a irritação que Picton habitualmente lhe provocava. — Pois transmita-a. As palavras exatas que ele usou.

O jovem oficial engoliu em seco e esforçou-se por as recordar.

— Diga ao lorde Wellington que a Terceira Divisão, sob o meu comando, vai atacar a ponte em menos de dez minutos e tomá-la, e as outras divisões podem dar-me apoio, se assim o desejarem… Foi isso, milorde. Depois mandou-me embora e deu ordens aos homens

dele para avançar. — O alferes Williams fez outra pausa. — Não sabia o que fazer, milorde. Tinha ordens para encontrar Dalhousie, mas o general Picton apresentou-me ordens novas e julguei melhor encontrá-lo de imediato, em vez de continuar a procurar o general Dalhousie.

Arthur assentiu.

— Fez bem, Williams. Agora vá apresentar o seu relatório ao Somerset e depois continue à procura do Dalhousie.

— Sim, milorde — respondeu o alferes com um alívio notório, ao que deu meia-volta ao cavalo e regressou à ponte.

— Picton… — Arthur resmungou o nome por entre dentes cerrados, furioso com a beligerância petulante do general. Fora por esse motivo que entregara a Dalhousie o comando da terceira coluna, mas com este ainda fora de cena, seria melhor deixar que Picton liderasse o ataque ao flanco inimigo, antes que os franceses pudessem ser reforçados a ponto de impedir novas tropas britânicas de cruzar o Zadorra a partir do norte do campo de batalha. Salvas de armas ligeiras fizeram-se ouvir a leste e Arthur reprimiu o mau humor, incitando o cavalo colina acima até à cumeada, para ter um panorama melhor. Foi seguido por Kempt e Alava, e Somerset juntou-se-lhes daí a pouco, tendo apresentado as ordens para o ataque principal e regressando agora ao seu comandante.

A partir da posição elevada, Arthur podia ver a maior parte do vale. Um pouco além do rio, distinguiu as primeiras formações da divisão de Picton, que se aproximavam do extremo da ponte e iniciavam o combate com a pequena força destacada para a guardar. O ataque vindo de uma nova direção não passara despercebido ao marechal Jourdan, e a zona direita da linha francesa já recuava para não apresentar o flanco aos homens de Picton, enquanto um corpo de cavalaria e uma bateria de artilharia galopavam para apoiar os homens que defendiam a ponte.

— O Picton vai ficar muito maltratado quando tentar atravessar a ponte — indicou Arthur, — a menos que seja apoiado. General Kempt, tem de levar os seus homens e cobrir o flanco do Picton enquanto ele abre caminho pela ponte. Os seus atiradores que façam o possível por incomodar a cavalaria inimiga e aquelas peças.

— Sim, milorde — assentiu Kempt. — Mas e quanto a esta colina? Vamos abandoná-la?

— Já serviu o seu propósito — retorquiu Arthur. — Escondeu a sua brigada quando atravessou o rio. Agora leve os seus homens.

Kempt bradou as ordens pelo cimo da colina e os três regimentos começaram a descer pelo lado oposto, marchando para leste, cobertos por duas companhias de fuzileiros. Arthur avaliou rapidamente a posição das suas forças a sul da colina. À distância, a coluna nos montes de La Puebla continuava a avançar pela cumeada, passando pelo flanco esquerdo da linha francesa no vale. Mais perto, desde a travessia em Nanclares até à ponte de Villodas, os homens da divisão de Cole e o grosso do comando de Alten tinham atravessado o rio e

formavam uma linha de batalha sobre a paisagem ligeiramente irregular entre as colinas e o rio. O exército aliado tinha a vantagem. Chegara a altura de investir e desferir o golpe decisivo.

Os fuzileiros de Kempt correram em frente, abrigaram-se nas irregularidades do terreno e abriram fogo sobre a bateria de cavalos de artilharia que, por sua vez, disparava metralha contra os homens de Picton enquanto estes tentavam atravessar a ponte. A partir da sua posição, Arthur viu que dezenas de homens já tinham caído ao longo dos caminhos de acesso à ponte. A situação invertia-se agora, com os fuzileiros de casaca verde a abater continuamente os artilheiros franceses. Atrás dos fuzileiros, o resto da brigada de Kempt aguardava em colunas pela ordem para avançar, ou para formar quadrados, caso a cavalaria inimiga desse sinais de pretender deslocar-se nessa direção. Com mais de vinte homens e vários cavalos abatidos, o oficial encarregue da bateria deu ordem para recuar e as equipas engataram rapidamente as peças e começaram a regressar à linha francesa principal.

Assim que os canhões se silenciaram, o primeiro regimento de Picton apressou-se a cruzar o rio e formou uma linha na outra margem. Arthur viu uma onda metálica tremeluzente quando calaram as baionetas, após o que avançaram contra a cavalaria que ainda lhes barrava o caminho. A linha deteve-se e fez-se ouvir uma salva que derrubou vários hussardos franceses e muitos mais cavalos. Uma segunda salva aumentou as baixas inimigas e depois a linha vermelha avançou, carregando através da nuvem de fumo de pólvora. Arthur sentiu um momento de ansiedade perante a impetuosidade da carga, mas Picton avaliara bem e, antes que os franceses conseguissem reagir, a infantaria estava no meio deles, a desferir golpes com as baionetas. A luta terminou em menos de um minuto e a cavalaria ligeira francesa fugiu para leste, para a segurança da nova linha que se formava ao longo do terreno ondulado, pouco além dos cabeços gémeos onde se aninhava a aldeia de Arinez.

Enquanto Picton incitava os seus homens em frente, fazendo recuar os soldados franceses restantes para ambos os lados das elevações, os primeiros homens do general Dalhousie começaram a atravessar o rio e deram seguimento ao ataque de Picton. Arthur chamou Somerset para o seu lado e indicou a nova linha que os franceses estavam apressadamente a criar para repelir as forças que iam atravessando o Zadorra.

— Está a ver ali, onde os franceses estão a reunir uma bateria, à frente do centro da linha?

Somerset relanceou o inimigo.

— Sim, milorde.

— Quero todas as peças disponíveis a avançar para formarmos a nossa bateria. Enquanto as outras colunas avançam pelos flancos e ameaçam a retaguarda do inimigo, vamos desfazer-lhes o centro. Duvido que a linha francesa aguente muito tempo com tamanha pressão concentrada.

Enquanto o centro aliado se formava e as peças de artilharia eram levadas com estrépito

para a frente, os ataques em ambos os flancos prosseguiram, com Hill a pressionar continuamente para leste, ao longo da cumeada. Picton e Dalhousie foram pressionando, mas agora os seus homens estavam ao alcance dos canhões franceses e os primeiros batalhões sofreram baixas avultadas, com a metralha pesada a ceifar-lhes as alas, abrindo brechas ensanguentadas nas fileiras de casacas-vermelhas. Arthur seguira até às colinas perto de Arinez, dando ordens ao estado-maior para que se juntasse a ele, e sentiu-se revoltado ao ver tantos dos seus melhores homens a serem abatidos. Todavia, por piores que fossem as baixas, isso dava-lhes tempo para que o resto do exército se colocasse em posição para o que Arthur esperava viesse a ser o ataque decisivo contra a linha francesa.

Pouco depois das quatro, o exército aliado estava pronto e Arthur deu ordens para que a bateria do coronel Dickson abrisse fogo. Arthur nunca empregara tantos canhões numa batalha e as setenta peças soltaram um rugido ensurdecedor ao cuspir fogo e fumo, bombardeando com metralha a linha francesa, que se encontrava a menos de um quilómetro. Era agora a vez de as formações gaulesas se submeterem a tão terrível destruição. Arthur observou com uma satisfação lúgubre cada disparo a devastar os batalhões inimigos. Em breve, as armas de ambos os lados começaram a visar-se mutuamente e o vale encheu-se com o estrondo contínuo da artilharia, com os homens que operavam as peças a serem abatidos, derrubados por bolas, ou por fragmentos de madeira e metal, sempre que um dos canhões era atingido, lançando estilhaços mortíferos em todas as direções.

Durante um quarto de hora, as armas de ambos os exércitos fustigaram-se umas às outras, e o som da barragem era de tal modo ensurdecedor que Arthur não ouviu Somerset dirigir-se a ele, surpreendendo-se quando o ajudante de campo lhe puxou a manga. Desviou a atenção do espetáculo enquanto Somerset levava a mão em concha à boca para gritar.

— Recebemos um relatório do Graham, Milorde! Ficou retido na margem norte do rio e a divisão de Longa não conseguiu cortar o acesso à fronteira francesa.

— Raios — resmungou Arthur. Tencionara bloquear o caminho para a retirada do inimigo. Apercebeu-se de imediato de que era essencial que atacasse e derrotasse o exército francês tão depressa quanto possível, antes que se pudessem retirar do campo de batalha em bom estado. Via já os primeiros veículos do comboio de bagagens a dirigir-se a leste, ao longo da estrada para Pamplona. Inclinou-se para Somerset e falou bem alto ao ouvido do ajudante de campo. — O ataque vai começar. Diga ao Alten e ao Cole para não se deixarem deter por nada. Têm de empurrar o inimigo para trás, sem lhes dar oportunidade de reformar e de criar outra linha.

— Sim, milorde.

Enquanto aguardava que a linha avançasse, Arthur viu que a coluna de Hill ameaçava mais uma vez ultrapassar o inimigo. As peças sobreviventes da artilharia francesa silenciaram-se e foram apressadamente engatadas quando o marechal Jourdan se apercebeu da ameaça e

ordenou a retirada das formações fustigadas. Contudo, antes de se conseguirem deslocar, o centro do exército aliado deu início ao seu avanço, marchando inexoravelmente pelo terreno aberto, com as cores regimentais a esvoaçar acima das cabeças. Ainda estavam a aproximar-se e já Arthur via o flanco esquerdo da linha francesa a ceder e depois a formar uma coluna, começando então a afastar-se para leste, deixando o resto da linha francesa por sua conta.

Quando os casacas-vermelhas se aproximaram da divisão francesa restante, que mantinha a sua posição, as peças britânicas calaram-se e, exceto os sons dos combates vindos das colinas de La Puebla e mais ao longe, a leste, onde Graham abria caminho sobre o rio, um silêncio terrível caiu sobre o centro do campo de batalha. Os franceses aguardavam em linha, para se servirem de todos os mosquetes disponíveis contra a aproximação dos britânicos. Atrás da infantaria de Cole e de Alten, a cavalaria avançava e formava linhas, prontas a carregar contra o inimigo e a persegui-lo assim que quebrassem fileiras e começassem a fugir. A sensação de inevitabilidade era pesada e os soldados de ambos os lados bem o sabiam. Arthur não pôde deixar de admirar a coragem dos franceses que esperavam pelo golpe fatal do inimigo. Era terrível que fosse preciso a guerra para despertar uma qualidade tão nobre, refletiu.

Os pensamentos foram-lhe interrompidos quando os franceses dispararam a primeira salva contra os casacas-vermelhas que se aproximavam. Ao longo da frente da linha, vários homens cambalearam ou caíram ao chão sob a chuva de bolas de mosquete. Os sargentos bradaram ordens para que cerrassem a linha e as primeiras formações avançaram mais dez passos e estacaram, deixando um grupo disperso de figuras vermelhas, mortas ou feridas, na sua esteira. Os britânicos conseguiram disparar a primeira salva um instante antes de os franceses responderem com a segunda e uma espessa coluna de fumo voluteou entre os dois lados, com centenas de homens a serem abatidos. Os soldados dos dois lados recarregaram e dispararam tão depressa quanto possível, ignorando os gritos dos camaradas atingidos e os corpos tombados dos mortos de ambas as cores.

Após a quinta salva, foi dada ordem para carregar e os britânicos correram em frente, desaparecendo momentaneamente no meio do fumo, antes de irromperem do outro lado, direitos aos franceses alarmados. Arthur observou as duas linhas a entrechocar-se, com as primeiras filas a fundir-se numa confusão sangrenta e impiedosa, enquanto os homens se envolviam em lutas corpo a corpo. Mais casacas-vermelhas foram atravessando a nuvem de fumo que se ia dissipando e os franceses começaram a ceder terreno. Os ingleses pressionaram e então, como se guiados por um instinto de rebanho, o inimigo dispersou e fugiu, correndo pelo terreno aberto em direção a Vitoria.

Arthur olhou expectante para a cavalaria que aguardava. Ao contrário do que acontecera nas suas anteriores batalhas na Península Ibérica, em que a falta de cavalaria o privara de qualquer hipótese de uma perseguição bem-sucedida, desta vez a sua força montada era

temível. Cinco brigadas de cavalaria, quase seis mil homens, esperavam por ordens para avançar. Quando os franceses começaram a fugir, os regimentos deram início à marcha. As últimas formações da linha de infantaria abriram-se para permitir a passagem dos cavaleiros, ao que a cavalaria voltou a espalhar-se, passando por cima dos corpos dos que tinham tombado na troca de tiros anterior. Quando as primeiras formações da infantaria viram a cavalaria a aproximar-se, juntaram-se rapidamente, para evitar serem pisadas. Os cavaleiros prosseguiram com o avanço até terem passado pela maior parte dos camaradas a pé. Foi então que as cornetas se fizeram ouvir, com as notas ascendentes a soarem agudas e metálicas de onde Arthur observava o drama pungente que se desenrolava, à medida que aumentavam o ritmo de passo a trote, depois a meio galope e por fim a galope total, quando os cavaleiros esporearam as montadas e carregaram com os sabres em riste, soltando um bramido rouco que abafou o som das cornetas.

A cavalaria investiu a toda a largura do campo de batalha, com as espadas e os elmos dos dragões a cintilar ao sol. Depois, a magia do momento perdeu-se quando irromperam entre os soldados franceses. As espadas desferiram golpes para todos os lados à medida que os cavaleiros, consumidos pela sede de sangue da carga, abriram caminho por entre os inimigos. Aqui e ali, pequenos grupos de homens juntaram-se em torno dos estandartes com as águias e tentaram chegar a terreno mais alto, enquanto mantinham a cavalaria britânica afastada com as baionetas. Alguns batalhões da reserva francesa conseguiram formar um quadrado e dirigiram-se lentamente para leste, enquanto os cavaleiros os cercavam.

Arthur fez sinal ao estado-maior para que o seguissem e galopou até à planície para acompanhar a cavalaria, ordenando à infantaria que se juntasse à perseguição à medida que ia passando pelos soldados. Ao olhar para as colinas de La Puebla, viu que a coluna de Hill tomara toda a extensão da cumeada e estava agora a descer em direção a Vitoria, para se juntar à destruição do exército francês. O som dos canhões para o lado do rio desvaneceu-se e quando Arthur percorreu um pequeno outeiro, viu as primeiras colunas dos homens de Graham a marchar sobre Vitoria. Mais além, um grupo de soldados franceses retirava para os terrenos a leste. À volta de Arthur e da sua comitiva, o chão estava coberto de franceses mortos e feridos. Alguns canhões tinham sido abandonados quando as equipas de artilheiros libertaram os cavalos das armações e os usaram para a tentativa frenética de fugir à cavalaria atrás deles.

Mais à frente, à medida que se aproximavam de Vitoria, Arthur viu a cavalaria a contornar cada lado da povoação. Mais um pouco e apercebeu-se de que a paisagem a leste da vila estava coberta de carros e carroças, com os condutores a chicotearem os cavalos na tentativa desesperada de fugir, até que a infantaria em fuga os apanhou e prosseguiu. Alguns pararam junto a veículos abandonados, ou virados para agarrar toda a pilhagem facilmente transportável antes de continuarem a correr, lançando olhares aterrorizados sobre os ombros.

Atrás deles, a cavalaria britânica seguia em frente, sendo muitos cavaleiros obrigados a abrandar para passarem por entre os veículos e alcançarem os inimigos. Outras unidades, comandadas por cabeças mais frias, conseguiram orientar os cavaleiros à volta dos carros para que não ficassem enredados na confusão de veículos, soldados e seguidores do exército. Arthur parou numa pequena elevação a norte de Vitoria.

Não havia qualquer dúvida de que a sua vitória era total. À parte algumas divisões fustigadas que combatiam alguma ação à retaguarda enquanto se retiravam para leste, o grosso do exército francês, a bagagem, a maior parte das peças de artilharia e, acima de tudo, a arca de guerra do rei José seriam tomados. Só o tesouro do rei serviria para financiar o funcionamento do exército durante alguns meses, de forma autónoma dos portos do Norte de Espanha.

O general Alava tossicou.

— Milorde, permita-me que o felicite por mais uma vitória brilhante.

Arthur lançou-lhe um olhar gelado.

— Poderá fazê-lo assim que a vitória esteja concluída, e não antes.

— Mas milorde, olhe para ali — argumentou Alava, descrevendo um gesto com o braço que abarcou o panorama de veículos abandonados entre os quais a cavalaria britânica perseguia o inimigo. — Aí tem a sua vitória!

Quando os oficiais fizeram uma pausa para observar a destruição final do exército francês, Arthur apercebeu-se de que cada vez mais elementos da cavalaria desistiam da perseguição e se dirigiam ao comboio das bagagens. Os primeiros soldados de infantaria tinham começado a alcançar os camaradas montados e percorriam a povoação para se juntar à orgia de pilhagem que tinha início.

— Malditos sejam! — praguejou Arthur, fechando o telescópio e enfiando-o no alforge da sela. — Os idiotas estão a deixar o inimigo fugir.

Com efeito, o que restava do inimigo afastava-se em direção às colinas baixas a leste, totalmente libertos, enquanto os soldados aliados começavam a quebrar as fileiras e investiam sobre o comboio das bagagens, desesperados por não perder a sua parte do saque.

— Milorde? — chamou Somerset calmamente. — Quais são as suas ordens?

— Ordens? — Arthur abanou a cabeça. — De que vale dar ordens a esta ralé? Canalhas. — Respirou fundo e suspirou. — Muito bem. Quero que todas as formações que ainda não chegaram a Vitoria sejam detidas e recuadas pelo menos cinco quilómetros. Se queremos levar a cabo alguma perseguição amanhã, é preciso estabelecer a ordem.

— Sim, milorde. E onde vai basear o quartel-general? Em Vitoria?

— Não. Não quero testemunhar o espetáculo que é ter o meu exército transformado num bando de ladrões. Estarei em Arinez. Vá ter comigo lá.

— Sim, milorde.

— Mais uma coisa, e quero que o faça imediatamente. Quero uma companhia de homens de confiança. Homens que tenhamos a certeza não se irem juntar à pilhagem. Eles que encontrem a arca de pagamentos do exército francês. Assim que for localizada, terão de a guardar com a própria vida.

— Compreendo, milorde. Vou tratar disso.

Enquanto Somerset se afastava, Arthur olhou uma última vez para os milhares de carros e carroças que estavam a ser saqueados pelos seus homens. Depois desviou a atenção do espetáculo e afastou-se para leste, em direção à aldeia de Arinez, no sopé das duas colinas que se erguiam no vale. Cerrou os dentes e voltou a resmungar: — Canalhas.

Mais tarde, nessa noite, Somerset chegou ao quartel-general que fora instalado numa taberna pouco acima da aldeia. Arthur estava sentado na rua, a uma mesa iluminada por um candeeiro. Tinha um mapa dobrado à sua frente, a par de um pequeno bloco e um lápis. Olhava para o vale, na direção de Vitoria e do clarão dos archotes e das fogueiras que delimitavam a extensão do comboio de bagagens. Dirigiu a atenção a Somerset quando este se aproximou da mesa.

— Demorou bastante.

— Sinto muito, milorde, mas foi preciso muito tempo para encontrar os carros com as arcas de dinheiro do inimigo.

— Mas acabou por encontrá-las? — A expressão de Arthur animou-se. — Bom trabalho!

— Encontrei parte delas, milorde. Já estão vigiadas.

— Algumas? Quanto, ao certo?

— É difícil saber. Imagino que deva restar cerca de um quarto de milhão de francos em ouro.

— Um quarto de milhão? — Arthur esfregou lentamente a face. — Os meus espiões informaram-me de que havia cinco milhões naqueles carros. Agora está nos bolsos da ralé. E não só o ouro. Vão arrebatar todos os valores que encontrarem. Depois vai haver a bebida, e as lutas, de certeza. Aposto que o exército só daqui a dias vai estar em condições de prosseguir com a campanha.

— Talvez fosse assim, mesmo que não tivessem cedido à tentação, milorde — aventou Somerset, tranquilamente. — Há seis semanas que marcham duramente, num dos piores terrenos de Espanha. Os soldados estão exaustos. Eventualmente têm de descansar. Porque não agora?

— Porque não agora? Porque deixaram o inimigo fugir. Isso não devia ter acontecido, Somerset. Devíamos tê-los perseguido e exterminado. Era esse o objetivo do meu plano.

— Assim sendo, diria que o plano foi um êxito em quase todos os pontos. A vitória de hoje terá acabado com o jugo francês em Espanha. Os primeiros relatórios dão conta de que

capturámos praticamente todas as peças de artilharia deles. Até quase capturámos José Bonaparte.

— O quê?

— Uma das nossas tropas de hussardos encontrou a carruagem dele poucos quilómetros a leste de Vitoria, encurralada numa coluna de veículos que tentavam fugir. Ao que parece, José saltou por um dos lados da carruagem quando um dos nossos oficiais estava a subir pelo outro. Conseguiu alcançar alguns guarda-costas e encontrar outra montada. Fugiram da coluna e desapareceram na noite.

— Por Deus, isso é que seria um golpe pesado contra o Boney, termos capturado o irmão. Assim não ajuda à dignidade de José. — Arthur sorriu.

— Não foi o único a sofrer na dignidade. — Somerset procurou no interior da sacola que usava para transportar os blocos e os lápis, e de lá tirou uma vara curta, coberta de veludo roxo e com pequenas águias douradas engastadas. Entregou-a a Arthur. — O bastão do marechal Jourdan. Foi encontrado numa outra carruagem, próxima da de José.

Arthur ergueu o bastão junto ao candeeiro e observou-o.

— É uma coisa bonita. Imagino que um brinquedo destes vá agradar ao Príncipe Regente. Vou enviar o bastão para Inglaterra, a par do relatório sobre a vitória.

— A Grã-Bretanha vai regozijar-se com a notícia, milorde. E não só a Grã-Bretanha. Quando se souber da nossa vitória no resto da Europa, os nossos aliados vão sentir-se incentivados a derrubar Napoleão.

Arthur assentiu lentamente.

— Talvez assim seja, Somerset. Certo é que os interesses franceses em Espanha não vão recuperar deste revés. Só lhes resta uma estreita faixa de terreno deste lado dos Pirenéus, além do exército de Suchet, que está encurralado em Valência.

— Quais são os seus planos agora, milorde?

Arthur bateu no mapa com o bastão capturado.

— O nosso trabalho na Península Ibérica está quase concluído. Chegou o momento de levar a guerra a França. Pretendo entrar com o nosso exército em território francês antes do início deste inverno.

CAPÍTULO 41

Napoleão

Dresden, 26 de julho de 1813

Napoleão recebeu o ministro dos negócios estrangeiros austríaco num dos salões mais pequenos do palácio Residenzschloss na noite em que Metternich chegou de Viena. Apesar da altura do ano, o imperador estava com frio e na grelha ardia um lume, criando um espaço confortável na sala, ampliado pelo tom rosado lançado pelas chamas firmes que brilhavam nos candelabros. Desde que voltara da Rússia, Napoleão apercebera-se de que estava mais sensível do que nunca ao frio e desenvolvera um prazer especial por estar em ambientes quentes. As marcas dessa campanha atravessavam todas as esferas da vida de França. Dos seiscentos mil homens que liderara na Rússia no verão anterior, nem noventa mil tinham regressado e, de entre esses, muitos tinham ficado incapacitados pelas queimaduras do gelo. Outros tinham ficado destroçados psicologicamente, sendo incapazes de enfrentar os rigores de uma nova campanha. Só os mais fortes e corajosos tinham aguentado e, durante algum tempo, eram tudo o que se encontrava entre as forças do czar e os territórios alemães de França.

Nos meses após o seu regresso a Paris, Napoleão fora obrigado a aproveitar cada homem disponível para reconstruir as suas forças, com o objetivo de enfrentar a ameaça vinda de leste. Os oitenta mil homens da Guarda Nacional tinham sido anexados ao exército por decreto imperial, a par de dezenas de milhares de jovens que só deveriam ter idade para o serviço militar dali a mais dois anos. Os veteranos na reserva foram chamados para servir outra vez pelas águias, e os marinheiros e artilheiros da marinha foram destacados para preencher as necessidades da artilharia do exército. Independentemente da sua qualidade, chegada a primavera, Napoleão conseguira reunir um exército de um quarto de milhão de soldados.

Todavia, era mais difícil encontrar montadas novas. À campanha russa só tinham sobrevivido alguns milhares de cavalos, e assim que Frederico Guilherme mudou de lados e se juntou ao czar, a França viu-se privada das propriedades de criação de cavalos do Norte da Prússia. Napoleão sentira imediatamente a sua falta aquando do início da campanha do ano. As forças de Murat não tinham conseguido providenciar proteção suficiente para as movimentações do exército francês. Também não realizavam batidas adequadas, deixando muitas vezes Napoleão sem saber o paradeiro do inimigo. Pior ainda, não eram em número suficiente para impedir que unidades de cossacos atacassem as linhas de fornecimento francesas.

Consequentemente, e apesar de terem vencido duas batalhas, os franceses não tinham

conseguido um resultado decisivo. Após dois meses de marchas cansativas pelas planícies e colinas dos Estados alemães e dos territórios da Prússia Ocidental, Napoleão ficou aliviado quando o czar propôs um armistício no final de junho. Fora acordado que o cessar-fogo duraria até ao fim de julho, enquanto se conduziriam negociações para os termos do tratado de paz. Francisco, o imperador da Áustria, oferecera-se como mediador, pelo que o príncipe Metternich passara as últimas três semanas a viajar entre o quartel-general de Napoleão, em Dresden, e o czar e Frederico Guilherme, em Berlim.

Napoleão fitava o lume, de mãos agarradas atrás das costas, quando uma batida forte à porta lhe interrompeu os pensamentos. Ergueu o olhar no momento em que Berthier entrou na sala.

— O príncipe Metternich chegou, *sire*.

— Ótimo. Ele que entre.

Berthier descreveu uma vénia com a cabeça e saiu do salão, deixando a porta aberta. Regressou momentos depois e levou o diplomata austríaco à presença do imperador. Metternich fazia-se acompanhar por dois membros do seu estado-maior, que permaneceram a uma distância respeitosa atrás do seu mestre quando este se aproximou de Napoleão e agarrou a mão que o imperador lhe estendera.

— É um prazer vê-lo novamente. — Napoleão ofereceu um sorriso caloroso. — Espero que as suas acomodações e as da sua comitiva sejam do vosso agrado.

— Agradeço-lhe, *sire*, são muito confortáveis. Claro que seria agradável ter tido a oportunidade de tomar alguma coisa e de descansar antes de prosseguirmos os nossos assuntos.

— Lamento, mas a paz da Europa está antes do conforto dos pacificadores, tal como decerto concorda.

Metternich esboçou um sorriso.

— Com certeza, *sire*.

— Excelente. Talvez goste de saber que a imperatriz me escreveu. Ela transmite o seu maior afeto ao pai, e espera que continue a considerar a França como boa amiga e aliada.

— Transmitirei as palavras dela ao imperador Francisco — replicou Metternich num tom átono. — Ele vai gostar de ter notícias da filha.

— Imagino. — Napoleão sorriu. — E certifique-se de que sua majestade imperial saiba que o genro reflete os sentimentos da esposa.

— É claro.

— Vamos, sentemo-nos. — Napoleão apontou aos convidados a mesa oval que fora instalada no centro do salão. Os austríacos esperaram que o imperador se sentasse primeiro, após o que ocuparam os seus lugares. Depois, Napoleão fez sinal a Berthier para que se sentasse a seu lado. Assim que todos se instalaram, Napoleão cruzou as mãos e dirigiu-se a

Metternich.

— Muito bem, meu caro príncipe, quais os termos que Alexandre e Frederico decidiram oferecer-me?

Napoleão percebeu que Metternich ficara incomodado com a questão tão direta, desconfortável, sem dúvida, com a ausência das amabilidades prolongadas características das negociações diplomáticas da altura em que Talleyrand servira como ministro dos negócios estrangeiros de Napoleão. Metternich dirigiu-se a um dos adidos.

— A pasta dos documentos, por favor.

O adido pegou numa pequena sacola de cabedal, soltou a presilha e abriu-a sobre a mesa, antes de a empurrar na direção de Metternich. O ministro dos negócios estrangeiros pegou na primeira folha de papel e olhou para Napoleão.

— Como está determinado a tratar diretamente dos assuntos, irei apresentar-lhe um resumo das condições.

Napoleão assentiu.

Metternich aproximou o documento dos olhos e começou a ler.

— Um: acordo para desmantelar o Ducado de Varsóvia e divisão dos territórios existentes entre os poderes centrais da Europa. Dois: acordo para eliminação da Confederação do Reno. Três: a Prússia terá as fronteiras de 1805 restauradas. Quatro: o Bloqueio Continental será levantado e a França respeitará o comércio das nações neutras. Cinco: todas as tropas francesas serão retiradas para além do Reno. — Baixou o documento e ergueu o olhar. — Existem outros termos, mas são secundários e podem ser negociados após a aceitação dos pontos principais.

Napoleão manteve-se imóvel e silencioso por um momento, enquanto fitava o príncipe Metternich. Depois soltou uma gargalhada de desprezo.

— É só isso que me pedem? Não exigem que abdique dos meus territórios em Itália, ou que abandone o meu irmão em Espanha?

— O czar e o rei estão dispostos a deixá-lo manter as posses em Itália — retorquiu Metternich, ao que se permitiu esboçar um sorriso. — Quanto a Espanha, imagino que a Península Ibérica não vá ficar muito mais tempo nas suas mãos, *sire*.

— A sério? E o que o leva a ter tanta certeza, se é que me permite questioná-lo?

— Os mais recentes relatórios da guerra indicam que os seus exércitos estão exaustos e desmoralizados, e a população está quase toda contra o reinado do seu irmão. E agora, o general Wellington marcha sobre Espanha com impunidade.

— O que me interessa o Wellington? — disse Napoleão bruscamente. — Não passa de mais um general inglês demasiado cauteloso que será empurrado para o mar assim que me dignar a liderar pessoalmente os meus exércitos contra ele. Por enquanto limito-me a manter o que pode ser defendido naquele país, mas, a seu tempo, os espanhóis serão domados e

Wellington e a ralé de soldados britânicos, espanhóis e portugueses vão ser esmagados. Pelo menos disso, a Europa pode ter a certeza.

Metternich encolheu os ombros.

— Não posso deixar de admirar a sua confiança formidável, *sire*. Contudo, a Espanha não está em causa neste momento. Estamos aqui para discutir o armistício. Preciso de saber se aceita os termos apresentados pela Rússia e pela Prússia, e se tem contrapropostas a apresentar.

Napoleão fitou as mãos.

— Imagino que tenha noção de que não tenho como aceitar as condições nesses termos. A França seria humilhada aos olhos do mundo. *Eu* ficaria humilhado. Quanto tempo julga que seria preciso para que o povo francês se revoltasse e me depusesse, tal como fizeram com Luís? E se houvesse outra revolução? Tudo seria devastado e as potências da Europa ficariam a braços com mais uma tirania popular disposta a destruir as instituições dos antigos regimes. Sou o único entre os tronos da Europa e a anarquia. Seria bom que Alexandre e Frederico Guilherme se lembrassem disso, antes de me tentarem depor.

— Ninguém disse que era esse o objetivo deles — respondeu Metternich cuidadosamente.

— É claro que não. Eles só querem paz — troçou Napoleão.

Metternich não mordeu o isco e deixou-se ficar sentado em silêncio. Napoleão ergueu o olhar e fitou friamente o austríaco. Apercebeu-se do nariz comprido e do rosto estreito, além do mesmo ar arrogante de superioridade e de condescendência que Metternich partilhava com Talleyrand, algo que o enfurecia prontamente. Nenhuma dessas pessoas, nenhum desses monarcas e aristocratas que dominavam as massas devido a um acaso de nascimento, nenhum deles descansaria enquanto um homem que criara o seu próprio destino governasse a França. Mexeu-se lentamente na cadeira e inclinou-se na direção de Metternich.

— O que espera a Áustria ganhar com isto?

— *Sire*?

— Imaginemos por um momento que não sou um simplório ingénuo que se dispõe a acreditar que a Áustria está a agir como um intermediário honesto. O que espera a Áustria vir a ganhar?

Metternich sorriu.

— Esta conversa está a encaminhar-se para temas que é melhor serem discutidos em privado, *sire*.

Napoleão aquiesceu.

— Muito bem. Berthier, vocês, saiam. Já.

Berthier levantou-se imediatamente, juntou os apontamentos e dirigiu-se à porta. Após um olhar inquiridor a Metternich e o assentimento deste, os adidos seguiram o oficial, fechando a porta atrás deles.

— Assim está melhor, *sire*. Muito bem, quer saber qual a posição da Áustria? Eu digo-lhe. Mas primeiro quero que saiba que esta é a minha opinião, e mesmo não podendo falar pelo imperador Francisco, nem pelo seu círculo restrito, sei que eles partilham da minha visão. Fora isso, eles estão, como direi? — Esboçou um sorriso. — Estão suscetíveis a um argumento fundamentado.

— Tal como o senhor é suscetível a um estímulo financeiro — atalhou Napoleão. — Ou será melhor falarmos sem rodeios, príncipe Metternich? Vai aceitar um suborno.

— Pretende subornar-me? — Metternich levou a mão ao peito e envergou uma expressão magoada. — *Sire*, quero que saiba que não sou o Talleyrand, que elevou a corrupção a uma forma de arte. Não sou, nem de longe, tão versado nessa arte. — Prosseguiu apressadamente quando viu as sobrancelhas de Napoleão começarem a juntar-se. — Pretende saber o que a Áustria deseja da presente situação. É simples. Queremos estabilidade. Tanto dentro da Europa, como entre a Europa e a Rússia. Precisamos de um verdadeiro equilíbrio de poder na Europa. A França terá de ceder alguma da sua influência à Áustria e à Prússia. Se conseguirmos atrair a Prússia para uma causa que nos seja comum, Frederico Guilherme não terá necessidade de uma aliança com a Rússia. A cada ano, o czar empurra as suas fronteiras para mais perto da Europa.

— Para mais perto dos territórios austríacos, quer o senhor dizer.

Metternich assentiu.

— Assim é. Por esse motivo, seria melhor que a Áustria fosse aliada de França e não da Rússia. Contudo, isso só será aceitável para o meu imperador caso a França abdique de grande parte do território que controla neste momento.

— Não farei isso.

Metternich suspirou e fechou os olhos por um momento, antes de prosseguir.

— *Sire*, permita-me que seja brutalmente franco consigo. Não tem como vencer uma guerra contra as forças combinadas da Rússia, da Prússia, da Suécia e da Grã-Bretanha. Desde que este armistício foi estabelecido, os seus inimigos acrescentaram bastante poder aos seus exércitos. Está em desvantagem e as probabilidades contra si crescem a cada dia que passa. Os nossos espiões garantem-nos que os seus homens estão exaustos, que a Saxónia não será capaz de financiar o seu exército durante muito mais tempo, e que as suas reservas de munições vão exaurir-se no espaço de um mês de campanha. Salve o seu exército, salve o seu trono e aceite a paz. Se não o fizer, terei de o alertar para o facto de ser bem provável que a Áustria venha a juntar-se às potências aliadas contra o senhor.

— Porquê? — Napoleão semicerrou os olhos. — Porque haveria Francisco de fazer tal coisa? Foi o senhor que o disse, ele tem mais a recear do czar do que de mim. A Áustria deveria estar a lutar ao lado de França.

— Isso é verdade, *sire*. Mas pense no nosso ponto de vista. Há muitos em Viena que

continuam magoados com as duras condições de paz que nos foram impostas após Wagram. Eles, entre outros, também recordam o desastre em que nos envolveu, na Rússia. Agora, as nações europeias estão a juntar as forças contra França. Se for derrotado, e se nós formos derrotados consigo, a Áustria bem pode esperar que a Rússia nos imponha condições de paz ainda mais desagradáveis do que as que foram apresentadas por vossa majestade imperial. Por isso… — Metternich sorriu. — Uma aliança com França acarreta os seus riscos. Se permanecermos neutros e a França for derrotada, algo que parece o resultado mais provável, ficaremos impotentes para intervir quando os termos de paz forem impostos. Essa vantagem pertencerá ao czar. Assim sendo, tal como argumentam alguns dos meus compatriotas, seria melhor que a Áustria estivesse do lado vencedor da guerra, mesmo que isso nos obrigue a ser um aliado a contragosto da Rússia. É esse o verdadeiro risco que vossa majestade corre. A sua posição ficará ainda mais vulnerável com quaisquer reveses que venha a sofrer em outros pontos do império. Se pretende evitar um desastre, sugiro com veemência que aceite a paz.

— Compreendo. — Napoleão juntou as pontas dos dedos e fixou Metternich com um olhar penetrante. — Foi convincente nas suas palavras, mas esqueceu-se de referir uma coisa: o facto de a Inglaterra se ter oferecido para pagar à Áustria meio milhão de libras em ouro, caso nos declarassem guerra, e outros dois milhões para financiar o vosso esforço de guerra posterior. — Sorriu. — Como vê, também disponho de espiões.

— Que estão deveras bem informados, *sire* — admitiu Metternich. — Sim, isso é verdade, mas acredito que o imperador Francisco prefere ter paz a aceitar um suborno para declarar guerra. Contudo, se vossa majestade imperial se recusar a aceitar estas condições, a Áustria ver-se-á obrigada a agir.

— Devo aceitar isso como sendo um ultimato?

— Sim, meu imperador.

As sobrancelhas de Napoleão estremeceram.

— Estou a ver. Tem uma cópia dos pormenores das exigências?

— É claro, *sire*.

— Então deixe-a comigo. Preciso de tempo para as analisar.

— Com certeza, *sire*. O czar autorizou-me a conceder-lhe uma extensão de duas semanas ao armistício.

— Mas que generoso. Transmita-lhe a minha gratidão. — Napoleão levantou-se repentinamente. — Muito bem, irei discutir as condições com os meus conselheiros e juntos compilaremos os nossos termos a apresentar a Alexandre e a Frederico Guilherme. Visto que já é tarde, sugiro que demos por encerrada a nossa reunião.

— Com certeza, *sire*. — Metternich tirou rapidamente uma cópia das condições de paz e deixou-a em cima da mesa, arrumando depois os restantes documentos e apontamentos na

sacola, que fechou. Napoleão acompanhou-o até à porta do salão, onde trocaram uma vénia formal antes de Metternich se afastar, chamando os adidos a si ao percorrer o corredor até às escadas de acesso ao átrio principal do palácio.

Napoleão observou-o por um instante e depois fungou, desdenhoso. Voltou à mesa e levou uma das cadeiras para junto do lume, onde se sentou, inclinado para a frente e com o queixo apoiado nos nós dos dedos. Passado um instante, levou a mão ao colete, em busca do medalhão que trazia sempre consigo. Abriu-o e olhou para as miniaturas da imperatriz e do filho pequeno, acariciando-os aos dois com o polegar. Esperara que o casamento com uma integrante da família real austríaca lhe desse a ligação necessária para impedir que as duas nações voltassem a travar outra guerra entre elas. Agora parecia que a sangria era mais forte do que o sangue, meditou. Fechou o medalhão e devolveu-o ao bolso. Pouco depois, Berthier entrou no salão.

— O príncipe Metternich deixou o palácio, *sire*.

— Ótimo. — Napoleão acenou com a cabeça na direção da pequena porta oculta na parede do salão, a qual dava acesso a um corredor de serviço. — Ouviu tudo?

— Sim, *sire*.

— O que lhe parece?

Berthier ponderou cuidadosamente a resposta.

— *Sire*, as condições propostas são inaceitáveis. Os nossos inimigos deverão sabê-lo. Sugiro que façamos o possível por prolongar as negociações e ver as concessões que lhes conseguimos arrancar. Quem sabe, talvez até consigamos um acordo de paz.

— Paz? Julga mesmo que o czar quer paz? Não vai ficar satisfeito até que a França, o derradeiro obstáculo às ambições europeias dele, seja derrubada. Não pode haver paz entre nós.

— Então temos de usar as negociações para conseguir tanto tempo quanto possível. O Metternich está a par de alguma da verdade quanto às condições do nosso exército, mas não toda. — Berthier acenou com a mão, num gesto de impotência. — Mais de metade do exército não está em condições de lutar. Temos demasiados jovens. Esta manhã inspecionei alguns dos últimos reforços. Receberam duas semanas de formação antes de marcharem para a Alemanha. Quando saíram de França, só metade tinha mosquetes e, durante a recruta, só dispararam duas salvas de pólvora seca. Não lhes foi dado o equipamento completo e não fazem ideia de como viver da terra. — Abanou a cabeça, exasperado. — *Sire*, estamos a enviar cordeiros para o matadouro.

— Disparates! Os rapazes transformam-se em homens assim que experimentam o combate. Além disso, há muitos veteranos no Grande Exército que lhes vão ensinar o que precisam de saber para sobreviver enquanto em campanha. — Fez uma pausa para observar com atenção o chefe do estado-maior. — Talvez o problema seja que está a ficar muito velho para isto,

meu amigo.

— *Sire*?

— Há muitos anos que trabalha sem parar, Berthier. Há demasiados anos. Está a perder o ânimo. É uma consequência natural.

Berthier obrigou-se a manter-se hirto e abanou a cabeça.

— Estou perfeitamente apto a cumprir o meu dever, *sire*. Só pretendia frisar que Metternich tinha razão. Esta pode ser uma guerra que não seremos capazes de vencer.

— Não seremos capazes de vencer? — Napoleão estava espantado. — Não podemos vencer! É um derrotista, marechal Berthier. Nunca lhe tinha visto essa faceta. E está errado. Nós podemos vencer. O que falta aos nossos homens em experiência e equipamento será mais do que compensado pelo seu patriotismo e pela dedicação ao imperador. É por isso que iremos vencer.

— *Sire*, e se a Áustria se juntar à aliança? Se tal acontecer, os nossos inimigos podem dispor de mais de meio milhão de soldados contra nós. Teremos de os enfrentar com pouco mais de metade desse número.

— Já antes estivemos em desvantagem numérica e vencemos.

— Desta vez não, *sire*.

Napoleão franziu o cenho. Interrogou-se o que poderia ter acontecido a Berthier. Perscrutou a expressão angustiado do marechal e viu, como se pela primeira vez, que o mais leal e eficiente dos seus oficiais estava perto da exaustão. Napoleão levantou-se da cadeira e acercou-se dele, tocando-lhe gentilmente nos ombros.

— Meu amigo, está cansado. Estamos todos. Mesmo assim, temos de fazer mais um esforço. Se derrotarmos o inimigo, a aliança vai cair. Esta guerra já não tem a ver com homens, cavalos e canhões. Tem a ver com o espírito, e com a vontade de prosseguir. É nessas qualidades que se encontra o segredo do nosso êxito. Peço-lhe este derradeiro esforço a si e a todos os meus soldados. Depois teremos uma grande vitória e poderemos descansar. Juro-lho.

Berthier mirou-o, com uma ténue faúlha de esperança a brilhar-lhe nos olhos.

— Jura?

Napoleão assentiu.

— Nesse caso, *sire*, sou o homem indicado.

Napoleão ofereceu-lhe um sorriso caloroso.

— Seria incapaz de travar as minhas batalhas sem si, meu velho amigo. Agora vá descansar.

Berthier descreveu uma vénia com a cabeça e deu meia-volta para deixar o salão. Quando saiu, Napoleão regressou ao lume, juntando as brasas e acrescentando mais lenha antes de voltar à cadeira. Enquanto a madeira fresca estalava e silvava, refletiu sobre tudo o que fora

dito ao longo do serão. Tinha a certeza de que seria capaz de derrotar os exércitos de Frederico e de Guilherme, mas se a Áustria entrasse na guerra ao lado dos seus inimigos, teria pela frente o maior teste militar da carreira. Não duvidava de que estivesse à altura do desafio, mas a questão que mais o atormentava era se os oficiais e os soldados do exército o equipariam na busca pela glória.

A manhã seguinte surgiu limpa e brilhante, sem uma única nuvem no céu, com Dresden a acordar para um belo dia de verão. Depois de tomar o pequeno-almoço, Napoleão foi dar um passeio pelo Grande Jardim que se estendia para sudeste da cidade velha onde se situava o palácio. Alguns dos habitantes andavam na rua, seguindo os carreiros de saibro que dividiam as roseiras ornamentadas, os canteiros de flores e os aglomerados de árvores. Os guardas que protegiam o imperador certificavam-se de que ninguém chegava ao alcance de um tiro de pistola, pelo que Napoleão caminhava de cabeça baixa, embrenhado em pensamentos, alheio aos rostos curiosos que o observavam à distância.

Chegou ao extremo do jardim e voltou para trás, regressando por onde viera, consumido com o planeamento de qualquer eventualidade que surgisse aquando do final do armistício.

— *Sire*!

Napoleão levantou a cabeça e viu Berthier a percorrer o carreiro na sua direção. Obrigou-se a sorrir e levantou a mão num cumprimento.

— Dormiu bem, tal como lhe ordenei?

O marechal não sorria e falou num tom baixo.

— *Sire*, recebemos um despacho do marechal Jourdan. Sua majestade, o rei de Espanha, foi derrotado há um mês, numa batalha nos arredores de Vitoria.

— Outra derrota? — Napoleão abanou a cabeça com amargura. — Será que não há marechal capaz de ensinar uma lição ao Wellington? — Inspirou fundo. — Sem dúvida, o exército do José terá de recuar para poder reagrupar-se.

— *Sire*, não há exército para reagrupar. Duas divisões fugiram à batalha e recuaram para França; o resto foi derrotado. Só se salvaram duas peças de artilharia e o exército perdeu todo o comboio de bagagens.

Napoleão fitou-o, com um aperto ansioso nas entranhas.

— E o meu irmão?

— Ele fugiu, *sire*.

— Onde está?

— Em Bayonne.

— Bayonne — repetiu Napoleão, entorpecido. Pigarreou e olhou para Berthier com uma expressão severa. — Nesse caso abandonou o trono. A partir de agora, os nossos assuntos em Espanha são responsabilidade militar. O Soult está em Paris. Vou enviá-lo para que

assuma o comando. O José terá de ficar afastado de Paris, fora de vista, para que não me envergonhe.

— Sim, *sire*.

Napoleão franziu os lábios por um instante, mergulhado nas implicações da notícia que Berthier lhe trouxera.

— Foi um rude golpe para todos nós, Berthier. Vai endurecer a determinação dos nossos inimigos. Agora, o imperador Francisco vai querer ficar do lado dos grandes batalhões. — Esboçou um sorriso triste. — Parece que não vai haver grande descanso para nós, não é?

— Imagino que assim seja, *sire*.

— Nesse caso, é melhor reunirmos os meus marechais e traçarmos os planos de batalha. É uma questão de semanas, talvez de dias, até que a Áustria nos declare guerra.

CAPÍTULO 42

Dresden, 26 de agosto de 1813

À medida que Napoleão avançava rumo à cidade, acenou a sua aprovação ao ver as defesas que o marechal St-Cyr tinha vindo a erguer desde o final do armistício. Napoleão apressara-se a assumir o comando das tropas acossadas de MacDonald quando as notícias de uma ameaça a Dresden o tinham forçado a voltar à capital da Saxónia. Várias baterias de artilharia tinham sido entrincheiradas nas encostas da margem direita do Elba, cobrindo as aproximações a partir de sudeste à cidade velha, na margem oposta. O centro da cidade estava protegido por um fosso e muralhas, e os acessos aos subúrbios tinham sido bloqueados e as casas convertidas em redutos. Cinco enormes fortificações tinham sido edificadas num arco alargado a sul da cidade, sendo dotadas de artilharia de campanha. Qualquer tentativa de assalto à cidade a partir de sul teria de atravessar um fogo cruzado devastador mesmo antes de chegar às defesas dos subúrbios. Os preparativos de St-Cyr seriam testados muito em breve, refletiu Napoleão.

O inimigo estava já a alcançar os destacamentos franceses e pequenos grupos de homens envolviam-se em escaramuças com a infantaria ligeira e a cavalaria inimiga, à medida que recuavam para as defesas da cidade velha. Além dos acessos a Dresden, densas colunas de infantaria e cavalaria, a par de comboios de artilharia, aproximavam-se da cidade num raio de seis milhas.

Napoleão franziu o cenho ao olhar para o inimigo. A amarga sensação de traição perante o oportunismo cínico da Áustria ainda lhe gelava o coração. Assim que a Áustria se juntara à coligação contra a França, as negociações de paz tinham cessado repentinamente. Agora, mais de um quarto de milhão de soldados enfrentava o Grande Exército. Quando a campanha tivesse terminado, e os seus inimigos fossem derrotados, Napoleão decidiu-se a impor condições tão severas que nem a Áustria nem a Prússia seriam capazes de voltar a declarar-lhe guerra. O marechal Oudinot estava já a avançar sobre Berlim para tomar a cidade e se isso não levasse o inimigo a pedir a paz, Oudinot tinha ordens para arrasar a cidade pelo fogo. Quanto à Rússia, Napoleão sabia agora que o czar apenas poderia ser contido. A escala imensa dos domínios de Alexandre tornavam a conquista impossível.

Como sempre, os austríacos tinham avançado lentamente, através das colinas da Boémia em direção a Dresden. St-Cyr já tinha debelado a vanguarda, mas agora era o grosso do exército austríaco, com destacamentos de tropas russas e prussianas, que avançava sobre a base francesa em Dresden. A alguma distância de Napoleão, marchavam o marechal Ney e a Guarda Imperial, e atrás deles os corpos de exército de Victor e Marmont — recém-chegado de Espanha —, mesmo que não fossem capazes de chegar a Dresden até final do dia. St-Cyr

e as suas tropas tinham de manter a posição por doze horas, refletiu Napoleão.

Os guardas ao portão principal reconheceram Napoleão ao longe à medida que o grupo se acercava a galope pela estrada e exclamaram: — Viva o Imperador! — O grito ecoou pela cidade e quando atravessou os portões e avançou pelas principais avenidas rumo à ponte sobre o Elba, foi envolvido pelos homens do corpo de St-Cyr, entusiasmados e aliviados. Napoleão retribuiu os sorrisos, erguendo ocasionalmente o chapéu à laia de saudação, o que estimulou um crescendo de aclamações. Quando entrou na cidade velha, Napoleão ordenou ao primeiro-oficial que encontrou que o conduzisse ao quartel-general do marechal.

St-Cyr tinha ocupado a catedral, cujas torres proporcionavam uma excelente vista geral das defesas da cidade, bem como da paisagem para sul. A nave tinha sido despojada para se instalar uma mesa de mapas e as secretárias dos ajudantes e adidos do marechal. Todos se puseram de imediato em sentido quando o imperador entrou no edifício, atirando com a chibata e luvas de montar para Berthier, antes de tirar o chapéu e lho entregar também.

— *Sire*, não imagina como estou contente por vê-lo. — St-Cyr sorriu e descreveu uma vénia.

— Não há tempo para cortesias — atalhou Napoleão bruscamente. — Qual é a sua força neste momento?

St-Cyr engoliu em seco enquanto raciocinava apressadamente.

— Pouco mais de vinte mil homens, *sire*. Dezasseis mil nas defesas da cidade velha e o resto na parte nova da cidade.

— Nesse caso retire todos os homens da cidade nova de imediato. São todos necessários aqui.

— Com certeza, *sire*.

Napoleão acercou-se da mesa dos mapas enquanto desabotoava o casaco. Inclinou-se para diante para examinar o mapa.

— Os seus homens vão ter de nos ganhar tempo, St-Cyr. A Guarda vai chegar à cidade daqui a mais ou menos uma hora. Vai levar mais umas duas horas até que todos eles assumam as suas posições na cidade velha. Victor e Marmont não chegam a Dresden antes do final do dia, portanto teremos de aguentar até lá. Entenda bem isto: se Dresden cair, nesse caso a campanha está terminada e perderemos tudo a leste do Elba.

— Compreendo, *sire*.

— Então deixe-me inspecionar as suas defesas.

St-Cyr não conseguiu esconder a surpresa.

— Agora, *sire*?

— Sim. Vamos. — Napoleão deu meia-volta e avançou a passo largo para a porta, estalando os dedos para Berthier lhe dar o chapéu, luvas e pingalim, os quais tinha acabado de pousar em cima de um grande baú. St-Cyr ordenou apressadamente a um dos seus adidos

que transferisse a totalidade do corpo de exército para a cidade velha e apressou-se a seguir o imperador.

O grupo de oficiais superiores seguiu Napoleão durante a rápida visita às defesas. O último dos destacamentos tinha sido retirado e a calma instalara-se sobre o campo de batalha ao sul, enquanto o inimigo formava alas para um ataque em massa. Centenas de canhões foram trazidos para a frente e desatrelados para formar grandes baterias que tinham como objetivo bombardear os defensores antes de a infantaria ser mandada avançar para assaltar as muralhas e redutos improvisados dos subúrbios. Os homens do corpo de exército de St-Cyr observaram os preparativos com um ar apreensivo enquanto guarneciam as defesas, espreitando por cima dos muros e das seteiras. O grupo imperial terminou a inspeção às defesas na edificação mais próxima da margem do Elba, um grande forte rodeado por um fosso profundo. O lado voltado para o inimigo formava um ângulo para que os canhões pudessem varrer o terreno diante da cidade, cruzando fogo com peças da construção vizinha. St-Cyr tinha colocado trinta canhões em cada um dos fortes e havia montes de bolas junto a cada peça, com os paióis principais escavados em abrigos cobertos para os proteger de morteiros inimigos.

Napoleão apeou-se e subiu a um caixote para poder ser visto com facilidade pelos seus homens. Em seu redor acotovelavam-se ansiosos os artilheiros e um batalhão de infantaria a quem ele se dirigiu.

— O inimigo decidiu tentar a sorte no ataque a Dresden, apesar de saber que estou aqui convosco, já que anunciaram a minha presença a plenos pulmões!

Os soldados riram-se e sorriram, e Napoleão ergueu a mão para os silenciar.

— Apesar de estarmos em desvantagem de dez para um, os reforços estão a caminho. Ao final do dia, estaremos ao nível do inimigo em força e prontos para levar a luta até ele amanhã. Esta é a batalha de que eu tenho andado à procura. Até agora, os nossos inimigos têm-me negado a oportunidade de lutar, e agora compreendo a sua estratégia. Pretendem evitar um confronto com Napoleão até terem juntado homens suficientes para os tornar confiantes a ponto de arriscar uma batalha. Portanto, ainda que nos ultrapassem em dez para um, não se espantem se eles perderem a coragem e fugirem para a Boémia, em vez de me fazer frente.

Os homens riram-se outra vez e alguém gritou: — Viva Napoleão! Viva a França! — O brado foi imediatamente repetido.

Napoleão ergueu os braços e vociferou, com uma raiva simulada.

— Calados, seus tolos, ou ainda os assustam! É isso que pretendem? Ou querem mostrar a estes cobardes como lutam os franceses? — Parou um instante até todas as bocas se silenciarem. — A grande prova da campanha está diante de nós.

Estava prestes a continuar quando troou um canhão no meio das formações do exército

aliado. Instantes depois houve um ribombar terrível quando as armas inimigas abriram fogo e a onda de choque rompeu o ar. Pedaços de terra foram levantados e um tiro passou-lhes por cima das cabeças com um assobio estridente.

Napoleão fez uma concha com as mãos em torno da boca e gritou: — Às armas! Às armas!

Os artilheiros e a infantaria correram para as suas posições e, pouco depois, o primeiro canhão francês respondeu, recuando quando o fumo saiu pela abertura na muralha. Napoleão desceu do caixote e apressou-se a chegar à muralha, a partir de onde observou cuidadosamente através de uma fresta protegida com madeira. Uma coluna inimiga estava a avançar rapidamente pela lateral do Grande Jardim, a caminho da fortificação. Napoleão chamou o capitão da bateria mais próxima e apontou para os austríacos.

— Está a vê-los? Dê-lhes alguma metralha.

— Com certeza, *sire*. — O capitão sorriu, regressando para dar a ordem aos subordinados. Os artilheiros ajustaram a elevação das peças com espigões e carregaram as finas latas de estanho repletas de bolas de ferro. Quando os sargentos indicaram que as peças estavam prontas, o oficial levantou a mão, baixando-a ao mesmo tempo que gritava a ordem para fazer fogo. As armas saltaram com o recuo e as aberturas na muralha foram momentaneamente iluminadas pelos jatos de fogo que escapavam da boca das armas. Então a visão ficou obstruída. Napoleão correu para uma abertura onde conseguia ver, através de um véu de fumo, o dano infligido pela bateria. Nos primeiros vinte passos da coluna, quase nenhum soldado ficara de pé. O resto fora ceifado e estava morto ou moribundo, coberto de sangue. Um oficial num dos lados fez sinal aos homens seguintes para que avançassem através dos corpos mutilados e a coluna ultrapassou-os enquanto continuava a avançar rumo às defesas. O fumo ainda pairava sobre a bateria, pelo que os tiros seguintes foram disparados às cegas, mas apesar de uma peça apenas ter conseguido rebentar os ramos de algumas árvores no Grande Jardim numa chuva de fragmentos, as outras bocas-de-fogo acertaram em cheio, abrindo mais brechas na coluna que se aproximava.

— *Sire*!

Napoleão voltou-se e viu Berthier aproximar-se. Afastou-se da abertura e correu para o seu adido.

— O que se passa?

— A Guarda chegou, senhor. Estão agora a marchar pela cidade.

— Onde está o Ney?

— Também está cá, com os marechais Mortier e Murat, *sire*.

— Murat? O que está o Murat a fazer aqui?

— Tem a cavalaria na estrada para Dresden, *sire*. Veio à frente para pedir ordens, *sire*.

— Muito bem. — Napoleão caminhou pelo interior do forte até à porta, voltada para a cidade, onde os cavalos estavam guardados para o imperador e o seu grupo. Os três

comandantes recém-chegados esperavam com St-Cyr.

— Cavalheiros, preparem-se para algum trabalho complicado — anunciou Napoleão. — O inimigo lançou um ataque determinado. St-Cyr, vai tomar conta das defesas. Aguente-os. Ney, Mortier, Murat, quero que cada um de vós assuma um terço da Guarda Imperial e que formem uma reserva, Mortier à esquerda, Ney ao centro e Murat à direita. Tenham os vossos homens prontos para avançar a qualquer momento. Mas não devem agir sem ordens, a menos que o inimigo rompa a linha nos subúrbios. Nessa eventualidade, podem usar a vossa iniciativa. Mas não se entusiasmem. Expulsem-nos da cidade e recuem para a posição inicial. Não podemos dar-nos ao luxo de desperdiçar um homem que seja sem necessidade. Podem ir.

Quando os três homens montaram e galoparam de volta à cidade, Napoleão deu uma última olhadela à maior das fortificações e depois, convencido de que manteria o inimigo à distância, ele e St-Cyr lideraram o grupo de regresso ao quartel-general na catedral. O som da artilharia e o crepitar mais ligeiro dos tiros ecoava em toda a extensão da cidade velha e Napoleão apontou para a torre da catedral.

— Tenho de ver o que se está a passar. Onde são as escadas?

St-Cyr indicou-lhe uma pequena passagem no canto da nave e, de telescópios na mão, começaram a subir as íngremes escadas em espiral que se embrenhavam no interior sombrio de pedra. Com a respiração pesada e o coração acelerado, emergiram no campanário de janelas altas que lhes garantiam boa visibilidade em todas as direções. A sul, a cidade estava rodeada de nuvens de fumo, cuspido à medida que as peças de ambos os lados iam disparando entre si. No meio das baterias inimigas, e em cada flanco, as colunas de infantaria inimiga marchavam sobre as defesas cobertas pelos escaramuceiros, que se esforçavam para fazer suficiente fogo de cobertura que mantivesse os defensores abrigados e incapazes de disparar. Enquanto percorria demoradamente a linha com o telescópio, Napoleão ficou satisfeito ao ver que os homens de St-Cyr estavam a aguentar-se.

Ao observar o ataque ao forte que visitara pouco antes, viu os restos da coluna dizimada pelo fogo de metralha a lutar para entrar pelas aberturas. A vala estava coberta de corpos e os que tinham alcançado a muralha não dispunham de escadas, pelo que se esforçavam por trepar por cima dos cadáveres. Outra coluna contornava o flanco esquerdo do forte, esperando tirar partido da distração criada pelos camaradas. Um rasgo de fogo vindo das armas francesas do outro lado do Elba anunciou a sua entrada na batalha e as bolas esventraram a coluna.

O assalto atingiu o auge pouco depois do meio-dia, quando os austríacos trouxeram os canhões para mais perto da cidade e tentaram abrir brechas nas defesas dos subúrbios. Os homens nos fortes tiraram o máximo partido da oportunidade para descarregar um fogo devastador sobre as baterias inimigas, rebentando com equipas inteiras e esmagando-lhes os

carros. O inimigo aguentou uma hora de castigo intenso antes de fazer recuar os canhões e prosseguir o assalto com a infantaria. Contudo, sem equipamento de escalada, toda a sua disciplina e coragem eram vãs, já que foram detidos em frente às linhas francesas. Os homens de St-Cyr aguentaram-se com dificuldade toda a tarde e quando o relógio da catedral anunciou as cinco horas, Napoleão decidiu que chegara a altura de lançar o seu contra-ataque.

Descendo da torre, saiu para a nave e chamou Berthier.

— Chegou a hora da Guarda Imperial. Diga a Murat e a Ney para rechaçarem o inimigo. Mas eles que não percam a cabeça. A Guarda não deve avançar mais de um quilómetro além das fortificações e depois tem de recuar. Certifique-se de que eles entendem isso.

— Com certeza, *sire*. E quanto a Mortier? Deve ficar como reserva?

— E arriscar a ira dos seus guardas? — Napoleão riu-se. — Acho melhor ser eu próprio a lidar com eles e pôr cobro aos resmungos.

— Tome cuidado, *sire* — alertou Berthier quando se separaram, enquanto Napoleão saía da catedral para montar a cavalo. Cavalgou para leste através das ruas, cujas paredes ecoavam o troar dos canhões e abanavam com os estrondos da artilharia de ambos os lados. Mortier esperava à frente dos seus homens, formados à entrada de uma grande praça de mercado próxima do limite dos subúrbios orientais. Os soldados, muitos deles com grandes bigodes farfalhudos e com os brincos dourados que se tinham tornado uma espécie de moda no seio do corpo de elite, puseram-se em sentido quando o imperador apareceu. Napoleão abrandou o cavalo para passo à medida que avançava diante da primeira fila, perscrutando os rostos silenciosos que olhavam em frente, os mosquetes seguros pela coronha, e as barretinas de pelo de urso a fazê-los parecer gigantes.

— Os seus homens estão formidáveis como sempre, marechal Mortier — elogiou Napoleão quando se aproximou do comandante. — Seria uma pena sujar um tão soberbo grupo ao enviá-lo para a ação.

— Não se atreva a impedir-nos! — gritou uma voz da retaguarda do batalhão principal. — Conquistámos uma oportunidade de glória.

— E vão tê-la! — respondeu Napoleão. O sorriso desvaneceu-se quando se voltou para Mortier. — O ataque austríaco falhou. Está na altura de os repelir. A Guarda tem de reconquistar o Grande Jardim.

— Sim, meu imperador.

— Vou-me juntar a vós para o ataque.

Mortier sabia que não devia questionar a decisão do imperador e assentiu.

— Será uma honra estar ao vosso lado, *sire*.

— Então vamos lá — replicou Napoleão. — A Guarda vai avançar.

Mortier bradou a ordem e os tambores começaram a fazer soar o avanço, um matraquear

rítmico grave que ecoou nos edifícios circundantes. Então, ao som da ordem, a Guarda começou a marchar para fora da praça, pela grande avenida que conduzia à estrada de Dresden para Pirna. Quando se aproximavam do limite da cidade velha, passaram pelos feridos que estavam a ser tratados nas ruas secundárias e os homens aclamaram a Guarda em marcha. Ouviam-se agora tiros pelo ar, com um som agudo. Os vidros nos andares superiores das casas estavam estilhaçados e as pedras picadas por balas de mosquete. Havia também grandes buracos nas paredes e telhados atingidos pelas bolas de canhão austríacas.

Onde a avenida curvava ligeiramente para a direita, Napoleão viu que tinham chegado aos limites da cidade. Numa barricada que atravessava a rua, uma linha de infantaria, com três soldados de profundidade, disparava à vez e recolhia-se para carregar. Vários corpos tinham sido arrastados para o lado da estrada, para não atrapalharem os camaradas. Uma névoa densa pairava sobre o espaço aberto à sua frente, mas pequenos raios de luz marcavam as posições dos austríacos a uma curta distância quando eles respondiam ao fogo. Um tiro passou de raspão pelo cavalo de Napoleão e um dos guardas dobrou-se para diante com o impacto, tombando depois para o lado da coluna, largando o mosquete e agarrando-se à barriga.

— Abram alas para a Guarda! — gritou Mortier, voltando-se depois para Napoleão. — *Sire*, por favor, espere aqui pelos estandartes. Será o lugar óbvio para os homens o procurarem.

— E para me manter seguro, não?

— Sim, *sire*. — Mortier assentiu com uma expressão severa.

— Muito bem. — Napoleão puxou as rédeas e conduziu a montada para um dos lados da avenida. Mais à frente, o tenente ao comando da companhia na barricada ordenou aos seus homens que cessassem fogo e limpassem o caminho. O inimigo, ignorando o novo perigo, continuava a disparar, fazendo mais umas quantas baixas, e o caminho ficou então livre, no momento em que os primeiros guardas apareceram a marchar. Passaram através do fumo da pólvora e surgiram do outro lado, dispostos em linha. Ripostaram ao fogo com duas salvas, baixaram então as baionetas e marcharam em frente.

Imediatamente atrás do primeiro batalhão vinha o grupo das insígnias. Napoleão encostou o cavalo aos estandartes e avançou para fora da cidade, através da nuvem de fumo acre. Do outro lado, a coluna passou por duas linhas de corpos tombados, uma francesa, a outra com as fardas brancas dos austríacos. Adiante, dois batalhões de infantaria austríaca estavam alinhados, um de cada lado de um par de peças de campanha, mas os guardas não vacilaram um segundo enquanto trepavam pelos destroços e reordenavam as fileiras. Instantes depois, os canhões ribombaram e uma chuva de metralha assobiou pelas folhas e abateu vários guardas com uma sequência de impactos bruscos. Napoleão observou enquanto cerravam fileiras e avançavam para o inimigo. Por duas vezes as armas dispararam, abatendo mais

guardas. Depois, quando chegaram ao alcance dos mosquetes, a Guarda parou, preparou as armas, apontou e descarregou uma salva. O coronel gritou a ordem para carregar e Napoleão observou-os a desaparecer no fumo enquanto varriam os austríacos.

Tendo suportado horas de fogo dos defensores e sido incapaz de penetrar na cidade, o inimigo tinha pouca vontade de lutar, retirando apressadamente perante a carnificina levada a cabo pela Guarda Imperial. Quando anoiteceu, o inimigo tinha sido repelido para lá das aldeias onde St-Cyr estabelecera os postos avançados originais. Napoleão regressara ao quartel-general, satisfeito com o trabalho dessa tarde. Aí, Berthier relatou que os primeiros elementos dos corpos de exército de Marmont e de Victor estavam a entrar na cidade pelo outro lado do Elba. Napoleão deixou instruções para que os oficiais superiores se lhe juntassem às dez horas, a fim de receber ordens para a batalha do dia seguinte, e ordenou que lhe trouxessem uma refeição rápida. Antes de a luz desaparecer por completo, subiu à torre uma vez mais para observar as posições inimigas. As fogueiras dos acampamentos tremeluziam num arco vasto em redor do sul da cidade, mas era claro que a maior concentração era na linha de colinas que os locais designavam Räcknitz. Napoleão olhou para as nuvens sobre as colinas durante algum tempo, após o que abanou a cabeça para consigo.

— Acredito que o inimigo irá lançar outro ataque a Dresden amanhã — anunciou Napoleão aos marechais e generais mais importantes enquanto estes se sentavam nos bancos dispostos em torno da mesa dos mapas de St-Cyr. — Ainda nos superam em número, mas não sabem ao certo a nossa força. O grosso dos dois corpos que chegaram ao anoitecer não terá sido visto, portanto estarão confiantes de que nos vão esmagar. Contudo, seremos nós a atacar primeiro, assim que haja luz. Uma vez que é no centro que se encontra a força deles, vamos fazer aí uma diversão e atacar pelos flancos. Todos os homens disponíveis seguirão amanhã para a nossa linha de batalha. Murat vai comandar a ala direita, Ney a esquerda, e St-Cyr e Marmont vão segurar o centro. O centro e o flanco esquerdo do inimigo estão separados por um afluente do Elba, aqui. — Apontou para o mapa. — O rio Weisseritz. Há apenas uma ponte que cruza o rio no espaço de vários quilómetros, na aldeia de Plauen. Murat, se tomar essa ponte, a ala esquerda do inimigo não poderá ser reforçada e vai ficar à sua mercê.

Murat debruçou-se e olhou para a aldeia.

— Plauen será minha numa hora, *sire*.

— Ótimo. Certifique-se apenas de que consegue manter a ponte. — Napoleão fez uma pausa breve. — Pretendo empurrar o inimigo pela estrada até Pirna.

— Pirna? — espantou-se Ney. — Porquê Pirna?

— Porque esta manhã o corpo de exército do marechal Vandamme atravessou o rio em Pirna. Cortou as linhas de comunicação do inimigo e vai bloquear-lhe a retirada.

À exceção de Berthier, que já estava a par, os restantes oficiais agitaram-se com a notícia e Napoleão deliciou-se ao ver o entusiasmo que voltara a brilhar nos rostos cansados.

— Se amanhã formos bem-sucedidos, e se Vandamme desempenhar bem o seu papel, o Exército da Boémia será eliminado da campanha. Isso deixará apenas Blücher e o nosso amigo, o marechal Bernadotte, para nos fazer frente. Bernadotte foi encarregue da defesa de Berlim e neste preciso momento, o marechal Oudinot está a avançar para lidar com ele. Blücher não pode esperar derrotar-nos sozinho. Estamos a poucos dias de terminar esta campanha e de vencer esta guerra, meus amigos. — Napoleão ostentou um sorriso caloroso e levantou de repente o dedo. — Há mais uma informação que pretendo partilhar convosco. Ao início desta noite, as nossas sentinelas ouviram os canhões inimigos fazer três salvas de saudação. Parece que fomos agraciados com a presença não apenas do imperador Francisco, como também do czar Alexandre e do rei Frederico Guilherme. Se eles caírem na nossa armadilha, a coligação estará acabada de um golpe só. Perguntas?

Seguiu-se uma pausa antes de Mortier fazer sinal com a cabeça.

— O plano é sólido, *sire*. Mas há um detalhe que me preocupa.

— E então?

— O marechal Vandamme, *sire*. Será um corpo de exército suficiente para bloquear o caminho do inimigo?

— Julgo que seja suficiente — respondeu Napoleão com brevidade. — Se amanhã fizermos bem o nosso trabalho, os aliados serão uma força exaurida e irão render-se assim que perceberem que lhes cortámos a retirada. Mais alguém? — Olhou em redor da mesa. — Então está decidido. Sabem o que têm a fazer, cavalheiros. Agora preparem os vossos homens para a vitória.

CAPÍTULO 43

Choveu bastante durante a noite, acalmando somente antes da madrugada, enquanto os soldados do Grande Exército, enrolados nos sobretudos compridos e com oleados presos aos chapéus emplumados, ocupavam os seus lugares nas fileiras para o início da batalha que se aproximava. O solo estava escorregadio por causa da lama e a corrente do Weisseritz tornara-o demasiado perigoso para vadear. Os últimos elementos da cavalaria terminavam a formação quando os primeiros raios da madrugada brilharam, esbatidos e cinzentos, sobre os montes a leste.

Napoleão subira à torre da catedral, onde se encontrava com Berthier e um punhado de outros oficiais do estado-maior para observar a abertura das hostilidades. Tal como esperara, a luz débil revelou que o inimigo não fora lesto a preparar-se para a batalha. Ao contrário dos franceses, aboletados na cidade e em condições quentes e secas, as forças austríacas e prussianas tinham acampado ao ar livre e a chuva forte ensopara-os até aos ossos, fazendo com que fosse quase impossível dormir. Consequentemente, movimentavam-se com lentidão e formaram os batalhões com pouco ânimo e cansados.

Quando o relógio da catedral soou as seis horas, a peça de sinalização disparou e os homens que formavam a grande massa dos flancos franceses ondularam em frente. Do lado esquerdo, a oposição era feita pelas tropas austríacas, que na véspera tinham sido bastante maltratadas na tentativa de assalto à cidade. Duas divisões da Guarda Jovem lideravam, marchando com firmeza pelo solo macio, parando para disparar salvas contra qualquer unidade inimiga que tentasse ocupar o seu espaço. À distância, no extremo das linhas francesas, a cavalaria avançou pelos campos enlameados em direção à floresta que delineava as margens do Elba e afugentou a infantaria que tinha tentado encontrar abrigo entre as árvores durante a noite.

Virando-se para o outro flanco, Napoleão observou as colunas das corporações de Victor a atacarem para oeste, o flanco esquerdo no Weisseritz, enquanto à sua direita a cavalaria de Murat formava em linha e esperava pela ordem para dar início à perseguição, assim que a infantaria quebrasse as formações do inimigo.

Em menos de uma hora, a ponte de Plauen tinha sido capturada e coberta com uma bateria de cavalos e canhões, cortando a ligação entre a esquerda aliada e o seu centro. Milhares de inimigos, presos na lama e sem possibilidade de fugir a tempo, foram obrigados a recuar contra o soberbo rio e ficaram encurralados. Cerca de uma centena tentou atravessar a corrente, mas perderam o pé e foram arrastados, gritando debilmente por ajuda antes de desaparecerem de vista e serem engolidos pelo Elba.

Ao centro, St-Cyr e Marmont enfrentavam a maior dificuldade, pois estavam prestes a ficar em minoria e o inimigo fortificara todas as aldeias e quintas que se encontravam à

frente do centro do exército aliado. Tal como esperado, pelas oito horas a luta tinha-os levado a um impasse e um grosso rasto de fumo de pólvora expandia-se preguiçosamente ao longo de três quilómetros, enquanto um assassino fogo de artilharia era trocado à queima-roupa.

Ao meio-dia, a chuva começou novamente a cair e assistiu-se a uma breve pausa na luta, enquanto os soldados de ambos os lados recuavam uma pequena distância para voltar a formar alas, preparando-se para o ataque seguinte. St-Cyr aproveitou a pausa para fazer avançar as suas armas, deixando-as prontas a abrir caminho através da linha frontal do inimigo.

Napoleão apoiou os cotovelos no parapeito enquanto observava o campo de batalha. Sentiu uma estranha sensação de desapego e apercebeu-se de que isso estava associado à natureza da batalha. À exceção de uma pequena força da Velha Guarda, todos os homens tinham sido colocados na linha e não havia reservas que pudesse mandar avançar, caso fossem necessárias. Os subordinados tinham ordens claras e faltava ao inimigo iniciativa e vontade para fazer algo mais do que aguentar a defesa, pelo que não havia nada que Napoleão pudesse fazer, salvo assistir enquanto os marechais se introduziam nos flancos aliados e lhes tentavam quebrar o centro.

Um oficial do estado-maior trouxe-lhe um cesto de frango frio e algumas fatias de pão escuro alemão, o qual Napoleão abominava. Enquanto comia, as armas do inimigo começaram a abrir fogo contra as baterias de St-Cyr, quando estas se preparavam para a ação, e, em pouco tempo, teve início um duelo de artilharia em larga escala, ouvindo-se o troar profundo através do campo de batalha.

— Não tem havido muito progresso no centro — comentou Berthier. — Receio que o ataque seja obrigado a parar, *sire*.

— Talvez. — Napoleão acenou com a cabeça em sinal de concordância, depois atirou violentamente uma perna de galinha meio comida para a estrada de Pirna. — Até Vandamme lhes ameaçar a retaguarda. Nessa altura, o centro vai quebrar.

— Acredito que sim, *sire*.

— Vai ser assim. — Napoleão deu outra dentada, mastigou rapidamente e engoliu. — Alguma notícia do Vandamme?

— O último relatório foi enviado às duas da manhã, *sire*. Ele deparara-se com os postos avançados do inimigo.

— Nesse caso esperemos que tenha tido a sensatez de atravessar por eles e marchado até ao som das armas aqui em Dresden.

Enquanto a chuva continuava a cair, o som de fogo dos mosquetes e dos canhões começou a diminuir. No flanco esquerdo, a batalha chegara a um impasse, mas do lado direito, Napoleão viu que Murat fizera avançar a cavalaria. O solo molhado dificultava os

movimentos e Napoleão bateu na coxa, deliciado ao ver grandes grupos de soldados inimigos encurralados nos campos cheios de lama, rodeados pela cavalaria francesa e obrigados a renderem-se. Ao meio da tarde, o flanco esquerdo do inimigo já não existia de todo. Todavia, o centro continuava a aguentar, impenetrável aos frequentes ataques que os soldados franceses faziam à força das baionetas.

Ao fim de algum tempo, Napoleão soltou um longo suspiro.

— O exército já fez tudo o que podia por hoje, Berthier. Esta chuva está a entorpecer-nos. Dê ordem para cessar o ataque. Fará bem aos homens passarem mais uma noite abrigados, e os inimigos ao ar livre. Depois veremos quanto tempo demorará o moral deles a quebrar amanhã.

— Com certeza, *sire*.

— E quero relatórios de todas as divisões. O número de mortos e o número de inimigos capturados, e o estado das baixas deles. Ao cair da noite. Há mais um dia de batalha para preparar — concluiu, com irritação. — Amanhã vamos acabar com isto.

A chuva parou por fim enquanto o anoitecer escurecia o campo de batalha e escondia misericordiosamente os corpos e os membros cravados nos amontoados de lama, agitados pela passagem de muitos milhares de homens, cavalos e pesadas rodas de madeira. Os homens do Grande Exército marcharam de regresso aos seus aboletamentos, esgotados e molhados, mas ainda cheios de ânimo, ao contrário da longa coluna de prisioneiros que foi escoltada sobre o Elba para passarem ainda mais uma noite ao relento. Berthier conferiu os relatórios da batalha que iam chegando de todas as partes do exército e apresentou a sua avaliação final ao imperador, que estava sentado, enrolado num cobertor, perto de um braseiro instalado na nave. Tinham-se passado vários dias desde que Napoleão dormira bem e a exaustão, a par das condições húmidas, tinham-se combinado e provocado uma febre ligeira. Tremia enquanto se aconchegava junto ao fogo.

— *Sire*, deseja que mande chamar o seu médico? — perguntou Berthier ansiosamente.

— Não. Isto já passa. Além disso, posso descansar depois de amanhã. — O rosto de Napoleão contorceu-se por um momento e depois o imperador espirrou.

— Peço-lhe uma sopa, *sire*?

Napoleão abanou a cabeça. Sentia o estômago revoltado e o simples facto de pensar em comida dava-lhe náuseas. Olhou de soslaio para Berthier e meneou a cabeça na direção dos papéis que este trazia na mão. — São os relatórios?

— Sim, *sire*.

— Faça-me um resumo.

— Fizemos cerca de doze mil prisioneiros e, após a contagem dos corpos, e tendo em conta a habitual percentagem de feridos, o inimigo terá sofrido uma perda total de mais de

trinta e cinco mil homens. Além disso, arrecadámos vinte e seis armas e trinta carros de munições.

— E as nossas baixas?

— Não ultrapassam as dez mil, *sire*.

— Bom… bom. — Napoleão concentrou-se por um momento. — Se o Vandamme puder continuar a pressioná-los em direção a Pirna, então eles vão ceder quando renovarmos o ataque amanhã. — Espirrou outra vez e depois dispensou Berthier com um gesto. — Vou tentar descansar. Pode acordar-me se houver notícias importantes ou qualquer sinal de movimento por parte do inimigo.

— Com certeza, *sire*.

Depois de Berthier o deixar sozinho, Napoleão esticou-se para alcançar mais lenha para o braseiro e, em seguida, apertou o cobertor à sua volta e fechou os olhos. Sentia-se absolutamente miserável, com o corpo tenso além da tolerância. Sentia-se fraco, muito mais fraco do que alguma vez estivera nos primeiros gloriosos anos, quando o corpo era ágil e firme, e a falta de sono e as longas caminhadas nada representavam. Os anos tinham-no marcado, tal como os fardos da governação. Enquanto se inclinava para junto do fogo, sentiu a pressão do estômago nas coxas e foi assaltado por uma súbita sensação de náusea devido ao estado físico lastimável. O rosto magro e amarelado do jovem general tornara-se quase esférico, com um despropositado cilindro de carne a formar-se por baixo do queixo. Cansava-se com demasiada facilidade e o esforço de subir à torre da catedral deixava-o sem fôlego ao chegar ao topo. A presente campanha tinha de terminar em breve, refletiu, antes que a sua saúde degradada o incapacitasse. Caso contrário, seria ele a falhar ao seu exército, que dependia dele para ser guiado até à vitória.

Se alguma vez existira um tirano implacável neste mundo, meditou, sentindo-se miserável, era o tempo. O exército sem remorsos do tempo, nas suas patentes seriadas de horas, dias e anos, desfilou à sua frente. O maior dos generais ficava tão impotente como o mais inexperiente recruta face a tal inimigo, e todos os homens estavam condenados à derrota.

Napoleão estava a mentalizar-se para subir mais uma vez à torre quando lhe chegou uma mensagem de uma das vigias montadas. O exército aliado retirara-se. Apenas permanecera uma pequena linha de defesa, a dar cobertura à retirada.

— Malditos! — resmungou Napoleão. — Ultrapassam-me em número e mesmo assim fogem. Cobardes. — Afastou-se das escadas da torre e dirigiu-se à mesa dos mapas. — Sabemos em que direção se movimentam?

— Sim, *sire*. Para sul, em direção à Boémia.

— Nesse caso temos de dar início a uma perseguição imediatamente. Têm várias horas de vantagem em relação a nós. O Grande Exército tem de estar pronto para avançar esta manhã.

Murat pode levar a cavalaria à frente para os incomodar e tentar demorá-los. — Napoleão analisou rapidamente o mapa. — É preciso enviar notícias a Vandamme. Se ele conseguir alcançar Teplitz antes de os aliados emergirem das montanhas, serão apanhados entre nós e Vandamme. Ainda podemos vencer esta campanha.

Berthier colocou o pessoal do quartel-general a trabalhar enquanto delineavam as ordens para a perseguição. A cavalaria de Murat foi a primeira a avançar, trotando para sul em direção às colinas. Atrás deles, a infantaria das corporações de Victor estava a formar no exterior da cidade, pronta a marchar, quando uma nova mensagem chegou ao quartel-general. A comunicação foi entregue a Berthier por um dos seus adidos e o marechal leu-a rapidamente antes de erguer ansiosamente o olhar e sair a correr ao encontro de Napoleão.

— *Sire*, o marechal Oudinot recuou para Wittenberg.

— O quê? — Napoleão virou-se rapidamente. — O que é que ele lá está a fazer? Garantiu-me que estaria em Berlim há quatro dias. Porque retrocedeu?

— Diz que foi derrotado por uma força superior às portas de Berlim, a 23.

— E fugiu para Wittenberg em vez de aguentar o nosso flanco a norte. — Napoleão cerrou os dentes. — O idiota deixou o caminho aberto para os prussianos marcharem sobre Dresden. Maldito! Maldito!

Todos na nave ficaram imóveis enquanto Napoleão gritava. Observaram-no nervosamente a tentar controlar a fúria, fitando o mapa e contorcendo as mãos com os punhos cerrados. Berthier manteve-se em silêncio durante algum tempo, depois engoliu em seco e pigarreou.

— *Sire*, quais são as suas ordens?

— Só um momento. Tenho de pensar. — Napoleão fechou os olhos e obrigou-se a concentrar-se. Aquela notícia mudava tudo. A grande vantagem conquistada sobre o maior exército aliado não valeria de nada, caso o Grande Exército fosse obrigado a abandonar a perseguição, de modo a poder virar-se e enfrentar a nova ameaça. Por outro lado, Napoleão podia deixar Dresden guarnecida e continuar a perseguição, mas se a cidade caísse, ele perderia a sua base de suprimentos e ficaria cortado de França. Ferveu de fúria pela incompetência de Oudinot.

— O exército vai continuar a perseguição. Ainda há uma hipótese de encurralar o Exército da Boémia nas montanhas. Ficarei aqui com a Guarda Imperial, à espera de mais notícias de Oudinot.

Berthier assentiu. Quando Napoleão olhou à volta da nave, tomou consciência do silêncio e da imobilidade dos oficiais do estado-maior e dos adidos.

— E então, do que é que estão à espera? Preparem as ordens!

Os homens enfiaram de imediato a cabeça nos seus blocos de apontamentos e nas comunicações e prosseguiram com as suas tarefas, sem se atreverem a desviar a atenção, não fossem cruzar o olhar com o do imperador. Napoleão ficou parado, com os braços cruzados,

olhando fixamente para eles durante algum tempo até voltar para o mapa. Pedaços de madeira colorida indicavam os três maiores exércitos inimigos, a norte, leste e sul de Dresden. Napoleão sabia que poderia derrotar qualquer um deles. Contudo, não podia estar em mais de um sítio ao mesmo tempo e isso significava que seria obrigado a delegar o seu comando das formações dispersas nos seus subordinados. Tinham-lhe falhado naquela campanha. Talvez também estivessem a perder a capacidade, pensou. Vítimas, tal como ele, da pressão da idade e do cansaço.

A perseguição continuou durante dois dias e depois, na tarde do dia treze, um soldado de cavalaria enlameado chegou ao quartel-general com notícias de que Vandamme fora derrotado em Kulm. Calmamente, Napoleão acenou com a cabeça e exortou o oficial a expressar o relatório na íntegra. Aparentemente, Vandamme cumprira as ordens com diligência, conduzindo as tropas com entusiasmo, enquanto marchavam à volta dos montes para impedir a fuga do inimigo. No dia 29, tinham encontrado a linha de defesa no estreito vale de Kulm e travado uma batalha inconclusiva. Nessa noite, outra coluna inimiga, numa tentativa de fuga às corporações de St-Cyr, tinha aparecido na retaguarda dos homens de Vandamme, encurralando-os, assim, no vale. Perto de dez mil homens tinham conseguido libertar-se, mas os restantes estavam mortos ou tinham sido feitos prisioneiros, tal como o próprio Vandamme.

Napoleão ouviu as novidades sem interrupção e depois, educadamente, dispensou o oficial antes de se virar para Berthier e para os outros oficiais do estado-maior.

— Parece que a perseguição falhou. Convoquem o exército de volta a Dresden.

— Sim, *sire*. — Berthier anuiu. — Quais são os seus planos agora, *sire*?

Napoleão ostentou uma expressão de desagrado e abanou a cabeça.

— Planos?

Durante um momento de pânico, não conseguiu pensar em nada. Tinha a mente entorpecida pela falta de sono e, bem vistas as coisas, todos os esquemas que delineara para derrotar o inimigo tinham falhado. Começava a ficar claro para Napoleão qual a estratégia de campanha do inimigo. Contentavam-se com o facto de lutarem contra os seus marechais onde e quando podiam, mas tinham decidido não enfrentar Napoleão em pessoa, sempre que possível.

— Inteligente, muito inteligente — meditou, revelando cansaço. Não havia dúvidas de que os aliados tinham finalmente encontrado um meio eficaz de o combater. Pior ainda, a fraqueza fatal que eles tinham descoberto no Grande Exército era criação sua. Durante anos, Napoleão exercera autoridade pessoal sobre todos os aspetos do seu exército. Os oficiais e os soldados tinham-se habituado a depender absolutamente dele, perdendo a capacidade de se servir de iniciativa própria e de confiar no próprio julgamento. Por isso, era agora obrigado a estar em todo o lado ou a concentrar todos os seus homens numa multidão

incontrolável tão grande, que não era possível sobreviver durante muito tempo da terra, enquanto tentava encurralar um inimigo sempre disposto a negociar tempo por espaço.

— Ah, sim… — resmungou Napoleão, em voz baixa. — Muito inteligente, de facto.

CAPÍTULO 44

No princípio de setembro, Napoleão ordenou ao marechal Ney que fizesse uma derradeira tentativa de capturar Berlim. Ney apenas conseguiu avançar até Dennewitz antes de ser derrotado e rechaçado de volta ao sul. Entretanto, Napoleão levara consigo a Guarda Imperial para se juntar ao exército de MacDonald e esmagar Blücher, o qual esperava viesse a mostrar-se demasiado impetuoso para recusar uma batalha. Todavia, fiel à estratégia aliada, Blücher recuou e, ao mesmo tempo, o Exército da Boémia avançou mais uma vez sobre Dresden, forçando Napoleão a regressar à pressa.

Durante o resto do mês, o inimigo continuou a pressionar Ney e MacDonald, e, de cada vez, Napoleão era obrigado a despachar reforços para fazer frente à ameaça, apenas para ver o inimigo retirar novamente no momento em que detetava a sua presença. Napoleão estava ciente de que a Saxónia já não podia alimentar o seu exército. Os mantimentos que tinha acumulado em Dresden estavam lentamente a esgotar-se, com a ração diária dos soldados a ser reduzida uma e outra vez, a ponto de estes receberem menos de um quarto da sua porção habitual de pão. A forragem para os cavalos estava também a escassear e o relatório diário de Berthier quanto ao estado das forças revelava um gradual declínio dos números do exército.

— O que fazemos, cavalheiros? — perguntou Napoleão aos seus marechais numa reunião em Dresden, em meados do mês. — Não dispomos de homens suficientes para cobrir todo o território que somos obrigados a ocupar. Os soldados que temos estão fracos e cansados e perderam o zelo que mostravam quando aqui lutaram no mês passado. E agora os nossos espiões informam-nos que os russos enviaram um novo Exército da Polónia para se juntar à campanha contra nós.

— Temos de reduzir a nossa frente, *sire* — aventou Murat. — Recuar para uma posição mais central, atrás do Elba, concentrar as nossas forças e esperar pela oportunidade para atacar nos nossos termos.

— Isso é tudo muito bonito, mas o que fazemos com Dresden? Não podemos deixar a cidade exposta ao Exército da Boémia. Terá de ser defendida, pelo menos por um corpo de exército.

— Porquê, *sire*? — Murat ergueu as sobrancelhas. — Dresden deixou de ter qualquer valor militar. Está praticamente sem mantimentos e os paióis estão quase vazios. Seria preferível juntar a guarnição ao exército principal a tê-la isolada em Dresden e incapaz de afetar o desenrolar da campanha.

Napoleão fitou Murat pacientemente.

— O Joachim é um soldado excelente, mas tem pouco sentido político. Dresden é a capital do único aliado germânico que nos resta, agora que se espera a qualquer momento

que a Baviera declare o seu apoio à coligação. Se abandonarmos Dresden, perdemos a legitimidade para ter soldados franceses instalados em solo alemão. Deixamos de ser aliados, protegendo os interesses dos nossos amigos, e passamos a ser ocupantes. Invasores. Neste momento não concebo nada mais perigoso para os nossos interesses. A ideia de ter os camponeses alemães com armas a rebelar-se contra as nossas linhas de abastecimento é uma perspetiva alarmante.

— Não, se houver represálias, *sire*. Se fuzilarmos camponeses suficientes, estou certo que não teremos problemas.

Marmont soltou uma gargalhada seca.

— Já se esqueceu do tempo que passou em Espanha? Por cada homem que fuzilávamos, havia cinco a tomar o seu lugar, sedentos por vingança.

— Lembro-me bem de Espanha — replicou Murat. — O meu único arrependimento é não ter fuzilado ainda mais.

— Cavalheiros, basta — interrompeu Napoleão. — Já tomei a minha decisão. Iremos deixar uma guarnição em Dresden. St-Cyr é a escolha óbvia. Vou deixar-lhe também a divisão de Lobau. Terá de resistir a todo o custo.

St-Cyr anuiu.

— Isso deixa-nos a questão de onde estabelecer o nosso novo centro de operações.

— Que seja o Elba — aventou Murat.

Napoleão pensou por instantes e abanou a cabeça.

— É um risco demasiado grande. Uma frente muito longa. Temos de partir do princípio de que o inimigo é capaz de atravessar o Elba. Se eles conseguirem atravessar em mais de um lugar, então a frente entra em colapso. O que precisamos é de uma base a partir da qual possamos concentrar as nossas forças e atacar em qualquer direção. — Debruçou-se sobre o mapa e apontou. — Leipzig. É uma cidade grande, ligada a boas estradas, e vai dar-nos a vantagem das linhas interiores, caso o inimigo avance vindo de mais de uma direção. Pensamentos, cavalheiros?

Nenhum dos marechais disse nada e Napoleão assentiu, com a decisão tomada.

— Muito bem, então o exército terá ordem para se concentrar em Leipzig.

À medida que o ano avançava para outubro, a posição do Grande Exército foi ficando gradualmente pior. Blücher e Bernadotte agiam em sintonia ao norte, ao passo que o Exército da Polónia do general Bennigsen avançava vindo de leste. O Exército da Boémia tinha contornado Dresden e estava a pressionar Murat de regresso a Leipzig. Quando Napoleão lia os relatórios, não podia deixar de se maravilhar perante a escala da luta que se aproximava. Um quarto de milhão de franceses e uma mancheia de contingentes aliados enfrentavam agora quase quatrocentas mil tropas russas, austríacas e prussianas.

Napoleão entrou em Leipzig ao início da tarde. O som de tiros de canhão para sul dizia-lhe que Murat estava a repelir a vanguarda do Exército da Boémia. Os habitantes da cidade tinham-se apercebido da iminência de uma grande batalha e apressavam-se a fugir de casa, levando consigo todos os pertences de valor que conseguiam. Alguns foram para leste, mas Napoleão reparou que a maior parte rumava a oeste. Julgavam claramente que ele iria vencer e não queriam ver-se apanhados no lado errado de uma perseguição assim que terminasse a batalha.

A escolta abriu caminho para a carruagem através dos refugiados, alguns dos quais se detiveram para se maravilhar perante o vislumbre do grande imperador de França. A carruagem e o esquadrão de hussardos avançaram a trote pela cidade, ultrapassando soldados que arrombavam lojas em busca de comida e um alojamento confortável, e em breve alcançaram o quartel-general do Grande Exército na câmara de deputados de Leipzig. Berthier e a sua equipa tinham chegado de madrugada e ocupado o salão dos amanuenses, instalando-se imediatamente para trabalhar e assegurar que as comunicações do exército fluiriam com eficiência assim que a batalha estivesse em curso.

Napoleão saudou Berthier e sentou-se pesadamente numa cadeira ao lado da secretária do seu chefe do estado-maior.

— As patrulhas de cavalaria já localizaram Blücher e Bernadotte?

— Ainda não, *sire*.

— Mesmo que eles tenham juntado forças, estão a pelo menos três dias de marcha daqui. Isso vai dar-nos uma hipótese de enfrentar o Exército da Boémia antes de poderem intervir. Pretendo iniciar a batalha em dois dias. A linha de colinas ao sul da cidade é ideal para a artilharia. Será onde nós tomaremos posição. O plano vai ser o mesmo que usámos em Dresden. Bloquear o centro inimigo enquanto envolvemos os flancos. O exército vai usar o dia de amanhã para assumir posições, para que o ataque se inicie na manhã seguinte.

— Muito bem, *sire*. E quanto ao nosso flanco norte?

— O que tem?

— Se porventura Blücher aparecer, vamos precisar de o bloquear, caso contrário ele corta a estrada para oeste e cai-nos sobre a retaguarda.

— Estamos a salvo de Blücher. Só nos vai alcançar depois da batalha — asseverou Napoleão, num tom desdenhoso. — Mas tem razão em ser cuidadoso. O corpo de exército de Marmont pode guardar os acessos de norte até que a batalha esteja em curso. Se não houver sinais de Blücher, ele pode marchar para sul e juntar-se ao nosso flanco direito.

— Com certeza, *sire* — assentiu Berthier, aliviado. — Vou transmitir as ordens de imediato.

Dois dias mais tarde, o amanhecer foi frio e enevoado e os soldados do Grande Exército

assumiram em silêncio as suas posições ao longo das colinas de cada lado da vila de Wachau. À sua frente, do outro lado do campo a sul de Leipzig, o Exército da Boémia estava espalhado numa frente alargada. Ainda antes de Napoleão e a sua escolta terem alcançado o posto de comando avançado, ouviu-se um grande rugido de canhões, quando o inimigo abriu fogo.

— Parece que eles atacaram primeiro — comentou Napoleão. — Muito bem, isso encaixa-se no nosso objetivo. Deixemo-los esbanjar o seu esforço e depois vamos enfrentá-los com um contra-ataque.

O ponto mais alto na linha de colinas chamava-se Galgenburg e tinha sido aí que o estado-maior preparara o posto de comando do imperador. O chão sob as botas tremeu com a troca de salvas de artilharia durante a primeira meia hora e depois as baterias inimigas começaram a silenciar-se, à medida que as primeiras vagas de infantaria avançavam sobre as linhas francesas. Vastas colunas de homens marcharam em frente sob as cores nacionais da Áustria, Prússia e Rússia, diretamente para a chuva de metralha proveniente dos canhões do Grande Exército. Foram aparecendo quebras nos batalhões da vanguarda inimiga à medida que os homens eram esmagados, mas as fileiras cerraram-se e os batalhões continuaram sem falhar a passada. Pouco antes da infantaria francesa que os aguardava, pararam para formar em linha, ainda sob fogo dos canhões, e começaram então a mortífera troca de salvas de mosquete, quando os dois exércitos se dedicaram por inteiro um ao outro.

Da sua posição elevada, Napoleão seguia a batalha com satisfação, enquanto o ataque inimigo fazia escassos progressos. Aqui e ali, os aliados rompiam batalhões franceses isolados, mas no resto da frente as suas unidades desmoronavam-se sob o peso do fogo francês e retiravam em desordem. O inimigo tomou às dez horas a aldeia de Wachau que foi a seguir reconquistada pela infantaria francesa, após uma luta corpo a corpo sangrenta nas ruas estreitas que ficaram pejadas de corpos, as paredes caiadas salpicadas e manchadas de sangue.

À medida que o meio-dia se aproximava, tornou-se óbvio que o ataque inimigo estava exaurido e a batalha passara a ser um lento processo de desgaste.

Napoleão não vira sinais da aproximação do corpo de exército de Marmont para assumir o seu lugar à direita da linha francesa, onde seria necessário para alterar o equilíbrio a seu favor assim que chegasse o momento de lançar o contra-ataque.

— Berthier!

— *Sire*?

— Já houve alguma mensagem de Marmont?

Berthier verificou o registo de ocorrências.

— Nenhuma, *sire*.

— Então onde está ele? Devia ter chegado à sua posição há uma hora. Descubra. Diga-lhe

que o quero aqui, ou ele pode custar-nos a batalha.

— Imediatamente, *sire*.

Ao meio-dia, o ataque francês teve início quando o general Druot, o comandante da artilharia, deu a ordem para se abrir fogo sobre o centro inimigo. A distância era grande e os artilheiros usaram balas pesadas, mas ainda assim as sólidas bolas de ferro esmagaram-se em profundidade sobre os regimentos inimigos alinhados à frente do Galgenburg. De cada lado da bateria, o exército francês começou a avançar, com a infantaria a deter-se para disparar salvas a curta distância antes de carregar com baionetas. Por todo o campo de batalha, Napoleão via que o inimigo estava lentamente a ser forçado a recuar, cedendo todos os seus ganhos anteriores e ainda mais terreno, à medida que era pressionado contra as suas reservas. Na margem esquerda, Murat fez avançar a cavalaria num grande arco de varrimento com a intenção de cortar a linha inimiga pela retaguarda.

Enquanto o ataque francês avançava, Napoleão escutou mais fogo de canhão, desta feita vindo do norte. Ficou preocupado quando se intensificou rapidamente. Abandonando o posto de comando, montou a cavalo e galopou pela outra encosta do Galgenburg e através dos subúrbios de Leipzig, na direção do som das armas. Três quilómetros a norte da cidade ficava a aldeia de Möckern, onde o fumo de centenas de armas se elevava no ar parado. Esporeando o cavalo, Napoleão deparou-se com os primeiros feridos, cambaleando vindos da batalha que tinha lugar a norte de Leipzig. Era Blücher, apercebeu-se Napoleão. Chegara mais rapidamente do que Napoleão calculara.

Quando Napoleão o encontrou, Marmont estava a liderar o seu corpo a partir de uma colina a curta distância de Möckern. Os franceses ainda detinham a aldeia, mas o resto da linha tinha sido obrigado a recuar. A norte, Napoleão podia ver grandes colunas de infantaria e cavalaria a marchar para se juntar à vanguarda de Blücher.

— Por que diabo não relatou isto? — bradou Napoleão em resposta à continência de Marmont. — Não julgou que a chegada de Blücher fosse assunto de alguma importância?

— *Sire*, recebi ordens para aguentar firme vindas do marechal Ney. Presumi que ele vos informasse que eu tinha sido atacado.

— Ney? — Napoleão abanou a cabeça, frustrado. — Deixe lá. Consegue aguentar Blücher até esta noite? Preciso que me ganhe tempo.

Marmont espreitou sobre a sua linha.

— Consigo aguentá-los por duas, talvez três horas, *sire*, mas eles estão a ficar cada vez mais fortes.

— Faça o que puder para atrasar o Blücher. Depois recue para as defesas exteriores da cidade.

Marmont assentiu. Napoleão ficou com ele mais meia hora, até ter a certeza de que os homens de Marmont não mostravam indícios de rutura, após o que virou a montada para sul e

regressou à batalha principal. Já passava das cinco horas quando chegou ao posto de comando. Berthier saudou-o com uma expressão preocupada e apresentou o seu relatório.

— O ataque está a fraquejar. O inimigo tem mais reservas do que pensávamos. Já o repelimos mais de um quilómetro, mas não mais do que isso. Não conseguimos rompê-los e as nossas próprias reservas estão esgotadas. Só resta a Guarda Imperial.

— Nesse caso, porque não receberam ordem para avançar?

— Não tinha a sua autorização para dar a ordem, *sire*. Estava nas ordens da batalha que eles só poderiam ser movimentados por vós.

Napoleão suspirou, exasperado por se ter deixado distrair pelos acontecimentos em Möckern na altura crítica da batalha. Já era demasiado tarde para fazer o que quer que fosse. A luz começava a esbater-se e a noite chegaria dali a pouco mais de uma hora. Agarrou as mãos firmemente atrás das costas e controlou a frustração antes de conseguir dar as ordens necessárias a Berthier.

— Cancele o ataque. Ordene a todos os comandantes que retirem. Assim que rompam contacto, devem retirar-se para Leipzig.

O Grande Exército recuou para Leipzig a coberto da escuridão, formando um perímetro defensivo em torno dos limites da cidade. Os relatórios enviados para o quartel-general indicavam que o dia de luta tinha custado vinte e cinco mil homens, e era provável que as perdas do inimigo tivessem sido maiores, em especial devido ao fracasso sangrento do primeiro ataque. Isso serviu de fraco consolo para Napoleão, agora que os exércitos inimigos se acercavam de Leipzig. Não restava a possibilidade de lutar contra um de cada vez, e não havia esperança de os derrotar em massa. A retirada para o Reno era agora a única opção aberta perante Napoleão, e essa noção pesava-lhe na mente cansada.

No dia seguinte houve apenas escaramuças, enquanto os exércitos aliados se movimentavam para as suas posições, preparando-se para um ataque simultâneo à cidade. Napoleão tirou partido da demora para enviar as suas bagagens para o outro lado do rio que corria a oeste de Leipzig. O terreno na margem oposta era formado por um pântano, atravessado por uma estrada em aterro, e era óbvio que havia o risco de o exército ser apanhado num afunilamento se cedesse perante a investida que aí vinha. Nessa noite, Napoleão revelou aos seus marechais a sua decisão de se retirar.

— Parece que temos outra Berezina, cavalheiros. — Napoleão esboçava um sorriso. — Estamos em inferioridade de dois para um. As nossas munições escasseiam. Temos de evacuar a cidade. Vamos começar a retirar homens da linha a partir da meia-noite. MacDonald, Lauriston e Poniatowski vão formar a retaguarda e manter o inimigo à distância enquanto o resto do exército atravessa, e depois recuam eles. Para que a evacuação seja bem-sucedida, é essencial que os homens atravessem o rio e o aterro em boa ordem. A

retaguarda será coberta pelas nossas armas na margem oposta e quando os últimos homens tiverem atravessado, a ponte será demolida. Berthier vai enviar-vos ordens quando for a vossa vez de atravessar o rio. — Napoleão encolheu os ombros. — É tudo o que há para dizer, cavalheiros, a não ser, boa sorte.

Começou a cair uma chuva ligeira durante a noite, que ajudou a abafar o som da retirada que os cavalos, canhões e homens do Grande Exército faziam ao avançar em fila através do rio Elster. Quando rompeu o dia, metade do exército estava ainda na cidade e, para ganhar mais tempo, Napoleão enviou um oficial ao inimigo para oferecer um armistício, atrasando as negociações o máximo que pudesse. Os aliados acabaram por se aperceber do expediente e despacharam de volta o oficial, dando pouco depois início ao ataque. Havia pouco a ganhar em permanecer em Leipzig e Napoleão montou e abriu caminho pelas ruas rumo aos apinhados acessos à ponte.

Assim que chegou ao aterro, Napoleão apeou-se para observar a fase final da evacuação, enquanto os soldados se apressavam ansiosos, apesar dos gritos zangados dos oficiais de engenharia que tentavam certificar-se de que os homens não sobrelotavam perigosamente a ponte. Napoleão acercou-se do oficial encarregue da demolição da ponte enquanto este supervisionava a colocação dos pavios.

— Tem a certeza de que as cargas são suficientes para destruir a ponte, coronel…

— Montfort, *sire*. — O oficial sorriu com nervosismo. — Coronel Montfort. Sim, de facto, *sire*. Há pólvora suficiente por baixo dos arcos da ponte para a mandar pelos ares um par de vezes.

Napoleão assentiu.

— Isso é bom. Entendeu as suas ordens?

— Sim, *sire*. Acendemos os rastilhos no momento em que atravessar a última unidade da retaguarda.

— Isso mesmo. — Napoleão olhou cuidadosamente para o homem. A mão de Montfort tremia-lhe ao lado do corpo. Napoleão deu-lhe uma pancadinha no ombro e sorriu confiante. — Limite-se a cumprir o seu dever, coronel, e seremos capazes de troçar do inimigo, hã?

Os soldados continuaram a atravessar a ponte em fila enquanto se passavam as últimas horas da manhã, até que apenas a retaguarda, cerca de vinte mil homens, permanecia na margem oriental. Os sons de luta aproximaram-se gradualmente da ponte, mas Poniatowski relatou que a retaguarda estava a recuar em boa ordem. Então, pouco antes da uma hora, um grupo de soldados austríacos apareceu nas janelas de uma casa que dava para o rio. De imediato abriram fogo sobre os homens que atravessavam a ponte. A distância era grande e a maior parte dos tiros acertou na cantaria, ou passou por cima das cabeças dos alvos. Apenas uma mancheia de homens foi atingida, mas ainda assim foi o suficiente para lançar o pânico entre os que se acotovelavam na ponte.

Napoleão apercebeu-se de imediato do perigo e correu para o canhão mais próximo que cobria a ponte, perto da posição na qual os engenheiros aguardavam com o rastilho.

— Sargento! Está a ver aquela casa ali? — Napoleão apontou para lá do rio e um instante depois houve um clarão e uma baforada de fumo vindos de uma das janelas.

— Já os vi. — O sargento aquiesceu.

— Então volte a sua peça para ali e enfie alguma metralha pelas janelas — ordenou Napoleão.

— Com todo o gosto, *sire*.

Assim que o canhão foi apontado e a elevação ajustada, o sargento ordenou à equipa que recuasse e acendeu o rastilho. O canhão de campanha escoiceou quando um jato de chamas se projetou contra a casa. O vidro partiu-se e o estuque da parede explodiu, caindo no rio em baixo. Tal como Napoleão esperara, o tiroteio de mosquetes inimigos cessou por uns instantes, mas então apareceu um cano de mosquete à janela e foi disparado um tiro. A bala acertou na ponte junto ao coronel Montfort, que gritou quando um estilhaço de pedra lhe raspou na cara.

— Jesus! — gritou, com os olhos arregalados de medo. — O inimigo está em cima de nós! — Voltou-se rapidamente para um dos seus homens, não mais do que um garoto, que segurava a mecha incandescente. — Acenda o rastilho! Faça-o agora!

Voltou-se então e precipitou-se margem acima, passando por Napoleão enquanto corria pelo aterro. Mais um tiro acertou na superfície do rio, perto do jovem sapador, que se encolheu e depois acendeu o rastilho.

— Não! Não faça isso! — gritou Napoleão, levantando as mãos.

Viu-se um clarão brilhante e depois as faíscas percorreram o rastilho, assobiando e cuspindo como um demónio enquanto seguia as voltas de pavio a caminho dos arcos centrais da ponte. Um dos guardas que escoltava Napoleão agarrou-lhe na manga e puxou-o para longe.

— Abrigue-se, *sire*!

Cambalearam pela margem do rio, procurando o abrigo de um murete de pedra. O guarda empurrou Napoleão sobre o muro e depois atirou-se atrás dele, no momento em que se fez um clarão ofuscante que disparou jatos de chamas e fumo pelo ar. A onda de choque atingiu-os com um estrondo ensurdecedor. Napoleão espreitou e viu pedaços de cantaria, homens e membros a voar pelos ares, onde se sustiveram um instante antes de cair. Uma laje da estrada esmagou-se contra o telhado da casa ao lado do murete.

Por instantes, Napoleão apoiou-se de gatas, aturdido pela ferocidade do rebentamento. Depois ergueu-se e olhou sobre o muro. Os arcos centrais da ponte tinham desaparecido e a água por baixo estava a ser salpicada pelos detritos. Uma brecha de uns cem pés de largura tinha sido aberta na ponte e de cada lado a cantaria estava manchada de negro. Mais atrás, os

corpos dos homens estavam empilhados na calçada. Aqui e ali, um sobrevivente aturdido esforçava-se por se libertar da carnificina. Na margem oposta estava parada uma multidão de homens que olhavam, atónitos. A única escapatória de Leipzig tinha desaparecido. Um lamento coletivo chegou aos ouvidos de Napoleão vindo da outra margem do rio.

— Ah, merda — murmurou o guarda. — Estão tramados.

Napoleão abanou a cabeça. Já conseguia ouvir o som da fuzilaria a aumentar em intensidade à medida que o inimigo avançava para a retaguarda francesa. Alguns dos homens na margem oposta olhavam ansiosamente em redor e então o primeiro largou o mosquete e debateu-se para se livrar da mochila. Despido até à camisa, calças e botas, atirou-se à corrente e nadou para a margem oposta. Mais o seguiram, alguns agarrando-se a pequenos barris e outros artigos que lhes dessem flutuabilidade. A maioria conseguiu atravessar, empilhando-se na margem relvada de um e outro lado de Napoleão. Alguns, maus nadadores ou feridos, foram arrastados pela corrente e debateram-se um instante antes de serem arrastados para baixo da superfície pelo peso das fardas e do equipamento.

— Veja! — O guarda apontou o braço. — Olhe ali, *sire*. É o marechal Poniatowski!

Napoleão perscrutou a margem oposta e rapidamente deu com o marechal, o braço numa funda, apressando o cavalo através da turba, acompanhado por um punhado de elementos do estado-maior. A toda a volta, os soldados franceses depunham os mosquetes, à espera de serem feitos prisioneiros. Poniatowski alcançou a margem do rio e puxou as rédeas, olhando para os homens que tentavam nadar através da corrente. Olhou para cima, na direção de Napoleão. Por um instante, Napoleão devolveu o olhar, com o impulso inicial de amargura por assistir à captura de tão excelente oficial. Logo agora que a França precisava de todos os homens válidos, para a salvarem dos seus inimigos.

Napoleão fez concha com as mãos em redor da boca e gritou:

— Nade!

Viu Poniatowski acenar e voltar-se para os oficiais. O mais próximo abanou a cabeça e houve uma troca acalorada antes de Poniatowski abanar a mão que não estava ferida, agarrar as rédeas e esporear o cavalo pela margem abaixo. O cavalo deslizou os últimos pés e depois entrou na água, nadando para a margem oposta. Poniatowski debruçou-se, impelindo-o enquanto se agarrava às rédeas com a mão em bom estado. Napoleão observava, encorajando-os. Soldados inimigos mais adiante na margem do rio estavam ocupados a disparar contra as centenas de franceses na corrente, lutando para escapar ao cativeiro. Salpicos de água elevavam-se no ar no meio de braços e pernas que se debatiam. Assim que o marechal atingiu o meio do rio, o cavalo foi atingido no pescoço. Surgiu uma mancha de sangue e o animal debateu-se descontroladamente, empinando-se na água. Poniatowski foi atirado da sela e Napoleão observou impotente quando a cabeça do homem emergiu a curta distância do cavalo abatido. O polaco conseguiu dar umas braçadas desesperadas com o

braço bom, após o que deslizou sob os remoinhos e salpicos da superfície e desapareceu.

Napoleão procurou desesperadamente por mais algum sinal dele, sem êxito, e depois respirou fundo. Poniatowski estava perdido, juntamente com dezenas dos seus mais experientes generais e mais de vinte mil homens e todos os seus canhões, equipamento e mantimentos.

A campanha estava perdida. A ideia atingiu-o como um golpe físico, atordoando-o por momentos. Era este o tipo de derrota esmagadora que no passado infligira aos seus inimigos. Fora humilhado. Napoleão sentiu-se doente com a constatação. Não havia mais nada que pudesse fazer para salvar o seu império a leste do Reno. O Grande Exército teria de retirar, deixando para trás dezenas de milhares de homens que ainda resistiam em cidades e fortalezas da Prússia e outros Estados alemães.

Precisava de tempo para se preparar para o que estava para vir. A guerra para manter o império francês estava perdida. Em breve, muito em breve, Napoleão e os seus homens desgastados e cansados seriam obrigados a combater pela própria sobrevivência da França.

CAPÍTULO 45

Arthur

St-Jean-de-Luz, 10 de novembro de 1813

Nessa noite, ao cavalgar pelo acampamento da Divisão Ligeira, Arthur viu o bom humor nas expressões dos soldados, quentes e coloridas pelo brilho das fogueiras. Os combates da semana tinham corrido bem e a linha de fortes de Soult que barravam a entrada em França tinha sido tomada com um misto de coragem e de audácia que alegrava o coração de Arthur. O exército aliado atravessara os rios Bidasoa e Nivelle, e cruzara a fronteira do inimigo. Acomodavam-se agora para passar a noite em solo francês e essa noção enchia Arthur de orgulho. Mesmo assim, estava já a planear a próxima fase da campanha. Era pouco provável que Bonaparte tolerasse os danos ao seu prestígio devido à incursão além da fronteira com Espanha. De certeza que o imperador francês iria ordenar às suas forças que expulsassem Arthur e os seus soldados para o outro lado da fronteira.

Arthur sorriu para consigo. Aquilo que Bonaparte poderia ordenar e o que a realidade traria eram duas coisas completamente diferentes. Através dos prisioneiros franceses, os oficiais de espionagem tinham sabido que o imperador sofrera um grave revés às mãos dos aliados europeus de Inglaterra. Como os boatos eram obtidos através de cartas recebidas pelos soldados que se opunham a Arthur, era difícil saber quanta fé lhes depositar. Os censores do inimigo tinham experiência em ocultar do povo as más notícias e os jornais franceses que tinham chegado às mãos dos oficiais de Arthur não mostravam sinais de reveses. Pelo contrário, os boletins informativos de impressão reles só referiam o domínio de Bonaparte sobre as hordas do czar e dos seus aliados incompetentes. Arthur já se habituara às mentiras, tal como todos os franceses, pensou com um sorriso. Chegara mesmo a tornar-se um estribilho entre os franceses — *mentir como um boletim*.

Se Bonaparte tivesse deveras sofrido uma derrota grave, sentir-se-ia obrigado a reforçar o exército comandado pelo marechal Soult que estava a enfrentar Arthur. Algo que pouca diferença faria, uma vez que Soult já tinha praticamente tantos homens como Arthur, e mais peças de artilharia e cavalaria. Anos antes, Arthur teria sido bem mais cauteloso quanto a levar a guerra ao solo inimigo antes que as suas linhas de comunicação estivessem bem seguras. Naquele momento, o inimigo continuava na posse de Pamplona e o marechal Suchet e respetivo exército ainda se encontravam em campo na região de Valência. Contudo, Suchet mostrava poucos sinais de querer sair daquilo que se tornara o seu feudo pessoal, e a guarnição de Pamplona estava cercada por um exército espanhol. Assim sendo, Arthur sentia que os riscos eram aceitáveis. Fosse como fosse, os líderes políticos de Londres tinham permitido que o rápido avanço do exército aliado e a sua série de vitórias lhes subisse à

cabeça, e tinham insistido com Arthur para que procedesse à invasão de França.

Assim tinha sido durante a guerra na Península Ibérica, suspirou enquanto cruzava a ponte e entrava pelos portões da vila de St-Jean-de-Luz, levando a mão à aba do oleado que lhe cobria o chapéu, em resposta às saudações das sentinelas. Até então, a sua cautela e o planeamento cuidadoso tinham garantido o êxito britânico. O país estava-lhe grato e o exército confiava nele, sendo esta situação a que Arthur mais valorizava. Não havia títulos, despojos de guerra e agradecimentos parlamentares que tornassem um general melhor homem, nem um homem melhor general, refletiu.

Deteve um civil para perguntar o caminho até à *mairie* para onde Somerset fora enviado para estabelecer o quartel-general do exército. O homem esboçou brevemente uma expressão de surpresa quando Arthur se lhe dirigiu em francês, mas parecia quase tranquilo quanto à presença de tantos soldados ingleses na sua terra. Virou-se e apontou para o final da rua, que parecia abrir-se para uma pequena praça. Arthur agradeceu-lhe e incitou o cavalo em frente. Ao entrar com estrépito na praça, notou, satisfeito, que uma série de polícias militares patrulhavam a zona, atentos aos soldados, para garantir que as ordens de Arthur quanto ao tratamento respeitoso dos civis franceses e sua propriedade não eram quebradas. Mais do que nunca, dependia da boa vontade dos habitantes. O exército aliado já não estava a libertar um povo de um invasor. Agora, os invasores eram os aliados e Arthur sabia que era essencial que os seus homens não fizessem nada que provocasse os civis franceses.

Arthur entrou na sala de receção do presidente da câmara e entregou o sobretudo e o chapéu a um cabo de guarda à porta. Assim que deu pela chegada do comandante, Somerset levantou-se da secretária e apressou-se a recebê-lo.

— Os relatórios de batalha indicam que cumprimos todos os nossos objetivos, milorde. As primeiras notícias das nossas patrulhas de cavalaria dão conta da retirada de Soult em direção a Bayonne.

— Quer dizer que temos uma posição segura em França. — Arthur aquiesceu. — E ainda bem. O exército não seria capaz de sobreviver nos Pirenéus. Agora vamos ter um aquartelamento confortável para o inverno, não é verdade?

— Sim, milorde. — Somerset não foi capaz de reprimir um breve sorriso. — Isto é, a menos que dê ordens para prosseguirmos com o avanço.

— Assim o faria, mas primeiro os homens têm de descansar. Além disso, não sabemos ao certo o que anda o Bonaparte a fazer. Para todos os efeitos, pode ter derrotado os inimigos e estar a marchar contra nós neste preciso momento.

Somerset franziu os lábios e abanou a cabeça.

— Não é isso que os nossos agentes dizem. Há muitos boatos e dezenas de cartas dos prisioneiros, ou encontradas nos mortos inimigos, que referem uma derrota massiva.

— Boatos, nada mais. Pretende que aposte o resultado desta campanha nos boatos que me

traz? E então?

— Não, milorde.

— Não. Nesse caso, até estarmos na posse de provas mais concretas, teremos de partir do princípio de que o exército terá de combater, ou de recuar, a qualquer momento. Não podemos permitir que os homens fiquem demasiado confortáveis.

Somerset sentiu a repreensão, mas fez uma última tentativa.

— E quanto aos relatórios dos jornais?

Arthur abanou a cabeça.

— Mais depressa confio nas palavras que leio num jornal inglês do que num pasquim francês. É esse o valor que dou aos relatos dos jornais, Somerset. Precisamos de informações vindas de uma fonte mais fidedigna. Por falar nisso, temos alguns prisioneiros importantes?

— Sim, milorde. Vários coronéis e o comandante de uma brigada, o general Lapessière.

— Ótimo. — Arthur bateu ao de leve com os dedos nos lábios por um instante e depois aquiesceu. — Muito bem, esta noite vamos receber aqui o Lapessière. Quero que o Beresford, o Hill e o Picton se juntem a nós. O melhor cozinheiro do porto que prepare a refeição, e certifique-se de que há bastante vinho.

— Sim, milorde — assentiu Somerset. — É tudo?

— Por agora. — Arthur endureceu a expressão. — Assim que puder, traga-me a conta do talhante e o relatório com as perdas do inimigo.

— Com certeza, milorde. Onde o poderei encontrar?

— Na suite do presidente da câmara. Imagino que ele tenha uma banheira.

— É verdade, milorde.

— Nesse caso, irei tomar um banho. — Arthur coçou a face. — E barbear-me. Não vou apresentar ao general Lapessière um exemplo medíocre de um cavalheiro inglês. Temos padrões a manter, Somerset. Tanto perante o inimigo, como perante os nossos próprios homens. Deus me livre de ter um maldito franciú a olhar-me com desprezo!

Somerset ergueu o olhar quando Arthur entrou no gabinete, ao final do serão.

— Como correram as coisas com o nosso hóspede, milorde?

— Depois de ter bebido um pouco, mostrou-se aberto a uma abordagem um tanto ou quanto indireta — respondeu Arthur. — Disse-nos aquilo de que precisávamos de saber. Parece que os boatos estão corretos. Bonaparte sofreu alguns reveses e temo-lo em fuga. E o que é melhor, sabemos que não vai interferir com as nossas operações aqui no Sul de França. Com efeito, é provável que venha a requisitar as forças do marechal Soult para reforçar um exército com que enfrentar o avanço dos russos, dos austríacos e dos prussianos. Isso deixa-nos rédea livre contra Soult. E ainda bem, já que temos apenas uma pequena vantagem

numérica contra ele. Se Soult continuar a levar a cabo batalhas defensivas, é bem provável que as nossas baixas cresçam muito mais depressa do que as francesas. — Arthur pensou por um momento e abanou a cabeça. — Não pretendo deixar-me arrastar para tal processo de desgaste.

— Nesse caso, o que propõe, milorde?

— Acima de tudo, mantemo-nos firmes e aproveitamos todas as pequenas vitórias até à primavera. Se pudermos fazer coincidir o nosso avanço com a dos nossos aliados setentrionais, o que sobrar das forças de Bonaparte vai dispersar-se até ao limite.

Ouviu-se bater à porta, após o que um oficial entrou no gabinete. Parecia nervoso e dirigiu-se rapidamente à secretária. À luz das velas que tremeluziam nos candelabros, Arthur viu que se tratava do coronel Whitely, comandante da polícia militar do exército. Whitely era um oficial robusto, um dos raros homens que tinham subido à custa de promoções merecidas. Tossicou e dirigiu-se a Arthur.

— Com a sua licença, milorde, mas acho que é melhor vir comigo.

— Porquê, o que aconteceu? Desembuche, homem.

— Sim, milorde. São as tropas espanholas. Estão a saquear uma das povoações locais. Os oficiais deles não estão a fazer nada para os deter e não disponho de homens suficientes para restaurar a ordem. As coisas estão a ficar feias, milorde, é o que é.

Arthur suspirou profundamente. Fechou brevemente os olhos e depois levantou-se.

— Vamos, Whitely, é melhor levar-me lá imediatamente.

As ruas de Ascain estavam cheias de soldados espanhóis quando Arthur entrou na vila, acompanhado por Whitely e por vinte dos homens do coronel. Várias das casas estavam em chamas e quase todas as restantes tinham sido arrombadas e pilhadas. Os espanhóis desgrenhados tinham aproveitado a oportunidade para se empanturrarem de comida e de vinho, e agora serviam-se de ouro, prata e quaisquer objetos de valor que encontrassem. Alguns dos locais tinham claramente tentado resistir e havia vários corpos espalhados pelas ruas empedradas, espancados ou mortos com baionetas. Quando o pequeno grupo de ingleses entrou na praça da vila, Arthur viu um bando agitado reunido a um dos lados. Um grito agudo trespassou o ar frio da noite e Arthur avistou uma mulher que tentava fugir aos soldados que a rodeavam. Um deles agarrou no vestido rasgado que ela apertava contra o peito e puxou-o, desvelando-lhe os seios. Ouviu-se uma aclamação cruel e alguém derrubou a mulher ao chão, para fora da vista.

— É como lhe disse, milorde — resmungou Whitely. — Eles estão descontrolados.

Arthur parou o cavalo e olhou para os espanhóis ali espalhados.

— Seria de esperar. Depois de tantos anos a aguentar as humilhações provocadas pelos invasores franceses, eles agora têm a oportunidade de virar o jogo. O facto de os locais não

terem culpa é para eles irrelevante. Além disso, o governo deles raramente lhes paga, ou lhes dá de comer. Sem dúvida que encaram isto como um direito adquirido.

O coronel Whitely lançou um olhar circunspecto ao comandante.

— Mesmo assim, milorde, as suas ordens estabelecem que não será permitido o saque, nem qualquer ato de violência contra os locais.

— Eu sei. — Arthur respirou fundo. — Onde está o comandante de divisão, o general Longa?

— Instalou-se, a par do estado-maior, no hotel local, milorde. — Whitely levantou a mão e apontou para um grande edifício caiado defronte da praça. — Ali.

Percorreram a praça e desmontaram. Deixando os cavalos a cargo dos homens de Whitely, Arthur e o coronel entraram no hotel. Dois soldados guardavam a entrada. Um já estava a dormir, a cabeça debruçada sobre o peito, encostado a um canto ao lado da porta. O outro homem ergueu o mosquete para apresentar a saudação, cambaleando ao de leve enquanto se esforçava por ficar de pé. Fedia a vinho, grande parte do qual fora entornado sobre a frente branca da casaca. Dentro do hall de entrada viram os restos rasgados de uma bandeira francesa no chão, e um grande quadro do imperador francês, pendurado sobre o balcão, fora estraçalhado à espadeirada. Ouviram-se gritos vindos de uma das portas que saíam do hall e dirigiram-se para aí, entrando numa grande sala de jantar. As mesas tinham sido reunidas de um dos lados da sala e o general Longa e os seus oficiais regalavam-se com travessas de carnes frias e enchidos, acompanhadas por vinho servido em canecas de cerveja. Alguns já tinham perdido os sentidos, com a cabeça tombada sobre a mesa à frente, mas Longa, um homem alto e elegante com cabelo grisalho ralo, dominava as festividades. Exibiu um sorriso radiante ao ver Arthur e levantou-se para executar uma vénia elegante.

— Meu caro duque, vai juntar-se a nós?

— Infelizmente não — replicou Arthur num tom calmo. — De momento, os meus deveres não me permitem divertir-me. Posso falar consigo a sós?

— A sós? — Longa franziu o cenho antes de assentir. — Mas é claro.

Arthur fez sinal a Whitely para que ficasse onde estava e levou o espanhol até ao outro lado da sala de jantar, onde tinham uma janela sobranceira à praça. Arthur apontou para os homens no exterior, as expressões alcoolizadas iluminadas pelas fogueiras improvisadas que tinham feito com as mobílias retiradas aos habitantes.

— Os seus homens estão descontrolados, general Longa.

— Estão a festejar a nossa vitória, milorde.

— Estão a roubar, a violar e a assassinar.

Longa fitou-os e encolheu os ombros.

— Despojos de guerra.

— Dei ordens para que os civis franceses não fossem maltratados. Porque deixa que os

seus homens pratiquem estas atrocidades?

— Eles não obedecem aos oficiais, milorde. Não vou pôr a vida dos meus oficiais em risco pedindo-lhes que enfrentem a turba. — Longa virou-se para Arthur com uma expressão gelada. — Além disso, os meus homens têm direito a vingar-se daquilo que os franceses fizeram ao nosso povo.

— É verdade, mas terão de vingar-se no campo de batalha. Os civis não têm culpa. General, vai ter de os controlar. Use força se tal for necessário, mas acabe com este espetáculo ultrajante.

— Tal como o senhor fez em Badajoz? — Longa abanou a cabeça e não fez qualquer esforço para ocultar o tom de desprezo na voz. — Pois aí, os seus soldados trataram o meu povo como se fosse um inimigo conquistado. Como despojos de guerra. Não me parece que precise de um sermão seu acerca da maneira como os meus homens se devem comportar, milorde.

Arthur sentiu uma onda de raiva contra o espanhol. Não iria tolerar tamanha insubordinação de um dos seus oficiais, e a vontade de colocar o indivíduo no seu lugar era quase estarrecedora. Reprimiu a fúria e respirou fundo para se acalmar, antes de responder.

— Escute, general Longa, de pouco nos vale discutir acontecimentos passados, por mais lamentáveis que os consideremos. Temos de olhar em frente. Cada batalha que travámos, cada sacrifício que fizemos foi para chegarmos até aqui. Estamos prestes a derrotar o inimigo. Esse inimigo não é a França, mas sim Bonaparte. Estamos aqui para libertar a França da tirania, a mesma tirania que ameaça o resto da Europa. Se permitir que os seus homens maltratem o povo francês, vai empurrá-los para os braços de Bonaparte. É por isso que tem de acabar com esta situação, antes que o senhor e os seus soldados nos arruínem a todos.

Longa fitou-o, depois olhou pela janela e acenou com a mão, num gesto de impotência.

— Milorde, compreendo o que me diz, mas duvido que *eles* compreendam.

— Nesse caso, serei obrigado a ordenar a um oficial da polícia militar que restaure a ordem à força.

— Faria mesmo tal coisa? E arriscava-se a ficar com um exército dividido?

Arthur cerrou os dentes. O general Longa tinha uma certa razão. Tal divisão seria uma ameaça ainda maior para o exército aliado do que a antipatia do povo francês. Encontrava-se encurralado entre duas situações impossíveis. Pensar nisso atormentava-o. Ali, no momento da sua imposição sobre Bonaparte, depois de tamanhas vitórias, o exército aliado poderia ser a causa da sua queda. Não por falta de coragem, ou de perseverança, mas por falta de disciplina suficiente quando longe do campo de batalha. Enquanto pensava na terrível situação em que os soldados de Longa o tinham deixado, ocorreu a Arthur uma terceira via. Aquiesceu. Não tinha dúvidas quanto ao que fazer, por pior que fosse a

desvantagem que isso impusesse ao exército aliado. Pigarreou e dirigiu-se a Longa.

— Tem razão. Não há nada que possamos fazer para o impedir. Contudo, ao nascer da alvorada, quero que a sua divisão se retire de Ascain e que espere novas ordens.

— Sim, milorde — respondeu Longa com uma expressão aliviada. — Será pelo melhor.

— Sim, imagino que seja. — Arthur virou-se para a porta e fez sinal ao coronel Whitely. — Vamos, temos de sair daqui.

— De certeza que não há outra forma, milorde? — perguntou Somerset ao baixar o rascunho da ordem que Arthur redigira.

— Já tomei a minha decisão — retorquiu Arthur com firmeza. — A única divisão espanhola em que podemos confiar é a de Morillo. O resto será enviado de volta ao outro lado da fronteira. Se o governo espanhol se recusa a garantir o sustento dos seus próprios soldados, diabos me levem se vou fazer o trabalho deles.

— Mas, milorde, isso vai reduzir o exército em vinte mil homens.

— Assim é — concedeu Arthur. — Mas preciso de homens em que possa confiar. Homens que façam aquilo que ordeno. Caso contrário, seremos a nossa própria desgraça, Somerset. Se pelo menos tivesse assistido às cenas em Ascain, não teria dúvida de que não podemos ter homens desses a marchar ao nosso lado. Têm de ser mandados de volta. Imediatamente.

Somerset tufou as faces.

— Como desejar, milorde.

Sozinho no gabinete do presidente da câmara, Arthur virou-se e olhou pela janela. Lá fora, o céu estava coberto de nuvens cinzentas e uma chuva gelada caía no porto. Num abrir e fechar de olhos, reduzira a sua vantagem numérica sobre o marechal Soult, e a luta seria muito dura, até que os franceses fossem obrigados a render-se.

CAPÍTULO 46

Villefranque, 10 de dezembro de 1813

O flanco direito do exército aliado tivera pouca dificuldade em atravessar para a margem leste do rio Nive, em Ustaritz, afastando uma pequena força de infantaria. Na sequência de uma breve troca de tiros, o inimigo recuara apressadamente para norte, em direção ao corpo principal do exército de Soult, acampado nas redondezas de Bayonne. Ao cair da noite, cinco divisões tinham atravessado o rio por uma ponte reparada à pressa e avançado seis quilómetros rio abaixo, ao encontro do inimigo. Após uma análise pormenorizada às defesas francesas a sul e a oeste de Bayonne nos últimos dias de novembro, Arthur apercebera-se rapidamente de que um ataque frontal à povoação teria um custo demasiado elevado. Em vez disso, decidira levar a força principal sobre o Nive e tentar encurralar Soult contra o mar. Havia o risco de o inimigo poder atacar os aliados quando estes cruzassem o rio, pelo que Arthur encarregara as restantes três divisões de criar uma diversão ao longo da margem ocidental, para enganar Soult.

Arthur entregara o comando do flanco direito ao general Hill e juntara-se a este ao pôr-do-sol para analisar as posições inimigas à frente de Bayonne. Chovera bastante nos primeiros dias de dezembro e o terreno estava ensopado, transformando-se rapidamente em lama à medida que as colunas aliadas percorriam a massa glutinosa que cobria a superfície das estradas e dos carreiros que percorriam os campos entre o mar e o Nive.

O general Hill apertou o fecho do topo do sobretudo quando uma nova chuvada começou a cair à volta deles.

— Este terreno é péssimo para manobras com um exército.

— É verdade — concedeu Arthur. — Mas isso serve para ambos os lados. O Soult e os homens dele estão tão atolados nisto como nós. Não vai haver grande hipótese de surpresas. Se o conseguirmos fazer recuar e contê-lo em Bayonne, o exército pode aquartelar-se para o inverno enquanto os franceses estão cercados. Mesmo que não os consigamos matar à fome, estarão em muito mau estado quando chegar a primavera.

— Imagino que tenha razão — admitiu Hill calmamente, ao que se dirigiu a um dos ajudantes de campo. — Passe palavra às formações da frente. Vamos parar aqui e acampar durante a noite. Envie destacamentos para vigiar o inimigo. — Voltou-se outra vez para Arthur. — Com a sua licença, milorde, tenho providências a tomar para estabelecer o meu quartel-general.

— Com certeza — assentiu Arthur.

Os dois homens tocaram nas abas dos chapéus e depois Hill e o seu estado-maior afastaram-se em direção a um aglomerado de edifícios agrícolas a pouca distância dali.

Arthur deixou-se ficar sentado um pouco, observando as colunas de Hill a começarem a dispersar pelo campo. A menos de um quilómetro à frente deles, estava a retaguarda do exército francês, formado e pronto a repelir quaisquer ataques levados a cabo pelo inimigo antes de a noite cair por completo. Uma tossidela a seu lado chamou a atenção de Arthur.

— O que foi, Somerset?

— Importa-se que lhe pergunte quais os seus planos para esta noite, milorde? Vamos ficar com Hill, ou regressamos para o lado do rio do general Hope?

Arthur pensou por um instante. O general Hope tinha acabado de chegar de Inglaterra e Arthur ainda não formara a sua opinião quanto às competências do general enquanto comandante de campo. Desde que Hope levasse a cabo as suas ordens e não fosse demasiado longe com a diversão, retirando-se em seguida e entrincheirando-se, ele e os seus homens não deveriam ter quaisquer dissabores na outra margem do Nive. Ainda por cima, os mais recentes relatórios das patrulhas montadas de Arthur indicavam que o grosso das forças de Soult estava a leste do rio, perante Hill.

— Vamos ficar aqui esta noite. Pretendo observar o ataque de Hill contra Bayonne pela manhã. — Arthur virou-se para Somerset e, à luz que se ia desvanecendo, viu que o ajudante de campo estava a tremer. — Se precisar de abrigo, sugiro que nos encontre alojamento para esta noite no quartel-general de Hill.

— Sim, milorde. Vou tratar pessoalmente de tudo. — Somerset afastou o cavalo e partiu em direção a Hill e respetivo estado-maior. Arthur virou-se para norte e observou o inimigo até que este começou a acender as fogueiras do acampamento. A retaguarda francesa instalara-se no cume de uma pequena colina e deixara algumas sentinelas a vigiar as movimentações do inimigo. Não deveria haver combates durante o pouco que restava do dia, nem ao longo da noite. Depois de meses de campanha, os homens de ambos os lados estavam cansados e as condições desconfortáveis dos meses de inverno eliminavam qualquer vontade de combate.

Satisfeito por o exército estar em segurança para a noite, Arthur puxou as rédeas e levou o cavalo a trote em direção à casa principal da quinta. Em seu redor, à luz débil do crepúsculo, muitos dos elementos do exército procuravam lenha, enquanto os camaradas buscavam abrigos, ou erguiam tendas onde o terreno estava suficientemente seco para aguentar um espigão. A chuva caía agora com força, com os grossos pingos plúmbeos a tombar do ventre inchado das nuvens escuras no firmamento. Os carros e as equipas de artilharia já começavam a estacar na lama espessa, apesar de todas as chicotadas e pragas dos condutores.

Assim que chegou aos edifícios agrícolas, Arthur desmontou e entregou as rédeas a um palafreneiro, dizendo-lhe para alimentar o cavalo e encontrar um celeiro seco para a noite. Depois, Arthur subiu os poucos degraus até à porta e entrou. Lá dentro foi recebido por uma

onda acolhedora de calor e luz, e viu um pequeno grupo de oficiais reunido à volta de uma grande lareira, onde o agricultor acendera um lume vivo. Quando Arthur entrou, o camponês oferecia aos hóspedes a possibilidade de comprar vinho e comida a preços elevados.

Depois de tirar o sobretudo e o chapéu, e de raspar as botas, Arthur juntou-se aos outros para um jantar à base de guisado, após o que se retirou para o melhor quarto do agricultor para passar a noite, dando ordens a Somerset para que o acordasse caso houvesse notícias importantes ou, caso contrário, uma hora antes da alvorada. Quando se instalou por baixo dos cobertores quentes, deixou que a mente divagasse pela perspetiva reconfortante de que a derrota de Soult e a queda de Bayonne representariam o final dos longos anos de campanha que tinham começado em Portugal e Espanha, antes de finalmente entrarem nos territórios do inimigo.

— Milorde. — Uma voz interrompeu-lhe o sono e Arthur resmungou e virou-se, até que uma mão lhe abanou gentilmente o ombro. — Milorde, é o Somerset. Pediu-me que o acordasse.

Arthur pestanejou e depois virou-se sobre um cotovelo, encarando o ajudante de campo.

— O que foi? O que aconteceu?

— Os nossos postos avançados dizem que os franceses desapareceram, milorde.

— Desapareceram?

— As sentinelas deles recuaram e quando alguns dos nossos rapazes as seguiram, viram que não havia ninguém à volta das fogueiras do acampamento. Não havia sinais de carros, nem de canhões.

Arthur sentou-se na cama e pegou nas botas, dando as suas ordens enquanto se debatia para as calçar.

— Diga ao Hill que envie patrulhas montadas para encontrar o inimigo. O Soult deve ter recuado para Bayonne, ou então está a tentar contornar-nos para nos cortar o acesso às pontes sobre o Nive.

— Sim, milorde.

— Há mais alguma coisa?

— Dou a conhecer os relatórios ao general Hope?

Arthur pensou por um momento e depois abanou a cabeça.

— Não, não vale a pena. Seja o que for que o Soult está a tentar fazer, de certeza que está concentrado nas divisões do Hill. São eles a principal ameaça. Podemos informar o Hope assim que tivermos uma melhor noção das intenções de Soult.

— Sim, milorde.

Assim que Somerset o deixou, Arthur levantou-se, vestiu a casaca azul-escura e abotoou-a. O raspar da barba na gola recordou-o de que precisava de se escanhoar, mas decidiu que não poderia perder tempo a tentar descobrir o que Soult andava a tramar. Pegou no chapéu,

saiu do quarto e desceu para se juntar a Hill e ao seu estado-maior na sala de receções principal. Os oficiais estavam reunidos em torno de uma mesa com mapas, iluminada por velas, já que no exterior ainda estava escuro.

— Qual é a situação?

Hill ergueu o olhar do mapa e saudou o comandante com um aceno de cabeça enquanto respondia:

— Não há sinais dos franciús, exceto algumas patrulhas a pouca distância de Bayonne.

— Alguma atividade no interior da povoação?

— É difícil dizer. Ficaremos a saber mais assim que amanheça. — Hill afagou ansiosamente o queixo. — Sinceramente, milorde, não estou a gostar disto. Perdemos contacto com o inimigo e o nosso exército está dividido por um rio. Pode ser uma situação arriscada.

Arthur assentiu. Sentiu o receio na boca do estômago. Soult fugira e Arthur amaldiçoou-se por não ter forçado os homens de Hill a avançar na véspera, apesar das condições lamacentas da estrada, do frio e do cansaço dos soldados. O exército aliado podia vir a pagar um preço bem alto pela sua complacência, pensou Arthur.

Quando a primeira luz se fez ver no céu, Arthur ficou à espera de notícias de Soult. Uma a uma, as patrulhas montadas regressaram e confirmaram que o inimigo conseguira cortar todo e qualquer contacto. A única indicação da direção que Soult tomara era a lama revirada na estrada para Bayonne.

— Porque haveria de regressar a Bayonne? — interrogou-se Hill. — Isso dar-nos-ia rédea livre em toda a margem sul do Adour. Porquê desistir de tentar conter-nos?

Antes que Arthur pudesse responder, ouviu-se um ronco surdo a ocidente. Alguns oficiais entreolharam-se, preocupados.

— Canhões? — sugeriu alguém.

— É claro que sim — retorquiu Arthur com uma calma forçada quando se apercebeu do que acontecera. — Parece que acabámos de descobrir para onde o marechal Soult levou o exército, cavalheiros.

— Por Deus! — exclamou Hill. — Ele foi atrás do general Hope.

Arthur anuiu.

— Faz sentido. Subestimei o Soult. Mesmo assim, o general Hope deverá ser capaz de se manter firme até voltarmos a cruzar o rio. — Arthur falou calmamente, ocultando a fúria que sentia consigo próprio por ter permitido a Soult a oportunidade de atacar o exército aliado dividido. — Hill, deixe aqui duas das nossas divisões para proteger Bayonne. Envie o resto para reforçar Hope. Vou imediatamente para lá para assumir o comando.

— Sim, milorde.

Arthur olhou para os outros oficiais, apercebendo-se das expressões nervosas.

— Cavalheiros, o Soult está a tentar dar-nos a volta e agora temos de apanhar a velha raposa e torcer-lhe o pescoço. Tudo vai correr bem se mantivermos o sangue-frio e nos deslocarmos com celeridade. Entendido? Ótimo. Somerset, venha comigo.

Os clarins tocavam a reunir os homens pelos campos circundantes quando Arthur e Somerset saíram de Villefranque e galoparam para sul, ao longo da margem do Nive, em direção às pontes de Ustaritz. À direita, os sons do fogo de canhão aumentavam de intensidade e agora ouvia-se o ténue crepitar de mosquetes que dava conta de uma batalha a cerca de quilómetro e meio a ocidente. Graças ao reconhecimento que fizera pessoalmente da zona a sudoeste de Bayonne, Arthur sabia que havia muitas depressões e ravinas a quebrar a paisagem. Tendo em conta o terreno ensopado, Soult seria obrigado a avançar pelas duas estradas que partiam para sul de Bayonne. Arthur esperava sinceramente que a ala esquerda do seu exército tivesse obedecido às ordens dadas e fortificado as posições em Barroilhet e Bassussarry, bloqueando as estradas. As pequenas matas e sebes espalhadas pela região serviriam de boa cobertura para ocultar um avanço e Arthur não duvidava que o inimigo tivesse conseguido um certo nível de surpresa contra as divisões de Hope. Contudo, se fossem capazes de aguentar até serem reforçados, talvez a situação pudesse ser recuperada.

Atravessaram a ponte reparada, passando com estrépito sobre o empedrado. Um grupo de engenheiros reconheceu o comandante, mas Arthur já se afastara a galopar antes que eles conseguissem saudá-lo. Chegados à outra margem, tomaram a estrada para norte, em direção a Bassussarry, com os sons de batalha a ficarem mais altos à medida que se aproximavam. A alguns quilómetros da aldeia, depararam-se com uma pequena coluna de carros que corria para sul. Arthur parou e falou com um oficial de abastecimentos.

— O que se passa?

— Os franceses atacaram ao raiar da aurora, milorde. Milhares deles. O general Alten deu ordens para que todos os carros seguissem para a retaguarda.

— Onde está a Divisão Ligeira?

O oficial virou-se e apontou estrada abaixo.

— Ouvi dizer que estão firmes em Arcangues, milorde.

Arthur puxou as rédeas e incitou o cavalo em frente, ao longo da coluna de carruagens e depois de volta à estrada, aumentando o ritmo para um galope, com os flancos da montada a tremer em cada inspiração forçada. Mais à frente, o som das peças de artilharia estrondeava e quando a estrada saiu de uma mata, Arthur viu uma pequena elevação, talvez com uns mil passos de extensão. De um dos lados erguia-se uma igreja pequena, mas de aspeto sólido, do outro, uma casa de campo. Ambas as estruturas tinham sido guarnecidas. Entre elas, o resto da Divisão Ligeira estava formada, com duas linhas de homens à frente e uma linha de reserva na encosta oposta. Quando Arthur e Somerset subiram a encosta, depararam-se com

os primeiros feridos, sentados na erva húmida enquanto tratavam dos ferimentos, tendo os mais gravemente atingidos de esperar que um elemento dos músicos do exército lhes tratasse das lesões.

Um coronel da Quinquagésima Segunda de Infantaria indicou-lhes apressadamente o posto de comando do general Alten, na torre da igreja, antes de devolver a atenção aos batalhões, no momento em que novos disparos esmagavam dois dos seus homens, antes de abrir uma depressão lamacenta no terreno pouco à frente do cavalo do coronel. A partir da sua posição no alto da elevação, Arthur pôde ver toda a extensão do campo de batalha da Divisão Ligeira. À frente da primeira fila, o terreno descia durante quatrocentos ou quinhentos passos, antes de se tornar plano. Linhas irregulares de corpos de farda azul marcavam até onde tinham chegado os primeiros ataques franceses, enquanto algumas dezenas de soldados da Divisão Ligeira estavam espraiados na erva pisada e enlameada. As colunas francesas tinham feito alto na base da encosta, enquanto, atrás delas, uma dúzia de peças continuava a disparar contra os defensores na encosta. A elevação só tinha duas peças britânicas, bocas-de-fogo de montanha leves, cujos estampidos diminutos desapareciam com o troar constante das baterias inimigas.

O general Alten encontrava-se no campanário, observando calmamente a troca de fogo, quando Arthur e Somerset subiram, ofegantes, a estreita escadaria em espiral até ao cimo.

— Como vão as coisas? — perguntou Arthur, endireitando-se e esfregando discretamente as nádegas, dormentes depois da cavalgada.

Alten franziu os lábios.

— Apanharam-nos a dormir. Aproximaram-se aos pares e depois atacaram-nos os piquetes. Mandei os meus rapazes recuar logo para esta posição.

Arthur olhou para toda a extensão da cumeada e reparou no terreno lodoso que protegia cada extremidade. Acenou a sua aprovação.

— Uma bela escolha. Não lhes vai ser fácil chegar à Divisão Ligeira.

— Imagino que não — retorquiu Alten, num tom severo. — Seja como for, tal como pode ver, já repelimos um ataque. Desde então, os franciús têm recorrido aos canhões, acima de tudo para nos tentar reduzir as fortificações. — Alten deu uma palmadinha na alvenaria. — Não têm grandes hipóteses de destruir isto. Embora as bolas deles tenham andado a fazer grandes estragos nas pedras do cemitério.

Arthur chegou-se à frente e espreitou. Várias lápides tinham ficado desfeitas. Ao olhar para cima, viu movimentos na retaguarda das formações francesas alinhadas à frente da elevação. Três colunas tinham-se afastado da força e marchavam para oeste, a caminho da outra estrada. Apontou para elas.

— Está a ver? Já que não conseguiu passar por aqui, imagino que o Soult tenha decidido tentar a sorte contra a nossa esquerda. Mas é uma pena que tenha sido obrigado a abandonar

as suas fortificações e a recuar, Alten.

O general olhou-o com uma expressão confusa.

— Fortificações?

— Eram essas as suas ordens. Simular o avanço contra Bayonne, parar e fortificar.

— Não recebi tais ordens, milorde — contrapôs Alten. — Só me disseram para fazer os franciús recuar e mantê-los ocupados. Mais nada.

— Estou a ver. Por acaso sabe onde posso encontrar o general Hope?

— Sim, milorde. Ele está aquartelado em Bidart, com uma brigada portuguesa.

— E onde está a Primeira Divisão?

— Segundo a última informação que tive, estavam aboletados em St-Jean-de-Luz.

Somerset ficou consternado.

— Mas isso fica a mais de quinze quilómetros de Barroilhet! Por Deus, o que estão eles a fazer tão atrás?

O general Alten encolheu os ombros.

— Será melhor perguntar ao Hope, não?

Arthur sentiu a ansiedade gelada na nuca. O flanco esquerdo do exército estava demasiado estendido. Se Soult ordenasse aos seus homens que atacassem, iriam cilindrar as formações aliadas e depois pressionariam a Divisão Ligeira, despedaçando o flanco esquerdo de Arthur antes que Hill pudesse intervir. Tal derrota abafaria os êxitos conseguidos por Arthur desde o início da campanha. Dirigiu-se rapidamente a Somerset.

— Vá até St-Jean-de-Luz. Se a Primeira Divisão ainda não estiver a caminho de Bayonne, dê-lhes ordens expressas para que avancem. Se já estiverem a caminho, apresse-os. Têm de chegar a Barroilhet antes que as nossas posições cedam. Vamos.

Somerset assentiu e desceu a correr o campanário enquanto Arthur dava ordens a Alten.

— Mantenha a sua posição aqui. Se o Soult chegar à sua esquerda, nesse caso pode recuar até ao Hill. Mantenha os seus homens em formação cerrada, em quadrado, se for preciso. Informe-me de imediato se for obrigado a mudar de posição.

— Sim, milorde. Onde posso encontrá-lo se precisar de entrar em contacto consigo?

Arthur respirou fundo.

— Vou à procura do general Hope.

Chegou à elevação atrás da pequena aldeia de Barroilhet ao meio-dia, no momento em que uma brigada isolada de casacas-vermelhas formava uma linha para reforçar os soldados portugueses que tinham passado a manhã a repelir uma série de ataques franceses. O inimigo já se apoderara da aldeia e começava a avançar, pronto a assaltar a elevação. Arthur encontrou o general Hope sentado num banco à porta de uma estalagem, a dar ordens para a defesa da nova posição. Tinha a canela esquerda enfaixada, e o casaco da farda e o chapéu

tinham sido trespassados por bolas de mosquete. Pôs-se rigidamente de pé e cumprimentou Arthur quando este desmontou.

— É um prazer vê-lo, milorde.

— Digamos antes que é uma sorte. — Arthur apontou para a perna ferida.

— Assim é, milorde. Avancei para Barroilhet assim que soube que os franceses tinham atacado. Caíram em cima de nós num abrir e fechar de olhos. O meu estado-maior e eu tivemos de abrir caminho à força.

Arthur sentiu-se tentado a comentar que tal fuga não teria sido necessária, caso Hope tivesse obedecido às ordens que lhe tinham sido dadas. Todavia, não havia tempo para recriminações, e pelo menos Hope tinha-se lançado na refrega assim que reconhecera o perigo.

— Que forças tem disponíveis para se opor ao Soult?

— O que resta de duas brigadas portuguesas a defender a aldeia e a brigada de Aylmer. Chamei de imediato a Primeira Divisão. Devem chegar antes das duas da tarde.

— Ótimo. — Arthur aquiesceu. — Até lá temos de usar o que está disponível. Pelo menos, o terreno favorece-nos.

Tal como em Arcangues, os franceses foram obrigados a atacar com uma frente estreita. Ao longo de oitocentos metros de cada lado da estrada enlameada viam-se dois pequenos lagos, cercados por lodaçais. Se a linha pudesse ser mantida tempo suficiente até que a Primeira Divisão chegasse, Soult poderia ser detido e o seu plano sairia gorado. Durante um momento, Arthur sentiu uma certa simpatia pelo marechal inimigo. De certeza que fora tentador levar a cabo um ataque contra a metade mais forte do exército aliado quando este cruzava o Nive. No entanto, Soult vira que os inimigos estavam a dispersar o exército ao longo do rio. Em vez de lutar, atraíra a coluna de Hill para longe da travessia, tendo depois levado as suas forças através das pontes de Bayonne para conseguir uma vantagem esmagadora contra os soldados aliados que permaneciam na margem ocidental do Nive.

— Inteligente — resmungou Arthur entre dentes. — Muito inteligente. O Soult é um homem que sabe esperar.

Depois Arthur ignorou o adversário e analisou a cena à sua frente. A chegada da brigada de Aylmer dera novo ânimo às tropas portuguesas, que tinham passado a manhã a combater valorosamente, mas que quase tinham sido esmagadas. Cerravam agora formações à frente das suas cores e preparavam-se para um novo massacre francês. A infantaria inimiga afastara-se para permitir a passagem de uma brigada de cavalaria: dragões, de sobretudos pesados com plumas a encimar os elmos cintilantes. Fizeram avançar os cavalos e espalharam-se lentamente pelo terreno enlameado à frente da elevação. Arthur ficou aliviado por não ver sinais das bocas-de-fogo inimigas, por certo ainda presas na lama além de Barroilhet.

— Não são as melhores condições para a cavalaria — comentou Hope.

— E não há necessidade por parte dos seus homens de formarem quadrados — retorquiu Arthur. — Duvido que aqueles dragões consigam ganhar velocidade na lama. Algumas salvas vão afastá-los muito antes de representarem perigo para a nossa linha.

Hope fitou o terreno e assentiu antes de se dirigir a um dos seus oficiais.

— Campbell, vá ter com a nossa linha. Diga aos coronéis para ficarem onde estão.

O oficial fez continência e depois afastou-se a cavalgar para transmitir a ordem.

A cavalaria francesa precisou de mais de meia hora para se colocar em posição e quando finalmente se fez soar o avanço, as montadas pesadas debateram-se para percorrer a lama enquanto avançavam em direção à base da encosta.

— O que eu não dava por uma bateria de peças de nove libras — comentou Hope, amargurado. — A metralha desfazia-os.

Arthur afastou o olhar dos dragões, dirigindo-o aos homens mais próximos. Os soldados mantiveram-se firmes e esperaram, sem olhar para trás. Tal como Arthur esperara, o terreno lastimável fez a cavalaria abrandar para passo e continuavam sem acelerar quando se fez ouvir a ordem para preparar fogo. Os mosquetes foram empunhados e seguiu-se uma breve pausa até que a ordem para engatilhar foi bradada e um clique leve encheu o ar.

— Apontar!

Os mosquetes levantaram-se e cada homem pressionou a coronha contra o ombro, antecipando o coice brutal quando a arma fosse disparada. Arthur viu que os dragões se encontravam talvez a setenta ou oitenta metros. Era mais longe do que gostaria, mas os alvos grandes seriam fáceis de atingir quando a salva fosse disparada.

— Fogo!

As salvas de cada companhia de tropas portuguesas e britânicas fizeram-se ouvir ao longo da linha, cuspindo mais de mil bolas de mosquete contra a formação que se aproximava.

— Recarregar! — bradou um sargento. — Recarreguem as armas, malditos!

Quando o fumo começou lentamente a dispersar, alguns dos homens tinham feito uma pausa para ver os danos provocados, mas agora já baixavam as armas, pegavam num cartucho novo e começavam a recarregar. Da sua posição na cumeada, Arthur viu que dezenas de dragões e as suas montadas tinham desaparecido, com alguns dos animais a espernear com terríveis dores e sofrimento. Os camaradas passaram por eles, aproximando-se da estreita linha de homens que defendiam a elevação.

Uma segunda salva cuspiu chamas e chumbo contra os dragões a menos de trinta metros, à queima-roupa, e desta vez caíram ainda mais cavaleiros, tombando na lama, onde ficaram presos como vespas em doce, debatendo-se em vão.

— Assim é que é! — celebrou Hope, ostentando um sorriso rasgado à medida que os seus homens castigavam o inimigo.

Uma terceira salva derrubou ainda mais cavaleiros que tinham conseguido passar por entre os cadáveres, juntando-se ao emaranhado de homens e cavalos, mortos e feridos, presos na lama. Os dragões imobilizaram-se e a quarta salva decidiu a questão. As notas estridentes dos clarins fizeram soar a retirada e os cavaleiros deram meia-volta às montadas, com alguma dificuldade, e voltaram a descer a encosta, com mais velocidade e menos ordem do que quando a tinham subido. As brigadas portuguesas, reduzidas a um punhado de salvas, sustiveram o fogo, mas os homens de Aylmer dispararam mais duas salvas antes que a ordem de cessar-fogo fosse bradada.

Arthur imaginou que mais de um quarto da brigada inimiga tivesse sido abatida e agora os sobreviventes recuavam para a retaguarda por entre as linhas de infantaria. Seguiu-se uma breve pausa enquanto os feridos que ainda conseguiam andar saíram do lodaçal e desceram a encosta, dando mais tempo aos defensores. Arthur virou-se e perscrutou os terrenos em busca de reforços. Avistou então o vermelho de uma coluna de soldados britânicos a surgir entre duas matas e a descer a estrada na sua direção, ainda a dois quilómetros dali. Arthur teve noção de que a pequena linha de homens na encosta teria de manter a posição durante mais algum tempo.

O rufar dos tambores voltou a chamar-lhe a atenção para o inimigo. Os escaramuceiros franceses avançavam já em pares, deslocando-se cuidadosamente sobre a extensão aberta de lama revolvida. Não teriam abrigos na sua aproximação à infantaria portuguesa e britânica que os aguardavam. Através deles avançavam três brigadas de infantaria em coluna, incitadas pelos oficiais e pelo ritmo insistente dos tambores. Hope já chamara a infantaria ligeira e os seus homens mantiveram-se firmes enquanto os atiradores franceses estacavam e abriam fogo. À medida que os aliados caíam, mortos ou feridos, os camaradas cerravam fileiras para a direita e aguentavam a posição. Não teriam de se sujeitar muito mais tempo aos escaramuceiros, já que as colunas francesas subiam a ligeira encosta, as botas pesadas com a lama a elas agarrada.

À medida que as colunas se aproximavam da linha aliada, os escaramuceiros começaram a recuar e, por um instante, o som dos disparos cessou. Os franceses fizeram alto e dispararam uma salva irregular, atingindo cerca de uma vintena de aliados. Momentos depois, os homens de Hope devolveram fogo numa salva massiva. Como estavam próximos e quase todos os mosquetes puderam ser usados contra a frente das colunas francesas, o resultado foi devastador. Por todas as primeiras filas das colunas, homens tombaram e cambalearam. Seguiu-se uma pausa, acompanhada pelo retinir apressado das varetas, enquanto cada lado recarregava.

— Interessante — meditou Arthur em voz alta. — Está a ver como os franceses se mantêm em coluna, em vez de criarem uma linha de fogo? É óbvio que aqueles soldados tiveram uma formação medíocre. Os oficiais não os põem a fazer manobras de batalha.

— Enquanto estiverem em superioridade numérica, não precisam de o fazer — retorquiu Hope.

— Mas não por muito tempo. — Arthur indicou a aproximação da Primeira Divisão. — Seja como for, julgo que será a qualidade e não a quantidade a sair vitoriosa.

Devolveu a atenção à batalha a tempo de ver os seus homens a disparar a segunda salva alguns segundos antes do inimigo, tendo mais homens caído de ambos os lados. O fumo encheu o ar entre a linha e as colunas, fundindo lentamente tudo numa única massa, iluminada a partir do interior pelo clarão alaranjado de cada salva, à medida que os soldados disparavam às cegas. Era este o teste derradeiro a cada exército, pensou Arthur. O lado que aguentasse tal tormento durante mais tempo seria o vencedor. Enquanto observava, notou com uma satisfação fria que os seus homens disparavam três salvas por cada duas do inimigo. Em breve os franceses deixavam de disparar salvas, passando a fazer soar constantemente os mosquetes, à medida que cada homem recarregava e disparava a um ritmo diferente dos outros.

Ouviu-se o estrondo de cascos quando Somerset chegou a galopar. Parou e desmontou, as faces afogueadas pelo esforço no ar frio. Tocou no chapéu, numa saudação a Arthur e ao general Hope.

— A Primeira Divisão já tinha saído de St-Jean-de-Luz quando lá cheguei, milorde — relatou. — Alcancei-os na estrada e tenho estado a incentivá-los desde então. — Virou-se e observou as linhas de batalha, e depois as formações reunidas do exército de Soult, a menos de um quilómetro a norte. — Bom Deus, não temos hipótese.

— Acha que não? — Arthur ostentou um sorriso de esguelha. — Veremos.

As figuras dos feridos ligeiros recuavam ao lado das colunas francesas e os que se encontravam nas colunas, que avançavam para tomar o lugar dos abatidos, olharam-nos com nervosismo. Depois, Arthur viu um dos homens na retaguarda da coluna mais próxima virar-se e afastar-se da formação. Outros seguiram-se, passando por um sargento furioso que lhes gritava para regressarem às posições. Os homens à cabeça da coluna começavam a recuar, deixando de preencher os espaços deixados pelos mortos. Lentamente, as colunas francesas recuaram, afastando-se da nuvem espessa de fumo, deixando na sua esteira os mortos e feridos deitados na lama. Durante algum tempo, os oficiais e os sargentos tentaram detê-los, mas não havia qualquer vontade de voltar a avançar contra o fogo devastador das tropas aliadas.

Assim que os oficiais britânicos e portugueses se aperceberam de que já não havia fogo inimigo, ordenaram aos seus homens que cessassem fogo, que levassem as baixas para a retaguarda e que voltassem a formar as alas. Enquanto o fumo se desvanecia, Arthur observou as brigadas francesas fustigadas voltarem a formar-se na base da encosta. Uma figura a cavalo, com a casaca ricamente ornamentada com cordões de ouro, percorreu a

linha, a arengar para os homens e a apontar o braço para a elevação. Arthur sorriu para consigo. Imaginava a fúria de Soult. O dia começara bem para os franceses, mas o terreno alagado, os bloqueios naturais ao longo das estradas pelas quais decidira avançar e a coragem das tropas aliadas tinham-lhe detido os ataques.

O som dos tambores voltou a fazer-se ouvir e, desta vez, Soult avançou com os seus homens, bradando palavras de encorajamento enquanto desembainhava o sabre e o brandia em frente. A encosta lamacenta, já revirada pela cavalaria e pela infantaria nos ataques anteriores, era agora um paul brilhante e os homens tinham dificuldade em manter o equilíbrio, enquanto se esforçavam por avançar. Atrás de Arthur, a primeira brigada da Primeira Divisão chegara à elevação e assumia a sua posição na encosta oposta. As formações seguintes já saíam da estrada para formar nos flancos.

Arthur dirigiu-se ao general Hope.

— Eles que avancem para a elevação. Estarão em segurança, pois não há artilharia inimiga em campo. Os homens do Soult que os vejam.

— Sim, milorde.

O frágil ataque francês debateu-se mais um pouco encosta acima, enquanto outras tropas britânicas surgiam no cimo da elevação. Soult parou, embainhou a espada e observou o número crescente de defensores. Depois deu meia-volta e regressou para junto do exército, gritando uma ordem para os oficiais por quem passava. Momentos depois, os tambores silenciaram-se e as brigadas francesas fizeram alto. Arthur e os outros oficiais observaram e aguardaram, num silêncio tenso. Depois, os franceses começaram a dar meia-volta e a regressar encosta abaixo.

Um coro de assobios e troças fez-se ouvir entre os homens na elevação e Hope falou bruscamente para um dos ajudantes de campo:

— Não vou tolerar tal indisciplina! Vá lá e dê ordens para que fiquem em silêncio.

— Não — interrompeu Arthur. — Deixe que se divirtam. Eles merecem. Além disso, os gritos servem para aumentar o desconforto do inimigo. Deixe que os seus homens se divirtam, Hope.

— Sim, milorde — retorquiu o general, com relutância.

Quando o resto da Primeira Divisão se formou na cumeada, os franceses começaram a recuar para lá de Barroilhet, deixando um grupo de escaramuceiros a defender a aldeia. Arthur ordenou a Hope que fizesse avançar piquetes e que depois dispersasse os homens.

— Talvez desta vez seja melhor fortificar a sua posição — acrescentou, num tom seco. — Não me importo de perdoar os erros a um homem, conquanto ele aprenda de imediato com eles. Imagino que tenha sido bem claro.

— Perfeitamente. Farei tudo o que for necessário, milorde — redarguiu Hope. Depois tossicou e prosseguiu, num tom fanfarrão: — Foi por pouco. O Soult é um belo comandante.

Quase ao seu nível, milorde.

— Se o diz — replicou Arthur, desdenhoso. Ficou irritado com a comparação, e com a tentativa de Hope de passar a culpa da sua incompetência ao comandante. Mesmo assim, Arthur acalmou-se. O corajoso exemplo de Hope acalmara os homens no momento decisivo. — Mas deixe-me que lhe explique a grande diferença entre o Soult e eu. Quando ele fica em dificuldades, as tropas dele não o salvam. As minhas salvam-me sempre. — Fez uma pausa e prosseguiu, entre dentes: — Mesmo que os oficiais não o façam.

O general Hope anuiu, satisfeito, grato por ter salvado a reputação. Depois virou-se para dar ordens ao estado-maior. Somerset olhou para as últimas tropas francesas que passavam pela aldeia mais além.

— Tenciona perseguir Soult?

Arthur ficou em silêncio por um instante.

— Não. Não nos vai servir de nada. Pouco se vai conseguir com este tempo. O Soult vai retirar para Bayonne e instalar-se nos quartéis de inverno. Os nossos homens estão cansados e precisam de tempo para descansar e para se reequiparem. A questão vai ficar resolvida no próximo ano. Tanto aqui, como no Norte. — Esboçou um sorriso. — Os dias de Bonaparte estão contados, Somerset. Não duvide.

CAPÍTULO 47

Arthur fez deslizar sobre a secretária as duas moedas de cinco francos em direção a Somerset e depois recostou-se outra vez na cadeira.

— Diga-me qual é a falsificação.

Somerset cerrou os lábios enquanto olhava fixamente para as duas moedas de prata, depois pegou em ambas, uma em cada mão, e examinou-as de perto, sopesando-as enquanto o fazia. Ambas continham a marca de cunhagem de cinco anos antes. A única diferença era que uma parecia ligeiramente menos usada do que a sua companheira. Somerset baixou a outra moeda e levantou a mais brilhante.

— Esta.

Arthur bateu com a mão na mesa e riu-se.

— Errado!

Estava deliciado com o erro de Somerset. Antes nesse dia, Wilkins, um sargento dos fuzileiros, anteriormente residente na prisão de Newgate e responsável por uma pequena equipa de falsificadores, tinha-lhe mostrado as duas moedas. Wilkins pedira-lhe que escolhesse entre as duas moedas e Arthur, tal como o seu ajudante, tinha errado na escolha da falsa e divertia-se agora a reproduzir a Somerset a explicação de Wilkins para o engano.

— Está a ver, a moeda foi manchada com café. Dá a ilusão de ter sido usada, ilusão que dura o tempo suficiente para passar a moeda através de várias mãos antes de levantar suspeitas.

Somerset pegou na moeda e voltou a examiná-la.

— Muito inteligente. O sargento Wilkins e o seu pessoal fizeram um belo trabalho. Temos muita sorte em ter homens assim connosco.

— Sorte? — Arthur ergueu a sobrancelha. — Neste caso, sim, mas nunca me convenceram quanto à vontade do exército de recrutar pessoal entre a escumalha que nos infesta as prisões.

Somerset sorriu.

— A perda de Newgate é o nosso ganho, milorde.

— É certo, mas tremo só de pensar nos usos que podem ser dados a tão exímias competências em tempo de paz. Seja como for, o Wilkins relata que ele e os seus homens cunharam moedas francesas suficientes para nos assegurar a compra de mantimentos durante pelo menos um mês. Por essa altura, espero que o tão prometido ouro chegue de Inglaterra.

Somerset tufou as faces, revelando a sua dúvida. O seu ceticismo era, provavelmente, justificado, refletiu Arthur. Quase todas as promessas que lhe haviam sido feitas pelo governo nos últimos anos tinham sido sujeitas a alterações, atrasos ou recusas. A falta de ouro representava, de momento, a ameaça mais séria à sua campanha. Os condutores das

mulas que carregavam a maior parte dos mantimentos do exército não eram pagos há três meses e os soldados ainda há mais tempo.

O marechal Soult tinha os seus próprios problemas, descobrira Arthur graças aos locais. Sem capacidade para alimentar o seu exército de sessenta mil homens e a população de Bayonne, Soult vira-se obrigado a deixar uma guarnição e a deslocar o grosso do exército mais para o interior. Quando os dois exércitos se instalaram nos seus quartéis de inverno, os civis circulavam livremente entre eles, transportando vinho, pão, carne e queijo de Bayonne e regressando com açúcar e café, que chegavam nos primeiros navios mercantes ingleses a entrar no porto de St-Jean-de-Luz. Ainda assim, era um mercado de venda e os elevados preços praticados pelos camponeses eram ainda mais agravados pela sua recusa em aceitar os dólares de prata que o exército usara em Espanha. Fora por isso que surgira a pequena empresa de falsificação que Arthur tinha montado num armazém bem guardado no porto, onde Wilkins e os seus homens derretiam a moeda espanhola, adicionavam uma pequena quantidade de metais de base e depois forjavam, terminavam e envelheciam as moedas francesas. Assim que se misturavam com as outras moedas francesas no cofre de guerra do exército, estavam prontas para entrar em circulação. Arthur conseguira ampliar o seu abastecimento de moeda francesa trocando moedas por notas do Tesouro britânicas em alguns bancos em Bayonne. Tinha ficado satisfeito com a vontade que os banqueiros mostravam em participar nestes negócios com uma potência inimiga, mas, a bem da verdade, a corrupção dos banqueiros ultrapassava consideravelmente o seu sentido de patriotismo.

Guardou as moedas na gaveta e dirigiu a atenção para o ponto seguinte na lista de tarefas administrativas em que ele e Somerset estavam a trabalhar.

— Fardas. Então? Como decorre o programa de substituição?

— Lentamente. Foram poucos os carregamentos que já chegaram ao porto. As marés de inverno estão a atrasar os envios de Southampton. Até agora, conseguimos juntar um conjunto de equipamento novo para duas divisões do Hope. Ele enviou um regimento de cada vez ao porto para levantarem as novas fardas. A que eles deixam é lavada e atribuída aos homens de Hill para servir de remendos.

— Ótimo. — Arthur acenou a cabeça afirmativamente. Os homens de Hill, sendo os que se encontravam posicionados mais longe do porto, eram os últimos a obter qualquer tipo de suprimentos, uma vez que as estradas ao longo do país estavam em grande medida intransitáveis. As mulas utilizadas para carregar os mantimentos tinham pouca forragem e rapidamente se cansavam devido ao esforço que tinham de despender para atravessar a lama e chegar à ala certa do exército aliado.

— Certifique-se de que algumas das formações de reserva do Hill são chamadas ao porto para virem buscar o novo equipamento. É melhor não deixarmos que os homens tenham a triste ideia de que uma formação está a ser favorecida em relação a outra.

— Sim, milorde. — Somerset baixou a cabeça para escrever uma nota rápida.

— Avancemos então para a requisição de embarcações mercantes para a travessia do Adour. Como se está a dar o major Simpson?

O oficial de engenharia tinha sido encarregue de assegurar navios suficientes para auxiliar a construção de uma ponte marítima através da embocadura do rio Adour. Assim que a ponte estivesse pronta, os homens do general Hope poderiam contornar Bayonne quando voltasse o bom tempo e a campanha continuaria, enquanto a coluna principal do exército aliado levava Soult para leste.

— O Simpson enviou requisições para todos os portos até Santander e para alguns dos portos franceses mais próximos. Os donos dos barcos não perderam o interesse. A única dificuldade é que querem pagamento em ouro ou prata.

— Não me surpreende de todo — replicou Arthur, num tom melancólico. — Diga ao Simpson que lhes podemos oferecer um terço agora, um terço na chegada e um terço quando a ponte estiver completa.

Somerset ergueu o olhar e inspirou.

— Podemos dar-nos a esse luxo, milorde?

— Temos como assegurar o pagamento inicial. Será suficiente para os levar até lá. Depois terão de esperar na fila pela vez deles de receber, como todos nós. Seja como for, quando os barcos estiverem ao alcance da nossa artilharia, há pouca coisa que eles possam fazer para mudar a situação. Não é muito ético, bem sei, mas é o que tem de ser. — Arthur abanou a cabeça, revelando o cansaço que sentia. — É tudo por esta manhã?

— Sim, milorde.

— Então vamos terminar. Pode ir. Diga ao Wilkins que peça aos seus homens que terminem o trabalho o mais rapidamente possível. O exército precisa de ser aprovisionado. Pode não faltar muito para começarmos a marchar, dependendo dos acontecimentos.

— Acontecimentos, milorde?

Arthur apontou com a cabeça para alguns jornais franceses que tinham chegado ao quartel-general nessa manhã.

— Até os boletins de Bonaparte admitem que ele está a recuar para a fronteira francesa. Se nos estamos a aproximar da fase final, nesse caso é vital que cumpramos o nosso dever aqui no Sul da França, evitando que Bonaparte retire quaisquer reforços a Soult. — Arthur olhou fixamente para o ajudante de campo com uma expressão determinada. — O fim aproxima-se, Somerset. Bonaparte não consegue manter à distância os exércitos combinados dos seus inimigos. A guerra vai terminar antes do final do ano.

— E depois, milorde?

— Depois? Depois vamos para casa. — Arthur acenou com a mão. — Bom, agora vá-se embora.

Quando a porta se fechou atrás de Somerset, Arthur levantou-se e caminhou até à janela. Olhou à distância, para os desembarcadouros varridos pela chuva e pelo vento, agora a abarrotar de embarcações, a maioria britânicas, livres para irem e virem graças ao domínio da costa francesa por parte da Marinha Real.

O que aconteceria a Bonaparte quando a guerra acabasse? Arthur sabia que o seu exército, quase sem exceção, ficaria satisfeito por ver o imperador destronado e "descapitalizado", como eles diziam. Por seu lado, Arthur sabia que havia pouco interesse pelo regresso dos Bourbons entre o povo francês e, por isso mesmo, estava disposto a permitir a continuação de Bonaparte no poder, desde que o seu exército e as suas ambições pudessem ser contidos em segurança. Arthur sorriu para consigo. Independentemente do que ele próprio estivesse disposto a aceitar, duvidava que os aliados orientais da Inglaterra fossem tão misericordiosos.

O tempo húmido continuou pelo resto de dezembro até ao Ano Novo. A maioria dos soldados aliados estava aboletada em casas particulares junto ao porto e nas pequenas aldeias a sul de Bayonne e do rio Adour. Alguns batalhões não tiveram tanta sorte e tiveram de se desenvencilhar com celeiros e quaisquer abrigos que pudessem encontrar. Os restantes dormiam nas suas tendas, agora puídas e a deixar entrar água após meses de campanha. Contudo, se o conforto era parco, os seus dias eram, pelo contrário, repletos de um conjunto de prazeres familiares. Existiam várias mulheres recetivas entre aquelas que seguiam os acampamentos, prontas a servir os seus apetites carnais, jogos grosseiros de futebol para serem jogados em campos enlameados, e para os mais letrados havia ainda a oportunidade de ler o que conseguissem encontrar e de escrever para casa, para as suas famílias, e para as famílias dos analfabetos, em nome deles, por uma pequena remuneração. Os oficiais organizavam peças e recitais e promoviam refeições, com cada uma das brigadas a tentar superar a anterior quando lhes cabia a vez de ser a anfitriã. O Natal foi celebrado com o fervoroso entusiasmo dos homens que sabiam bem que podiam não voltar a ver-se e os cânticos entoados à beira das fogueiras nos acampamentos transportavam até aos ouvidos de Arthur uma espécie de melancolia acolhedora, enquanto ele circulava pelo exército a apresentar cumprimentos natalícios aos soldados.

Enquanto os homens aproveitavam ao máximo o tempo de pausa da campanha, Arthur trabalhava horas a fio à secretária, incitando os oficiais de mantimentos para assegurar que preparavam o exército para a campanha de guerra que se avizinhava, e que ele esperava pudesse ser a última. Além desse fardo, também tinha de enviar mensagens cada vez mais concisas para o governo em Londres, explicando porque fora obrigado a parar. Os políticos pareciam não ter qualquer compreensão pelos problemas logísticos provocados pela lama numa guerra. Para eles, a lama era pouco mais do que uma inestética acumulação no calçado,

que os obrigava a entregar as botas ao empregado para limpar.

Nos inícios de janeiro, estava Arthur atarefado a esboçar ainda mais uma resposta para os governantes políticos, quando lhe chegou uma mensagem através do correio regular de Southampton. O comandante do navio, um jovem tenente muito excitado, trouxe-lhe a missiva em mão. Depois de lhe entregar a mensagem oficial selada, não conseguiu ficar calado.

— Fantásticas notícias, milorde. Já se sabe na Europa inteira e não se fala de outra coisa.

— A sério? — respondeu Arthur num tom seco, ao que tamborilou com os dedos na mensagem. — Importa-se?

— O quê? Ah, claro. Peço desculpa, milorde.

O tenente estacou, a morder a língua, enquanto Arthur, casualmente, quebrou o selo, desdobrou o documento e começou a ler. Somerset, sentado a uma secretária mais pequena num canto da sala, mal podia conter a curiosidade. Quando Arthur acabou de ler, ergueu o olhar.

— De facto, são boas notícias. — Dirigiu-se a Somerset. — Parece que os nossos aliados orientais atravessaram o Reno três dias antes do Natal. Começaram a invasão da França. Bonaparte não tem homens suficientes para fazer mais do que uma retirada defensiva. — Arthur baixou a carta. — Está na altura de agir e os nossos aliados urgem-nos a renovar a ofensiva. Contudo, não podemos avançar enquanto o tempo e o terreno estiverem contra nós. Entretanto, temos de preparar o exército para levantar acampamento e marchar contra os franceses. Nunca depois de meados de fevereiro.

— E as estradas, milorde? E se continuarem intransitáveis?

Arthur considerou a possibilidade por um momento.

— Quando a última linha estiver à vista, nessa altura que se dane a lama! Teremos de avançar de qualquer maneira.

No mês seguinte, as corporações de Hill deixaram os acampamentos de inverno e avançaram para monitorizar as atividades do resto do exército. Ao mesmo tempo, a flotilha de barcos contratados e de pequenos navios começou a subir a costa de St-Jean-de-Luz até à foz do Adour. O tempo estava moderado, limpando o céu e contribuindo para o bom humor de Arthur, agora que a campanha estava de novo em movimento. Sob a proteção da artilharia de uma fragata e de uma bateria no sul do rio Adour, os engenheiros começaram a ancorar as embarcações lado a lado no estuário, montando através dos conveses uma estrada de madeira. A margem mais afastada estava mal defendida e o inimigo recuou assim que a primeira ronda de tiros caiu sobre eles.

No final do primeiro dia, a ponte estava quase completa e a brigada portuguesa tinha desembarcado na costa mais afastada com uma mancheia de armas e uma bateria de morteiros. Arthur cruzara o rio para supervisionar a montagem da cabeça da ponte, quando

se deu uma troca de fogo de mosquetes na estrada de Bayonne. Pouco depois, um soldado regressou a trote para dar conta da aproximação de uma coluna inimiga. O coronel Wilson, comandante da brigada, formou imediatamente os seus homens ao longo da estrada para defender o pequeno grupo de engenheiros na plataforma de desembarque da margem norte. A artilharia e os mosquetes estavam a postos numa pequena colina sobre o rio e Arthur fez um gesto a Somerset para que o seguisse, dirigindo-se às duas baterias para terem uma melhor visão.

A leste, a estrada curvava-se como uma serpente ao longo do solo ondulante e Arthur podia ver pequenas plumas de fumo onde os combatentes portugueses trocavam fogo com a infantaria ligeira que avançava em linha à frente da principal coluna francesa.

— Uma divisão, segundo me parece.

— E cavalaria, ali, mais para a retaguarda, milorde — indicou Somerset tranquilamente. — Pode causar-nos alguns problemas.

Arthur olhou para a ponte de barcos. Ainda havia um buraco de uns cem metros entre os barcos ancorados e a margem do rio. A última das embarcações teria ainda de ser colocada em posição e depois a ponte seria instalada sobre os conveses. Demoraria pelo menos mais umas três horas antes de as primeiras tropas poderem marchar através do Adour. Isso queria dizer que tinham de aguentar e lutar ou dar a ordem para abandonar a cabeça da ponte até que uma força maior pudesse desembarcar para afastar os franceses. Se perdessem a margem norte do Adour, talvez levassem dias para a reconquistar. Arthur viu o coronel Wilson olhar de relance para si e compôs a expressão do rosto, ficando parado para dar oportunidade a Wilson de tomar a decisão certa. Seguiu-se uma pausa, ao que Wilson se voltou para o inimigo e ordenou aos homens que avançassem para onde o terreno estava mais aberto e onde teriam oportunidade de formar uma linha suficientemente longa para utilizar todos os mosquetes em resposta ao inimigo que se aproximava.

Não passaram mais de dez minutos até que os soldados portugueses regressaram a trote estrada abaixo, ocupando a sua posição do lado esquerdo da linha. De onde se encontrava, Arthur conseguia agora ver os escaramuceiros franceses, avançando decididamente através do campo, até estarem ao alcance da linha portuguesa. Tiveram pouco tempo para incomodar os homens de Wilson antes da chegada do resto da coluna francesa, marchando agilmente. O comandante da primeira brigada mandou a coluna fazer alto e começou a posicionar-se à frente dos portugueses.

— Isto vai ser interessante — comentou Somerset. — Esperemos que os nossos aliados consigam aguentar sozinhos.

— Vão conseguir — garantiu Arthur com firmeza. — São homens experientes, tão bons quanto a nossa própria linha de infantaria. Além disso, não estão completamente sozinhos. — Indicou a artilharia e os morteiros. Pouco depois, a bateria de artilharia começava a

disparar os primeiros tiros. O alcance era curto e o solo estava suficientemente molhado para absorver a maior parte da energia, enquanto as sólidas bolas de ferro embatiam na terra, levantando pelo ar bocados de erva até pararem finalmente bem perto do inimigo. O capitão responsável pela bateria, Mosse, deu ordem às equipas para aumentar a elevação e os disparos seguintes acertaram no alvo, abrindo caminho através da linha francesa.

Arthur dirigiu a atenção à bateria de morteiros. Os canais de lançamento eram apoiados por uma simples estrutura em A de ferro, que podia rapidamente ser levantada ou baixada através de um perno corrediço para mudar o ângulo de disparo. As equipas tinham carregado os primeiros morteiros e estavam agora recuadas, com os sargentos a segurar os cordões que acionavam os sistemas de disparo com pederneira.

Voltando-se novamente para as linhas de batalha, Arthur viu que os franceses ainda não tinham feito qualquer tentativa de avanço.

— Do que estarão à espera? — interrogou-se Somerset.

— Da cavalaria. Quando alcançarem a cabeça da coluna, imagino que vão tentar contornar o flanco esquerdo de Wilson. Se isso acontecer, nesse caso a brigada vai ser obrigada a formar em quadrado. Aí, a infantaria deles avançará. Isto poderá dar a vantagem ao inimigo, a menos que se faça alguma coisa. — Puxou as rédeas e levou a montada até ao comandante da bateria de morteiros.

— Hughes, não é?

— Sim, milorde.

— Os seus morteiros têm um alcance de duas milhas, segundo creio.

— Está correto, milorde. Claro que a essa distância não têm grande precisão.

— Não têm precisão a nenhuma distância — redarguiu Arthur laconicamente. — Por isso, fiquemos satisfeitos por o inimigo nos proporcionar um alvo tão grande. Bom, está a ver a cavalaria inimiga?

O tenente Hughes olhou para leste e assentiu.

— Nesse caso, aponte-lhes as armas, por obséquio. Vejamos o que conseguem esses mecanismos.

O oficial riu-se e levou a mão à aba do chapéu antes de se afastar para ordenar aos seus homens que alinhassem os tubos para um alvo distante. Quando tudo estava pronto, deu ordem para lançar o primeiro morteiro. O sargento deu um forte puxão no cordão de disparo, a fecharia da pederneira estalou com um clarão e uma pequena espoleta cuspiu faíscas por segundos antes de a carga se incendiar. Com um rugido áspero e sibilante, o morteiro saltou do tubo com um jato brilhante de fogo e uma nuvem de fumo. Arthur observou a trajetória espiralada do morteiro, enquanto este atingia o ponto mais alto do arco, para em seguida começar a descer em direção à coluna francesa. Explodiu com um clarão e uma baforada branca alguma distância acima do inimigo. Arthur viu vários soldados caírem com os

estilhaços, enquanto outros se baixavam, obrigando a coluna a parar.

— Muito bem! — Arthur riu-se para Hughes. — Isso travou-os. Queira prosseguir o bom trabalho.

— Com prazer, milorde.

O segundo morteiro perdeu-se sobre o rio, onde embateu na água perto da ponte dos barcos. Hughes pareceu atrapalhado antes de se virar para supervisionar o morteiro seguinte. Teve melhor sorte com os dois que se seguiram, com o segundo a cair mesmo no meio do regimento de cavalaria, derrubando pelo menos uma dúzia de cavaleiros e dispersando outras centenas quando os cavalos se afastaram da arma desconhecida. Ao mesmo tempo, a bateria de artilharia continuava a fustigar a linha francesa, que ainda não se movera, à espera da cavalaria. Um estrondo distante desviou a atenção de Arthur para a margem sul do Adour, onde mais baterias aliadas estavam posicionadas. A distância era grande, mas o fogo cruzado rapidamente causou danos enquanto cada tiro abria caminho pelo flanco esquerdo do inimigo.

Somerset apreciava o espetáculo e batia na coxa com alegria cada vez que um dos morteiros explodia acima ou entre os inimigos. O efeito no espírito do inimigo era bastante superior aos danos provocados e em breve a coluna parava, enquanto os homens e os cavalos se espalhavam ao compasso dos morteiros que iam espiralando na sua direção com um silvo agudo.

Arthur levou a mão ao alforge para tirar o telescópio e observar as fileiras desfeitas da coluna francesa. Procurou o general inimigo e não pôde deixar de sorrir ao vê-lo cerrar os punhos e gritar com os seus homens. Cada vez que começava a retomar o controlo, um novo morteiro gorava-lhe o trabalho e, por fim, tirou o chapéu e atirou-o para o chão em sinal de frustração. Depois de aguentar meia hora de bombardeamento, ele finalmente cedeu e a coluna deu meia-volta e apressou-se a recuar pela estrada de Bayonne. As tropas portuguesas só conseguiam ver a linha de homens à sua frente e soltaram uma longa aclamação assim que o inimigo voltou a formar as colunas e seguiu os companheiros.

Arthur baixou o telescópio com um sorriso de satisfação.

— E pronto. Acho que não vamos ter mais problemas com a cabeça da ponte. Diga ao general Hope que o bloqueio de Bayonne pode começar assim que as suas corporações acabarem de rodear a cidade.

— Sim, milorde.

— Quanto a nós, regressemos para junto de Hill. — O sorriso de Arthur desvaneceu-se enquanto pensava na fase seguinte da campanha. — Depois, de volta à dura marcha. Desta vez, vamos cair sobre Soult e derrotá-lo de uma vez por todas. Com o Sul da França nas nossas mãos e o Norte a ceder aos aliados, o nosso amigo Bonaparte vai ser apanhado no meio. Esperemos que o homem tenha o bom senso de admitir a derrota. — Arthur olhou

fixamente para os cadáveres franceses amontoados na estrada de Bayonne e prosseguiu em voz baixa: — Acredite, Somerset, não há nada que eu mais queira do que ver o fim do massacre que tem acontecido em nome dele.

CAPÍTULO 48

Napoleão

Paris, 24 de janeiro de 1814

Um tom azul frio cobriu a cidade à medida que a escuridão foi caindo. Napoleão afastou-se da janela do gabinete nas Tulherias e olhou sobre a praça pública à frente dos portões. Apenas uma mancheia de pessoas ainda deambulava pela vastidão empedrada, sozinhas ou aos pares, agasalhadas nos seus casacos enquanto um vento frio soprava pela cidade. Alguns pedintes acumulavam-se no exterior dos portões, esperando conseguir algumas moedas de quem passava, tentando vislumbrar o imperador. Havia poucas hipóteses disso, pensou amargamente Napoleão. O risco de algum louco o tentar alvejar era demasiado grande. Depois do seu regresso a Paris, três semanas após o desastre de Leipzig, o ministro da polícia de Napoleão, o general Savary, relatou a descoberta de várias conspirações.

A maior parte era suficientemente inócua — grupos de aristocratas ressabiados que enviavam cartas a denunciar Napoleão e a declarar a sua lealdade à causa Bourbon. Esses eram mantidos sob vigilância e quaisquer contactos que tivessem eram prontamente anotados. Outras conspirações eram mais perigosas. Grupos de oficiais do exército que planeavam coagir o imperador a pedir a paz, ou que planeavam derrubá-lo. Os agentes do ministro estavam ocupados a compilar provas contra estes, preparando as detenções. Tais oficiais estavam destinados a uma cela escura numa prisão remota, ou a ser encostados a uma parede na fria luz da madrugada e fuzilados. Havia ainda uma minoria de traidores que planeava matar Napoleão, e o seu herdeiro também, se possível. Havia poucos interesses comuns entre os grupos. Alguns pretendiam a restauração da monarquia Bourbon, outros pretendiam um regresso aos valores e instituições dos primeiros anos da Revolução. E havia aqueles que simplesmente pretendiam vingança por um agravo passado.

Quaisquer que fossem as suas causas, Napoleão fazia o possível para se assegurar de que estava protegido contra todos e não se expunha a mais perigos do que o necessário. Desde o seu regresso, tinha-se aventurado poucas vezes fora das Tulherias, não contando as visitas a St-Cloud para ver a imperatriz e o seu filho. O palácio tinha um ar acossado, e os parisienses já não se aglomeravam em multidões para aclamar o imperador. A maior parte deles estava já a preparar o futuro, certificando-se de que não apoiavam um regime que poderia cair a qualquer momento. Ainda assim, a atração exercida pela reputação de Napoleão, e os pronunciamentos otimistas dos jornais, asseguravam-se de que o povo não se atrevia a questionar abertamente se os dias do imperador estavam contados.

Voltou-se lentamente, afastando-se da janela e atravessando a sala para se sentar à secretária. No dia seguinte teria de abandonar a capital para regressar ao exército, ou ao que

restava dele, pensou amargamente. Depois de Leipzig, os soldados exaustos tinham sido obrigados a fazer uma retirada a seguir a outra, acossados pelos exércitos aliados que lhes mordiam os calcanhares como sabujos farejando a caça. No final do ano, a França dispunha de uns meros oitenta mil homens para contrariar quase o quádruplo desse número numa frente que se prolongava desde o Mar do Norte aos Alpes. Em Itália, o príncipe Eugénio, também em inferioridade, estava a aguentar. No Sul, Soult debatia-se para conter o recém-promovido marechal de campo Wellington, que tinha já atravessado a fronteira francesa.

Napoleão sorriu um instante. Em breve Wellington seria enfrentado. Dois meses antes assinara um tratado com o príncipe Fernando, devolvendo-lhe a coroa espanhola em troca de uma aliança contra a Grã-Bretanha. Assim que Fernando tivesse recuperado o poder, então os seus soldados voltar-se-iam contra os britânicos e Wellington seria forçado a retirar. Isso libertaria Soult e o seu exército para marchar para norte.

Ainda assim, eram precisos mais homens para preencher as fileiras do Grande Exército e Napoleão emitira um decreto para mobilizar mais de novecentos mil homens para defender a pátria. Nem um décimo desse número tinha respondido à chamada, irritou-se Napoleão.

— O que querem eles? — resmungou. — Um anafado rei Bourbon no trono? Aristocratas que lhes suguem o sangue? Os padres de Roma a reclamar os dízimos? Porque não lutam eles para se salvarem? — Bateu com o punho fechado contra a secretária e repetiu em voz alta: — Porquê?

Os que se tinham juntado ao exército estavam mal equipados devido à escassez de mosquetes e fardas. Os regimentos de cavalaria eram os mais afetados, uma vez que havia tão poucas montadas em França.

A porta do escritório foi aberta e um amanuense espreitou com nervosismo.

— O que foi? — bradou Napoleão.

— Eu… eu pensei que o ouvi chamar por mim, *sire*.

— Não. Estava só a pensar em voz alta. Saia… não! Espere. O meu irmão e os generais Savary e Berthier já chegaram?

— Não, *sire*.

Napoleão carregou a expressão.

— Bem, mande-os entrar assim que chegarem ao palácio. Entendido?

O amanuense inclinou a cabeça e saiu do gabinete, fechando a porta silenciosamente atrás de si.

Ainda que José e o general Savary soubessem a razão pela qual tinham sido convocados, Napoleão pretendia assegurar-se de que eles compreendiam integralmente as suas intenções para o governo de França, no caso de lhe acontecer alguma coisa. Berthier assumiria a tarefa de gerir a guerra na ausência do imperador. Os anos de guerra constante e a tarefa exaustiva de traduzir as disposições do imperador em ordens e de lhe proporcionar os detalhes mais

minuciosos da força e localização de cada unidade no Grande Exército tinham custado o seu preço a Berthier. Depois de Leipzig, voltara a França um homem arrasado e apenas desempenhara tarefas ligeiras. Alguns dos outros marechais ainda estavam a recuperar de ferimentos sofridos em Leipzig. Os que ainda serviam no exército estavam cansados da guerra e alguns tinham incentivado abertamente Napoleão a pedir a paz. Murat retirara-se para o seu reino de Nápoles e mantinha um silêncio sinistro, não tendo respondido a um único pedido do seu senhor imperial para o ajudar na defesa da França.

A porta do gabinete abriu-se novamente e o amanuense entrou.

— O general Savary, o marechal Berthier e sua alteza José estão aqui, *sire*.

Napoleão olhou-o.

— Chegaram juntos?

— Sim, *sire*.

— Na mesma carruagem?

— Não sei, *sire*. Estavam juntos quando entraram na antecâmara.

— Entendo. — Napoleão sentiu uma desconfiança súbita. Se tinham chegado juntos, nesse caso era óbvio que tinham viajado juntos para o palácio. Porquê? Que razão teriam para se encontrarem antes de acorrer ao imperador? Napoleão expirou devagar. Corria o perigo de ver conspirações em todo o lado.

— *Sire*?

Napoleão apercebeu-se de que o amanuense tinha ficado à espera da sua resposta. Acenou.

— Faça-os entrar.

O amanuense desapareceu e pouco depois ouviu-se o som de passos. José vinha à frente. Savary vestia um casaco liso, tal como vinha fazendo desde que assumira o posto de ministro da polícia. Berthier vinha também com roupas civis. Napoleão tinha-se acostumado de tal maneira a vê-lo de uniforme que ficou de certo modo surpreendido. Berthier parecia pálido e magro e o cabelo estava tingido de cinzento. Napoleão fez-lhes sinal para as cadeiras a um lado da sala.

— Tragam-nas e sentem-se.

Esperou até que os três homens se tivessem sentado antes de prosseguir.

— Fiz tudo o que estava ao meu alcance para preparar o exército para esta campanha. A França deu-me tudo o que tem para defender o seu solo sagrado, e eu vou encontrar e derrotar os seus inimigos, e enviá-los de volta para lá do Reno. Que nenhum homem duvide disso. — Fitou cada um deles, atrevendo-os a desafiar a sua vontade. — Amanhã, ao romper do dia, irei juntar-me ao exército. Enquanto eu estiver fora, tu, meu irmão, serás nomeado vice-governador dos meus domínios. Foi por isso que te chamei a Paris.

José assentiu prontamente.

— Podeis confiar em mim, *sire*.

— Tal como fiz em Espanha?

José enrubesceu, mas manteve a boca fechada para impedir qualquer expressão da sua mágoa e raiva. Napoleão não sentia qualquer desejo de confortar o irmão. A situação era demasiado arriscada para o perdão.

— Desta feita, vais limitar-te aos assuntos civis. O general Savary irá ser os teus olhos e ouvidos nos salões públicos e privados de Paris. Se houver alguma dissidência, ou oposição aberta contra o regime, então o general irá lidar com ela, recorrendo a qualquer poder e força que sejam necessários. A autoridade do general Savary na manutenção da ordem e no esmagamento dos meus inimigos é absoluta, está compreendido?

José assentiu.

— Ótimo. — Napoleão voltou-se para Berthier. — Quero que se encarregue do recrutamento de soldados para a campanha, e que se assegure de que eles estão equipados. Aceita?

— Com certeza, *sire* — respondeu Berthier calmamente. — Nunca falhei no meu dever para com o meu país. No entanto…

Napoleão ergueu a sobrancelha.

— No entanto?

Houve uma curta pausa antes de Berthier pigarrear e se debruçar ligeiramente.

— *Sire*, tenho seguido os acontecimentos tanto quanto possível durante a minha convalescença. A guerra está a correr mal para a França. Há dois dias ouvi que Ney, Victor e Marmont tinham sido forçados a retirar para cá do Meuse.

— Está correto — admitiu Napoleão. — Foi imperativo fazê-lo. Estão a retirar pelas linhas de abastecimento, enquanto o inimigo está a prolongar as suas a cada passo que avança. Eu teria preferido tomar a ofensiva, mas as exigências estratégicas impedem-no. Por conseguinte, atraímo-los para uma armadilha. Neste momento, eles dividiram-se em três exércitos, cada um dos quais poderá ser derrotado, conquanto os consiga manter separados e lidar com um de cada vez.

Berthier fechou os olhos e abanou ao de leve a cabeça antes de responder.

— Mas, *sire*, irá sofrer desgaste a cada batalha, e as probabilidades de vitória ficarão cada vez mais desfavoráveis. Além disso, muitos dos regimentos do exército estão aquém da sua força. Para ter uma hipótese de defender a França, terá de encontrar muitos mais homens.

— Que é o que estou neste momento a fazer — retorquiu Napoleão, num tom de desafio. — Assim que o rei Fernando ratificar o tratado de paz entre a Espanha e a França, nessa altura dezenas de milhares de homens ficarão disponíveis. E mais ainda, assim que Murat enviar reforços de Nápoles. Entretanto, estão a formar-se duas divisões em Lyon. Elas irão marchar para norte e reforçar-me assim que eu ordenar.

— São apenas garotos e velhos, *sire*. Muitos deles ainda nem sequer têm fardas, nem mosquetes. Não podem ser consideradas unidades de linha.

— Estamos todos na linha, Berthier. Cada alma em França tem estado na linha da frente a partir do momento em que o inimigo atravessou a nossa fronteira. Mas fique tranquilo, eu apenas irei combater ações de retardamento até ao momento em que possa atacar cada um dos seus exércitos com vantagem.

— Mesmo que isso signifique retirar até Paris, *sire*?

— Mesmo assim — concedeu Napoleão.

Berthier voltou a recostar-se na cadeira. Suspirou.

— Nesse caso temos de preparar as defesas da capital, *sire*. O povo tem de estar preparado para o pior. Temos de juntar rações para alimentar a população e a guarnição, e de instalar todos os canhões disponíveis nas muralhas e nos fortes.

— Não. — Napoleão abanou a cabeça. — Se as pessoas pensarem que Paris vai ser atacada, então isso apenas vai redundar em pânico e fortalecer a mão desses traidores que procuram rebaixar a França. Não haverá qualquer tentativa para preparar defesas. No tocante às pessoas, elas estão a salvo do inimigo. Isso está perfeitamente entendido?

— Sim, *sire* — respondeu pacientemente Berthier. — Mas se, apenas como hipótese, o inimigo for capaz de avançar o suficiente para atacar Paris, o que faremos então?

— Nessa eventualidade, não haverá qualquer tentativa de abandonar a cidade. A guarnição e o povo resistirão ao invasor até ao último fôlego, e, se necessário, devemos ser enterrados sob as ruínas.

Fez-se silêncio na sala enquanto Berthier mirava o imperador, e depois trocou olhadelas rápidas com os outros. Pigarreou.

— *Sire*, isso não é uma estratégia. Não há honra, ou propósito, num governante que arrasta uma civilização para a sua destruição. Depois do que aconteceu a Moscovo, podeis estar certo de que o czar irá destruir alegremente Paris por vingança. Não podemos arriscar a capital, ou o seu povo, desta forma. Ou dá a ordem para preparar Paris para um cerco, ou, se decidir que não pode ser defendida, ela tem de ser declarada uma cidade aberta.

Napoleão fitou o subordinado, surpreendido naquele momento com o seu arrojo. Se Berthier, de todas as pessoas, se atrevia a falar-lhe desta forma, então o seu poder sobre os seguidores não era assim tão firme como supunha. Seria melhor procurar uma solução conciliatória, concluiu.

— É possível que o inimigo consiga avançar até Paris — concedeu. — Talvez seja prudente evitar batalhas nas ruas, caso haja vantagem em agir de outra forma. Mas tem razão, meu caro Berthier, será melhor evitar baixas civis desnecessárias. Afinal de contas, todos pagam impostos. — Soltou uma gargalhada e os outros esboçaram sorrisos em resposta. — Tendes as vossas instruções, cavalheiros. Deposito em vós a minha absoluta confiança para

que mantenham a ordem durante a minha ausência. Savary, Berthier, podem sair.

Os dois oficiais levantaram-se das cadeiras e saíram. Ao abandonarem a sala, Napoleão descontraiu-se com um suspiro e sorriu então para o irmão mais velho. José devolveu o sorriso, hesitante.

— Reconforta-me saber que posso confiar em ti, José. Posso confiar-te o meu império enquanto vou combater os inimigos da França. Também posso confiar que tomes conta da minha mulher e filho?

— Claro.

Napoleão perscrutou o irmão.

— Somos tão diferentes, em tantos aspetos. És um homem de opinião ponderada, e de gentileza. Errei ao obrigar-te a ficar com a coroa de Espanha. Era um fardo demasiado pesado. Agora percebo isso. Deveria ter usado os teus talentos de forma mais sensata.

— Servi-te o melhor que pude, em tudo o que me pediste.

— Eu sei. Sempre te fui grato por isso.

— Mesmo quando não o mostraste?

Napoleão sorriu com tristeza.

— Mesmo então.

O tom de mágoa na voz de José era claro e, por momentos, Napoleão não foi capaz de encarar o irmão. Em vez disso, pegou no decantador de vinho e encheu dois copos, fazendo o primeiro deslizar cuidadosamente sobre a mesa na direção do irmão.

— Diz-me sinceramente, o que me aconselhas a fazer?

José fitou-o um instante e depois encolheu os ombros.

— A guerra está perdida. Os aliados propuseram-te condições… generosas, dadas as circunstâncias. Porque não as aceitas, enquanto há tempo para salvar o trono?

Napoleão ergueu as sobrancelhas. Era verdade que pelo menos alguns dos seus inimigos estavam preparados para discutir a paz em termos justos. Tanto a Inglaterra como a Áustria se tinham oferecido para acabar com a guerra se a França aceitasse as fronteiras que tinha no dealbar da Revolução. Napoleão poderia manter o trono, mas teria de renunciar à autoridade sobre a Confederação do Reno, bem como a todos os territórios em Itália. Abanou a cabeça.

— Não. Se eu aceitar essa paz, o povo de França nunca me irá perdoar. Além disso, o czar e o rei da Prússia não aceitariam a paz nesses termos. Eles querem a minha cabeça. Seja como for, estamos a passar ao lado do ponto fulcral.

— Sim?

— Os aliados estão divididos em dois campos: os interesses da Inglaterra e da Áustria são incompatíveis com os da Rússia e da Prússia. É por isso que estão tão dispostos a oferecer a paz. Precisam da França — precisam de mim — para manter o equilíbrio de poder na Europa. Essa é a sua fraqueza, aquilo que eu pretendo explorar. Não percebes,

José? Se eu conseguir manter a guerra por tempo suficiente, então a aliança contra mim irá quebrar-se. Eles voltar-se-ão uns contra os outros e nós seremos salvos. Nessa altura poderei fazer a paz com quem bem entender. Nas minhas condições. — Sorriu com frieza. — Quando eu ganhar, a História irá dar-me razão.

José abanou a cabeça.

— Temo que estejas enganado. Estás a apostar tudo na esperança, na débil esperança, de que os nossos inimigos se irão virar uns contra os outros antes de te derrotar. É loucura correr esse risco quando te oferecem a paz.

O fardo dos últimos meses de atividade frenética pesava bastante sobre Napoleão, e a perspetiva de uma discussão amarga com o irmão fazia-o sentir-se bastante cansado e pesaroso. Suspirou.

— Tomei a minha decisão. Delineei os meus planos. Não os vou alterar agora. Não nego que podem correr mal, mas ainda não sinto que o destino me tenha abandonado. Portanto, meu irmão, irei para a guerra e tu e os outros vão governar a França em meu lugar. Posso contar contigo?

José assentiu sem entusiasmo.

— Nesse caso, o assunto está resolvido. Salvo por uma pequena tarefa que tenho para te pedir.

Os olhos de José semicerraram-se.

— O que é?

— É possível que eu seja derrotado. Que eu venha mesmo a ser morto no campo de batalha. Em qualquer dos casos, não suportaria a ideia de o meu filho vir a ser criado como príncipe austríaco. Preferiria que lhe cortassem a garganta. Compreendes? Em nenhuma circunstância deverá ele, ou a sua mãe, chegar vivo às mãos do inimigo.

José não conseguiu ocultar a repulsa que instintivamente sentiu perante o pedido.

— Não sou um assassino.

— Não é assassínio. É misericórdia que te peço. Se o pior acontecer, então poupa o meu filho, a minha carne e o meu sangue à indignidade de negar a sua verdadeira identidade. Peço-te que me prometas isso. Jura-me que darás a ordem. Pela tua honra.

— Não! — José levantou as mãos. — Pede-me o que quiseres, mas isso não.

Napoleão fitou-o um pouco e depois afundou-se na cadeira.

— Muito bem. Terei de pedir a outro. Mas custa-me que tu, de todas as pessoas, me negues este sossego antes de eu ir para a guerra.

— Custa-me que o meu irmão, de entre todas as pessoas, me peça para cometer um ato tão monstruoso. — José levantou-se repentinamente. — Agora, se a minha presença não é mais necessária, *sire*, eu saio.

Napoleão olhou-o com frieza.

— Então sai.

O irmão voltou-se e avançou para a porta, abrindo-a de rompante e batendo-a com estrondo atrás de si, sem sequer olhar para Napoleão. A sala ficou silenciosa, salvo o murmúrio cavo do vento no exterior enquanto soprava sobre a cidade escurecida.

CAPÍTULO 49

Arcis-sur-Aube, 20 de março de 1814

O oficial de engenharia aproximou-se de Napoleão e do marechal Ney e fez continência.

— A ponte está reparada, *sire*. O exército pode atravessar assim que dê ordem.

— Muito bem, capitão. O senhor e os seus homens deram-me uma grande satisfação. Transmita-lhes os meus agradecimentos.

— Com certeza, *sire*. — A satisfação do engenheiro com o elogio espelhava-se-lhe no rosto. Engoliu nervosamente em seco. — E… e estou certo de que eles lhe desejam uma rápida vitória, *sire*.

— Isso pode demorar um pouco mais a conseguir. — Napoleão esboçou um sorriso. Virou-se para Ney, banindo instantaneamente o outro homem dos seus pensamentos. — Mande o Sebastiani e a sua cavalaria primeiro. Têm de pressionar o avanço e proteger a cabeça da ponte. A Guarda pode passar a seguir.

Ney fez uma saudação com a cabeça para acatar a ordem e depois respondeu:

— Ainda não temos a certeza da força que enfrentamos a leste, *sire*. O que eu não daria para ter Murat e os seus homens connosco agora. Que excelente cavalaria… — Ney olhou rapidamente de soslaio para o imperador e a expressão negra deste paralisou-lhe de imediato a língua.

— Nesse caso é uma vergonha para ambos que Murat nos tenha negado os seus bons serviços — replicou Napoleão com amargura. Só tinham passado duas semanas depois da chegada das notícias de Itália. O marechal Murat, cunhado do imperador, a quem Napoleão oferecera o reino de Nápoles, tinha desertado para os aliados. Tinha-se visto pouca da raiva que Napoleão em tempos teria soltado ao ouvir as notícias da traição de Murat. A raiva rapidamente tinha dado lugar ao desprezo e à repulsa. Napoleão esperava com ardor viver tempo suficiente para ter a sua vingança. Não apenas contra Murat, mas também contra o recém-coroado Fernando de Espanha. Apesar do tratado que assinara com Napoleão em Valençay, Fernando não mantivera uma das promessas que tão levianamente fizera e a Espanha ainda estava em guerra com França.

A vingança teria de esperar, refletiu. Era um luxo que teria de se negar até que os invasores tivessem sido expulsos do solo francês. Os exércitos aliados continuavam divididos, avançando corajosamente através das zonas norte e leste de França, confiantes na força dos seus números. Como consequência, Napoleão tinha tido a oportunidade de atacar várias vezes as colunas demasiado extensas desde que assumira o comando das suas forças, no final de janeiro. Apesar de a neve, e de a lama consequente, ter atrasado os movimentos em ambos os lados, Napoleão tinha a vantagem do apoio do povo francês que, sempre que

podia, tinha vindo ajudar a empurrar as armas através da lama ou tinha sabotado pontes e obstruído estradas para atrasar o inimigo. Ainda que já não mostrassem alegria e lealdade incondicionais na sua presença, ele podia continuar a contar com o ódio e a resistência aos inimigos.

De momento, Napoleão necessitava de qualquer fragmento de ajuda que pudesse contribuir para encobrir a clara minoria dos seus soldados. Enquanto marchava com Ney contra os austríacos do general Schwarzenberg, Marmont tentava travar as aproximações a Paris, lutando contra dois exércitos prussianos. Napoleão contemplava a hipótese de abandonar a capital à sua sorte e concentrar todas as forças para um ousado ataque massivo que percorresse as linhas de comunicação dos inimigos. Seria uma medida desesperada, mas não havia esperança em nenhuma outra estratégia — militar ou diplomática — se Paris caísse em mãos inimigas. Os aliados tinham acabado de anunciar que estavam dispostos a aceitar simplesmente a paz com a França e já não se colocava a questão de reverter para as fronteiras pré-revolução, sob o domínio de Napoleão. O seu reino seria confiscado e os aliados ditariam os termos a França, caso se saíssem vitoriosos.

Napoleão tossiu para limpar a garganta e dirigiu-se a Ney calmamente.

— As patrulhas de Sebastiani relatam que a principal coluna austríaca está cinquenta quilómetros a norte. Enfrentamos a retaguarda. Se conseguirmos avançar suficientemente depressa para forçar uma batalha, nesse caso será possível subjugá-los. Não há nada com que se preocupar.

— Não estou preocupado por mim, *sire* — respondeu Ney impacientemente e gesticulou na direção das colunas de soldados à espera da ordem para avançar. — Mas não podemos dar-nos ao luxo de perder os poucos homens que temos enfrentando o inimigo.

— Perderemos alguns. — Napoleão encolheu os ombros. — O truque é garantir que eles perdem mais, muitos mais, do que nós.

— Eles podem dar-se a esse luxo, *sire*.

— Mas não indefinidamente. Enquanto estivermos decididos a lutar contra o invasor, temos a vantagem de linhas internas de fornecimento e uma unidade de decisão e propósito, algo que uma aliança nunca tem verdadeiramente. Por isso, continuaremos a enfiar-nos no meio deles, até que a aliança se fragmente.

— E se tal não acontecer?

Napoleão obrigou-se a sorrir.

— Então, meu caro Michel, certamente o mais bravo de entre os bravos não perdeu a vontade de lutar?

— Não duvideis da minha coragem, *sire*. Mas também sou um homem de julgamento racional e pergunto-me o que estamos a fazer aqui. — Fez uma pausa e depois, com uma expressão cansada, abanou a cabeça. — Devia ter aceitado a oferta de paz.

Napoleão fitou-o com um olhar gelado.

— É demasiado tarde para isso. Temos de fazer o que podemos com as ferramentas que temos. Agora, ordene aos seus homens que atravessem o rio.

Os lábios de Ney comprimiram-se e olhou fixamente para o imperador antes de puxar as rédeas e dirigir o cavalo em direção à formação de soldados de Friant que liderava.

Bem cedo durante a tarde, Napoleão atravessou a ponte e reuniu-se com Ney e a Guarda quando se aproximavam da aldeia de Torcy-le-Grand, aninhada nos campos de cultura ligeiramente acidentados. À sua frente, a paisagem campestre estava pontilhada com as patrulhas de cavalaria, sempre atentas a um sinal do inimigo. Vindo de leste, um crepitar distante de pequenas armas acompanhava a brisa gelada e Napoleão apontou na direção do som.

— Mande investigar isto imediatamente. É suposto o inimigo estar a sul.

— Sim, *sire*.

Enquanto Ney enviava uma ordem para Sebastiani na linha da frente, Napoleão desviou a atenção para os homens da brigada com os quais estava a cavalgar. Eram soldados de uma das unidades recentemente formadas. Havia uns quantos veteranos, tal como denotavam as divisas nas mangas, mas a maioria eram novos recrutas, selecionados nos campos de treino para se juntarem diretamente à Guarda Imperial. A única experiência de batalha que tinham eram as poucas últimas semanas de campanha. Um punhado de homens gritou uma saudação ao imperador quando o cavalo passou a trote, mas a maioria limitou-se a ficar pasmada a olhar para ele, ou a fitar o chão à sua frente conforme o iam pisando, curvados sob o fardo dos mosquetes e das mochilas. O esforço das marchas forçadas durante os dias e noites frios de inverno era evidente nas suas expressões sombrias e dormentes. Estes homens teriam de aguentar as agruras de campanha melhor que os inimigos, caso quisessem vencer e salvar a França e o trono do imperador.

Nunca as probabilidades lhe tinham sido tão contrárias, refletiu Napoleão. E, ainda assim, sentia entusiasmo da convicção de que tinha de ganhar de alguma forma. A pura força de vontade tinha-o levado a dominar a Europa e ele preferia morrer a ter de se rebaixar a homens menores.

O som de disparos aumentou e Napoleão olhou para leste, onde um regimento de hussardos de Sebastiani galopava por uma série de pequenas elevações em direção ao som das armas. Além deles, recortadas contra o céu nublado, estavam as patrulhas de sentinelas que tinham ficado para trás. Uma dor aguda de ansiedade instalou-se na boca do estômago de Napoleão. Segundo os relatórios, não era suposto haver ameaça de leste. No entanto, alguma coisa fizera com que a cavalaria ficasse para trás e levara Sebastiani a concentrar as suas forças.

Com um bater de cascos abafado, Ney subiu a trote e estacou.

— Parece que as patrulhas deixaram escapar uma coluna inimiga, *sire*. Já era de esperar, tendo em conta a pouca cavalaria de que dispomos para ocupar os campos.

— Não arranje desculpas para os seus oficiais — repreendeu Napoleão. — Alguém vai ter de responder por esta incompetência.

Ney olhou-o com azedume.

— Nesse caso que seja eu, *sire*. Os homens só valem aquilo que vale o seu comandante.

— Não seja dissimulado comigo, Ney. Se pensarmos bem, e seguindo a sua lógica de argumentação, chegaremos à conclusão de que eu sou, afinal de contas, o homem responsável.

Ney nada disse por um instante, depois olhou para trás em direção às elevações de terreno e falou calmamente:

— Os responsáveis serão sempre chamados a responder, de uma maneira ou de outra.

Antes de Napoleão poder responder, o som de cornetas cortou o ar gelado. Quando as últimas sentinelas e patrulhas francesas regressaram para trás a trote em direção à coluna principal, os primeiros inimigos começaram a aparecer. Usavam os capacetes emplumados dos couraceiros e os pesados casacos que cobriam as armaduras faziam-nos parecer enormes e formidáveis. Esquadrão após esquadrão, foram aparecendo no cume, onde pararam.

O marechal Ney deteve imediatamente a sua coluna e virou as tropas para enfrentarem a ameaça, enquanto a cavalaria de Sebastiani se retirava para os lados da linha de infantaria. A artilharia ainda estava presa na lama, na margem longínqua do rio, e Napoleão maldisse a oportunidade perdida de infligir aos cavaleiros austríacos uma derrota esmagadora. O seu mau humor aumentou quando uma bateria de artilharia a cavalo se juntou ao inimigo no cume e, rapidamente, os canos atarracados dos obuses foram apresentados aos franceses.

— Chegou o momento — resmungou Ney, e passou uma vista de olhos pela linha. — Rezo para que os homens aguentem firmes.

Pouco depois viu-se uma breve série de clarões e baforadas de fumo e, após um breve instante de atraso, o som dos obuses do inimigo foi transportado encosta abaixo, mais agudo do que o urro do canhão. Houve uma explosão de laranja e vermelho mesmo sobre as cabeças da companhia de infantaria, cerca de cem passos à esquerda de Napoleão, e vários homens caíram, como se tivessem sido esbofeteados por uma mão invisível. Mais munições rebentaram por cima dos homens ou embateram no solo enlameado, com espoletas emitindo faíscas antes de detonarem, lançando salpicos de lama e fragmentos de ferro contra os homens colocados na área. Enquanto os artilheiros austríacos recarregavam e disparavam o mais depressa que podiam, as baixas foram-se amontoando na linha francesa e Napoleão reparou que os homens eram lentos a moverem-se e a fecharem as brechas que se abriam,

fitando, horrorizados, os obuses.

— Eles não vão aguentar muito mais — constatou Ney, enquanto observava os homens do batalhão mais próximo a desmoronarem-se, alguns já mesmo a afastarem-se para a periferia.

Ouviu-se um baque muito próximo e Napoleão olhou atentamente na direção do som. Uma munição tinha caído mesmo em frente dos homens mais próximos, a companhia de granadeiros. Os homens tiveram um momento de hesitação, com terror nas expressões, e tentaram afastar-se da feroz e efervescente espoleta que ardia no topo do invólucro esférico de metal. Napoleão esporeou com os calcanhares e sacudiu as rédeas selvaticamente. Com um relinchar agudo, o cavalo virou-se para a munição e galopou em frente. Passaram-se alguns segundos até alcançar a granada, mas Napoleão apenas teve consciência de uma serena tranquilidade da mente, que parecia tornar mais vagarosa a passagem do tempo, enquanto se apercebia de inúmeros pormenores da linha de soldados vacilantes mais atrás, impressões das botas e dos cascos no solo macio, e finalmente a horrível protuberância de metal negro e as faíscas.

— *Sire*! — gritou Ney, alarmado. — Mas que raios está o senhor…

Nesse momento o cavalo de Napoleão ficou diretamente sobre a granada e seguiu-se um clarão e um ribombar que ele sentiu como uma pancada, transmitida através do corpo do cavalo por baixo de si. Tinha fumo nos olhos e na boca, e os ouvidos ficaram dormentes, e a sela começou a desaparecer debaixo de si enquanto o cavalo sucumbia, morto instantaneamente pela explosão. Napoleão largou as rédeas e esforçou-se por se levantar da sela. Mãos agarraram-lhe os braços e puxaram-no de cima do cavalo, levantando-o. Ney fitava-lhe ansiosamente o rosto.

— *Sire*? *Sire*, está ferido?

Ainda atordoado e com os ouvidos a zumbir, Napoleão olhou à volta e viu que a explosão tinha desfeito a barriga e as pernas do cavalo. Intestinos, órgãos e sangue estavam espalhados de ambos os lados do corpo do animal. Todavia, o desgraçado animal tinha absorvido a força completa da explosão e mais ninguém tinha ficado ferido. Napoleão sacudiu as mãos que o apoiavam e ajeitou o chapéu.

— Estou bem — anunciou. — Não estou ferido.

Ney olhou por cima dele e abanou a cabeça.

— O que é que lhe passou pela cabeça, *sire*?

Napoleão teve de se concentrar antes de conseguir ordenar uma resposta.

— Os homens estavam a ceder. Além disso, se não o tivesse feito, ambos estaríamos mortos. Era a coisa mais lógica a fazer. Agora, arranje-me outro cavalo.

— Lógica? — Ney ostentou uma expressão de desagrado e depois rebentou numa gargalhada. — *Sire*, pela minha saúde, o senhor tem uns tomates de aço!

Os homens a quem Napoleão acabara de salvar a vida juntaram-se à gargalhada, ao que

um gritou: — Viva Napoleão! Viva o Imperador!

O grito ecoou pela linha, enquanto os homens gritavam ao ver que ele estava vivo. Napoleão subiu para a sela da montada que um dos oficiais de Ney rapidamente lhe dispensou e ergueu o chapéu bem alto, acenando com ele na direção das elevações.

— Aquele é o vosso inimigo! Este é o vosso imperador! A providência divina está connosco! Avancem e obriguem-nos a recuar!

Ney berrou a ordem, que instantes depois foi difundida ao longo da linha, e a infantaria francesa começou a avançar em direção às colinas, gritando o nome de Napoleão o mais alto que conseguiam. A cavalaria austríaca tinha formado em linhas, pronta a carregar, e as suas armas ainda cuspiam munições contra os franceses que se aproximavam, causando mais baixas. Mas o ânimo dos homens estava agora alto e eles continuaram a avançar, com as baionetas empunhadas contra o inimigo, soltando os seus gritos de batalha, sem prestarem qualquer atenção aos violentos clarões de fogo, enquanto as munições rebentavam por cima ou entre eles. À medida que os seus homens se aproximavam do inimigo, Napoleão viu os artilheiros rapidamente a engatar os obuses e a recuar pelo lado oposto das elevações. A cavalaria permaneceu, como se o comandante inimigo não se conseguisse decidir quanto ao que fazer a seguir. Por fim, a coragem venceu a precaução. Quando os dois lados não estavam a mais de duas centenas de passos de distância, as cornetas austríacas soaram a ordem de avançar.

Os cavalos deram um passo em frente e depois moveram-se agilmente, passando do trote para o meio galope, os freios a tinir e os cascos retumbando, sentindo-se a vibração no solo. Ney parou a sua linha e deu ordem de preparação para receber a carga da cavalaria. A linha da frente colocou um joelho no chão, segurando as coronhas dos mosquetes firmemente contra o solo, deixando as pontas das baionetas apontadas para a cavalaria que se aproximava, formando um aglomerado de aço pontiagudo. As fileiras da retaguarda ajustaram os percutores e fizeram pontaria.

— Fogo! — bradou Ney e a ordem foi repetida imediatamente, enquanto chamas e fumo atingiam o inimigo. Da sua sela, Napoleão viu dezenas caírem de cima das selas e tombarem no chão. Os restantes continuaram a esporear em frente, empurrando as lâminas pesadas e afiadas contra os franceses, enquanto estes tentavam atacar, arrastando-se no solo enlameado. A segunda e a terceira fileiras trocaram de posição e mais uma rajada de fogo rebentou com a aproximação dos austríacos a cinquenta passos dos homens de Napoleão. Cavalos e homens tombavam, forçando outros a terem de os contornar ou encontrar outras posições, criando ainda mais confusão, quando o ataque foi forçado a parar a uns meros vinte passos dos expectantes homens de infantaria.

— É isso mesmo, rapazes! — vociferou Ney, enquanto dava murros no ar. Deem-lhes com força!

Dispararam mais uma salva. Desta feita, o alcance era tão curto que foi difícil falhar e mais de uma centena de cavaleiros inimigos foi eliminada. Napoleão cavalgou em frente para se juntar aos seus homens e viu que os austríacos das fileiras mais atrás já começavam a dispersar, apressando as montadas de volta à elevação. O pânico passava de homem para homem e em breve todos os elementos sobreviventes da cavalaria estavam a recuar. Um punhado de oficiais, com as bandeiras de regimento, tentavam reunir os homens no cume, mas estes passavam por eles e continuavam.

A linha francesa continuou a avançar, atravessando os amontoados de cadáveres de homens e cavalos, disparando alguns tiros de misericórdia para acabar com o sofrimento de alguns cavalos feridos que esperneavam, em agonia e terror, evitando assim também que provocassem mais ferimentos com os cascos reforçados com ferro.

Ney freou para ficar ao lado de Napoleão, a expressão marcada pela excitação.

— Viu-os? Ah! Fugiram como coelhos. Isto vai fazer muito bem ao moral dos nossos rapazes.

Napoleão respondeu-lhe também com uma risada. Sentia o coração a bater depressa e a excitação familiar com a possibilidade da vitória e, acima de tudo, com a esperança de que ainda poderia vir a vencer os inimigos.

— Aumente o ataque, enquanto a cavalaria deles está desordenada.

— Sim, *sire*.

— Esta será uma coluna inimiga a menos com que teremos de lidar.

A expressão de Ney tornou-se mais sóbria.

— Uma, sim. Mas quantas mais haverá?

— Fique ciente de uma coisa, meu amigo, independentemente do número que houver, enquanto as forem enviando uma a uma para nós, no final a vitória será nossa.

— E se eles não forem imprudentes ao ponto de fazerem isso?

Napoleão afastou-se e não lhe deu resposta, mantendo o olhar em frente. Ney tinha razão em temer que o inimigo aprendesse com os erros e concentrasse as forças. Napoleão tinha esperança de conseguir infligir danos suficientes para forçar uma pausa e uma possível retirada. Se tal acontecesse, poderia apresentar-se ao povo francês como seu salvador e poderia até ganhar tempo suficiente para reorganizar o exército, de modo a encarar o inimigo em maior igualdade de circunstâncias no ano seguinte.

A parte racional da sua mente troçava dele por tais esperanças. Havia muito na sua estratégia que dependia de o inimigo ser absolutamente imbecil e de os seus homens terem um desempenho comparável ao dos mais impecáveis soldados que alguma vez comandara. Não tinha nem sequer uma hipótese em dez de vencer esta campanha, disse para consigo. E ainda assim… o que poderia ele fazer?

Os pensamentos de Napoleão foram interrompidos por Ney, que avançara um pouco mais

e chegara ao cume da elevação. De ambos os lados, a linha tinha estacado e os homens olhavam em frente em silêncio. Napoleão esporeou a montada e a meio galope juntou-se a Ney, pronto para repreender imediatamente os soldados por estarem a desperdiçar a hipótese de atacar um inimigo desordenado.

Em vez disso, as palavras morreram-lhe na boca ao deparar-se com a paisagem à sua frente. Milhares de soldados da infantaria inimiga e cavaleiros estavam a avançar pelo campo em direção à delgada linha francesa. Densas colunas ondulavam em caminhos e pelos campos. Longos comboios de armamento de campo e caravanas rodavam entre eles. Não tinham encontrado uma linha de defesa da retaguarda, mas a vanguarda principal do exército austríaco.

— Meu Deus — murmurou Ney. — Devem ser uns sessenta mil. Pelo menos.

Napoleão assentiu.

Ney escrutinou a horda que se aproximava por um momento. De cada lado, soldados franceses, que gritavam de alegria momentos antes, estavam agora em silêncio, perplexos com as tropas que marchavam na sua direção. A cavalaria que tinham derrotado já se estava a reunir no sopé da encosta e mais colunas de cavaleiros avançavam a meio galope para reforçar as fileiras.

— *Sire*, não podemos ficar e lutar. Temos de recuar, e já.

Napoleão virou-se para inspecionar a colina. A encosta era mais escarpada no lado mais distante. Pensou alto.

— Temos aqui uma boa posição. Se conseguíssemos trazer a artilharia aqui para cima, então…

— Não, *sire* — disse Ney com firmeza. — Não podemos ficar aqui. Vamos recuar subindo o rio até Arcis e rebentar a ponte.

Napoleão olhou-o fixamente.

— Ousa dar ordens?

— Sou o comandante destes homens — replicou Ney numa atitude de desafio. — Não vou ordenar-lhes que caminhem para uma morte sem sentido.

— São soldados. Farão o que o imperador lhes ordenar. Tal como o senhor.

— Não, não o farei. Sou eu que estou no comando e a minha ordem é de retirada. Pode ficar e lutar se quiser.

Sem esperar pela resposta de Napoleão, Ney puxou as rédeas e fez avançar a montada até aos oficiais do estado-maior.

— Recuem! Formar coluna e marchar para a ponte de Arcis. Ordenadamente. Não quero que isto se transforme numa confusão.

Napoleão olhou-o, furioso e sem palavras. Tinha o coração repleto de amarga indignação por Ney o desafiar daquela forma, mesmo à sua frente. Depois sentiu uma pontada de medo e

ansiedade. O que acontecera à sua autoridade? Porque é que a sua presença não parecia surtir já o efeito de comandar sem esforço a opinião dos outros? Observou Ney de esguelha e perguntou-se o quanto poderia ainda confiar nos seus marechais. Sentiu um estranho formigueiro no braço e olhou para baixo, vendo que a mão que segurava as rédeas estava a tremer. Olhou fixamente para ela por instantes e depois virou a montada para Ney.

— Assuma o comando — ordenou, num tom átono. — Vou regressar ao quartel-general.

— Sim, *sire* — respondeu Ney, com um breve aceno da cabeça.

— Mais tarde apresente-me o relatório. — Napoleão virou o cavalo e esporeou num galope, descendo a encosta em direção ao rio.

Napoleão permaneceu no quartel-general nos quatro dias seguintes, lendo ansiosamente os relatórios das patrulhas e dos comandantes dos exércitos em dificuldade, lutando para travar o avanço dos aliados. Depois do combate perto de Arcis, não tinha havido mais nenhuma informação de colunas aliadas isoladas suficientemente pequenas para Napoleão arriscar um ataque. O inimigo adaptara a estratégia, apercebeu-se sombriamente. Na tarde do quarto dia chegou uma mensagem de Marmont, informando o imperador de que não tinha como evitar que os aliados tomassem Paris. Napoleão convocou imediatamente o marechal Ney e atirou-lhe a comunicação.

— Leia.

Instalou-se na sua cadeira à beira do fogo e esperou enquanto Ney se concentrava na mensagem. Depois de algum tempo, o marechal devolveu-a a Napoleão, que a atirou para o fogo.

— Quero o mínimo de pessoas a par desta situação. Fui claro?

— Sim, *sire*. O que pretende fazer?

— Não há nada que eu possa fazer para salvar Paris. Os prussianos chegarão à capital pelo menos três dias antes de nós. — Napoleão fez uma breve pausa e depois encolheu os ombros. — Paris vai cair. Logo, faz sentido ordenar a Marmont que reúna os homens que possa e que abandone Paris e venha combinar as suas forças com as nossas.

— E depois?

— Marchamos para leste e abrimos caminho até ao Reno. Se cortarmos as linhas de fornecimento do inimigo, então ainda teremos oportunidade de forçar um armistício e ganhar algum tempo.

— Para quê?

Napoleão olhou-o, surpreendido. — Ora essa, para continuar a luta, claro.

Ney suspirou.

— *Sire*, a guerra está perdida. Foi derrotado. A França tem de negociar as condições.

— Que se dane a França! — Napoleão bateu com a mão no peito. — *Eu* sou a França. Eu.

E não me vou render. Não enquanto respirar.

Ney devolveu-lhe o olhar fixo com uma expressão de calma, quase de pena.

— Se Paris cair, nesse caso eu vou conduzir as minhas próprias negociações com os austríacos.

— Como se atreve?

— Porque vou fazer aquilo que está certo, *sire*. — Ney endireitou as costas e fez uma vénia com a cabeça. — Mais alguma coisa, *sire*?

Os lábios de Napoleão cerraram-se numa linha fina enquanto observava o subordinado. Depois, quando se acalmou um pouco, abanou a cabeça.

— Isto é traição.

— Não, *sire*. A traição é cometida quando um homem trai os interesses da sua nação. Qualquer homem.

— Estou a ver. — Napoleão olhou-o com desprezo. — Nesse caso, é melhor partir e encontrar um comandante que ainda tenha a coragem de lutar.

Se Ney sentiu qualquer raiva em relação a esta desconsideração da sua bravura, não o demonstrou. Napoleão apontou para a porta.

— Agora, desapareça da minha vista.

Depois de Ney ter saído, Napoleão deixou-se cair na cadeira e fitou a lareira. Observou as lânguidas chamas a morrerem calmamente, perdendo o brilho enquanto a noite avançava e, finalmente, à meia-noite ordenou que lhe selassem a montada e que preparassem uma escolta de cavalaria pronta a partir em menos de uma hora.

Deixando Ney e os seus homens para trás, Napoleão e a escolta cavalgaram para sudeste, para garantir que não se cruzavam com nenhuma coluna inimiga perscrutando o interior de França. Pararam brevemente para descansar na noite seguinte e depois atravessaram o Sena e viraram para noroeste, em direção à capital. Aldeões e habitantes da cidade pararam surpreendidos por ver o imperador a passar e, apesar de alguns o terem saudado, Napoleão continuou a cavalgar sem parar. Não se atrevia a parar agora, não quando qualquer monarquista, encorajado pela aproximação dos aliados, se poderia atrever a atentar contra a sua vida.

Enquanto a tarde se transformava na última noite do mês, Napoleão chegou a Essonnes, a trinta quilómetros de Paris, e mandou chamar o comandante da guarnição para que fornecesse alimento e forragem para a escolta antes de começarem a última parte da jornada. Um oficial corpulento de cabelo ralo dirigiu-se a Napoleão quando este entrava no quartel-general da guarnição e descreveu uma vénia exagerada.

— *Sire*, é uma honra recebê-lo.

— Depois. Os meus homens e os cavalos precisam de ser alimentados antes de tomarmos a estrada para Paris.

— Paris? — O coronel fez uma expressão de desagrado. — Então ainda não sabe?

— Não sei o quê?

O coronel humedeceu os lábios nervosamente.

— Paris foi tomada, *sire*.

Napoleão olhou-o fixamente e depois abanou a cabeça.

— Não. Ainda não. Marmont disse que conseguia aguentar mais uns dias.

— *Sire*, o marechal Marmont rendeu-se na capital às primeiras horas da manhã. Paris está nas mãos dos prussianos. — O coronel apercebeu-se da expressão chocada do imperador e baixou o olhar, recusando-se a cruzá-lo com o de Napoleão. — Tenho uma cópia da proclamação oficial, *sire*. Deseja que a vá buscar?

— Não… não. Não é necessário. Se é como diz, nesse caso nada tenho a fazer em Paris. Só existe um sítio para onde ainda posso ir. — Napoleão obrigou-se a endurecer. — Apenas um sítio a partir de onde posso convocar os meus homens e marcar uma posição.

CAPÍTULO 50

Fontainebleau, 4 de abril de 1814

Os pátios do palácio, outrora reservados à corte imperial, estavam cobertos de tendas. A maioria eram abrigos improvisados cosidos à pressa por veteranos que sabiam bem a importância de qualquer espécie de abrigo contra os elementos. As outras pertenciam a oficiais e variavam em tamanho, de acordo com a patente. Por sorte, o inverno tinha terminado e os primeiros dias da primavera trouxeram céus limpos e temperaturas amenas para confortar os homens exaustos do exército francês. Dentro do palácio, o esplendor da decoração era completamente ignorado pelos oficiais do estado-maior e pelos correios, que iam e vinham, deixando rastos de lama nos soalhos bem revestidos e sobre os tapetes caros. A disposição era sombria e um silêncio sinistro tomava os homens sempre que o imperador emergia do seu gabinete.

Olhando para eles, Napoleão podia ver que muitos já tinham aceitado a derrota e estavam a desempenhar as suas tarefas apenas por força do hábito, à espera da ordem para finalmente parar. Não era capaz de os recriminar, ainda que eles estivessem no centro de um exército de sessenta mil homens. Todos os soldados e canhões disponíveis tinham sido concentrados em redor do palácio e os engenheiros tinham erguido fortificações para cobrir os acessos ao acampamento. Ainda assim, os aliados tinham o triplo desse número só em Paris, e outro exército estava a avançar lentamente vindo de leste. O marechal Marmont, tendo concordado com o armistício, estava ainda acampado algumas milhas a sul de Paris, mas tinha-se recusado a responder à ordem de Napoleão para se lhe juntar em Fontainebleau.

Depois de um pequeno-almoço apressado em que comeu pouco, Napoleão pedira aos marechais que se reunissem com ele no palácio. Da janela da sala de jantar preparada para o encontro, Napoleão observou-os a chegar, notando a sua postura pesarosa à medida que iam desmontando e subindo as escadas, guarnecidas com homens da Velha Guarda em sentido. Pelo menos ainda havia garra entre os praças, refletiu Napoleão. Quando visitara o acampamento nas duas tardes anteriores tinham-no aclamado com o mesmo entusiasmo de sempre, como que encorajados pela perspetiva de fazerem um derradeiro esforço contra o invasor. MacDonald foi o último dos marechais a chegar e, assim que atravessou a entrada, Napoleão enviou um amanuense para os chamar à sua presença.

Entraram em fila, silenciosamente, e tomaram os seus lugares. Napoleão fitou-os um a um, avaliando as expressões e aparência. Pareciam tão cansados como os seus homens. Alguns tinham encontrado fardas limpas para vestir neste encontro, mas a maioria estava salpicada de lama e Victor tinha o braço ao peito devido a um ferimento que sofrera algumas semanas antes. Napoleão pigarreou e esticou as mãos na mesa.

— Não há necessidade de introdução, meus amigos, vocês conhecem a situação. A pergunta é, o que devemos fazer agora? O exército ainda existe, o moral dos homens mantém-se elevado, e o povo de França não irá suportar a presença de um exército ocupante por muito tempo. Ainda sobra tudo para lutar. Preciso de decidir se arrisco uma batalha nas ruas de Paris, ou se tento uma manobra estratégica mais ampla e envolvo o flanco inimigo. Portanto, cavalheiros, preciso do vosso conselho quanto ao curso de ação que melhor nos serve.

Ninguém respondeu. Alguns trocaram olhares, enquanto outros olharam para baixo ou fixamente para um qualquer ponto da sala.

— Vamos lá, cavalheiros, falem livremente.

— Então muito bem, *sire* — respondeu Ney, rodando na cadeira para conseguir encarar o imperador diretamente. — Falo pela maioria dos marechais aqui presentes, incluindo os que não estavam… — os lábios franziram-se num esgar de desprezo antes de continuar — … preparados para enfrentar a verdade e o que precisa de ser dito.

— E o que é isso? — perguntou Napoleão.

— Que a França caiu. Os seus exércitos estão derrotados. O seu tesouro está exaurido. O povo quer paz. Não há esperança de vencer os aliados. Está à vista de todos. Até vós, *sire*, tendes de reconhecer o desespero da situação.

— Não é desesperada — contrapôs Napoleão, obrigando-se a manter a voz tranquila. — A sua memória está a atraiçoá-lo? A nossa posição era bem pior em Marengo, e não obstante acabámos por roubar a vitória ao inimigo.

— Marengo foi há muito tempo, *sire*. Éramos homens diferentes, lutando em solo estrangeiro. Se tivéssemos perdido a batalha, ainda teríamos tido oportunidade de ganhar a campanha. Agora? Paris está perdida. Não sobra nada para proteger. Não há razão para prosseguir a guerra.

— Há todas as razões! Enquanto o exército existir e nós dois vivermos. Enquanto qualquer um de nós conseguir pegar numa espada e cuspir em desafio para os nossos inimigos, há todas as razões para continuar a lutar!

Napoleão fitou-o, de olhos arregalados e enraivecido, mas Ney não cedeu e devolveu-lhe a mirada com segurança.

— Isso, *sire*, é a opinião de um homem que já não vê a guerra como um meio para atingir um fim, mas que a quer apenas para benefício próprio.

Napoleão estava espantado. Ney já o tinha desafiado antes, em privado, onde tais palavras podiam ser perdoadas e com o tempo até esquecidas. Mas isto? À frente dos seus pares, os oficiais de maior patente do império? O que ele se tinha atrevido a dizer jamais poderia ser retratado.

— Marechal Ney, está demitido. A sua patente e títulos são-lhe retirados, e está banido da

nossa presença para sempre. Deixe-nos agora, e não regresse nunca.

Ney foi incapaz de reprimir um sorriso.

— Não.

— Não?

— Não. A guerra terminou. Falo por todos nós. — Fez um gesto com a mão que abarcou os restantes oficiais sentados em torno da mesa. — Algum homem o nega?

Não houve resposta. Napoleão debruçou-se e apontou para MacDonald.

— O senhor jurou obedecer-me. Trair-me-ia agora, na hora em que mais preciso de si?

MacDonald relanceou o olhar para Ney e recebeu um aceno de encorajamento antes de responder.

— *Sire*, eu também jurei servir e proteger a França. Não posso honrar ambos os juramentos. O meu dever para com o meu país supera o meu dever para consigo, *sire*.

— Bah! — Napoleão dirigiu-se a Victor. — E o senhor?

— Partilho a opinião do marechal Ney, *sire*.

Napoleão olhou em seu redor.

— Não há aqui nenhum homem com honra? Então?

As palavras ficaram suspensas no silêncio que se seguiu, e depois Napoleão escarneceu.

— São todos uns cobardes. Se não me vão obedecer, então danem-se. Convocarei Marmont para liderar o exército às minhas ordens.

Ney abanou a cabeça e levou a mão ao casaco, puxando um papel dobrado.

— Tenho estado em contacto com Marmont desde que cheguei a Fontainebleau. Ele partilha do meu ponto de vista, *sire*. Na verdade, vai ainda mais longe. Recebi isto ao amanhecer. Marmont passou-se para os aliados com os seus homens. Talleyrand estabeleceu um governo provisório e emitiu um decreto para terminar o seu reinado.

— Dê-me isso!

Ney fez deslizar a mensagem pela mesa e Napoleão agarrou-a, desdobrou-a e analisou o conteúdo. Os lábios cerraram-se-lhe enquanto lia os pormenores. Atirou-a de volta e mirou os generais com desprezo.

— Então, nem um de entre os meus generais está disposto a lutar. Muito bem, terei de me desenvencilhar sozinho e promover mais homens valorosos de entre os oficiais que ainda conhecem o valor da lealdade e do patriotismo. Pelo menos não duvido que as fileiras ainda me irão obedecer.

— Não, *sire*. Eles irão obedecer aos seus marechais. Julgava que nós o viríamos confrontar sem antes ter conversado sobre isto com os nossos subordinados? *Sire*, se forçar o assunto, o exército vai virar-se contra si próprio — os oficiais contra os soldados. É assim que quer que isto acabe?

Napoleão cerrou os dentes. Sentia-se encurralado, e cerrou os punhos no colo enquanto

lançava um olhar de desafio aos oficiais. Depois afundou-se novamente na cadeira e pigarreou.

— Então o que querem que eu faça?

— Abdique — respondeu Ney prontamente. — Vá para o exílio.

— O quê?

— Abdique, na condição de o fazer apenas a favor do seu filho. Pelo menos dessa forma poupamos a França ao regresso dos Bourbons.

Napoleão considerou a ideia, ainda que o atingisse fundo na alma. A derrota era uma coisa, mas a humilhação era outra completamente diferente. A perspetiva de ser reduzido ao estatuto de prisioneiro, exilado para um qualquer fim de mundo europeu até ao fim da vida, era insuportável. Seria alvo da troça dos inimigos e da pena dos antigos amigos e súbditos, condenado a uma vida de insignificância prolongada. A noção indispô-lo. Por outro lado, enquanto um Bonaparte estivesse no trono, haveria como Napoleão exercer a sua influência e um dia retomar o poder. Olhou para Ney, tentando imaginar se o homem compreendia que uma tal abdicação apenas lhe iria limitar o poder temporariamente. Assumiu um ar resignado e acenou lentamente com a cabeça.

— Tem razão, meu caro Michel. Tenho de sacrificar o meu trono para o bem do meu povo. Ele não esperaria menos de mim.

A onda de alívio que percorreu os oficiais era palpável. Até a postura rígida de Ney se descontraiu por instantes, visto que não pôde deixar de sorrir perante o resultado do confronto entre os marechais e o seu imperador.

— *Sire*, o vosso povo ficar-vos-á eternamente grato por isto.

— E devem ficá-lo — respondeu Napoleão. — É melhor que preparemos uma proposta para os nossos inimigos.

— Já foi feito, *sire* — admitiu Ney. — Fiz com que Caulaincourt a redigisse assim que tive notícias de Marmont. Apenas precisa da vossa assinatura e depois o ministro dos estrangeiros e o marechal MacDonald partem para Paris.

Napoleão sorriu friamente.

— Quer-me parecer que planearam bem isto.

— Se o fiz, foi porque aprendi com um bom mestre.

O elogio foi um paliativo insuficiente que não enganou ninguém naquela sala. Napoleão ergueu-se da cadeira.

— Então está feito. Faça a sua proposta aos aliados e dê-me a conhecer o resultado. Permanecerei no palácio. Vocês, cavalheiros, estão dispensados. — Olhou em redor. — Apenas espero que tenham tomado a decisão certa. Caso contrário, França nunca vos perdoará. Pensem nisso.

Voltou-se e apressou-se para a porta, deixando Ney e os outros marechais a acertar os

detalhes das negociações com o inimigo.

Ao fim dessa manhã, Caulaincourt e MacDonald cavalgaram na direção dos postos avançados dos aliados. Durante dois dias negociaram com os comandantes dos exércitos que haviam conquistado Paris e estavam agora a aproximar-se dos restos do Grande Exército. Então reportaram a Napoleão, informando-o de que os aliados apenas aceitariam uma abdicação incondicional. A decisão sobre quem lhe haveria de suceder seria apenas deles.

Nos dias que se seguiram, à medida que os detalhes do seu destino iam sendo discutidos em Paris, Napoleão foi tomado por um desespero profundo. Não conseguia comer e sentou-se numa cadeira ao pé de uma pequena lareira, matutando em silêncio à medida que os criados iam e vinham sem fazer barulho, servindo e retirando refeições que arrefeciam, intocadas, nos tabuleiros.

De vez em quando, a mão de Napoleão deslizava por baixo da camisa e agarrava a pequena bolsa com beladona e heléboro que mantinha ao pescoço desde a retirada de Moscovo, quando tinha por tão pouco escapado às mãos dos cossacos. Os dedos envolveram suavemente a bolsa e pressionou o couro macio, sentindo o pó mortal contido no interior. Não havia grande deliberação na decisão. A sua morte iria privar os aliados do seu troféu, e havia satisfação a retirar dessa pequena vitória.

Fazendo passar o fino cordão de seda por cima da cabeça, Napoleão retirou a bolsa e desapertou-a com firmeza. Abriu o saco e olhou por um momento para o pó, branco como ossos moídos. Depois esvaziou-o num copo, com cuidado para não entornar nada, antes de nele verter algum do vinho aguado que tinha sido deixado no tabuleiro da refeição. Mexeu a mistura com um garfo e levantou o copo. Evitou cheirá-lo, não fosse isso fazê-lo hesitar e dar-lhe uma última desculpa para reconsiderar a decisão. Levou o copo aos lábios e bebeu de um trago, batendo com o copo na mesa quando terminou. Sentou-se então quieto, olhando fixamente para o vazio, chocado com a enormidade do ato. Sorriu ao recordar-se da sua coroação, de como tinha tirado a coroa imperial das mãos do papa e a tinha colocado sobre a própria cabeça, anunciando ao mundo que apenas Napoleão era digno de coroar Napoleão. Agora o mesmo princípio de grandeza se aplicava à sua morte. Apenas a sua mão era digna do ato. Esse pensamento acalmou-lhe o medo do esquecimento em que a sua mente seria lançada, não fosse a sua fama. Tossiu e depois chamou o criado.

— Vá buscar Caulaincourt. Traga-mo cá imediatamente.

— Sim, *sire*.

— Ele que traga papel e pena.

O criado fez uma vénia e afastou-se, deixando Napoleão a compor mentalmente o seu testamento.

Quando Caulaincourt apareceu, Napoleão já conseguia sentir o veneno a fazer efeito. Apesar da lareira, sentia frio e tremia. A pele começou a ficar húmida e o suor escorria-lhe

da testa. No interior, as entranhas contorciam-se dolorosamente e uma náusea dolorosa apertava-lhe a garganta.

— *Sire*, estais doente — disse Caulaincourt no momento em que se sentou à frente do imperador. — Deixai-me convocar o vosso médico.

— Não. Não é preciso. É demasiado tarde para isso. Estou a morrer.

— *Sire*! Vou buscar ajuda.

— Não! — O esforço de levantar a voz provocou-lhe um espasmo de dor e os traços de Napoleão torceram-se uns instantes, até ter passado o pior. O suor escorria-lhe pelas faces. — Tomei veneno. É o fim.

O ministro dos negócios estrangeiros olhou-o, horrorizado. Napoleão tocou-lhe na mão.

— Quero que escreva a minha declaração final. Não sei quanto tempo me resta. Portanto temos de começar. Depressa, Caulaincourt.

— Sim, *sire*. — Agitou a cabeça e sacou prontamente do bloco de apontamentos, apoiando-o sobre os joelhos e colocando a ponta do lápis no papel.

— Vou dar-lhe as linhas gerais e depois prepare o texto para consumo geral. Seja fiel à minha vontade, mas certifique-se de que o que fica está expresso com clareza e está bem redigido.

Caulaincourt assentiu.

— Muito bem. Quero que se saiba que nunca fui o incitador de guerras que os meus inimigos pintam. Tudo o que eu desejei foi paz e ordem entre os povos da Europa, mesmo se isso só se conseguisse atingir ao subordinar a sua vontade à minha. Acredito que os meus inimigos sejam tão magnânimos na vitória como eu fui quando triunfei sobre eles. Por conseguinte, todos os que enriqueceram sob o meu reinado não deverão cair em desgraça ou ser castigados a pretexto de qualquer lei que venha a ser imposta doravante. Isso inclui a minha família, o meu herdeiro, e aqueles galantes oficiais que tanto sacrificaram pela França. A sua glória não deve ser negada, por muito que a minha fama seja impugnada e denegrida. Eles prestaram bons serviços à França e a França deve honrá-los concomitantemente. — Fez uma pausa para ter a certeza de que Caulaincourt estava a acompanhá-lo e depois, reunindo as ideias, prosseguiu: — Se o meu filho, o ser mais querido desta terra, não vier a reinar depois de mim, então desejo que venha pelo menos a ser educado como francês e que lhe seja dada a oportunidade de conhecer os feitos do seu pai, sem rancor. A sua mãe, a minha amada esposa, imperatriz Maria Luísa, é livre de regressar à sua Áustria materna…

Um súbito afluxo de náusea percorreu Napoleão, que se inclinou de lado na cadeira para vomitar. Caulaincourt soergueu-se, mas Napoleão fez-lhe sinal para ficar sentado. Vomitou outra vez, e outra. A cada vez era como se um punho de ferro lhe estivesse a apertar as entranhas como um torno. Então, quando o estômago ficou vazio, continuou com convulsões,

deixando escapar gemidos enquanto a cabeça pendia sobre o fedor acre que se elevava da poça gelatinosa no chão. Por fim, o espasmo cessou e Napoleão recostou-se, tremendo violentamente. Os seus olhos abriram-se e ele encarou Caulaincourt.

— Não consigo dizer mais. Deixo consigo a tarefa de redigir o meu testemunho de forma tão elegante quanto possível.

Caulaincourt engoliu ansiosamente.

— Não o desapontarei, *sire*.

— Ótimo. — Napoleão endireitou-se e levantou-se cambaleante. — Agora ajude-me a ir para esse sofá.

Caulaincourt pôs de lado o bloco e apoiou o imperador em peso o melhor que pôde, enquanto se encaminhavam para o sofá. Napoleão deixou-se cair com um suspiro.

— O meu agradecimento. Por isto, e por todos os serviços que me prestou.

— *Sire*… eu…

— Não diga nada. Agora deixe-me estar. Diga aos criados que ninguém deve entrar no quarto, sob qualquer pretexto. Você pode voltar amanhã e ver… o que se passou.

— Sim, *sire*. Compreendo.

Napoleão tomou-lhe a mão e apertou-a.

— Então adeus. Agora vá.

Caulaincourt hesitou por um momento, depois regressou à cadeira para pegar no seu bloco antes de se encaminhar com firmeza para a porta e abandonar o quarto. Assim que saiu, Napoleão deixou escapar um gemido e levou as mãos à barriga. Uma dor penetrante espalhava-se pelas suas entranhas e todo o corpo parecia como que tomado por uma qualquer febre. O médico que lhe tinha preparado o veneno dissera-lhe que seria rápido e relativamente indolor. Napoleão amaldiçoou-o pela mentira enquanto se aninhava de lado e aguardava pelo fim, com o tiquetaque do relógio e o crepitar da lareira a marcar a lenta e agonizante passagem do tempo que lhe sobrava. O tormento do veneno privou-o do calmo estado de graça que tinha esperado que o acompanhasse na sua morte. Ocorreu-lhe que tivera sido assim para Lannes, e todos aqueles outros que tinham ido para as suas mortes lentamente e em agonia. Não havia glória nesta morte, nenhum sentido de destino, apenas o definhar macabro de um animal no seu estertor final, implorando pelo fim de tudo.

As horas passaram-se e a morte não chegou, apenas mais dor. À medida que a noite foi dando lugar ao dia, e a luz pálida foi aparecendo pelas frinchas das cortinas do gabinete, Napoleão deu-se conta de que afinal não ia morrer. O veneno, após dois anos guardado na bolsa, tinha perdido a sua potência e apenas tinha servido para aprofundar a humilhação à qual tinha sido condenado. Gradualmente, a febre foi baixando, ele parou de transpirar e a agonia no estômago acalmou-se, deixando-o em desespero.

À oitava hora, a porta rangeu e Caulaincourt entrou silenciosamente no gabinete, fazendo

com que Napoleão se agitasse.

— *Sire*, graças a Deus! — exclamou Caulaincourt, que correu até ele. — Vive!

— Assim parece — murmurou Napoleão, amargurado.

— Vou chamar o médico.

Napoleão não argumentou. Se não era para morrer, qual o objetivo de prolongar aquele sofrimento?

— Chame-o, então.

— Sim, *sire*. — Caulaincourt ergueu-se de um salto, e sentindo depois o desapontamento do seu amo, deteve-se. — *Sire*, ainda viveis por uma razão. O destino ainda deve ter algum propósito para vós.

— Deveras? — Napoleão abanou a cabeça. Já não queria saber. Estava demasiado cansado. Ficou deitado de costas e fitou o teto enquanto as passadas de Caulaincourt se afastavam. Se ele tinha enganado a morte, então a morte também o tinha enganado a ele.

— Estas são as condições definitivas, *sire* — relatou Caulaincourt ao imperador três dias mais tarde, entregando-lhe um documento selado. — Os aliados irão permitir-vos manter o título de imperador. Ireis receber a ilha de Elba como domínio. O Tesouro francês irá proporcionar-vos uma renda de dois milhões de francos anuais. Ser-vos-á permitido ficar com um milhar de soldados, e todos os criados adicionais que possais querer. A família Bonaparte deverá renunciar a todas as suas demais coroas em troca de pensões atribuídas pelo governo francês, e a imperatriz receberá o ducado de Parma.

Napoleão fixou o documento que tinha nas mãos, mas não o abriu. A pele pálida ainda parecia vagamente reluzente, como que esticada sobre o seu crânio. O veneno tinha-o deixado fraco e apático e apenas conseguia comer as refeições mais ligeiras. Estava reclinado, envolvido num grosso cobertor, numa chaise-longue no seu gabinete. Olhou para cima.

— Em troca da minha abdicação incondicional?

— Sim, *sire* — assentiu Caulaincourt. — Foi o melhor que consegui. Os prussianos estavam a pressionar para o vosso fuzilamento. Joguei com o que sobrou da estima que o czar outrora teve por vós depois do tratado de Tilsit. Foi o czar que vos ofereceu Elba.

— Não obstante, serei exilado.

— Sim, *sire*. Ser-vos-á exigido que permaneçais na ilha até à vossa morte. Não vos será permitido firmar tratados com qualquer outro reino e ireis aceitar um residente nomeado pelas potências aliadas, através do qual comunicareis com elas.

— Enquanto o residente me espia.

Caulaincourt anuiu.

— Compreendo. — Napoleão apoiou a testa na mão enquanto continuava a olhar para o

documento. — Quanto tempo me deram para considerar esta oferta?

— Devereis assiná-la de imediato para que eu regresse a Paris. Se não tiverem o vosso acordo até à meia-noite de amanhã, então a oferta será retirada e uma recompensa oferecida pela vossa captura.

Os lábios de Napoleão franziram-se perante a perspetiva insultuosa de ser tratado como um criminoso, mas não havia nem tempo nem escolha na matéria. Tinha de aceitar.

— Muito bem — suspirou, desanimado. — Agradeço-lhe os seus esforços, Caulaincourt. Agora chegue-me aquele tinteiro e pena que ali estão.

Enquanto Caulaincourt atravessava o escritório até à secretária do imperador, Napoleão quebrou o selo e abriu o documento do tratado. As cláusulas eram simples e diretas e tinha sido deixado um espaço no final para a sua assinatura. Caulaincourt regressou e segurou a pena, depois tirou a tampa do tinteiro e estendeu-o a Napoleão.

— *Sire*?

Napoleão fitou o tratado com má vontade. Cada ponto tinha sido estudado para diminuir a sua glória e de toda a sua família. Era estranho, pensou, que apesar de se sentir ofendido como sentia, não lhe restasse qualquer vontade de continuar a lutar naquele momento. A exaustão e a sua recuperação do veneno conspiravam para o privar do ímpeto em resistir aos inimigos. Alisando o papel na superfície do sofá, Napoleão molhou a pena na tinta e sacudiu o excesso. Hesitou por instantes antes de garatujar apressadamente a sua assinatura e devolver a caneta a Caulaincourt.

— Aí tem.

— Sim, *sire*. — O embaixador pegou delicadamente no tratado e abanou-o ao ar para acelerar a secagem da tinta. — Parto para Paris imediatamente. Quando receberdes confirmação de que eles têm o tratado, deveis partir para Elba.

— Tão depressa? — Napoleão recostou-se novamente e puxou os cobertores sobre o peito. Elba? Lembrava-se da ilha, uma não-entidade miserável na costa italiana. Os aliados tinham-lhe encontrado o mais pequeno de todos os reinos para governar. Mas nem uma pessoa em toda a Europa deixaria de ver que na verdade Elba não passava de uma prisão. Napoleão fechou os olhos e Caulaincourt abandonou o quarto em silêncio.

— Que seja Elba, então — murmurou Napoleão. — Por agora.

CAPÍTULO 51

Arthur

Toulouse, 13 de abril de 1814

— Julga que pode ser um truque, milorde? — indagou Somerset, que se encontrava ao lado de Arthur, espreitando pelo telescópio na direção dos portões da zona oriental da povoação. Tinham sido abertos cerca de vinte minutos antes e agora um pequeno grupo encontrava-se a pouca distância à frente das defesas. Pelo telescópio, Arthur viu que eram, na sua maioria, civis, reunidos sob uma bandeira branca.

— Não creio. Parece que desejam negociar — respondeu Arthur. — Afinal de contas, o Soult abandonou-os. Não têm nada a ganhar com a defesa da vila.

Antes da alvorada, as patrulhas montadas de Arthur tinham encontrado a coluna francesa, que se encaminhava para sudeste ao abrigo da escuridão. O general Hill dera imediatamente início à perseguição, com ordens para observar Soult, sem o atacar. Toulouse era um prémio valioso e o exército precisava de descansar e de recuperar da batalha de véspera pelas colinas de Calvinet, que dominavam a vila.

— Mmm. — Somerset percorreu lentamente as muralhas com o telescópio. — Ainda há muitos canhões nas muralhas, e consigo ver soldados.

— Talvez seja — resmungou Arthur, ao que fechou o telescópio. — Mesmo assim, não há mal em recebê-los. Vá até lá abaixo e veja o que querem.

Somerset baixou o telescópio e assentiu.

— E se quiserem discutir condições, milorde? O que lhes digo?

— Terão de se render, incondicionalmente, caso contrário iremos saquear a povoação. — Arthur fez uma pausa e esboçou um sorriso. — Pode dizer-lhes que estamos acompanhados por uma divisão de espanhóis que não têm vontade de mostrar misericórdia para com os franceses.

Somerset pareceu chocado.

— Isso não me parece justo, milorde. Os homens de Morillo são tão disciplinados como quaisquer outros do exército.

— Pois são, mas eles não o sabem — retorquiu Arthur pacientemente, enquanto acenava com a cabeça na direção dos franceses que aguardavam. — Vamos lá, Somerset, não demore.

Arthur observou o ajudante de campo montar a cavalo e descer a encosta até ao canal que separava a colina da vila. As tropas espanholas e as duas divisões de Beresford estavam espalhadas pelas colinas, de ambos os lados do posto de comando de Arthur, e o estado de espírito sombrio era notório na lentidão com que despertavam pela madrugada e davam

início à construção das fortificações que Arthur ordenara que fossem erigidas, para o caso de um contra-ataque por parte de Soult. Mesmo parecendo que o exército francês tinha abandonado Toulouse, Arthur considerou prudente continuar com o trabalho. Serviria, pelo menos, para que os homens não pensassem no confronto horrível da véspera. A tomada das colinas custara mais de quatro mil homens aos aliados e espalhadas pelas encostas, fustigadas pelas bolas e pela metralha, viam-se sepulturas recentes. Arthur sentia cada vez mais essas perdas, agora que a guerra se aproximava do final. Mesmo assim, todas as informações chegadas de norte eram animadoras. Paris caíra e Bonaparte, a par do que lhe restasse do exército, seria, por certo, obrigado a render-se em breve.

A figura distante de Somerset parara à frente do pequeno grupo junto aos portões e conversava com um homem que se destacara como seu porta-voz. Arthur voltara a erguer o telescópio para acompanhar com mais atenção a troca de palavras. Momentos depois, Somerset desmontou e o francês avançou para o abraçar, beijando-o em ambas as faces. Uma brisa leve enfunara a bandeira atrás deles e agora Arthur pôde distinguir o desenho que estivera oculto nas pregas, uma flor-de-lis azul, o emblema dos Bourbons.

Então era aquilo que se passava, pensou Arthur com alívio: os realistas tinham tomado a povoação. Momentos depois, Somerset voltara à sela e galopava de regresso pelo canal e encosta acima, a caminho de Arthur. Tinha o rosto afogueado com o entusiasmo quando parou e desceu da montada.

— Milorde, tenho a honra de relatar que Toulouse é nossa.

— Sim, já tinha percebido.

— O presidente da câmara pede-me para lhe transmitir os seus cumprimentos fraternais.

— Acredito que seja muito simpático da parte dele.

— Pergunta se lhe dará a honra de falar com ele, e com os outros dignitários, antes de entrar na vila.

— Por enquanto não. — Arthur abanou a cabeça, cansado. — Haverá tempo para isso. Diga ao presidente que lhe ficaria grato se me permitisse estabelecer o meu quartel-general no gabinete dele. Depois disso, terei todo o gosto em celebrar a libertação de Toulouse.

— Com certeza, milorde — replicou o ajudante de campo, um tanto ou quanto descoroçoado. — Como desejar.

Arthur mirou-o com severidade.

— Então, Somerset, a guerra ainda não acabou. O exército tem de ser comandado e as suas necessidades supridas. Fui claro?

— Sim, milorde.

— Ótimo. Depois de cumprirmos o nosso dever, poderá desfrutar da hospitalidade de Toulouse.

— Claro, milorde. — Somerset olhou para os franceses que aguardavam ao portão. — E

quanto a eles? Parecem ansiosos por cumprimentar os libertadores, *sir*.

— Mas que raios, então envie-lhes o Beresford. Ele que chafurde na adulação da multidão, se assim o desejar.

— Com certeza, milorde.

Arthur fitou o pequeno grupo às portas da vila.

— Se isso lhe agrada, Somerset, a minha vez chegará em Paris, a seu tempo.

— Agrada sim, milorde. — O ajudante de campo ofereceu-lhe um sorriso caloroso.

Enquanto o general Beresford e os seus oficiais, acompanhados por várias companhias de granadeiros, se compraziam na adulação dos habitantes da vila francesa, Arthur e os oficiais do estado-maior entraram por um portão mais pequeno na muralha. Somerset pedira a um dos funcionários do presidente da edilidade que os guiasse pelas ruas traseiras, até à praça da vila. De vez em quando, o jovem francês magro virava-se com um sorriso e gritava, *Vive le Roi et vivent les anglais!*, ao que rostos curiosos surgiam às janelas e portas das casas por onde o pequeno grupo passava.

— Se o indivíduo continuar com isto, vamos atrair uma multidão só nossa — silvou Arthur, irritado.

— Não o pode censurar, milorde — lembrou Somerset. — Não com a perspetiva de Napoleão vir a ser obrigado a fazer a paz a qualquer momento.

O homem voltou a gritar e Arthur lançou-lhe um olhar furioso, sem qualquer efeito, após o que libertou um suspiro exasperado. Os oficiais aperceberam-se da expressão e mantiveram-se em silêncio durante o resto da breve viagem até à *mairie*. Quando foram levados aos gabinetes que lhes tinham sido atribuídos, começaram a dispor as secretárias enquanto esperavam pela chegada do carro com os registos do exército. O som dos vivas chegou ao centro da vila e, a espaços, pequenos grupos de civis entusiasmados acorriam às celebrações.

Ao início da tarde, o edil apareceu, um pouco embriagado, para convidar Arthur e os oficiais para um espetáculo especial de canções e recitais patrióticos que nessa noite teria lugar no teatro da povoação, seguido de um banquete. Com o objetivo de cimentar a amizade dos habitantes de Toulouse, Arthur aceitou e, a contragosto, ordenou que lhe preparassem um banho enquanto a bagagem era recolhida no acampamento. Estava à frente de um espelho, com o rosto ensaboado e a navalha da barba junto ao pescoço, quando a porta dos lavabos foi aberta sem cerimónias e Somerset entrou a correr, acompanhado por outro oficial que Arthur reconheceu como sendo o coronel Ponsonby, do exército às portas de Bayonne.

— Mas que raios — barafustou Arthur, baixando a lâmina. — Continua a surpreender-me dessa maneira e não vai ser uma bala inimiga a abater-me. Ainda morro às minhas próprias mãos!

— Lamento, milorde. — Somerset empurrou Ponsonby para a frente. — Mas tem de saber das novidades.

— Ponsonby? — Arthur franziu o cenho. — O que está aqui a fazer?

— Mandaram-me vir ter consigo. O general Hope recebeu os oficiais vindos de Paris.

— Oficiais? Quais oficiais?

— O coronel Cooke e o coronel St-Simon, do exército francês, milorde.

— E então?

— Milorde, tenho notícias extraordinárias.

Não havia dúvida quanto ao que o homem lhe diria. Arthur levantou a mão para silenciar o coronel.

— É a paz. Sabia que a teríamos.

— Exato, milorde, todos esperávamos por isso. Mas há mais. Napoleão abdicou.

— Abdicou? Já não era sem tempo — replicou Arthur sem pensar. Foi então que se deu conta da profundidade da notícia. Napoleão estava acabado. Sem trono, não poderia voltar a ameaçar a paz na Europa. A expressão severa foi de imediato substituída por um sorriso rasgado. Largou a navalha para dentro do lavatório e agarrou as mãos de Ponsonby. — Abdicou! Não me diga!

— Digo-lhe, pois, milorde.

— Por Deus… por Deus, isso é uma maravilha! — Dirigiu-se a Somerset e não pôde reprimir uma gargalhada. Sentia-se feliz de corpo e alma. — Hurra! Hurra! — Libertou as mãos de Ponsonby, estalou os dedos e saltitou alegremente de um lado para o outro. — Ah, poder viver para ver isto!

— Era o que estava a pensar. — Somerset riu-se, observando a invulgar mostra de júbilo do superior.

O banquete dessa noite foi festivo, com os oficiais britânicos, espanhóis e portugueses a celebrar com os homólogos franceses da guarnição da vila. Quando o prato principal foi levantado, chegaram dois coronéis vindos de Paris, trazendo consigo o despacho oficial. Arthur leu-o e depois levantou-se para declarar à audiência silenciada que, antes do final do mês, Bonaparte deixaria França para sempre. Luís, irmão do rei anterior, regressaria ao trono. Enquanto os vivas se faziam ouvir pelo salão de banquetes, pediu champanhe para brindar ao rei Luís. Quando os copos foram servidos novamente, o general Alava, que se juntara outra vez ao exército vindo de Madrid, levantou-se e ergueu o copo na direção de Arthur.

— Ao Marechal de Campo, o Marquês de Wellington, *el liberador de España!*

Um rugido de aprovação fez-se ouvir dos oficiais ali reunidos, que engoliram o champanhe. Depois, um dos comandantes portugueses fez um novo brinde.

— *El Douro* — salvador de Portugal! — Ouviu-se mais um viva, antes de o edil de Toulouse se levantar com dificuldade e apresentar mais um brinde a Arthur, num inglês macarrónico. — A *monsieur* Wellington. Ele salva França!

Dessa vez a ovação não terminou. Os oficiais bateram com os punhos na mesa num ritmo ensurdecedor que estremeceu os talheres e os copos. Arthur ergueu-se lentamente ante a aclamação que recebia. Curvou a cabeça para ambos os lados e tentou agradecer, mas era impossível. Naquele momento, ao olhar para os seus homens, sentia o coração repleto. Não de alegria, nem de triunfo, mas de gratidão, e de um afeto quase paternal por todos aqueles que se tinham tornado mais chegados do que a família.

Lentamente, a ovação desvaneceu-se, seguida por um silêncio respeitoso, mas expectante, enquanto aguardavam que o comandante falasse. Arthur exibiu um sorriso nervoso, depois baixou a cabeça e abanou-a ao de leve, receando que a voz traísse as emoções que o assolavam. Somerset apercebeu-se da dificuldade e levantou-se apressadamente, inclinando-se na direção do seu comandante.

— Tomamos café, milorde?

— Como diz? — resmungou Arthur.

— Bebeu-se muito champanhe esta noite. Alguns dos oficiais terão de ficar sóbrios antes de regressar ao serviço.

— Sim. Café. — Arthur aquiesceu. Levantou a cabeça e pigarreou. — Eu, aaa, agradeço-lhes humildemente a todos. E por mais que me custe interromper a celebração desta noite, é altura de um café.

Houve quem resmungasse ao ouvir as palavras, mas a maioria ficou divertida e aplaudiu alegremente a sugestão.

Ao sentar-se, Arthur virou-se para o coronel Cooke e o seu companheiro francês.

— Tem um exemplar do despacho para o marechal Soult?

— Sim, milorde.

— Nesse caso terá de o encontrar imediatamente. Siga para sudeste. Não terá mais de um dia de avanço.

— Esta noite, milorde? — retorquiu Cooke, surpreendido.

— Sim, esta noite. Os homens do Hill estão a persegui-lo e não quero mais vidas perdidas devido a um atraso evitável a levar a notícia a Soult. Parta imediatamente.

— Sim, milorde — respondeu Cooke, fazendo sinal ao coronel St-Simon para que o seguisse enquanto saía do salão de banquetes.

A maior parte dos soldados franceses a sul estava ansiosa por acreditar na notícia, mas Soult recusou-se a aceitar que o seu senhor tivesse caído até receber a confirmação por parte de Berthier. Depois de permitir que os seus homens celebrassem a vitória, Arthur começou

rapidamente a distribuir ordens para a retirada para Bordéus, a partir de onde seriam, a seu tempo, enviados para a Grã-Bretanha. Embora os soldados estivessem entusiasmados com a perspetiva de regressar a casa, os oficiais mostraram-se menos satisfeitos assim que a felicidade inicial pela grande vitória se desvaneceu. Para muitos, isso implicava metade do soldo e a ausência de oportunidades de promoção.

Com o exército a adaptar-se à perspetiva de paz após duas décadas de guerra, Arthur dirigiu-se a Paris para assumir o seu lugar entre os vitoriosos à frente da parada pelas ruas até às Tulherias. Aí, o novo rei de França passaria em revista os soldados e mostraria a sua gratidão pelos sacrifícios feitos pelos aliados para livrar a Europa do Tirano Corso.

A 3 de maio, na véspera da parada, Somerset entregou a Arthur uma carta do Príncipe Regente. Arthur estava a tomar o pequeno-almoço nos aposentos que lhe foram atribuídos e aos oficiais do estado-maior, nas Tulherias. Baixou os talheres e acabou de mastigar uma garfada de costeleta de borrego enquanto quebrava o selo e lia o conteúdo. Acabou por pousar a carta sobre a mesa e pegou nos talheres para continuar a refeição. Somerset suspirou de frustração.

— E então, milorde?

Arthur cortou mais um pedaço de borrego e ergueu o olhar.

— Ofereceram-me a embaixada de Paris. Ah, e está confirmado que sou oficialmente Duque de Wellington.

Somerset ficou radiante.

— E já não era sem tempo. Posso ser o primeiro a felicitar vossa senhoria?

— Obrigado, Somerset. Tal como diz, já não era sem tempo, pois honra todos os que serviram comigo ao longo de todos estes anos.

Talvez soasse a palavras vazias, se vindas de outro homem, mas Somerset conhecia bem o seu comandante para saber que eram sentidas. Por seu lado, Arthur sentia-se ressentido por o reconhecimento das conquistas do exército ter sido atrasado pelos inimigos da família no parlamento. A maldade das intrigas políticas mesquinhas sempre ameaçara miná-lo e aos seus homens ao longo das campanhas na Península Ibérica. Pois bem, mais valia que a recompensa chegasse tarde do que nunca.

Somerset olhou pela janela, para a praça pública no exterior do palácio, e viu que a multidão já começara a juntar-se ao longo do caminho do desfile.

— Vossa senhoria vai ter bastante público. Vieram todos ver o general que esmagou os marechais de Bonaparte. — Somerset fez uma pausa. — É uma pena que não tivesse chegado a ter a oportunidade de o enfrentar em combate.

Arthur abanou a cabeça.

— Não. Fico satisfeito por isso não ter acontecido. Sempre preferi saber que o exército dele tinha recebido um reforço de quarenta mil homens a ter a notícia de que ele chegara

para assumir o comando.

— Seja como for, estou certo de que vossa senhoria o teria derrotado. O senhor é o melhor dos generais.

— Bem, nunca o iremos pôr à prova. Seja como for, não me vou apresentar a Paris como soldado. A guerra está a acabar e como serei embaixador, irei vestir-me como diplomata. Creio que um casaco simples, gravata e calções brancos, e chapéu redondo vão garantir a imagem correta. Muito bem, será que agora posso terminar o meu pequeno-almoço em paz?

— Como vossa senhoria desejar. — Somerset baixou a cabeça e saiu da sala.

Arthur enfiou mais um pedaço de borrego na boca e mastigou rapidamente. Era peculiar que enquanto ele derrotara a nata dos marechais de Bonaparte e este esmagara a maioria dos melhores comandantes aliados, os dois nunca se tinham enfrentado. Seria inevitável que os apologistas do corso dissessem que o herói deles teria vencido o comandante britânico, caso se tivessem encontrado, meditou Arthur.

O desfile de líderes aliados e dos seus soldados foi recebido pelos vivas alegres da vasta maioria da populaça. Apenas um punhado observou com um ressentimento sombrio. Arthur reparou nisso enquanto seguia ao lado de Castlereagh, retribuindo a aclamação do povo com um breve aceno de cabeça, ou com um gesto rápido da mão enluvada.

Castlereagh inclinou-se para ele.

— É estranho, não acha? Combatemos os franceses durante mais de vinte anos e depois eles recebem-nos como heróis.

— A paz e a libertação da tirania conseguem deixar-nos satisfeitos — retorquiu Arthur num tom seco.

— Com efeito. — Castlereagh acenou para a multidão e arrancou uma nova ovação, com as pessoas a agitarem chapéus e faixas coloridas de tecido num frenesim policromático. Endureceu brevemente a expressão. — Nesse caso, é uma pena que o novo rei de Espanha não tenha aprendido a lição. Imagino que esteja a par da situação problemática em Espanha.

Arthur assentiu. Ao regressar do exílio em Valençay, Fernando impusera de imediato a sua autoridade de um modo severo. Todas as reformas instituídas pelas Cortes tinham sido rejeitadas e quem se opôs foi preso. Não era fácil para o povo espanhol, que durante tanto tempo combatera um tirano, sofrer a imposição de um novo.

— Ora muito bem — prosseguiu Castlereagh. — Preciso que vá a Madrid assim que possível e que tente meter algum juízo na cabeça do rei.

— Eu?

— E porque não? Afinal de contas, foi vossa senhoria que os libertou dos franceses. Tem mais autoridade moral do que qualquer outro homem que eu pudesse enviar e, atrevo-me a dizê-lo, até mesmo do que o novo rei. — Castlereagh fez uma pausa para oferecer um sorriso encantador a uma senhora de aspeto distinto que observava o desfile de uma varanda. —

Madame de Staël. Tem uma mente brilhante, aquela mulher. Aconselho-o a visitá-la quando regressar para assumir a embaixada. Por falar em mulheres, deve estar ansioso por rever aquela sua esposa e os filhos, não? A primeira vez em anos. Por Deus, os seus miúdos deviam ser bebés quando partiu. — Castlereagh olhou-o com uma expressão afetuosa. — Receio que vá parecer um estranho a todos eles.

Arthur pensou por um momento. A ideia de regressar a Kitty incomodava-o. Era soldado há muito mais tempo do que marido e receava que a paz tornasse inevitável a tensão no casamento. Pigarreou.

— Primeiro vou cuidar dos meus homens em Bordéus. Devo-lhes o meu agradecimento e tenho de me certificar de que regressam a Inglaterra o mais depressa possível. Depois voltarei à minha família.

Castlereagh pareceu surpreendido e depois encolheu os ombros.

— Como queira. Embora deva dizer-lhe que a sua nação vai querer tê-lo antes de lhe permitir alguma privacidade com a família. Imagino que saiba que toda a Inglaterra o tem em maior conta do que estas pessoas. — Apontou para a multidão ululante. — É melhor habituar-se a ser o menino bonito do público, Wellington.

Arthur aquiesceu, mas no íntimo sentia-se perturbado. O afeto da populaça era tão volátil como o vento e igualmente insubstancial. Acontecera tanta coisa no espaço de um mês, refletiu. Era difícil ter noção da passagem do tempo quando os dias estavam tão repletos de acontecimentos. O ritmo fora alucinante, mas Arthur sabia que tinha a obrigação de garantir aos seus soldados poderem aproveitar dos frutos da paz assim que possível.

Assim que as celebrações em Paris terminaram, Arthur regressou ao novo quartel-general do exército em Bordéus para supervisionar a dispensa dos soldados que o tinham servido, e a Inglaterra, tão bem durante a guerra na Península Ibérica e no Sul de França. Os regimentos britânicos tinham os mais variados destinos. A maioria regressaria à Grã-Bretanha, mas alguns partiam para a Irlanda, para as Índias Ocidentais e para a guerra que decorria nas colónias americanas.

As primeiras formações a deixar o exército foram as restantes tropas espanholas, e depois os portugueses, que partiram em direção aos Pirenéus, ovacionando Arthur à medida que iam passando por ele. O único problema de monta seria o que fazer ao pequeno exército de seguidores do acampamento, em especial as "esposas dos soldados" — as mulheres que se tinham ligado a muitos dos soldados britânicos e que lhes tinham dado filhos. Poucas foram as que tiveram autorização de acompanhar os seus homens até Inglaterra, e grande parte dos soldados recusou-se, pura e simplesmente, a aceitar a responsabilidade por elas. Foi por isso que Arthur observou uma terceira coluna, oprimida pela miséria e pelo receio quanto ao futuro incerto, afastar-se em direção à fronteira com um conjunto heterogéneo de mulas e de carretas.

Só restava a Arthur redigir as últimas Ordens Gerais para que o exército fosse dispersado. Ao escrever, já tarde na última noite com os seus soldados, Arthur tinha noção de que criara o melhor exército da Europa e que os seus homens marchariam para onde quer que fosse, e fariam tudo o que lhes pedisse se estivessem sob o seu comando. Pesasse embora todo o desejo de paz que lhe ardia no coração, era incapaz de conseguir não lamentar a perda de tão formidável corpo de soldados. Em breve só lhes restaria as recordações das campanhas, a memória que se desvaneceria lentamente das batalhas que tinham modelado a História. Seriam as narrativas contadas uma e outra vez pelos veteranos curvados a gerações ainda por nascer, poucas das quais entenderiam a importância do que fora conseguido pelos homens de Arthur, em desvantagem e longe de casa.

Embora tivesse a certeza de ter conquistado um lugar na memória da nação, Arthur sentia-se triste por pensar que os homens de menor patente que tinham combatido a seu lado estavam destinados a cair no esquecimento. Fez uma pausa para ordenar as ideias antes de redigir o último parágrafo.

> *Embora as circunstâncias possam ter alterado a relação tida entre o Marechal de Campo e os seus homens, é para sua grande satisfação que lhes garante que nunca deixará de se preocupar sinceramente com o seu bem-estar e honra; e que terá sempre o prazer de estar à disposição daqueles a quem o país tanto deve pela sua conduta, disciplina e coragem.*

Arthur baixou a pena e leu outra vez a ordem. As palavras pareciam um veículo medíocre para transmitir a afeição e o sentido de obrigação que lhe enchiam o íntimo. Só esperava que os homens o compreendessem o suficiente para serem capazes de ver além das palavras. Chamou Somerset para que levasse a ordem a ser copiada e distribuída pelo exército. Depois dirigiu-se aos aposentos. Era tarde, já passava da meia-noite e à primeira luz da alvorada deixaria os seus homens, os seus camaradas, e regressaria a casa.

CAPÍTULO 52

Londres, 24 de junho de 1814

— Por Deus, já estou farto disto — resmungou Arthur agastado quando a carruagem e escolta montada se detiveram mais uma vez ao serem bloqueadas no seu caminho pela multidão. Desde que desembarcara em Dover, na véspera, Arthur estivera sempre rodeado pelos seus compatriotas. As notícias do regresso tinham-se espalhado pela estrada de Londres bem antes da passagem da carruagem, e multidões excitadas de homens, mulheres e crianças, de todas as condições sociais, aguardavam para poderem ter um vislumbre do homem que os tinha livrado, a eles e à Europa, das garras do imperador francês. Ao início, Arthur mostrara-se satisfeito por se erguer e debruçar pela janela para devolver as saudações, mas como cada ocasião provocava um atraso adicional, recostou-se no assento e simplesmente movia a cabeça ou acenava à medida que se iam aproximando da capital.

Agora estavam bloqueados numa rua a escassa distância da ponte de Westminster. Lá fora, os rostos alegres das pessoas contrastavam com a fachada soturna de tijolo de uns curtumes a partir de onde se libertavam fumo e maus cheiros para o ar morno de um dia de verão. Voltando-se para espreitar através da pequena janela por baixo do banco do cocheiro, Arthur conseguiu ver que um homem grande tinha parado a carruagem e estava a gesticular aos companheiros para que tomassem as rédeas dos seis cavalos da muda que os tinham transportado desde a estação anterior.

— Que diabo está ele a fazer? — resmungou Arthur.

— Vossa senhoria deseja que vá ver? — perguntou Somerset.

— Com certeza. Diga ao fulano para desimpedir o caminho e deixar-nos passar.

Somerset assentiu, e abriu a porta da carruagem. Logo depois ouviu-se uma aclamação ensurdecedora vinda do exterior, que de imediato se calou assim que Somerset olhou para cima e as pessoas puderam ver que não era o seu herói. Desceu para a estrada, batendo a porta atrás de si.

— Deixem passar! Saiam da frente!

Arthur recostou-se outra vez no seu lugar e olhou pela parte de trás da carruagem, ignorando as caras que se comprimiam em redor das pequenas janelas de cada porta. Lá fora ouviu uma voz a chamar, sobrepondo-se ao burburinho da multidão.

— Desculpai, *sir*, não queremos fazer mal algum. Eu e os outros estamos só à espera para puxar a carruagem de vossa graça para casa. De volta para os braços da sua boa senhora esposa.

Arthur suspirou. Esta era a forma tradicional de a multidão mostrar o seu apreço aos heróis ingleses. Tinham-no feito a Pitt e a Nelson, e agora a si. Cinco anos antes, durante o

inquérito de Sintra, eles tinham gritado pela sua cabeça. Não pretendia satisfazer-lhes uma vontade tão volátil. Além do mais, o espetáculo de ser arrastado através de Londres por esta turba seria degradante. Enquanto Somerset procurava chamar os homens à razão, Arthur bateu com a mão na coxa.

— Diacho! — resmungou. — Não admito isto.

Levantou-se do lugar e abriu a porta, saltando de uma vez para o chão. Os que lhe estavam mais próximos ficaram num silêncio aturdido quando ele apareceu abruptamente e Arthur abriu caminho através deles até aos seis homens da Guarda que tinham sido enviados de Dover como sua escolta. Estalou os dedos para chamar a atenção do cavaleiro mais próximo.

— Preciso do seu cavalo.

— Vossa senhoria? — O cavaleiro olhou-o, surpreendido.

— Queira ter a bondade de se apear — ofereceu Arthur sem mudar o tom. — Preciso do seu cavalo. Vou assegurar-me de que ele lhe seja devolvido assim que eu acabe.

Assim que o homem deslizou da sela, Arthur tomou o seu lugar e logo pegou nas rédeas. As pessoas mais próximas na multidão observaram com curiosidade, enquanto mais adiante outros continuavam a desatrelar a carruagem, ignorando o que se estava a passar atrás dela.

— A escolta pode regressar ao quartel — transmitiu Arthur ao sargento que comandava os seis homens. Não pretendia atrair atenções enquanto atravessava Londres rumo à casa em Hamilton Place. Quando o sargento fez continência, Arthur voltou o cavalo para uma rua lateral e acenou com a mão.

— Abram alas!

O cavalo precipitou-se em frente e a multidão afastou-se. Arthur trotou para uma rua lateral pejada de lojinhas. Muitas das janelas estavam decoradas com fitas coloridas e várias tinham cartazes toscos de um soldado cujo uniforme estava engalanado com medalhas e estrelas. De repente, Arthur apercebeu-se de que eram representações de si próprio e deu graças por estar vestido com o sobretudo azul. Esforçando-se por evitar os olhos de quem passava, Arthur percorreu a rua e depois voltou à direita em direção ao Tamisa e apareceu na sua margem. Olhando para jusante, na direção da ponte de Westminster, conseguiu ver que a ponte e os seus acessos estavam lotados de gente, pelo que se afastou para procurar outra travessia.

Era estranho estar de regresso a Inglaterra, depois de quatro anos de campanha em terras estrangeiras. Durante quase todo esse tempo, a sua companhia tinha sido a de soldados. Agora que estava rodeado de civis que tinham prosseguido com as suas vidas, em grande medida intocados pela guerra que tinha sido travada no mar e em terras estrangeiras, Arthur não tinha a certeza do que lhe parecia mais real, se o mundo do qual tinha acabado de sair, se aquele ao qual estava a regressar.

Passou por locais familiares, e no entanto não tão familiares quanto isso, com uma crescente sensação de entusiasmo ao entrar em Piccadilly. O coração começou a bater-lhe mais depressa e ele abrandou o cavalo quando se aproximou de Hamilton Place. Aí parou, olhando para as casas que ladeavam a rua ampla na direção da porta na qual Kitty e os filhos o aguardavam. As notícias do seu regresso a Inglaterra certamente já lhes teriam chegado aos ouvidos, e Arthur interrogava-se se eles estariam à espera no interior, olhando para a rua em busca dos primeiros sinais dele. Foi incentivando a sua montada para a esquina, para se manter oculto.

O que o estaria a deixar tão relutante?, interrogou-se. Era quase como se não se atrevesse a continuar. Por instantes foi tentado a prosseguir, e a reportar a sua chegada à Guarda, e talvez visitar Richard. Tudo menos enfrentar Kitty e dois filhos que mal conhecia.

— Diacho de idiota! — resmungou entre dentes. Era assim que as guerras terminavam. Nenhum homem podia ou devia lutar toda a vida. A guerra era um mal necessário, como Arthur tinha frequentemente assinalado aos seus oficiais, e o seu único propósito era o de restituir a paz e devolver os soldados aos braços das famílias. E no entanto ali estava ele, no limiar do seu regresso, relutante em atravessá-lo.

Com um rápido bater de calcanhares e um puxão das rédeas, Arthur voltou o cavalo para Hamilton Place e trotou por entre as fileiras de degraus alinhados que se erguiam para entradas com colunatas. Abrandou à porta de casa e deixou-se escorregar da sela. Amarrando as rédeas ao gradeamento, respirou fundo para se acalmar e subiu as escadas da porta da frente. Antes de a conseguir alcançar, a porta abriu-se, e aí estava Kitty, num vestido de musselina liso, apertado por baixo do busto como se fosse ainda uma rapariga na corte do vice-rei, em Dublin. Ela olhou-o e o lábio inferior tremeu-lhe, até ela o morder ao de leve.

— Arthur? — Levou a mão ao rosto. — Arthur.

Ele ficou quieto e fitou-a por um instante, ao que anuiu.

— Voltei para casa.

Sentiu-se um tolo assim que disse isto, e em seguida subiu e tomou as mãos de Kitty nas dele. Quaisquer outras palavras que ele pudesse ter dito secaram-se-lhe na garganta enquanto a olhava do alto. Parecia mais velha do que imaginara. Havia rugas leves em torno dos olhos e os próprios olhos tinham perdido o brilho de que ele se recordava sempre que pensara nela na Península Ibérica. E, contudo, ainda lá estava o mesmo nariz pequeno e os lábios finos que primeiro lhe tinham chamado a atenção.

Então ela sorriu, envergonhada, e Arthur não conseguiu conter uma gargalhada nervosa, aliviado por a sua satisfação por a ver parecer genuína.

— Por Deus! Cheguei a casa! — Riu-se e agarrou-a, beijando-a na testa, depois novamente na face e por fim nos lábios, até ela se libertar com um ar surpreendido.

— Arthur! As pessoas estão a olhar.

— Que estejam. — Tomou-lhe as faces nas mãos e beijou-a novamente nos lábios. Kitty ria-se então e puxou-lhe pela manga até estar dentro da porta. Um criado estava num dos lados, olhando a parede oposta quando se esticou para a porta e começou a fechá-la.

— Espere — interveio Arthur. — Esse cavalo tem de ser devolvido ao dono. — Virou-se para o criado. — Posso saber o seu nome?

— Jenkins, vossa graça.

— Pois então, Jenkins, tenho uma tarefa para si. O cavalo pertence a um soldado da Guarda. Ficaria grato se lho fosse devolver de imediato.

O criado espreitou o animal com pouco entusiasmo, e depois fez uma vénia com a cabeça.

— Como vossa senhoria desejar.

O criado saiu da casa, fechando a porta atrás de si. Estavam sozinhos e voltou a beijar Kitty, fechando os olhos e inspirando o seu aroma, como que pela primeira vez. Então recuou e ergueu a sobrancelha.

— Creio ter dois filhos algures por aí, não é?

Kitty sorriu e fez um gesto na direção da porta aberta do salão da frente. Arthur caminhou lentamente nessa direção, vendo uma imagem mental dos dois bebés que tinha deixado para trás anos antes. A luz do Sol invadia as janelas altas e sentados num banco da janela, olhando para a rua, estavam Arthur e Charles. Olharam em volta quando ele entrou e os fitou.

— Então, vamos lá! — incentivou Kitty. — Vocês sabem que este é o vosso pai. Ele regressou a casa.

As crianças levantaram-se obedientemente e atravessaram a sala, parando a dois passos de Arthur e fazendo vénias com a cabeça com algum nervosismo.

— Como está, pai? — cumprimentou com formalidade o rapaz mais velho, tal como fora ensinado a fazer.

Arthur olhou-os, com o seu coração tomado por uma dor profundamente melancólica. Eram os seus filhos. A sua carne e o seu sangue, que ele tinha passado a amar no abstrato. Sentia que lhes devia mostrar algum afeto. Ele deveria fazer o que qualquer pai faria nas mesmas circunstâncias. E, contudo, alguma coisa o inibia. Ambos os garotos eram incapazes de esconder o seu nervosismo enquanto o olhavam. Seguiu-se uma pausa, e então Kitty tocou na manga de Arthur.

— Fizeste uma longa viagem. Imagino que queiras tomar algo.

— Sim. Sim, quero. Um chá, por favor, Kitty.

Ela sorriu calorosamente quando ele lhe pronunciou o nome. Então olhou para ele e ergueu uma sobrancelha.

— Não tens bagagem?

— Está na carruagem. Deve aparecer não tarda.

— Bom. — Voltou a sorrir. — Vou deixar-te com os nossos meninos.

Arthur sentiu um assomo de pânico mas antes de conseguir responder, Kitty abandonou a sala. Virou-se novamente para os filhos e pigarreou.

— Ah. Hum. Então…

Olharam-no fixamente sem dizer palavra, e o silêncio foi estranho e doloroso. Então o mais novo, Charles, olhou para os pés e disse calmamente:

— Deu mesmo cabo do tirano francês, pai?

— Sim, dei. — Arthur meneou a cabeça. — Quer dizer, derrotei-lhe os esbirros. Lamentavelmente, não tive a oportunidade de derrotar o tirano em pessoa.

— Oh… — O rapaz pareceu tão surpreso e desapontado que Arthur não foi capaz de reprimir uma gargalhada.

— Mas a guerra acabou, não foi, pai?

— Sim, acabou. Bonaparte foi derrotado e teremos paz, e com sorte vocês os dois nunca terão de ir lutar contra um inimigo enquanto viverem.

— Mas eu quero ser um soldado — afirmou o mais velho. — Tal como o senhor.

Arthur olhou-o com ternura.

— Podes ser um soldado, mas rezo para que nunca venhas a ter de lutar numa guerra como a que eu tive. Venham. — Deu-lhes as mãos e eles retribuíram, hesitantes. Arthur apertou-as ao de leve. — Vamos até ao banco da janela e falamos disso tudo.

Os festejos que tinham começado em Paris continuaram em Londres com igual extravagância. O czar Alexandre e o rei Frederico Guilherme, a par das suas cortes, juntaram-se ao grande festejo. Mais uma vez, a atenção recaía sobre Arthur como o mais destacado dos homens que se tinham oposto a Bonaparte. O fluxo de recompensas e honras que correu a seus pés parecia infindável. Entrou na Câmara dos Lordes com os títulos de Visconde, Conde, Marquês e Duque. Foi feito cidadão de várias cidades por toda a Inglaterra, e Oxford atribuiu-lhe um doutoramento honorário. Na missa de ação de graças na catedral de São Paulo, Arthur levou a espada de Estado. Os políticos destacados, tanto dos Whigs como dos Tories, fizeram-lhe uma corte cerrada, estimulando-o a pedir qualquer cargo político em troca da sua fidelidade. Arthur recusou com toda a educação que foi capaz de reunir.

Enquanto Arthur era o menino bonito do mundo social, a situação doméstica perturbava-o. Poucas semanas depois do regresso, as imperfeições de Kitty, ignoradas no primeiro assomo de prazer ao estarem reunidos, voltaram ao de cima. Apesar do seu empenho em assumir o papel de esposa do herói da nação, Kitty carecia da sofisticação, e até da beleza, de muitas das mulheres que Arthur tinha conhecido na sociedade. Pesava-lhe no coração fazer comparações tão injustas. A sua miopia condenava-a a olhar de relance ou fitar o vazio em bailes e jantares, e rapidamente desconfiava estar a ser alvo de falatório ou de troça por

aqueles que não conseguia ver. Ficava calada, encerrada na segurança proporcionada pelo silêncio, enquanto o mundo prestava tributo ao marido.

Nem era tampouco fácil assumir o papel de pai. Tudo o que Arthur e Charles sabiam acerca dele era distorcido pela adulação pública que tinha saudado as suas vitórias. Portanto, os rapazes tinham ficado a conhecê-lo como um herói distante e estavam predispostos a olhar para ele com reverência, achando difícil aceitá-lo simplesmente como pai. Arthur procurava passar tanto tempo quanto possível com eles, mas nesse verão a sua vida pública foi praticamente esgotada todos os dias, e eles tornaram-se apenas mais uma parte da sua audiência, olhando à distância.

Aos poucos, os festejos foram cessando. Os dignitários estrangeiros regressaram ao continente e as mentes dedicaram-se à adaptação do mundo à paz. Menos de um mês depois, Arthur e Somerset estavam em Bruxelas para inspecionar o exército britânico sob o seu comando antes de ele assumir a embaixada em Paris. Uma mancheia dos oficiais ou soldados eram veteranos e o exército era demasiado pequeno para qualquer tipo de intervenção em França. O rei dos Países Baixos, ainda que aliado, estava relutante em mostrar demasiada cumplicidade com as tropas estrangeiras no seu território. Os seus recém-adquiridos súbditos belgas eram ainda leais à França, e muitos deles tinham servido fielmente Bonaparte durante as últimas campanhas. Por conseguinte, os soldados britânicos não tinham acesso aos fortes e cidades ao longo da fronteira e permaneciam acampados em redor de Bruxelas.

Fiel ao seu treino militar, Arthur assegurou-se de que os seus oficiais estavam cientes da necessidade de estar prontos para marchar sem pré-aviso. Também passava vários dias a cavalgar pelo campo, observando os usos potenciais para o seu exército. No último dia antes de abandonar a Bélgica rumo a Paris, Arthur e Somerset trotaram pela estrada de Bruxelas que passava pela floresta de Signes, antes de se dirigir à fronteira. Detiveram-se numa ravina baixa que se sobrepunha ao terreno a sul. Atrás deles, a floresta abria-se a escassa distância da encosta oposta.

— Veja ali, Somerset. — Arthur indicou o terreno atrás deles. — Ocultação que chegue para um pequeno exército.

Somerset olhou em redor e assentiu.

— E ali, na encosta: umas quantas quintas muradas que poderiam facilmente ser fortificadas para quebrar ataques feitos contra a ravina. — Arthur perscrutou a paisagem mais algum tempo e estalou os dedos. — Assinale este lugar.

— Sim, milorde. — Somerset remexeu no alforge e tirou a pasta dos mapas. Abrindo-a, pegou no mapa e encontrou a localização, depois dobrou o mapa e apoiou-o sobre a pasta de cabedal. Pegou num lápis e segurou-o. — Ali está. Mont-St-Jean, vossa senhoria.

— Mont-St-Jean — repetiu Arthur calmamente. — E aquela aldeia, a cerca de um quilómetro lá atrás, como se chamava?

— Waterloo, milorde.

— Muito bem, tome nota. Bom terreno para lutar — declarou, com um tom de aprovação. — Que belo sítio. Se alguma vez vier a ser preciso.

Impeliu o cavalo em frente e Somerset apressou-se a guardar os materiais antes de esporear o cavalo atrás do comandante, que trotava estrada fora. De cada lado cresciam campos de trigo à altura do peito, e uma ligeira brisa fazia com que as espigas abanassem num suave ondular. Por um momento, Arthur sentiu o espírito a erguer-se, enquanto afastava as preocupações e mirava a paisagem pacífica.

CAPÍTULO 53

Paris, novembro de 1814

Uma chuva miudinha caía, quando os homens da guarda pessoal do rei desfilaram no grande pátio das Tulherias. Arthur estava ao lado do duque de Angoulême, a passar revista aos soldados, enquanto estes marchavam para lá da plataforma. Muitos deles ostentavam as suíças que tinham sido moda na anterior Guarda Imperial e havia qualquer coisa nos seus olhos que gelava Arthur mais do que o clima frio de final de outono.

— Quantos destes homens são veteranos da Velha Guarda? — perguntou tranquilamente.

O aristocrata francês sorriu.

— Convocámos mais de metade.

— Obrigaram-nos?

— Não foi necessário. Ficaram satisfeitos por terem hipótese de continuar a usar a farda. Era isto ou ir para as ruas e passar fome.

— E confia neles?

— Porque não? Não seriam nada sem o novo regime. O imperador deles desapareceu, a guerra acabou. Tiveram de se adaptar, tal como o resto do povo.

Arthur observou a companhia seguinte a marchar à sua frente antes de responder.

— Espero que tenha razão.

— É claro que tenho. O tirano corso já não é um perigo para a Europa. Tanto quanto sei, anda todo ocupado em Elba a melhorar o grupo dos seus novos súbditos. Mas, vendo bem, tenho a certeza de que está mais bem informado sobre as atividades dele do que eu.

— O nosso residente envia relatórios regulares das atividades de Bonaparte — admitiu Arthur. Como parte do tratado que permitira ao imperador o exílio, o governo britânico nomeara um residente em Elba, o coronel Campbell, para vigiar de perto Bonaparte e manter um registo de todos os que o visitassem na ilha, a grande maioria antigos admiradores e alguns curiosos que queriam ver este grande homem na sua gaiola dourada. Evidentemente, os antigos comandantes estavam proibidos de falar com ele, mas não havia maneira de evitar que terceiros transportassem mensagens.

— O que diz o vosso residente nos seus relatórios?

— Que Bonaparte lê avidamente os jornais e está obcecado com a escrita das suas memórias, e que obedece aos termos do tratado. Tal como diz, não representa qualquer ameaça para a paz na Europa.

— Talvez — refletiu o aristocrata francês. — Seja como for, é uma pena que não tenha sido morto. Se assim fosse, talvez tivéssemos acabado de vez com o sentimentalismo bonapartista em França.

— Se ele tivesse sido morto, temo que as ruas de Paris se tivessem enchido de sangue com os apoiantes dele e os seus a cortarem o pescoço uns aos outros.

O duque de Angoulême olhou de soslaio para Arthur.

— Por vezes, o sangue é o preço da paz e da segurança.

— E às vezes não tem de ser — redarguiu Arthur com firmeza. — Já se derramou sangue mais do que suficiente.

O francês virou-se para observar os soldados com um ronco de desprezo. Após um instante, Arthur ajeitou a estola para evitar ao máximo que os chuviscos lhe molhassem o pescoço.

Enquanto a inspeção continuava, a mente de Arthur divagou para a situação geral de Paris. Tinha tomado posse do seu cargo como embaixador havia quase três meses e, ao início, ficara satisfeito com a sua receção na sociedade parisiense. O governo britânico tinha comprado a casa de Paulina Bonaparte para servir de embaixada e os aposentos eram tão confortáveis como qualquer coisa que Arthur pudesse desejar; também tinham agradado a Kitty, quando ela se lhe juntara em outubro. Desde a sua chegada, Arthur tinha sido bem recebido nos salões parisienses e Madame de Staël tinha-se revelado uma útil aliada, prestando-lhe apoio na promoção da causa governamental pela abolição do comércio de escravos em França. Até tinha conhecido muitos dos marechais e generais que antes tinham servido Bonaparte e ficara agradado com a forma cordial, e muitas vezes amistosa, que tinham acompanhado as suas discussões das experiências da guerra recém-terminada.

Todavia, conforme as semanas iam passando e Arthur conhecia melhor o ambiente geral da capital francesa, ficava cada vez mais preocupado. Os Bourbons até podiam estar de volta ao poder, mas o entusiasmo do público pelo regresso à paz e à restauração da monarquia tinha-se rapidamente transformado em descontentamento. Em várias ocasiões, Arthur testemunhara pequenos grupos de homens em cafés a brindar ao antigo imperador. Depois, apenas um dia antes da inspeção da Guarda Real, tinham sido atiradas pedras às janelas da embaixada.

As notícias de Viena também não eram as mais encorajadoras. As comunicações codificadas de Castlereagh revelaram que uma aliança formal entre a Rússia, a Prússia e a Áustria ainda era um perigo bem real. Tanto ele como Talleyrand estavam empenhados em afastar a Áustria dos outros para manter um equilíbrio na Europa. Caso contrário, uma nova guerra poderia vir a ser inevitável.

O duque de Angoulême aproximou-se dele.

— Chegou a altura do encerramento, meu caro Wellington. Olhe ali.

Apontou para o fundo do pátio, para onde a Guarda estava a formar uma linha dupla de frente para onde se encontravam os inspetores. O francês lançou um olhar a Arthur e sorriu.

— E agora um pouco de teatro. Vamos ver como é que a audiência reage?

Gesticulou discretamente para os oficiais, os aristocratas e suas esposas que estavam a ver a inspeção na plataforma atrás deles. Na zona da parada, o coronel responsável tinha desembainhado a espada e gritava agora a ordem de preparação para abrir fogo. Os mosquetes foram empunhados.

Ouviu-se um murmúrio ansioso por trás de Arthur, que olhou em volta e viu que os amigos do duque de Angoulême se agitavam incomodados, esquecendo o desconforto causado por estarem em pé a apanhar frio e humidade. O duque riu-se alegremente enquanto dizia baixinho para Arthur:

— Não há qualquer motivo para preocupação. Estão a disparar cartuchos vazios. Pensei que seria divertido dar aos nossos convidados uma ideia do que seria estar do lado de quem recebe uma rajada de tiros do início de guerra.

— A sério? — redarguiu Arthur sem expressão. — Posso garantir-lhe que existe um mundo de diferença entre o simples fumo e barulho, e a realidade.

O duque encolheu os ombros e centrou a atenção na linha de soldados, enquanto estes faziam pontaria através da parada em direção à plataforma de inspeção. O coronel gritou uma ordem e um instante depois explodiam fogo e fumo, obscurecendo a linha de soldados, um momento antes de o embate ensurdecedor ecoar nas paredes do palácio. Arthur, mais do que ouvir, sentiu a quase impercetível chicotada através do ar, quase perdida no barulho da rajada de tiros. Um estalo estridente ouviu-se atrás dele e virou-se rapidamente. Duas vidraças das janelas do palácio tinham-se despedaçado, mesmo por cima das cabeças da audiência, alinhadas com Arthur e o duque. Alguns dos convidados viraram-se para ver e arquejaram, alarmados, instintivamente chegando-se para as escadas de ambos os lados da plataforma. Outros ficaram perplexos a olhar para cima, após o que se viraram ansiosamente para os soldados. O coronel continuava a dar ordens, sem prestar atenção a quem estava na plataforma, e os soldados colocaram os mosquetes ao ombro e começaram a marchar para sair, através de um arco, e regressar ao quartel.

Arthur virou-se para o duque de Angoulême, que estava rigidamente imóvel, com as mãos apertadas em punhos de cada lado do corpo.

— Traição — murmurou. — Traição. Vou exigir que encontrem os culpados e os fuzilem com as próprias armas.

Tinha o queixo a tremer quando acabou de falar, se de medo ou raiva, Arthur não conseguia dizer. Arthur abanou a cabeça.

— Não me parece que haja muita esperança de encontrar os responsáveis. Mesmo que alguém soubesse quem disparou os tiros, o mais certo é que se fechem em copas e mantenham as bocas fechadas.

— Nesse caso estarão todos envolvidos — prosseguiu o duque. — São todos traidores. Vou obrigá-los a dizer a verdade.

— Faça isso e todos se voltarão contra si — alertou-o Arthur. — Faça como quiser e encontre os culpados, mas discretamente e mais tarde. Por enquanto tem de agir como se nada tivesse acontecido. — Indicou-lhe os convidados. — Caso contrário, vai alarmá-los.

— Sim. Sim, claro. — O duque aquiesceu enquanto se esforçava por acalmar os nervos. Pigarreou para clarear a garganta e obrigou-se a sorrir, enquanto acenava para as portas que davam para o palácio. — Meus amigos, agora que a inspeção está completa, lá dentro esperam-vos refrescos!

Com Arthur a seu lado, indicou o caminho escadas abaixo, através do cascalho, até às portas, que rapidamente foram abertas por lacaios. Atrás deles, o resto da audiência seguia, trocando palavras murmuradas, enquanto alguns davam uma última olhadela para o pátio, não fossem os soldados voltar.

— Nem uma palavra à minha mulher sobre isto, está a perceber? — disse Arthur a Somerset enquanto lhe relatava o atentado contra a sua vida nessa tarde na embaixada.

— Claro, milorde. Mas vossa senhoria tem a certeza de que era o alvo?

— Foram disparados dois tiros; pode ter havido mais. — Arthur recordou brevemente a cena. Estava de pé, a diversos passos de distância da janela do gabinete, e olhava lá para baixo, para a avenida arborizada, onde uma constante corrente de parisienses andava com dificuldade no meio da chuva. Prosseguiu sombriamente: — Os disparos foram dirigidos a mim e ao duque. Não tenho qualquer dúvida. A intenção era o assassínio. E não é a primeira vez que os inimigos da Inglaterra levam a cabo a tentativa.

Somerset concordou com um aceno de cabeça. Tinha havido outros relatórios de conjuras idênticas por parte de agentes locais, pagos pela embaixada. Estes tinham seguido para Londres e o primeiro-ministro, lorde Liverpool, informara Arthur de que estavam a reconsiderar a nomeação como embaixador.

Arthur tufou as faces.

— Bem, agora temos de pensar nas implicações do atentado à minha vida levado a cabo esta tarde. Passe a palavra aos nossos agentes de que devem manter os olhos e os ouvidos bem abertos à procura de qualquer indício da trama. Quero saber tudo. Também temos de informar os oficiais da embaixada desta ameaça. Terão de ser diligentes quanto à sua segurança sempre que deixarem a embaixada. De hoje em diante, vou levar uma escolta comigo. Escolha quatro bons homens. Devem seguir atrás da minha carruagem, vestir-se casualmente e manter as armas longe da vista. Entendido?

— Sim, milorde. E quanto aos passeios da sua esposa?

— A minha esposa? — Arthur esfregou o queixo. — Falo com ela primeiro. Ao jantar.

— Não compreendo, meu querido. — Kitty abanou a cabeça. — Se não há nada a temer, porque devo abreviar as minhas visitas sociais?

— É só uma precaução — explicou Arthur gentilmente. — Já viste como são as ruas. Os bonapartistas falam mais abertamente do seu descontentamento do que nunca. Esta não é uma altura muito boa para se ser inglês em Paris. Mas vai passar. O novo regime não vai tolerá-los por muito mais tempo.

Kitty cortou descontraidamente o seu pedaço de bife enquanto respondia:

— Meu querido Arthur, nunca vi nada que me causasse desconforto desde que estou no estrangeiro. Mas se é o teu desejo que eu exerça prudência, nesse caso fá-lo-ei.

— Obrigado, Kitty.

Levou gentilmente o garfo à boca e mastigou a carne antes de voltar a falar.

— E em relação às crianças? Juntam-se a nós no Natal, como planeado?

Arthur já tinha pensado nisso e assentiu.

— Eles que venham. Tenho a certeza de que não há perigo. Além disso, se não viessem, os nossos anfitriões franceses talvez ficassem ofendidos.

— Sim?

— Kitty, temos de lhes mostrar que não estamos apavorados. Temos de agir normalmente.

— Disseste que não havia perigo.

— E não há. Não há perigo real.

Kitty fez uma pausa e semicerrou os olhos, enquanto fitava o marido do outro lado da mesa.

— Não me estás a dizer toda a verdade, pois não? O que aconteceu, Arthur?

— Nada com que tenhas de te preocupar, minha querida — respondeu Arthur, com o que esperava ser um sorriso reconfortante. — Talvez esteja a ser excessivamente cauteloso.

— E talvez estejas a pôr em perigo os nossos filhos.

Arthur olhou-a fixamente por um momento.

— Nunca faria isso. Acredita em mim. Eles estarão suficientemente seguros em Paris, dou-te a minha palavra.

— Suficientemente seguros?

— Por Deus, Kitty, estou a dizer-te que eles estarão seguros! — Arthur perdeu a paciência. — Arthur e Charles vão juntar-se aqui a nós. Está decidido.

Kitty baixou a faca e o garfo e recostou-se na cadeira com uma expressão nervosa.

— Não há necessidade de levantares a voz, meu querido. Eu vergo-me sempre à tua vontade. Sabes disso e acho que me tens em menor conta por causa disso. Não sou tão tola como por vezes pensas.

— Kitty, eu nunca…

— Por favor. Eu sei que nunca mo dirias na cara. Mas pergunto-te, que tipo de pai coloca os filhos numa situação de menor segurança para garantir a reputação do seu país?

Arthur fitou-a em silêncio por um momento antes de responder sem expressão.

— Fazemos o que temos de fazer pelo nosso país. Todos nós. É tão simples quanto isso. É o dever que está associado à nossa posição, até para os mais jovens.

Arthur e Charles chegaram em finais de dezembro, escoltados por uma ama e três criados, um deles um agente do governo com uma mensagem para Arthur. Depois de cumprimentar as crianças, recolheu-se no gabinete para quebrar o selo da mensagem e ler o conteúdo. Lorde Liverpool tinha pensado bastante na deterioração da situação em Paris e estava ansioso por assegurar que Arthur fosse preservado dos perigos de assassinato, uma vez que era bem possível que o seu país viesse novamente a precisar dos seus préstimos como general. Por essa razão, Castlereagh seria chamado de volta de Viena e Arthur passaria a representar os interesses britânicos em seu lugar. Somerset permaneceria em Paris para gerir a embaixada e Arthur foi aconselhado que Kitty e as crianças também deveriam permanecer, para assegurar ao rei Luís que Arthur tencionava regressar a Paris, uma vez terminados os negócios do congresso.

Apesar de a situação diplomática ainda ser grave, havia boas notícias. Tinha sido acordada paz entre a Inglaterra e os Estados Unidos. Por isso, Arthur podia ficar descansado, pois o governo agora podia centrar toda a sua atenção na Europa. Também significava que mais soldados estariam disponíveis para serem destacados para o exército sob o comando de Arthur nos Países Baixos.

O Natal passou com tranquilidade e Arthur e Kitty esforçaram-se por entreter os dois rapazes, mostrando-lhes o que havia para ver na capital francesa. Mesmo quando tentou ao máximo desempenhar o papel de pai extremoso, a mente de Arthur distraía-se com os afazeres mais grandiosos. Tinha pressionado o rei de França para ordenar a Talleyrand que cooperasse com Castlereagh em Viena, vinculando a Grã-Bretanha, a França e a Áustria num pacto contra as outras duas potências, caso acontecesse uma guerra.

Arthur deixou Paris na última semana de janeiro, viajando de carruagem para Viena, onde chegou na noite do dia 3 de fevereiro. Apesar do avançado da hora, procurou Castlereagh na magnífica mansão que tinha sido atribuída aos representantes ingleses no congresso. Castlereagh parecia pálido e exausto quando Arthur foi conduzido por um criado ao seu gabinete de trabalho. O outro homem levantou-se, sorriu com uma expressão de cansaço e atravessou a sala para apertar a mão a Arthur.

— É bom vê-lo novamente, Arthur. Como correu a viagem?

— Foi comprida e molhada.

— Loquaz como sempre — gracejou Castlereagh. — No entanto, uma certa reticência vai ser útil aqui em Viena. Apesar da aparência civilizada — parece haver um baile, um banquete ou um bailado a decorrer a todas as horas do dia —, este sítio está cheio de víboras.

— Foi o que percebi pelas suas cartas.

— Talleyrand e Metternich são os mais dissimulados patifes que alguma vez encontrei, sempre a fazer a ronda dos salões privados e gabinetes, propondo acordos secretos e vendendo confidências. Vendo bem, transformaram essas práticas numa autêntica indústria. Suponho que devo ficar feliz por serem patifes dos "nossos". Pelo menos por enquanto.

— Imagino que teve de lhes oferecer alguma contrapartida para apoiarem a nossa posição — aventou Arthur enquanto se sentava. Castlereagh voltou a sentar-se e anuiu.

— Provavelmente não precisava de ter oferecido tantos pagamentos de persuasão, mas a situação é tal que não quis correr quaisquer riscos. Agora que temos o tratado assinado e selado, espero que não tenha de lhes pagar nem mais um centavo. — Castlereagh esboçou um frágil sorriso. — Sei que tem uma profunda antipatia por subornos e tramoias de bastidores.

— Assim é — garantiu Arthur. — Acredito que homens com honra podem alcançar um bem mais duradouro sendo pacientes e observadores do que fazendo politiquices.

— Nesse caso vai ser uma espécie estranha no congresso. — Castlereagh fez uma pausa e olhou para Arthur com argúcia. — Apesar de me parecer que este tipo de abordagem pode ganhar muitos favores depois dos recentes meses de deslizes. Além disso, a sua reputação precede-o. O czar considera-o o maior herói desta geração, para desconsolo dos seus próprios generais, claro.

— O czar Alexandre tem tendência para ser generoso nos seus elogios. — Arthur recordou os encontros com o czar em Londres, no verão anterior.

— Não se deixe enganar, Arthur. Alexandre é um governante tão absolutista quanto o foi Bonaparte e igualmente interessado em expandir os seus domínios. Conseguiu ludibriar o rei da Prússia, levando-o a apoiar as suas pretensões e pagou-lhe com a promessa de alguns restos da Polónia, bem como liberdade de ação no que diz respeito aos outros Estados alemães. Se tal for permitido, não conseguiremos um equilíbrio justo na Europa e a guerra será inevitável. É isso que deve evitar a todo o custo. — Castlereagh fez uma breve pausa. — Pelo menos com o tratado, terá uma arma com que poderá combater, caso Alexandre e Frederico Guilherme continuem a pressionar para obter mais vantagens no acordo final.

— É bom ter o tratado — concordou Arthur. — Mas só o devo utilizar como último recurso.

— Como queira. — Castlereagh fez uma ligeira vénia com a cabeça. — Será muito gratificante ver a razão prevalecer, em vez de ameaças veladas. Desejo-lhe a maior das felicidades, Arthur. Fico satisfeito por abandonar este sítio.

Tal como Castlereagh o alertara, existiam dois mundos diferentes no congresso. Com a reunião de tantos governantes, homens de Estado e os séquitos tornava-se inevitável que os eventos de alta sociedade obtivessem tamanha proeminência. Entre os eventos, as

negociações prosseguiam na miríade de quartos nos vastos amontoados do palácio de Schönbrunn. As lareiras eram constantemente alimentadas pelos criados e os delegados das grandes potências discutiam os termos do acordo europeu no meio de um intenso calor. A desconfortável atmosfera era ainda mais agravada pelas dificuldades auditivas cada vez maiores do czar, que obrigavam os outros delegados a esforçar as vozes, enquanto conversavam em francês, a língua comum à maioria das cortes reais do continente. A recusa de Arthur em participar de quaisquer encontros secretos e a sua aberta discussão da necessidade de chegar a um acordo e dos perigos de não o fazer rapidamente fizeram-no ganhar o respeito das outras potências, tendo o czar começado a ceder nas suas exigências.

Um mês após a sua chegada, o dia amanheceu limpo e fresco, e Arthur levantou-se cedo para se vestir para uma caçada que teria lugar no vasto parque que se estendia pela paisagem a oeste do palácio. Tomou o pequeno-almoço e estava à espera que o seu cavalo fosse selado e trazido até ao pátio nas traseiras da mansão da delegação britânica, quando se ouviu uma batida forte na porta da sala de jantar privada. Arthur baixou o café e exclamou:
— Entre!

A porta abriu-se e um homem alto, de feições estreitas, entrou. Trazia um grosso casaco salpicado com lama. Estava desabotoado e deixava entrever a fita de ouro sobre o casaco vermelho de oficial do exército britânico. Caminhou através da sala, parou à frente da mesa de pequeno-almoço e fez continência. Arthur ostentou uma expressão de desagrado.

— Quem diabo é o senhor?

— Coronel Neil Campbell, milorde.

— Campbell? — repetiu Arthur, ao que arregalou os olhos. — O residente em Elba?

Campbell assentiu, revelando ansiedade.

— Sim, milorde.

— O que faz aqui?

— Vossa senhoria, tenho a relatar que Napoleão Bonaparte fugiu de Elba.

— Fugiu? Para onde?

— Não sei. Apenas sei que quando regressei à ilha, ele não estava lá.

— Abandonou a ilha? — Arthur ostentou mais uma expressão de desagrado. — Em nome de Deus, porquê?

— Eu… fui convidado para um baile em Florença, milorde. — Campbell desviou o olhar de Arthur. — Só me ausentei alguns dias. Nada parecia estar a passar-se quando parti. Quando voltei, Bonaparte tinha desaparecido, juntamente com os seus homens. Fui imediatamente para Itália e enviei uma mensagem para Londres, e agora vim a Viena informar as potências no congresso.

Arthur olhou furiosamente para o homem. O monstro da Europa estava outra vez à solta, graças à falta de diligência de Campbell.

— Fique aqui. Interrogá-lo-ei com mais pormenor assim que voltar.

— Sim, milorde.

Arthur levantou-se e caminhou até à porta. Andou rapidamente e encontrou um dos seus adidos à espera, junto à porta do hall, para se juntar a Arthur na caçada.

— Pode voltar a mandar os cavalos para o estábulo.

— Milorde?

— Surgiu outra coisa — respondeu Arthur. — Corra às outras delegações. Diga-lhes que temos de nos encontrar em Schönbrunn imediatamente; trata-se de um assunto da maior urgência. Corra, homem, como se o próprio Diabo viesse na sua peugada!

— Fugiu? — Metternich meneou a cabeça e depois começou a rir-se. Os outros delegados na sala fizeram o mesmo, apesar de as suas gargalhadas serem mais nervosas do que bem-dispostas, reparou Arthur.

— Onde é que ele julga poder esconder-se? — O rei da Prússia soprou. — Ele é a figura mais notória da Europa. Quem ousaria dar-lhe guarida?

— Não sei para onde se dirigiram os seus barcos, majestade — respondeu Arthur. — Mas imagino que o mais provável será ir para Itália.

— Porquê Itália? Porque não França?

Talleyrand abanou a cabeça.

— Seria preso ou assassinado assim que pusesse os pés em solo francês. Eu concordo, ele irá para Itália. Tem amigos lá e família. Napoleão vai procurar Murat.

— Apesar de Murat o ter traído no passado? — questionou-se Metternich.

— Imagino que vá pedir asilo ao cunhado — aventou Talleyrand. — Eu conheço-o, conheço a sua força de vontade. É difícil dizer-lhe que não. Murat vai aceitá-lo. Então, quando o momento for adequado, Napoleão vai usurpar o poder. O reino de Nápoles será a sua nova base de operações.

Fazia algum sentido, refletiu Arthur. Os domínios de Murat providenciar-lhe-iam um exército suficientemente grande para ameaçar os restantes reinos de Itália.

O czar aclarou a garganta e chegou-se à frente na mesa da conferência.

— A questão, cavalheiros, é o que vamos fazer quanto a isto?

Talleyrand olhou-o com uma expressão ligeiramente surpreendida.

— Fazer, majestade? Ora essa, temos de organizar um exército para marchar sobre Napoleão e esmagá-lo, antes que ele tenha tempo de se preparar. Isso é óbvio. Entretanto, o congresso tem de continuar. O acordo de paz é mais importante do que a perseguição de um criminoso, ainda que famoso.

Os outros delegados acenaram a sua concordância, mas Arthur não estava assim tão certo. Tinha testemunhado as fortes lealdades que Bonaparte ainda comandava em Paris. Se

Bonaparte hasteasse o seu estandarte em Nápoles, muitos milhares se juntariam à sua volta e os que ficassem causariam muitos problemas ao novo regime em França.

Nos dias seguintes, foram enviadas mensagens de Viena para mobilizar os exércitos aliados. A audácia da fuga de Bonaparte chocara os delegados, mas não parecia fazer sentido que ele representasse um risco imediato para a Europa, pelo que as potências continuaram as suas deliberações, enquanto aguardavam por confirmação da sua localização. Só quatro dias depois da chegada do coronel Campbell com as novidades do seu desaparecimento é que a verdade foi conhecida. Um dos ajudantes de Talleyrand entrou na sala mesmo antes da pausa do meio-dia e sussurrou-lhe com urgência ao ouvido. Arthur observou o rosto do ministro dos negócios estrangeiros francês ficar lívido. Metternich estava a falar, lendo diretamente das suas notas, e não tinha reparado no pequeno drama.

Talleyrand bateu com os nós dos dedos ruidosamente na mesa e o ministro austríaco olhou para cima, irritado, parando de falar a meio de uma frase.

— Perdoem-me a interrupção — disse Talleyrand enquanto olhava à volta da mesa, — mas acabei de ser informado de que Napoleão desembarcou na costa de França há seis dias. Ele declarou que vem reclamar o trono e está a marchar para Paris.

Houve um momento de silêncio estupefacto, ao que Arthur falou:

— As autoridades locais fizeram-lhe frente?

— Pelo contrário. Dizem-me que foram ter com ele sem ser disparado qualquer tiro.

— Por Deus, isso são más notícias. Outros se seguirão. Se os for recolhendo a caminho de Paris, temo que nada o travará. — Arthur tossicou e falou tão claramente quanto podia, para se certificar de que o czar entendia todas as palavras. — Vossas majestades, ministros, delegados, isto muda tudo. A paz na Europa está uma vez mais ameaçada. Todos os soldados disponíveis devem preparar-se para a luta. Se Bonaparte conseguir o que reclama, então terá os exércitos da França de novo ao seu serviço. Teremos de o enfrentar no campo de batalha outra vez.

— Temos de fazer mais do que isso — interrompeu Talleyrand. — Temos de nos assegurar de que ele não volta a trazer problemas à Europa. Peço que antes de suspendermos o congresso para lidar com esta ameaça, façamos passar uma última resolução. Que Napoleão Bonaparte seja declarado um criminoso internacional. Na eventualidade de ser detido, então os poderes aqui reunidos devem decretar em conjunto que ele está além da proteção da lei.

— Não posso concordar com isso — protestou Arthur. — Seria pura e simplesmente uma incitação ao assassinato. Assassinato. Independentemente das questões éticas, é uma faca de dois gumes. Convido-os a refletir nisto.

— Contudo, é um passo que temos de tomar — contrapôs Talleyrand. — Falando pela França, eu proponho a resolução.

— E a Prússia apoia-a! — disparou sem pensar o rei Frederico Guilherme. — A morte é exatamente o que esse tirano merece.

— Muito bem. — Talleyrand virou-se para Metternich. O austríaco acenou afirmativamente e Talleyrand fixou o olhar no czar. — O que diz vossa majestade?

Alexandre não respondeu de imediato e levantou a mão para tocar na testa. Os lábios comprimiram-se numa linha estreita, após o que suspirou profundamente, acenando com a cabeça.

— Apoio a resolução.

— Quatro contra um. — Talleyrand voltou-se de novo para Arthur. — A Grã-Bretanha juntar-se-á aos outros poderes ou ainda estenderão a proteção da lei a Bonaparte?

Arthur retribuiu o olhar friamente. Estava a ser obrigado a tomar uma posição na qual não queria estar. A deposição de Napoleão era do interesse de qualquer homem, mulher e criança da Europa, mas Arthur não conseguia pôr de parte os valores civilizados que a Inglaterra tanto se esforçara por manter através dos longos anos de luta para libertar a Europa da tirania. Acreditava que o governo britânico também não o faria. No entanto, Talleyrand tinha razão. Se a Grã-Bretanha não declarasse Bonaparte criminoso, então ele certamente se serviria disso como forma de legitimação. Pior ainda, veria isso como uma divisão nas fileiras dos inimigos e iria explorá-la para os separar. Com um suspiro de cansaço, Arthur, relutante, acenou afirmativamente com a cabeça.

— Muito bem, eu apoio a resolução.

Talleyrand virou-se imediatamente para um dos seus adidos.

— Peça que seja posto por escrito para os delegados assinarem. Agora, sugiro que o congresso faça um intervalo. Estamos de acordo? Sim?

Os delegados levantaram-se e começaram a esvaziar a sala. Arthur sentiu uma mão tocar-lhe no ombro quando estava a chegar à porta e virou-se, encontrando o czar a olhá-lo seriamente.

— Majestade?

— O que fará, meu caro duque?

— Tenho de enviar uma mensagem para Paris para que a minha família saia de lá assim que possível. Depois concluirei os nossos assuntos aqui o mais rapidamente possível e dirigir-me-ei a Bruxelas para assumir o meu comando.

— Ah. Então cabe-lhe a si, mais uma vez, salvar o mundo.

— Esse é o fardo que todos temos de carregar, majestade. O maior teste da nossa geração chegou.

— E se falharmos?

Arthur olhou-o fixamente por um momento e abanou a cabeça.

— Não nos atrevemos.

CAPÍTULO 54

Napoleão

Laffrey, perto de Grenoble, 7 de março de 1815

— Porque é que os seus homens pararam? — quis saber Napoleão, quando a carruagem se deteve com alguns safanões provocados pela estrada em mau estado.

O general Cambronne, comandante da companhia de guardas que liderava o avanço, apontou pela estrada na direção de Grenoble.

— Encontrámos um batalhão de infantaria pouco depois de avançar logo pela manhã, *sire*.

— Não houve tiroteio, presumo? — indagou bruscamente Napoleão. Tinha avisado Cambronne que não queria derramar sangue francês quando lhe dera as suas ordens para liderar a vanguarda da pequena força que Napoleão trouxera consigo de Elba. O antigo imperador tinha desembarcado perto de Antibes com pouco mais de um milhar de soldados, um esquadrão de lanceiros e um par de canhões. Era um exército minúsculo para reclamar o seu trono, refletiu Napoleão, mas tinha feito progressos desde a costa sem perder tempo. Dadas as inclinações realistas do povo da Provença, optara por evitar a estrada mais direta para Paris em proveito da estrada que atravessava as colinas até Grenoble. Até então tinha vindo a ser recebido com entusiasmo contido nas vilas e aldeias que atravessara. Ainda que o entusiasmo pelos Bourbons se tivesse desvanecido, o povo estava preocupado em evitar represálias no caso de a jogada arrojada de Napoleão ser mal sucedida. Por isso queriam esperar para ver o resultado desta sua última aventura.

O general Cambronne abanou a cabeça.

— Não houve qualquer tipo de violência, *sire*. Assim que encontrámos a sua companhia avançada, disse aos nossos homens para os saudarem calorosamente e partilharem algum vinho. Não obstante, o seu capitão não quis saber disso. Ordenou aos seus homens que recuassem e marchassem de regresso ao resto do batalhão. Foi-me dito que não o seguisse, ou ele ordenaria aos homens que abrissem fogo.

— Muito bem — disse Napoleão, a coçar a barba mal aparada. Era o momento que temia. Até aí, ninguém se lhe tinha oposto. Agora via-se confrontado por homens armados, cujos oficiais estavam claramente determinados em impedir a sua progressão. A questão que se punha era se os soldados seguiriam as suas ordens no momento crítico.

Napoleão sentou-se na carruagem e refletiu cuidadosamente sobre a situação. Durante os dez meses que permanecera em Elba, não tinha deixado de acompanhar de perto os acontecimentos em França. Além do escrutínio habitual dos jornais, tinha vindo a receber relatórios secretos de simpatizantes, e até mesmo de Fouché, que tinha sido suficientemente astuto para manter um pé em cada campo. Napoleão e a maioria dos franceses tinham ficado

surpreendidos quando o rei Luís nomeara o intriguista como ministro da polícia, o cargo que outrora desempenhara para Napoleão.

Havia sido Fouché que o informara que o Conde d'Artois, o seguinte na linha sucessória, pretendia revogar as liberdades ganhas pelo povo nos anos após a Revolução. D'Artois estava também a planear revogar as reformas fundiárias que tinham transferido muitos dos domínios aristocráticos para o campesinato. O estado de espírito em França era venenoso, escreveu Fouché ao seu anterior amo. O povo comum encarava os Bourbons e os seus seguidores com desconfiança. O sentimento tinha eco junto dos soldados desmobilizados, que estavam a lutar para encontrar o seu lugar no seio do novo regime, e olhavam para trás, para os dias do império, com anelo crescente.

Quando Napoleão leu os relatórios, decidiu-se a abandonar o minúsculo reino de Elba na primeira oportunidade. Nenhuma ilha de doze mil habitantes poderia satisfazer as suas ambições, ou mitigar o seu enfado, pelo que começou a fazer preparativos secretos. O seu pequeno exército era regularmente treinado e o navio de guerra, um pequeno brigue, foi complementado por outros cinco navios mais pequenos, suficientes para transportar Napoleão e os seus homens até França. Tudo isto teve de ser levado a cabo debaixo do nariz do residente britânico. O coronel Campbell era um oficial gentil, grande admirador do seu anfitrião, e Napoleão teve o cuidado de falar com entusiasmo acerca dos planos para melhorar Elba sempre que os dois tinham ocasião de trocar ideias. Campbell pareceu convencido de que Napoleão tinha aceitado a sua nova condição de vida mais modesta. Tal era a confiança de que Napoleão já não representava qualquer perigo que anunciou que faria uma breve visita a Florença.

Napoleão escondeu a sua satisfação perante a notícia ao perguntar qual a data em que Campbell regressaria, sob pretexto de estar a preparar um baile e não querer que o inglês perdesse o acontecimento. Assim que Campbell partira, Napoleão e os seus seguidores tinham carregado apressadamente mantimentos e equipamento a bordo da flotilha de pequenos navios, e partiram apenas algumas horas antes do regresso do brigue da Marinha Real que levara Campbell até Itália.

A sorte, como sempre, foi-lhe madrinha, pensou Napoleão. Mas agora enfrentava o maior teste da sua nova aventura. A estrada à frente estava bloqueada por soldados de linha, enviados pelos realistas para o confrontar e prender.

— *Sire*, quais são as vossas ordens? — Cambronne interrompeu os pensamentos de Napoleão. — Devo distribuir os homens?

— Não. Faça-os formar em coluna, lanceiros à frente. Nós dois vamos à frente da coluna. A que distância está a estrada bloqueada?

Cambronne voltou-se para olhar para a estrada. Esta inclinava-se suavemente para baixo, na direção de uma colina, e depois virava junto à margem de um pequeno lago, cujo final

ainda se conseguia vislumbrar. Para a esquerda erguiam-se abruptamente colinas íngremes, formando um desfiladeiro estreito através do qual Napoleão e os seus homens teriam de marchar para alcançar Grenoble.

O veterano apontou na direção do lugar onde a estrada desaparecia em redor da colina.

— Mesmo para lá da colina, *sire*, perto da outra margem do lago.

— Muito bem, vamos prosseguir.

Cambronne hesitou.

— Devo movimentar os canhões para perto da frente da coluna, *sire*? Se houver sarilhos, eles podem limpar o caminho com alguns tiros de metralha.

— Não haverá sarilhos — disse secamente Napoleão. — Se houver, então a nossa causa está perdida. Agora, dê a ordem para que os homens se preparem para avançar. Certifique-se de que cada homem compreende que não deve disparar um tiro sem a minha ordem expressa. Se alguma coisa me acontecer, devem depor imediatamente as armas. Compreendido?

Cambronne anuiu com relutância e depois afastou-se para junto dos homens que se tinham espalhado ao longo da estrada, gritando-lhes que voltassem a formar fileiras.

Minutos depois, a coluna começou a marchar estrada fora. Napoleão ia agora montado num cavalo branco e vestia o velho sobretudo cinzento e bicorne gasto que era familiar a todos os soldados que tinham estado consigo em campanha ao longo dos anos. Quando a estrada curvou em redor da colina, sentiu o seu coração a acelerar. À direita espraiava-se o pequeno lago, com as suas águas calmas a refletir a ravina arborizada da margem oposta. No extremo oposto do lago havia um campo aberto, talvez com uns cem passos de largura, entre a encosta e a margem do lago. Um grupo de soldados estava à espera, formado em linha, com as baionetas caladas a cintilar ao sol da tarde.

— Que unidade é aquela? — perguntou Napoleão.

— O primeiro batalhão do quinto regimento da linha, *sire*.

Napoleão acenou.

A coluna avançou em silêncio, marchando pela margem do lago. Napoleão espreitou para trás, através dos pendões dos lanceiros, e viu expressões apreensivas no rosto dos guardas. Se houvesse luta, os veteranos não teriam trabalho com os homens que lhes faziam frente. Mas no momento em que se derramasse a primeira gota de sangue, a França ficaria amargamente dividida. Mesmo que Napoleão sobrevivesse a essa luta, ver-se-ia obrigado a lidar com as outras potências europeias quase sem hipóteses de êxito.

À medida que a abertura entre a encosta e a margem começava a alargar-se, Napoleão ergueu a mão para deter a coluna.

— Faça com que a Guarda forme uma linha. Devem ter as armas ao ombro. Os lanceiros devem recuar e desmontar.

Cambronne respirou fundo, mas fez continência e afastou-se para dar as ordens. Enquanto

os guardas se dispunham de ambos os lados da estrada formando as fileiras, Napoleão olhou para a linha de infantaria que lhe barrava o caminho. Os soldados aguardavam em silêncio enquanto o oficial no comando espreitava pelo telescópio, sentado no cavalo.

Assim que os soldados ficaram em posição, Cambronne regressou ao seu lugar junto de Napoleão.

— E agora, *sire*?

— É chegado o momento de me anunciar — indicou Napoleão.

Cambronne esporeou o cavalo e trotou na direção dos soldados que aguardavam. O comandante baixou o telescópio e observou o cavaleiro solitário que se aproximava. Quando Cambronne não distava mais de cinquenta passos, o outro oficial levou as mãos à boca e gritou:

— Quem vem lá faz alto!

Segurando as rédeas, Cambronne ergueu o chapéu e respondeu:

— Camaradas! O nosso imperador regressou! Juntem-se a nós!

— Silêncio! — gritou o oficial, ao que ordenou aos seus homens: — Avancem de mosquetes em riste!

As baionetas inclinaram-se para diante, com as pontas afiadas a brilhar na direção de Cambronne.

— O que significa isto? — irritou-se Cambronne. — Como se atreve a ameaçar-me? O que julga que está a fazer?

— Tenho ordens para o impedir de avançar — respondeu o oficial com firmeza. — Vai entregar o criminoso que ali está e dizer aos seus homens que deponham as armas.

— Não farei tal coisa!

— Se não se render em dez minutos, darei ordem para abrir fogo. — O oficial puxou do relógio e olhou para ele.

— Se disparar contra o imperador, vai ser responsável perante toda a França! — respondeu Cambronne. — Vamos lá, somos todos franceses.

Manteve-se sentado e aguardou por uma resposta. O oficial acabou por olhar para cima novamente.

— Nove minutos…

Deixando escapar uma maldição entre dentes, Cambronne deu meia-volta à montada e trotou de regresso na direção de Napoleão.

— Ouviu, *sire*?

— Sim.

— Julga que ele dará a ordem?

Napoleão fitou a linha de soldados por um momento.

— Só há uma maneira de descobrir. — Apeou-se e passou as suas rédeas a Cambronne.

— Fique aqui. Se alguma coisa me acontecer, lembre-se das suas ordens.

— *Sire*, não vos podeis pôr em perigo. A França precisa de vós.

— Calado — atalhou Napoleão. Respirou fundo e começou a caminhar lentamente na direção dos soldados. À medida que o foi fazendo, foi também desapertando os botões do sobretudo para deixar entrever a casaca verde de um coronel da Guarda. O coração batia-lhe depressa enquanto olhava para a fileira de baionetas inclinadas na sua direção. Sabia que estava a jogar a sua reputação contra a disciplina daqueles soldados. Se estivesse enganado, então seria provável que estivesse morto nos minutos seguintes. Apesar de já ser primavera, ele sentia frio e teve de fechar os punhos atrás das costas para não tremer. *Eles não podem ver o meu medo*, pensou determinado.

Continuou a aproximar-se sem vacilar, reparando nos pormenores das expressões dos homens que lhe estavam mais próximos. Era impossível discernir se lhe queriam algum mal. Atrás deles, o oficial a cavalo olhava em desafio para Napoleão quando ele se deteve, a não mais de vinte passos das baionetas.

— Soldados do Quinto! Não me reconhecem? Não sou o vosso velho general?

As suas palavras ecoaram na encosta e fez-se silêncio até ele falar novamente.

— Se houver entre vós um homem que queira matar o imperador… então aqui estou! — Abriu o sobretudo e expôs o peito.

— Apresentar armas! — bradou o oficial, e os homens na fileira da frente ergueram os mosquetes.

— Apontar!

Napoleão cerrou os lábios com força e semicerrou os olhos enquanto se mantinha firme, encarando as bocas dos mosquetes que lhe estavam apontados diretamente.

— Fogo!

Napoleão sentiu um instante de terror gélido e depois o momento passou. Não houve o estrondo de uma salva, nenhuma chama e nenhum fumo. Nada além de um silêncio tenso.

— Fogo, malditos! — gritou irado o oficial. — Obedeçam à ordem!

Antes de o som das palavras deixar de se ouvir, outra voz gritou: — Viva o Imperador!

Os soldados baixaram os mosquetes e aclamaram-no a uma só voz, ao mesmo tempo que rompiam as fileiras e se aglomeravam em torno de Napoleão. Alguns agarravam-lhe a mão, enquanto outros, mais impressionados, ficavam satisfeitos por lhe tocar no sobretudo. Mas todos eles gritaram uma e outra vez pelo seu nome. Cambronne e os seus homens acercaram-se e saudaram os outros homens como camaradas. Napoleão sorriu para os que o rodeavam e depois começou a andar para a frente, com a turba a afastar-se para o deixar passar. Deteve-se diante do oficial a cavalo, um jovem major.

— Qual é o seu nome?

— Lansard — respondeu o homem entre dentes. Tinha o rosto corado de vergonha por ter

perdido a autoridade. Ignorava os homens enquanto fixava o olhar em Napoleão. Pegou na espada, desembainhou-a e depois atirou-a ao chão aos pés de Napoleão. Este olhou para a espada e depois fez um gesto na direção de um dos soldados ao seu lado.

— Pegue nisso e devolva-a ao major.

Enquanto o major voltava a embainhar a espada com relutância, Napoleão sorriu-lhe.

— Lansard, não é mais prisioneiro do que eu fui. Agora, os seus homens são meus e eu pergunto-lhe, quer juntar-se a mim?

O oficial ficou em silêncio um instante e depois anuiu discretamente. De imediato houve mais gritos de entusiasmo e Napoleão teve de elevar a voz para que Lansard o conseguisse ouvir.

— Junte-se com os seus homens à minha coluna. Assuma posição entre a Guarda e os lanceiros. Entendido?

— Sim… *sire*. — Lansard fez continência e Napoleão virou-se e regressou para junto de Cambronne e da Guarda.

— Cambronne!

— *Sire*?

— Envie um dos seus oficiais, junto com um dos de Lansard, até Grenoble. Eles devem anunciar ao povo, e a todas as unidades que aí encontrem, o que acaba de se passar. Diga-lhes para anunciarem a chegada do seu imperador.

— Com certeza, *sire*. — Cambronne sorriu de alegria e alívio.

Napoleão devolveu o sorriso.

— A crise passou, meu amigo. Assim que os outros receberem a notícia de que este primeiro batalhão se passou para o nosso lado sem disparar um tiro, então o resto do exército vai seguir-se. Até este momento eu era apenas um aventureiro. Agora? Agora sou novamente um grande príncipe da Europa…

CAPÍTULO 55

Tulherias, Paris, 8 de abril de 1815

Napoleão amarrotou lentamente a proclamação do Congresso de Viena e continuou a esmagá-la entre as mãos.

— Então é assim que me tratam — afirmou num tom baixo, quase impercetível para os restantes homens sentados à volta da mesa. — Condenam-me a fora-da-lei. — Suspirou amargamente e atirou a pequena bola de papel. — Podem ter a certeza de que isto é obra de Talleyrand. Esta é a sua vingança pelas indignidades a que o sujeitei ao longo dos anos. E então, qual é o problema? Ele mereceu cada pedacinho. Cada insulto.

O conselho de ministros e generais estava sentado em silêncio. Tinham sido convocados para ouvir o imperador ler a proclamação dos aliados e discutir a resposta apropriada. Napoleão olhou em volta para eles. Existiam muitos rostos familiares, chamados de novo ao serviço depois de Napoleão ter regressado a Paris. Tinha sido recebido por uma multidão histérica a saudá-lo, que o levantara do chão e carregara pelas ruas até ao palácio e à sala do trono, abandonada ainda na véspera pelo rei Luís. Napoleão fechara os olhos ao ser transportado, saboreando a sensação de poder que tinha sobre o afeto de tantos. Não apenas o povo de Paris. Em cada fase da sua marcha desde a costa, o povo tinha saído à rua para o saudar com entusiasmo. Os Bourbons tinham enviado soldados para o travar, depois exércitos e, apesar das ordens que tinham, os soldados tinham-se juntado a ele. Até o marechal Ney, que se tinha vangloriado a Luís que traria Napoleão para Paris numa gaiola de ferro.

Apesar de o povo e o exército o terem aclamado e exigido que reclamasse o trono de volta, os mais influentes elementos da sociedade francesa tinham encarado o seu regresso com precaução. Os deputados da Câmara, que no ano anterior tinham votado a sua deposição, rapidamente se retrataram da decisão e deram as boas-vindas ao imperador, de regresso à capital, implorando-lhe que mantivesse a paz na Europa. Por muito que gostasse de lhes ter respondido ao volte-face com desprezo, Napoleão compreendeu que precisava do apoio deles. Sem a sua cooperação, e a dos oficiais e assembleias menores por toda a nação, seria quase impossível edificar o apoio de que o seu regime necessitava.

O imperador restabeleceu o reinado com precaução. Tinha respondido aos pedidos de paz enviando mensagens aos restantes governantes da Europa, assegurando-lhes o desejo de evitar conflitos. Até tinha promulgado um édito que declarava o fim do envolvimento da França no mercado esclavagista. Pelo menos isso devia ter angariado algumas boas opiniões na Grã-Bretanha. Contudo, as ofertas de paz tinham sido ignoradas ou brevemente recusadas. Agora, os aliados tinham assinado um tratado comprometendo-se a enviar meio milhão de

homens para derrotar Napoleão. Queriam separar o imperador do seu povo, declarando que a guerra não era contra a França, mas apenas contra Bonaparte, a quem haviam pronunciado criminoso.

— Todos vós sois testemunhas dos meus esforços para evitar a guerra — declarou Napoleão ao conselho. — Ofereci-lhes a minha mão em amizade e, como resposta, cuspiram-me na cara e ofereceram-me, a mim e à França, apenas ameaças. É claro para todos os bons pensadores que a Rússia, a Áustria, a Prússia e a Inglaterra são os agressores.

O marechal Davout, que aceitara o cargo de Ministro da Guerra, tomou a palavra.

— *Sire*, podem estar a fazer um jogo a nosso favor ao não declararem guerra à França. Coloca-os numa posição difícil. Se invadirem a França, dificilmente conseguirão evitar a união da nação sob o seu comando, especialmente porque lhes haveis oferecido a paz. Consequentemente, terão de aguardar e esperar ser atacados, justificando desse modo uma declaração de guerra contra si em pessoa.

— Isso é verdade. — Napoleão anuiu pensativamente. — E o que me aconselha a fazer?

— Aguardar, *sire*. Não fazer qualquer tentativa de provocação militar. Entretanto, podemos construir a nossa força e preparar-nos para defender as fronteiras, caso os aliados fiquem impacientes e decidam invadir. Este é o meu conselho.

— Estou a ver. — Napoleão olhou-o por um momento e depois abanou a cabeça. — Não podemos arriscar essa estratégia, Davout.

— E porque não, *sire*?

— De momento existem dois exércitos nos Países Baixos, um sob o comando do marechal Blücher, o outro comandado por Wellington. Cada um deles tem mais de cem mil homens. Schwarzenberg tem outros cinquenta mil preparados para atravessar o Reno e ainda mais cento e cinquenta mil russos estão a marchar para se juntarem a eles. Estarão em posição de invadir a França no final de julho. E o que temos para lhes fazer frente? Luís deixou-nos com pouco mais de duzentos mil homens para guardar as fronteiras. Ordenei que chamassem de volta ao exército mais setenta e cinco mil veteranos, bem como oitenta mil voluntários. Mesmo depois de treinados, ainda estaremos em grande desvantagem numérica. A falta de capital humano não é o único problema. Temos poucos cavalos, equipamento, munições. — Fez uma pausa. — Por isso, como vê, o tempo não joga a nosso favor.

— Nesse caso, o que propõe, *sire*?

Napoleão juntou as mãos enquanto refletia na resposta que já tinha preparado. Tinha noção de que afastaria qualquer hipótese de apresentar a França como vítima dos agressores e, ainda assim, não conseguia conceber nenhuma outra linha de ação.

— Só existe uma hipótese de êxito, cavalheiros. Se der hoje a ordem para a França se mobilizar para a guerra, em junho posso formar um exército de, talvez, cento e trinta mil homens na fronteira com a Bélgica. É onde estão posicionados os dois exércitos aliados

mais fracos. Se os conseguirmos surpreender, antes de se concentrarem, estou confiante de que poderemos derrotar um de cada vez. Se conseguirmos aniquilar Wellington e o seu exército, poderemos forçar a Inglaterra a sair da coligação. Sem o ouro inglês, as outras potências ficarão com dificuldades económicas para manter os exércitos em campo contra nós. — Napoleão fez uma pausa, enquanto via a incerteza nas expressões dos seus subordinados. — Cavalheiros, asseguro-lhes que analisei atentamente cada alternativa. Se esperarmos e permitirmos que o inimigo concentre todos os seus exércitos, então certamente seremos derrotados. Se atacarmos enquanto as nossas tropas estão frescas e com o moral elevado, podemos destruir um terço da força do inimigo com uma só estocada. Os restantes certamente hesitarão. O meu objetivo é obrigá-los a oferecerem-nos a paz. Esse é o limite da minha ambição, garanto-vos. Os velhos dias de conquista já acabaram. Têm a minha palavra. Teremos paz, mas antes temos de lutar por ela. — Olhou à volta da mesa. — Alguém deseja falar? Não? Nesse caso, parto do princípio de que estamos de acordo. — Fez uma nova pausa antes de prosseguir. — Marechal Davout.

— *Sire*?

— Quero que a ordem para mobilizar as nossas tropas seja proclamada antes do final do dia.

— Sim, *sire*.

No resto do mês, e durante maio, Napoleão trabalhou sem descanso para preparar o país para a guerra. Ao mesmo tempo, estava mais ciente do que nunca da necessidade de assegurar a lealdade do povo cansado de guerra. As medidas repressivas impostas pelos Bourbons foram revogadas. Os presos políticos foram libertados e os oficiais que tinham servido os Bourbons foram livremente perdoados e a muitos foram oferecidos comandos no seio do renovado exército imperial. Por vezes, isso causava fricções, especialmente quando aos oficiais defensores da linha bonapartista eram negadas promoções a favor daqueles que tinham servido o rei Luís. Mas Napoleão sabia que podia contar com a lealdade dos seus ardentes seguidores, enquanto a lealdade dos antigos oficiais de Bourbon tinha de ser comprada. Consequentemente, eles seriam olhados com desconfiança pelos subordinados e sentir-se-iam compelidos a provar a sua recentemente adquirida lealdade a Napoleão.

Davout rapidamente organizou a produção e distribuição de equipamento para o exército em franca expansão. As tecelagens e as fábricas conseguiram produzir milhares de fardas e dezenas de milhares de cartuchos. Novos canhões foram fundidos e adaptados à medida das carretas novinhas em folha. Requisitaram-se cavalos nos campos. Durante todo este tempo, uma corrente constante de soldados marchou para norte em direção ao rio Sambre, onde acamparam numa larga margem, à espera da ordem para se concentrarem. Napoleão permaneceu em Paris tanto tempo quanto possível. Tinha enviado uma mensagem privada ao

imperador da Áustria, pedindo o regresso do filho e da esposa. Contudo, não obteve resposta e o seu coração endureceu-se em relação aos austríacos e prometeu vingar-se deste cruel silêncio.

Apesar de demonstrar estar preocupado com as obrigações civis, na realidade a mente de Napoleão estava sempre concentrada no planeamento da campanha que se avizinhava, selecionando os oficiais cuidadosamente. O pedido de Murat para servir sob o seu comando foi bruscamente declinado. Murat tinha levianamente declarado guerra à Áustria assim que soubera da fuga de Napoleão de Elba e tinha sido derrotado pouco depois, sendo obrigado a fugir para França. Depois da traição anterior, Napoleão não podia confiar nele.

Incerto quanto ao alcance do seu poder, Napoleão tinha de deixar Davout a controlar Paris na sua ausência. Berthier teria sido a sua primeira escolha como chefe do estado-maior do novo Exército do Norte, mas no início de junho tinha chegado a notícia de que Berthier estava morto. Tinha caído de uma janela da sua casa em Bamberg, mas não era claro se se tinha tratado de um acidente ou de algo mais sinistro. No seu lugar, Napoleão nomeou Soult, apesar dos protesto deste de que não tinha a capacidade para gerir o comando geral do imperador e seria mais bem empregue no campo de batalha.

No dia 7 de junho, Napoleão ordenou que a fronteira com a Bélgica fosse encerrada. Como medida adicional de segurança, não era autorizado tráfego de correio ou civil nas estradas, enquanto os soldados do Exército do Norte se começavam a concentrar em Philippeville, a menos de um dia de marcha da fronteira. Uma semana mais tarde, a carruagem de Napoleão e a escolta de cavalaria trotaram pela pequena cidade de Beaumont, onde o quartel-general do exército tinha sido estabelecido. As ruas habitualmente calmas da cidade estavam repletas de soldados, que se levantaram de imediato e saudaram ruidosamente assim que se aperceberam que o imperador se tinha juntado a eles. Napoleão, apesar de exausto devido aos preparativos para a campanha, forçou um sorriso e acenou-lhes. Mesmo no meio da louca celebração, a sua mente estava tranquilamente a avaliar o espírito dos homens e ficou satisfeito por ver que não havia qualquer indício do ânimo sombrio de resignação que caracterizara os soldados que conduzira no ano anterior. Empurraram-se em volta da carruagem, acompanhando-a através das ruas, até que ela virou para o parque de carruagens da estalagem onde Soult e o seu estado-maior o aguardavam.

Os oficiais tinham sido alertados da sua aproximação e já estavam em formação na pequena entrada da estalagem. Quando a carruagem estava a parar no pavimento de pedra, Soult atravessou o quintal e fez uma vénia, enquanto um empregado ajudava o imperador a descer.

— Está tudo pronto? — perguntou Napoleão com brevidade.

— *Sire*, tenho a honra de relatar que o Exército do Norte aguarda as suas ordens.

— Muito bem, Soult. — Napoleão sorriu e deu uma palmadinha no ombro do marechal.

— Então, só falta alinhavar os últimos pormenores do meu plano. — Fez um gesto em direção à entrada. — Lá dentro.

Passaram pelas linhas de oficiais do estado-maior, que curvavam as cabeças à passagem do imperador. Napoleão reparou em alguns rostos familiares, mas a maioria era-lhe desconhecida.

— Vejo que teve dificuldade em reunir o meu antigo estado-maior.

— Sem dúvida, *sire*. Alguns aceitaram servir os Bourbons, outros estão exilados, ou fora de França. Reuni os melhores homens que consegui em tão pouco tempo. Parecem ser perfeitamente capazes.

— Soult. — Napoleão baixou a voz. — O destino de França vai ser decidido nos próximos dias, no máximo nas próximas semanas. Estou a contar consigo e com o seu estado-maior. Não me falhará em nenhum pormenor, entendido?

— Claro, *sire*.

Entraram no edifício e continuaram por um pequeno hall até à sala de jantar. Todas as mesas tinham sido reunidas no centro para providenciar uma mesa de mapas para Soult e o seu estado-maior. Pequenas mesas de campanha e bancos tinham sido montados ao longo das paredes e estavam de momento cheias de pilhas de papelada. Não se assistia ao mesmo sentido de ordem que Berthier tinha imposto, refletiu Napoleão por um momento, enquanto tirava o casaco e o atirava para as costas de uma cadeira. O tempo nos últimos dias tinha estado quente e a sala estava demasiado aquecida.

— Abram algumas janelas — ordenou Napoleão, ao mesmo tempo que colocava as mãos na mesa e se debruçava sobre ela para inspecionar o principal mapa de campanha. Enquanto Soult soltava os trincos e abria as janelas, Napoleão inteirava-se dos pormenores do posicionamento estratégico do Exército do Norte, bem como das forças de Blücher e Wellington.

— Quão exatas são as nossas informações quanto às posições inimigas?

Soult juntou-se a ele na mesa.

— Tanto quanto possível, *sire*. Temos muitos simpatizantes entre os belgas e eles têm-nos enviado relatórios regulares sobre o inimigo. Como pode ver, as forças deles continuam bastante dispersas. Estimo que demorarão no mínimo três dias para reunir os exércitos depois de ter sido dada a ordem.

Napoleão analisou o mapa por um momento.

— Vamos assumir o pior e digamos um máximo de três dias. — Fez uma pausa por um instante e depois esboçou um sorriso. — Há outra coisa que funciona a nosso favor. Vejam como as linhas de comunicação estão traçadas em direções opostas: a de Blücher a leste, em direção ao Reno, ao passo que a de Wellington se estende para a costa, em Ostende. Vamos aproveitar isso. Reúna uma brigada de cavalaria do exército e simule um ataque às

comunicações de Wellington. Isso vai distraí-lo. Quando atacarmos, o impulso natural será dar toda a atenção à linha de fornecimento e isso criará um ponto fraco na junção dos exércitos, aqui. — Napoleão esticou-se e bateu com o dedo no mapa, indicando a estrada de Charleroi da fronteira direta com Bruxelas. — É aqui que temos de atacar, Soult. O golpe principal do Exército do Norte tem de ser ao longo desta estrada. Dividimo-los e esmagamos um de cada vez.

— Muito bem, *sire*. — Soult anuiu a sua aprovação. — Qual primeiro? Blücher ou Wellington?

Napoleão ficou por momentos em silêncio antes de responder.

— Blücher, creio eu. É o mais agressivo dos dois. Podemos contar com Wellington para se cingir à sua precaução habitual. Vai esperar que sejamos nós a ir ter com ele. E enquanto espera, tratamos com Blücher.

Soult agitou-se desconfortavelmente.

— Não subestime Wellington, *sire*. É mais ousado do que pensa.

Napoleão olhou para o chefe do estado-maior e abanou a cabeça.

— Dá demasiado crédito às capacidades dele, porque ele já o derrotou, Soult. Tal como os outros marechais que ele humilhou em Espanha e Portugal. Caíram nas armadilhas que ele montou, todos vós. Não me vou deixar enganar tão facilmente.

— *Sire*, está enganado. Se tivesse enfrentado Wellington no ano passado, então saberia. Ele é um homem para se ter em consideração e os seus soldados segui-lo-ão até aos confins da Terra.

— É o Soult que está enganado. Eu sei como vencer Wellington. Além disso, ele já não comanda o mesmo exército. Wellington tem um *pot-pourri* de nacionalidades sob o seu comando. Menos de metade dos seus homens são britânicos e ele não se atreve a confiar nas unidades belgas. Enquanto enfrentar estas dificuldades, não precisamos de nos preocupar de modo desnecessário. Compreendido?

Soult olhou com ar de desafio para o imperador durante um momento, depois rangeu os dentes e acenou com a cabeça.

— É claro, *sire*.

— Ótimo. — Napoleão voltou a dirigir a atenção para o mapa e analisou a disposição do exército. — O marechal Grouchy foi notificado de que vai comandar a ala direita, presumo.

— Sim, *sire*.

— Tenciono então nomear o marechal Ney para comandar a ala esquerda, enquanto eu acompanho e comando a reserva.

— O Ney?

— Questiona a minha decisão?

— Claro que não, *sire* — apressou-se Soult a responder. — Simplesmente, Ney era o

chefe do estado-maior dos exércitos de França de Luís. Poderemos confiar nele?

— Posso-me dar ao luxo de não o fazer? — foi a resposta de Napoleão. — Conhece a reputação dele. Os soldados adoram-no. Ele tem grande influência sobre os oficiais que serviram os Bourbons. Se Ney me servir, então podemos ter a certeza que esses oficiais seguirão o seu exemplo. Portanto, Ney comanda a ala esquerda.

— Muito bem, *sire*. Quando se juntará Ney ao exército?

— Mandei chamá-lo pouco antes de sair de Paris. Tragam-no à minha presença assim que ele chegar.

— Sim, *sire*.

Endireitando-se, Napoleão massajou as ancas, que lhe doíam depois da longa jornada de carruagem desde a capital.

— Qual é a força do exército?

— Nos relatórios de ontem à noite, contávamos com oitenta e nove mil soldados de infantaria, vinte e dois mil de cavalaria e trezentas e sessenta e seis armas.

Napoleão expressou desagrado.

— Contava com mais.

— Foi desviada uma divisão para Vendée, para suprimir os rebeldes nessa zona, *sire*. De acordo com as suas ordens.

— Ah, sim. Uma pena. Bem, estou certo de que temos homens suficientes para a tarefa. De qualquer modo, teremos a vantagem da surpresa e isso vale mais do que qualquer divisão, certo?

— É claro, *sire*.

— Resta então apenas decidir a data e o local do ataque — refletiu Napoleão, enquanto dirigia a atenção para o mapa. — Vamos atacar aqui, em Charleroi, nas primeiras horas da manhã de 15 de junho.

As sobrancelhas de Soult ergueram-se.

— Tão cedo?

— Nunca é demasiado cedo para atacar. Emita as ordens. A cavalaria deve proteger a nossa aproximação da fronteira esta noite. Não se podem acender fogueiras até a campanha começar e todos os homens devem ficar o mais imóveis que conseguirem. O inimigo não pode adivinhar as nossas intenções. Agora, estou cansado. Preciso de dormir. — Napoleão virou-se e dirigiu-se à porta. — Imagino que me tenha preparado aposentos.

— Claro, *sire*. — Soult apressou-se a segui-lo. — Vou pedir a um funcionário que lhe indique o caminho.

O quarto era espaçoso e uma confortável brisa arrefecia o ar quando Napoleão se deitou na cama, despido, só com a camisa e os calções. Apesar de estar exausto pela frenética

atividade dos últimos três meses, o sono não chegou. Manteve-se sossegado, fitando o teto, enquanto serventes e oficiais entravam e saíam dos quartos em baixo. Além das paredes da estalagem, conseguia ouvir o débil tumulto do exército: ordens gritadas, as pancadas ocasionais provocadas por um rapaz do tambor recentemente recrutado a treinar as batidas e as bem-humoradas saudações e risos dos homens à beira de uma grande aventura. A mente impaciente de Napoleão debatia-se com o supremo desafio que esta mais recente campanha colocava. Apesar do que dissera a Soult, sabia que as probabilidades estavam contra ele. Cada um dos exércitos aliados era comparável ao seu. Se não conseguisse interpor-se entre eles, tinha poucas hipóteses de vitória, e sem uma vitória decisiva, não havia qualquer esperança de conseguir quebrar a vontade da enorme coligação que se juntava para o esmagar.

Uma grande abelha entrou no quarto, com o seu zunir hipnótico a subir de tom, enquanto se passeava de um lado para o outro, aproximando-se da cama. Os olhos de Napoleão procuraram o inseto e ele esboçou um leve sorriso quando aquele pousou num dos pilares da cama a seus pés. Uma abelha, o símbolo que ele escolhera para o seu emblema. Era um bom presságio.

Nessa noite, aproveitando a proteção da escuridão, o exército arrastou-se até ao local mais próximo da fronteira que ousaram. Os soldados na linha de sentinela patrulharam a margem do Sambre, trocando insultos bem-humorados com os seus incautos pares austríacos do outro lado do rio, como já tinham feito durante tantas semanas. Assim que cada formação alcançava a sua posição, era ordenado aos homens que se espalhassem e instalassem em silêncio. Tinham-lhes sido atribuídas rações para cinco dias e, enquanto a madrugada nascia sobre os campos ondulados, os homens mastigavam pão com queijo, uma vez que tinham sido proibidos de fazer fogueiras para cozinhar o guisado que geralmente comiam.

Apesar de se ter levantado com a primeira luz da manhã, Napoleão não saiu do quartel-general para cavalgar através do seu exército oferecendo encorajamento, como tinha sido seu costume na véspera de batalha. Para todos os efeitos, ele ainda estava em Paris e seria disparatado arriscar-se a ser saudado com altos vivas, que poderiam ser ouvidos pelas linhas de sentinela do inimigo.

O marechal Ney chegou ao final da tarde. Tinha o casaco coberto de poeira e as suas faces estavam vermelhas devido ao esforço de cavalgar desde a sua propriedade nos arredores de Paris. Napoleão olhou-o fixamente, com frieza, quando o marechal se apresentou no pequeno escritório que fora o centro de operações do dono da estalagem.

— Está atrasado, Ney.

Ney engoliu uma inspiração profunda.

— Poderia ter sido avisado antes, *sire*. Vim imediatamente assim que recebi a

convocatória. O que deseja de mim?

— Quero que comande a ala esquerda do Exército do Norte. Aceita?

— Claro, *sire* — respondeu Ney sem hesitar. — Quando espera ser atacado pelo inimigo?

Napoleão não conseguiu evitar um pequeno sorriso e uma olhadela rápida para o relógio montado na parede.

— Somos nós que vamos atacar, Ney, daqui a menos de doze horas.

Os olhos de Ney arregalaram-se.

— *Sire*, nada sei dos seus planos. Preciso de tempo para assumir o comando.

— Os seus oficiais já foram informados. O chefe do estado-maior pode fornecer-lhe todos os detalhes de que precisa. Ainda aceita o comando ou considera-se mal preparado para aceitar o desafio?

Ney lançou-lhe um olhar furioso em resposta.

— Vou cumprir o meu dever, *sire*. Comandarei a ala esquerda do exército, aonde me mandar ir.

— Muito bem. — Napoleão levantou-se e estendeu-lhe a mão. — Meu caro Ney, nunca precisei tanto de si como neste momento. Não faz ideia a tranquilidade que me dá saber que terei os meus mais bravos marechais a lutar a meu lado quando enfrentarmos o inimigo.

Ney tufou as faces ante tão descarada lisonja. No entanto, aceitou a mão do imperador e apertou-a com firmeza.

— Não consigo pensar em nenhuma honra maior, *sire*.

— Então está feito. — Napoleão soltou a mão de Ney. — Tendo em conta o tempo que nos resta antes de iniciar o avanço, sugiro que receba as suas ordens de Soult e se vá juntar aos seus homens.

— Sim, *sire*! — Ney ficou hirto e fez uma vénia com a cabeça, depois virou-se e saiu do escritório.

Os soldados do Exército do Norte passaram o resto do dia e grande parte da noite a descansar nos campos e bosques perto da pacífica corrente do Sambre. Depois, à meia-noite, os sargentos e cabos arrastaram-se silenciosamente entre as linhas de homens adormecidos e acordaram-nos. Na fresca brisa noturna, as figuras negras formaram colunas e dirigiram-se às posições de início de marcha. Noutro local, nos campos de artilharia, os artilheiros armaram as equipas dos cavalos e engataram as peças do canhão antes de, também eles, avançarem. Na dianteira da densa coluna de infantaria e artilharia, a cavalaria montou e deslizou ao longo da margem e depois aguardaram as ordens para atravessar a fronteira. Às três da manhã, as sentinelas recuaram silenciosamente e, na margem distante, os prussianos ficaram surpreendidos quando não houve resposta às habituais saudações gritadas sobre a água.

No quartel-general, Napoleão estava sentado com o seu estado-maior. Alguns dos oficiais

falavam entre si em tom baixo, mas a maioria estava sentada em silêncio, olhando para os ponteiros de um grande relógio empoleirado na abóbada sobre a lareira na sala dos mapas. As ordens tinham sido enviadas para todas as formações horas antes e as mesas, bancos e baús de documentos tinham sido empacotados nas carroças preparadas para Soult e os seus oficiais. Houve uma acalmia na frenética agitação dos últimos dias, enquanto todos esperavam que o exército fosse novamente lançado contra os aliados. O ponteiro das horas do relógio arrastou-se até às três e então, finalmente, Napoleão levantou-se e os seus oficiais saltaram das cadeiras e encararam-no expectantes.

— Cavalheiros! O ataque começa. Se Deus quiser, por esta hora dentro de uma semana, estaremos a celebrar nas ruas de Bruxelas.

Soult levantou o seu punho e esmurrou o ar.

— Viva a França! Viva o Imperador!

Os oficiais repetiram o grito, vezes sem conta, enquanto lá fora, na noite, dezenas de milhares de homens e cavalos ondulavam em frente, avançando através da fronteira.

CAPÍTULO 56

Arthur

Bruxelas, 15 de junho de 1815

— Isto é uma desgraça — resmungou Picton ao assumir o seu lugar à mesa. — O governo só nos enviou pouco mais de metade das tropas que vossa senhoria pediu. Além disso, a maior parte dos soldados é inexperiente. Grande parte do exército é estrangeira e quase metade dos homens falam alemão.

— Verdade seja dita, é um exército infame — concordou Arthur calmamente. Convidara os oficiais superiores para um jantar, para que pudessem analisar os preparativos para a guerra antes de participarem num baile, nesse serão. Arthur nem há dois meses assumira o comando e já ficara horrorizado pela falta de preparação tão evidente nos Países Baixos. A falha por parte do governo britânico de lhe ceder soldados suficientes era apenas uma das dificuldades com que tinha de se haver.

Confrontado com a nova ameaça, Arthur procurara o serviço de tantos oficiais quanto possível de entre os que tinha comandado na Península Ibérica. A maioria tinha aceitado o destacamento, mas outros tinham-lhe sido impostos, como por exemplo o comandante da cavalaria, o duque de Uxbridge. Verificava-se o mesmo em relação a muitos dos oficiais do estado-maior, nomeados pelo duque de Iorque antes de Arthur chegar de Viena.

Depois havia a questão da qualidade, e lealdade, dúbia das tropas aliadas que compunham dois terços do exército. Ao início, o rei Guilherme da Holanda recusara-se a ceder homens que fossem colocados sob o comando de Arthur e só o consentira com relutância depois de muita pressão diplomática por parte de Londres e do pagamento de um avultado subsídio em ouro. Arthur decidira distribuir as tropas aliadas mais imprevisíveis pelos seus casacas-vermelhas, para minimizar o impacto de quaisquer sentimentos traiçoeiros. Picton tinha razão para se queixar, refletiu Arthur, enquanto os outros oficiais se sentavam. Claro que era com isso que teriam de trabalhar e Arthur daria o seu melhor.

Pelo menos Kitty e os filhos estavam em segurança. Somerset escoltara-os de regresso a Inglaterra antes de se juntar a Arthur em Bruxelas. Tinham deixado Paris poucos dias antes da chegada de Napoleão e Somerset tomara a precaução louvável de queimar todos os registos da embaixada antes de partir. Infelizmente, os Bourbons não tinham mostrado o mesmo sentido prático e Napoleão descobrira o tratado secreto assinado entre a Áustria, França e Inglaterra no início do ano. Quando os pormenores foram publicados nos jornais franceses, os russos e os prussianos tinham ficado furiosos e, consequentemente, muitos dos oficiais do exército de Blücher mostravam-se hostis e desconfiados em relação aos aliados ingleses.

Depois de a sopa ter sido servida, Arthur inclinou-se na direção de Uxbridge.

— Temos relatórios novos quanto à atividade inimiga no nosso flanco direito? — perguntou em voz baixa.

— Nada de novo. Tendo em conta o que nos mostram ao longo da fronteira, os franciús parecem lá estar em força. É claro que se tivesse autorização para enviar patrulhas para o interior de França, teríamos uma imagem muito melhor.

— Está fora de questão. As minhas ordens são para manter o exército em alerta até que a guerra seja declarada. Se atravessarmos a fronteira, seremos nós os agressores.

— Nada mais do que uma amabilidade — desdenhou Uxbridge. — Nesta fase torna-se difícil de acreditar que a guerra possa ser evitada.

— Seja como for, temos as nossas ordens. Entretanto, preocupa-me a possibilidade de Bonaparte poder tentar um ataque a oeste de Bruxelas, isolando-nos do mar. O exército tem de estar pronto a concentrar-se contra um ataque vindo dessa zona. Assim sendo, precisamos de uma resposta adequada por parte das suas patrulhas montadas, Uxbridge. Eles têm de se manter alerta.

— Tenho-os controlados. Vossa senhoria será das primeiras a saber se o Boney se dirigir à costa, ou se tomar a Estrada de Mons para Bruxelas.

— Muito bem. — Arthur fez uma pausa. — O chefe do estado-maior de Blücher exige saber onde pretendo concentrar o meu exército na eventualidade de um ataque. Não lho posso dizer até saber onde se vai posicionar o grosso do exército francês.

— Malditos prussianos — resmungou Uxbridge, antes de levar a colher à boca. Os olhos iluminaram-se-lhe. — Mas que bela sopa.

Arthur reprimiu um suspiro. Vinha a tentar manter o moral do seu exército, e o dos anfitriões belgas, insistindo para que a vida social de Bruxelas prosseguisse como se não houvesse qualquer iminência de guerra. A principal dificuldade estava no facto de muitos dos seus oficiais representarem o papel com demasiada convicção, parecendo estar pouco preocupados com a presença de um exército francês a reunir-se no outro lado da fronteira.

Obrigou-se a manter conversa de ocasião com Uxbridge até ao final do primeiro prato. Depois, quando a louça estava a ser levantada, um oficial do estado-maior entrou na sala de jantar e apressou-se a chegar junto de Arthur, aproximando-se do seu ouvido.

— Vossa senhoria, está um oficial prussiano à espera no hall. Diz que tem um despacho urgente do quartel-general do marechal Blücher.

Arthur aquiesceu e sorriu apologeticamente para os convidados enquanto se levantava do seu lugar à cabeceira da mesa.

— Prossigam com a refeição, cavalheiros. Não demoro.

Seguiu o oficial até ao exterior, onde aguardava o prussiano salpicado de lama. Apesar da expressão ansiosa, o prussiano pôs-se em sentido e fez uma vénia rígida antes de falar, num

inglês com um sotaque bastante carregado.

— Vossa senhoria, venho da parte do general Gneisenau. O chefe do estado-maior manda informá-lo de que pelas oito horas da manhã, os franceses atacaram a nossa posição em Thuin.

— Com que força?

— Suficiente para nos fazer recuar os postos avançados e para tomar a vila, vossa senhoria.

— Os franceses estão a atacar em mais alguma posição?

— Não sei.

— Muito bem. — Arthur agradeceu com um aceno de cabeça. — Diga ao general Gneisenau que estou a reunir o meu exército. Darei notícia da minha posição logo que possa.

O prussiano voltou a curvar a cabeça e deu meia-volta de regresso à entrada da casa que Arthur alugara no centro da cidade. Arthur dirigiu-se ao oficial do estado-maior.

— Vá imediatamente para o quartel-general. Diga ao Somerset que envie ordens a todas as formações. O exército vai formar e ficar pronto a marchar assim que receber a ordem para isso.

— Sim, vossa senhoria. — O oficial virou-se e aumentou o ritmo da passada.

— Ande, meu rapaz, não corra! Temos de parecer calmos à frente dos locais.

— Sim, milorde — replicou o jovem oficial, repreendido.

Arthur regressou à sala de jantar e voltou a sentar-se. Pegou no garfo e bateu no copo.

— Silêncio, cavalheiros.

Os oficiais viraram-se para ele.

— Os franceses atravessaram a fronteira — anunciou. — Atacaram uma das formações de Blücher.

— Finalmente. — Uxbridge sorriu. — Onde foi?

— Em Thuin. A questão que se coloca é: será que isso constitui o grosso do ataque, ou não passa de uma diversão?

— Uma diversão? — resmungou Picton. — Está a dizer que o Boney nos quer atrair em direção aos prussianos? Para mim, isso não faz sentido a nível militar.

— Fará, caso pretenda atravessar pela nossa direita e cortar-nos as linhas de comunicação. — Arthur fez uma pausa. — Por enquanto, julgo que é essa a sua intenção. Para salvaguardar essa possibilidade, o exército vai concentrar-se a oeste de Thuin. Se houver indicação de que não se trata de uma diversão, poderemos ajustar a nossa posição concomitantemente. Dei ordens para que o exército se preparasse para marchar. Também vou enviar ordens ao general Dörnberg, em Mons, para procurar sinais do inimigo na sua frente. Entretanto, vamos esperar que a situação se clarifique. Agora, cavalheiros, todos vós sabeis a minha política quanto aos locais e aos nossos próprios civis. Vamos estar presentes no

baile desta noite e não haverá referências ao ataque. Sugiro que aproveitem a diversão, pois poderá vir a ser a última durante algum tempo.

Pouco depois das dez, Arthur falava com Uxbridge quando viu os convidados ficarem agitados com a entrada no salão de baile de uma figura de capa de montar, que perscrutou a sala. Arthur reconheceu-o de imediato — o general Müffling, o oficial destacado para servir de ligação entre os quartéis-generais dos dois exércitos aliados. Assim que viu Arthur, o prussiano percorreu rapidamente os convivas na sua direção.

— Receio que o disfarce tenha chegado ao fim — resmungou Arthur quando a dança parou e a orquestra se silenciou. Todos os olhares se viraram na sua direção.

— Assim parece — assentiu Uxbridge.

Müffling cavalgara bastante e tinha a capa e as botas sujas de lama.

— Milorde, fui enviado pelo marechal Blücher.

— Venha. — Arthur pousou a mão no ombro do homem. — Vamos conversar num local calmo, e peço que lhe tragam um refresco.

Levou Müffling por uma porta num dos lados do salão de baile. Entraram para uma pequena sala, iluminada com uma única vela, usada para guardar cadeiras. Arthur fez sinal a Somerset e apontou para a orquestra antes de fechar a porta. Quando a música recomeçou, Arthur dirigiu-se a Müffling.

— Quais são as novidades?

— Blücher avançou até Ligny para enfrentar o exército francês. Manda perguntar se lhe dará apoio.

— Como pode o Blücher ter a certeza de que o exército francês está à frente dele?

— Passámos o dia a combater o inimigo, milorde. As nossas patrulhas montadas dão conta de grandes colunas a marchar por Charleroi. Chegaram a ouvir os soldados inimigos a gritar vivas ao imperador. Não pode haver dúvida de que se trata do grosso da linha de avanço.

Arthur ficou em silêncio por um instante, enquanto ponderava nas palavras de Müffling. Depois aquiesceu lentamente.

— Muito bem, general. Espero que não se trate de uma diversão; continuo a achar que o ataque principal terá lugar algures na rota mais direta para Bruxelas. — Arthur pegou na maçaneta da porta e acenou com a cabeça na direção do salão de baile. — Vamos?

Quando entraram no salão brilhante, Arthur viu que muitos dos oficiais já tinham saído e outros escusavam-se e dirigiam-se à porta. Não havia nada que pudesse fazer para os impedir sem fazer uma cena. Müffling afastou-se e Arthur fez sinal a Uxbridge e aos outros oficiais superiores para que se juntassem a ele e lhes desse conta da breve troca de palavras. À medida que os oficiais foram saindo para se juntarem aos seus comandos, Arthur viu que

os restantes convidados se apressavam a deixar o salão de baile, os olhos iluminados pelo receio.

As ruas de Bruxelas estavam cheias de soldados que deixavam os aboletamentos, dirigindo-se aos regimentos que se formavam no exterior da cidade. À medida que a carruagem de Arthur percorria com estrépito o empedrado das ruas, viu os primeiros civis a carregar carroças e carretas com os seus valores, preparando-se para fugir. Pouco antes da meia-noite, a carruagem chegou à casa do general Müffling e Arthur foi rapidamente levado ao estúdio onde o general aguardava.

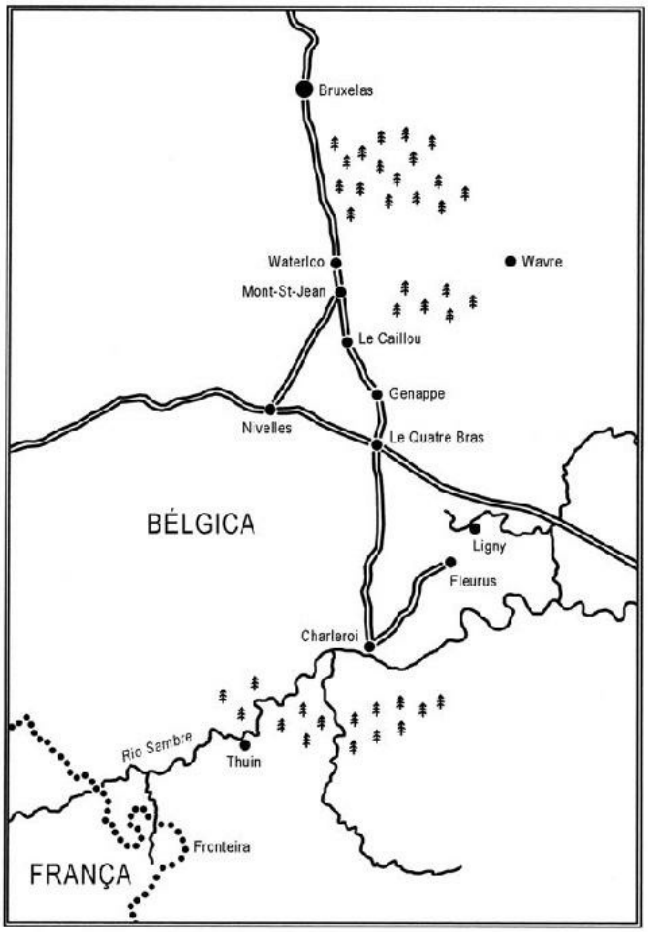
— Dei ordens para que o exército seguisse para leste, para apoiar o marechal Blücher. Vamos marchar durante a noite e esperar chegar a ele, através de Quatre Bras, amanhã à tarde. Pegue no cavalo e vá dizer-lhe.

— Assim farei, milorde. — Müffling pegou no sobretudo. — Só espero que não seja demasiado tarde.

Arthur aquiesceu. Cada hora contava. Se os franceses tomassem o importante cruzamento de Quatre Bras, haveria pouca hipótese de se juntar os exércitos aliados — e tudo o que se encontrava entre Bonaparte e a posse do cruzamento eram duas brigadas holandesas.

Mapa

CAMPANHA DE WATERLOO, JUNHO DE 1815



CAPÍTULO 57

Fleurus, 8h00, 16 de junho de 1815

A ordem para que o marechal Ney tomasse o cruzamento de Quatre Bras tinha acabado de ser enviada quando chegou um relatório do marechal Grouchy, onde se anunciava que os prussianos estavam a reunir as forças perto da aldeia de Ligny, na outra margem do ribeiro que dava o nome à povoação. Napoleão sentiu o coração bater mais depressa quando se apercebeu da oportunidade que Blücher lhe apresentava de forma tão tola. Olhou para o oficial do estado-maior que lhe levara a mensagem.

— Tem a certeza de que se trata do grosso das forças prussianas?

— Sim, *sire*. Não há dúvida quanto a isso. Estão a formar no terreno inclinado da margem oposta, à vista de todos.

Napoleão sorriu e dirigiu-se rapidamente a Soult.

— Vamos atacar Blücher com a ala de Grouchy e com a reserva. Ordene-lhes que avancem imediatamente sobre Ligny.

— Com certeza, *sire*. E quanto ao marechal Ney? Envio-lhe ordens novas para que se junte a nós?

Napoleão avaliou rapidamente a posição das suas forças e abanou a cabeça.

— Não. Precisamos daquele cruzamento. Mas diga ao Ney que deverá fazer-me um relatório assim que assuma o controlo de Quatre Bras. — Napoleão levantou-se da cadeira e dirigiu-se à porta do hotel ocupado pelo quartel-general de Soult. Fez sinal ao oficial que lhe levara a mensagem de Grouchy. — Vamos! Quero que me leve de imediato até ao marechal.

O imperador e a sua escolta montaram rapidamente e, liderados pelo oficial do estado-maior de Grouchy, saíram a cavalgar da aldeia. À frente deles estendia-se a retaguarda da ala direita do exército, batalhão após batalhão de infantaria, a par de colunas de artilharia. Quando o pequeno grupo galopou pela berma, os soldados olharam para o lado e gritaram vivas à passagem de Napoleão, com as abas do casaco cinzento a adejar atrás dele.

Uma hora depois de ter saído do quartel-general, Napoleão chegou ao posto de comando do marechal Grouchy, situado num moinho numa pequena colina sobranceira ao riacho e ao terreno elevado mais além. Os soldados e as peças de artilharia das tropas de Vandamme estavam já a dispor-se no lado francês do curso de água. Do outro lado encontravam-se os prussianos: formações cerradas de infantaria, com as suas fardas azuis e pretas, espalhadas pela encosta. Napoleão desmontou e apressou-se a chegar junto a Grouchy e respetivo estado-maior.

— Parece que a sorte está do nosso lado, cavalheiros — declarou, gesticulando na

direção do inimigo. Os oficiais sorriram e depois Napoleão dirigiu a atenção a Grouchy. — O que sabemos quanto à força e às disposições deles?

— São as tropas de Zieten que ali estão, *sire*. Os meus escaramuceiros fizeram alguns prisioneiros à primeira luz do dia. Mandei interrogá-los. Dizem que o inimigo está a concentrar-se em Ligny. As nossas patrulhas montadas dizem que outras duas corporações prussianas se estão a aproximar vindas de norte. Não há dúvida. O Blücher pretende lutar.

— Nesse caso talvez enfrentemos à volta de noventa mil homens — meditou Napoleão. — Muito bem, temos de alinhar todos os homens disponíveis o mais depressa possível. Pode começar a dispor as suas peças à frente dos prussianos. Quando a batalha tiver início, vão ser um belo alvo.

— Com efeito, *sire* — assentiu Grouchy.

Napoleão sentiu uma onda de satisfação a percorrer-lhe o corpo. O seu plano exigia que o Exército do Norte avançasse entre os aliados e depois os procurasse e destruísse, um de cada vez. Agora, parecia que Blücher lhe poupara esse trabalho. Bastaria reunir as suas forças mais depressa do que Blücher e atacar assim que estivesse em vantagem.

À medida que as horas foram passando e o Sol subiu no céu, cada vez mais infantaria, cavalaria e artilharia engrossavam as alas dos dois lados. A infantaria prussiana ocupou todos os edifícios na outra margem do Ligny e começou a fortificá-los, abrindo buracos nas paredes para incomodar os franceses quando estes iniciassem o ataque. Enquanto ambos os lados se preparavam, Napoleão avançou com a escolta para inspecionar com mais atenção o campo de batalha. O terreno de ambos os lados do ribeiro era pantanoso durante uma certa extensão e tornava-se óbvio que qualquer ataque seria obrigado a usar as pontes e os vaus espalhados ao longo do rio. Verificar-se-iam baixas pesadas, apercebeu-se Napoleão ao regressar ao posto de comando para aguardar a chegada do resto das suas forças, e do quartel-general de Soult, ao campo de batalha. Foi-se tornando evidente que o inimigo chegava em maior número do que os franceses e, perto do meio-dia, Napoleão enviou uma mensagem a Ney, ordenando-lhe que atacasse a ala direita prussiana assim que Quatre Bras ficasse em mãos francesas.

Às duas da tarde, Napoleão traçara os seus planos. Debruçado sobre a mesa de mapas de Soult informou os oficiais.

— O inimigo dispersou as suas forças ao longo de uma distância considerável na margem do ribeiro. A situação não nos poderia ser mais favorável, cavalheiros. Enquanto a nossa cavalaria contém o flanco esquerdo de Blücher, as bocas-de-fogo concentradas no centro do campo de batalha vão esmagar a linha inimiga, após o que atacaremos frontalmente. Quando chegar a altura, a Guarda Imperial vai abrir caminho pela linha deles e dividir-lhes o exército em dois. Depois basta que a ala de Ney lhes caia sobre o flanco direito e a retaguarda, e os prussianos serão desfeitos. Depois disso caímos sobre Wellington e damos

por encerrada esta campanha. — Sorriu ao olhar para os oficiais. — Daqui a alguns dias, França será triunfante e os nossos inimigos não terão alternativa que não pedir a paz.

Meia hora depois, um canhão anunciou a abertura das hostilidades e as baterias francesas começaram a disparar. Primeiro concentraram o fogo sobre os defensores nas aldeias ao longo da margem do rio e depois, quando se deu ordens para o avanço da infantaria, mudaram a mira, começando a fustigar as alas das reservas prussianas alinhadas à vista na encosta atrás do ribeiro. As bolas de canhão esmagaram as formações, deixando um rasto de corpos e membros à sua passagem. Apesar das baixas, a disciplina férrea dos prussianos prevaleceu e os batalhões devastados fechavam alas e mantinham-se firmes.

Pelo telescópio, Napoleão observou o desenrolar dos ataques ao longo do ribeiro, à medida que os seus homens se esforçavam por controlar as aldeias que cobriam as pontes e os vaus. O fogo inimigo era devastador e os soldados que seguiam as tricolores eram ceifados enquanto avançavam. Mesmo assim, o moral nunca fraquejou e os vivas pelo país e pelo imperador chegavam ténues mas audíveis a Napoleão, que observava a refrega sangrenta.

— Os nossos homens estão a ser muito castigados, *sire* — murmurou Soult ao lado de Napoleão.

— O mesmo se passa com o inimigo — retorquiu Napoleão. — Só precisamos que Blücher empenhe toda a sua força na luta, e a Guarda e Ney vão desferir os golpes decisivos. — Napoleão baixou o telescópio e concentrou-se mais uma vez na paisagem circundante. Mais valia incitar Ney, para garantir que os seus homens chegavam a tempo ao campo de batalha para desferir um golpe tão forte quanto possível sobre o inimigo.

Dirigiu-se a Soult.

— Envie uma mensagem a Ney. Diga-lhe que a batalha está em pleno desenrolar. Ele que manobre de imediato de modo a contornar a direita de Blücher e a cair sobre a retaguarda. Diga-lhe que o destino de França está nas mãos dele.

Soult aquiesceu enquanto acabava de escrever a mensagem no bloco e depois apressou-se a chegar juntos dos ajudantes de campo, para que a nota fosse reescrita numa letra legível. Momentos depois, um mensageiro partiu a galope e dirigiu-se a oeste, em direção a Quatre Bras. Napoleão devolveu a atenção à luta furiosa ao longo das margens do ribeiro e notou com satisfação que a primeira aldeia caíra nas mãos dos franceses, quando uma bandeira tricolor surgiu na torre da igreja.

— *Sire*! — chamou Soult, vindo de onde o estado-maior se debruçava sobre as mesas de campanha, tratando do constante fluxo de relatórios e ordens. Ergueu um pedaço de papel. — Do Ney.

— E então?

— Ele diz que está a enfrentar Wellington em Quatre Bras. Avalia o número do inimigo em

cerca de vinte mil homens, com mais a aproximarem-se do cruzamento.

— Raios. — Napoleão cerrou os lábios. Aquilo era inesperado. — Diga ao Ney que continue a lutar pelo controlo do cruzamento, mas que liberte as tropas de D'Erlon para atacar o flanco do Blücher. Preciso de todos os homens aqui. De todos os homens.

— E quanto às tropas de Lobau? — perguntou Soult.

— Lobau?

— Em Charleroi, *sire*.

Napoleão virou-se para o chefe do estado-maior.

— Que raios estão eles a fazer em Charleroi?

— Eles não têm ordens, *sire* — explicou Soult. — Não os referiu, esta manhã.

— Não os referi? — O rosto de Napoleão ficou exangue com a fúria. — Soult, seu idiota! Seu idiota! De que me servem os dez mil soldados do Lobau em Charleroi? Mande buscá-los. Imediatamente, está a ouvir? Agora desapareça-me da vista.

Afastou-se do chefe do estado-maior antes de ceder à tentação de o agredir. Uma corporação inteira do exército inutilmente à espera, enquanto se travava a batalha decisiva da campanha. Lobau não tinha grandes hipóteses de chegar a tempo para fazer diferença. O resultado do dia estava nas mãos de Ney. Napoleão virou-se e olhou para oeste por um instante, na direção de Quatre Bras. Se não pudesse ter Ney, pelo menos as tropas de D'Erlon poderiam fazer pender a balança a favor de Napoleão. Ainda tinha a possibilidade de destruir Blücher e o seu exército.

Quatre Bras, 15h00

O príncipe de Orange cumprimentou Arthur e Somerset com um aceno alegre enquanto os dois oficiais galopavam em direção à linha. O "Jovem Sapo," tal como era conhecido entre os oficiais de Arthur, devido aos olhos protuberantes e lábios grossos, reunira as suas duas brigadas numa elevação a menos de um quilómetro do cruzamento. O terreno irregular que cercava Quatre Bras e as plantações de centeio alto ocultavam as tropas aliadas, além das francesas, a sul. Até então, isso fora favorável aos aliados, já que o inimigo não teria noção do número de homens à sua frente. Caso contrário, pensou Arthur, teriam afastado as duas brigadas holandesas.

— Meu caro duque! — O príncipe exibiu um sorriso rasgado. — É um prazer vê-lo, milorde.

— E a vossa alteza também. — Arthur tocou na aba do chapéu. — Qual a situação por aqui?

— Calma quanto baste. Os franceses deixaram-nos em paz até há cerca de uma hora. Depois ouvimos os tambores deles. Desde então limitaram-se a fazer avançar alguns escaramuceiros para tomar aquelas quintas. — O príncipe virou-se e indicou dois pequenos

grupos de edifícios a sul. — Estão também a combater a minha infantaria ligeira na mata, ali à direita.

Quando Arthur e Somerset seguiram a direção indicada, fez-se ouvir das árvores um novo crepitar abafado de fogo de mosquete. À distância ouvia-se o ronco grave da artilharia em Ligny. O príncipe meneou a cabeça para leste.

— Imagino que seja o marechal Blücher a atacar o inimigo.

— Com efeito — confirmou Arthur. — Falei com ele há menos de duas horas, quando a batalha começou. A menos que sejamos atacados primeiro, tenciono levar este exército para o apoiar.

— Bravo! — O príncipe aquiesceu. — Em breve o porco corso vai estar em fuga, hã?

— Assim o espero, alteza. Claro que primeiro temos de garantir o controlo do cruzamento.

Foram interrompidos por uma nova troca de tiros de mosquete na mata, agora mais próximo. Surgiram figuras vindas das árvores, correndo de volta à posição do príncipe de Orange. Alguns tinham perdido os chapéus e outros abandonado os mosquetes. Desapareceram no centeio e só a agitação dos caules altos marcavam a sua passagem. Atrás deles vinham os primeiros escaramuceiros franceses, avançando a partir da mata em direção à ala direita da brigada holandesa. A sul, aproximando-se por mais cearas, Arthur distinguiu outra linha de escaramuceiros, e atrás deles uma massa cintilante de baionetas. Momentos depois, os elmos emplumados dos couraceiros apareceram à esquerda, avançando em direção à crucial Estrada de Namur que unia os dois exércitos aliados.

— Estamos com algumas dificuldades, milorde — indicou Somerset, enquanto via o inimigo a aproximar-se.

— Eu tenho olhos — redarguiu Arthur com brusquidão. Virou-se na sela e olhou para a estrada que se encaminhava para Bruxelas. Aproximava-se uma coluna britânica, tendo à cabeça a figura inconfundível do general Picton, com o seu casaco e chapéu alto pretos, para todos os efeitos com a aparência de um cangalheiro. — Vá ter com o Picton. Diga-lhe que faça regressar um dos oficiais pela estrada. Ele que ordene a cada formação que encontre que marche para Quatre Bras o mais depressa possível!

Sem perder tempo a fazer continência, Somerset lançou-se a galope na direção dos soldados britânicos que se aproximavam. Quando regressou ao comandante, Arthur observava o avanço firme dos franceses à medida que iam saindo da mata e faziam recuar a brigada holandesa à direita. À esquerda, a cavalaria francesa formava uma linha para carregar. Arthur viu as primeiras das tropas holandesas começarem a vacilar ao ver o perigo. Alguns dos homens começaram a recuar, desordenando a linha, e depois o primeiro deu repentinamente meia-volta e fugiu, largando o mosquete e tirando a mochila enquanto corria. Arthur olhou para trás e viu que o primeiro regimento de Picton, a Nonagésima

Segunda de Highlanders, estavam a formar uma linha algumas centenas de metros atrás da posição do príncipe de Orange. Outros regimentos avançavam para prolongar a linha e, mais à esquerda, outra coluna, com as fardas pretas dos Brunswickers, corria para esse lado, para apoiar os holandeses que fraquejavam.

— Vai ser uma batalha cerrada — resmungou Arthur.

— Ah, não tem nada que recear, milorde — garantiu alegremente o príncipe de Orange. — Os meus homens vão manter-se firmes.

— Assim espero.

Fez-se ouvir o som agudo dos clarins e, momentos depois, a cavalaria francesa avançou, esmagando os caules de centeio à medida que se aproximava da brigada holandesa. Soaram alguns tiros, quando um punhado de homens se mostrou demasiado nervoso para esperar pela ordem de fogo, seguidos por mais, ao que uma longa salva entrecortada consumiu os soldados holandeses numa nuvem de fumo de pólvora. Deixaram de ver a cavalaria em aproximação por um instante, mas podiam ouvi-la, e sentir a vibração dos cascos no terreno por baixo das botas. Isso revelou-se demasiado para os soldados inexperientes e a brigada dispersou, correndo de volta à encruzilhada.

Os clarins franceses fizeram soar a carga e os couraceiros soltaram um brado ao mesmo tempo que esporeavam as montadas pesadas em frente. Atravessaram o fumo que se desvanecia, as espadas e as couraças a cintilar ao sol, e depois desferiram golpes para a esquerda e para a direita, enquanto abatiam os soldados holandeses em fuga. Pouco mais à frente, Arthur viu os Brunswickers a parar e a tentar assumir posições, mas foram lançados em confusão quando os holandeses correram entre eles, seguidos rapidamente pela cavalaria francesa, após o que também os Brunswickers começaram a fugir.

— Vossa senhoria! — Somerset gritou o alarme e apontou quando um dos esquadrões de couraceiros começou a carregar ao longo da brigada holandesa restante. Arthur apercebeu-se do perigo e chamou o príncipe de Orange. — Alteza, siga-me!

Os três oficiais deram meia-volta às montadas e levaram-nas encosta acima, em direção à linha formada pela divisão de Picton. Apanhadas entre a infantaria que surgia da mata e a cavalaria que lhes carregava sobre o flanco, as restantes tropas holandesas viraram-se e fugiram. O ar encheu-se com os gritos dos cavalos e com o crepitar irregular dos mosquetes. Arthur incitava a montada em frente, em direção aos Highlanders, numa linha de dois homens, com a ala da frente ajoelhada e de baionetas em riste para receber a carga da cavalaria. Sobre Arthur caiu a perceção de que ele e os outros corriam o risco imediato de serem empalados pelas baionetas.

Levando a mão em concha à boca, gritou tão alto quanto conseguiu:

— Nonagésima Segunda! Deitar!

Mesmo não estando a ordem em nenhum manual, os homens mais próximos mostraram

presença de espírito suficiente para se deitarem, tendo os cavalos dos três oficiais saltado por cima dos Highlanders. Quando Arthur puxou as rédeas e deu meia-volta à montada, os soldados levantaram-se para enfrentar os couraceiros que se aproximavam.

— Sustenham fogo até eu dar a ordem! — bradou Arthur, ignorando a expressão furiosa de Picton ante a presunção do comandante. — Aguardem… Aguardem…

Os homens seguraram os mosquetes com firmeza contra o ombro, sustendo a respiração em antecipação. Depois de terem abatido os holandeses, o inimigo cavalgava agora contra os casacas-vermelhas, chegando tão perto que as expressões selvagens ficaram perfeitamente visíveis. Quando já não estavam nem a trinta metros, Arthur gritou a ordem:

— Fogo!

A salva soou e, a partir da sela, Arthur viu os primeiros franceses e as suas montadas a serem atirados para a frente, num emaranhado de braços, pernas e carne de cavalo. Os que estavam atrás tiveram de se desviar ou de refrear as montadas, e o ímpeto da carga perdeu-se. Uma segunda salva abateu mais uma série de couraceiros, os quais deram meia-volta e afastaram-se de regresso à encosta onde as brigadas holandesas tinham estado.

Arthur olhou à sua volta e viu que a chegada de tropas novas tinha estabilizado a posição aliada, e que a cavalaria francesa estava a bater em retirada. Todavia, um novo perigo tornava-se evidente quando as primeiras bocas-de-fogo francesas foram instaladas à sua frente. No espaço de quinze minutos, as primeiras bolas de canhão fustigavam as linhas aliadas.

Ao longo das duas horas seguintes, os franceses levaram a cabo mais uma série de ataques. Contudo, mais unidades e peças de artilharia aliadas continuavam a chegar vindas de Bruxelas, e a batalha acabou por pender a favor de Arthur. A linha aliada foi avançando com o cair da noite, voltando a tomar a cumeada e as casas agrícolas, enquanto a infantaria ligeira eliminava os escaramuceiros franceses da mata. Quando a noite caiu, dispararam-se os derradeiros tiros e depois o campo de batalha ficou em silêncio, salvo pelos gritos e gemidos dos feridos.

À medida que iam chegando mais formações, entre elas o estado-maior do quartel-general, Arthur foi ficando cada vez mais preocupado com a falta de notícias de Ligny. O último relatório do quartel-general prussiano, recebido às cinco horas, dera-lhe conta de que os homens de Blücher mantinham a sua posição.

— Nesse caso — comentou Arthur para o ajudante de campo, — amanhã estaremos numa boa posição. Assim que nos juntarmos a Blücher, de certeza que iremos esmagar o inimigo.

— Partindo do princípio que Blücher os manteve afastados.

— É claro. Mas temos de ter a certeza. — Arthur chamou um dos oficiais do estado-maior. — Coronel Gordon! Importa-se de chegar aqui?

O coronel aproximou-se enquanto Arthur revia mentalmente as ordens.

—Tem um cavalo descansado?

— Sim, milorde.

— Nesse caso, quero que vá até ao quartel-general do marechal Blücher em Sombreffe, a norte de Ligny. Diga-lhe que temos a encruzilhada e que, pela alvorada, o exército estará com força suficiente para ir ao encontro dele. Agradeço também um relatório sobre as ações dele durante o dia.

— Sim, milorde.

— Então vá-se embora. Procure-me aqui quando regressar.

O coronel Gordon desapareceu na noite, galopando ao longo da estrada para Sombreffe, e Arthur espreguiçou os ombros por um instante, antes de se instalar junto a uma das fogueiras da Nonagésima Segunda a aguardar o seu regresso. A longa noite passou sem incidentes, à medida que cada vez mais soldados iam chegando à encruzilhada e eram levados para as suas posições pelos oficiais. Arthur começou por estar animado. A véspera fora renhida, mas os seus homens tinham ultrapassado o inimigo. Mesmo que Blücher não tivesse vencido em Ligny, estaria perto o suficiente para que os exércitos se juntassem no dia seguinte. Contudo, não houvera sinais de Gordon durante a noite, e quando a primeira luz surgiu no horizonte, uma sensação crescente de mau agouro começou a acumular-se no íntimo de Arthur. O Sol nasceu, banhando a paisagem com um tom rosado caloroso. De sul ouviram-se os sons débeis dos clarins quando os franceses despertaram, mas não houve qualquer tentativa de renovar os combates da véspera.

Por fim, às sete e meia, o coronel Gordon regressou. O cavalo estava exausto, com o freio coberto de espuma, e o rosto de Gordon parecia consumido quando desmontou e se dirigiu a Arthur.

— E então?

— Se vossa senhoria não se importar, poderemos falar longe dos outros?

Arthur franziu o cenho, mas afastou-se um pouco dos oficiais do quartel-general, que trocaram um misto de expressões curiosas e ansiosas.

— O Blücher foi derrotado ontem, milorde. — Gordon falava num tom baixo. — Muitas das formações dele foram cercadas. Os restantes foram obrigados a recuar.

— Estou a ver. — Arthur sentiu um aperto no coração ao digerir a notícia. — Nesse caso imagino que já não esteja em Sombreffe.

— Não, milorde. Ele fez recuar o exército para Wavre. Foi por isso que demorei tanto a encontrá-lo.

— Wavre? — Arthur ficou momentaneamente siderado. — Mas isso fica quase a trinta quilómetros daqui. Por Deus, estamos acabados — prosseguiu, num tom murmurado, à medida que as implicações da notícia se iam deixando ver. Blücher não seria capaz de intervir, caso os franceses atacassem o exército de Arthur em Quatre Bras. Arthur respirou

fundo e deu uma palmada no ombro de Gordon. — Os meus agradecimentos. Imagino que em Inglaterra digam que fomos derrotados. Não há nada que possamos fazer; tal como os prussianos recuaram, também nós teremos de o fazer. —Abanou a cabeça, pesaroso. — Vá refrescar-se. Mas primeiro, diga ao general Müffling que venha ter comigo.

— Com certeza, milorde.

Enquanto esperava pelo oficial de ligação prussiano, Arthur olhou para sul e para leste, como se esperasse ver as primeiras formações do exército francês a avançar para o derradeiro ataque que lhes confirmasse a vitória.

Müffling apareceu, a abotoar apressadamente os botões da casaca.

— Mandou chamar-me?

—Sim. Parece que os seus conterrâneos foram derrotados ontem.

O queixo do prussiano descaiu, numa expressão de desânimo.

— Não sabia.

— Porque ainda não nos tinham dito — retorquiu friamente Arthur. — Blücher recuou para Wavre. Sim, Wavre. A mais de um dia de marcha daqui. E o chefe do estado-maior dele nem sequer se lembrou de nos alertar para o seu revés em Ligny. E porquê, interrogo-me? Uma mente desconfiada concluiria que fomos aqui deixados, alheios a tudo, para cobrir a retirada dos prussianos.

Müffling imobilizou-se e depois abanou a cabeça.

— Vossa senhoria sabe que se trata de uma sugestão ignóbil.

— Talvez. E lamento, caso esteja enganado — retorquiu Arthur num tom átono. — Mas o que interessa é que o meu exército se encontra exposto. Terei de recuar. Quero que vá imediatamente ter com Blücher. Diga-lhe que vou recuar para uma posição paralela à dele em Wavre. — Arthur fechou os olhos e imaginou o mapa da paisagem circundante. Aquiesceu. — Diga ao Blücher que ficarei em Mont-St-Jean, caso me prometa o apoio de pelo menos um dos batalhões do seu exército.

— Mont-St-Jean?

— A cumeada do outro lado da estrada para Bruxelas. Pouco antes da aldeia de Waterloo.

— Conheço-a.

Arthur apertou-lhe a mão.

— Se for derrotado por Bonaparte, receio que a Inglaterra possa nunca vir a perdoar a Prússia. Nesse caso, a coligação vai fracassar e a sombra de Bonaparte voltará a cair sobre a Europa.

Müffling aquiesceu.

— Compreendo. Farei o que estiver ao meu alcance para convencer o marechal Blücher.

CAPÍTULO 58

Ligny, 7h00, 17 de junho de 1815

Napoleão estava a tomar o pequeno-almoço, quando chegou o primeiro relatório do general Pajol. Tinha feito avançar a sua cavalaria à primeira luz da manhã para fazer o reconhecimento dos prussianos e descobrir em que direção tinham recuado. O oficial de Pajol informou o imperador de que o principal corpo dos prussianos tinha sido detetado na estrada para Liège. Havia sinais de que mais alguns inimigos se dirigiam a Wavre, mas Napoleão não ligou a isso. Se Blücher estava em retirada, então de certeza que se aproximaria das suas linhas de fornecimento e acabaria por se dirigir a Liège.

Napoleão acenou afirmativamente com satisfação, enquanto dispensava o mensageiro e voltava a dirigir a sua atenção ao pequeno-almoço. Grouchy, Soult e alguns outros oficiais do quartel-general tinham-se juntado a ele. Apesar das pesadas baixas, a vitória do dia anterior tinha deixado o imperador de bom humor e os subordinados agradeciam a boa disposição.

— Tudo está a decorrer de acordo com o planeado — declarou Napoleão, enquanto cortava uma fatia de presunto. — Os prussianos estão a fugir e Ney controla a encruzilhada de Quatre Bras. Wellington e a sua multidão vão recuar para Bruxelas. — Levou um grande bocado de carne à boca, mastigou rapidamente e engoliu. — Dividimos o inimigo e só falta concluir a sua destruição. — Sorriu para os oficiais. — Esta campanha pode vir a ser lembrada na História como a mais rápida que alguma vez combati. Pensai nisso, meus senhores. Nos anos vindouros, não se vão esquecer de contar a história aos vossos netos, hã?

Soult e alguns outros riram-se, mas a expressão de Grouchy permaneceu sombria.

— O que foi, Grouchy? — Napoleão ostentou uma expressão de desagrado. — Porquê essa cara?

— *Sire*, devíamos ter lançado a perseguição a Blücher ontem à noite. Se o tivéssemos feito, o exército dele estaria desordenado. Assim, perdemos o contacto com os prussianos. Podem estar em qualquer lado, a reunir-se enquanto estamos aqui a comer.

— Ouviu o relatório. Pajol viu-os na estrada de Liège.

— Ele viu alguns prussianos. Podem ser desertores. Não estou convencido de que a nossa cavalaria tenha localizado o corpo principal do exército prussiano. *Sire*, temos de os encontrar.

Uma nova batida na porta interrompeu Grouchy. Um oficial subalterno entrou e entregou a Soult uma tira de papel. O chefe do estado-maior leu-o e rapidamente aclarou a garganta.

— É do Ney, *sire*.

— Sim?

— Ele, aaa, diz que não conseguiu completar a captura da encruzilhada, ontem. Wellington ainda detém essa posição.

Napoleão baixou a faca e o garfo e humedeceu os lábios, enquanto pensava nesta nova informação. Qual era a jogada de Wellington? Por certo tinha conhecimento de que o aliado sofrera uma pesada derrota.

Soult chegou-se à frente com um lampejo excitado no olhar.

— *Sire*, a reserva podia alcançar Quatre Bras numa questão de horas. Se Ney conseguir manter Wellington na encruzilhada, podemos forçá-lo a combater-nos.

— Wellington não vai lutar. Vai bater em retirada. De facto, ficaria surpreendido se ele ainda não tivesse abandonado a sua posição. Não vai ser idiota a ponto de tentar ficar, agora que Blücher não o pode apoiar. — Napoleão tamborilou suavemente com os dedos na mesa, enquanto considerava a situação. Depois ergueu o olhar. — Segundo me parece, há duas linhas de ação possíveis. Primeiro, deixamos Ney a manter Wellington ocupado e avançamos com o resto do exército à procura de Blücher, para terminarmos a destruição completa do seu exército. Segundo, Grouchy persegue Blücher com a ala direita do exército, enquanto Ney e a reserva enfrentam Wellington. O que pensam disto?

Os oficiais ficaram em silêncio por um momento e então Soult falou: — *Sire*, uma vez que perdemos o contacto com os prussianos, qualquer perseguição que iniciemos agora corre o risco de nos levar na direção errada. Se Blücher se dirige a Liège e o seguirmos, teremos de estender as nossas linhas de fornecimento. Se Wellington conseguir iludir Ney, é possível que corte as nossas comunicações.

— Se. Se. Se! — Napoleão abanou a cabeça e prosseguiu, num tom severo: — Obrigado pelo seu conselho, Soult.

— Soult tem razão em apontar as incertezas, *sire* — interveio Grouchy. — Devíamos ter mantido contacto com os prussianos e tê-los destruído numa segunda investida. Agora é tarde de mais. Sabemos onde está Wellington, por isso devemos atacá-lo o quanto antes.

Napoleão ficou irado com a desconsideração pelo seu julgamento, mas havia alguma verdade nas palavras de Grouchy. Fazia sentido atacar Wellington. Contudo, havia outras coisas a considerar.

— O exército de Wellington ainda está intacto, ao passo que o de Blücher está maltratado e em retirada. Blücher sempre foi a maior ameaça. Se os prussianos forem aniquilados, então só teremos de enfrentar o mais fraco dos dois exércitos aliados.

Napoleão olhou fixamente para Grouchy.

Grouchy cerrou os dentes e engoliu uma lufada de ar antes de responder o mais calmamente que conseguiu:

— Claro que tem razão, *sire*. Mas quanto mais tempo passarmos à procura de Blücher, maior a hipótese de ele reunir as suas tropas e coordenar os esforços com Wellington. O que

quer que seja que decidamos fazer, temos de o fazer rapidamente.

Napoleão ficou imóvel por um instante. Apesar das palavras de Grouchy, a ideia da destruição de Blücher era demasiado convidativa e valiosa para ser descartada.

— Vou dar um pouco mais de tempo ao general Pajol para confirmar a localização do corpo principal do exército de Blücher. Se não surgir nenhum avistamento definitivo, nesse caso avançaremos para Wellington. O pequeno-almoço acabou, cavalheiros. Marechal Grouchy, nós dois vamos cavalgar juntos até ao seu comando. Quero felicitar os seus homens pelo esforço de ontem, enquanto esperamos notícias de Blücher.

Nas três horas seguintes, Napoleão, Grouchy e uma escolta de cavalaria percorreram o campo de batalha. Ainda havia milhares de corpos amontoados pelo solo junto às aldeias onde a luta tinha sido mais feroz. Nas encostas ainda se viam as linhas das unidades prussianas destroçadas pela artilharia francesa e, mais acima, os cadáveres espalhados dos que tinham sido esquartejados pelas cargas de cavalaria que concluíra a batalha. Muitos dos regimentos franceses tinham sofrido miseravelmente nos ataques a céu aberto e Napoleão foi inteligente ao presentear os sobreviventes com os seus elogios e ao atribuir promoções e a promessa de recompensas quando a campanha terminasse. A seu lado, Grouchy fez o melhor que pôde para não se irritar e, discretamente, olhava para o relógio de bolso sempre que podia. Acabou por não aguentar mais.

— *Sire*, são quase onze horas e não há notícias de Pajol. Tem de tomar uma decisão.

— Maldito Pajol — resmungou Napoleão. — O que é que ele anda a fazer? Porque é que não envia relatórios?

— Temos de partir do princípio que ele não encontrou os prussianos, *sire*. — Grouchy inclinou-se para mais perto dele e falou num tom baixo e urgente: — Pelo amor de Deus, *sire*. Temos de agir.

Napoleão olhou-o por instantes e finalmente assentiu.

— Muito bem. Leve os seus homens e persiga Blücher. Mantenha-se junto a ele. Entretanto, vou usar Ney e a reserva para lidar com Wellington.

— Sim, *sire*. — Grouchy fez uma pequena vénia com uma expressão de alívio. — Vou partir imediatamente.

Napoleão acenou a cabeça em consentimento e, de repente, virou o cavalo na direção do quartel-general e esporeou a galope. A decisão estava tomada e agora era preciso atacar Wellington o mais rapidamente possível, antes que o duque pudesse recuar para fora de perigo. Esteve com Soult apenas o tempo suficiente para dar ordens à reserva para avançar para Quatre Bras e cavalgou até à encruzilhada para se juntar ao marechal Ney e aos seus homens.

O dia estava quente e o ar bastante parado. A leste, o céu estava obscurecido por uma fina neblina. Diretamente sobre ele, apenas um punhado de nuvens flutuava serenamente,

contrastando com a luxuriante paisagem verdejante do interior belga. Contudo, era todo esse pacifismo que preocupava Napoleão, enquanto incitava a sua montada a avançar. Não havia qualquer som de tiros de canhão na direção de Quatre Bras. Se Wellington ainda lá se encontrava, não deveria estar a decorrer uma encarniçada batalha com as forças de Ney?

Quando a estrada se elevou por uma ligeira inclinação, Napoleão viu a extensão do acampamento da ala esquerda do seu exército. Não havia sinal de nenhuma formação pronta a avançar e combater. Mais à frente, espalhados pela encruzilhada, podia ver os pequenos obstáculos vermelhos do exército de Wellington, intercalados com as baterias de artilharia prontas a defender a sua posição. Mais adiante, à distância, conseguia ver mais colunas a movimentarem-se na direção de Bruxelas. Napoleão sentiu o estômago apertado de fúria enquanto contemplava a cena e esporeou com violência ao galopar em frente.

Um quilómetro mais à frente, a estrada passou junto a um regimento de infantaria. Os homens estavam calmamente sentados à volta das fogueiras, onde caldeirões de guisado ferviam lentamente, suspensos nos tripés de ferro para cozinhar. O som dos cascos de cavalo chamou a atenção dos homens mais próximos, que se levantaram rapidamente ao reconhecerem o imperador, mas as primeiras saudações morreram-lhes nas gargantas, enquanto Napoleão avançava e gritava:

— O que é que se passa aqui? O que estão aqui a fazer? Às armas, idiotas! Você aí! — Napoleão apontou o dedo ao sargento mais próximo. — Encontre o coronel. Diga-lhe que o imperador quer este regimento em formação e pronto a marchar em dez minutos. Se não estiver pronto, mando-o fuzilar. E passe palavra às outras unidades!

— Sim, *sire*! — O sargento fez continência e virou-se para gritar ordens aos seus homens. Napoleão continuou em frente, ignorando os regimentos seguintes pelos quais ia passando a galope, enquanto procurava o quartel-general de Ney. Quando alcançou a fazenda, quilómetro e meio a sul da encruzilhada, o cavalo estava esgotado, com os flancos inflando-se como foles. Napoleão desceu da sela e caminhou hirto para confrontar o marechal Ney.

— Porque é que não está a atacar o inimigo? — repreendeu.

O rosto de Ney ficou muito vermelho e ele abriu a boca para responder enfurecido, mas controlou o temperamento o suficiente para resmungar em resposta: — Não recebi ordens novas para atacar, *sire*. Nada desde que lhe enviei o meu relatório com as ações de ontem.

— Ordens? Não precisa de ordens quando pode ver por si próprio a necessidade de ação! — Napoleão apertou as mãos com força. — Por Deus, Wellington é tudo o que está entre nós e a vitória, e fica aqui, de rabo sentado, a dar-lhe a oportunidade de escapar. Está louco, Ney?

— Não, *sire*.

— Então é um imbecil. — Antes de Ney poder responder ao insulto, Napoleão continuou amargamente: — Posicione os seus homens para atacar. Esperemos apanhar o Wellington

antes de ele conseguir escapar. Mãos à obra, Ney. Não há um momento a perder! — Napoleão virou-se de costas para o marechal e encarou com o general D'Erlon.

— França foi arruinada — queixou-se Napoleão. — Vá, general. Assuma o comando da sua cavalaria e prepare-se para perseguir a retaguarda do inimigo.

Demorou quase uma hora para que as forças de Ney estivessem preparadas para a batalha. Entretanto, a neblina espalhara-se pelo campo e agora nuvens escuras aproximavam-se da encruzilhada. O ar estava quente e pegajoso, e piorava o humor de Napoleão. Apenas podia observar, impotente, os regimentos da linha de Wellington a recuarem e a juntarem-se à retirada.

Quatre Bras, 14h30

— Parece que vem aí uma trovoada das grandes — comentou Uxbridge, enquanto olhava para as nuvens escuras a acumularem-se por cima de si.

Arthur acenou afirmativamente sem prestar atenção. Estava concentrado no campo a sul da encruzilhada. Tinha estado à espera que os franceses renovassem o ataque toda a manhã, mas nada acontecera. O exército começara a retirar em direção a Mont-St-Jean muito antes do meio-dia e agora apenas a retaguarda permanecia. A cavalaria de Uxbridge, a par da artilharia a cavalo de Mercer e das baterias de morteiros eram tudo o que restava entre a encruzilhada e o inimigo. Por fim, alguns minutos antes, ouvira o som de cornetas vindo da direção dos franceses e os homens da retaguarda esperavam, tensos, pelo primeiro avistamento do inimigo.

Uma súbita brisa tinha começado a correr, redemoinhando entre as moitas nos campos de centeio que tinham sido espezinhados no dia anterior. O vento estava frio e refrescava o ar, depois do tempo abafado que estivera de manhã e no início da tarde. Uma sombra envolveu a posição da retaguarda e engoliu-os na obscuridade. Então, Arthur sentiu a primeira gota de chuva atingir-lhe a face.

— Agora é que é — murmurou Uxbridge. — *Après ça, le déluge*.

— Muito engraçado — comentou Arthur. — Mas imagino que tenhamos de nos preparar para uma tempestade de outro tipo a qualquer momento. — Um quilómetro a sul, o terreno inclinava-se, onde a brigada do príncipe de Orange tinha sido fustigada. Nessa zona, e além dela, o solo ainda estava banhado pela brilhante luz do Sol. Enquanto Arthur observava, uma figura solitária num cavalo branco galopou até ao cimo e estacou para inspecionar as posições britânicas. O casaco cinzento e o volumoso chapéu de duas pontas eram inconfundíveis, e ouviu Uxbridge inspirar profundamente a seu lado.

— Por Deus, é ele! — exclamou Uxbridge. — É o Boney.

— Realmente — assentiu Arthur, afetado pela dramática visão à sua frente. Em contraluz, o imperador francês parecia muito mais próximo do que realmente estava. Arthur observou

Bonaparte a escrutinar a retaguarda e depois olhou, ao que parecia, diretamente para Arthur, apesar de saber que era virtualmente impossível distingui-lo dos seus homens na obscuridade. Mais cavaleiros apareceram, em uniformes bordados a ouro, e pararam mesmo atrás de Bonaparte, perscrutando, também eles, os silenciosos homens que defendiam a encruzilhada.

— *Milorde*! — chamou uma voz e Arthur virou-se para ver o capitão Mercer a acenar para lhe chamar a atenção.

— O que foi?

Mercer apontou para os cavaleiros à distância.

— Acho que eles são capazes de estar perto o suficiente para uma bomba de fragmentação, *milorde*. Tenho a sua permissão para disparar?

— Porque não? — aventou Uxbridge, ansioso. — Se o abatermos, é o mesmo que acabar com a guerra.

Arthur olhou demoradamente para o inimigo. Uxbridge tinha razão. Mas havia o perigo da morte de Napoleão o transformar num mártir e provocar nos seus homens fúria e desejo de vingança. Abanou a cabeça.

— Guarde a pólvora para cobrir a retirada.

— Milorde?

— Faça o que lhe ordeno, capitão!

Mercer afastou-se do comandante com um encolher de ombros e ficou a olhar para o inimigo. Arthur apercebia-se do estrondo ribombante e viu o tremeluzir dos estandartes vermelhos e brancos, quando um esquadrão de lanceiros inimigos surgiu a pouca distância à direita do imperador. Mais lanceiros apareceram e depois cavalaria couraçada, enquanto a cumeada ia ficando repleta de cavaleiros. Nesse momento, uma ofuscante explosão branca, seguida imediatamente pelo troar metálico do trovão, assustou os cavalos que se começaram a agitar em pânico. Gotas de chuva, pequenas e cortantes como tiros, caíram do céu como um chicote. A escuridão envolveu abruptamente a cavalaria francesa e continuou a alastrar, à medida que a tempestade ia rebentando nos campos.

Arthur envolveu a boca com a mão.

— Isto é útil. Uxbridge, dê ordem de retirada. Primeiro a artilharia a cavalo, depois os morteiros e por fim a sua cavalaria.

— Sim, *milorde*.

— Vejo-vos mais tarde — disse Arthur. — Procurem-me em Waterloo.

Puxando as rédeas, Arthur virou o cavalo e apressou-se a meio galope até à encruzilhada para seguir a estrada para Bruxelas. A chuva já estava a inundar a superfície da estrada e a cintilar na relva de ambos os lados. Se o aguaceiro continuasse durante algum tempo, Arthur apercebeu-se de que transformaria o solo num lamaçal pantanoso. Tanto melhor, pois

certamente iria atrasar qualquer perseguição que o inimigo tentasse. As pancadas secas da bateria de Mercer fizeram-no virar-se para trás uma última vez e, pouco depois, os primeiros morteiros assobiaram pelos ares e explodiram sobre a cavalaria inimiga. Arthur ficou a observar um pouco mais e depois esporeou o cavalo estrada abaixo e voltou a juntar-se ao seu exército.

CAPÍTULO 59

Le Caillou, 21h00, 17 de junho de 1815

A tempestade continuou sem abrandar durante o resto da tarde e pela noite dentro, transformando prontamente a superfície de qualquer estrada e caminho num lamaçal espesso que engolia as botas, cascos e rodados do Exército do Norte. Napoleão tinha continuado a sua perseguição do inimigo à frente da cavalaria de Ney. A tarde fora gasta numa série de escaramuças em movimento, à medida que os britânicos levavam a cabo uma retirada escalonada para proteger os canhões e abrandar os franceses. Quando escureceu, Napoleão tinha alcançado a fazenda e dado ordem para uma breve paragem enquanto a longa coluna do seu exército se debatia para recuperar terreno. Quando os primeiros elementos do quartel-general imperial chegaram e começaram a preparar os aposentos do imperador, Napoleão reuniu alguma cavalaria e avançou mais uma curta distância estrada fora. Para diante estava a massa escura de uma ravina baixa. Napoleão olhou de relance para a chuvada e voltou-se para o comandante de cavalaria que o acompanhava.

— Milhaud. É imperativo que saibamos se Wellington fez alto esta noite, ou se está a usar a cobertura da escuridão para continuar a sua retirada. Leve os seus homens para diante e veja o que consegue descobrir.

— Sim, *sire*. — O general Milhaud fez continência e deu ordem de avanço aos soldados. Napoleão e a escolta aguardaram na beira da estrada enquanto as figuras escuras da coluna montada chapinharam ao passar e desapareceram na noite. Não houve qualquer som durante uns dez minutos. Depois, de repente, apareceu um clarão na ravina, seguido pelo estrondo de um canhão. Mais uns quantos jatos de chamas romperam a escuridão ao longo de uma linha que acompanhava a estrada, e Napoleão acenou a cabeça com uma satisfação sombria. Wellington estava ali, sem dúvida. Suficientemente perto para ser forçado a fincar o pé e lutar pela manhã. Napoleão deu-meia volta ao cavalo e regressou à quinta. Os criados do quartel-general ainda estavam a preparar a sua acomodação, pelo que descansou sobre alguma palha espalhada num grande nicho do celeiro enquanto aguardava.

A fúria contra Ney ainda estava ao rubro. A oportunidade para forçar uma batalha contra Wellington na encruzilhada tinha sido desperdiçada, e agora a chegada da tempestade tinha prejudicado a tentativa do exército de se aproximar do inimigo. Os homens estavam exaustos, encontrando-se espalhados ao longo da estrada para Quatre Bras. Viriam a passar-se muitas horas antes que eles conseguissem apanhar a vanguarda, pronta a continuar a perseguição assim que a tempestade amainasse.

Napoleão sabia que alguma da culpa também era sua. Tinham-se passado demasiadas horas nessa manhã antes de ele se ter dado conta da necessidade de avançar contra o

exército de Wellington. A exaustão tinha cobrado o seu preço. Já não dormia em condições há vários dias e o habitual estado de alerta da sua mente estava enfraquecido. Mas havia mais qualquer coisa, refletiu. Estivera tão certo do pressuposto de que Blücher abandonara os seus aliados e de que Ney teria tomado Quatre Bras. Isso fora um erro de julgamento. A velocidade alucinante com que recuperara o poder em França, a par da alegria histérica que tinha saudado o seu regresso, tinham-no feito sentir-se invulnerável e infalível. Aquele dia fora uma rude lembrança da necessidade que um comandante tem de se adaptar permanentemente às circunstâncias.

Assim que a quinta ficou pronta para o imperador e o seu séquito, Napoleão convocou os oficiais superiores. Na hora seguinte, os marechais e generais de divisão foram chegando, em sobretudos ensopados e salpicados de lama. Havia apenas uma sala na quinta que era suficientemente espaçosa para os acomodar a todos e a maioria dos oficiais teve de ficar de pé enquanto rodeava o imperador, empoleirado num banquinho.

— Pretendo atacar Wellington amanhã. Ele escolheu a pior das posições para defender. Atrás dele está a floresta de Soignes. Se o seu exército falhar, não será capaz de retirar e nós conseguiremos aniquilá-lo. A oportunidade que deixámos escapar será corrigida ainda hoje. — Lançou um olhar gelado a Ney e o marechal mexeu os lábios com raiva. — É por isso vital que tantos dos vossos homens quanto possível estejam em posição ao romper do dia. Não tenho tempo para desculpas, cavalheiros. Farão o que for preciso para assegurar que as vossas formações alcançam o campo a tempo. Perguntas?

— *Sire*. — D'Erlon levantou a mão. — Grouchy vai estar suficientemente perto para participar na batalha?

— Não sei. Ainda estou à espera que ele me relate o seu progresso. Temos de partir do princípio de que ele não chegará a tempo de intervir. Mas isso não tem de nos preocupar. Temos força que chegue para vencer.

— E quanto aos prussianos? — quis saber o príncipe Jerónimo. — Existe o risco de eles poderem intervir, *sire*.

— Não, se Grouchy os contiver. Além disso, tanto quanto sei, a sua linha de retirada vai afastá-los de Wellington. Creio que podemos ignorar a possibilidade de os prussianos nos virem a causar dificuldades.

Jerónimo abanou a cabeça.

— Não tenho assim tanta certeza, *sire*.

— Deveras? — Napoleão ergueu a sobrancelha ao olhar para o irmão mais novo. — Por que razão?

— Há duas horas tomei uma refeição numa estalagem em Genappe. Um criado contou-me uma história interessante. Ele alegou que Wellington e o seu séquito comeram lá esta tarde. Ouviu um dos oficiais a dizer que Blücher estava em Wavre, e que poderia movimentar-se

em apoio de Wellington amanhã.

Os outros oficiais agitaram-se com esta notícia. Napoleão ficou em silêncio até que voltassem a acalmar-se.

— Agradeço a informação, Jerónimo. Mas vamos aguardar pelo relatório de Grouchy. Nessa altura vamos ter a certeza.

— E se o criado tiver dito a verdade, *sire*? — insistiu Jerónimo.

— Não vejo maneira de Blücher representar qualquer perigo, conquanto Grouchy o consiga conter, afastado de Wellington. — Napoleão abanou a mão em jeito de desinteresse. — Blücher não nos deve preocupar. Tudo o que importa é o exército que nos espera em Mont-St-Jean.

Waterloo, 22h00

O coronel Frazer estava em sentido à frente do seu comandante, procurando não mostrar qualquer expressão enquanto ouvia a repreensão.

— Já é mau que chegue ter de refrear a imprudência da minha cavalaria sem que a minha artilharia desate a disparar a cada sombra que vê na escuridão — queixou-se Arthur.

— Vossa senhoria vai perdoar-me, mas os meus rapazes não dispararam contra sombras. Era cavalaria franciú.

— Não quero saber. É trabalho das vedetas e das patrulhas lidar com esse tipo de coisa. Não da maldita artilharia. Agora Bonaparte sabe onde estão instaladas as nossas baterias, graças ao voluntarismo dos seus artilheiros. Estou com uma vontade tremenda de despromover todos os sargentos para soldados rasos à conta disto, ouviu bem? — Arthur debruçou-se sobre a mesa, apoiando o peso nos punhos fechados, e procurou moderar o tom. — Muito bem, Frazer, vai ter de se certificar de que os canhões são reposicionados. Talvez um pouco de trabalho à chuva e na lama possa contribuir para aclarar as ideias dos seus homens, hã?

— Sim, milorde. Darei a ordem imediatamente.

— Prefiro que supervisione o reposicionamento pessoalmente.

— Sim, milorde. É tudo?

Arthur assentiu e o oficial superior da artilharia virou-se prontamente e marchou para a porta da quinta. A sentinela abriu a porta para o deixar passar e Frazer desapareceu na chuva. Uma vez fechada novamente a porta, Arthur recostou-se na cadeira e esfregou os olhos ao de leve. Restavam poucas dúvidas de que Bonaparte sabia que o seu exército estava posicionado na crista. Os relatórios da cavalaria de Uxbridge informavam que havia mais tropas francesas a acumular-se à frente da crista a cada hora. Não se punha a hipótese de haver mais retiradas. Mont-St-Jean era a última posição defensiva decente antes de Bruxelas, e era aí que Arthur tinha de parar e lutar. Só esperava que Blücher respondesse ao

seu pedido e enviasse uma parte do exército em apoio de Arthur. Até então não tinha havido resposta.

Le Caillou, 4h00, 18 de junho

Napoleão bateu com os pés para sacudir a lama das botas enquanto entregava a capa de oleado a um sargento. Tinha acabado de regressar de uma visita aos postos avançados para tentar descortinar algum sinal de recuo do inimigo. A cumeada estava em silêncio e as sentinelas que patrulhavam adiante do exército aliado eram claramente discerníveis na contraluz da miríade de fogueiras do acampamento aliado, acesas na encosta oposta. Convencido de que Wellington permanecia em posição, Napoleão regressara ao seu posto de comando. Assim que entrou na sala de jantar da quinta, foi abordado por Soult.

— *Sire*, chegou uma mensagem de Grouchy.

— Ah, até que enfim. O que diz?

— Concluiu que o grosso do exército prussiano retirou na direção de Wavre, e não de Liège.

— Wavre? — Napoleão ergueu a sobrancelha enquanto se concentrava nas implicações da notícia. Afinal sempre parecia haver algum fundo de verdade na história contada pelo criado em Genappe. Se Blücher estava em Wavre, nesse caso teria de ser cuidadosamente observado para se ter a certeza de que os prussianos não interviriam na atividade do dia. — Grouchy diz quais as suas intenções?

— Sim, *sire*. Pretende segui-los para os impedir de chegar a Bruxelas e juntar-se a Wellington.

— Sim. Essa é a opção correta.

— Devo dar conta da receção da mensagem, *sire*?

— O quê? Não… não necessariamente. — Napoleão abanou a cabeça e depois atravessou a sala para se sentar num banco à janela em que a chuva escorria. Inclinou a cabeça contra a parede rebocada e fechou os olhos.

A chuva finalmente parou mesmo antes do amanhecer e quando o primeiro raio de luz surgiu na paisagem, os homens enlameados do Exército do Norte agitaram-se por baixo dos cobertores e sobretudos encharcados e atiçaram as fogueiras com a madeira que restava. Depois juntaram-se em volta das chamas enquanto se tentavam aquecer e secar os uniformes, e comeram rapidamente algumas das rações que sobravam, antes de arrumar as coisas e seguir para a formatura das suas companhias.

No posto de comando do exército, Napoleão tomava o pequeno-almoço com o estado-maior. Apesar das dificuldades e da falta de sono nos dias anteriores, o estado de espírito em redor do imperador era de boa disposição. Um dos exércitos aliados tinha sido repelido e agora outro teria o mesmo destino. A única questão que ensombrava o humor de Napoleão

nessa manhã era um relatório do general Drouot, segundo o qual o terreno estava demasiado húmido para que a artilharia pudesse avançar até uma posição a partir da qual alcançasse o inimigo. O solo molhado também iria atenuar o impacto de qualquer fogo de artilharia, uma vez que a bola não seria capaz de ressaltar no chão, limitando-se a enterrar-se na lama. Drouot pedia, por isso mesmo, que o ataque fosse adiado até ao final da manhã. Depois de ponderar rapidamente, Napoleão assentiu. Ele tinha uma superioridade clara em artilharia e faria todo o sentido tirar o máximo partido dela.

— Muito bem — anunciou. — Parece que o exército vai ter folga esta manhã. — Um sino repicou ao longe. — Com certeza, sendo domingo, dia de descanso. Muito propícia, esta chuva.

Os oficiais sorriram. Até Soult, cuja postura habitualmente enérgica tinha de certo modo ficado entorpecida pelo fardo da nova posição enquanto chefe do estado-maior, se descontraiu um pouco. Esperou um momento e depois tossicou, antes de se dirigir ao imperador.

— *Sire*, uma vez que o início das hostilidades vai ser atrasado, podemos chamar Grouchy de regresso e eliminar qualquer dúvida quanto ao resultado da batalha?

— Dúvida? — Napoleão ficou surpreendido. — Duvida do resultado? Mas então, se temos noventa por cento de hipóteses a nosso favor, e nem dez contra. Não precisamos de Grouchy. Soult, lá porque foi derrotado por Wellington, isso não faz dele um bom general. Se o fosse, certamente não teria escolhido um terreno tão fraco para defender. As suas dificuldades são ampliadas pela fraca qualidade dos soldados. Digo-lhe, esta batalha vai ser rápida, pouco mais esforço para nós do que tomar este pequeno-almoço.

— Com efeito, assim o espero, *sire*.

— E quanto a si, Reille? — Napoleão dirigiu-se a outro dos comandantes que enfrentara Wellington. — Partilha da ansiedade de Soult no que diz respeito à qualidade dos seus adversários?

Reille apercebeu-se da mudança na disposição do seu amo e respondeu com cautela:

— Wellington sabe como defender, *sire*. Atacadas de frente, as tropas dele são praticamente impenetráveis. Contudo, nós temos a vantagem da cavalaria. Se conseguirmos manobrar nos seus flancos, então ele será certamente derrotado.

— Disparate! — irritou-se Napoleão. — Um ataque frontal é quanto baste para lhe romper a linha. Vai ver. E isso nós conseguimos alcançar — virou-se para Soult — sem Grouchy.

Soult fez uma vénia com a cabeça perante a vontade do seu amo.

— Muito bem, *sire*. Mas posso pelo menos comunicar a Grouchy o vosso desejo de que ele se deve acercar dos prussianos em Wavre?

— Como entender — respondeu Napoleão descuidadamente. — Diga-lhe que continue a

empurrar os prussianos à sua frente. Agora — levantou-se da cadeira, — já que temos tempo, vou inspecionar os meus soldados. Soult, estabeleça o posto de comando naquela estalagem… — Estalou os dedos.

— La Belle Alliance, *sire*?

Napoleão assentiu.

— Vai dar-nos uma visão excelente sobre a destruição do exército de Wellington.

Mont-St-Jean, 10h00

Arthur juntara-se ao exército pouco depois do amanhecer e percorrera a sua extensão, para ter a certeza de que os homens estavam posicionados e preparados para a batalha que se avizinhava. Enquanto passava pelos soldados, ia sendo aclamado e Arthur, fiel à postura distante que impunha a si próprio desde há muitos anos, por vezes agraciava-os com um ligeiro aceno. Ouvia-se o matraquear constante de mosquetes, à medida que os homens iam disparando para o ar para limpar os canos de qualquer humidade ou poeira causada pelo dilúvio da noite anterior. A chuva tinha tido outro efeito peculiar que divertia os homens. A tinta vermelha dos casacos tinha manchado os cinturões brancos. Arthur esperou que não fosse um presságio.

Decidira assegurar-se de que o flanco direito seria o mais forte, para o caso de Bonaparte tentar flanquear a posição. O esquerdo, na direção de Blücher, era bastante menos impressionante, e Arthur sabia que estava a correr um risco quanto à chegada pontual do aliado. A artilharia tinha sido disposta ao longo da crista, de onde podia massacrar as colunas francesas enquanto marchavam para o ataque. Atrás dela, abrigada pela encosta, esperava a infantaria numa linha escalonada, enquanto muita da cavalaria estava acumulada atrás do centro. Uma mancheia de quintas estava dispersa à frente da linha aliada e estas tinham sido fortificadas, prontas a servir de redutos para quebrar os assaltos inimigos. À direita estava a pequena quinta de Hougoumont, onde Arthur tinha posicionado os Foot Guards, a nata da sua infantaria, e à frente do centro, na estrada para Bruxelas, estava a grande quinta de La Haye Sainte, defendida por um batalhão da Legião Alemã do Rei.

Arthur terminou a sua inspeção da linha de batalha e juntou-se aos oficiais superiores na crista, a curta distância do palacete de Hougoumont.

— Bom-dia, cavalheiros! — saudou bem-disposto.

Os oficiais retribuíram o cumprimento e levaram as mãos aos chapéus em jeito de continência. Uma figura na retaguarda do grupo de oficiais fez avançar a sua montada e Arthur viu que era o general Müffling. Trotou até junto de Arthur.

— Milorde, tenho andado à vossa procura nesta última meia hora. Recebi uma mensagem do marechal Blücher, enviada às sete desta manhã.

Arthur assumiu uma postura formal antes de responder:

— E então?

— Ele promete apoiar-vos com pelo menos dois corpos do exército. E vem liderá-los pessoalmente.

Arthur sentiu o espírito ficar mais leve e permitiu-se um ligeiro sorriso ao falar com Müffling.

— Agradeço-lhe, meu amigo. Essa foi a melhor das novidades.

Arthur puxou as rédeas e *Copenhagen*, o seu cavalo preferido, virou-se para a frente para enfrentar o inimigo, a pouco mais de um quilómetro. Enquanto observava os franceses, que se preparavam claramente para um ataque frontal, Arthur apercebeu-se de quão pequeno era o campo de batalha. Não mais de cinco quilómetros por três, dentro dos quais se encontravam perto de duzentos mil homens preparados para disputar o terreno. Os franceses empurravam os últimos canhões para as suas posições, no meio da linha de batalha.

— Vossa senhoria, vede, lá está Napoleão — gritou uma voz.

Arthur olhou para o lado.

— Conto consigo para não se deixar levar pelo entusiasmo, De Lancey.

O jovem general da intendência enrubesceu.

— Vossa senhoria me desculpe. — Arthur voltou-se para fitar além do vale que separava os dois exércitos. Napoleão estava claramente visível, montado uma vez mais no seu cavalo branco como a neve, e escoltado por um esquadrão de lanceiros polacos. À medida que avançava decidido por entre as formações de infantaria, os soldados aclamavam-no com entusiasmo, alguns erguendo as barretinas no ar na ponta dos mosquetes.

— Eles dão cá um espetáculo — escarneceu Uxbridge. — A este ritmo duvido que alguma vez comecemos a maldita batalha.

Arthur não disse nada enquanto continuava a olhar para o seu adversário. Estava bastante satisfeito com a perda de tempo dos franceses. Cada minuto que passava dava-lhe mais tempo para a chegada dos soldados de Blücher ao campo de batalha. Bonaparte parecia totalmente despreocupado com a passagem do tempo à medida que se passeava pelas formações do exército, tendo demorado mais de uma hora antes de regressar ao posto de comando ao lado da estrada de Bruxelas. Alguns minutos depois, uma arma de sinalização foi disparada junto à posição do imperador.

Ouviu-se um ligeiro estalido quando Somerset abriu o relógio de bolso.

— São cerca de onze e trinta, milorde.

Arthur assentiu.

— Tome nota. — Pigarreou. — A batalha teve início, cavalheiros. Aos vossos postos!

Antes de o som das suas últimas palavras se ter dissipado, o ar foi fendido por um terrível rugido, quando as baterias da artilharia francesa abriram fogo.

CAPÍTULO 60

Uma mistura de bolas e metralha caiu sobre as posições aliadas, e do seu posto de comando, Arthur percebeu que o fogo do inimigo se concentrava nos flancos do seu exército. Hougoumont, acima de tudo, estava a ser bastante castigado. Ramos e folhas saltavam da pequena mata e do pomar que se encontravam a sul e a leste do castelo. Telhas explodiram em fragmentos quando um punhado de peças francesas foi apontado demasiado por alto. Pelo telescópio, Arthur viu que os homens que defendiam o pomar murado se agachavam para se proteger do bombardeamento. Mesmo assim, um disparo ocasional abriu um buraco no muro, lançando fragmentos letais de tijolo e de pederneira pelos ares.

De ambos os lados de Arthur, as bocas-de-fogo aliadas respondiam ao inimigo. A artilharia tinha ordens precisas para não proceder a fogo contra as baterias e apontava às formações de infantaria e de cavalaria. Como decidira seguir a tática habitual de manter o grosso do exército na encosta oposta, Arthur sabia que os canhões franceses não seriam o maior perigo do dia. O verdadeiro teste chegaria quando Bonaparte lançasse os soldados e os cavalos contra a linha aliada.

Mesmo estando o grosso da artilharia francesa a fustigar os flancos, o resto da linha continuava sujeita ao fogo. Os escaramuceiros estavam dispersos por entre o milho e o trigo de um verde pálido ao longo da frente aliada, erguendo-se para apontar e disparar contra os adversários antes de se voltarem a baixar para recarregar. De vez em quando, as cearas à sua volta agitavam-se quando uma bola, ou uma lata de metralha, ceifava os caules, e um ou mais homens de Arthur desapareciam.

O assobio de um disparo mais próximo fez com que alguns dos oficiais do estado-maior se encolhessem, e Arthur olhou à sua volta.

— Firmes, cavalheiros.

Ao olhar para a direita, viu que um dos seus regimentos, o Quinquagésimo Quarto de Infantaria, estava mais perto do cimo do que seria aconselhável, e mesmo enquanto os observava, uma bola caiu no terreno à frente da companhia de flanco, desfazendo dois homens com os ressaltos.

— Somerset, ordene àquele regimento que se baixe.

— Sim, milorde.

Quando Somerset se afastou a galopar, Arthur viu que os seus oficiais do estado-maior, mais de quarente ao todo, estavam reunidos nas suas costas.

— Uxbridge, parece-me que os nossos generais estão muito parados.

Uxbridge aquiesceu.

— Imagino que sejamos um alvo bastante tentador.

Dando meia-volta a *Copenhagen*, Arthur levou a mão em concha à boca para se dirigir

aos oficiais.

— Agradecia que os cavalheiros se dispersassem. Irei ter convosco se tal for necessário.

Quando o estado-maior se dividiu em grupos mais pequenos, Arthur notou que mais regimentos seguiam o exemplo da Quinquagésima Primeira e se deitavam, ficando assim menos expostos ao fogo inimigo. Dirigindo a atenção ao que se passava em torno de Hougoumont, avistou uma divisão francesa a formar-se à frente da mata, pronta a atacar assim que a artilharia parasse com o bombardeamento ao castelo e ao seu jardim murado. Assim que a infantaria francesa avançasse, as peças aliadas na cumeada não poderiam disparar sobre ela, com receio de atingir os soldados do seu próprio exército.

O fogo da artilharia inimiga sobre Hougoumont começou gradualmente a esmorecer e quando o último canhão cessou fogo, seguiu-se uma breve pausa antes que os tambores franceses se fizessem ouvir, marcando um ritmo insistente que assinalava o avanço. Os primeiros batalhões da divisão posicionada à frente da mata do castelo começaram a avançar.

— Há muito poucos homens a defender Hougoumont, milorde — comentou Somerset. — Deviam ser reforçados.

Arthur abanou a cabeça.

— São quanto bastem para a tarefa.

Somerset lançou-lhe um olhar ansioso, mas Arthur não reagiu e fixou o olhar na ação que tinha início ao fundo da encosta. As primeiras formações francesas desapareceram de vista quando entraram nas árvores e seguiu-se o crepitar irregular dos mosquetes quando os escaramuceiros britânicos recuaram para o castelo. Momentos depois, os primeiros inimigos chegaram ao jardim murado e começaram a trepar os muros. Os defensores, dispersos pelo muro, esforçaram-se por defender o perímetro, mas foram obrigados a recuar à medida que os franceses saltavam, ou entravam pelas aberturas criadas nos muros pelo fogo da artilharia. Os atacantes de casaca azul espalharam-se rapidamente pelos jardins e aproximaram-se do castelo e dos seus anexos. Faúlhas e plumas de fumo surgiram das janelas e das seteiras quando os defensores abriram fogo contra a infantaria francesa, que pressionava a partir de dois lados.

O inimigo chegara ao castelo mais depressa do que Arthur imaginara e receou que talvez Somerset estivesse certo. Esporeou a montada e dirigiu-se ao comandante de uma bateria de morteiros da Artilharia Montada Real que se encontrava pronta a deslocar-se.

— Major Bull, não é?

O comandante da bateria fez continência.

— Sim, milorde.

— Preciso dos serviços da sua bateria. Siga-me. — Arthur deu meia-volta e trotou encosta abaixo, em direção ao castelo. Foi seguido por Bull e pelos seus morteiros, com as

estruturas das peças a ressoar no terreno. Arthur parou a uma centena de metros do castelo. Vindo do outro lado, o estrépito da batalha desesperada enchia o ar. — Os seus morteiros que disparem sobre o castelo. Temos de aliviar a pressão a que os defensores estão sujeitos. Mas certifique-se de que aponta devidamente, major.

— Com certeza, milorde. Entendido.

Arthur observou os homens de Bull a prepararem rapidamente as armas e carregarem as esferas de ferro nos canos curtos e grossos. Bull certificou-se de que a elevação de cada peça era ajustada de modo a que a trajetória das granadas passasse por cima do castelo a uma distância segura. A bateria abriu fogo e Arthur seguiu os rastos esbatidos das granadas à medida que estas descreviam um arco sobre o castelo, em direção à mata mais adiante, rebentando entre os ramos e cuspindo pequenos fragmentos de ferro contra os atacantes.

— Muito bem — gritou Arthur para o major Bull. — Continuem a apoiar o castelo o mais possível. — Virou-se e galopou de regresso ao seu ponto elevado para observar o ataque. Centenas de soldados franceses juntavam-se à volta do castelo e do pátio murado, mas por aquilo que Arthur podia ver, nenhum conseguira ainda entrar. O fogo incessante dos defensores abatia os invasores às dezenas e os corpos amontoavam-se constantemente em torno do edifício. Mais atrás, os que ainda se encontravam na mata eram derrubados pelas granadas dos morteiros. O ataque durou mais dez minutos, até que Arthur viu o inimigo começar a recuar, desaparecendo nas árvores antes de retirar pelo campo além da mata. Os disparos no castelo cessaram e, momentos depois, a bateria de Bull fez o mesmo.

Arthur aquiesceu com satisfação.

— Parece que o primeiro ponto é nosso.

La Belle Alliance, 13h00

— O que está o príncipe Jerónimo a fazer? — questionou Napoleão com brusquidão ao ver tropas novas de uma segunda divisão a avançar contra Hougoumont. — Ele só devia estar a simular um ataque ao castelo. Quem devia estar a usar as reservas era Wellington e não eu.

— *Sire*, deseja que ordene ao príncipe que cesse o ataque?

Napoleão observou a nova onda de soldados começar a entrar na mata. Momentos depois, o ar acima deles ficava pontilhado com as nuvens brancas das granadas que rebentavam. Abanou a cabeça.

— Não. Pode ser que o Jerónimo ainda consiga obrigar o Wellington a agir, e se o duque não morder o isco, tomaremos o castelo para o usar como base para importunar a linha aliada.

Mais uma vez, Hougoumont ficou envolto em fumo de pólvora, à medida que os homens de Napoleão levavam a cabo o seu assalto. Observou a cumeada em busca de movimento e depois apontou em triunfo, quando uma coluna de casacas-vermelhas surgiu encosta abaixo,

em direção ao castelo.

— Ali! Sabia que o Wellington teria de enviar mais homens.

Soult olhou por um instante, após o que disse calmamente: — Não me parecem mais de quatro companhias, *sire*. Até agora, o príncipe Jerónimo já empregou quase duas divisões.

Napoleão olhou-o furiosamente por um instante e depois voltou a dirigir a atenção ao campo de batalha. O fumo dos canhões de ambos os lados pairava sobre o terreno em nuvens densas, ameaçando bloquear a visão da paisagem circundante. Uma ansiedade repentina fê-lo erguer o telescópio e percorrer o horizonte desde o sul em direção a nordeste. Campos, casas agrícolas e pequenos bosques passaram pelo óculo, e depois uma pequena sombra à beira das árvores fez com que Napoleão parasse. Pestanejou o olho e disse a um dos elementos do quartel-general que se colocasse à sua frente, para que usasse o ombro do homem como apoio para o telescópio. Soult e alguns outros tinham reparado na expressão preocupada, virando-se na mesma direção e observando a linha escura que ia saindo das árvores.

— Está ali uma coluna de soldados — indicou Napoleão. Depois baixou o telescópio e correu para o mapa em cima de uma mesa no exterior da estalagem. Percorreu o mapa e depois bateu com o dedo. — A mata perto de Chapelle-St-Lambert.

Soult trocou um olhar perturbado com os restantes oficiais em torno do mapa. Um deles engoliu em seco e indagou: — Poderá ser o Grouchy? A marchar para a origem do som das armas?

Napoleão abanou a cabeça. A coluna distante vinha da direção de Wavre.

— Prussianos, de certeza.

Fez-se um silêncio breve enquanto os oficiais digeriam a informação, após o que Soult ergueu o telescópio na direção da mata distante e falou em voz baixa:

— Vejo mais colunas, *sire*.

Napoleão afagou o queixo.

— Os prussianos estão ainda a duas horas de marcha do campo de batalha. Ainda vão demorar até poderem apoiar o Wellington. Temos bastante tempo para vencer a batalha.

— E quanto ao Grouchy, *sire*? — quis saber Soult. — Mando chamá-lo?

— Faça favor. — Napoleão encolheu os ombros, enquanto considerava a última posição conhecida dos trinta mil homens de Grouchy: avançavam vindos de sul em direção a Wavre. — Embora receie que esteja demasiado longe para intervir, mesmo que se dirigisse a nós de imediato.

Mesmo assim, Soult correu a redigir a ordem e enfiou-a na mão de um dos seus ajudantes de campo.

— Tome. Leve isto ao marechal Grouchy. Diga-lhe que o destino de França está em jogo.

Napoleão suspirou enquanto o oficial subia para a sela e se afastava.

— O destino de França será decidido por aqueles que já se encontram em campo, Soult. — Devolvendo a atenção à cumeada à frente da linha de batalha francesa, Napoleão apontou para a extensão da encosta à direita da estrada para Bruxelas. — Não podemos adiar mais o ataque principal. Soult, diga a D'Erlon para preparar as tropas dele para avançar. Chegou a altura de ver se esses ingleses que tanto teme conseguem resistir às nossas colunas.

CAPÍTULO 61

Colinas de Mont-St-Jean, 13h30

As armas francesas tinham passado a última meia hora a disparar em massa, destroçando a barreira que percorria a cumeada. Os combatentes britânicos tinham-se deitado, enquanto à sua volta as rajadas zuniam sobre as suas cabeças e os fragmentos de metralha assobiavam pelos caules de centeio como uma súbita ventania. Mesmo à frente das colinas, dispostos numa linha através da encosta, estavam os soldados holandeses da brigada de Bylandt. Arthur não lhes tinha dado ordem de retirada para a ladeira oposta, receando que Bonaparte pensasse que o centro dos aliados estava em retirada, atalhasse o bombardeamento e ordenasse o avanço da infantaria. A brigada teria de ser sacrificada para ganhar tempo. Arthur tinha recebido notícias de que os prussianos tinham sido avistados, mas que não alcançariam o campo de batalha antes de algumas horas. Arthur sentia o coração apertado, enquanto observava os holandeses mantendo a posição e aguentando o terrível castigo à medida que a artilharia francesa lhes abria sangrentas brechas nas fileiras.

Ao lado dele, Somerset observava o massacre, até que se virou para o comandante.

— Milorde, peço-lhe, permita-me que chame Bylandt.

— Não. Têm de manter posição e aguentar.

Somerset abanou a cabeça.

— Não vão aguentar muito mais. Nenhum homem aguentaria.

— Eles têm de aguentar. Temos de aproveitar qualquer hipótese de ganhar tempo, até Blücher chegar.

O fogo francês começou a abrandar e, em menos de um minuto, as últimas armas silenciaram-se.

— E agora? — interrogou-se Somerset. — Cavalaria ou infantaria?

A pergunta foi respondida pelo distante rufar de tambores. Arthur trotou em frente até ao enorme ulmeiro que crescia na junção entre a larga estrada de Bruxelas e a estrada secundária que se estendia pela montanha. Por baixo, talvez a seiscentos pés de distância, um denso aglomerado de fumo de pólvora obscurecia os franceses do outro lado do vale. Os escaramuceiros britânicos sobreviventes estavam cautelosamente a levantar-se, espreitando entre o fumo. Atrás deles, os que restavam da brigada de Bylandt aproximaram-se uns dos outros e avançaram dez passos para limpar a área dos corpos desfeitos e dos membros dos camaradas que não tinham sobrevivido.

Arthur concentrou-se, tentando olhar através do fumo, enquanto os sons dos tambores franceses se aproximavam. Depois viu os primeiros soldados, figuras difusas recortadas contra o fumo, enquanto os escaramuceiros avançavam adiante das colunas principais.

Quando emergiram no raio direto de visão, Arthur viu a linha estender-se desde a parte da frente de La Haye Sainte até à sua direita por oitocentos metros através do campo de batalha em direção às quintas de La Haie e Papelotte, à esquerda.

— Isto não é uma diversão, Somerset — compreendeu Arthur. — Tencionam romper-nos o centro num só ataque. Tendo em conta a linha da frente, diria que Bonaparte vai enviar três divisões contra nós. — Olhou para a esquerda, onde os homens da divisão de Picton se encontravam em colunas de batalhão na colina oposta. — Três para uma. As probabilidades não são boas.

— Se Picton não aguentar, o inimigo vai dividir-nos o exército em dois, milorde.

Arthur assentiu e depois fez um gesto em direção à cavalaria de reserva.

— Vá ter com Uxbridge. Ele que prepare a cavalaria para o ataque.

Somerset deu meia-volta ao cavalo e afastou-se a galope e Arthur virou-se de novo para o inimigo. Ouviu-se o crepitar dos mosquetes, quando os escaramuceiros deram início ao seu duelo unilateral. Os britânicos, em menor número, dispararam e recuaram perante o massacre. Aqui e ali, uma figura de casaca vermelha era abatida e desaparecia do campo de visão. As colunas francesas continuavam o seu avanço inexorável: uma grande massa de homens que avançava pelo meio da ladeira enlameada em direção à cumeada. Continuaram a surgir do meio do fumo, fileira após fileira, aparentemente sem fim, e Arthur fitou o espetáculo com o coração gelado. Era uma visão magnífica, pensou, mais de dez mil homens avançando corajosamente para a batalha. Era magnífico, mas aqueles excelentes regimentos tinham de ser destruídos.

As equipas da artilharia britânica na montanha fizeram pontaria à linha francesa e abriram fogo, sobre a cabeça dos escaramuceiros, de modo a que as rajadas mergulhassem entre as fileiras da retaguarda, varrendo filas de dez ou quinze homens de uma só vez. O ar estava cheio de explosões de canhão e o embate abalava o ar mesmo à volta de Arthur. Enquanto observava, sentado na sela, os oficiais aliados chamaram de volta os escaramuceiros e os homens voltaram a subir a colina através dos intervalos na barreira para se juntarem aos seus regimentos. Só a brigada de Bylandt fazia frente à massa que se aproximava. O insistente rufar de tambores era acompanhado pelos gritos dos oficiais franceses, enquanto incitavam os seus homens em frente, e os soldados gritavam vivas ao imperador num ruído ensurdecedor.

As armas britânicas estavam agora a disparar metralha diretamente para a frente das colunas, derrubando grupos de homens num instante, mas os intervalos fechavam-se e os soldados continuavam a avançar. Empunharam os mosquetes e, pouco depois, a ordem para disparar perdeu-se no estrondo da salva de artilharia. Diretamente à sua frente, a fileira na liderança tremeu sob o impacto e os homens caíram ao solo. Os que se seguiam apressaram o passo, mas, antes de poderem encurtar a distância, as tropas holandesas, abaladas pelas

pesadas perdas que já tinham sofrido, cederam, dispersando pela encosta. Os oficiais esforçaram-se por os reunir do lado oposto e, por um momento, a maioria não desistiu, começando a recarregar. Não houve qualquer tentativa de proceder a uma salva e os soldados dispararam individualmente contra o inimigo assim que os mosquetes ficaram prontos e depois viraram-se e fugiram atrás dos seus companheiros.

Arthur ignorou-os quando passaram pela sua posição. Pouco depois, a última das equipas de artilharia à frente das colunas que se aproximavam disparou o canhão e recuou a trote para uma zona segura pelo meio dos intervalos nos regimentos da divisão de Picton.

Somerset tinha passado a Uxbridge as ordens e voltara a galopar para junto do seu comandante.

— Milorde! Tem de recuar; os franceses estão quase em cima de nós.

Arthur concordou com um aceno de cabeça, virou *Copenhagen* e os dois cavaleiros trotaram em direção à retaguarda da divisão de Picton. A uma centena de pés, Picton observava o comandante e levantou o chapéu em saudação antes de dirigir a atenção aos seus homens e gritar ordens aos seus escoceses.

— A Nonagésima Segunda vai avançar! Todos os que estavam à frente já abriram caminho. Coragem, meus rapazes! Em frente! — Desembainhou a sua espada e brandiu-a sobre a cabeça.

As primeiras filas das colunas francesas tinham alcançado a encosta e alguns dos batalhões estavam agora a parar para disparar, enquanto outros continuavam pela ladeira, parando a curta distância do outro lado. Arthur não pôde deixar de suster a respiração quando os mosquetes franceses ficaram em posição e se ouviu gritar: — *Tirez!*

Clarões iluminaram a linha e a salva de artilharia rasgou os escoceses que avançavam a correr para enfrentar o inimigo. Enquanto grandes quantidades de figuras de *kilt* tombavam, a linha titubeou e quase se deteve. Picton esporeou o cavalo em frente e gritou para os seus oficiais:

— Reunir! Reunir os escoceses!

Nesse momento, a cabeça tombou-lhe para trás. Os dedos tiveram um espasmo e a lâmina caiu para o chão. Enquanto o cavalo continuava a trote, Picton resvalou para um dos lados e caiu da sela, rebolou pela relva espezinhada e quedou-se imóvel.

— Santo Deus — murmurou Arthur. — Coitado do Picton.

Um gemido atravessou as fileiras quando se aperceberam da morte do seu comandante e, então, os escoceses soltaram um urro de raiva e precipitaram-se contra os franceses expectantes. Foi uma carga valorosa, mas Arthur sabia que o peso dos números estava do lado do inimigo e que os homens de Picton não podiam deixar o centro da linha aliada sem assistência.

Por trás ouviu-se o chamamento de uma corneta, três sopros culminando num longo de tom

mais agudo, vezes sem conta. Uxbridge dera ordem à cavalaria pesada para atacar. Duas brigadas avançaram lentamente. Havia muito pouco espaço para se lançarem a galope e eles só podiam sair a trote através dos intervalos na divisão de Picton, enquanto a infantaria rapidamente se encolheu para deixar passar os cavaleiros, saudando os camaradas montados quando passavam. Os cavaleiros avançaram a meio trote, invadindo as fileiras massivas da infantaria francesa, picando e cortando com as pesadas lâminas. Por um momento, a coragem do inimigo manteve-se, mas à medida que cada vez mais cavalaria britânica os inundava pelos flancos e iam caindo sobre eles como gigantes no fumo compacto, a coragem abandonou-os. As fileiras que lideravam viraram-se e começaram a pressionar as que estavam atrás, desesperadas por escapar ao assobio das lâminas de espada, e o pânico espalhou-se por toda a formação em poucos momentos. Centenas de soldados da infantaria viraram costas e correram encosta abaixo, tentando desesperadamente livrar-se do equipamento que os estorvava enquanto tentavam fugir.

— Por Deus, foi em boa hora! — comentou Somerset, enquanto se levantava na sela e levava a mão em concha à boca. — Cavalguem, homens! Força! Espezinhem-nos bem!

Arthur virou-se para ele e fez uma expressão de desagrado, estando prestes a dizer ao seu subordinado para se controlar quando avistou Uxbridge a avançar com ímpeto, a espada desembainhada a incentivar os homens a plenos pulmões. Em seguida, a montada de Uxbridge saltou um pequeno obstáculo e disparou colina abaixo em perseguição dos inimigos.

Na cumeada, as maltratadas linhas da divisão de Picton estavam de novo a formar e Arthur soltou um pequeno suspiro. O centro tinha sobrevivido ao primeiro grande teste da batalha.

La Belle Alliance, 14h30

Napoleão ficou a olhar em silêncio para a massa em fuga, vindo na sua direção como confetes. Surgindo por entre as figuras que fugiam, os dragões de Wellington continuavam a avançar, aproximando-se da linha de canhões que se estendia pelo campo de batalha. Os artilheiros não se atreviam a disparar, receando massacrar os seus próprios homens, e apenas olhavam, enquanto o perigo descia pela colina na sua direção. Quando os primeiros cavaleiros britânicos alcançaram as peças de artilharia, algumas das equipas tentaram defender-se, utilizando as varetas das armas, alavancas e pequenas espadas. Foi uma luta breve e desigual e os artilheiros foram rapidamente afugentados para longe dos canhões, apressando-se a recuar e a procurar abrigo entre as carretas da artilharia e das munições. Os cavaleiros perseguiram-nos, eliminando com o sabre qualquer homem que estivesse ao seu alcance. Também cortaram os tendões dos cavalos de tração, inutilizando-os, e os impotentes animais caíram, presos aos arreios, relinchando de agonia e terror.

À volta do imperador, os oficiais do estado-maior observaram, perplexos, o ataque da cavalaria. Apenas pouco tempo antes, parecia que nada podia impedir as corporações de D'Erlon de esmagarem tudo a caminho do centro do exército aliado. Agora, todas as três divisões estavam desmanteladas e a colina estava coberta com milhares de corpos.

— *Sire*, quais são as suas ordens? — indagou Soult. — Mudamos o quartel-general para um lugar mais seguro?

— Não há necessidade — respondeu Napoleão com um ar cansado. — O contra-ataque já está a caminho. Veja ali. — Apontou para a direita, onde a cavalaria do general Jacquinot tinha emergido de uma zona preparada para cultivo, a leste do campo de batalha. A força era composta por couraceiros e lanceiros, que rapidamente assumiram posições de ataque aos flancos da cavalaria britânica, muitos dos quais ainda estavam ocupados a destruir os homens de D'Erlon e o comboio de artilharia por trás da grande bateria. Tão absortos estavam com a fúria de combate que não se aperceberam do perigo, nem responderam ao desesperado sinal de chamada de regresso que soava no cimo da montanha.

Quando os homens ficaram prontos, Jacquinot liderou ele próprio o ataque, aumentando firmemente o passo, até soltar a cavalaria a pouca distância do inimigo. A carga embateu nos cavaleiros britânicos, que iam sendo esquartejados, enquanto se esforçavam por entrar na batalha. Os cavalos ficaram ofegantes e muitos dos que desistiram de lutar e fugiram em direção à colina foram alcançados e mortos.

Napoleão observou com uma satisfação sombria, enquanto a cavalaria vingava os camaradas, cavalgando e matando um inimigo atrás de outro, deixando os corpos na lama ao lado dos cadáveres dos soldados de D'Erlon. Ambos os lados tinham sofrido uma reviravolta sangrenta, refletiu Napoleão, mas os aliados ainda detinham a encosta, bem como os pontos estratégicos à sua frente.

— Só conseguimos vencer esta batalha se quebrarmos o centro de Wellington — declarou. Olhou para Hougoumont, obscurecido pelo fumo que não fora totalmente provocado pela furiosa troca de fogo de mosquetes. Uma coluna crescente subia para o céu por entre os edifícios e as chamas brilhavam no teto de um celeiro. Com sorte, o fogo iria espalhar-se e obrigaria os defensores a recuar. Restava a mais pequena fazenda de La Haye Sainte, mesmo à frente do centro de Wellington. Napoleão observara o fogo devastador que fora derramado contra o flanco da divisão de D'Erlon pelos defensores da fazenda. Era óbvio que tinha de invadir La Haye Sainte, caso almejasse à mais pequena hipótese de um ataque bem-sucedido à colina. Dirigiu-se a Soult.

— Diga ao Ney que temos de conquistar aquela fazenda se queremos ganhar a guerra. Tem de a tomar a qualquer custo. — Apontou para a nesga de montanha entre La Haye Sainte e Hougoumont. O terreno ali parecia mais transitável do que de onde D'Erlon tentara fazer o seu avanço. Pelo menos estava menos enlameado e não se tornaria um obstáculo a um ataque

à encosta. — É ali que temos de atacar a seguir. Diga ao Ney que utilize todas as armas disponíveis para desgastar o centro aliado, antes que comecem novo ataque.

Soult assentiu e tomou rapidamente notas. Enquanto escrevia, um mensageiro galopou até à estalagem e desmontou do cavalo exausto. Avistando Soult, apressou-se a chegar junto a ele e entregou-lhe uma mensagem. Soult acabou rapidamente as suas ordens para Ney e leu o relatório. Então, com uma expressão sombria, aproximou-se de Napoleão e falou em voz baixa, para que nenhum dos outros oficiais pudesse ouvi-lo.

— Uma mensagem de Grouchy, *sire*.

— Então?

— Ainda está a avançar para Wavre. Não conseguirá chegar até nós antes de noite cerrada.

Napoleão humedeceu os lábios.

— Nesse caso temos de esquecer Grouchy.

— E quanto aos prussianos, *sire*?

— Temos de os atrasar. Envie os hussardos de Marbot para Lasne e alerte o general Lobau para ter as suas corporações preparadas para marchar e proteger o nosso flanco direito.

Soult acabou de tomar as suas notas e caminhou até aos oficiais sentados à mesa montada no exterior da estalagem, para que as ordens fossem copiadas por alguém com boa caligrafia e enviadas. Entretanto, a atenção de Napoleão centrou-se em La Haye Sainte. Era bem mais pequena do que Hougoumont e teria menos homens a defendê-la. Ney poderia ocupá-la com facilidade.

CAPÍTULO 62

Houve uma breve pausa na maior parte do campo de batalha quando se dispuseram tantos canhões franceses quanto possível entre Hougoumont e La Haye Sainte. Durante esse tempo, o assalto aos dois lugares prosseguiu. Napoleão conseguia ver os seus homens encostados aos muros da fazenda, agarrando os canos de qualquer mosquete que se mostrasse pelas seteiras e procurando arrancá-los das mãos dos defensores. A porta do celeiro tinha desaparecido e uma feroz luta corpo a corpo decorria junto à entrada. Ao pressionar numa tentativa desesperada de subjugar os defensores, mais inimigos disparavam sobre os franceses do muro junto ao celeiro. Alguns soldados chegavam a atirar tijolos para as cabeças dos homens lá em baixo.

Mais uma vez, o ataque foi rechaçado e os franceses recuaram, passando através das árvores despedaçadas do pomar até estarem fora de alcance. Assim que retiraram para uma distância segura, uma bateria de obuses retomou o bombardeamento da quinta e os projéteis rebentavam sobre as telhas com um clarão e uma nuvem branca, ou caíam antes de rebentar e iluminavam fugazmente o interior da quinta murada com um brilho avermelhado.

À esquerda de Napoleão, ouviu-se o estrondear de cascos e ele voltou-se para ver as reservas da cavalaria a avançar para se formarem atrás da linha de canhões que estava a ser apontada à crista. Regimento atrás de regimento de couraceiros, lanceiros e dragões avançaram, até o solo do estreito vale não ser mais do que uma massa de cavaleiros, sentados silenciosamente nas selas enquanto aguardavam a ordem para atacar. Ney assumiu o seu lugar à cabeça e ergueu o chapéu emplumado para indicar aos canhões que abrissem fogo. Com um rugido escalonado, o bombardeamento teve início. Cada canhão cuspia fogo e fumo ao escoicear com o recuo.

Os artilheiros de Wellington também se mantinham prontos, mas não retribuíram o fogo, e Napoleão apercebeu-se de que deviam estar a guardar as munições para a cavalaria francesa, quando esta começasse o seu avanço. Napoleão viu um dos trens dos canhões britânicos a desintegrar-se acima de Hougoumont, ao ser atingido por uma bola. Explodiram lascas em todas as direções, deitando por terra a equipa. O eixo tombou e o cano ficou voltado para o céu. Por toda a crista, colunas de terra elevavam-se no ar, mas a linha de soldados estacionada na encosta e na própria cumeada mantinha-se firme na sua posição, mesmo sendo dizimada por bolas e metralha.

— Não podem aguentar este castigo muito mais tempo — comentou Soult.

Napoleão anuiu em concordância. Contudo, ainda que ficasse morbidamente satisfeito com a destruição que ia sendo infligida pelos canhões franceses, estava ciente de que o tempo se esgotava. A cada minuto que passava, os prussianos iam-se aproximando do seu flanco direito. A batalha ainda podia ser ganha, calculou, mas as probabilidades eram agora

de apenas sessenta para quarenta a seu favor. A vitória dependia da rutura do centro da linha aliada. Napoleão procurou o relógio no bolso e olhou para os ponteiros. Os soldados de Wellington, amalgamados a partir das forças das potências secundárias da Europa, já estavam a desafiá-lo há mais de quatro horas.

— A determinação deles vai falhar a qualquer momento, Soult, tenho a certeza. — Napoleão indicou a cavalaria que aguardava. — E então nada restará entre Ney e as ruas de Bruxelas.

O ulmeiro, 16h00

Apesar de Arthur ter dado a ordem para que os batalhões sobre a crista se deitassem, as baixas foram, mesmo assim, assustadoras. Munições pesadas, apontadas num ângulo raso, tinham esmagado as figuras de bruços, deixando borrões sangrentos e corpos mutilados no rasto da sua passagem, e não havia abrigo para as granadas que regularmente iam explodindo sobre as cabeças, espalhando fragmentos de ferro cortante pelos homens em baixo.

— Não aguentámos com nada assim em Espanha, milorde — comentou Somerset, ao verem o bombardeamento à direita. Ainda que as armas francesas tivessem por alvo o trecho de crista entre os dois pontos fortes de Hougoumont e La Haye Sainte, um tiro ou outro acertava na encosta ou zumbia pelo ar perto de Arthur e do seu pequeno grupo de oficiais. Uma vez ouviu-se um rugido seco atrás deles, e Arthur voltou-se para ver uma coluna de fumo a elevar-se no ar a partir dos restos esfrangalhados de umas carroças de munições, agora em chamas, à medida que várias figuras aturdidas em seu redor se iam levantando e cambaleavam para longe das labaredas. Umas quantas dezenas de homens e cavalos estavam no chão, imóveis.

— Tiro de corte com o obus — murmurou um dos adidos de Arthur.

— Sorte? — resmungou Somerset.

Os oficiais dirigiram novamente a atenção para o bombardeamento furioso. Parecia a Arthur que tinha atingido o auge. Voltou-se para olhar para os soldados do regimento mais próximo, formado por novos recrutas acabados de chegar do batalhão de treino em Inglaterra. Não havia como negar o medo nas suas expressões. Arthur sabia que eles tinham de ser recuados, antes de perderem a coragem.

— Somerset, passe a palavra. O centro da linha vai recuar cem passos.

— Cem passos? Sim, milorde.

O ajudante de campo esporeou o cavalo e transmitiu a ordem a todas as unidades que defendiam a posição sob bombardeamento dos canhões franceses. Um a um, os batalhões levantaram-se e cerraram fileiras antes de se virarem e descerem a encosta, fora da visão dos artilheiros franceses. Num quarto de hora, os únicos homens ainda visíveis para o

inimigo eram os artilheiros. Algumas das baterias, vencidas pela exasperação de aguentar perdas sem resposta, ignoraram as ordens de Wellington para não contra-atacarem e começaram a disparar.

Não havia tempo para alcançar os artilheiros e repreendê-los, uma vez que, nesse momento, Arthur apercebeu-se de que o bombardeamento inimigo estava a ceder. Os últimos canhões dispararam e então as equipagens recarregaram-nos e aproximaram-se ao máximo das armas de modo a criar o máximo espaço possível entre canhões. A razão para isto era evidente para Arthur, que esporeou o cavalo para diante, descendo a contraencosta na direção dos regimentos de infantaria que aí se abrigavam.

— Preparem-se para a cavalaria! A infantaria que forme em quadrado!

A ordem foi retransmitida de batalhão para batalhão e cada uma das linhas de infantaria manobrou prontamente em blocos, com três fileiras de profundidade. A fileira da frente ajoelhou, com cada homem a fixar a coronha do mosquete contra a bota, de modo a que a sua baioneta formasse um ângulo, e apresentou assim uma linha lustrosa de pontas afiadas em cada face da formação. Em pouco tempo, a encosta estava coberta numa manta de retalhos de retângulos vermelhos, escalonados sem grande rigor como quadrados alongados de um tabuleiro de xadrez. Arthur e a sua comitiva tomaram lugar no meio de um batalhão próximo da crista e aguardaram. Acima deles, a artilharia britânica disparou enquanto se atreveu contra a cavalaria que avançava, e depois as armas foram abandonadas quando os artilheiros correram para o abrigo do quadrado mais próximo, passando de lado pelo meio das baionetas estendidas. Uma mancheia de equipas teve a presença de espírito para retirar uma roda dos seus canhões e correr com ela encosta abaixo, deixando assim a arma imobilizada.

— Aí vêm eles — murmurou Somerset quando o chão tremeu sob o impacto de quatro mil cavaleiros que subiam a encosta. As notas agudas dos clarins marcaram um ritmo crescente e então apareceram na crista os primeiros inimigos, envergando os capacetes emplumados dos dragões. Os cavaleiros avançaram, passando por entre os canhões abandonados, com uma frente que se prolongava talvez por mil metros, carregando na direção dos quadrados numa onda mortífera de espadas brilhantes e lanças letais.

— Aguentem firmes! — gritou o coronel do batalhão para os seus homens. — Por Inglaterra!

Arthur observou um esquadrão de couraceiros rodar na direção do quadrado, com as couraças a brilhar enquanto as montadas esticavam os pescoços e galopavam descendo a encosta suave.

— Fogo! — bradou o coronel, e a visão do inimigo ficou obstruída pelo fumo. Arthur ouviu o som grave das balas que batiam na carne dos cavalos, e o som metálico que faziam ao acertar nas couraças. O fumo dissipou-se, revelando cavalos e homens espalhados sobre os cereais espezinhados.

— Fogo à vontade! — ordenou o coronel.

De todos os lados vinham agora salvas e a cavalaria inimiga foi derrubada. A seguir estavam entre os quadrados, deslizando entre fileiras de baionetas, como uma onda que se esmaga contra rochas e é forçada a canalizar a sua força pelo meio de obstáculos inamovíveis. Os mais temerários dos cavaleiros levaram as montadas até à linha de baionetas e tentaram então inclinar-se e desferir cutiladas em algum dos homens ajoelhados. Todavia, quase todos foram alvejados antes de conseguirem atacar.

Enquanto Arthur observava, ia acenando com satisfação. Os seus homens estavam a aguentar firmes, e enquanto o fizessem, a cavalaria francesa estaria a ser sacrificada sem propósito. A única preocupação de Arthur era que, enquanto a infantaria estava ocupada, Bonaparte podia estar a enviar encosta acima infantaria e artilharia a fim de apoiar o ataque. Se isso acontecesse, pouco haveria a fazer para proteger o exército aliado. Ameaçado por cavalaria, ver-se-ia forçado a permanecer em quadrado, e assim proporcionar alvos perfeitos para os canhões inimigos.

A sua sequência de pensamentos foi interrompida quando um dos seus adidos foi derrubado pelo impacto de uma bala. Com um gemido, o jovem oficial tombou da sela.

— Levem-no para o posto médico! — ordenou Somerset a um rapaz-tambor que estava a passar, e o oficial ferido foi arrastado na direção dos estandartes, onde outros membros da banda do batalhão já estavam a cuidar dos feridos.

Alguns do franceses tinham-se apercebido da futilidade de tentar penetrar nos quadrados e tinham embainhado as espadas e sacado de pistolas para disparar contra a infantaria que resistira à carga inicial. A última das salvas tinha sido disparada e agora o ar estava cheio com os estalidos que os soldados faziam ao recarregar e disparar. O fumo que pairava sobre os quadrados estava pouco depois tão denso como o mais espesso nevoeiro londrino, e os cavaleiros inimigos eram pouco mais do que sombras. O clarão dos disparos iluminava o fumo por todo o lado e, acima do tiroteio, Arthur conseguia ouvir os gritos desesperados dos oficiais dos dois lados enquanto encorajavam os seus homens, bem como os gritos dos feridos e os relinchos aterrorizados dos cavalos estropiados.

Por uns bons vinte minutos, a cavalaria inimiga foi tentando penetrar nos quadrados, mas sempre que um dos homens de Wellington caía, o seu corpo era arrastado para o interior e a brecha preenchida, mantendo-se a formação tão inexpugnável como antes. Então Arthur apercebeu-se de que o fogo estava a amainar, e uma voz gritou: — Estão a ir-se! Os franceses estão a fugir, rapazes!

Fez-se ouvir um grande grito de alegria, que se propagava de quadrado em quadrado. Arthur gesticulou para que o estado-maior o seguisse, e trotou para fora do quadrado que o tinha abrigado, com a infantaria a afastar-se para lhe dar passagem. Levou a mão à boca e gritou:

— Artilheiros, para as vossas peças!

Saindo da nuvem de fumo, cavalgou uma curta distância para avaliar a situação. Uma mancheia de inimigos estava ainda a retirar sobre a crista, e os que tinham perdido as montadas debatiam-se para atravessar o campo revolvido, atrapalhados pelas suas pesadas botas e couraças desconfortáveis. Centenas mais estavam espalhados pelo chão com as suas montadas, muitos definhando enquanto gemiam. As equipagens dos canhões não lhes ligaram ao avançar para diante e voltar aos seus postos junto dos canhões. Nenhum deles parecia ter sido sabotado, notou Arthur surpreendido. Fora uma distração idiota da parte do inimigo, e uma pela qual pagariam bem caro. Dirigiu-se pela encosta até junto da bateria do capitão Sandham. Os seus canhões de nove libras e o obus estavam em ação quando Arthur se acercou e retribuiu a continência.

— Dê cabo deles, Sandham.

— Com certeza, milorde. — O capitão sorriu.

A duzentos metros, os oficiais franceses esforçavam-se por reunir as suas tropas e Arthur reconheceu o marechal Ney a incentivar freneticamente os homens à sua frente. Subitamente, o cavalo empinou-se quando um tiro se foi alojar no seu pescoço. O animal caiu por baixo de Ney, mas enquanto Arthur observava, ele levantou-se calmamente da sela e avançou alguns passos até ao cavalo mais próximo, pegou nas rédeas e deu ordem ao cavaleiro para desmontar. Assim que se viu na sela da sua nova montada, Ney continuou a dirigir-se com veemência às tropas.

— Eles vêm aí outra vez! — alertou Mercer.

— Voltem aos quadrados — ordenou Arthur. — O Somerset também.

As equipagens de Sandham dispararam a última salva e fugiram. Arthur aguardou mais um instante, depois pegou no telescópio e apontou-o para o fumo que se erguia de uma aldeia a leste, a não mais de três quilómetros da posição em que se encontrava. Via lutas, e só podia haver uma explicação para isso — os prussianos tinham acabado de chegar ao campo de batalha. Um clarim francês soou o avanço e Arthur fechou o telescópio num gesto, voltando *Copenhagen* para trás, rumo aos quadrados que se entreviam pelo fumo que se ia dissipando.

A carga seguinte sofreu o mesmo destino da primeira e então os ataques foram ficando mais desorganizados, à medida que cada regimento inimigo ia sendo desbaratado, se reunia e voltava à carga. Durante os intervalos entre ataques, a artilharia francesa abria fogo e os tiros voavam sobre a crista antes de mergulhar sobre os quadrados compactos, causando bastantes mais baixas do que os ataques da cavalaria. Arthur cavalgou de um quadrado para outro para mostrar a sua presença e encorajar os soldados.

— Cabeças levantadas, rapazes, eles não nos vão deitar abaixo! Só mais um bocado, agora… Os prussianos estão a chegar!

Os homens ganharam ânimo com as palavras e gritaram o seu desprezo perante o inimigo que ia voltando uma e outra vez, detendo os cavalos cansados à distância de um tiro de pistola e descarregando as armas antes de trotar para longe a fim de recarregar. Quando o fumo se dissipou da frente de um dos seus quadrados, Arthur viu um oficial francês de pé, junto a um dos canhões abandonados, dando rédea solta à sua frustração ao desferir golpes de sabre no cano da arma.

Ao fim de algum tempo, Ney deve ter-se apercebido da futilidade de atacar sem apoio adequado. Pouco antes das seis da tarde, o som de tambores fez-se ouvir na contraencosta e Arthur resmungou para Somerset:

— Isto era o que eu temia. Vamos, temos de nos apressar! — Galopou até às brigadas comandadas pelo general Maitland e pelo general Pack e apontou na direção da direita da linha, na crista acima de Hougoumont.

— Preciso dos seus rapazes de imediato. Têm de formar em linha.

— Linha, milorde? — Maitland pareceu consternado. — Com cavalaria por perto?

— O perigo não vem agora da cavalaria. Conduza os seus homens diretamente para diante.

As duas brigadas correram encosta acima enquanto as equipas dos canhões se apressaram a chegar junto das armas e as recarregaram com metralha. A partir da crista, Arthur não ficou surpreendido ao ver que a cavalaria inimiga tinha recuado para dar passagem ao avanço da sua infantaria. Esta avançou como antes, em formações densas que depressa se fizeram alvo dos canhões aliados, os quais iam pejando a encosta de metralha, e os que se conseguiram aproximar da crista foram repentinamente apanhados de flanco pelo fogo das duas brigadas que tinham recebido a ordem para subir. Deixando centenas dos seus camaradas para trás no meio dos corpos de cavalos e cavaleiros resultantes das cargas de cavalaria, os outros recuaram na direção das linhas francesas.

Arthur tomou conta da situação. Os seus quadrados, ainda que tendo resistido, tinham sofrido pesadas baixas com a artilharia inimiga. Os batalhões dos seus aliados holandeses estavam muito abalados e os oficiais e sargentos estavam agora à retaguarda prontos a espancar qualquer homem que abandonasse a sua posição na linha. Uma das suas unidades de cavalaria, os hussardos de Cumberland, formada por cavaleiros inexperientes, tinha já dado meia-volta e desaparecia na direção de Bruxelas.

— Não vamos aguentar mais um ataque destes — resmungou Arthur num tom sóbrio. — Seja como for, olhe ali.

Apontou para La Haye Sainte e os adidos olharam na direção indicada. Uma mancheia de soldados, os sobreviventes da guarnição original, estava a recuar na direção da cumeada acima da quinta. Por trás deles iam emergindo dos edifícios da quinta os primeiros soldados franceses, dando gritos de satisfação ao disparar sobre o inimigo em retirada. Os soldados

da Legião Alemã do Rei não pararam para responder ao fogo.

— Estão a fugir — constatou friamente um dos adidos.

— Devem ter ficado sem munições — aventou Somerset. — Tiveram de abandonar a quinta, ou morrer lá.

— Poderia ter sido melhor se o tivessem feito — respondeu Arthur. — Qualquer coisa para atrasar Bonaparte.

Os oficiais ficaram em silêncio por um instante enquanto olhavam para uma figura que apareceu no telhado do estábulo de La Haye Sainte, agitando uma bandeira tricolor em gesto de triunfo. Enquanto Arthur olhava para o reduto perdido, e as forças francesas se reuniam atrás dele, teve noção de que Bonaparte se estava a preparar para o último assalto à linha aliada. As reservas de Arthur já tinham sido lançadas na batalha. Os homens que sobravam tinham estado debaixo de fogo desde o meio-dia.

— O que fazemos agora, milorde? — perguntou Somerset. — Ordeno a uma brigada ainda fresca que retome La Haye Sainte?

— Sim, temos de fazer isso. Vai ser uma carnificina mas não podemos dar-nos ao luxo de perder a quinta. Se ela se mantiver em mãos francesas, tudo o que nos resta é aguentar a cumeada, ou morrer onde estamos.

— Se não formos capazes de a retomar, quais são as vossas ordens?

— Não há mais ordens — replicou Arthur secamente. Olhou para leste, onde a escuridão começava a surgir no horizonte, ainda parcialmente obstruído pelo fumo da batalha na direção da aldeia de Plancenoit. — A noite vai chegar — disse baixinho. — Ou então Blücher.

CAPÍTULO 63

La Belle Alliance, 18h30

— Ney tomou a quinta! — exclamou Soult. — *Sire*, já temos La Haye Sainte. Olhai!

Soult apontou para a bandeira francesa que se agitava acima do celeiro. Ney já mandara avançar alguns canhões, que tinham começado a massacrar os casacas-vermelhas na crista, a menos de trezentos passos. Soult pegou no relatório garatujado por Ney. — Ele pede reforços, *sire*. Wellington está derrotado. Mais um ataque e ganhamos o dia, diz ele.

— Ney diz isso? — escarneceu Napoleão. O terreno em redor da quinta estava coberto de corpos franceses, bem como a encosta entre a quinta e o jardim murado de Hougoumont. — A prova da sabedoria do marechal Ney está ali à vista de todos. Ele desperdiçou toda a nossa força de cavalaria nos seus ataques inúteis. E depois sacrificou a divisão de Foy. Decerto entende, por isso, o que me pode levar a questionar as decisões do bom marechal.

Soult olhou do vale para a crista, onde montículos de terra saltavam no ar à medida que mais canhões franceses retomavam o fogo sobre a linha aliada.

— Talvez Ney tenha razão agora, *sire*. Ele precisa de mais homens.

— Mais homens? — Napoleão levantou as mãos em desespero. — E onde espera que eu vá desencantá-los? Quer que eu invente alguns?

Soult fechou a boca e olhou para baixo, vítima da ira do seu amo.

— Ney deitou-nos a perder. Tal como fez em Jena. Além disso, temos outros assuntos para tratar. — Napoleão virou-se para a mesa dos mapas e apontou para a metade oriental do campo de batalha. O corpo de exército de Lobau tinha atacado a vanguarda da coluna prussiana e fora obrigado a recuar, abandonando a aldeia de Plancenoit. Napoleão enviara imediatamente a Jovem Guarda para repelir os prussianos. Pouco antes de Ney tomar a quinta, tinham chegado notícias de que Plancenoit estava novamente em mãos prussianas, a não mais de mil passos da estrada para Charleroi. A menos que os soldados de Blücher pudessem ser detidos, havia o perigo de o Exército do Norte ficar cercado. Apenas os seis batalhões da Guarda Média e oito dos batalhões da Velha Guarda, uns oito mil homens ao todo, permaneciam como reserva do exército.

— Primeiro temos de deter os prussianos — anunciou Napoleão. — Deixe ficar dois batalhões da Guarda para trás como reserva final. Envie os outros para formar uma linha em frente a Plancenoit. Faça-os formar quadrados no caso de os prussianos mandarem a cavalaria atacar. E depois ordene a dois batalhões da Velha Guarda que reconquistem a aldeia.

— Dois batalhões? — Soult abanou a cabeça. — Duhesme estimou que houvesse mais de dez batalhões a enfrentá-lo na aldeia.

— Até pode ser, mas só tenho dois disponíveis. Eles sabem o que está em jogo e cumprirão o seu dever. Trate disso.

Soult anuiu com relutância e ditou as ordens a um dos seus ajudantes. Quando o oficial se afastou, na direção da estrada em que aguardavam os melhores soldados de Napoleão, este examinou novamente o mapa. A reconquista de Plancenoit apenas lhe daria algum tempo. Se fosse feito, então talvez houvesse tempo para derrotar Wellington. Se ele fosse posto em fuga, o que sobrasse do exército francês poderia rodar para leste e aguentar os prussianos à distância, enquanto Grouchy marchava sobre a retaguarda durante a noite. Napoleão sentiu o nervosismo causado pelo grande perigo que ameaçava envolvê-lo. Tentou afastar a ideia da sua mente, desviando o olhar do mapa e cruzando as mãos atrás das costas enquanto olhava para Plancenoit.

Cerca de meia hora depois, o som do tiroteio vindo da aldeia intensificou-se e Napoleão e o seu séquito aguardaram ansiosamente por notícias do resultado. Não tiveram de esperar muito, visto que um dos oficiais de Duhesme se aproximou a galope. Puxou as rédeas e fez uma vénia a Napoleão.

— *Sire*, tenho a honra de informar que a Velha Guarda repeliu os prussianos. Plancenoit está de novo em nosso poder.

— Muito bem. — Napoleão voltou-se para Soult. — Mande regressar as reservas e faça-as formar à direita da estalagem. Temos mais uma hipótese para acabar com Wellington. Ali. — Apontou para a crista, onde a cavalaria tinha atacado antes. A artilharia que Ney tinha feito avançar tinha aniquilado duas brigadas de soldados holandeses que tentavam retomar a quinta de La Haye Sainte, e estavam agora a desbaratar as formações britânicas mais próximas.

— Mande avançar todos os soldados disponíveis — ordenou Napoleão. — Vire todas as armas para o inimigo.

Os homens abatidos do corpo de exército de D'Erlon e os do general Reille, que tinham reunido junto aos estandartes, aclamaram os nove batalhões da Guarda que tinham sido mandados avançar. Os veteranos marchavam orgulhosamente ao som de tambores, com os granadeiros a abrir caminho com os seus grandes chapéus de pele de urso, enquanto quatro baterias de canhões ligeiros vinham atrás da formação. Napoleão dirigiu-se ao cavalo e um criado ajudou-o a subir. Pegando nas rédeas, esporeou o animal e trotou estrada fora antes de virar para assumir posição à frente da Guarda. Tinha o coração repleto de um orgulho desafiador quando se aproximou do fundo do vale e começou a aproximar-se da crista.

Um ribombar de cascos à esquerda captou a atenção de Napoleão e viu Ney a galopar na sua direção, seguido pela mancheia de oficiais superiores que tinham sobrevivido à carnificina das cargas anteriores.

— *Sire*, o que estais a fazer? — Ney ostentava um ar preocupado ao chegar junto do imperador.

— Estou a fazer o que devia ter feito logo ao início da batalha. A liderar os meus homens a partir da frente.

— Sereis morto, *sire*.

— É possível.

— Não deveis tombar aqui, *sire*. Pelo bem da França. Enquanto viverdes, há esperança.

— Esperança? Qual esperança? — questionou secamente Napoleão.

Ney debruçou-se e pegou-lhe nas rédeas. Por instantes, Napoleão sentiu-se tentado em tirar-lhas das mãos, mas hesitou. Então a sua determinação em conduzir o último ataque do dia, talvez o último da sua vida, foi-se esvaindo.

— Levem o imperador de volta à estalagem — ordenou Ney, entregando as rédeas a um dos seus ajudantes, que puxou o cavalo de volta através do espaço entre dois batalhões de guardas. Um dos veteranos bradou: — Viva Napoleão! — Os outros juntaram-se de imediato e continuaram até que ele acabou de passar pela formação. Então olharam na direção da crista e ficaram silenciosos enquanto marchavam em frente.

— Alto — ordenou Napoleão ao ajudante de Ney. — Ordeno-lho.

O ajudante pausou, sem saber o que fazer, depois fez uma vénia e devolveu as rédeas. De imediato, Napoleão rodou o cavalo para observar a nata do exército a atravessar o terreno do vale, desaparecendo lentamente na densa nuvem de fumo de pólvora que se tinha aglomerado como consequência do bombardeamento da crista pelas baterias francesas ao longo do dia. Ney deteve a formação e ordenou-lhe que formasse em quadrado, depois a Guarda continuou o seu avanço, cinco batalhões à frente, e quatro atrás, em reserva.

Soult tinha pegado num cavalo e galopava agora para junto do imperador. Apontou para a linha da cumeada no sítio em que esta virava para nordeste do campo de batalha. A forma escura de uma coluna distante estava a aproximar-se do flanco esquerdo de Wellington, e era claramente visível para os homens do corpo de exército de D'Erlon.

— *Sire*, eis os prussianos.

— Calado, Soult! — disparou Napoleão. Olhando em redor, viu que nenhum dos soldados pareceu ter escutado. Virou-se para o seu chefe do estado-maior. — Eu sei quem são. Mas vai percorrer a linha e dizer aos nossos homens que é Grouchy que se aproxima, para nos salvar.

— *Sire*?

— O nosso destino está por um fio, Soult. Os nossos homens precisam de acreditar que podem ganhar, ou então estamos perdidos. Agora, vá lá dizer-lhes isso!

Soult anuiu quando compreendeu a necessidade da mentira. Respirou fundo e esporeou o seu cavalo ao longo das fileiras da frente do corpo de D'Erlon. Tirando o chapéu, agitou-o

de um lado para o outro e depois usou-o para apontar a coluna distante.

— Homens! Olhai ali! É o marechal Grouchy! Grouchy está a chegar! Wellington está derrotado!

As suas palavras foram bem recebidas e os homens aclamaram com entusiasmo, ao que iniciaram o seu próprio avanço na direção de La Haye Sainte. O rugido das vozes foi levado pelo vale até onde a Guarda Imperial continuava a sua implacável aproximação à crista. O marechal Ney parou à retaguarda da coluna. Olhou na direção de Napoleão, acenou com a mão, e depois virou-se para a frente enquanto empunhava a espada e incentivava o cavalo em diante, desaparecendo no meio do fumo.

Centro Aliado, 19h30

— Atenção! — gritou um soldado da brigada de Halkett. — Aí vêm eles outra vez!

Arthur tinha acabado de conduzir dois batalhões de infantaria de Brunswick no seu avanço para a crista. Os jovens inexperientes olharam para a frente com nervosismo ao ouvir o grito e adivinhar a sua importância. Ainda que os canhões franceses tivessem continuado a disparar sobre a crista, há quase uma hora que não havia ataques, e Arthur tinha aproveitado a oportunidade para encolher os flancos e concentrar o que restava do seu exército sobre a estrada para Bruxelas. Detendo os soldados de Brunswick, cavalgou com Somerset e Uxbridge até à sebe na cumeada e olhou para a encosta abaixo. O som de tambores fazia-se ouvir pelo meio do fumo.

— Infantaria outra vez — disse Uxbridge.

— Então temos de despachá-la. — Somerset forçou um sorriso. — Tal como fizemos antes.

Aguardaram mais um instante e depois vislumbraram o que pareciam ser as cabeças de cinco grandes colunas de infantaria. Não havia como confundir as fardas dos homens que se aproximavam da crista.

— Credo, o Bonas está a mandar a Guarda — comentou Uxbridge. — Em quadrados. Bem, não se deviam ter incomodado. Não tenho homens que cheguem para lançar uma carga decente.

Arthur voltou-se para Somerset.

— Quero todas as armas concentradas neles. Não podem ultrapassar a crista. Percorra a linha e diga isso a todos os comandantes de bateria.

— Sim, milorde.

Quando Somerset se afastou a galope, Arthur respirou fundo.

— Aqui está, Uxbridge, o momento decisivo.

Olhou ao longo da crista e viu o rosto coberto de fuligem dos seus homens cansados. A artilharia, que tinha estado exposta ao fogo inimigo há mais tempo do que qualquer outra

unidade, tinha sofrido bastante. Tudo o que restava de algumas baterias eram os fragmentos esmagados dos seus canhões, ao passo que outras tinham perdido armas, homens e cavalos. Aqueles que ainda estavam de pé manuseavam as armas há oito horas e mexiam-se com o cambaleio de homens à beira do colapso. À medida que Somerset seguia ao longo da crista, alertando para a aproximação do inimigo, as unidades que ainda estavam em quadrado rodaram rapidamente nos seus lados para formar uma linha à frente da cumeada. As armas que resistiam dispararam, atirando com metralha para os lados dos quadrados franceses. Os veteranos de Napoleão fecharam imediatamente as brechas, cerraram fileiras e continuaram a avançar, como se estivessem a manobrar numa parada. Com um rugido, algumas baterias de canhões ligeiros do inimigo foram detidas e preparadas no meio dos quadrados. As suas equipas apontaram para a cumeada e prepararam-se para disparar em menos de um minuto.

— Nunca vi canhões movimentarem-se tão bem — maravilhou-se Arthur.

Abriram fogo, tomando por alvo os canhões ingleses com metralha e dizimando as suas equipagens. Os artilheiros de Arthur fizeram fogo sobre os guardas do exército imperial enquanto foram capazes. Os dois batalhões à direita da linha francesa estavam ligeiramente adiantados em relação aos outros, e quando atingiram a cumeada, Arthur e Uxbridge galoparam para a segurança da brigada de Halkett. A infantaria ainda não conseguia ver os franceses, mas o som dos tambores chegava-lhes aos ouvidos e eles agarraram-se aos mosquetes e olharam firmemente para diante.

Os topos dos barretes de pele de urso apareceram em primeiro lugar, e acima deles o ouro de uma águia coroava o seu estandarte.

— Preparar para abrir fogo! — bradou Halkett, e os seus homens avançaram as armas e engatilharam-nas.

As fileiras da frente dos primeiros dois quadrados franceses fizeram alto, elevaram os mosquetes e dispararam rapidamente uma salva. Balas esvoaçaram em redor de Arthur e Uxbridge, e cerca de uma dúzia dos soldados de Halkett tombou.

— Apontar! — Halkett empunhou a espada e depois desferiu um golpe no ar, gritando: — Fogo!

Da sua sela, Arthur conseguiu ver que a salva britânica fora bastante mais eficaz do que a do inimigo, e a primeira fileira dos dois quadrados pareceu cair em massa. Voltou-se para Halkett e gritou-lhe:

— Carregue com a sua brigada! Agora!

Halkett acenou com a cabeça e repetiu a ordem num grito bem alto. Os seus homens deixaram escapar um rugido enquanto avançavam com as baionetas caladas e mergulhavam no fumo. À sua frente, os guardas mantiveram-se firmes por um instante, inseguros e amedrontados, e depois recuaram.

— Estão a fugir! Atrás deles, rapazes! — berrou um sargento.

Uma mancheia de veteranos franceses aguentou firme e foi rapidamente esmagada pela infantaria de Halkett. Os casacas-vermelhas carregaram encosta abaixo, com os guardas em fuga à sua frente. Arthur bateu com as esporas nos flancos de *Copenhagen* e galopou pela linha até à brigada de Maitland, deitada na contraencosta. Os dois quadrados seguintes da Guarda Imperial estavam a aparecer sobre a cumeada e Arthur levou a mão à boca.

— Agora, Maitland! Agora é o momento!

Maitland anuiu e deu a ordem:

— Brigada, de pé!

Em breves segundos, cerca de mil e quatrocentos homens, em quatro fileiras, apareceram à frente dos guardas franceses, que apenas momentos antes tinham julgado que nada se interpunha entre eles e a vitória. A surpresa e choque nos seus rostos eram inconfundíveis quando estacaram.

— Apontar! — ordenou Maitland. — Fogo!

Arthur viu o impacto mortífero da salva concentrada, e a carga dos homens de Maitland fez naqueles quadrados exatamente o mesmo que a dos homens de Halkett tinha feito nos anteriores. A Guarda Imperial, o melhor corpo de soldados da Europa, rompeu fileiras e desceu a encosta em fuga. Maitland esporeou o cavalo atrás dos seus homens e seguiu-os a curta distância pela encosta, até vislumbrar o último quadrado à sua direita. Voltando-se para as companhias mais próximas, ainda muito encavalitadas enquanto desciam a encosta, deteve-as e formou uma linha voltada para o lado do último dos quadrados franceses diante da linha aliada. Os casacas-vermelhas recarregaram rapidamente as armas e apontaram. À sua frente, e do outro lado do quadrado, outros soldados aliados fizeram o mesmo. Houve um momento de pausa e em seguida soou a primeira das salvas. Seguiram-se outras, e os soldados franceses foram dizimados em ondas. Os sobreviventes olharam aterrorizados para os corpos à sua volta e então fugiram.

Um grito coletivo fez-se ouvir de ponta a ponta na linha aliada perante a visão da infantaria francesa de elite a debandar pela encosta. Arthur contemplava essa visão, sem acreditar nos seus olhos e não compreendendo de imediato o seu significado. Foi Uxbridge o primeiro a reagir.

— Batemos o Boney! Por Deus, está derrotado! — Agarrou o braço de Arthur. — Vossa senhoria!

Antes de Arthur poder responder, o som de uma bala de canhão passando perto encheu o ar com o seu zumbido, e ele sentiu os dedos de Uxbridge enterrar-se subitamente na sua manga.

— Acertaram-me… — Uxbridge fitou-o, de olhos semicerrados. — Fui atingido.

Arthur esticou-se e agarrou-lhe o ombro para o segurar.

— Vocês aí! — Chamou alguns artilheiros que tinham retirado para a brigada de Maitland.

— Ajudem-me. Levem este oficial para a retaguarda!

Os artilheiros retiraram Uxbridge da sela e estenderam-no no chão. Arthur viu que o seu joelho tinha sido esmagado por uma bala de canhão e era agora uma confusão sangrenta de osso e músculo. Os artilheiros pegaram nele e Uxbridge deixou escapar um gemido cavo quando se retiraram. Arthur voltou-se novamente para a batalha e olhou encosta abaixo. Ainda havia quatro batalhões de guardas em formação, mas estavam agora a recuar lentamente, cobrindo a retirada dos seus camaradas feridos. Do lado direito, a guarnição de Hougoumont ainda se aguentava enquanto se debatia para conter o fogo que tinha deflagrado algum tempo antes. Do lado esquerdo, os franceses estavam a abandonar La Haye Sainte e a retirar pela estrada de Charleroi. A leste, Arthur podia ver claramente as colunas de prussianos a empurrar os restos da Jovem Guarda.

— Por Deus — murmurou entre dentes. — Conseguimos… ganhámos.

Somerset apareceu a cavalo, com o rosto iluminado pela excitação.

— Vossa senhoria viu? Os franceses foram desbaratados. Estão a retirar!

Arthur não conseguiu conter-se nem mais um instante. A tensão e a preocupação da terrível luta foram-lhe tiradas dos ombros e ele sentiu uma onda de satisfação percorrer-lhe o corpo. Somerset sorria-lhe.

— Quais são as ordens, milorde?

Arthur tirou o chapéu e agitou-o sobre a cabeça, na direção do inimigo.

— Dê a ordem a todos os homens que encontrar — perseguição total.

Quando a ordem se espalhou pelas fileiras dos homens que tinham aguentado a cumeada durante todo o dia, o exército avançou, a infantaria e a cavalaria misturadas enquanto perseguiam os franceses. Arthur cavalgou com eles e, à sua aproximação, os homens aclamavam-no com todo o entusiasmo. Os franceses foram desaparecendo da paisagem enquanto procuravam desesperadamente fugir, deixando para trás canhões, caixotes e carruagens, juntamente com os feridos. Arthur procurou sinais de Bonaparte, mas o inconfundível cavalo branco do imperador não era visível em lugar nenhum. Deu um salto rápido a La Belle Alliance, onde homens de um dos regimentos holandeses de cavalaria estavam ocupados a saquear na escuridão o que sobrara do quartel-general francês. Uns cem metros estrada fora e deparou-se com os primeiros soldados prussianos. Estavam ocupados a passar à baioneta soldados franceses feridos e olharam para ele com suspeição até se terem apercebido pelo seu sorriso radiante que dificilmente poderia ser um inimigo. A curta distância viu um grupo de oficiais prussianos a cavalo. À sua frente vinha um homem idoso com costas rígidas e umas fabulosas suíças prateadas.

— Marechal Blücher! — chamou Arthur sem hesitar, erguendo a mão.

Os oficiais prussianos voltaram-se para ele e quando se aproximou, Blücher reconheceu-o por sua vez, aproximou a montada e abraçou-o. Nenhum dos dois falava a língua do outro, e

Blücher exclamou: — *Mein lieber Kamerad*! — E depois, com um sotaque gutural: — *Quelle affaire!*

Arthur riu-se e deu uma palmada no ombro do outro.

— Bonaparte está derrotado. De uma vez por todas. — Parou e abanou a cabeça. — Mas a maldita coisa esteve por pouco!

A perseguição continuou depois do cair da noite. As tropas de Arthur estavam demasiado exaustas para conseguir ir longe e gradualmente deixaram a tarefa para os prussianos. Uma Lua pálida apareceu sobre o campo de batalha e espalhou um brilho prateado fantasmagórico sobre os campos de morte onde estavam tombados os corpos de dezenas de milhares de soldados, enrijecendo no ar frio. A cavalgada pela estrada de regresso a Waterloo encheu Arthur de uma sensação entorpecente de irrealidade. O ar sobre este mesmo terreno tinha antes estado cheio com o ruído ensurdecedor dos canhões, o matraquear dos mosquetes, e os sinais ritmados de clarins e tambores.

Agora estava quieto, mas longe de silencioso. Muitos dos feridos gemiam, gritavam ou simplesmente falavam consigo mesmos. Alguns balbuciavam incoerentemente, levados à loucura pela dor ou pelo trauma das experiências daquele dia. Aqui e ali havia pequenos grupos de soldados que procuravam feridos sobreviventes dos seus regimentos, para os levar ao posto médico atrás da cumeada e na aldeia de Waterloo. Os defensores de Hougoumont tinham saído do seu reduto e deixado o fogo no celeiro esgotar-se sozinho, com as chamas a espalhar um brilho sobre os corpos empilhados em redor da casa e do jardim.

Arthur tremeu ao chegar junto dos ramos estilhaçados do ulmeiro na crista. Olhou para trás sobre o campo de batalha uma última vez, e depois esporeou *Copenhagen* para um trote ao encaminhar-se para a estalagem que lhe servia de quartel-general em Waterloo. Somerset tinha chegado pouco antes dele e não pôde esconder o alívio ao ver o comandante ileso. A ceia tinha sido preparada pelo estalajadeiro e os criados do quartel-general tinham posto a mesa para Arthur e os seus oficiais com a melhor porcelana e talheres de prata. Ele sentou-se à cabeceira, e Somerset tomou lugar à sua esquerda.

— Onde estão os outros? — quis saber Arthur. — Os meus adidos?

— Deverão ir chegando — respondeu Somerset, e depois franziu o cenho. — Pelo menos alguns, estou certo.

O desgaste tinha-se instalado em todo o corpo de Arthur e ele conseguiu comer pouco da carne fria e pão que lhe foram postos à frente. Os criados iam e vinham e alguns oficiais foram chegando com mensagens, que Somerset foi lendo, passando apenas as mais importantes a Arthur. Chegou a meia-noite, mas mais nenhum dos oficiais do seu séquito regressou ao quartel-general. Arthur voltou-se para Somerset.

— Graças a Deus que não sei o que é perder uma batalha, mas poucas coisas podem ser

mais dolorosas do que ganhar à custa da perda de tantos bons oficiais, e amigos.

— Sim, milorde. — Somerset assentiu. — É algo difícil de aceitar.

— Tenho de dormir — disse Arthur tranquilamente. — Depois vou escrever o meu relatório. A Inglaterra tem de saber o resultado. Acorde-me às três.

Somerset aquiesceu.

Arthur levantou-se rigidamente da cadeira e estremeceu. Manteve-se de pé um momento, olhando para os lugares vazios em torno da mesa e sentindo um terrível vazio dentro de si.

— Rezo para ter lutado a minha última batalha.

Sorriu então sombriamente para Somerset, e atravessou a sala até um dos estrados de madeira que tinham sido cobertos com colchões de palha a fim de servir como cama. Estava demasiado cansado para tirar as botas e deixou-se cair, deitando-se de costas. Os olhos doíam-lhe imenso, e fechou-os por um momento, adormecendo pouco depois e enchendo o ar com o seu ressonar.

— Milorde, acordai.

Arthur agitou-se, piscando os olhos para os abrir. Somerset estava debruçado sobre ele.

— Que horas são?

— Pouco passa da meia-noite, milorde.

Arthur suspirou.

— Eu devia ser acordado às três.

— Sim, mas temos um visitante, milorde. — Somerset voltou-se e gesticulou na direção de um vulto que estava de pé junto à porta da estalagem. À luz do candeeiro que pendia por cima da mesa, Arthur viu que ele vestia o uniforme de um oficial francês. Arthur rodou as pernas por cima da cama e olhou para o homem. Era alto e magro, alguns anos mais velho do que Arthur, e com tez escura. Tinha um trapo ensanguentado atado em redor da cabeça.

— Quem diabo é o senhor?

— Coronel Chaumert, da Guarda Imperial, milorde. — O francês fez uma vénia com a cabeça.

— O que está a fazer aqui?

— Trago uma mensagem para vossa senhoria. — Olhou para Somerset. — É privada.

Arthur cofiou o queixo.

— Deixe-nos.

Somerset hesitou.

— Vossa senhoria ficará em segurança?

— Que mal é que me poderia acontecer agora?

Somerset encolheu os ombros, e depois saiu da sala, deitando um olhar de aviso ao francês ao atravessar a porta e fechá-la atrás de si.

— Então. — Arthur fitou o coronel Chaumert. — Explique-se.

CAPÍTULO 64

Na estrada de Charleroi, 4h00, 19 de junho de 1815

— Deverá compreender que este encontro terá de permanecer em segredo — lembrou Chaumert, enquanto passavam pela companhia de guardas que barrava a estrada.

— Se o encontro não servir nenhum propósito, não tenho qualquer intenção de alguma vez o admitir — respondeu Arthur friamente.

— Ótimo — assentiu, enquanto a pequena coluna de cavaleiros passava pelos campos iluminados pelo luar.

Apesar da derrota, um certo número de unidades do Exército do Norte tinha permanecido intacto e tinha sido evitado pela perseguição prussiana, que preferia alvos mais fáceis. Arthur e a sua pequena escolta de guardas pessoais tinham cavalgado com Chaumert até à longínqua Genappe e, depois disso, Arthur continuara com o coronel e um esquadrão de lanceiros até ao destino final, seguindo por estradas secundárias para evitar os soldados franceses que fugiam para a fronteira. Nesse momento, saíram da estrada para um caminho mais estreito, no final do qual se encontrava uma pequena fazenda. Uma carruagem estava estacionada no pátio. Com a luz do luar, Arthur conseguiu ver um perímetro de sentinelas a rodear o edifício. Chaumert apertou o freio e desceu da sela. Amarrou o cavalo a um poste do lado de fora da porta e olhou para Arthur.

— Ele está à espera lá dentro.

Arthur hesitou. Questionou-se se deveria ter dado ouvidos ao conselho de Somerset de não abandonar o quartel-general com o coronel francês. Mas havia pouco a temer e ainda se podia salvar alguma coisa para bem de todos com o facto de ter aceitado vir. Desmontou e entregou as rédeas a Chaumert. Depois abriu o trinco e entrou na casa. Um pequeno fogo brilhava debilmente na lareira da sala principal e, com a leve luz tremeluzente que emanava, Arthur conseguiu ver a esbatida figura sentada num banco de um dos lados. Virou-se ao som dos passos de Arthur.

— Boa-noite, meu caro duque — cumprimentou-o Napoleão sem sorrir. — Devo dizer que é uma noite mesmo muito boa para si. Dou-lhe os meus parabéns pela vitória.

Arthur olhou-o fixamente, envolto nas sombras junto à porta e respondeu em francês:

— Houve uma perda de vidas demasiado grande para que possa aceitar as suas felicitações.

— Por agora, sim. Mas com o tempo, os mortos serão esquecidos e uma vitória como esta será lembrada para sempre. — Napoleão esperou por uma resposta e, não obtendo nenhuma, fez um gesto em direção à simples cadeira de madeira do lado oposto do fogo. — Venha, sente-se.

Arthur atravessou a sala e deixou-se cair na cadeira. Os traços de Napoleão eram levemente visíveis à luz da fogueira: papos pronunciados e olhos encovados por baixo de largas sobrancelhas e cabelo escuro e curto.

— O seu oficial disse que queria discutir os termos da sua rendição.

— Foi isso que eu disse, mas tenho outros motivos. — Napoleão lançou a Arthur um breve olhar curioso.

— Não estou interessado neles — replicou Arthur. — Estou aqui para discutir a rendição. Caso contrário, parto imediatamente.

— Muito bem, discutamos a rendição. Mas primeiro deixe-me dizer-lhe o quanto os anos têm sido generosos consigo.

— O que quer dizer com isso? — perguntou Arthur, desconfiado.

— Não se recorda? — O sobrolho de Napoleão elevou-se um pouco. — Ah, mas eu lembro-me. Nunca me esqueço… Angers. A escola de equitação. Há vinte e nove anos. Tocava violino.

Arthur sentiu o sangue a gelar. Apesar de a sua mente estar cansada, recordou o ano mais feliz da sua juventude, passado longe da mãe e dos irmãos, cuja competência académica ultrapassava em muito a sua. Um ano em que fora libertado do fardo da sua família, para desfrutar da companhia de pares, sob o patrocínio real do diretor aristocrático da escola. O Conde de Pignarole tinha morrido na Revolução. Arthur lembrou-se de um dia em que a escola se ocupou de alguns jovens oficiais de um regimento de artilharia francês. À medida que a memória se ia instalando, olhou fixamente para Napoleão, examinando-o.

— Estou a ver que se recorda. — Um sorriso tremeluziu nas feições cansadas. — O mundo mudou tanto desde então, não é verdade? E nós mudámos com ele e tornámo-nos grandes homens.

— Se bem me recordo, não tínhamos muito a ver um com o outro nessa altura — comentou Arthur. — Houve um desentendimento.

— É verdade. Defendia abertamente os direitos da aristocracia e eu argumentava pelos direitos do homem comum.

— E agora é um tirano e eu sou o que luta para restaurar a liberdade.

— Liberdade? — Napoleão olhou-o com desprezo. — Quer restaurar os Bourbons e eles querem restaurar a corrupção e os privilégios que foram a razão, desde o início, que levou o povo à Revolução. Ouça bem as minhas palavras, os Bourbons não vão durar muito tempo. Nenhuma das casas governantes da Europa irá. A Revolução abriu os olhos das pessoas. Algumas nações vão demorar mais do que outras, mas a Revolução chegará a todas.

— Não estou aqui para ouvir isto — interrompeu Arthur. — Vamos discutir a rendição, caso contrário parto imediatamente. Quais são as suas condições?

Napoleão olhou-o fixamente com frieza.

— Não estou habituado a que falem comigo dessa maneira.

Arthur encolheu os ombros.

— Independentemente do resultado da batalha de hoje, ainda sou imperador de França.

— O seu título já não significa nada. O seu exército está desfeito e o povo de França não lhe vai perdoar tê-lo conduzido novamente à derrota.

— Tenho outros exércitos. Grouchy ainda está no campo. Posso recuar para Paris, reunir os meus soldados e estabelecer uma defesa.

— Não há hipótese de resistir à coligação — afirmou Arthur, num tom cansado. — Acabou.

— Há sempre esperança — respondeu Napoleão com veemência. —Quando fui exilado em Elba, todos pensaram que eu estava acabado, admita-o! E, no entanto, regressei. Demorei menos de um mês a ter França de novo sob o meu domínio. O que me impede de voltar a fazê-lo?

— Não vai haver Elba desta vez. Foi declarado criminoso. Se os prussianos o prenderem, será fuzilado. Tenho dúvidas que os austríacos ou os russos estejam inclinados a ser mais misericordiosos.

— E Inglaterra? Será que o meu velho inimigo fará o mesmo?

— Não posso falar pelo meu governo, mas eu preferia não ver mais nenhum governante ser arrancado do trono e executado como um criminoso comum. Perturba a ordem natural das coisas. Por isso, talvez eu deva apresentar os meus termos primeiro. — Arthur baixou a cabeça por um momento para ordenar os pensamentos. — Diga aos seus soldados que se rendam. Todos os homens ao seu serviço. Depois declare a sua abdicação incondicional. Em troca, serei eu a detê-lo. Não lhe ofereço nenhuma garantia quanto à sua proteção. Vou cumprir qualquer que seja a decisão do meu governo quanto ao seu destino. — Arthur ergueu o olhar. — São estas as minhas condições.

Napoleão ficou silencioso por um momento antes de responder.

— Essas condições não são dignas de um cão. O que posso eu fazer se não recusar e continuar a lutar?

— Com o quê? Não tem nada com que lutar, exceto um cada vez menor número de seguidores, que apenas procuram um fim glorioso. Já vi guerra que chegue para saber que tem pouca glória. É uma coisa cruel e feia e o melhor seria esquecê-la o mais depressa possível.

— Contudo, não conheceu outra vida a não ser a de um soldado de guerra — retorquiu Napoleão astuciosamente. — Acha mesmo que se vai sentir confortável com a paz?

— Não sei — admitiu Arthur. — Mas sei que não quero viver mais em estado de guerra. Sinto isso do fundo do meu coração. Peço-lhe… Imploro-lhe, acabe com este conflito agora. Poupe as vidas dos seus homens. Poupe as vidas dos seus inimigos. Aproveite esta

oportunidade para ser lembrado como o homem que fez a coisa certa enquanto ainda podia escolher. Se estiver de acordo com isto, farei tudo o que estiver ao meu alcance para lhe encontrar um local de exílio respeitável onde possa acabar os seus dias. Não será Elba. Não se engane, será uma prisão e estará fortemente guardada. Se recusar, terá de arriscar as suas hipóteses com os aliados de Inglaterra.

Arthur olhou seriamente para o imperador, à espera de encontrar a compreensão da futilidade de resistência continuada.

Napoleão juntou as mãos e inclinou-se para a frente para nelas descansar o queixo. Retribuiu o olhar de Arthur, fixando-o da forma penetrante que tanto havia intimidado os seus generais e ministros. O inglês nem pestanejou.

— Não posso aceitar esses termos. Sou Napoleão. O que dirá a História de mim se hesitar no último momento?

— Se continuar a lutar para lá de qualquer racionalidade, e provocar a morte de mais homens para nada, a História certamente o marcará como tirano… e monstro.

— Será? — Napoleão sorriu.

Arthur sentiu uma explosão de raiva devido à preocupação do outro homem com o seu lugar na História. Quantos mais homens teriam de ser enterrados nas fundações de tal posteridade? Levantou-se e olhou do alto para Napoleão.

— Não há mais nada a dizer. Este encontro não aconteceu, no que me diz respeito. Esperei salvar as vidas dos meus homens, dos seus homens, até a sua. Mas estou a ver que não vai deixar que isso aconteça.

Napoleão abanou a cabeça.

— Não lhe dei autorização para sair.

— Autorização? Eu não preciso da sua permissão.

— Posso ordenar aos meus homens que não o deixem partir.

— Deram-me a sua palavra de que teria livre salvo-conduto.

— Foi isso que lhe disse o coronel Chaumert? — Napoleão esboçou um sorriso.

Arthur sentiu-se amargamente triste que tivesse chegado a este ponto. Não havia fim para a falta de integridade de Bonaparte. Olhou diretamente para o outro homem.

— Que não se importe com a sua reputação é uma coisa, mas vai também desonrar o coronel Chaumert? E para que fim? Mesmo que se recuse a deixar-me partir, a sua derrota está assegurada. E acrescentará o peso da vergonha eterna à sua continuada tirania. Será por isso que vai ser lembrado.

Napoleão inspirou profundamente e ficou silencioso por um momento.

— Vá então. Não voltaremos a encontrar-nos.

— Nem tenho qualquer desejo que tal aconteça — respondeu Arthur. Dirigiu-se à porta, abriu-a e saiu para o luar. O coronel Chaumert olhou-o cheio de expectativa.

— O meu cavalo, se não se importa.

Chaumert passou as rédeas a Arthur e ofereceu a mão para ajudar Arthur a subir para a sela. Arthur ignorou-o e subiu para a sela sem ajuda. Chaumert montou o seu próprio cavalo e os dois homens cavalgaram para fora da fazenda, de novo pela estrada de Bruxelas acima. Quando alcançaram o local onde a escolta de Arthur esperava, este virou-se para Chaumert.

— Antes de me ir embora, diga-me uma coisa.

Chaumert encolheu os ombros.

— O que é?

— Parece-me ser um bom homem.

— Tentei sê-lo.

— Nesse caso, o que leva um bom homem a estar preparado para seguir um tirano até ao fim?

Chaumert pensou por um momento.

— Até os tiranos têm dentro de si as sementes da verdadeira grandiosidade neles. Um bom homem vê isso e coloca-se ao seu serviço, na esperança de que um dia essa grandiosidade venha ao de cima.

— E se não vier? O que faz então?

— Nesse caso estou enganado e, assim sendo, mereço o esquecimento, por todos aqueles que sofrerão às mãos do tirano que servi tão fielmente.

— Então, porque fica a seu lado?

— Porque ainda há tempo para algumas medidas de redenção.

Arthur estendeu-lhe a mão.

— Receio que fique desapontado.

— E eu receio que tenha razão. — Chaumert sorriu enquanto apertava a mão de Arthur. — Milorde, noutra vida, teria gostado mais de encontrar um homem como vossa senhoria para servir. Mas, vendo bem, que homem tem a oportunidade de realmente escolher o seu destino?

Arthur olhou-o fixamente e depois acenou com a cabeça em concordância, tristemente.

— Adeus, coronel.

— Boa viagem, milorde. Espero que o senhor e os seus homens vivam para apreciar os frutos da paz.

— Frutos da paz? — Arthur fez uma pausa, enquanto considerava o futuro. Casa. Kitty e os seus desconhecidos filhos. Um regresso à futilidade da vida social e ao veneno da política. A guerra tinha-o construído, tinha-lhe fornecido os amigos mais próximos que alguma vez conhecera. Tinha-lhe mostrado as grandezas da empresa humana, bem como os abismos da sua depravação. Sorriu. — Para homens como nós, os frutos da paz são a ausência de guerra. Pouco mais. Acabou. Acabou de vez.

Depois girou o seu cavalo na direção de Waterloo e galopou, enquanto os primeiros raios

de uma nova madrugada penetravam no continente maltratado e desfeito.

CAPÍTULO 65

Plymouth, 30 de julho de 1815

Quando Napoleão assomou do corredor, o tenente que o vigiava acenou brevemente para o grumete que estava junto da lousa. O rapaz pegou num trapo e apagou apressadamente as palavras *A almoçar*, e depois escreveu com o giz, em letras garrafais, *No convés*, para conveniência dos milhares de espetadores a bordo do enxame de pequenos barcos que ondulavam no mar em redor do navio de sua majestade *Bellerophon*. Quando os que estavam nos barcos se voltaram para ler o novo aviso, alguns levantaram-se e perscrutaram o convés do vaso de guerra em busca dos primeiros sinais do grande homem. Na semana anterior o porto tinha estado apinhado com pessoas das redondezas e com os que tinham viajado de longe apenas para ter um vislumbre do francês que tinha ameaçado humilhar a Grã-Bretanha nos últimos quinze anos.

Napoleão endireitou-se ao assomar no convés e cumprimentou o tenente com um aceno da cabeça. Atrás dele veio o seu pequeno séquito de oficiais do estado-maior, e o grupo subiu o pequeno lanço de escadas até ao tombadilho da popa da fragata de setenta e quatro canhões. A princípio, o capitão Maitland tinha tentado insistir que os oficiais franceses se mantivessem a bombordo, deixando o estibordo livre para o capitão e oficiais do navio. Contudo, Napoleão tinha ignorado essa instrução e vagueado por onde queria, fazendo perguntas sem fim sobre a operação do navio aos oficiais que falavam francês. Maitland não estava a bordo nesse dia. Tinha ido a terra e ficado alojado numa estalagem da preferência dos oficiais navais à espera de ordens sobre o seu prisioneiro. Desde que Napoleão tinha assomado no convés do navio, entregando-se à proteção do seu mais inveterado inimigo, os britânicos tinham ficado sem saber o que fazer com ele. Maitland tinha informado o almirante-mor da presença de Napoleão naquele destacamento, e dele tinha recebido ordem para regressar a Inglaterra e entregar o assunto à cadeia de comando. Agora o destino de Napoleão estava a ser decidido pelo governo em Londres.

Passeando-se na amurada do navio, olhou para os milhares de espetadores que o tinham vindo ver. Sorriu e ergueu o chapéu em saudação, e ouviu-se um coro desafinado de aclamações da parte da audiência.

De Las Casas, o secretário de Napoleão, abanou a cabeça.

— Os ingleses são inimigos estranhos, *sire*. Pareceis ser tão popular entre eles como o seu próprio monarca.

— Bem, tenho de me assegurar da sua continuada boa vontade — respondeu tranquilamente Napoleão ao erguer novamente o chapéu e acená-lo a um grupo de raparigas a bordo de um pequeno iate, o qual de alguma forma se tinha esgueirado pelo meio dos

barcos de guarda que agora remavam furiosamente para o intercetar. — Não tenho qualquer desejo de ser entregue às mãos dos meus inimigos no continente.

Poucos duvidavam que seria executado se voltasse a França, o que deixava os seus captores ingleses perante um dilema. De todos os seus inimigos, Napoleão tinha calculado que a Inglaterra o fosse tratar com maior brandura. Tinha sido por isso que se havia entregado ao capitão Maitland. Na realidade, tinha tido poucas opções na matéria.

Depois da derrota em Waterloo, ele tinha corrido de volta para Paris a fim de se encarregar da situação e reunir todas as forças disponíveis para deter o avanço de Wellington e Blücher. Tal era a sua exaustão que se deixara ficar a descansar várias horas ao chegar às Tulherias. Quando acordou, os seus adversários tinham feito a sua jogada. Encabeçada por Fouché, a câmara dos pares e a câmara dos deputados tinha aprovado moções declarando que não poderiam ser dissolvidas sem seu acordo, e chamaram a Guarda Nacional para as defender. Fouché tinha depois apelado a Napoleão para que abdicasse pela segunda vez. Desgastado pela fadiga e desespero, Napoleão tinha cedido. Como último favor ao seu antigo amo, Fouché tinha-lhe disponibilizado uma fragata francesa do esquadrão de Rochefort e solicitado que ele abandonasse França definitivamente. Napoleão demorara-se em Paris alguns dias, oferecendo-se para servir o seu país como simples general a fim de deter a invasão aliada. A sua oferta fora bruscamente recusada. Quando a primeira troca de tiros de canhão ecoou pelas ruas de Paris, Napoleão e um pequeno grupo de seguidores mais próximos tinha fugido para Rochefort, apenas para descobrir que estava completamente bloqueado pela Marinha Real. Napoleão tinha esperado fugir para os Estados Unidos, e aguardou no porto pela oportunidade para se escapar para o mar a coberto de uma noite sem luar.

Enquanto esperava, chegou um relatório de Paris informando que a capital se tinha rendido a Wellington e Blücher. Os Bourbons iriam ser restaurados novamente, e tinham já emitido ordens para a prisão de Napoleão. Esperar mais tempo seria loucura, e, por isso mesmo, a 15 de julho, Napoleão tinha-se apoderado de um pequeno lugre para o levar a si e ao seu grupo até ao navio britânico mais próximo.

— O que vai ser de nós agora, *sire*? — indagou De Las Casas. — Quero dizer, se os ingleses decidirem que não nos devolvem a França.

— Irão tratar-nos como convidados de honra — respondeu Napoleão com confiança. — É essa a sua natureza. Eles torcem o nariz a ações extremas e não querem ter o meu sangue nas suas mãos. Imagino que lorde Liverpool e o seu governo estejam agora mesmo a decidir uma pequena propriedade, algures no coração do país, onde eu possa ser mantido sob apertada vigilância.

— E a longo prazo, *sire*?

— Assim que sintam que já não represento uma ameaça para a paz, deverei ser livre de ir

embora. — Napoleão voltou-se para o secretário com um brilho nos olhos. — Estou acabado em França, mas estou certo de que os meus talentos possam ser bem aproveitados noutra esfera. Você vai ver. Talvez até me seja permitido retomar o meu reinado em Elba.

— Assim o espero, *sire*.

— Entretanto, temos de causar boa impressão aos nossos anfitriões. Acene, homem. Mostre-lhes que não têm nada a temer da nossa parte.

O par retribuiu os acenos de alguns barcos mais próximos. Mesmo desempenhando um papel para os seus captores, o coração de Napoleão estava cheio de amargura. Afinal de contas, tinha sido traído por Fouché e pelos seus marechais, que se haviam recusado a responder ao seu chamamento.

— Da próxima vez que eu tenha oportunidade de exercer algum poder, vou assegurar-me de que tenho mais cuidado em quem confio — resmungou. — Digo-lhe, se eu tivesse enforcado apenas dois homens, Talleyrand e Fouché, estaria hoje sentado no trono.

— Atenção no convés! — gritou uma voz acima deles, e Napoleão voltou-se e ergueu a cabeça para ver um dos marinheiros apontando para a costa. — O capitão vem aí!

O tenente de vigia fez um gesto para assinalar que tinha ouvido e deu apressadamente ordens para que um dos marinheiros preparasse uma guarda de honra que saudasse Maitland. Olhando para a água, Napoleão conseguiu ver a baleeira do *Bellerophon*, avançando com remadas ritmadas pela superfície calma, com Maitland sentado rigidamente à popa e um civil a seu lado. A baleeira abriu caminho pela multidão de pequenos barcos e acostou ao navio. A curta distância, os marinheiros ergueram os remos e o homem na proa agarrou as correntes do navio com um gancho, e aproximou a baleeira do costado. O capitão Maitland trepou os degraus suspensos da amurada, e quando a sua cabeça ficou visível do convés, o imediato soprou o apito e a guarda de honra de fuzileiros e marinheiros ficou em sentido.

Napoleão acenou com aprovação.

— Estão todos bem treinados. Como relógios, tal como tudo mais no navio.

O civil ergueu-se cambaleante na popa da baleeira e teve de ser ajudado até ao costado por dois marinheiros. Quando se içou para o convés e se juntou a Maitland, o capitão estava a falar com o tenente de vigia num tom baixo de urgência, e acenou rapidamente para Napoleão antes de se apressar para a entrada do seu camarote, seguido pelo civil.

— Parece que ele tem notícias de Londres — aventou De Las Casas.

Napoleão concordou com um aceno, sentindo-se aliviado agora que o seu destino fora decidido. Quanto mais cedo saísse do navio e regressasse a terra firme, melhor, decidiu. Maitland tinha atribuído o camarote do tenente-mor ao imperador e Napoleão achou-o apertado, bafiento e húmido. Ansiava pelo conforto de um salão aquecido com uma boa lareira e pelo fim da dieta limitada de carne estufada com legumes que era servida a bordo do *Bellerophon*.

— *Sire*. — De Las Casas inclinou a cabeça na direção do tenente de vigia, que atravessava o convés. O oficial inglês deteve-se à frente de Napoleão e levou a mão ao bicorne.

— Milorde, o capitão pretende vê-lo no seu camarote assim que lhe seja conveniente.

— Ah. — Napoleão sorriu. — Então recebeu notícias de Londres, não é verdade?

— Não sei dizer, milorde. — O tenente fez um gesto na direção da coberta. Napoleão voltou-se um instante para De Las Casas. — Fique aqui. Isto deve ser rápido.

Seguiu então o tenente para a coberta enquanto o grumete com a lousa a apagou e pegou novamente no giz.

O tenente parou à porta do camarote do capitão, à qual bateu, e depois abriu a porta e afastou-se para deixar passar Napoleão. Maitland estava sentado atrás da secretária e levantou-se com cuidado para não bater com a cabeça no teto. Fez uma vénia com a cabeça.

— General Bonaparte, posso apresentar-lhe Jacob Waterman, do governo britânico? Ele veio diretamente do primeiro-ministro.

Napoleão tinha sido apanhado de surpresa pelo modo como o capitão se lhe dirigira. Até então tinha ficado satisfeito com o uso do título imperial, mas agora "General"? Franziu o rosto por um instante antes de se forçar a sorrir em cumprimento e esticar a mão ao civil. Waterman não fez qualquer tentativa para devolver o gesto e manteve-se, curvado por baixo de uma trave de madeira, com as mãos firmemente cerradas por trás das costas.

O capitão Maitland pigarreou desconfortavelmente.

— Hum, o Sr. Waterman está aqui para lhe transmitir a decisão no que toca ao seu destino, de acordo com o governo de sua majestade. — Fez um aceno de cabeça para o companheiro. — Se quiser ter a bondade?

Sentou-se sem esperar pela resposta e o representante do governo dirigiu-se friamente a Napoleão.

— General Bonaparte, após cuidadosa ponderação das obrigações do governo e da nação britânica, o primeiro-ministro e o seu governo resolveram transportá-lo, a si e a um número limitado dos seus seguidores, para um lugar suficientemente afastado da Europa para que não volte a perturbar a sua paz. Irá ser colocado sob vigilância, e todas as suas comunicações com o exterior e visitantes terão de ter aval do governo.

Napoleão ergueu uma mão para deter Waterman.

— Deduzo que decidiram então não me enviar de regresso a Elba?

— Elba? — Waterman pareceu surpreendido. — Com certeza que não.

— Então para onde serei levado?

— O governo escolheu a ilha de Santa Helena.

— Santa Helena? Nunca ouvi falar.

— Não me surpreende, *sir*. É uma pequena colónia britânica no Oceano Atlântico Sul, a

milhares de milhas de distância.

Napoleão sentiu o seu coração apertado perante a perspetiva de uma longa viagem marítima. Pior ainda era a ideia de ser mantido cativo num rochedo primitivo longe da civilização decente.

— Quanto tempo se propõe o seu governo manter-me lá?

Waterman e Maitland trocaram um olhar rápido antes de o primeiro responder.

— Para o resto da sua vida, *sir*.

— O quê? — Napoleão sentiu uma pontada de desespero perante a ideia. — Decerto o primeiro-ministro não quer mesmo dizer isso? Deixe-me escrever-lhe. Melhor ainda, deixe-me defender o meu ponto de vista pessoalmente. Juro que se me for dado um exílio confortável em Inglaterra, o seu povo não terá nunca mais de temer pelas minhas ações.

— Lamento, *sir* — replicou Waterman abanando a cabeça. — Não há tempo para defender o seu caso. Uma fragata rápida, a *Northumberland*, irá transportá-lo para Santa Helena assim que esteja pronta. Deverá escolher não mais de seis dos seus companheiros para se juntarem a si no exílio. Pode levar quaisquer posses que lhe restem. Tem alguma pergunta, *sir*?

Napoleão ficou por momentos aturdido com a rapidez com que o seu destino tinha sido decidido. Não haveria nada que se parecesse com um reino para ele governar desta vez. Apenas uma vida entediante encalhado num rochedo numa ilha-prisão longe da Europa.

Waterman fungou.

— Parece surpreendido, *sir*. O que esperava? É um inimigo da paz. Por sua causa, multidões sofreram. A Europa irá carregar as cicatrizes da sua influência durante uma geração, ou mais. Provou ser demasiado perigoso para que lhe possa ser permitido permanecer na proximidade da Europa. Claro, se pretender regressar a França, então estou certo de que o governo de sua majestade estará disposto a responder favoravelmente a esse pedido.

— Isso seria uma sentença de morte, e você sabe-o.

— Deveras. E no que me diz respeito, não é mais do que merecida. — Waterman fez uma pausa. — Contudo, a escolha é sua, general. Pode encontrar alguma satisfação na morte de um mártir se regressar a França e enfrentar os seus inimigos. Ou pode viver o resto dos seus dias, e terminar a sua vida numa obscuridade total. Qual vai ser?

Napoleão olhou amargamente para o funcionário. Por instantes foi acometido pelo fogo do desafio. Que o deixassem regressar a França. Que o deixassem enfrentar os seus inimigos e mostrar-lhes como morre um soldado. Quem iria alguma vez esquecer o nome de Napoleão Bonaparte nesse caso? A sua imaginação delirante delineou o cenário da execução. Pelotão de fuzilamento ou guilhotina, qualquer das perspetivas enchia-o de uma aversão gélida que nunca tinha sentido no campo de batalha. Um fim glorioso ser-lhe-ia negado para sempre.

Não pretendia ter a morte de um criminoso comum. Tinha medo disso, e a noção disso revoltava-o. Engoliu em seco e olhou para o convés ao responder.

— Irei aceitar o exílio nas suas condições.

— Imaginei que sim — retorquiu Waterman com um toque de desprezo. — Muito bem então, o meu trabalho aqui está concluído. Bom-dia, general. Não nos voltaremos a ver.

Não esperou por uma resposta, dirigindo-se para fora do camarote. Maitland ficou quieto um momento, e depois levantou-se e saiu para preparar a transferência do seu prisioneiro para a *Northumberland*. Napoleão ficou sozinho no camarote, olhando para o vazio lá fora através da grelha dos janelões da popa.

Paris, agosto de 1815

Arthur baixou a cópia do despacho que Somerset lhe trouxera minutos antes. Não respondeu de imediato, mas olhou para fora da janela do palácio das Tulherias na direção dos jardins. Dúzias de parisienses estavam a passear pelas avenidas de gravilha que se espraiavam entre os canteiros e renques de árvores, tirando partido da frescura da manhã. À tarde, Arthur sabia que os jardins ficariam quase desertos e decidiu fazer lá o seu exercício. Tinha tido poucas oportunidades para tirar uma folga dos seus deveres desde que o exército aliado tinha aceitado a rendição de Paris no início de julho. Apesar da derrota em Waterloo, os franceses tinham oferecido uma resistência tenaz em redor da capital antes de ceder. Em poucos dias, Luís estava de regresso ao trono, mas todos em Paris sabiam que o verdadeiro poder em França era agora o duque de Wellington. A sua palavra era a lei. O recém-regressado rei não se tinha atrevido a protestar contra a instrução de Arthur para voltar a nomear Fouché como ministro da polícia, ainda que Fouché tivesse aposto a sua assinatura na sentença de morte do monarca anterior. Não obstante, Arthur sabia que a sua autoridade viria a ser posta à prova nos meses vindouros. Os realistas estavam a clamar abertamente por vingança contra os funcionários e oficiais do exército que se tinham passado para o lado de Bonaparte durante a sua fugaz retomada do trono. Arthur estava decidido a fazer o que pudesse para impedir que a sede de vingança provocasse derramamento de sangue desnecessariamente. A sua tarefa era complicada pelo desejo dos prussianos em fazer a França sofrer pelas indignidades que Bonaparte tinha lançado sobre Frederico Guilherme ao longo dos anos. O general Müffling tinha solicitado mais um encontro com Arthur para afirmar as exigências de Blücher e Gneisenau, e Arthur suspirou desgastado perante a perspetiva de enfrentar Müffling em menos de uma hora.

Esvaziou as faces e virou-se novamente para Somerset enquanto batia com um dedo no despacho.

— O Boney deve ficar confortável que chegue em Santa Helena, imagino. Já lá estive, sabia?

— A sério? — Somerset ergueu a sobrancelha.

Arthur assentiu.

— Na viagem de regresso da Índia, já lá vão quase quinze anos. Pelo que me lembro, o clima era agradável e as terras altas cativantes. Há prisões piores. — Parou e ostentou uma expressão séria. — É uma pena que Bonaparte não tenha perecido no campo de batalha de modo a livrar-nos do fardo do seu encarceramento. Assim como foi, ele jogou-nos uma cartada manhosa.

— Como assim, milorde?

— Enquanto ele viver, terá de ser vigiado de perto. O mundo não se pode dar ao luxo de o ter à solta novamente. Ao mesmo tempo, vai ser politicamente pouco inteligente entregá-lo às mãos dos que na Europa clamam pelo seu sangue. Há demasiados Whigs e radicais ingleses entre os seus admiradores.

— É verdade — concordou Somerset amargamente.

— Ainda assim, enquanto estiver em Santa Helena, não pode fazer mal a ninguém — concluiu Arthur. — Pois agora receio que seja altura de enfrentar o general Müffling.

Somerset sorriu veladamente.

— Mando chamá-lo, milorde?

Arthur assentiu.

— Vamos lá despachar isto.

Quando Somerset abandonou o gabinete para ir chamar o emissário prussiano, Arthur olhou em redor da sala, refletindo com algum espanto que essa tinha sido a mesma sala na qual Bonaparte tinha sonhado os seus planos para o destino da Europa menos de dois meses antes. Agora os sonhos tinham-se desmoronado e outras nações podiam começar a esperar que uma paz duradoura tivesse finalmente chegado.

A porta deu um estalido ao abrir e Arthur apressou-se a organizar as ideias ao levantar-se e saudar com um aceno o oficial prussiano. Müffling sorriu enquanto Somerset fechava a porta para os deixar a sós.

— É um prazer ver vossa senhoria novamente — começou Müffling.

— E a si também. Por favor, sente-se. — Arthur indicou as cadeiras do outro lado da secretária enquanto ele próprio se sentava. — Imagino que o marechal Blücher o tenha enviado para exigir que Inglaterra entregue Bonaparte às mãos da justiça prussiana.

— Deveras, milorde. — Müffling sacou de uma cópia do *The Times* de dentro do casaco e pô-la na secretária. — Quer-me parecer que o vosso governo está a ponderar oferecer abrigo ao tirano corso. Sem dúvida que isso será um desfecho agradável para os vossos compatriotas que ainda admiram o inimigo da paz. Os meus superiores desejam que eu vos transmita o seu ultraje perante tal perspetiva.

— Eu partilharia essa impressão, se fosse verdade que a Inglaterra tivesse decidido

abrigar Bonaparte. O primeiro-ministro decidiu, contudo, enviar Bonaparte para a ilha de Santa Helena, a umas três mil milhas da Europa, onde será mantido sob apertada vigilância.

— Com que fim? — Müffling abanou a cabeça. — Para que possa ser usado pela Inglaterra, como se fosse uma moeda de troca diplomática?

— Não — afirmou Arthur. — É uma criatura demasiado perigosa para que possa ser usada em jogos. Bonaparte permanecerá na ilha, isolado do mundo, e aí irá viver o resto dos seus dias.

— Por que razão lhe haveria de ser permitido um tal fim? Depois de toda a morte e destruição que ele infligiu aos povos da Europa? O marechal Blücher exige que ele seja entregue, julgado e executado. Isto, ele merece.

— Oh, sem dúvida. — concordou Arthur. — Temos porém de considerar o contexto alargado, meu caro Müffling.

— Contexto alargado?

Arthur levou uns instantes para formular o seu argumento.

— Qual é o propósito de executar Napoleão agora? Que bem iria fazer? Apenas iria satisfazer o desejo de vingança, é tudo. Não há uma razão suficientemente boa para derramar mais sangue. Não é… civilizado.

— Vossa senhoria vai perdoar-me, mas isso é algo fácil para os ingleses dizerem. Eles foram poupados à presença de soldados franceses no seu território. Imagino quão reticentes os vossos compatriotas seriam se a Inglaterra não estivesse separada da Europa pelo mar.

Era um argumento válido, reconheceu Arthur. Tinha visto em primeira mão as crueldades infligidas pelo inimigo, e podia facilmente entender a raiva de todos os que tinham sofrido sob a ocupação francesa. Aclarou a garganta para falar.

— Seja como for, a execução de Bonaparte não servirá a nenhum de nós assim que a vingança seja satisfeita. A sua morte às nossas mãos iria indignar muitos em França, e fora dela. Atrevo-me a dizer que haverá pessoas a dizer que ele não merecia ter sido derrotado. Haverá outros que procurarão vingança. E então nem eu, nem o senhor, nem o marechal Blücher, iríamos poder dormir tranquilos enquanto houvesse forças de ocupação aliadas em Paris. É bem mais fácil deixar que Bonaparte se desvaneça na obscuridade. Então, quando ele morrer, isso não será um acontecimento digno de nota, mas apenas um pormenor, enquanto o resto do mundo vive em paz — concluiu Arthur.

Müffling ficou calado por um momento enquanto fitava Arthur. Depois abanou levemente a cabeça.

— Obscuridade? Duvido que venha mesmo a ser esse o seu destino.

— Espero que sim. Tal como espero que a Europa aprenda a não suportar novamente o mesmo. — Arthur levou a mão ao queixo. — Se ele não for lançado na obscuridade, então que seja pelo menos lembrado como o maior general no mundo.

Müffling pareceu surpreendido.

— Por certo que vós, ou Blücher, podem reclamar esse título com causa justa, no rescaldo de Waterloo?

— Talvez. É costume para os vencedores serem eles a escrever a História, e nesse dia eu superei Bonaparte. — Arthur voltou-se para olhar pela janela. — E no entanto, não posso crer facilmente que um génio tão singular, e tão cruel na ambição, alguma vez venha a largar o seu lugar na posteridade… Pela minha parte, nem estou certo de me importar. Cumpri o meu papel, servi o meu país, e agora chega de vida de soldado. O que quer que a História venha a dizer de mim, sei que conquistei a minha paz.

NOTAS DO AUTOR

Este tem sido um relato épico e, tendo seguido as vidas de duas das figuras mais importantes da História, imagino que muitos leitores possam querer saber o que foi feito de Napoleão e de Wellington depois de a sua luta titânica ter chegado ao fim.

Para Napoleão, restaram menos de seis anos de vida. Passou-os em Longwood House, em Santa Helena, uma acomodação modesta para um antigo imperador. Napoleão continuou ressentido com a sua detenção, queixando-se permanentemente ao governador da pequena colónia, e escrevendo cartas ao governo britânico para solicitar melhores condições e realojamento para um lugar de exílio menos remoto. Quando não se estava a queixar do cativeiro, Napoleão começou a escrever, ou a ditar, as suas memórias. Estas eram fabulosamente parciais e representavam Napoleão como uma figura heroica, moral e infalível. Atribuía a queda do seu império às traições e incompetência dos subordinados. Os inimigos foram representados como venais e corruptos, e encarava Wellington com ressentimento crescente. Isto em parte porque culpava o duque pela decisão de o enviar para Santa Helena (sem razão, uma vez que o local fora sugerido por um funcionário), mas principalmente porque Wellington tinha derrotado Napoleão, tal como tinha derrotado os melhores marechais do imperador, e desse modo demolido a sua reputação de invencibilidade.

Quando punha de lado os seus protestos, e a sua reescrita da História, Napoleão caminhava em redor da pequena ilha, sempre sob a guarda atenta dos seus captores. Comia demasiado e ganhou bastante peso. A sua saúde começou a fraquejar e em 1821 queixou-se de uma dor aguda no estômago, a qual foi piorando durante várias semanas. Napoleão morreu a 5 de maio, e foi enterrado com honras militares quatro dias depois. O seu túmulo foi coberto por uma laje de cimento e o seu corpo aí se manteve até 1840, quando foi devolvido a França e depositado em Les Invalides. O cortejo fúnebre contou com a presença dos veteranos do Grande Exército, seguindo chorosos o seu antigo amo até ao seu último local de repouso.

Subsiste ainda o debate sobre a causa de morte de Napoleão. Na época foi dito que tinha sido cancro, o mesmo destino que tinha acometido Carlos Buona Parte, pai de Napoleão. Exames mais recentes ao cabelo de Napoleão revelaram contudo a presença concentrada de arsénico, e por certo que os sintomas observados na época são consistentes com esse envenenamento. É possível que o arsénico tivesse sido administrado em doses pequenas até dois anos antes da sua morte, e o efeito cumulativo tenha sido fatal. A identidade de qualquer envenenador permanece desconhecida. Algumas pessoas defendem que teria sido um assassino agindo às ordens do governo britânico, mas é igualmente provável que tivesse sido um agente no seio da casa de Napoleão, pago para isso pelos Bourbons.

A notícia da morte de Napoleão foi recebida com um certo grau de tranquilidade na Europa. Apesar de alguma histeria entre os que lhe permaneciam leais, é a resposta típica de Talleyrand que melhor ilustra o real significado da sua morte. Diz-se que Talleyrand estava a jogar cartas quando a notícia chegou a casa da sua anfitriã. A senhora teria ficado calada um instante, para depois exclamar: "Que acontecimento marcante!" Talleyrand abanou a cabeça e respondeu: "Não. São apenas notícias."

O principal vencedor de Waterloo (no tocante às recompensas, se não pela responsabilidade absoluta na derrota de Napoleão) viveu uma vida longa e próspera. Os prémios monetários e as recompensas atribuídas pelo parlamento atingiram três quartos de milhão de libras — uma fortuna espantosa pelos padrões da época. Ao regressar a Inglaterra, Arthur insistiu na criação da medalha de Waterloo — a primeira a ser atribuída a todas as patentes. Apesar de nunca mais voltar a ser chamado a servir no campo de batalha, tornou-se por um curto período o chefe do estado-maior do exército, uma honra habitualmente reservada à família real. A seguir à morte do primeiro-ministro Canning, em 1828, Arthur aceitou o cargo com relutância e viu-se imediatamente envolvido numa crise política. Havia muitos anos que os reformistas vinham pressionando no sentido de se legislar para emancipar os católicos da legislação opressiva que ainda existia. Temendo que houvesse uma guerra civil a menos que as restrições fossem levantadas, Arthur fez aprovar a legislação no parlamento e chegou mesmo a travar um duelo com um adversário visceral da emancipação católica. Por sorte, ambos os homens foram sensatos a ponto de disparar para o ar e resolver a questão com uma dose de honra.

Tornado amargo pela experiência, Arthur opôs-se a mais reformas, desta feita para permitir o alargamento do direito de voto para o parlamento, e o seu governo caiu. Depois de alguns anos na oposição, foi secretário dos estrangeiros antes de se reformar da política em 1846.

No seu regresso da guerra, o casamento de Arthur com Kitty foi ficando comprometido. Não sentia amor por ela, e estava constantemente frustrado com a sua falta de sofisticação e de bom senso. Por seu lado, Kitty vivia na esperança de recuperar pelo menos algum do afeto que ele tinha outrora genuinamente sentido por ela nos primeiros anos da sua relação, antes da Revolução Francesa. Ela morreu em 1831, nunca tendo conseguido esse objetivo. O desapontamento de Arthur com a esposa era extensivo aos seus dois filhos, que ficaram para sempre sob a sombra do pai. O relacionamento de Arthur com os netos foi bastante mais feliz, e ele tirou grande satisfação da sua companhia ao ficar velho e doente.

Arthur morreu em 1852 e o seu corpo foi depositado num túmulo na Catedral de S. Paulo, depois de um cortejo fúnebre espetacular. Dez mil soldados acompanharam o caixão, juntamente com a rainha Vitória e os principais estadistas da época. Mais de um milhão de

pessoas apareceu para se alinhar nas ruas e prestar homenagem ao homem que lhes tinha dado duas décadas do melhor serviço para salvar o país de um ditador estrangeiro.

Para os leitores que pretendam aprofundar o seu interesse pelo duque de Wellington, há muitas histórias, bem como uma história interessante dos seus herdeiros, escritas pela sua descendente Jane Wellesley. Também recomendo vivamente uma visita a Apsley House em Londres. Todavia, o nº 1 de Londres, que é o seu endereço singular, não parece atrair tantos visitantes quanto seria de esperar. É uma experiência fascinante passear pelos corredores e salões da casa do duque em Londres. Aí se podem encontrar alguns dos tesouros que lhe foram atribuídos pelos espanhóis gratos, depois da batalha de Vitoria. O melhor de todos é uma estátua enorme de Napoleão, representado como um nu clássico, que é um troféu das guerras que moldaram o destino da Europa, e muito do resto do mundo em redor.

A minha nota de despedida passa por lembrar as palavras de um reputado historiador que ouvi quando respondia a uma pergunta de um estudante. Tinha-lhe sido perguntado qual fora o principal significado da Revolução Francesa, e da ascensão de Napoleão. O historiador ficou um instante em silêncio antes de responder: “Julgo ser cedo de mais para dizer.”

Ele está certo. Ainda hoje há ecos do mundo pelo qual Napoleão e Wellington lutaram, e os seus nomes irão sem dúvida ressoar nas gerações que se nos seguirão.

Leia nas próximas páginas um excerto do livro

Espada e Cimitarra



Uma batalha entre dois continentes

No ano de 1565, a Europa ameaça desmoronar-se. Dividida, não consegue fazer frente a um implacável Império Otomano em expansão. Quando uma gigantesca frota turca se aproxima, toda a esperança de um continente caído em desgraça está numa minúscula ilha no meio do Mediterrâneo: Malta. E para a defender apenas restam os Cavaleiros da Ordem de Malta.

Um homem dividido

Entre os convocados para resistir e morrer está o veterano caído em desgraça, Sir Thomas Barrett. O instinto de honra força-o a colocar a Ordem acima de tudo, mas o seu desejo secreto é o de voltar a ver a mulher que sempre amou. Para piorar tudo, é incumbido de uma missão secreta pela rainha Isabel, que vê nos Cavaleiros uma ameaça ao seu reino.

Um dia para mudar a História

Enquanto sir Thomas confronta o passado que lhe custou a honra, um grandioso exército inimigo lança o cerco à ilha. No meio de gritos e morte tudo se decidirá: o destino da fé cristã, o fim ou a glória dos Cavaleiros de Malta, e o futuro de uma Europa que nunca esteve tão próxima da aniquilação total.

Mais informações em
WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM

1

Mar Mediterrâneo, julho de 1545

O MAR ERA UMA MASSA NEGRA NA ESCURIDÃO DA NOITE, E O NAVIO DANÇAVA SUAVEMENTE AO SABOR da leve ondulação que se fazia sentir à entrada da baía. O *Corça Veloz* estava à capa, a menos de duas milhas da costa, protegido por um promontório. No castelo da proa via-se um jovem cavaleiro, sozinho, firmando-se com uma mão agarrada a um cabo que descia do cimo do mastro de vante. O ar estava húmido, desconfortável, e ele usou a outra mão para limpar as gotas de suor que lhe perlavam a testa. Por trás dele estavam instalados dois compridos canhões, cujas bocas estavam tapadas para evitar que os salpicos das ondas os inundassem. Há muito que se habituara ao balanço da galera, e naquele mar calmo não tinha verdadeira necessidade de se agarrar para manter o equilíbrio; ainda assim, mantinha a mão aperrada em volta do cabo pegajoso, enquanto perscrutava a escuridão. Os ouvidos esforçavam-se por captar o menor dos sons que contrastasse com o contínuo marulhar das ondas contra o costado. Já tinham passado mais de três horas desde que o capitão e três marinheiros tinham ido a terra num batel. Jean Parisot de La Valette tinha-lhe dado uma palmada amigável no ombro e mostrara os dentes num sorriso reconfortante quando lhe dissera para assumir o comando do navio enquanto ele estivesse ausente.

— Senhor, quanto tempo ides demorar?

— Não mais do que umas horas, Thomas. Só o tempo necessário para ter a certeza que os nossos amigos se acomodaram para a noite.

Os dois homens tinham instintivamente lançado um olhar na direção da baía que se abria por detrás do promontório. Ali, a cerca de três milhas, um navio mercante turco estava ancorado junto à praia, no local exato em que o pescador com que se tinham cruzado na véspera lhes dissera que o encontrariam. A maior parte da tripulação devia estar na praia, a descansar à volta de fogueiras, e no galeão deviam ter ficado apenas uns quantos homens, atentos a qualquer perigo vindo do oceano. As águas perto da costa africana eram frequentadas por corsários, mas não eram os perigosos piratas que os turcos mais temiam. Um decreto do sultão Solimão, em Istambul, protegia o navio das depredações desses assaltantes do mar. Existia porém uma outra ameaça muito mais real para as embarcações muçulmanas que atravessavam o Mar Branco, nome que os turcos davam ao Mediterrâneo. Provinha da Ordem de S. João, um pequeno bando de cavaleiros cristãos que travava uma incansável guerra sem quartel contra todos os que seguiam os ensinamentos de Maomé. Aqueles cavaleiros eram tudo o que restava das grandes ordens religiosas que em tempos tinham dominado a Terra Santa, até serem expulsas por Saladino. A Ordem estava agora instalada num rochedo inóspito, a ilha de Malta, que lhes fora oferecido pelo rei de Espanha. A partir dali, os cavaleiros e as suas galeras aventuravam-se mar adentro para atacar os

muçulmanos onde quer que os encontrassem. E era assim que, naquela noite sem luar, uma das embarcações de combate da Ordem se estava a preparar para atacar a grande nave mercante ancorada ali tão perto.

— O saque será rico… — adiantara Thomas.

— É bem verdade, mas estamos aqui para, antes de mais, fazer o trabalho de Deus — relembrara-lhe o capitão, em tom austero. — Tudo o que conseguirmos será bem empregue para prosseguir o combate aos que seguem a falsa fé.

— Sim, senhor. Sei-o bem — retorquira Thomas, apaziguador e envergonhado pela ideia de que o cavaleiro mais velho pudesse ter pensado que era o saque que lhe interessava.

La Valette soltara uma risada.

— Tende calma, Thomas. Já vos conheço bem. Não sois menos devoto do que eu ou outro qualquer membro da Ordem, e, como guerreiro, sois de igual calibre. A seu tempo ser-vos-á atribuído o comando de uma galera. E quando chegar esse dia, nunca vos esqueceis do que um navio de combate é verdadeiramente: uma espada na mão direita de Deus. A ele pertencem os despojos.

Thomas assentira, e La Valette saíra pela portinhola na amurada e descera para se juntar aos quatro homens no bote que subia e descia junto à proa da galera. O capitão soltara uma breve ordem, e os marinheiros tinham começado a remar, fazendo o bote avançar. Depressa tinham sido engolidos pela escuridão, sob o olhar atento de Thomas.

Agora, horas depois — demasiadas horas, assim lhe parecia —, a cabeça de Thomas estava cheia de receios pela sorte do capitão. Havia já muito tempo que La Valette saíra. A alvorada aproximava-se e, a menos que o capitão regressasse em breve, tornar-se-ia impossível aproveitar a cobertura da escuridão para lançar o ataque contra os turcos. E se La Valette e os seus homens tivessem sido capturados? A ideia súbita provocou-lhe um calafrio que lhe arrefeceu o coração. Os turcos tinham particular deleite em torturar lentamente e prolongar o estertor de qualquer cavaleiro da Ordem que lhes caísse nas mãos. Logo outro pensamento alarmante lhe tomou conta da mente. Se La Valette tivesse sido aprisionado, o peso do comando cairia sobre os seus ombros; e nesse momento preciso tomou consciência de que não estava ainda preparado para capitanear uma galera.

Adivinhou um movimento nas suas costas e espreitou sobre o ombro; um vulto alto subia as curtas escadas que levavam ao pequeno castelo da proa. O homem vinha de cabeça descoberta, mas tinha o tronco protegido por um gibão acolchoado, por baixo de um casaco escuro onde uma cruz branca mal se via à luz das estrelas. Oliver Stokely era um ano mais velho do que Thomas, mas tinha-se juntado à Ordem mais recentemente, o que fazia dele seu subordinado na hierarquia dos cavaleiros. Apesar disso, tinham-se tornado amigos.

— Algum sinal do capitão?

Thomas não pôde evitar um pequeno sorriso perante a questão desnecessária. Não era o

único cujos nervos estavam a ser postos à prova por aquela longa espera.

— Ainda não, Oliver — respondeu, tentando aparentar despreocupação.

— Se ele se demorar muito mais, teremos de desistir do ataque.

— Duvido que ele demore muito.

— Achais? — Stokely fungou. — Sem o elemento da surpresa, arriscamo-nos a perder mais homens do que é aceitável.

Era um ponto relevante, considerou Thomas. Havia menos de quinhentos cavaleiros ainda alistados na Ordem, em Malta. A interminável guerra contra os turcos cobrava um elevado preço em sangue, e estava-se a tornar cada vez mais difícil preencher as fileiras. Os reinos europeus entretinham-se em guerras entre si, e havia regras estritas para a entrada na Ordem, o que fazia com que o número de jovens nobres a apresentarem-se à seleção diminuísse sem parar. No passado, um veterano como La Valette ter-se-ia feito ao mar com uma dúzia de jovens cavaleiros a bordo, todos eles desejosos de provar o seu valor. Naqueles tempos, tinha de se contentar com cinco, e desses só Thomas já tinha enfrentado os turcos em combate.

Apesar disso, Thomas conhecia o capitão suficientemente bem para saber que ele não fugiria a uma batalha, a não ser que os números fossem extremamente desiguais. O coração de La Valette ardia de zelo religioso, ainda mais encarniçado pela sede de vingança que o possuía devido ao sofrimento que tinha suportado havia muitos anos, quando durante algum tempo não passara de um escravo agrilhoado a um estreito banco de madeira numa galera turca. La Valette tivera a boa fortuna de ter uma família capaz de pagar o resgate e tirá-lo dessa situação. A maior parte dos que eram lançados às galés eram forçados a trabalhar até à morte, atormentados pela sede, pela fome e pela agonia das feridas provocadas pelas pesadas argolas de ferro que eram usadas para os manter presos nos seus lugares. E por isso, refletiu Thomas, La Valette combateria, mesmo que não conseguisse surpreender o inimigo.

— E se lhe aconteceu alguma coisa? — Stokely olhou em redor, para se certificar de que os homens no convés mais abaixo não o podiam escutar. — Se o capitão desaparecer, alguém terá de assumir o comando.

Aí vem, pensou Thomas. Stokely preparava-se para proclamar o seu direito ao lugar. Tinha de se afirmar antes que o amigo o fizesse.

— Sendo o seu lugar-tenente, eu tomarei o seu lugar, no caso de morte ou captura. Sabeis bem disso.

— Mas eu sou um cavaleiro há mais tempo do que vós — ripostou Stokely, num murmúrio quase lamentoso. — Seria melhor se fosse eu a assumir o posto de capitão. Os homens prefeririam ser comandados por alguém mais experiente. Meu amigo, apercebeis-vos disso, com toda a certeza?

Fosse o que fosse que ia na cabeça de Stokely, a verdade era que a capacidade de

combate patenteada por Thomas tinha sido notada pelos seus superiores. Logo na sua primeira ação, tinha comandado um ataque a uma povoação costeira perto de Argel, e capturara um galeão carregado de especiarias. Depois disso fora destacado para servir sob La Valette, o mais ousado e bem-sucedido dos capitães da Ordem, para fazer a guerra aos turcos. Aquela era a sua terceira campanha em mar alto, e tinha já forjado uma forte ligação com a tripulação e os soldados que guarneciam a galera de La Valette. Não tinha qualquer dúvida de que todos eles prefeririam vê-lo assumir o comando, em vez de um cavaleiro que se tinha juntado a eles havia menos de um mês, vindo dos escritórios onde eram tratados os intrincados problemas da logística da Ordem.

— Seja como for — replicou Thomas, tentando não ferir os sentimentos do amigo —, esse assunto não tem de nos preocupar. O capitão há de regressar e daqui a pouco, não tenho qualquer dúvida.

— E se isso não suceder?

— Ele voltará — afirmou Thomas com firmeza. — E teremos de estar prontos para o combate no momento em que ele regressar. Dai ordens para os remadores serem amordaçados. E os homens que preparem o armamento.

Stokely hesitou brevemente antes de anuir com um gesto de cabeça e voltar a descer os degraus para o convés, o qual se estendia por uns cinquenta passos ao longo da parte central da esguia galera, antes de dar lugar a uma popa coberta, onde se situavam as acomodações de cavaleiros e oficiais. Acima do convés elevavam-se dois mastros cujas vergas se dobravam sob o peso do pano recolhido das duas velas gémeas. Thomas ouviu as suas ordens a serem transmitidas, e um grupo de homens desceu ao diminuto porão para ir buscar os tampões de cortiça e as correias guardadas numa arca. Pouco depois levantou-se um burburinho zangado dos homens acorrentados aos bancos. O protesto foi silenciado por uma ameaça rosnada pelo oficial encarregado da coberta, e pelo estalido do cabedal seco na pele nua.

Thomas entendia perfeitamente os sentimentos das desafortunadas criaturas que manejavam os longos remos da galera. De forma a assegurar que nenhum deles lançava um grito de aviso ao inimigo quando o navio acelerasse para se lançar contra uma presa, os capitães das galeras de ambos os lados do conflito tinham adotado o expediente de colocar uma rolha de cortiça na boca de cada homem, mantida no lugar por tiras de cabedal apertadas num anel de ferro. Era terrivelmente desconfortável e sufocante, especialmente quando era exigido aos homens que se esforçassem aos remos. Thomas já vira homens sufocar e até morrer nalgumas das batalhas em que entrara. Ainda assim, considerou, era um mal necessário, naquela cruzada persistente contra os que seguiam uma falsa religião. Por cada homem que sufocava na sua mordaça, vidas cristãs eram salvas pela ausência de aviso dado a um inimigo desprevenido. O outro único sinal da presença de uma galera era o fedor

a excrementos e urina, que se amontoavam sob os bancos e lá eram deixados a acumular-se até que o navio era tirado da água ao fim de uma época de campanha. Se não fosse a brisa que soprava de terra, o terrível cheiro podia bem espalhar-se o suficiente para alertar o inimigo.

No convés acima da coberta, os soldados da Ordem — espanhóis, gregos, portugueses, venezianos e alguns franceses, todos eles mercenários — levantaram-se. Envergaram a custo os seus uniformes acolchoados e apertaram as proteções que cobriam as articulações mais expostas.

O equipamento era difícil de colocar, e assim que o Sol se levantasse, tornar-se-ia um forno. Em condições normais, a ordem para se prepararem só seria dada quando a galera começasse a aproximar-se da sua presa, mas Thomas apercebera-se da tensão que tomara conta dos homens, devido àquela espera ansiosa, e considerara ser preferível dar-lhes alguma coisa com que se ocuparem enquanto aguardavam pelo regresso do capitão. Além disso, dera-lhe uma oportunidade para exercer a sua autoridade sobre Stokely, e relembrar-lhe a posição que ocupava na cadeia de comando.

Os ouvidos de Thomas foram alertados pelo som de um chapinhar que vinha da direção do promontório. De imediato todos os outros pensamentos foram varridos da sua mente, e ele esforçou os sentidos, perscrutando as sombras negras e ondulantes do mar, em busca de algum sinal de movimento. Avistou por fim a forma quase invisível de um pequeno bote, no qual homens se esforçavam aos remos. Um tremor de alívio passou-lhe pelo coração quando viu a pequena embarcação a aproximar-se da galera, ao sabor do movimento das pás dos remos.

— Parem… — ordenou La Valette em voz baixa, e no instante seguinte escutou-se um baque surdo, que marcou o choque do bote contra as sólidas madeiras do casco. Uma corda serpenteou pelo ar e foi agarrada por um dos marinheiros. La Valette subiu rapidamente, enquanto Thomas descia do castelo da proa para se encontrar com o capitão. Os outros cavaleiros e oficiais aglomeraram-se ao redor.

— O galeão ainda lá está, senhor? — indagou Stokely.

— Está, sim. Os turcos dormem como bebés — anunciou La Valette. — A tripulação do galeão não nos vai dar problemas.

Stokely fechou as mãos, palma com palma.

— Graças a Deus.

— De facto — assentiu o capitão. — O Senhor abençoou-nos com uma excelente oportunidade, e foi essa a razão por que me atrasei a regressar… — La Valette fez uma pausa para se certificar de que todos os seus seguidores estavam atentos ao que anunciava. — O galeão não será a única presa a pertencer-nos quando este combate estiver terminado. Duas galeras corsárias juntaram-se a ele. Estão ancoradas aqui perto. Meus senhores, temos

uma rica recompensa à nossa espera.

Fez-se um momento de silêncio enquanto os outros homens tomavam consciência das novidades. Thomas olhou em redor para as faces dos companheiros, e reparou que alguns trocavam olhares nervosos. O mestre da galera, responsável pelo velame, limpou a garganta e comentou:

— Senhor, isso põe-nos numa desproporção de três para um.

— Não. Dois para um. O galeão pouca importância tem nessas contas. Depois de termos tratado da saúde às galeras, cairá nas nossas mãos sem dificuldade.

— Ainda assim, seria temerário tentar um ataque — protestou outro. — Especialmente agora, que a aurora se aproxima velozmente. Teremos de nos retirar.

— Retirar? — La Valette soltou uma exclamação brusca. — Nunca. Qualquer homem ao serviço da Ordem vale pelo menos por uns cinco turcos. Além disso, Deus está connosco. Por isso, são os turcos que têm menos gente. Mas não vamos exigir demasiado à providência divina, sim? Como dizeis, depressa a manhã se levanta. Portanto, senhores, temos muito pouco tempo a perder. A galera está a postos?

— Sim, senhor — respondeu o mestre, com um aceno.

— E os homens?

— Sim, senhor — esclareceu Thomas. — Já mandei que se preparassem.

— Ótimo. — La Valette olhou em volta para os seus oficiais e ergueu um punho. — Vamos então fazer a obra do Senhor, e soltar a sua ira sobre o Turco infiel!

• • •

Já se notava alguma claridade no horizonte oriental quando o *Corça Veloz* começou a dobrar o promontório. Por trás da ponta rochosa, a baía abria-se num vasto crescente com mais de cinco quilómetros de largura. As silhuetas do galeão e das duas galeras salientavam-se perfeitamente contra a faixa pálida da areia da praia, sobre a qual se avistava um tímido brilho alaranjado, vindo dos restos de uma fogueira que aquecia ainda os que a rodeavam.

— Chegámos tarde de mais — comentou Stokely, ao lado de Thomas no convés. — O dia nascerá muito antes de os alcançarmos. Os turcos ver-nos-ão chegar, com toda a certeza.

— Não. Vimos do poente, a escuridão ainda nos dará cobertura por mais algum tempo. — Thomas já vira La Valette utilizar aquela tática nos seus ataques ao inimigo, e era uma forma comprovada de disfarçar a sua aproximação até ao último momento.

— Só se os turcos forem completamente cegos.

Thomas engoliu a irritação que começava a sentir. Aquela era a primeira "caravana" de Stokely, como a Ordem chamava às campanhas no mar. O jovem cavaleiro acabaria por aprender a confiar na experiência dos capitães que combatiam os turcos havia muitos anos — desde que vivesse tempo suficiente para isso, refletiu. Havia muitas formas de um

cavaleiro ao serviço da Santa Fé partir ao encontro do Criador. Combate, doença, afogamento, todos eles cobravam a sua parte, sem cuidar de qual era a ascendência de um homem, se provinha de uma das mais nobres famílias da Europa ou se nascera na sarjeta. O afogamento, em particular, era um perigo sempre presente. A armadura metálica que protegia um cavaleiro na batalha, bem como o resto do seu equipamento, era suficientemente pesada para o enviar diretamente para o fundo do oceano, se por acaso tivesse o azar de cair para a água.

Thomas olhou ao longo da galera, notando as posições dos grupos de soldados, alguns dos quais equipados com bestas, e avistou La Valette à popa, aprumado, rígido, ao lado da seca figura do mestre da galera. Nenhum homem erguia a voz acima de um murmúrio, e o único som que se escutava era o das ondas a desabarem sobre os penedos na base do promontório, além do ranger ritmado dos remos e do mergulho das pás na água. Depois de a galera ter rodeado o promontório, o timoneiro dirigiu o *Corça Veloz* para a costa, apontando à mais próxima das galeras inimigas. Thomas tinha-se acostumado ao hábito do capitão, de guardar para si mesmo os seus planos, mas ainda assim adivinhava-lhe as intenções. La Valette queria eliminar primeiro a mais próxima das galeras. Mesmo que o galeão conseguisse levantar âncora e deixar a baía antes de as duas galeras serem dominadas, seria fácil para a ágil embarcação de combate da Ordem persegui-lo e capturá-lo.

A leste, a luz era já mais forte, e a silhueta da ponta rochosa do outro lado da baía recortava-se com nitidez contra o céu. O odor pestilento vindo das galeras inimigas chegou ao convés do *Corça Veloz*, juntando-se ao não mais agradável cheiro que dominava o navio cristão.

A galera estava já a menos de meia milha do inimigo quando soou um toque estridente, um claro sinal de alarme. Thomas sentiu na nuca um arrepio gelado de ansiedade, e agarrou com toda a força no pique que empunhava. Da ré da galera, a voz de La Valette soou com clareza, dirigindo-se aos homens.

— Batedor, velocidade de combate! Artilheiros, preparem os canhões!

À medida que o tambor começava a marcar um ritmo persistente na coberta, surgiu um brilho pálido na proa da galera: a luz de presença tinha sido retirada do seu recipiente para fornecer lume aos mestres dos canhões, que logo se colocaram junto às suas armas, à espera de ordem para fazer fogo.

O coração de Thomas ia acelerando em compasso com o ritmo do tambor, e o convés estremecia debaixo dos seus pés a cada remada violenta. Olhando para bombordo, avistava pequenos vultos a levantarem-se estremunhados em redor da fogueira na praia. Muitos ficavam atónitos a ver a galera avançar velozmente pela baía na sua direção. Outros apressavam-se a correr para a margem e a entrar na água, começando a nadar na direção do galeão. Os que não sabiam nadar empurravam botes para as ondas e apinhavam-se a bordo.

Na amurada da mais próxima das galeras inimigas começavam a alinhar-se figuras escuras. Muitas usavam turbantes e gesticulavam contra a ameaça que se aproximava, enquanto pegavam nas armas. Os gritos corriam livremente pelo espaço que separava os dois navios.

Entretanto, nem um homem na galera cristã desperdiçava tempo a falar; os únicos sons a bordo eram o do tambor, o marulhar da água ao longo do casco desenhado para a velocidade, e os grunhidos abafados dos remadores. Thomas voltou a olhar ao longo do convés, e conseguiu, à luz ainda hesitante, divisar a expressão que preenchia o semblante do capitão. La Valette mantinha-se imóvel, a mão esquerda apoiada no punho da espada, o rosto, envolto numa barba curta, sempre com ar sério e determinado. Era seu costume conduzir os homens à batalha em silêncio, sabendo perfeitamente que essa atitude perturbava o inimigo. Só no último instante bradariam um formidável urro coletivo, antes de se lançarem sobre os oponentes.

Um estrondo soou de repente, e Thomas encolheu-se sem pensar, enquanto estilhaços saltavam pelo ar. Uma pequena nuvem de fumo sobre a galera inimiga denunciava o disparo de um arcabuz. O homem que atirara já tinha entretanto apoiado a longa arma no convés e recarregava-a. Thomas olhou para os dois lados, para verificar se alguém tinha notado a sua reação, mas os homens à sua volta mantinham o olhar fixo em frente, e os lábios de Stokely moviam-se em silêncio, enquanto ele rezava para si mesmo. O olhar do outro cavaleiro cruzou-se com o de Thomas, e ele parou de rezar e desviou a vista quando se apercebeu de que estava a ser observado.

Viram-se mais penachos de fumo, a que se seguiu o zunir das balas de chumbo por cima das cabeças, mas só um outro disparo atingiu a proa da galera. Thomas forçou-se a manter-se imóvel enquanto via outros disparos a serem efetuados, cada um deles marcado por um rápido clarão avermelhado e uma nuvem de fumo que se desvanecia em poucos segundos.

— Besteiros! — gritou La Valette. — Preparados!

Os soldados da Ordem ainda usavam aquela arma obsoleta. Não possuía o alcance e o poder das armas de fogo empregues pelos turcos, mas era mais fácil de manejar e capaz de infligir feridas terríveis quando bem assestada. Um pequeno grupo de homens avançou e ocupou posições em ambos os lados da amurada à proa. Usando a engrenagem localizada na base da arma, puxaram as cordas atrás antes de colocarem os projéteis no sulco que corria ao longo da sua parte superior.

— Disparem à vontade! — veio a clara ordem da popa da galera. Os estalos dos arcabuzes inimigos foram respondidos com os surdos baques das cordas libertadas de repente da tensão acumulada, levando os dardos a descreverem arcos pouco pronunciados sobre as águas até desaparecerem pelo meio dos homens que ocupavam o convés do navio corsário.

Já não havia mais do que uma centena de passos a separar as duas naves, calculou

Thomas. Na amurada inimiga estavam dezenas de homens de turbante, soltando desafios aos cristãos e brandindo cimitarras e piques. A meio do casco já começavam a sair os primeiros remos, enquanto a tripulação tentava desesperadamente colocar o navio em movimento. Thomas preparou-se para a ordem de dar fogo aos canhões da galera, e viu um dos mestres a olhar sobre o ombro.

— Vá lá, vá lá — resmungava o homem.

La Valette aguardou ainda mais um momento, e só então levou as mãos em concha à boca e soltou a ordem.

— Fogo!

2

De imediato, os mestres das equipagens dos canhões levaram as pontas incandescentes das suas acendalhas aos cones de papel recheados de pólvora negra que estavam aplicados aos cimos dos canos. Ao deflagrar, a pólvora soltou um assobio característico que foi imediatamente seguido por um ribombar quase capaz de estourar os tímpanos e um salto, quando um jato de fogo e labaredas saltou da boca de cada canhão. O recuo das peças provocou um estremeção no convés, e Thomas cambaleou para a frente, antes de recuperar o equilíbrio. Cada um dos canhões tinha sido cuidadosamente carregado com uma mistura de grandes pregos, correntes e metralha de chumbo, capturada a um navio inimigo havia alguns meses. Havia uma satisfação especial ao utilizar contra o inimigo munições que ele próprio empregava, considerou Thomas. O cone letal de fragmentos metálicos atingiu o flanco do navio corsário. Estilhaços de madeira saltaram em todas as direções quando a amurada foi destruída em dois pontos distintos. Por trás dela, os guerreiros de turbante foram derrubados como se fossem bonecos, acumulando-se em pilhas ensanguentadas no convés.

— Por Deus e por S. João! — incentivou La Valette, e os seus homens fizeram eco do grito, lançando um urro coletivo que arranhou gargantas, escancarou bocas e arregalou os olhos, tornando-os presas de uma excitação quase fanática.

— Por Deus e por S. João! — gritaram uma e outra vez, à medida que a galera deslizava a toda a velocidade, embalada contra o casco do navio inimigo.

— Aguentem-se! — avisou La Valette, a sua voz de trovão quase inaudível sobre o clamor dos homens. Thomas manteve a boca fechada e cerrou os dentes enquanto se agachava, se agarrava à amurada com uma mão e plantava firmemente os pés, afastados um do outro. Os que o rodeavam, pelo menos os que ainda mantinham a calma suficiente para se aperceberem do que se ia passar, seguiram-lhe o exemplo e esperaram pelo impacto. O convés pareceu dar um salto sob o seu corpo, e o soldado mais próximo foi projetado contra o seu ombro antes de cair desamparado no convés, no que foi imitado por muitos outros. O mastro de vante rangeu em protesto, e ouviu-se um estalo quando uma das enxárcias se partiu. Da coberta veio um coro abafado de gritos, lançados pelos aterrados remadores, que tinham sido projetados para fora dos seus bancos mas travados dolorosamente pelas grilhetas que os prendiam. A proa do *Corça Veloz* tinha sido fortemente reforçada para aguentar o tremendo impacto de uma colisão provocada, e agora erguia-se no ar enquanto desfazia, ao som de estilhaçar e ranger, o casco da galera dos corsários, que adornara com o choque. Os gritos de terror do inimigo justificavam-se pela quantidade de gente que tinha escorregado pelo convés inclinado, empilhando-se em desalinho junto à amurada. Alguns não tinham conseguido interromper a queda, e tinham mesmo tombado para a água.

— Jesus! — murmurou Stokely enquanto se punha de pé ao lado de Thomas.

O *Corça Veloz* tinha-se por fim detido, e deu-se um curto momento de calma enquanto as atordoadas tripulações recobravam os espíritos. Depressa porém se voltou a ouvir o vozeirão de La Valette a cortar o ar frio da alvorada.

— Ganchos de abordagem! Apontem para o outro bordo, e não falhem!

— Vinde daí. — Thomas baixou a ponta do pique e fez um gesto a Stokely, incitando-o a segui-lo enquanto corria para a proa e pegava num dos pesados ganchos de ferro, preso a um baraço de corda. Soltou um pequeno comprimento, fez rodar o gancho e lançou-o sobre a cabeça, antes de deixar correr a corda. O gancho descreveu um arco sobre o convés inimigo e desapareceu por cima da amurada no bordo oposto. De imediato, Thomas pegou na corda e puxou com todas as forças. Enquanto se debruçava para prender a corda num cunho, outros ganchos sobrevoaram o navio inimigo e prenderam-se ao casco.

— Recuar! — ordenou La Valette. — Depressa. Mestre, use o chicote!

Os remadores regressaram penosamente aos seus estreitos bancos e pegaram nos cabos dos remos, de superfícies polidas por anos de manuseamento por turnos e turnos de desgraçados como eles. A ordem para ciar foi dada antes que todos os remadores estivessem prontos, e as pás chapinharam inconsequentemente e em desalinho. Depois de prenderem as suas cordas, Thomas e Oliver regressaram à sua posição, à cabeça do bando de homens armados no convés. Durante um momento, o *Corça Veloz* não se mexeu, e a proa continuou a pressionar o casco do navio corsário. Por fim, com um ligeiro estremeção, começou a recuar, e as cordas dos ganchos retesaram-se e ficaram em tensão, atravessando o convés inimigo. Ouviu-se um grito de alarme vindo da popa, quando o capitão dos corsários se apercebeu do perigo. Alguns dos seus homens começaram a tentar cortar as cordas que se estendiam por cima deles, mas com o convés tão inclinado como estava, só os que tinham conseguido trepar até ao bordo afastado conseguiam atacar as cordas.

Mas já era demasiado tarde. O *Corça Veloz* começava a recuar, fazendo adornar o outro navio, preso por todos os ganchos cravados no casco. O bordo mais próximo mergulhou sob a água e rapidamente, num movimento quase gracioso, a galera virou-se por completo, lançando a tripulação e o equipamento solto à água. Thomas apanhou num relance, através das grelhas de ventilação da coberta, as expressões horrorizadas dos remadores do navio corsário; os homens continuavam acorrentados aos bancos. Depressa desapareceram, tragados pelo mar, e só o casco da galera, revestido de cracas, ficou à vista nas águas agitadas, resplandecendo sob o Sol. Os cabos dos ganchos foram cortados, fazendo as cordas cair para o mar. Em torno do casco, dúzias de homens lutavam para tentar manter-se à tona. Os que sabiam nadar tentavam alcançar a praia, que ficava a uma distância relativamente curta. Outros agarravam-se a quaisquer destroços flutuantes que conseguissem encontrar, ou tentavam trepar para o casco.

Uma aclamação soltou-se dos homens na galera cristã, mas Thomas não se sentia com

ânimo para se juntar a eles. Não conseguia libertar o espírito da imagem dos rostos dos remadores quando a embarcação inimiga se tinha virado. A maior parte daqueles homens eram cristãos como ele, feitos prisioneiros e condenados às galés, apenas para morrerem, lamentavelmente, às mãos de outros homens que partilhavam a sua fé. Naquele instante conseguia ainda imaginá-los presos sob a água, a debaterem-se no frio e na escuridão, presos pelas correntes e destinados a um lento afogamento. Sentiu-se agoniado perante tais pensamentos.

Uma mão bateu-lhe no ombro. Olhou em volta e descobriu Stokely, de sorriso aberto, até que se apercebeu do ar sombrio de Thomas e franziu o sobrolho.

— Thomas, que se passa?

Tentou responder, mas não tinha palavras para descrever o horror que lhe arrefecia o coração. Tentou libertar-se daqueles sentimentos, e abanou a cabeça.

— Nada.

— Então juntai-vos a nós. — Stokely apontou para os outros homens no convés, que continuavam a celebrar vibrantemente.

Thomas observou-os com brevidade e virou a atenção para a outra galera inimiga, a menos de um quarto de milha de distância. Os corsários tinham cortado o cabo da âncora e virado o navio, de forma a apontar diretamente ao *Corça Veloz*. Thomas acenou com a cabeça na direção do inimigo.

— Não vamos ter hipótese de surpreender aqueles da mesma maneira.

Um movimento atraiu-lhe o olhar, pelo que se virou; avistou a tripulação do galeão a trepar pelo cordame e a espalhar-se pelas vergas, preparando-se para soltar todas as velas. Depressa se colocariam em movimento, mas perante a fraquíssima brisa que soprava, dificilmente conseguiriam sair da baía antes do fim da contenda entre as duas galeras. Haveria tempo para se ocuparem daquela presa depois, decidiu Thomas enquanto voltava a dar atenção à galera corsária.

Depois de o *Corça Veloz* se libertar da sua primeira vítima, La Valette deu ordens para avançar, e os remadores voltaram a esforçar-se para impelir a galera. Devagar a princípio, mas aumentando de velocidade a cada remada, a esguia embarcação progrediu. Ouviu-se um breve e estridente grito de terror quando um dos corsários ainda na água percebeu que se encontrava no caminho dos remos, mas logo uma pá de grandes dimensões se abateu sobre o crânio do homem, fazendo-o imergir e calando-o para sempre.

No castelo da proa, as equipagens de artilharia atarefavam-se a limpar os canos dos dois canhões e a recarregá-los, empurrando pelo tubo o saco que continha a carga de pólvora, a que se seguia outro saco, este contendo as peças sortidas de metal que tanto estrago causavam quando disparadas a curta distância. No convés, junto às duas amuradas, os besteiros retesavam as cordas das suas armas, preparando uma nova descarga de dardos

letais. Thomas avistava os turbantes dos combatentes inimigos por sobre a proa da galera corsária, que se aproximava velozmente; preparavam os arcabuzes para o combate. Por baixo deles, sobressaindo das portinholas aos dois lados da proa, viam-se os canos de dois canhões, as suas bocas escuras como dois olhos negros que fitavam sem remorso a sua presa.

— Vai ser um combate sangrento — sussurrou um dos homens atrás de Thomas.

— Sim — respondeu-lhe um camarada. — Que o Senhor tenha piedade de nós.

Stokely virou-se para eles, furioso.

— Bico calado! O Senhor está connosco. A nossa causa é justa. São os infiéis que devem pedir piedade.

Os homens calaram-se ao sentirem o olhar feroz do cavaleiro, que se virou e se empertigou para confrontar o inimigo. Thomas aproximou-se e falou-lhe em surdina.

— Ainda não descobri nenhuma prece capaz de nos proteger de uma bala inimiga, ou da metralha dos seus canhões. Se fosse a vós, lembrar-me-ia disso quando eles abrirem fogo.

— Isso é uma profanidade.

— Nada disso, é apenas experiência, e bem amarga. Guardai as vossas orações, e preparai a mente para a dura tarefa de matar ou ser morto.

Stokely pareceu preparar-se para responder, mas acabou por cerrar as mandíbulas e os lábios, optando por contemplar a galera inimiga que vogava pelas águas calmas, aproximando-se a cada segundo. O horizonte a leste parecia estar em fogo com o brilho líquido do Sol, prestes a irromper por trás da massa escura do promontório distante. No instante seguinte, os detalhes dos corsários ficaram recortados de forma evidente quando os primeiros raios de Sol se lançaram sobre o oceano, fazendo com que Thomas e os outros se vissem forçados a semicerrar a vista. O inimigo estava tão próximo que o som das suas aclamações e o tilintar das suas espadas contra as orlas dos escudos arredondados chegava com facilidade ao outro navio. O espaço entre as duas galeras fechava-se rapidamente, e depressa Thomas ouviu os primeiros sons de disparos, quando os mais impacientes dos arcabuzeiros tentaram provocar estragos no navio cristão. Apesar da distância, que ainda era superior a duzentos passos, um dos artilheiros foi atingido na cabeça; o crânio do homem explodiu, enquanto ele caía para trás, lançando sobre os companheiros uma chuva de gotículas de sangue, miolos e osso.

— Porque é que La Valette não dá ordens para ripostar? — perguntou Stokely.

— O capitão sabe o que faz.

Outro disparo teve êxito, atingindo um dos soldados no estômago, provocando um som grave ao trespassar a placa peitoral e a proteção almofadada que a envolvia por dentro. O homem largou o pique e caiu para o convés a rebolar, gemendo em agonia.

— Levem-no para baixo! — ordenou Thomas, e outro dos soldados pousou a arma e

arrastou o homem até à escotilha por trás do castelo da proa, levando-o pelas escadas abaixo até ao diminuto porão onde eram mantidas as reservas de comida e água. Ali ficaria até haver tempo para lhe tratar do ferimento, depois do combate. Se os corsários triunfassem, ali se afogaria ou seria morto, se o navio fosse saqueado.

Quando o soldado regressou ao seu posto, a distância entre os navios estava reduzida a metade, mas os canhões ainda não tinham disparado, apesar das balas que zuniam sobre as cabeças ou se alojavam nas madeiras do *Corça Veloz*. Thomas viu que o mestre artilheiro mais próximo se preparava para levar a acendalha ao rastilho de pólvora, e lançou um brado imediato.

— Esperai pela ordem!

O outro olhou em volta com uma expressão amedrontada, no preciso momento em que se avistou um clarão na proa da galera inimiga. No momento seguinte, outro clarão. Logo o ar em redor de Thomas se encheu com uma cacofonia de estalos, estrondos, e o retinir agreste de metal contra metal. Vários dos besteiros na proa foram derrubados, bem como parte da equipagem de um dos canhões. Thomas foi sacudido quando algo fez ricochete contra a sua armadura, e cambaleou para o lado, tentando manter o equilíbrio. Depois de um momento de espera, rebentou no convés um coro de gritos e gemidos vindos dos feridos. Thomas percorreu o corpo com o olhar, mas não viu sinais de qualquer ferida. Olhou em redor e viu Stokely a levar uma mão à cara. O sangue golfava por baixo da manopla, e escorria pelo aço polido da armadura.

— Estou ferido… — disse, em choque. — Ferido.

Thomas puxou-lhe a mão para trás e verificou que lhe tinha sido arrancado um pedaço de carne da maçã do rosto.

— É uma ferida superficial. Haveis de sobreviver.

Virou-se para avaliar o que se passava no convés, e notou que vários homens, talvez uma dúzia, tinham sido abatidos. Nesse preciso momento, o mestre artilheiro sobrevivente levou a acendalha ao pavio da sua arma, e de imediato se viu o clarão repentino, a nuvem de fumo e o estrondo que se propagou pelas madeiras da galera e pelos corpos a bordo. Thomas avistou a outra acendalha ainda na mão sem vida do mestre abatido e correu para a proa para a apanhar. Ajoelhou-se ao lado do canhão e esperou um momento até o fumo clarear e ele conseguir avistar o navio inimigo mesmo à sua frente. Mal teve tempo para se encolher e levar a chama ao pavio cheio de pólvora, e a arma de imediato saltou violentamente ao descarregar metal sobre o inimigo próximo.

— Recolher remos! Leme todo para bombordo! — gritou La Valette, da popa.

Os remadores puseram o peso sobre os cabos para extrair as pás da água e começaram a recolher os remos, ao mesmo tempo que o leme rasgava a água e forçava a proa a rodar de forma a passar ao longo do casco da embarcação inimiga. No momento seguinte sentiu-se um

choque tremendo, seguido de um ranger profundo e duradouro enquanto os dois cascos deslizavam um contra o outro. Alguns remos, tanto de um navio como de outro, não tinham sido recolhidos a tempo, e ouviu-se uma série de estalidos fortes quando os longos cabos de madeira se estilhaçaram.

Antes que o *Corça Veloz* se imobilizasse, já La Valette, de espada na mão, tinha descido do castelo da popa e corrido para se juntar ao grupo de soldados que Thomas e os outros cavaleiros lideravam. O capitão deitou uma olhadela em redor para ter a certeza que os seus homens estavam a postos e por fim levantou a espada, apontando-a sobre a amurada, na direção do inimigo.

— Por Deus e por S. João!

Biografia



SIMON SCARROW, é professor no colégio de Norwich. Apaixonado pelo período romano, organizou muitos encontros para levar os seus alunos a ruínas e museus um pouco por toda a Inglaterra.

Grande fã das obras de C.S. Forester, Bernard Cornwell e Patrick O'Brian, um dia decidiu escrever precisamente aquilo que gostava de ler: romances passados no seio das míticas legiões romanas. E ainda bem que o fez, pois os seus livros, tal como as legiões sobre as quais escreve, arrasaram a crítica e conquistaram leitores em todos os países onde foram publicados.

Mais informações em
WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM

Obras de Simon Scarrow:

A Saga da Águia

A Águia do Império
O Voo da Águia
As Garras da Águia
A Águia e os Lobos
A Águia de Sangue
A Profecia da Águia
Águia no Deserto
Centurião
Gladiador
Legião
Pretoriano
Corvos Sangrentos

A Saga de Napoleão e Wellington

Jovens Lobos
Os Generais
A Ferro e Fogo
Campos da Morte

Outros títulos

Espada e Cimitarra

PUBLICIDADES

Isabel, A Condessa Cercada

PEDRO L. TORRES



Um obscuro desejo de conquista no deserto africano do Sultão.

No início do séc. XVI, a expansão portuguesa avança sobre as praças mouras do norte de África, conquistando importantes posições do inimigo. Arzila, grandiosa praça costeira, recebe então um novo capitão, o Conde de Redondo, a quem o Rei D. João III, anos mais tarde, concedeu grandes louvores pelos seus serviços.

Mas como conseguiu este conde resistir aos cercos de um inimigo muito mais numeroso e ainda tomar posições pelo deserto fora? A razão ainda hoje é um mistério, mas rezam as rónicas que o conde gozava de boas relações com um alcaide mouro que entrava sorrateiramente na praça portuguesa.

Com base neste fragmento verdadeiro da História de Portugal, Pedro Torres desenha uma ficção que revela as motivações das misteriosas visitas, o jogo perturbante de paixões e intrigas por detrás das impossíveis conquistas portuguesas. Um jogo doce, elaborado pelas mãos de uma condessa portuguesa, na terra violenta e sensual dos Xarifes…

Mais informações em
WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM